FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO PORTO

RELAÇÕES SOCIAIS, DINÂMICA FAMILIAR E ORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE EM PRÉ-ADOLESCENTES

Volume I

Tese de Doutoramento

Ângela Vila-Real

Dezembro de 2004

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO PORTO

RELAÇÕES SOCIAIS, DINÂMICA FAMILIAR E ORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE EM PRÉ-ADOLESCENTES

Tese de Doutoramento

Ângela Vila-Real

Orientador : Prof. Doutor Joaquim Bairrão

Coorientador : Prof. Doutor Manuel Matos

Dezembro de 2004

Agradecimentos

Foram muitas as entidades e pessoas que durante os anos de realização deste trabalho colaboraram, algumas de forma eminentemente generosa, para a sua execução.

Devo ao programa PRAXIS XXI a concessão da bolsa que permitiu a realização desta tese, ao antigo CNIG o facto de ter autorizado que a colheita destes dados tivesse sido feita dentro do seu projecto de investigação "Ecologia dos Riscos de Desenvolvimento em Meio Urbano", dirigido pelo Prof. Luis Soczka. A ambos agradeço, pois sem este contributo, a que procurei corresponder dentro das minhas possibilidades, este trabalho, não seria como se apresenta.

Aos meus orientadores, Prof. Doutor Joaquim Bairrão da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e Prof. Doutor Manuel Matos da Faculdade de psicologia e Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, para além da estrita orientação devo acima de tudo a confiança que em mim depositaram e a paciência, compreensão e amizade de que deram provas. De um e outro tive crítica e encorajamento que me permitiram melhorar e persistir mesmo nos momentos difíceis.

À Prof. Maria Emília Costa tenho a agradecer a generosidade com que me facultou os muitos elementos bibliográficos que possuía.

Aos Conselhos Executivos e professores das escolas Preparatória do Lumiar, Básica 2.3 de Telheiras, Fernando Pessoa dos Olivais, Gil Vicente, Damião de Góis, Colégio Manuel Bernardes, Colégio Valsassina, que permitiram a colheita dos dados tendentes à realização desta investigação estou muito grata. Sem a sua colaboração não teria realizado este trabalho.

Devo uma menção especial ao Dr. Frederico Valsassina, Director do Colégio Valsassina, pelo generoso e gentil acolhimento, à Dra. Olga Gamboa, psicóloga do Colégio Valsassina e à Dra. Maria João Magalhães, psicóloga da escola Fernando Pessoa pelo prestimoso auxílio na planificação do trabalho e disponibilização de salas. Este cuidado foi superior ao que alguma vez poderia esperar.

Aos jovens que colaboraram e aos pais que autorizaram a sua colaboração, muito especialmente aos do Colégio Valsassina, estou grata pela abertura demonstrada. Em muitos casos o interesse manifestado pelos pais relativamente a esta investigação e aos seus objectivos constituiu um estímulo. A seriedade com que muitos jovens colaboraram foi uma grata e comovedora surpresa.

Ao Prof. João Maroco e à Dra. Luísa Cunha do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, devo as dúvidas que tiveram a amabilidade de me esclarecer relativamente ao tratamento dos dados. O auxílio de ambos foi-me precioso, muito particularmente a amizade demonstrada pela Dra. Luísa Cunha.

Aos Drs. Maria de Deus Brito, Maria do Céu Corado, Joana Lemos, Nuno Francisco e a Rita Oneto estou grata pelo modo consciencioso como

colaboraram na colheita dos dados. À Dra. Maria do Céu Corado agradeço ainda a disponibilidade amiga com que me ajudou em momentos de dificuldade.

Por último sublinho a atenção da colega e amiga Maria de Deus Brito que sempre manifestou durante este percurso difícil, um cuidado e uma bondade que mostram uma humanidade rara.

A todos, mesmo àqueles que inadvertidamente possa ter esquecido, devo uma profunda gratidão.

RESUMO

Partindo da teoria de Erikson e Bronfenbrenner, este trabalho visa o estudo do desenvolvimento em contexto. O objectivo de estudar como se vai organizando a identidade nesta fase de desenvolvimento pretendeu abarcar o contexto em que os jovens se desenvolvem, as ligações às figuras significativas que os acompanham nesta fase e finalmente o modo como se vai estruturando a identidade na relação com as figuras significativas e com o meio sociocultural.

A amostra foi constituída por pré-adolescentes de ambos os sexos, entre os 11 e os 14 anos, frequentando escolas do ensino básico públicas e privadas da cidade de Lisboa.

Foi estudado o contexto dos jovens de três estratos sociais, com especial relevo para a exposição a meios de socialização verticais e horizontais, o modo como evoluem as ligações às figuras significativas e finalmente o modo como se vai organizando a identidade.

Foi possível traçar padrões caracterizando os diferentes estratos e sexos, no que se refere à exposição aos diversos agentes de socialização, à evolução das ligações às figuras significativas (mãe, pai e amigos) e à evolução tendente à organização da identidade.

ABSTRACT

Based on Erikson's and Bronfenbrenner's theories, this investigation aims at the study of identity organization in early adolescence, trying to approach the context in which early-adolescents develop themselves, the attachment to the significant others who accompany them during this phase and the way in which identity is organizing.

The participants are early-adolescents of both sexes with ages between 11 and 14, attending both public and private schools of Lisbon.

We have studied the context of early adolescents from three social levels; especially their exposition to vertical and horizontal socialization agents, the way the attachment to significant others develops and the way their identity is organizing.

We were able to design patterns defining the different levels and sexes, in what concerns exposition to the diverse socialization agents, to the evolution of attachments to the significant others (mother, father, friends) and to evolution leading to identity organization.

RÉSUMÉ

A partir de la théorie de Erikson et Bronfenbrenner, ce travail a pour but d'étudier le développement en contexte. L'objectif d'étudier la façon dont l'identité est en train de s'organiser pendant cette période de développement a essayé une approche du contexte oú les jeunes se développent, les liaisons significatives et finalement la façon dont l'identité est en train de se structurer atravers la relation avec les personnes significatives e avec le milieu socio-culturel.

L' échantillon est composée par pré-adolescents des deux sexes, d'ages comprises entre 11 et 14 ans, étudiants d'écoles du second degré publiques et privées de Lisbonne.

Nous avons étudié le contexte de jeunes appartenant à trois couches sociales, tout en mettant en relief l'exposition aux agents de socialisation verticaux et horizontaux, la façon dont se développent les liaisons aux personnes significatives et finalement la façon dont l'identité est en train de s'organiser.

Nous avons décrit des patrons qui caractérisent les différentes couches sociales et sexes, en ce qui concerne l'exposition aux différents agents de socialisation, le développement des liaisons aux personnes significatives (mère, père et amis) et aussi l'évolution qui tend vers l'organisation de l'identité.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO ..... p. 15

A - PARTE TEÓRICA ..... p. 19

I – A IDENTIDADE p.20

I. 1 – Concepções de Identidade p.20

I. 2 – Desenvolvimento da Identidade ..... p. 30

I. 3 – Conclusão ..... p. 59

II – A ADOLESCÊNCIA ..... p. 61

II. 1 – Concepções da Adolescência ..... p. 61

II. 2 – A Adolescência como Período de Desenvolvimento ..... p. 67

II. 3 – As Fases da Adolescência ..... p. 72

III – A PRÉ-ADOLESCÊNCIA ..... p. 79

III. 1 – A Puberdade ..... p. 79

III. 2 – Efeitos Psicológicos da Puberdade ..... p. 83

III. 3 – Características dos Pré-Adolescentes ..... p. 87

III. 4 – Os Pré-Adolescentes e os Pais ..... p. 93

III. 5 – Os Pré-Adolescentes e os Coetários ..... p. 101

IV – INVESTIGAÇÕES SOBRE ADOLESCÊNCIA E IDENTIDADE ..... p. 108

V – O DESENVOLVIMENTO E O AMBIENTE ..... p. 116

V. 1 – Desenvolvimento e Ambiente em Erikson p.116

V. 2 – A Teoria Ecológica do Desenvolvimento de Bronfenbrenner ..... p. 119

B - PARTE EMPÍRICA ..... p. 131

VI – OBJECTIVOS DESTE ESTUDO ..... p. 133

VI. 1 – Hipóteses ..... p. 134

VII – MÉTODOS .....p. 135

VII. 1 – Modo e Local de Recolha dos Dados ..... p. 136

VII. 2 – Instrumentos ..... p. 137

VII. 2. 1- Entrevista ao Adolescente ..... p. 137

VII. 2. 2- IPPA ..... p. 138

VII. 2. 3- QIPA ..... p. 146

VII. 2. 4- Instrumentos Estatísticos ..... p. 154

VII. 3 – A Amostra ..... p. 156

C – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS ..... p. 157

VIII – ESTUDO ECOLÓGICO .....p. 159

VIII.1 – Caracterização da Amostra ..... p. 159

VIII.2 – Rotinas Diárias ..... p. 161

VIII.3 – Ritmos de Vida e Exposição aos Meios de Socialização ..... p. 198

VIII.4 – **Conclusão** ..... p. 231

IX – ESTUDO DAS LIGAÇÕES ÀS FIGURAS SIGNIFICATIVAS ..... p. 241

IX. 1 – Distribuição da Amostra ..... p. 241

IX. 2- Ligações à Mãe, ao Pai e aos Amigos nos Rapazes ..... p. 242

IX. 2. 1 – Rapazes do Estrato 1 ..... p. 242

IX. 2. 2 – Rapazes do Estrato 2 ..... p. 252

IX. 2. 3 – Rapazes do Estrato 3 ..... p. 261

IX. 3 – Evolução das Ligações às Figuras Significativas

nos Rapazes ..... p. 270

IX. 3. 1 – Rapazes do Estrato 1 ..... p. 270

IX. 3. 2 – Rapazes do Estrato 2 ..... p. 275

IX. 3. 3 – Rapazes do Estrato 3 ..... p. 279

IX. 4 – Comparação entre Estratos nos Rapazes ..... p. 282

IX. 5 – Ligações à Mãe, ao Pai e aos Amigos nas Raparigas ..... p. 289

IX. 5. 1 – Raparigas do Estrato 1..... p. 290

IX. 5. 2 – Raparigas do Estrato.2 ..... p. 300

IX. 5. 3 – Raparigas do Estrato 3 ..... p. 312

IX. 6 – Evolução das Ligações às Figuras Significativas

nas Raparigas ..... p. 321

IX. 6. 1 – Raparigas do Estrato 1 ..... p. 321

IX. 6. 2 – Raparigas do Estrato 2 ..... p. 324

VIII. 6. 3 – Raparigas do Estrato 3 ..... p. 328

IX. 7 – Comparação entre Estratos nas Raparigas ..... p. 331

IX. 8 – Comparação Entre os Sexos ..... p. 346

IX. 8. 1 – Rapazes e Raparigas do Estrato 1 ..... p. 346

IX. 8. 2 – Rapazes e Raparigas do Estrato 2 ..... p. 350

IX. 8. 3 – Rapazes e Raparigas do Estrato 3 ..... p. 356

IX. 9 – Conclusão ..... p. 361

X – ESTUDO DA IDENTIDADE ..... p. 371

X. 1 – Distribuição da Amostra ..... p. 371

X. 2 – Desenvolvimento da Identidade nos rapazes..... p. 372

X. 2. 1 - Rapazes do Estrato 1 ..... p. 372

X. 2. 1.1 – Investimento Escolar ..... p. 372

X. 2.1.1.1 – Estudo ..... p. 372

X. 2.1.1.2 – Concentração ..... p. 373

X. 2. 1.2 – Posição Relativa às Figuras Parentais ..... p. 374

X. 2. 1.2.1 – Relação com o pai ..... p. 374

X. 2.1.2.2 – Apoio no pai ..... p. 375

X. 2.1.2.3 – Pai como modelo ..... p. 376

X. 2.1.2.4 – Relação com a mãe ..... p. 377

X. 2.1.2.5 – Apoio na mãe ..... p. 378

X. 2.1.2.6 – Mãe como modelo ..... p. 379

X. 2. 1.3 – Relações Extra-Familiares ..... p. 381

X. 2.1.3.1 – Amigos na escola ..... p. 381

X. 2.1.3.2 – Apoio nos amigos ..... p. 381

X. 2.1.3.3 – Aparência ..... p. 382

X. 2.1.3.4 – Namoro ..... p. 383

X. 2. 1.4 – O Corpo ..... p. 384

X. 2.1.4.1 – Satisfação com as mudanças corporais ..... p. 384

X. 2.1.4.2 – Investimento no corpo ..... p. 385

X. 2.1.4.3 – Corpo e relação ..... p. 386

X. 2. 1.5 – Percepção da Mudança ..... p. 387

X. 2.1.5.1 – Mudança relativa à escola ..... p. 387

X. 2.1.5.2 – Mudança relativa à amizade ..... p. 388

X. 2.1.5.3 – Mudaça corporal ..... p. 389

X. 2. 1.6 – Conclusão ..... p. 390

X. 2.2 - Rapazes do Estrato 2..... p. 393

X. 2. 2.1 – Investimento Escolar..... p. 393

X. 2.2.1.1 – Estudo ..... p. 393

X. 2.2.1.2 – Concentração ..... p. 394

X. 2. 2.2 – Posição Relativa às Figuras Parentais..... p. 395

X. 2. 2.2.1 – Relação com o pai ..... p. 395

X. 2.2.2.2 – Apoio no pai ..... p. 396

X. 2.2.2.3 – Pai como modelo ..... p. 397

X. 2. 2.2.4 – Relação com a mãe..... p. 398

X. 2.2.2.5 – Apoio na mãe ..... p. 399

X. 2.2.2.6 – Mãe como modelo ..... p. 400

X. 2. 2.3 – Relações Extra-Familiares ..... p. 401

X. 2.2.3.1 – Amigos na escola ..... p. 401

X. 2.2.3.2 – Apoio nos amigos ..... p. 402

X. 2.2.3.3 – Aparência ..... p. 403

X. 2.2.3.4 – Namoro ..... p. 404

X. 2.2.4 – O corpo ..... p. 405

X. 2.2.4.1 – Satisfação com as mudanças corporais ..... p. 405

X. 2.2.4.2 – Investimento no corpo ..... p. 406

X. 2.2.4.3 – Corpo e relação ..... p. 407

X. 2.2.5 – Percepção de Mudança ..... p. 408

X. 2.2.5.1 – Mudança relativa à escola ..... p. 408

X. 2.2.5.2 – Mudança relativa à amizade ..... p. 409

X. 2.2.5.3 – Mudança corporal ..... p. 410

X. 2.2.6 – Conclusão ..... p. 411

X. 2.3 - Rapazes do Estrato 3..... p. 413

X. 2. 3.1 – Investimento Escolar..... p. 413

X. 2.3.1.1 – Estudo ..... p. 413

X. 2.3.1.2 – Concentração ..... p. 414

X. 2. 3.2 – Posição Relativa às Figuras Parentais ..... p. 414

X. 2. 3.2.1 – Relação com o pai ..... p. 414

X. 2.3.2.2 – Apoio no pai ..... p. 415

X. 2.3.2.3 – Pai como modelo ..... p. 416

X. 2. 3.2.4 – Relação com a mãe ..... p. 417

X. 2.3.2.5 – Apoio na mãe ..... p. 418

X. 2.3.2.6 – Mãe como modelo ..... p. 419

X. 2. 3.3 – Relações Extra-Familiares ..... p. 420

X. 2.3.3.1 – Amigos na escola ..... p. 420

X. 2.3.3.2 – Apoio nos amigos ..... p. 421

X. 2.3.3.3 – Aparência ..... p. 422

X. 2.3.3.4 – Namoro ..... p. 423

X. 2.3.4 – O corpo ..... p. 424

X. 2.3.4.1 – Satisfação com as mudanças corporais ..... p. 424

X. 2.3.4.2 – Investimento no corpo ..... p. 425

X. 2.3.4.3 – Corpo e relação ..... p. 426

X. 2.3.5 – Percepção da Mudança ..... p. 427

X. 2.3.5.1 – Mudança relativa à escola ..... p. 427

X. 2.3.5.2 – Mudança relativa à amizade ..... p. 428

X. 2.3.5.3 – Mudança corporal ..... p. 429

X. 2.3.6 – Conclusão ..... p. 431

X.2.4 – Comparação entre Estratos nos Rapazes ..... p. 433

X. 2.4.1 – Investimento Escolar ..... p. 433

X. 2.4.2 – Posição Relativa às Figuras Parentais ..... p. 434

X. 2.4.2.1 – Posição relativa ao pai ..... p. 434

X. 2.4.2.2 – Posição relativa à mãe ..... p. 436

X. 2.4.2.3 – Posição relativa a ambos os pais ..... p. 440

X. 2.4.3 – Relações Extra-Familiares ..... p. 442

X. 2.4.4 – O Corpo ..... p. 443

X. 2.4.5 – Percepção da Mudança ..... p. 444

X. 3 – Desenvolvimento da Identidade nas raparigas ..... p. 446

X. 3. 1 - Raparigas do Estrato 1 ..... p. 446

X. 3. 1.1 – Investimento Escolar ..... p. 446

X. 3.1.1.1 – Estudo ..... p. 446

X. 3.1.1.2 – Concentração ..... p. 447

X. 3. 1.2 – Posição Relativa às Figuras Parentais ..... p. 448

X. 3. 1.2.1 – Relação com o pai p.448

X. 3.1.2.2 – Apoio no pai ..... p. 449

X. 3.1.2.3 – Pai como modelo ..... p. 450

X. 3.1.2.4 – Relação com a mãe ..... p. 451

X. 3.1.2.5 – Apoio na mãe ..... p. 451

X. 3.1.2.6 – Mãe como modelo ..... p. 453

X. 3. 1.3 – Relações Extra-Familiares ..... p. 454

X. 3.1.3.1 – Amigos na escola ..... p. 454

X. 3.1.3.2 – Apoio nos amigos ..... p. 455

X. 3.1.3.3 – Aparência ..... p. 456

X. 3.1.3.4 – Namoro ..... p. 456

X. 3. 1.4 – O Corpo ..... p. 457

X. 3.1.4.1 – Satisfação com as mudanças corporais ..... p. 457

X. 3.1.4.2 – Investimento no corpo ..... p. 458

X. 3.1.4.3 – Corpo e relação ..... p. 459

X. 3. 1.5 – Percepção da Mudança ..... p. 460

X. 3.1.5.1 – Mudança relativa à escola ..... p. 460

X. 3.1.5.2 – Mudança relativa à amizade ..... p. 461

X. 3.1.5.3 – Mudança corporal ..... p. 462

X. 3. 1.6 – Conclusão ..... p. 463

X. 3.2 - Raparigas do Estrato 2 ..... p. 464

X. 3. 2.1 – Investimento Escolar ..... p. 464

X. 3.2.1.1 – Estudo ..... p. 464

X. 3.2.1.2 – Concentração ..... p. 465

X. 3. 2.2 – Posição Relativa às Figuras Parentais ..... p. 466

X. 3. 2.2.1 – Relação com o pai ..... p. 466

X. 3.2.2.2 – Apoio no pai ..... p. 467

X. 3.2.2.3 – Pai como modelo ..... p. 468

X. 3. 2.2.4 – Relação com a mãe ..... p. 469

X. 3.2.2.5 – Apoio na mãe ..... p. 470

X. 3.2.2.6 – Mãe como modelo ..... p. 471

X. 3. 2.3 – Relações Extra-Familiares ..... p. 472

X. 3.2.3.1 – Amigos na escola ..... p. 472

X. 3.2.3.2 – Apoio nos amigos ..... p. 473

X. 3.2.3.3 – Aparência ..... p. 474

X. 3.2.3.4 – Namoro ..... p. 475

X. 3.2.4 – O corpo ..... p. 477

X. 3.2.4.1 – Satisfação com as mudanças corporais ..... p. 477

X. 3.2.4.2 – Investimento no corpo ..... p. 477

X. 3.2.4.3 – Corpo e relação ..... p. 478

X. 3.2.5 – Percepção da Mudança ..... p. 479

X. 3.2.5.1 – Mudança relativa à escola ..... p. 479

X. 3.2.5.2 – Mudança relativa à amizade ..... p. 480

X. 3.2.5.3 – Mudança corporal ..... p. 482

X. 3.2.6 – Conclusão ..... p. 483

X. 3.3 - Raparigas do Estrato 3 ..... p. 485

X. 3. 3.1 – Investimento Escolar ..... p. 485

X. 3.3.1.1 – Estudo ..... p. 485

X. 3.3.1.2 – Concentração ..... p. 486

X. 3. 3.2 – Posição Relativa às Figuras Parentais ..... p. 487

X. 3. 3.2.1 – Relação com o pai ..... p. 487

X. 3.3.2.2 – Apoio no pai ..... p. 488

X. 3.3.2.3 – Pai como modelo ..... p. 489

X. 3. 3.2.4 – Relação com a mãe ..... p. 490

X. 3.3.2.5 – Apoio na mãe ..... p. 491

X. 3.3.2.6 – Mãe como modelo ..... p. 492

X. 3. 3.3 – Relações Extra-Familiares ..... p. 493

X. 3.3.3.1 – Amigos na escola ..... p. 493

X. 3.3.3.2 – Apoio nos amigos ..... p. 493

X. 3.3.3.3 – Aparência ..... p. 495

X. 3.3.3.4 – Namoro ..... p. 496

X. 3.3.4 – O corpo ..... p. 497

X. 3.3.4.1 – Satisfação com as mudanças corporais ..... p. 497

X. 3.3.4.2 – Investimento no corpo ..... p. 498

X. 3.3.4.3 – Corpo e relação ..... p. 499

X. 3.3.5 – Percepção de Mudança ..... p. 500

X. 3.3.5.1 – Mudança relativa à escola ..... p. 500

X. 3.3.5.2 – Mudança relativa à amizade ..... p. 501

X. 3.3.5.3 – Mudança corporal ..... p. 503

X. 3.3.6 – Conclusão ..... p. 503

X.3.4 – Comparação entre Estratos nas Raparigas ..... p. 506

X. 3.4.1 – Investimento Escolar ..... p. 506

X. 3.4.2 – Posição Relativa às Figuras Parentais ..... p. 506

X. 3.4.2.1 – Posição relativa ao pai ..... p. 506

X. 3.4.2.2 – Posição relativa à mãe ..... p. 507

X. 3.4.2.3 – Posição relativa a ambos os pais ..... p. 510

X. 3.4.3 – Relações Extra-Familiares ..... p. 513

X. 3.4.4 – O Corpo ..... p. 515

X. 3.4.5 – Percepção da Mudança ..... p. 517

X. 4 – Comparação entre os Sexos quanto ao Desenvolvimento da Identidade ..... p. 518

X. 4.1 – Estrato 1 ..... p. 518

X. 4.1.1 – Conclusão ..... p. 523

X. 4.2 – Estrato 2 ..... p. 524

X. 4.2.1 – Conclusão ..... p. 528

X. 4.3 – Estrato 3 ..... p. 530

X. 4.3.1 – Conclusão ..... p. 536

X. 5 – Estilos de Desenvolvimento da Identidade ..... p. 539

X. 5. 1 – Introdução ..... p. 539

X. 5. 2 – Considerações gerais ..... p. 540

X. 5. 3 – Linha desenvolvimental de cada estilo ..... p. 541

X. 5. 4 – Peso relativo de cada estilo ..... p. 543

X. 5. 5 – Conclusão ..... p. 544

X. 6 – Diferenças entre os sexos ..... p. 546

X. 6. 1 – Diferenças entre sexos relativas a cada estilo ..... p. 546

X. 6.2 – Peso relativo de cada estilo nas raparigas ..... p. 551

X. 6.3 – Peso relativo de cada estilo nos rapazes ..... p. 553

X. 6.4 – Conclusão ..... p. 555

X. 7 – Estratos Sociais e Desenvolvimento dos Estilos da Identidade ..... p. 557

X. 7.1 – Raparigas ..... p. 557

IX. 7. 1.1 – Linha Desenvolvimental de cada Estilo por Estrato .... p. 557

X. 7.1.2 – Peso Relativo de cada Estilo por Estrato ..... p. 563

X.7.1.3– Conclusão ..... p. 568

X. 7.2 – Rapazes ..... p. 570

X. 7. 2.1 – Linha Desenvolvimental de cada Estilo por Estrato ..... p. 570

X. 7.2.2 – Peso Relativo de cada Estilo por Estrato ..... p. 576

X. 7.2.3 – Conclusão ..... p. 581

D – DISCUSSÃO ..... p. 588

XI. 1 – Características Imputáveis ao Processo da Pré-Adolescência... p. 588

XI. 2 – Características do Contexto Ambiental, da Ligação às Figuras Significativas e do Desenvolvimento da Identidade por Estrato e Sexo ..... p. 590

XI. 3 – Evolução das Ligações às Figuras Significativas e Sexo de Pertença ..... p. 613

XI. 4 – Evolução das Ligações às Figuras Significativas e Estrato de Pertença ..... p. 617

XI. 5 – Ligação às Figuras Significativas e Contexto Ambiental ..... p. 625

XI. 6 – Desenvolvimento da Identidade ..... p. 636

XI. 7 – Desenvolvimento da Identidade e Sexo de Pertença ..... p. 638

XI. 8 – Desenvolvimento da Identidade e Estrato de Pertença ..... p. 639

XI. 9 – Desenvolvimento da Identidade e Ligação às Figuras Significativas ..... p. 656

XI. 10 – Desenvolvimento da Identidade e Contexto Ambiental ..... p. 663

XI. 11 – Verificação das Hipóteses ..... p. 670

XI.12 – CONCLUSÕES ..... p. 675

Índice de Quadros ..... (Anexo)

Índice de Gráficos ..... (Anexo)

REFERÊNCIAS ..... p. 680

INTRODUÇÃO

O objectivo deste trabalho era o de estudar a identidade, não como o fizeram muitos outros investigadores, encarando-a como o resultado final de um processo de desenvolvimento mas de acordo com uma tendência mais recente que se tem debruçado sobre períodos cada vez mais precoces.

A curiosidade relativa ao início, quando o jovem começa a diferenciar-se do meio familiar e dá os primeiros passos na definição de si próprio, conduziu-nos à pré-adolescência conquanto tenhamos a clara noção de que a vida começa muito antes e a infância tem uma grande importância no modo como a pré-adolescência evolui. Este é um período de desenvolvimento incerto, feito de mudanças rápidas e forçosamente desorganizadoras e por isso mesmo de grande vulnerabilidade.

Todavia este, como qualquer outro período de desenvolvimento, em muito depende do contexto ambiental em que decorre e das condições desse contexto. Por isso nos preocupámos com a operacionalização das variáveis do contexto ambiental dos jovens com especial incidência no tempo de exposição a agentes de socialização verticais e horizontais de modo a discernir a sua influência no desenvolvimento dos jovens.

Outro dos nossos objectivos foi o de comparar, dentro dos respectivos contextos ambientais, o modo como se processa o desenvolvimento de rapazes e raparigas que costuma vulgarmente ser tido como diferenciado. Poucos estudos comparam os sexos principalmente dentro dos seus contextos desenvolvimentais.

Mas como o desenvolvimento dos jovens e a sua relação com o mundo em geral passa sempre pela mediação da ligação às figuras significativas do seu

mundo (pais e amigos) que por seu turno é neste período também alvo de uma grande mudança o nosso estudo passou por uma caracterização da evolução dessas ligações com referência ao contexto ambiental em que os jovens se desenvolvem.

A **Parte Teórica** deste estudo contemplou portanto por um lado o desenvolvimento da adolescência e da identidade em particular e as concepções da psicologia ambiental sobre o desenvolvimento. Estruturámo-la em cinco sub-capítulos: o primeiro reflecte sobre as concepções de Identidade e sobre o seu desenvolvimento; o segundo aborda a adolescência como período de desenvolvimento; o terceiro é dedicado em exclusivo à pré-adolescência enquanto fase específica do nosso interesse; o quarto aborda as investigações sobre a Adolescência e a Identidade; o quinto debruça-se sobre a relação entre o desenvolvimento e o ambiente.

Na **Parte Empírica** os dois sub-capítulos iniciais respeitam ao método: no primeiro estabelecemos os objectivos do estudo e formulamos as hipóteses; o segundo aborda o nosso método de estudo com os respectivos procedimentos de recolha de dados e a descrição dos instrumentos utilizados.

Segue-se a apresentação e análise dos dados, constituída por várias fases. A primeira fase é constituída pelo **estudo ecológico**; a segunda fase é constituída pelo **estudo das ligações às figuras significativas** e seu desenvolvimento; a terceira fase é constituída pelo **estudo da identidade** nas suas várias dimensões que contemplam o investimento na aprendizagem escolar, a relação com as figuras parentais e a dimensão em que os jovens as tomam como modelos adultos; a ligação ao meio extra-familiar que contempla a preocupação com a imagem, a relação com os

amigos e o interesse pelo namoro; o corpo e as mudanças corporais; a percepção de mudança durante este período e finalmente os estilos de desenvolvimento da identidade que contemplam o modo como os jovens na sua luta para se inserirem no meio sócio-cultural, fazem as suas opções e tomadas de decisão.

A partir do estudo ecológico que nos permitiu encontrar padrões nas rotinas diárias e nos tempos de exposição aos diferentes agentes de socialização por estrato de pertença foi-nos possível, em cada uma das fases seguintes, comparar estratos e sexos relativamente quer às ligações às figuras significativas quer ao desenvolvimento da identidade.

A discussão finalmente reflecte sobre a influência do sexo e do estrato de pertença no desenvolvimento das ligações às figuras significativas e no desenvolvimento da identidade mas também sobre a influência do contexto ambiental nos dois sexos e nas ligações às figuras significativas e no desenvolvimento da identidade.

Resta-nos acrescentar ainda que os dois primeiros capítulos da parte empírica fizeram parte de um estudo mais amplo que abrangeu os anos da escolaridade obrigatória, coordenado pelo Prof. Luis Soczka. O primeiro capítulo faz parte de um relatório mais abrangente enviado à Fundação Para a Ciência e Tecnologia que financiou o estudo. O segundo capítulo, elaborado mais recentemente, lucrou do facto de os algoritmos utilizados para o cálculo das pontuações de cada variável terem sido elaborados no âmbito do referido projecto. O mesmo pode dizer-se da concepção global deste capítulo.

Uma chamada de atenção para um problema que se prende com a apresentação dos dados do capítulo respeitante às ligações às figuras

Uma chamada de atenção para um problema que se prende com a apresentação dos dados do capítulo respeitante às ligações às figuras significativas: devido o elevado número de cálculos envolvidos tomámos a decisão de, em dois capítulos, para comodidade de leitura do texto, apresentar em anexo os cálculos de significância das diferenças de médias. Além disso, optámos também por apresentar apenas os testes que resultaram em diferenças significativas.

Outra das nossas decisões que também se prende com a extensão do estudo, foi a de apresentar, no fim de cada capítulo uma conclusão que julgámos poder ser um auxiliar para o seguimento desta investigação.

A - PARTE TEÓRICA

I – A IDENTIDADE

I. 1 – Concepções de Identidade

O estudo da Identidade, provavelmente mais que o de qualquer outro domínio da psicologia, levanta muitos problemas e dúvidas. Todos os investigadores se confrontaram com eles e tentaram resolvê-los, muitas vezes como é comum na investigação em psicologia, à custa de um empobrecimento e em favor de uma possibilidade de operacionalização, outras em favor de uma abrangência que redunda em fluidez conceptual.

Desde logo, quando nos debruçamos sobre o corpo teórico já existente, se põe o problema de saber de que falam os diversos investigadores quando designam a identidade.

Erikson (1968) refere-se a um 'eu' ("*I*") como centro observador de consciência e volição que pode transcender a identidade psicossocial. Mas este 'eu' que outros investigadores tentam apreender foi objecto de abordagens teóricas e empíricas muito diferentes como pode constatar-se pelos modos diferentes como foi denotado. De um modo geral os termos Identidade, Identidade do Ego, "*Self*", Ego, Eu ("*I*" ou "*me*"), Carácter, são utilizados para designar este conceito, o que remete para diferentes concepções e abrangências.

Erikson fala da Identidade do Ego referindo-se com isto por um lado à função primordial da instância egóica na construção do sentido da Identidade e por outro à sua natureza psicossocial. Pode objectar-se que

mencionar alguma componente psicológica que não seja psicossocial, noutros teóricos o peso do factor social não tem o peso que Erikson lhe confere. Os autores que se referem ao "*self*", de um modo geral, concebem-no como um constructo mais amplo que engloba a totalidade da pessoa integrando o corpo e extravasando o Ego enquanto instância organizadora. Neste caso estão a referir-se ao sujeito.

O mesmo acontece com autores que se referem ao Eu como uma construção progressiva e constante que tem por corolário a organização de um sentido ou mais propriamente de consecutivos sentidos ("*meaning-making*" de Kegan, 1980) como uma série indefinida de reconstruções da relação entre o sujeito e o objecto experienciado. Também Berzonsky (1988) encara a identidade como uma construção embora a sua perspectiva seja um pouco diferente. Vêmo-lo utilizar indistintamente as expressões teoria pessoal acerca do "self", constructo pessoal, teoria do self ou identidade como equivalentes.

Outros como Blos, ao teorizar sobre um dos movimentos fundamentais do desenvolvimento de um eu separado do outro referem-se ao Carácter enquanto modo de ser o que se torna pouco diferenciado relativamente a outros conceitos como o de personalidade ou de estrutura da personalidade. Esta simples constatação relativa à terminologia suscita obviamente um sem número de questões referentes às concepções que recobrem e à sua origem.

Foi S.Freud o primeiro autor a referir o termo identidade. Fá-lo pela primeira vez em 1900, na Interpretação dos Sonhos, aquando da descrição dos dois modos de funcionamento mental - o processo primário e o processo secundário - caracterizando-os na essência como uma tendência para

dos dois modos de funcionamento mental - o processo primário e o processo secundário - caracterizando-os na essência como uma tendência para estabelecer respectivamente a identidade da percepção e a identidade do pensamento. Na verdade o termo identidade é escolhido para caracterizar a identidade da percepção do processo primário, ideia que depois, por analogia, extrapola para o processo secundário. Isto serve para dizer que a pretensão de Freud ao falar da identidade da percepção era a de salientar o facto de em determinados fenómenos psíquicos, como os sonhos, o desejo (entendido como um impulso) tender a realizar a repetição de uma experiência do mesmo modo que esta tinha sido vivenciada. Ou seja; era salientado o aspecto da *igualdade*. Quando em 1926 volta a usar o mesmo termo ele surge noutro contexto e com uma conotação algo diversa. Numa conferência à Associação Judaica B' Nai B' Rith, em Viena, designando a *"identidade interna"* ("inner identity") como um sentimento de familiaridade com o povo Judeu. Podemos portanto salientar duas conotações: a de *igualdade* e a de *familiaridade* ou *identificação* com uma dada cultura.

É predominantemente esta segunda acepção que encontramos na teoria psicossocial do desenvolvimento e que Erikson explorou como « *alguma coisa no âmago individual com um aspecto essencial de coerência interna grupal*» (1956, p.109) embora a primeira acepção, como veremos, também não esteja excluída.

Erikson é sem dúvida o autor de referência para os estudiosos da identidade e do seu desenvolvimento. Contudo, são-lhe feitas muitas críticas. Uma delas é a de ter definido de forma vaga e até confusa este conceito. Em 1950 escreve a este respeito: « *A integração que agora (*na adolescência*) tem lugar sob a forma de identidade do ego é, como foi*

vicissitudes da líbido, com as aptidões fundadas nos dotes naturais e com as oportunidades oferecidas nas funções sociais. O sentido de identidade do ego[1] *é então, a segurança acumulada de que a coerência e a continuidade interiores elaboradas no passado equivalem à coerência e à continuidade do significado do próprio para os demais, tal como se evidencia na promessa tangível de uma carreira.*» (p.241). Pode verificar-se através deste excerto como a identidade, que Erikson designa por Identidade do Ego tem conotações múltiplas. O autor refere-se ao processo através do qual ela se organiza, à experiência subjectiva, ao aspecto temporal e ainda a uma componente social.

No mesmo ano em « *Grouth and crises of the healthy personality*» , Erikson volta a referir-se à identidade: « *O sentido de identidade do ego, é então, a confiança acrescida de que a capacidade própria para manter a igualdade ('sameness') interna e a continuidade (o próprio ego no sentido psicológico) é correspondente à igualdade ('sameness') e à continuidade que os outros nos conferem.*» (p.94). Aqui Erikson volta a sublinhar a correspondência necessária entre o aspecto individual e o aspecto social da identidade. Mas acrescenta ainda no mesmo texto que a *identidade do ego* é resultante da integração gradual de todas as identificações. Num mesmo ano e até num mesmo texto a identidade é a identidade do Ego, a experiência da integração, um sentimento e uma resultante. Processo e resultante considerados ao mesmo nível, confundem-se.

---

[1] A confusão não reside apenas nas definições de Erikson. De facto, o que o autor designa por «sense of identity» pode traduzir-se de muitas maneiras. Vejamos no dicionário de Albino Ferreira o significado de sense: sentido (faculdade de percepção sensitiva); mente, inteligência, razão; sensação, sentimento; sentido, significado, interpretação; sentido, direcção (geom.); engenho, agudeza/ *Common s.*, senso comum/ *to be out of one's senses*, ter perdido o juízo. Não conhecemos em português nenhum termo equivalente mas o que constatamos é que ele é usado em contextos diferentes por Erikson com sentidos diferentes. Adoptar uma determinada tradução é sem dúvida optar por uma

integração, um sentimento e uma resultante. Processo e resultante considerados ao mesmo nível, confundem-se.

Em « *The problem of ego identity*» (1956), talvez porque se apercebesse da falta de delimitação do conceito, discute-o tentando esclarecê-lo: « *A identidade exprime uma relação mútua na medida em que conota uma igualdade a si próprio ('selfsameness') persistente e uma partilha persistente de alguma espécie de característica essencial com os outros*» (p.109). É o sentido em que Freud utiliza o termo em 1926, mais sintético mas nem por isso mais claro. Mas Erikson refere ainda, no mesmo escrito, que o termo identidade tem várias conotações: a de sentimento consciente da identidade individual, a de luta inconsciente por uma continuidade do carácter individual, a de critério das ocupações silenciosas da síntese do ego, a de manutenção de uma solidariedade interna com os ideais e a partilha com o grupo. Mais adiante, ao referir-se ao processo de formação da identidade diz que esta « *emerge como uma configuração que se desenrola e é gradualmente estabelecida por sucessivas sínteses e ressínteses.* » (p. 124) Uma vez mais a identidade é um sentimento (desta vez consciente), um conjunto de operações inconscientes, um critério que permite avaliar do funcionamento da instância egóica e a ligação ao grupo social e mais ainda uma configuração. Não é claro se por configuração o autor entende uma organização estrutural como a personalidade ou uma representação de si. Nela se integrariam, segundo o autor, os dons constitucionais, as necessidades libidinais idiossincráticas, as capacidades favorecidas ao longo da vida, as identificações significativas, as defesas, as sublimações e

---

acepção particular em detrimento de outras. Costa, E. (1991) optou pelo termo sentido. Discutiremos anossa opção mais adiante.

episodicamente, por exemplo na adolescência, quando a força dos impulsos e as exigências do exterior sobrecarregam duplamente o indivíduo, ou no início duma crise em que se avizinha a difusão da identidade. Pré-conscientemente corresponderia ao que o autor chama « o bem-estar psicossocial» que não é mais que o resultado do sentimento de estar à vontade com o corpo, de se saber para onde se vai, de se ser reconhecido pelos que nos são caros.

Em « *Ego Development and Historical Change: Clinical Notes*» (1946) aborda por um lado a identidade do ego e o que chama « *o facto dinâmico ou fenómeno grupal-psicológico*» . O sentimento de identidade resultaria assim da percepção imediata de que se é igual a si próprio ao longo do tempo e simultaneamente da percepção de que os outros nos reconhecem como iguais a nós próprios e constantes no tempo. Haveria portanto uma «*...complementação mútua do ethos e do ego, da identidade de grupo e da identidade do ego* (que) *põe um maior potencial comum à disposição da síntese do ego e da organização social*» (p.23). Ao salientar a complementaridade entre a identidade de grupo e a identidade do Ego parece sublinhar não apenas a componente social do desenvolvimento da identidade mas também concebê-la como uma adaptação social. Assim, damo-nos conta de um conceito compósito e de contornos difíceis.

Não obstante podemos encontrar algumas linhas orientadoras fundamentais nas suas definições da identidade do Ego: a *continuidade temporal* da qual o indivíduo toma consciência e que implica tomadas de decisão com vista ao futuro, a *familiaridade consigo próprio* que durante a adolescência Erikson opõe à experiência da confusão, a actividade de síntese que faz do indivíduo uma *unidade*, a *complementariedade com o grupo social* que

opõe à experiência da confusão, a actividade de síntese que faz do indivíduo uma *unidade*, a *complementariedade com o grupo social* que durante a vida vai oferecendo ao indivíduo oportunidades múltiplas através de cuja escolha este se vai definindo.

Os autores de linha psicanalítica têm mais frequentemente abordado a identidade a partir das suas patologias. No caso de Blos que se debruça sobre a adolescência, devemos sublinhar que a referência ao termo identidade é apenas ocasional. De início, mais frequentemente refere-se ao "*self*" como equivalente da pessoa mas encontramos também a utilização do termo *Carácter* (Blos, 1968) conquanto tenhamos dúvidas quanto à conotação que o autor confere a este termo.

A tarefa da adolescência é segundo Blos (1967) « *A reorganização psíquica... subjectivamente experienciada...como uma completa realização de um sentido do "self", daquela consciência e convicção mais bem definida pela frase 'isto sou eu'* » (p.181) que reflecte a diferenciação do Ego e que é o resultado do *segundo processo de individuação*. Por outro lado, este processo é conducente à capacidade de estabelecer relações objectais pós-ambivalentes. Isto significa que para Blos a organização da identidade é a individuação. Não a individuação nos termos em que Mahler (1967) a definiu mas sim como capacidade de funcionar autónomamente em relação aos objectos infantis e consequentemente de estabelecer novas relações objectais. Assim, os critérios pelos quais Blos avalia que um indivíduo desenvolveu uma identidade divergem dos da teoria de Erikson. Se para o primeiro o factor significativo é o facto de o indivíduo ser capaz de estabelecer novas relações objectais, para o segundo, esse factor é o facto de o indivíduo ser capaz de fazer escolhas e consequentemente compromissos.

a uma vivência de fragmentação que se traduz num sentimento de estranheza o que configura a instalação de uma psicose ou pelo menos de um surto psicótico por vezes compensado com uma construção delirante de uma identidade, por exemplo, grandiosa com perda do contacto com a realidade. A psicanálise clínica observa assim não a identidade mas a sua perda. Os psicanalistas que se referiram à identidade, usaram indiscriminadamente e em diferentes contextos os termos "*self*" ou *identidade* sem na maioria das vezes os terem definido. Para citar apenas alguns nomearemos Winnicott (1958) que se refere ao "*self*" a propósito da psicose e Kohut (1966,1971) que se refere ao "*self*" particularmente a respeito do narcisismo. Ora não parece evidente que estes autores usem o termo na mesma acepção tanto mais que por um lado os contextos em que o referem são diferentes e por outro o conceito é delineado pela negativa e não pela positiva. Explicitando ambos teorizam sobre as falhas do "*self*" no contexto das patologias que estudam e não fazem uma construção do conceito a partir de traços componentes encontrados na normalidade.

No entanto de um modo geral pode dizer-se que na psicanálise o "*self*" ou a *identidade* surgem com uma conotação dupla de *coesão* (que falha por exemplo na esquizofrenia) e de *diferenciação* em relação ao objecto (que falha mais evidentemente nas psicoses simbióticas). O elemento de diferenciação surge como particularmente evidente na teoria de Blos (1967) ou de Mahler (1968). Todavia, R. Shafer (1973) chama a atenção para o facto de estes autores confundirem a individuação e o abandono dos objectos infantis. Em sua opinião, « *só uma pessoa já altamente individuada é capaz de desistir das suas relações infantis com os outros...*» (p.43).

objectos infantis. Em sua opinião, « *só uma pessoa já altamente individuada é capaz de desistir das suas relações infantis com os outros...*» (p.43).

Uma contribuição importante no que se refere ao desenvolvimento da identidade é a de Coimbra de Matos (1996) que confere um papel importante à identificação definindo-a e situando-a dum ponto de vista desenvolvimental. Define o autor três tipos de identificação: a identificação imagóico-imagética, a idiomórfica e a alotriomórfica ou xenomórfica. A primeira é a identificação não ao objecto mas à imagem que o objecto lhe devolve, ou seja: ao modo como o objecto reconhece ou identifica a criança no período da relação primária. A segunda corresponde a uma construção da identidade a partir do reconhecimento das formas e comportamentos que a criança observa em si própria como seria o reconhecimento de si enquanto menino ou menina a partir dos caracteres sexuais externos. A terceira é finalmente a identificação com um modelo que deriva da introjecção de características desse modelo quer reais quer fantasiadas.

O modelo construído por Marcia (1966) para a investigação da identidade fundou-se na teoria psicossocial de Erikson mas incide apenas no estádio final da construção da identidade sem se deter muito na sua acepção. Acrescentemos que para Marcia o estádio verdadeiramente importante no desenvolvimento do indivíduo é o quinto (final da adolescência) porque todos os anteriores constituem experiências preparatórias para este em que realmente se organiza uma estrutura definitiva através de processos de síntese. A identidade é concebida como uma estrutura do Ego. Mas esta estrutura tem um processo em que são importantes não só a síntese entre experiências do passado e experiências recentes mas também a exclusão de elementos do passado. A identidade do Ego tem uma dimensão

dimensão comportamental na medida em que após exploração de alternativas o indivíduo faz opções e toma decisões quanto a valores ideológicos, à adopção de papéis sociais e sexuais e a objectivos profissionais, tem ainda uma dimensão estrutural na medida em que a sua organização implica no modo como o indivíduo percepciona o mundo, se relaciona com ele e se comporta. Tal como Erikson, Marcia entende que o modo como o indivíduo estrutura a sua identidade está dependente da síntese que ele faz das identificações do passado, das experiências, das suas capacidades e das oportunidades que a sociedade lhe oferece e que ele durante a adolescência pode explorar e escolher. Devemos sublinhar ainda que também para Marcia, a identidade enquanto teoria que o indivíduo constrói acerca de si próprio não é consciente a não ser em períodos críticos como outros autores (nomeadamente os de orientação psicanalítica) já haviam sublinhado. Todavia na operacionalização do seu modelo isto não surge com evidência. Além disso parece, Marcia, ter assumido que a única grande transformação, crise e tomada de decisão, é a que ocorre no fim da adolescência e que culmina na estabilização de uma estrutura identitária testemunhada por um conjunto de escolhas e a assunção de compromissos sociais. A isso nos referiremos mais adiante.

Bosma (1989) faz uma explicitação do conceito de identidade que não sendo radicalmente diferente vem sublinhar a psicologia dos aspectos internos da sua construção. Esta não seria um processo, nem um resultado, nem um conteúdo mas antes uma conclusão de um conjunto de operações na maior parte das vezes inconscientes sobre o *"self"* Esta operação sobre o *"self"*

parte das vezes inconscientes sobre o *"self"* Esta operação sobre o *"self"* teria antes sido realizada sobre os objectos exteriores e só tardiamente o sujeito conseguiria aplicá-la a si próprio.

Evidentemente que todos os autores se referem a uma componente pessoal e a uma componente social da identidade, embora, como pudemos constatar, com acentuações diferentes de um ou outro aspecto. Todavia é possível destacar neste conceito alguns pontos comuns a todos os autores mesmo tendo em conta a diversidade das suas formulações. Todos referem que a identidade tem um aspecto de coesão ou coerência ou organização. Todos têm em conta a diferenciação em relação ao outro. Todos mencionam também uma complexificação interna de funções.

I. 2 – O Desenvolvimento da Identidade

Entre os psicanalistas que se dedicaram ao estudo da adolescência claramente se destaca Peter Blos (1967) ao introduzir o conceito de individuação sublinhando que a individuação é a tarefa primordial e característica da adolescência. Mais especificamente Blos considera que o que designa por segundo processo de individuação culmina na construção de uma identidade que a certa altura começa a designar por *Carácter* enquanto modo de agir característico e constante de um determinado indivíduo.

Esta autora teve uma grande influência nos estudos sobre a identidade ao formular a ideia de que a criança introjecta o objecto primário que ao constituir-se como parte do seu mundo interno, lhe confere autonomia e a forma como indivíduo separado. A possibilidade da separação, que neste caso significa a distinção entre o *self* e o seu objecto, assenta assim na constância da representação do objecto.

Blos (1967) introduz o conceito de Individuação na adolescência ao defini-la como o *Segundo Processo de Individuação*. Segundo o autor, este processo é desencadeado pela intensificação dos impulsos pubertários e caracteriza-se inicialmente por uma organização da personalidade vulnerável que força a mudanças na estrutura psíquica. Porém, não é exactamente a defesa contra os impulsos que está em foco na teoria de Blos mas antes os objectos e as relações de objecto primárias que os impulsos reactivam. Nesta situação está, evidentemente, envolvido o Ego mas também o Super-Ego. Ambos sofrem uma grande remodelação que vai reorganizar a estrutura psíquica no seu todo e permitir novas relações objectais. Para isso é necessário que o adolescente passe por um processo de "*desligamento*"[1] relativamente aos objectos internos infantis, novamente em contacto com o ego que tem a possibilidade de, por regressão, experimentar estados já anteriormente ultrapassados. A regressão desempenha assim um papel fundamental.

Em princípio, o Ego, depois da latência, está suficientemente preparado para regredir e resistir à regressão de modo a encontrar soluções actualizadas e adequadas para as problemáticas infantis. O contacto com os objectos primários permite-lhe desligar-se deles o que, a seguir a um

Em princípio, o Ego, depois da latência, está suficientemente preparado para regredir e resistir à regressão de modo a encontrar soluções actualizadas e adequadas para as problemáticas infantis. O contacto com os objectos primários permite-lhe desligar-se deles o que, a seguir a um sentimento de elacção, provoca um afecto depressivo por perda dos objectos internos que outros autores teóricamente próximos referem em termos de luto. Resulta daqui um concomitante sentimento de empobrecimento e fragilização do Ego que segundo Blos se traduz na pergunta comum nos adolescentes: « *Quem sou eu?*» . Esta interrogação, que traduz o cerne da problemática da identidade, parece portanto resultar de um perigoso sentimento de perda e fragilidade e não de uma mera curiosidade intelectual devida ao aparecimento de novas capacidades sócio-cognitivas.

Contudo, pode o adolescente encontrar a compensação para estas fragilidades no grupo que além disso também tem a função de lhe proporcionar a estimulação necessária à manutenção da ligação à realidade e ainda a de lhe permitir a experimentação de múltiplos papéis. O grupo torna-se portanto imprescindível, não só porque constitui um suplemento relacional mas também porque permite interacções que, em princípio, não terão as características das interacções que se estabeleceram com os objectos primários. No entanto o grupo pode eventualmente ser um completo substituto das relações com os pais da infância se o indivíduo não consegue desligar-se dos objectos infantis e repete com o grupo o mesmo tipo de relações de dependência.

Este processo é atravessado pela ambivalência que, de acordo com Blos, deriva da regressão às relações infantis. O conflito de ambivalência será resolvido, no fim da adolescência, através da interiorização das

todas as suas características e não idealizados e portanto a possibilidade de manutenção de uma relação constante. É , no entender de Blos, daqui que resulta « *A reorganização psíquica... subjectivamente experimentada ... como uma completa realização de um sentido do "self", daquela consciência e convicção mais bem definida pela frase 'isto sou eu'* » (Blos, 1967, p.181) . É isto que traduz a diferenciação do Ego que Blos caracteriza como o *Segundo Processo de Individuação*.

Blos foca portanto, acima de tudo, o processo pelo qual são alteradas as relações com os objectos primários e assume que as mudanças em termos comportamentais resultam dessa alteração. Trata-se por conseguinte, de uma alteração da estrutura psíquica através da remodelação dos objectos internos primários e das relações com estes objectos que depois se reflecte na relação actual com os objectos actuais. Embora Blos se tenha referido também às relações com os pais reais e actuais fá-lo no sentido de explicar por que razão surgem as atitudes de rejeição relativamente aos pais que são tratados como objectos internos.

Uma outra dimensão da organização de uma identidade é possibilitada pela regressão. Trata-se da *continuidade do Ego*. Diz Blos : « *O desenvolvimento adolescente só pode ser levado por diante se o Ego adolescente consegue estabelecer uma continuidade no seu interior. Se isto é impedido, uma restruturação parcial da adolescência mantém-se incompleta* » (1968, p. 7). Esta continuidade que é também referida por Erikson, desempenha um importante papel integrador da experiência da vida do indivíduo quando este abandona os objectos infantis. Dadas as grandes transformações de carácter que ocorrem durante a adolescência, esta integração histórica

---

entendermos que se trata de uma remodelação das relações com os objectos sem corte da vinculação.

carácter que ocorrem durante a adolescência, esta integração histórica desempenha uma função crucial na manutenção do sentimento de continuidade.

Blos refere-se ainda à construção da Identidade Sexual uma vez que esta constituiria um dos elementos do que ele designa por formação do carácter. Esta definir-se-ia aquando da regressão aos objectos internos infantis que conduziriam ao retorno a uma configuração relacional Edipiana. Contudo não se trata apenas de uma reposição do Complexo de Édipo em tudo semelhante ao conflito da fase fálica. Em sua opinião o período de latência não encerraria definitivamente a problemática da fase fálica. Apenas ocorreria uma suspensão desta problemática parcialmente resolvida. Na adolescência, reabrir-se-iam as relações erotizadas com as figuras parentais mas como o problema da relação com a figura parental do sexo oposto teria ficado resolvido, agora pôr-se-ia o problema da regulação da relação com a figura do mesmo sexo e portanto o problema do *Complexo de Édipo Negativo*. Assim, o adolescente veria reaparecer uma proximidade erotizada com o progenitor do mesmo sexo do qual teria de se distanciar e de transformar o investimento erótico em desejo de identificação com a consequente construção de uma identidade sexual. Citando: « *... uma vez que a resolução do complexo de Édipo negativo, é a tarefa da adolescência, pôr termo à componente homossexual da sexualidade pubertária é uma tarefa desenvolvimental implicita da adolescência. De facto, pode dizer-se que a formação da identidade sexual é afirmada no fim deste processo.* » (Blos, 1979, p.479).

Esta resolução tem também como corolário a constituição de um Ideal do Ego enquanto força motivadora. Do mesmo modo que Freud considerava o

Blos considera o Ideal do Ego como o herdeiro do *Complexo de Édipo Negativo* da adolescência na medida em que este implica uma desistência do progenitor enquanto objecto homossexual com a consequente adopção de uma atitude mais activa de luta por objectivos.

Blos refere-se também às diferenças quanto ao desenlace do complexo de Édipo observadas entre os rapazes e as raparigas considerando, tal como Freud, que o desenlace do Complexo de Édipo Negativo é mais facilitado para o rapaz do que para a rapariga uma vez que para aquele o primeiro objecto de amor foi de sexo diferente. As raparigas teriam de fazer um maior esforço para fugir à homossexualidade patente nos comportamentos extremos de delinquência sexual nas adolescentes. Nas raparigas, logo no início da adolescência, a viragem brusca para a heterossexualidade seria acima de tudo ditada por uma necessidade de diferenciação e fuga à submissão à mãe arcaica.

Assim, podemos concluir que em Blos a constituição de uma identidade tem no seu cerne a Individuação relativamente aos objectos internos infantis e que como tal se trata de uma teoria focada nas remodelações das relações com esses objectos que teria como consequência a organização do Carácter.

Josselson (1980) chama a atenção, tal como Bosma (1992), para o facto de se verificar uma grande discrepância entre as teorias que visam o mundo interior e as que visam a realidade envolvente. Em seu entender as duas linhas mais importantes da investigação sobre o desenvolvimento da identidade, a psicanalítica e a psicossocial, cometem o erro de privilegiar o mundo interno e então remeter toda a experiência para o mundo interno ou privilegiar o mundo externo explicando tudo em termos de realidade externa sem nunca serem focados os dois aspectos simultaneamente. O seu

sem nunca serem focados os dois aspectos simultaneamente. O seu objectivo é o de aliar as duas perspectivas. Contudo a sua intenção só parcialmente é atingida. Na verdade, se por um lado, Josselson dá ênfase às relações com os objectos internos, o que não fazia Erikson, por outro lado chama a atenção para a relação real com os objectos significativos reais o que não fez Blos. Segundo a autora, para além de se individuar relativamente aos objectos infantis o adolescente tem de se autonomizar psicologicamente relativamente aos pais reais o que não faz sem ambivalência.

Mas o seu enfoque na realidade externa é bastante mais restrito do que o de Erikson que tem uma concepção abrangente do meio ambiente. Na verdade em Josselson apenas são focadas as relações em termos de comportamentos observáveis relativamente aos objectos significativos.

No entanto cumpre dizer que a autora distingue três tarefas características da adolescência: a individuação, a aquisição da autonomia e a formação da identidade. Do seu ponto de vista, estas tarefas desenvolvimentais, sendo embora inter-dependentes, não se confundem. Ou seja: não podemos chamar à individuação descrita por Blos desenvolvimento da identidade que em seu entender só é verdadeiramente atingida no final da adolescência exigindo a prévia individuação e conquista da autonomia.

Bosma (1985), como referimos no capítulo anterior, entende a identidade como a conclusão de uma operação em que é constatada uma igualdade. Esta mesma operação pode ser feita em relação aos objectos que mudando, se mantêm os mesmos. Esta operação não é entendida como um mero procedimento cognitivo e nem sequer é entendida como exigindo um aparelho mental muito sofisticado. Na realidade a criança faz essa operação

sua invariabilidade. Mas para isso tem evidentemente de distinguir entre as características que são permanentes e aquelas que são mutáveis. As permanentes definiriam a natureza do objecto. Estas operações que inicialmente se aplicariam aos objectos externos podem aplicar-se ao "*self*" e a todos os seus aspectos quer se trate de aspectos internos como as emoções quer de aspectos externos como os comportamentos. Aplicar-se-iam inicialmente aos estados do "*self*" produzindo uma integração dos diferentes actividades e estados do "self" da qual resultaria a conclusão de uma igualdade. Neste sentido a identidade seria uma conclusão acerca da invariância e da continuidade da igualdade. Na infância estas operações seriam relativamente fáceis mas na adolescência a sua dificuldade, derivada das muitas e rápidas mudanças o que provocaria um constante trabalho de integração.

O contributo teórico mais importante continua a ser ainda hoje o de Erikson. O autor entende a Identidade do Ego como uma construção progressiva que começa com o início da vida e portanto tem na sua origem o que ele designa por dotes naturais. Estes permitem o desenvolvimento de aptidões por etapas que são também crises em que se jogam sempre duas possibilidades: a de uma nova aquisição propulsora de desenvolvimento e a de uma estagnação desse desenvolvimento com possibilidades de regressão. Não é portanto estranho que, do ponto de vista de Erikson, em cada um dos estádios anteriores à adolescência haja uma organização incipiente da identidade que atingirá a sua crise apenas durante a adolescência. Assim, no primeiro estádio (correspondente à fase oral de Freud), a personalidade cristalizar-se-ia em torno da convicção « *Eu sou o que me dão*», no segundo estádio (correspondente à fase anal), a personalidade cristalizar-se-ia em

estádio (correspondente à fase anal), a personalidade cristalizar-se-ia em torno da convicção « *Eu sou o que eu quero*», no terceiro estádio (correspondente à fase fálica), haveria uma cristalização em torno da convicção « *Eu sou o que posso imaginar que serei*», no quarto estádio (correspondente ao período de latência), a personalidade organizar-se-ia em torno da convicção « *Eu sou o que aprendo*» (Erikson, 1950, p.87).

Porém é quando o jovem entra na puberdade, que o encontro das suas alterações biológicas com as novas imposições e oportunidades sociais despoleta a crise que em princípio irá conduzí-lo à organização de uma identidade. Essa crise é afinal um conjunto de crises que tendo as suas raízes em aquisições que se vão fazendo ao longo do desenvolvimento infantil e que correspondem a crises desse desenvolvimento, depois se repetem de um modo renovado e actualizado no novo contexto de capacidades individuais e de oportunidades fornecidas pelo meio. As *crises*, entendidas como normativas « *são caracterizadas por uma abundância de energia disponível que faz reviver a ansiedade adormecida e desperta um novo conflito mas também origina novas e mais latas funções do ego na busca de um compromisso com novas oportunidades e associações* » (Erikson, 1956, p.125). Resultam sempre de um encontro entre as potencialidades do indivíduo num determinado momento e as oportunidades que são oferecidas pelo meio ambiente.

Uma dessas crises é a que opõe a possibilidade de aquisição de uma *Perspectiva Temporal* à *Difusão Temporal*. Esta seria uma forma tardia da anterior crise *Confiança Básica* versus *Desconfiança Básica* que ocorre na primeira infância no período definido por Freud como fase oral do desenvolvimento. Nessa altura o bébé teria a possibilidade de organizar

alternância satisfação-frustração-satisfação. A necessidade a ser satisfeita despertaria no bébé uma ânsia pelo objecto que se transformaria em frustração e raiva até que o reaparecimento do objecto reporia a esperança e a confiança quer no objecto quer em si próprio já que deste modo veria as suas capacidades para a satisfação novamente confiáveis. Daqui resultaria um sentimento fundamental de continuidade que a partir da puberdade, devido às enormes transformações que se operam num período curto é forçosamente abalado e reequacionado.

Nesta altura, posto que se operam descontinuidades, é necessária da parte do sujeito, uma remodelação que lhe permita admitir essas descontinuidades e ultrapassá-las de modo a entendê-las como mudanças inseridas numa história pessoal de tal modo que seja possível encarar o passado como raiz do presente e do futuro. É esta operação que permite o sentimento de continuidade com base na possibilidade de olhar para o passado e perspectivar um futuro diferente a construir. A isto chamou Erikson a *Perspectiva Temporal* que opôs à *Difusão Temporal* enquanto impossibilidade de encarar o decorrer do tempo e com ele o próprio desenvolvimento. Sem tempo não haverá possibilidade de perspectivar um futuro do que resultaria uma estagnação.

Uma outra crise é a que contrapõe a *Auto-certeza* à *Consciência da Identidade*. Esta derivaria da anterior crise *Autonomia* versus *Vergonha e Dúvida* que se configuraria ainda na primeira infância no período correspondente à fase anal descrita por S. Freud. Nesta, a criança, tendo adquirido a noção de que é um ser separado, receia ser observada por não se sentir ainda suficientemente definida, separada e portanto segura para resistir a essa observação que pode fazê-la sentir dúvidas acerca de si

resistir a essa observação que pode fazê-la sentir dúvidas acerca de si própria e logo despertar sentimentos de vergonha. Depois da puberdade, as remodelações físicas e psíquicas desencadeiam de novo este conflito, agora sob a forma tardia de *Auto-certeza* versus *Consciência da identidade*. Embora este modo de ver a crise desta fase possa parecer estranho, torna-se compreensível se tivermos em conta que do ponto de vista de Erikson a identidade é na maior parte do tempo, uma espécie de lastro de que não temos consciência. A consciência da identidade fár-se-ia sentir apenas nos momentos de crise ou de instabilidade correspondentes a alguma desorganização. É o que acontece na adolescência. As mudanças, provocam um sentimento de não estar completo e preparado para ser observado que se manifesta por exemplo através da preocupação com a imagem.

A consciência da identidade seria então nesta fase uma manifestação tardia da dúvida originária relacionada com a confiabilidade dos adultos e da própria criança. As identificações infantis que funcionam como matriz têm nesta altura de ser revistas e reorganizadas no sentido da auto-certeza que se tudo corre bem aumenta gradualmente. A dificuldade prende-se com a reposição desta crise relativamente a um sujeito vivendo agora num contexto mais alargado que para além das figuras parentais e seus substitutos inclui os coetários. Estes, constituindo frequentemente uma fonte de apoio e de experiências múltiplas são também juízes severos, mesmo cruéis, entre os quais a instituição da vergonha pode funcionar como via directa para o isolamento devido ao aumento da dúvida e consequentemente da consciência da identidade. Por outro lado, o grupo de coetários pode funcionar como suporte para os sujeitos que não tendo ainda desenvolvido a auto-certeza se apoiam numa auto-certeza grupal ainda que

o uso de roupas ou penteados característicos, a adopção de comportamentos particulares ou de um calão específico.

A crise *Iniciativa* versus *Culpa* tem a sua forma tardia na adolescência na oposição *Experimentação de Papel* versus *Identidade Negativa*. A primeira crise, que se desenvolve no período edipiano, opõe a possibilidade de agir de facto ou experimentar através da fantasia e do jogo, diferentes papéis que são pela criança observados, à impossibilidade de os experimentar devido ao sentimento de culpabilidade. Na adolescência, a reposição desta crise num contexto mais alargado, permite ao jovem experimentar vários papéis agora no seio do grupo de pares. Estes papéis serão os precursores dos que poderão ser desempenhados na vida adulta. Não se trata contudo apenas dos padrões de papéis profissionais mas também do tipo de papéis sociais que dizem respeito às relações que se estabelecem com os coetários e mais tarde numa sociedade de adultos. Para a experimentação destes papéis é preciso ultrapassar a culpa que se desencadeia devido ao facto de eles de algum modo, constituírem uma apropriação ou uma ultrapassagem dos papéis e da autoridade parentais. Nisto o grupo de coetários pode instituir-se como um suporte de grande importância na medida em que permite essa experimentação de um modo desculpabilizante já que é sancionada pelo grupo. Além disso os coetários estabelecem, ainda que de forma não explícita, um conjunto de limites para essa experimentação que não podem ser ultrapassados sob pena de exclusão. Há nesta experimentação no seio do grupo uma possibilidade de viver provisoriamente numa atmosfera mítica de ausência de tempo que assegura um sentimento de pertença a uma micro-sociedade experimental e um sentimento de livre escolha que não é possível dentro do contexto familiar. Dito isto sublinhemos que como

não é possível dentro do contexto familiar. Dito isto sublinhemos que como Erikson o faz notar, nenhum dos sentimentos é em princípio predominante e portanto existe já nesta altura um compromisso a ser feito tal como nas sociedades adultas.

Os papéis experimentados são obviamente aqueles que numa determinada época são propiciados ao jovem. De entre eles terá o adolescente, após experimentação, de escolher o que mais lhe convém: o que melhor se coaduna com as suas capacidades e motivações. Pode o jovem, devido a uma rejeição de todos os modelos que lhe foram fornecidos como bons, começar a organizar uma *Identidade Negativa*. Esta tem como característica essencial não só a recusa de todos os modelos e princípios propostos pelo mundo adulto mas também uma escolha pela oposição de tudo o que foi pelos adultos apontado como negativo. Do ponto de vista de Erikson esta escolha dever-se-ia a um sentimento de culpabilidade impossível de suportar e que por isso mesmo, é negado através da adopção de comportamentos tomados como maus. A impossibilidade de assimilar as identificações infantis e de as reestruturar de um modo pessoal conduziria por seu turno à impossibilidade de escolher um papel e portanto só restaria ao jovem a *Identidade Negativa* sob pena de não organizar identidade nenhuma.

A crise *Actividade* versus *Inferioridade,* na idade escolar, opõe a capacidade para aprender e realizar dentro do contexto escolar numa sociedade de coetários, que de algum modo se assemelha ao meio laboral adulto, à incapacidade para aprender e realizar coisas pelas quais a criança pode ser reconhecida e apreciada. Esta crise vai repor-se na sua forma tardia característica da adolescência através da oposição *Antecipação do Sucesso*

infância um sentimento de confiança básica que se tenha propagado à capacidade de fazer coisas certas e apreciadas, ou seja: um sentimento de confiança nas suas capacidades para realizar e ser apreciado por isso. Há também nisto uma identificação positiva com os professores enquanto indivíduos que sabem e sabem como fazer as coisas. Mas para além disso, este período permite à criança integrar-se num grupo social na medida em que pela primeira vez faz coisas com os outros e de algum modo a escola prefigura o trabalho adulto e a divisão do trabalho que encontrará em meio laboral assim como a igualdade de oportunidades. Ora a renovação desta crise na adolescência através da sua formulação tardia, permite através da sua resolução, a projecção do sucesso de uma actividade ainda que não a curto prazo. Quando não, emerge um sentimento de inadequação que só por si, poderia levar o sujeito à exclusão social, se não fosse o caso de essa inadequação obstar a qualquer competição no jogo ou no trabalho sem a qual nunca o indivíduo poderá sentir-se integrado e participante no seu meio social. A incapacidade de realização leva a uma paralisia que referindo-se ao trabalho na verdade alastra a outras componentes da vida na medida em que atravessa os vários contextos em que o jovem se insere.

Estas crises, as « *crises psicossociais* » para usar a terminologia de Erikson, são-no porque contêm uma componente individual e uma componente social. Dito de outro modo: se é verdade que é o sujeito que tem de as atravessar e resolver através das suas 'escolhas' individuais também é verdade que elas são vividas dentro de um contexto social que as favorece e propicia as condições da sua ultrapassagem como também as condições para a estagnação. Cada crise contém em si mesma duas possibilidades de resolução: uma constitui um critério de saúde psicossocial e outra constitui

resolução: uma constitui um critério de saúde psicossocial e outra constitui um critério de doença psicossocial. No desenvolvimento normal obviamente o critério de saúde psicossocial tem de sobrepor-se ao critério de doença. No caso específico da crise fundamental e central da adolescência a *Identidade* tem de prevalecer sobre a *Difusão da Identidade*.

A possibilidade da organização de uma identidade está em intima relação com a capacidade do Ego para fazer uma integração sob a forma de Identidade do Ego. Trata-se de uma integração de múltiplas componentes que vão das identificações significativas (desde a infância até à actualidade) aos impulsos individuais, aos talentos desenvolvidos ao longo da vida, às oportunidades que são oferecidas pelo meio ambiente. Mas acrescentemos que para que se dê esta integração de um modo adequado é necessário que o jovem repudie algumas das identificações infantis que perderam a sua utilidade e faça uma assimilação mútua das que se mantêm subordinando-as a novas identificações respeitantes a um novo tipo de sociabilidade fora do contexto familiar em que o sujeito se relaciona com outros adultos e particularmente com os coetários numa relação em que uma competição mais igualitária se desenvolve e tem de ser aprendida. As novas identificações da adolescência já não têm o carácter lúdico das identificações infantis e progressivamente perdem também o carácter de experimentação para se definirem como escolhas que resultarão finalmente em decisões. Estas levam a uma auto-definição e à assunção de um papel e a compromissos para a vida futura.

A esta integração Erikson chamou a « *síntese do Ego*» . Esta síntese depende da capacidade para resolver todas as crises de um modo vantajoso e adaptativo. Mas por difícil que seja a tarefa ela é feita dentro de uma

sociedade que fornece algumas ritualizações auxiliares e também um período institucionalizado em que o jovem pode fazer as suas experimentações antes de finalmente assumir compromissos. A isto chamou Erikson a *Moratória Psicossocial*. Durante o período de moratória o jovem pode inventariar soluções para a sua identidade e experimentar livremente papeis até atingir uma relativa completude que lhe permita encontrar o que Erikson designou por um « *nicho nalgum sector da sua sociedade...que é firmemente definido e parece feito unicamente para si*» (1956, p.120) e consequentemente assumir compromissos. A *Moratória* é então do ponto de vista social um tempo de espera condescendente propiciado ao jovem. Mas do ponto de vista individual ela constitui um tempo de reflexão e experimentação ou exploração em que o jovem investe activamente e que terá de conduzir a uma decisão. Está portanto subjacente a ideia de um investimento pessoal activo nesta busca.

Contudo pode o jovem não chegar a realizar esta integração. Entregando-se em aparência a uma experimentação de papéis, na verdade pode desenvolver uma espécie de jogo social que Erikson considera apenas um sucessor do jogo infantil sem ter como corolário uma auto-definição e uma escolha. Trata-se da *Difusão da Identidade* que embora seja vista predominantemente como uma incapacidade para escolher uma ocupação abrange na realidade um âmbito bastante mais lato que inclui as relações sociais no seu conjunto e traz consigo sentimentos de inferioridade e inadaptação. Estes jovens mantêm frequentemente uma identificação excessiva com heróis e uma necessidade de pertença a grupos sem os quais não subsistem posto que lhes servem como suporte para uma identidade que não se organizou.

Uma outra possibilidade referida por Erikson é a de o jovem atravessar todo o período da adolescência sem vivenciar a crise e consequentemente sem fazer qualquer escolha pessoal o que significa que não se realiza uma auto-definição o que só se torna evidente mais tarde e em determinadas circunstâncias. « *Torna-se usualmente manifesto um estado de aguda confusão de identidade numa altura em que o jovem se vê exposto a uma combinação de experiências que exigem simultaneamente o seu comprometimento na intimidade física (de modo nenhum sempre abertamente sexual), na decisiva escolha ocupacional, na competição enérgica e na auto-definição psicossocial.*» (Erikson, 1956, p.133) São então as circunstâncias exteriores que pressionam um indivíduo até ali aparentemente sem problemas, a fazer escolhas. Trata-se normalmente de indivíduos que vivendo super-protegidos subitamente, devido à entrada para um ambiente diferente, como o universitário, se confrontam com uma grande diversidade de gente com costumes e valores também diversos em relação aos quais têm de fazer escolhas e rejeições. Contudo, as decisões, independentemente da sua orientação trazem consigo identificações conflituais anteriores que os impelem para novas escolhas impossíveis de fazer. Daqui resulta o que Erikson chama uma *Moratória por defeito*. Isto é: um evitamento de escolhas que na realidade só em aparência se pode comparar com a verdadeira Moratória pois que não chega a existir qualquer investimento na experimentação com vista a tomadas de decisão.

Esta atitude conduz então, devido ao isolamento que gera e ao consequente sentimento de vazio interior, a uma regressão aos antigos objectos da infância que acentua os sentimentos incestuosos. A esta regressão a uma configuração psicossexual infantil que pode ser vista como uma tentativa de

adiamento, Erikson chama a *Forclusão Psicossocial.* Surge então uma tentativa de manter uma certa paralisia caracterizada por um estado de escolha mínima acompanhada por uma convicção interna de estar comprometido com alguma coisa que foi escolha do próprio. Erikson refere-se a duas vias resultantes desta incompletude: a da fusão com um lider que se constitui como um guia para as escolhas ou a da patologia "*border-line*". Qualquer destas vias constitui, contudo uma não resolução do impasse e por conseguinte, uma não-definição da identidade.

Há nesta teoria uma componente temporal que em estudos posteriores raramente é contemplada. Erikson refere-se a uma coerência e continuidade que permite que o indivíduo se reconheça ao longo do tempo como igual a si próprio ainda que nele se tenham operado mudanças. Estas vão ocorrendo ao longo de todo o curso da vida sem que por isso a maioria dos indivíduos deixe de se reconhecer. Mas é preciso também que essa continuidade e coerência sejam reconhecidas pelos outros que do mesmo modo, apesar das alterações desenvolvimentais continuam a reconhecer o sujeito. Essa componente temporal é portanto em parte promovida pelos outros.

Assim, no que se refere à organização identitária, podemos destacar em Erikson quatro formas: a da aquisição da Identidade, a Moratória, a Forclusão e a Difusão. Do exposto podemos considerar que a saída favorável para a crise ou as crises atravessadas na adolescência é a da aquisição da Identidade. Esta para ser atingida teve de confrontar-se com a crise, ter feito experimentações investidas activamente e ter finalmente estabelecido compromissos. A Moratória pode ser vista como um período de busca em que o indivíduo experimenta activamente no sentido de encontrar a solução identitária que mais se lhe adequa para posteriormente

estabelecer os compromissos. A Forclusão pode ser vista como um impasse que poderá conduzir a uma Moratória e posteriormente à definição de uma Identidade. A Difusão pode ser vista como uma falta de investimento activo na experimentação sem tomadas de decisão. É na verdade uma forma de não organização identitária que por muitos autores é vista como uma saída patológica. Destacamos ainda a Identidade Negativa que embora seja uma definição pela negativa, parece contudo constituir uma maior organização do que a Difusão.

A teoria de Erikson sofreu muitas críticas. A primeira refere-se exactamente ao conceito de identidade (Kroger, 1989)que constitui segundo o autor a tarefa "princeps" da adolescência e que nunca foi claramente definido. Ora surge como uma estrutura, ora como um processo, ora como um sentimento subjectivo de raízes inconscientes. Foram feitas também críticas ao conjunto da teoria por ser demasiado etnocêntrica e tender para a defesa dos valores da sociedade como bons (Roazen,1976), em suma por ser acima de tudo ideológica e especulativa.

Críticas mais recentes referem ser privilegiada uma visão masculina, visão a que nos referiremos mais adiante. Mas há ainda críticas de que a sua construção não tem um estatuto teórico definido e talvez seja por isso mesmo que desencadeou investigações metodológica e conceptualmente tão diversas e que no entanto têm Erikson como ponto de referência. De facto é surpreendente o volume de artigos que abrem com referências a Erikson mas destacam aspectos diferentes da sua teoria.

Marcia (1966), foi o primeiro investigador que partindo da teoria de Erikson, realizou um trabalho que teve importantes consequências na investigação e na concepção do desenvolvimento da identidade. Lembremos que este

investigador construiu uma entrevista baseada na teoria de Erikson com o objectivo de avaliar a formação da identidade. Este instrumento tinha como conceitos fundamentais a *exploração* (que tem subjacente a ideia de crise de Erikson) e o *compromisso*. Por exploração Marcia entende a experimentação de alternativas com o objectivo de estabelecer um compromisso. Por compromisso entende um investimento estável em objectivos, valores e crenças. Com base nestas duas características definiu ele o que designou por Estatutos da Identidade, em número de quatro: Difusão Identitária, Forclusão, Moratória e Aquisição da Identidade. A Difusão caracterizaria os indivíduos que não fizeram nenhum compromisso nem estão implicados em qualquer espécie de exploração no sentido de chegar a um compromisso. A Forclusão caracterizaria os indivíduos que não tendo feito nenhuma exploração activa, fazem contudo compromissos firmes. A Moratória caracterizaria os indivíduos que não tendo feito nenhum compromisso se encontrariam num período de exploração activa no sentido de atingir compromissos. A Aquisição da Identidade caracterizaria os indivíduos que tendo feito uma exploração activa teriam por fim assumido compromissos estáveis. Marcia define então dois Estatutos de ausência de crise (Difusão e Forclusão) e dois Estatutos de crise (Moratória e Aquisição) que representariam modos de resolução do problema da Identidade.

Mas devemos sublinhar que para o autor tudo se jogaria no fim da adolescência o que não corresponde à concepção de Erikson. Para além disso outras críticas foram feitas ao modelo de Marcia. Coté e Levine (1987) entenderam que este modelo não dá conta da teoria de Erikson em numerosos aspectos. Por um lado não se vislumbra nenhum lugar para a luta entre o ego e o super-ego ao longo do desenvolvimento e para a

organização de valores, um dos pontos sobejamente sublinhados por Erikson. Outra falha terá sido o pouco valor concedido à moratória não no sentido de exploração mas no sentido institucional que também foi focado por Erikson. De facto o modelo de Marcia não tem em conta contextos ambientais.

O uso do termo Estatuto para definir um certo tipo de organização da Identidade do Ego, se por um lado pode sugerir a noção de Estádio de desenvolvimento, por outro pode ser tomado como uma organização de carácter definitivo ou uma estrutura o que levantou posteriormente alguma discussão. É que se parece, para Marcia, um Estatuto ser uma estrutura, por outro lado é difícil entender a Difusão como uma estrutura (Kroger, 1989) dada a sua falta de organização. Por outro lado Erikson ao referir-se a conceitos como Difusão, Forclusão ou Moratória não os entende como organizações acabadas mas como períodos caracterizados por uma determinada maneira de lidar com os problemas que surgem ao adolescente no percurso para o desenvolvimento da identidade e sempre tendo em conta o contexto em que o indivíduo se desenvolve o que é particularmente verdade para a Moratória (Costa, 1991). Erikson também nunca se referiu ao "*Identity Achievement*" e sim à síntese a que deu o nome de Identidade ou Identidade do Ego que a qualquer momento está sujeita a reformulações.

Portanto o modelo de Marcia parece bastante mais estático e estreito do que o corpo teórico de Erikson. Archer (1992) critica o enviesamento masculino do modelo de Marcia por explorar principalmente os domínios que são mais geralmente objecto do investimento masculino como a ocupação, a política ou a religião que constituem questões ligadas a uma necessidade interna de separação e auto-definição. Isto conduziu de facto a que predominassem

sobre as mulheres os homens que atingiam o nível mais evoluído da aquisição da identidade. Do seu ponto de vista deveriam separar-se nas entrevistas os aspectos intra-pessoais e os aspectos inter-pessoais como a família, papel sexual , o namoro, a amizade, etc. mais investidos pelo sexo feminino. Mas não há dados empíricos que tenham sustentado de forma cabal as críticas de Archer e possivelmente alguns dos dados empíricos que conduziram a estas críticas, resultam de variáveis contextuais que não foram controladas e são particularmente importantes na cultura Norte Americana. Hoje as raparigas europeias são tão impelidas, como os rapazes, a fazer uma exploração tendente a uma escolha profissional. Porém, não há dúvida de que vários autores (Josselson, 1980; Gilligan, 1982) sugerem uma progressão em direcção à organização da identidade diferente para rapazes e raparigas.

Estes estatutos, tomados como estratégias individuais no sentido de lidar com o problema da identidade foram rapidamente encarados numa perspectiva desenvolvimental uma vez que Erikson refere um movimento desde a Difusão até uma progressiva definição da identidade ao longo da adolescência. O próprio Marcia também concebe embora apenas no período universitário, um processo sequencial desde a Difusão, à Forclusão, à Moratória e finalmente à Aquisição da Identidade. Todavia o seu objectivo nunca foi o de dar conta do processo de desenvolvimento e sim das resultantes desse processo.

Assim, a partir dos anos 70, vários investigadores começaram a estudar o percurso seguido pelos adolescentes até à organização da identidade. Uns partiram directamente da teoria de Erikson como aconteceu com Kohlberg (1973) e o seu modelo Desenvolvimental Cognitivo ou com Loevinger (1990)

e o modelo Desenvolvimental do Ego ou ainda com Kegan (1980) e o modelo Construtivo-Desenvolvimental. Mas qualquer destes investigadores tem uma visão relativamente restrita da teoria de Erikson limitando-se a aspectos parcelares ao destacar a função do Ego enquanto instância organizadora e de consciência.

Em todo o caso, qualquer deles encara a identidade como um processo desenvolvimental composto por uma série de estádios consecutivos de ordem invariante e que se caracterizam por alterações qualitativas. Do mesmo modo todos consideram que a identidade implica uma progressiva distinção entre o self e o outro. Todos consideram também que a preocupação com a identidade é a principal motivação da adolescência apesar de este processo não poder ser separado dos antecedentes infantis.

Outros investigadores (Waterman, 1985) partiram do contributo de Marcia sugerindo que cada um dos estatutos de identidade por ele operacionalizados fossem encarados como padrões sequenciais ou fases com vista à formação da identidade. Em cada uma dessas fases o padrão dominante evoluía desde a Difusão, à Forclusão, à Moratória, à Identidade. Supostamente um indivíduo que se encontrasse no Estatuto de Difusão tenderia a evoluir para o de Forclusão, estes para o de Moratória e estes para o de Aquisição da identidade. Seria de esperar que todos os indivíduos começassem por pertencer ao Estatuto de Difusão uma vez que ainda não terão organizado uma identidade. Mas Waterman (1985) no seu estudo que abrangeu estudantes desde o 6° ano, verificou que os quatro Estatutos estão sempre presentes em todas as idades e ainda que em todas as idades se encontra uma percentagem considerável de sujeitos no estatuto Forclusão. Evidentemente que não se tratando de um estudo longitudinal

não é possível inferir daqui que todos estes sujeitos se manteriam no mesmo estatuto de identidade. Contudo, a hipótese de Waterman é a de que desde a Difusão o sujeito tenderia a progredir para a Forclusão ou para a Moratória, da Forclusão o indivíduo tenderia a evoluir para a Moratória mas também podia voltar à Difusão, da Moratória o indivíduo poderia evoluir para a Aquisição da Identidade ou voltar à Difusão. Quando tenha atingido o estatuto da Aquisição da Identidade poderia voltar quer à Motatória quer à Difusão mas já não à Forclusão uma vez que já tinha vivenciado uma crise e assumido compromissos. São portanto identificados padrões progressivos e regressivos mas aparentemente não é possível encarar como estádios os estatutos diferenciados por Marcia uma vez que o percurso não é invariante.

Do exposto não podemos evidentemente concluir que a organização da identidade não é um fenómeno de desenvolvimento, mas sim que esta se desenvolve com um ritmo e um estilo que varia de indivíduo para indivíduo e muito provavelmente de sexo para sexo mas não há estudos comparativos que nos forneçam conclusões cabais quanto a estas diferenças. De qualquer modo Waterman (1985, p.18) fornece dados estatísticos que apontam para uma evolução gradual da identidade com predominância da Difusão nos primeiros anos da adolescência, com uma distribuição quase igual entre a Difusão e a Forclusão no início da escola secundária, uma predominância da Forclusão no fim da escola secundária, uma distribuição quase equitativa entre os diversos estatutos na entrada para o ensino superior e uma predominância da Aquisição da Identidade no fim do ensino superior.

Um outro problema que se põe é o de saber como se efectua a passagem de um estatuto para outro. De um modo geral os estudos feitos até meados dos anos 80 não incidiam sobre os mecanismos responsáveis por essa transição

embora todos os investigadores vissem a identidade como um fenómeno de desenvolvimento. Waterman (1982) deu conta de vários padrões de sequências desenvolvimentais e Kroger e Haslett (1991) aperceberam-se de que o desenvolvimento não era uniforme uma vez que variava segundo o domínio considerado e segundo o sexo. No sexo masculino a transição era mais rápida no domínio vocacional mas para o sexo feminino a transição mais rápida era no domínio relacional. Este facto foi atribuído à escolha de diferentes estilos de vida como variável contextual mas isto significa apenas que tem de ser dada mais atenção às variáveis contextuais que devem ser operacionalmente definidas.

Outros autores partiram dum duplo quadro de referência: o do construtivismo e o do modelo de Marcia. Foi o caso de Berzonsky (1988) que define a identidade como uma teoria àcerca do "*self*" e a entende como um constructo pessoal que não interessa saber se é falso ou verdadeiro mas apenas se é eficaz na resolução dos problemas com que o indivíduo se confronta. Subjacente está a ideia de que a identidade é algo que se constrói por meio de deliberações conscientes após recolha de informação pertinente. Neste sentido não pode falar-se verdadeiramente de um desenvolvimento mas antes de várias construções ao longo da vida do indivíduo. Estas construções acompanham o desenvolvimento do "*self*". É certo que segundo Berzonsky as construções que o indivíduo faz influenciam os comportamentos e consecutivamente as respostas que recebe do meio envolvente relativamente a eles. Contudo o sujeito é visto como um ser de consciência que avalia a informação recolhida e delibera em função dessa informação. « *A formação da identidade envolve a construção de uma história ou teoria àcerca do "self" que se desenvolveu. A questão chave é se as*

construções são úteis e não se são verídicas.» (Berzonsky, 1986, p.115). Assim, não é a identidade que se desenvolve mas sim o "self" àcerca do qual o indivíduo constrói a sua teoria. « *A pergunta relavante não é "Quem sou eu?" mas "Quem é que eu penso que sou?"*» (1986, p.115).

Não parece que o autor contemple a hipótese de que estas teorias àcerca do "*self*" sejam construídas com base em deliberações que não sendo casuais envolvam processos de tomada de decisão inconscientes, ou que o indivíduo faça as suas deliberações sem estar plenamente consciente das consequências a longo prazo. Também não é tido em conta o papel dos valores ou para usar outra terminologia, do Ideal do Ego que outros investigadores enfatizaram como uma componente orientadora importante no desenvolvimento da identidade. Não parece óbvio que os indivíduos deliberem àcerca da orientação das suas vidas de um modo tão pragmático como Berzonsky supõe.

No entanto os indivíduos constróem teorias àcerca do "*self*" e das suas vidas que são resultantes não só das suas características psicológicas e desenvolvimentais numa determinada época das suas vidas mas também das experiências de vida passadas e actuais que sempre dependem do sujeito e do contexto em que ele vive. Assim a tese construtivista não é em si mesma absurda mas limitada na sua abrangência. De resto o próprio Berzonsky (1988,1990) estuda a relação entre os constructos pessoais e os estatutos de identidade para concluir que cada estatuto elabora um diferente e característico constructo pessoal. Conclui além disso que as deliberações que o indivíduo faz àcerca do "self" têm as suas limitações uma vez que quer as suas características biológicas quer o contexto social lhe impõem restrições. Deste ponto de vista verifica-se na teoria de Berzonsky

uma concepção do desenvolvimento do indivíduo de costas voltadas para os contextos em que este se desenvolve – desde logo o contexto relacional – o que constitui um recuo relativamente à teoria de Erikson e ainda relativamente às teorias do ciclo de vida ou do desenvolvimento em contexto.

Grotevant (1987) sublinhando a importância do facto de a identidade se desenvolver ao longo do ciclo de vida num meio social constrói um modelo contextual « *focando mais directamente o processo de exploração da identidade....a exploração da identidade pode ser definida como um comportamento orientado para a resolução de problemas produzindo informação acerca do próprio e do ambiente de modo a tomar uma decisão acerca de uma escolha importante na vida.*» (p. 204).

Assim, no seu modelo são introduzidas variáveis referentes ao sujeito (personalidade, capacidades cognitivas, identidade no momento) e variáveis contextuais (meio sócio cultural, família, coetários, escola, etc.) do meio em que o indivíduo constrói a sua identidade que interagem, conduzem à exploração num determinado domínio da identidade e que consequentemente terão influência noutros domínios. Nesta exploração é importante dizer que Grotevant considera resultantes afectivas e cognitivas que interagindo se traduzem em novas consolidações da identidade. Um tal processo é entendido como recursivo a vários níveis uma vez que uma nova organização da identidade conduz a novas características psicológicas que interagem com o contexto ambiental percebendo-o e transformando-o de maneiras novas que conduzem por sua vez a novas explorações.

Este modelo, embora Grotevant se lhe não refira, aproxima-se do modelo desenvolvimental ecológico de Bronfenbrenner de que falaremos mais tarde.

Por hora limitemo-nos a constatar que o modelo de Grotevant, tentando dar conta do contexto ambiental a que originariamente se referia Erikson, se torna, pelo menos em teoria, bastante mais dinâmico e abrangente do que os dos outros investigadores que tentaram estudar o processo de desenvolvimento da identidade.

Levantou-se ainda o problema de saber como começaria todo este processo uma vez que como vimos a maior parte dos estudos sobre a identidade incidiram na fase final da adolescência. Posteriormente alguns investigadores propuseram-se estudar a média adolescência mas são ainda escassos os estudos sobre a identidade no início da adolescência. Ora na sequência da formulação teórica de Blos parece ser do consenso geral que no início da adolescência se levanta o problema do 'desligamento' em relação aos introjectos da infância. Mas enquanto o autor chama a este processo individuação por pressupor que o abdicar das relações infantis implica a individuação, autores mais recentes entendem dever desligar os dois processos de modo que só após a separação dos objectos infantis introjectados começaria o jovem a individuar-se no sentido de construir um "self" independente. Entre os autores que assim pensam está Josselson (1980) que concebe a adolescência como um processo em que se realizam três tarefas: a da individuação, a da conquista da autonomia e a da constituição de uma identidade. Kroger (1990) também defende que o processo da adolescência segue de perto as mesmas fases definidas por Mahler (1975) durante a infância o que implica uma separação prévia à individuação. La Voie (1990) apoiado em dados empíricos defende as mesmas fases. Mas além disso verifica que quanto maior é a individuação,

mais se incrementa a autonomia e os movimentos em relação à constituição de uma identidade.

Contudo, lembramos que quer Coleman (1978), quer Matteson (1985b) chamam a atenção para as grandes alterações em termos somáticos que ocorrem no início da adolescência e para a ideia de que os adolescentes logo neste período se confrontam com crises no que respeita por exemplo ao corpo. Esta teoria conduz a uma concepção segundo a qual ainda no início da adolescência alguns domínios da identidade ficam estabilizados, passando o jovem a ocupar-se de outros em relação aos quais se confronta com crises que conduzirão a tomadas de decisão noutros domínios da identidade. É a teoria de que existem ao longo da adolescência "crises focais" que o sujeito defronta sequencialmente.

Ainda assim, resta o problema de saber o que fará com que um indivíduo, seja qual for o domínio identitário, transite de um estatuto ou de uma forma de organização para outra. Se inicialmente e de acordo com a teoria de Erikson a visão dominante implicava a concepção de que para o desenvolvimento da identidade era forçoso que o indivíduo passasse por um período de crise e de exploração de papéis (ou seja pelo estatuto de moratória no sentido pessoal do termo), surgiram entretanto vários investigadores como Offer e Offer (1975) ou Douvan e Adelson (1966), que concluiram por uma progressão desenvolvimental sem grandes conflitos ou angústias. O próprio Coleman ao falar das crises focais indica uma perspectiva um pouco mais serena do desenvolvimento da identidade. Flum (1990) debruçando-se sobre o início e a média adolescência encontra dois tipos de desenvolvimento da identidade: um que seria caracterizado pela travessia de um período de moratória e outro que seria caracterizado por

um tipo de desenvolvimento muito semelhante ao descrito por Coleman com um enfrentar sequencial das questões típicas desta fase. A este último chama ele, Estilo Evolutivo de Formação da identidade. É preciso dizer que Flum faz uma abordagem em que os estatutos de identidade são vistos como perfis diferenciadores de diferentes estilos da abordagem dos problemas da identidade e que concluindo pela existência de formas de os abordar através da moratória descrimina também um estilo sem passar pelas crises agudas da moratória. Estes percursos diferenciados dependiam de variáveis inerentes ao sujeito mas também de variáveis contextuais favoráveis ou desfavoráveis.

I. 3 – Conclusão

Como a maioria dos autores tomamos a identidade como um fenómeno de desenvolvimento que atinge o seu período crítico durante a adolescência. Em parte esse percurso é consciente como se constata pelas interrogações que vários autores exemplificam em torno da pessoa que os jovens são ou que gostariam de ser. Por outro lado existem motivações e remodelações das quais o indivíduo não tem consciência como as que dizem respeito aos objectos internos e se traduzem numa alteração da relação com os que lhes são próximos. Isto não significa que não haja uma constante construção e remodelação do "*self*" e mesmo das teorias àcerca do "*self*" mas apenas que em parte, essas remodelações não são completamente conscientes e feitas por via de deliberações controladas pelo sujeito.

Além disso somos de opinião tal como Coleman, Matteson ou Bosma de que o adolescente não constrói a sua identidade a partir de uma única crise no

final da adolescência. O jovem atravessa múltiplas crises entendendo crise tal como Erikson a define como um ponto de viragem de tensão acrescida mas também de potencialidade desenvolvimental máxima. Estas crises não implicam necessariamente grandes conflitos com o exterior ou conflitos internos insuportáveis mas apenas um conflito entre possibilidades de escolha opostas que nem sempre são resolvidas por uma deliberação consciente.

Tal como Archer, Waterman ou Bosma entendemos existirem evidências de que o desenvolvimento da identidade diferencia rapazes de raparigas no que respeita ao ritmo e aos domínios ou conteúdos privilegiados por cada um dos sexos para organizar uma identidade coesa e autónoma. Para além das diferenças entre os sexos existirão diferenças individuais no modo como se processa o desenvolvimento da identidade que de acordo com Flum podem ser designados por estilos. Os estilos variarão de acordo com as características psicológicas desenvolvidas até ao momento considerado e de acordo com os contextos em que o jovem se desenvolve.

Em nosso entender e de acordo com Coleman e Matteson o processo pelo qual se forma a identidade é desencadeado pela puberdade por foça das alterações somáticas, cognitivas, emocionais e sociais que a acompanham e em parte são por ela determinadas.

Uma das questões que se têm levantado em torno do desenvolvimento prende-se com o processo através do qual se dá a passagem de um estatuto de organização da identidade a outro. Vários autores têm defendido que a resolução deste problema passa pela utilização de uma metodologia mais aprofundada e por estudos longitudinais o que nos parece correcto. Mas além disso a abordagem mais sistemática dos contextos de desenvolvimento

poderá ajudar a responder a esta questão. O estudo do desenvolvimento da identidade a partir de idades mais precoces pode também dar uma ajuda na compreensão dessas mudanças já que o processo é abordado a partir do seu início. Certamente que isso implica também uma alteração dos métodos que têm mais frequentemente sido utilizados o que abordaremos no capítulo dedicado aos métodos.

II – A ADOLESCÊNCIA

Posto que o período crítico do desenvolvimento da identidade é a adolescência forçoso se torna expor algumas ideias relativas a este período do ciclo de vida. Como veremos há concepções diversas no que respeita a este período de desenvolvimento.

II. 1 – Concepções da Adolescência

O interesse pela adolescência como período desenvolvimental é relativamente recente nas ciências humanas. Tal se deve ao facto de as condições sociais antes da segunda metade do séc. XIX não permitirem uma visão da adolescência como um período definido. Antes, ela era apenas uma curta passagem da infância para a adultícia, determinada pela eclosão da puberdade , mais tardia do que actualmente, após a qual o indivíduo entrava imediatamente na vida adulta. Era vista portanto, apenas como um curto período de crescimento e não tinha a conotação actual de período de desenvolvimento psicológico.

Durante a revolução industrial, os adolescentes eram amplamente utilizados como força de trabalho, menos dispendiosa do que a dos adultos, e por isso mesmo a adolescência adquire uma acepção mais ampla. No entanto, só na segunda metade do séc. XIX, devido a uma crescente necessidade de treino, com vista à execução de tarefas mais complexas, é implementada a educação obrigatória e o período da adolescência se alarga. Hoje a adolescência é vista como um período de desenvolvimento específico que começa mais cedo, com o aparecimento precoce da puberdade e ocupa a segunda década de vida, podendo prolongar-se para além dos vinte anos com o alargamento do período de aprendizagem profissional e de dependência em relação aos pais.

Apesar do reconhecimento dos adolescentes como força de trabalho, só no início do século XX surgiram os primeiros estudos sobre a adolescência com Stanley Hall. Alguns autores consideram a adolescência como um período criado artificialmente, enquanto outros (Grinder,1970; Hamburg,1986) acentuam que a influência dos factores que permitiram o reconhecimento da adolescência como um período desenvolvimental são também responsáveis pelo aparecimento de dificuldades múltiplas e conduziram a uma visão da adolescência como um período crítico ou tumultuoso. Algumas dessas dificuldades são exactamente atribuídas ao alargamento do período da adolescência que resultaria, para os jovens, num aumento das incertezas quanto ao seu papel ou ao seu futuro. Na base disto está a ideia de que os jovens estariam preparados para uma vida adulta da qual são arredados por factores sócio-económicos.

O facto de se verificar uma progressivamente mais precoce maturidade sexual (Tanner,1971) levantaria também problemas posto que a maturidade

psicológica é mais tardia e a maturidade em termos do estatuto social o é ainda mais. Isto conduz por um lado, a um alargamento do tempo de espera para a realização dos desejos e projectos e por outro, a tomadas de decisão que são forçadamente precoces (por exemplo no que respeita à escolha profissional) e que afectarão toda a vida do indivíduo. Outro dado importante que resulta do prolongamento da escolaridade e do treino profissional, é a cisão que hoje se verifica entre o mundo dos adolescentes e o mundo dos adultos referida por vários autores (Hamburg, 1986; Bronfenbrenner, 1986). Devido a esse prolongamento e também às condições de trabalho que actualmente abrangem ambos os pais, particularmente a partir da pré-adolescência, os jovens têm um contacto muito reduzido ou não têm de todo contacto, com o mundo dos adultos, nomeadamente no que se prende com as suas funções sócio-profissionais. Em consequência, os papéis desempenhados pelos adultos, fora do ambiente estritamente familiar, são-lhes cada vez mais alheios a não ser através do cinema ou da televisão que fornecem modelos pouco realistas. O jovem não tem portanto como partilhar das dificuldades e vantagens do estatuto de adulto nem tem como se identificar com modelos reais próximos. A própria família alargada, vistas as condições de trabalho e a muito maior mobilidade social, perdeu a sua função de rede de suporte. Assim, os adolescentes ficam entregues a si próprios e como a sua mobilidade aumentou, relativamente à da infância, têm a possibilidade de ingressar em grupos de pares que a partir da puberdade adquirem uma importância crescente para o desenvolvimento psicológico mas que podem vir a constituir-se como substitutos das relações com os adultos.

Os autores de orientação psicanalítica mais clássica como A. Freud (1958), encaram também a adolescência como um período altamente conturbado, atravessado por comportamentos inadaptados, conflitos com os pais e até crises psicóticas que seriam normativas. No entanto, a explicação de tais características não era encontrada em razões de ordem sociológica mas antes na emergência pubertária dos impulsos sexuais demasiado intensos para uma estrutura egóica frágil. O conflito, embora que traduzido em termos comportamentais, emanava de um esforço defensivo do Ego para se opor à emergência pulsional sentida como perigosa. Posteriormente, a evolução da teoria psicanalítica implicou uma alteração desta visão clássica. Conservando-se embora a noção de que a adolescência é desencadeada pela emergência dos impulsos pubertários e de que é atravessada por conflitos assistimos a uma alteração da concepção quer dos impulsos quer dos conflitos. Por um lado o acento deixa de ser posto apenas nos impulsos sexuais para passar a englobar também os agressivos que necessitariam de uma nova integração. Por outro lado, os conflitos que se desencadeiam relacionar-se-iam acima de tudo com uma remodelação de toda a estrutura da personalidade que resultaria de uma necessária remodelação das relações com os objectos internos infantis (Blos, 1958, 1965, 1967, 1968, 1979). Esta remodelação conduziria entre outras coisas à individuação e logo à organização de uma identidade. Os conflitos, fundamentalmente internos poderiam eventualmente conduzir a conflitos com o meio exterior, principalmente as figuras parentais mas apenas devido ao processo interno de remodelação que o adolescente sofre.

Investigadores da linha psicossocial do desenvolvimento fundada por E.Erikson (1950) concebem também a adolescência como um período crítico

marcado por conflitos que se prendem com a procura de um lugar e uma função na sociedade.

Todavia, outros autores defendem que a adolescência é um período de desenvolvimento progressivo não tumultuoso e aconflitual. Masterson(1967, 1968) entende que a patologia durante a adolescência, considerada pelos primeiros psicanalistas como necessária ao desenvolvimento, não faz parte do desenvolvimento normal. Douvan e Adelson(1966) depois de terem estudado 3500 adolescentes normais não encontraram sinais de preocupação com o controlo dos impulsos. Offer e Offer (1975) tendo realizado um estudo longitudinal de 73 adolescentes não encontraram turbulência, fraqueza do Ego ou rejeição dos laços parentais. Estas e outras verificações na mesma linha conduziram à conclusão de que muito possivelmente os psicanalistas apenas tinham a visão da adolescência que lhes era fornecida através da clínica que abordava tão só os jovens perturbados, assumindo então que os seus conflitos eram os mesmos que atravessavam os adolescentes normais. De facto, é algumas vezes difícil, distinguir na adolescência a normalidade da patologia. Mas isto verifica-se principalmente quando esta não se revela por distúrbios comportamentais que possam ser incomodativos para o meio circundante como é por vezes o caso dos jovens que se isolam dos seus pares e se mantêm excessivamente ligados aos pais. No entanto é difícil não admitir que nomeadamente a pré-adolescência não constitui um período de grande desorganização (Marcia, 1983). As alterações rápidas das dimensões e estrutura corporal, a intensificação dos impulsos que constitui uma experiência excitante mas também assustadora (Josselson,1980), as maiores exigências impostas pelo meio social e as alterações das capacidades cognitivas, tudo isto forçando a

uma mudança de valores e atitudes, são diferenças demasiadas para que não exijam um grande esforço a toda a estrutura da personalidade, a menos que sejam negadas o que por si só constitui um esforço provavelmente maior e de implicações mais nefastas.

Há uma grande diversidade entre adolescentes no que respeita não só ao início deste período mas também à sua finalização. Se o início é supostamente determinado pelo aparecimento dos sinais pubertários que ocorrem em idades variadas dentro dum mesmo sexo e em média dois anos mais cedo nas raparigas do que nos rapazes, o fim é determinado mais por razões de ordem sociológica que se prenderão com o acesso ao ensino superior nas classes mais favorecidas ou a entrada no meio laboral mais precoce nos meios sociais mais desfavorecidos.

No entanto, independentemente destes factores a própria visão da adolescência, por parte da comunidade científica, como vimos, é variável sem que muitas vezes pareça estar em relação com uma qualquer posição espistemológica.

Referimo-nos já a duas visões mais gerais que são dissemelhantes. Uma descreve a adolescência como um período de desenvolvimento contínuo sem turbulência nem crises considerando que os adolescentes mais tumultuosos não são normativos. Outra visão é a da adolescência como um período atravessado pela crise que seria normativa e promotora de desenvolvimento. Esta é a visão inicial da psicanálise, reavivada pela teoria de E. Erikson que deu origem a muitas investigações particularmente no que se refere à organização da identidade. No entanto, como veremos o conflito a que se referem os psicanalistas não é o que foca Erikson e principalmente toda a pléiade dos que investigam a partir da sua teoria. Em alguns deles, a noção

de conflito parece restringir-se ao que se manifesta claramente em termos comportamentais nas relações com os pais ou noutros contextos sociais mais alargados.

II. 2 – A Adolescência Como Período de Desenvolvimento

Frequentemente encontramos para referir a adolescência a designação de período de transição como se se tratasse de uma terra de ninguém cuja existência apenas fosse considerada por se situar entre dois estados, esses sim com existência definida.

De algum modo isto constitui uma herança da história do aparecimento da adolescência em termos sociológicos e científicos mas também reflecte as características da própria adolescência enquanto período de alterações intensas. Na verdade, as mudanças que se operam no adolescente incidindo sobre o corpo, o equilíbrio afectivo, as capacidades cognitivas, as relações sociais, atingem todas as dimensões da vida do jovem e manifestam-se a cada dia que passa.

É comum dizer-se que a adolescência começa com as manifestações pubertárias que de um modo geral surgem pelos 11 anos mas há também uma grande remodelação em termos cognitivos com o desenvolvimento das operações formais que implicam forçosamente uma nova visão da realidade e uma necessidade de readaptação a um novo mundo criado pelas novas capacidades.

A importância do fenómeno pubertário foi particularmente enfatizada como é sabido pela psicanálise que se apercebeu da dificuldade do jovem em lidar

com os impulsos sexuais intensificados. Embora o enfoque da psicanálise fosse inicialmente feito sobre os mecanismos defensivos que o Ego desencadeava para lidar com os impulsos sexuais. Mas outros autores, nomeadamente a partir dos anos 60, investigaram mais de perto a relação com as alterações dos caracteres sexuais secundários e com as novas funções corporais desencadeadas. Significa isto que não se trata apenas de saber como lidar com o incremento dos impulsos sexuais mas também da adaptação a um corpo em constante mudança que em certas alturas do desenvolvimento perdeu a sua harmonia característica da infância e que o jovem não sabe como vai estabilizar. Embora continuasse a ser focado o trabalho do Ego, a perspectiva alterou-se: agora era focada uma função mais adaptativa conquanto continuasse a respeitar às alterações corporais.

Posteriormente por influência de dois psicanalistas a visão da adolescência e o enfoque na investigação sobre este período sofreu grandes mudanças. Foram eles Mahler com as suas descobertas sobre o processo de Separação-Individuação e com a importância que conferiu à introjecção, e Hartmann (1939) com a sua teoria sobre as funções autónomas do Ego que acentuou sobretudo as funções adaptativas desta instância. Mahler teve uma grande influência sobretudo em Blos que trabalhou a relação do adolescente com os introjectos infantis e Hartmann influenciou sobretudo Erikson que desenvolveu a sua teoria psicossocial do desenvolvimento.

Uma e outra teorias se revelaram muito importantes conquanto tenha sido sempre privilegiada uma delas em detrimento da outra como se elas fossem mutuamente exclusivas.

Na verdade Blos (1958, 1965, 1967, 1968, 1979) descreve um processo de desenvolvimento que se inicia com a entrada na puberdade e termina com a

formação do carácter no final da adolescência. Em rigor, este processo é descrito como marcado por três processos que embora estejam interligados são distintos. O primeiro é o processo da individuação que é essencialmente a alteração com os objectos internos infantis, o segundo é o desenvolvimento de uma identidade sexual e o terceiro é a formação de um Ideal do Ego. Estes processos são também vistos como uma remodelação de toda a estrutura interna que deixa de estar submetida e sob a protecção das figuras tutelares da infância para se transformar num conjunto de funções abstractas e pessoais. Este desenvolvimento descrito por Blos ocuparia toda a adolescência e só se estabilizaria no final deste processo. Blos refere mesmo que a identidade sexual só no final da média adolescência tenderia a estabilizar-se e a formação do Ideal do Ego enquanto instância orientadora da acção só se completaria no final da adolescência. Só então poderia dizer-se que o indivíduo organizou uma identidade e está pronto a entrar na adultícia. Dito isto, se acordo com Blos, é preciso sublinhá-lo, o desenvolvimento da adolescência depende de uma alteração central de que dependem todas as outras: a remodelação das relações com os pais introjectados da infância. Autonomia e organização de uma estrutura interna tal como a conhecemos no indivíduo adulto estão altamente dependentes do processo de Individuação ocorrido a partir do início da adolescência.

Erikson ao salientar a capacidade do Ego para se desenvolver de certo modo livre dos conflitos sexuais da puberdade acentua os aspectos adaptativos e portanto a ligação à realidade. Assim, embora refira as dificuldades iniciais do jovem para lidar com os conflitos de natureza sexual, o cerne da sua teoria vai mais no sentido de valorizar as funções adaptativas do Ego em

contacto com a realidade social que de algum modo impele o jovem para o desenvolvimento. Deste modo chama a atenção para outro conjunto de tarefas que não estando em conexão estreita com a sexualidade infantil estão contudo em conexão com a relação com as figuras parentais e o seu papel no desenvolvimento do adolescente. O adolescente terá de furtar-se à influência que sobre ele exercem as figuras parentais e para isso volta-se para um mundo mais lato em que são centrais os coetários e em que pode começar a desenvolver uma identidade. Mas não são apenas os coetários que exercem grande influência sobre o jovem. Todo o contexto social adquire uma importância que não tem na teoria de Blos. Os valores que a sociedade apresenta assim como as portunidades que propicia são igualmente importantes como facilitadores da exploração que permite ao jovem experimentar, escolher e finalmente fazer compromissos.

De todo este processo contudo, não está arredada a noção de conflito posto que na teoria de Erikson o conflito atravessa todo o desenvolvimento e é-lhe mesmo imprescindível particularmente na adolescência. Em concreto a adolescência é « *uma crise normativa, i.e., uma fase normal de conflito acrescido caracterizada por uma aparente flutuação da força do ego e contudo também por um alto potencial de crescimento.*» (1956, p.125)

Assim, a adolescência começando com a puberdade implica a confrontação com uma série de crises psicossociais que colocam o jovem perante duas possibilidades opostas de escolha: a de uma regressão e a de uma resolução com a aquisição de novas capacidades. O conflito e as escolhas não têm necessariamente de ser conscientes mas em muitas investigações subsequentes e que partem da teoria de Erikson é exactamente a componente consciente deste processo que é salientada porque também

esta é a componente que mais facilmente é operacionalizável, nomeadamente quando se pretende fazer investigação em larga escala.

Em todo o caso surgiram investigadores (Josselson; Bosma) que entendem que os enfoques de Blos e de Erikson com todas as investigações que se lhe seguiram não são opostos mas representam duas faces de uma mesma moeda. Ou seja: os processos descritos por um e outro existem e são igualmente importantes simplesmente não tem havido investigadores que os aliem como estão aliados ao longo do desenvolvimento no jovem.

De acordo com Josselson, para além das funções defensivas do Ego existem duas outras tarefas importantes durante a adolescência: « *(1) consolidar a autonomia através da individuação e da internalização e (2) integrar a identidade.*» (1980, p.189) A autonomia seria então uma face complementar da individuação na medida em que só seria possível se se realizasse a individuação. Contudo, de ambas dependeria a organização da identidade. Mas mais do que isso «*...há uma sequência interdependente de individuação/autonomia/formação da identidade. Também é recursiva no sentido em que um incremento na formação da identidade conduz a maior individuação.*» (1980, p.192)

Mas além disso esta autora especifica que o processo de individuação descrito por Blos tem a função de libertar o adolescente dos introjectos que para além de serem restritivos desempenharam o papel de reguladores da auto-estima. O jovem tem de fortalecer o seu Ego em contacto com a realidade que constantemente o põe à prova mas também o reforça, no sentido de ser ele próprio a regular a sua auto-estima. O Ego tem portanto de dissociar a auto-estima da ligação aos objectos internos e ao Super-Ego infantil o que implica construir novas representações do self ligadas e

testadas pela realidade. Este processo difícil seria o responsável pelos sentimentos de vazio e de vulnerabilidade característicos da adolescência. No entanto não se trata de deitar for a todos os introjectos mas sim de os remodelar sempre que isso é possível e de abdicar dos que não serão úteis na nova organização. Só no fim da adolescência seria possível o trabalho de integração constitutivo da identidade.

Isto levanta o problema da altura em que estas mudanças ocorrem até porque os primeiros autores que se debruçaram sobre a adolescência começaram a fazê-lo a partir do fenómeno pubertário enquanto os autores recentes se têm trabalhado sobretudo o fim da adolescência. Não é portanto surpreendente que encontrem problemáticas e características diferentes. Referir-nos-emos a este aspecto no capítulo seguinte.

II. 3 – As Fases da Adolescência

A ideia de continuidade deste período desenvolvimental defendida por alguns autores, não tem tido impacto entre pais ou educadores que lidam com os jovens no quotidiano. Além disso, há (Josselson, 1980) que apoiam a sub-divisão em fases com base na descoberta de descontinuidades no processo da adolescência e ainda na verificação de que, se não se tiver em conta as idades cronológicas, se encontra uma sucessão de tarefas de crescimento que podem organizar-se em estádios como mostrou Hatcher (1973 cit. Josselson, 1980). No entanto, a falta de uniformidade que se encontra na literatura sobre a adolescência não se refere apenas às idades consideradas mas também à sub-divisão e à classificação das diferentes fases.

Muitos, embora designem de um modo geral por adolescência todo o período que decorre entre o aparecimento da puberdade e a adultícia, denominam contudo o período inicial em que ocorrem as transformações pubertárias por pré-adolescência. É o caso de A. Freud (1958), Blos (1958) ou Harley (1970). Kestemberg (1980) chama pré-puberdade a este mesmo período reservando o termo puberdade para a altura em que é atingida a maturidade sexual e Sklansky (1980) chama-lhe pubescência.

Na verdade, estes autores acentuam as alterações somáticas apesar de operarem uma diferenciação entre essas alterações e os processos psicológicos que elas desencadeiam e sub-tendem considerando estes últimos como caracterizando o processo *adolescentil*.

Assim, quando nos debruçamos sobre a literatura relativa ao período que decorre desde a eclosão da puberdade até ao que é geralmente designado por média adolescência temos alguma dificuldade, mormente em estudos empíricos, em compreender a que idades se referem os autores. É certo que as idades não são o mais importante posto que estas estão sujeitas a variações individuais idiossincráticas e a variações sócio-culturais. Todavia, a questão torna-se mais importante quando um investigador diz ter trabalhado com a fase inicial da adolescência e menciona uma amostra que engloba sujeitos entre os 13 e os 15 anos enquanto outro engloba uma amostra entre os 11 e os 14 anos.

Piaget (1972), que investigou as mudanças na estrutura cognitiva também a partir da puberdade definiu, um período entre os 11 ou 12 anos e os 14 ou 15 anos que classifica como o período pré-adolescente em que se observa o aparecimento das operações formais.

Portanto, em concomitância com a entrada na puberdade e independentemente do rigor das idades consideradas ocorrem importantes modificações na estrutura afectiva, cognitiva e na vida relacional e não seria certamente realista considerar que as modificações somáticas não têm efeito sobre toda a estrutura psíquica e sobre a vida de relação. Por preocupação de rigor ou porque queiram sublinhar as alterações somáticas, há autores que operam uma distinção temporal entre a pré-adolescência que ocorreria entre os 10 e os 12 anos e a adolescência inicial entre os 13 e os 15 sensivelmente. Esta subdivisão, assim como a terminologia adoptada sugerem a concepção de que a adolescência começa apenas depois das transformações pubertárias excluindo-as do processo da adolescência. Contudo, as investigações referentes à influência do estatuto pubertário nas relações sociais (no seio da família ou entre coetários) ou as respeitantes à remodelação da imagem corporal sugerem uma influência importante do fenómeno pubertário no desenvolvimento principalmente nos primeiros anos da adolescência. Evidentemente que isto levanta o problema da diferença entre os sexos uma vez que geralmente nos nossos dias, uma rapariga de 12 anos já atingiu a menarca enquanto um rapaz da mesma idade ainda não teve a primeira ejaculação. Deste modo seríamos conduzidos à conclusão óbvia de que as raparigas entram mais cedo do que os rapazes no processo da adolescência o que é de resto uma opinião generalizada.

Independentemente da altura em que ocorre a entrada na adolescência há um consenso quanto à fase anterior. O período de latência é definido como uma fase marcada pelo equilíbrio. Há uma inibição dos impulsos sexuais por obra do controle exercido pelo Ego e pelo Super-Ego que se desenvolveram o suficiente para poderem ser estruturas fortes e

relativamente estabilizadas. A criança desenvolveu muitas competências, tem prazer em utilizá-las e preocupa-se com a moral e as regras procurando sobretudo ser boa. Trata-se portanto de uma fase calma, sem conflitos com as figuras parentais e os adultos em geral, quando comparada com as que se lhe seguem. De acordo com Erikson (1956) ou Blos (1962) este equilíbrio é rompido pelo aparecimento dos intensos impulsos pubertários e é então que o Ego se vê forçado a lutar contra a emergência desses impulsos no sentido de voltar a controlá-los. É este período que Blos chama pré-adolescência e situa aproximadamente entre os 11 e os 13 anos embora saibamos que há grandes variações quanto à faixa etária que pode ser considerada. É a esta fase que se refere no rapaz o reaparecimento da angústia de castração em relação à mãe arcaica (Blos, 1962; James, 1964) de modo que surgem conflitos com a mãe real relacionados não só com o medo mas também com a inveja contra os quais usa defesas homossexuais a que no entanto falta uma componente erótica que se encontra depois na fase seguinte. Na rapariga surge um impulso regressivo para se submeter à mãe pré-edipiana contra o qual luta através de uma fuga para uma heterossexualidade precoce que tem uma componente marcadamente agressiva.

Na pré-adolescência Blos considera o estabelecimento de relações objectais não incestuosas a principal motivação do jovem que procura acima de tudo relações com pares do mesmo sexo que tendem a ser idealizados. Nesta altura existe também um progressivo afastamento e desinvestimento da moral interiorizada das figuras parentais e uma oposição a ela o que implica uma fragilização do ego.

A fase seguinte a que Blos chama adolescência propriamente dita ou média adolescência é marcada por uma procura de objectos heterossexuais o que significa um maior afastamento em relação aos objectos infantis. É também a esta fase que Blos refere um aumento do narcisismo que se traduz numa centração em si próprio, grande susceptibilidade e fantasias de grandeza assim como algum perigo de regredir por força dos impulsos pré-genitais que produzem grande ansiedade. Mas é também a esta fase que o autor atribui pela primeira vez as preocupações com o futuro que hão-de tornar-se mais intensas na fase seguinte.

No final da adolescência que Blos situa entre os 18 e os 20 anos há uma progressiva aceitação do "*self*" num plano de realidade, sem necessidade de fantasias de omnipotência, uma estabilização da auto-estima e do humor e uma final consolidação da identidade sexual. É nesta altura que o jovem consegue organizar os seus ideais e orientar-se por eles na prática.

Blos refere ainda uma outra fase, a pós-adolescência, que consistiria num período em que os valores, os ideais e os objectivos desenvolvidos na fase anterior eram postos em prática. Seria a orientação para a vida profissional escolhida, o encontro com um objecto de amor permanente e o casamento.

Josselson (1980) considera que o desenvolvimento na adolescência embora mais simbólico do que físico tem as mesmas fases com movimentos equivalentes aos do período de Separação-Individuação descrito por Mahler. Assim, ao descrever a fase do início da adolescência que situa entre os 11 e os 13 anos caracteriza-a como uma fase excitante e assustadora devido às sensações pubertárias que conduzem o jovem a estabelecer relações muito próximas com os pares de modo a poder falar sobre os segredos relacionados com o corpo, o outro sexo e os problemas que agora são

discutidos com os coetários. Isto faz com que um número crescente de àreas da vida dos jovens saia do controle parental e portanto vá dando origem a uma autonomia crescente. A semelhança em relação à fase da separação de Mahler advém do facto de os jovens retirarem um enorme prazer do sentimento de separação que sem ambivalências, vão aprofundando através de muitos procedimentos em que parecem querer dar a entender que são independentes opondo-se aos pais.

Na média adolescência em contrapartida, uma vez que já se tornaram suficientemente separados surgem movimentos de reaproximação que alternam com movimentos de repúdio denotando um sentimento de ambivalência que segundo Josselson não se encontrava no início da adolescência. Conseguida a separação e um certo nível de autonomia o jovem assusta-se com os aspectos negativos dessa separação e tem tendência a voltar a aproximar-se dos pais para restaurar a harmonia relacional que existia anteriormente. É também no fim desta fase que a autora situa um movimento de individuação como o que se realizou em relação aos pais, agora relativamente aos pares que se tornam opressivos para as necessidades de formar uma identidade pessoal.

A fase final da adolescência é aquela em que o jovem faz o trabalho de síntese dos aspectos adquiridos até ali de modo a organizar a identidade. Erikson, não obstante a sua construção centrar-se sobretudo no período que começa na média adolescência, considera também a existência de três fases: adolescência inicial, média adolescência e fase final da adolescência.

Em autores que se centram principalmente no desenvolvimento cognitivo, embora a conceptualização das determinantes do processo seja outra, as descrições fenomenológicas são muito semelhantes conduzindo à

organização de três fases distintas. Esta é portanto a classificação mais utilizada nos nossos dias, com variações em termos etários e com a ressalva de que actualmente a maior parte dos autores não confere grande importância ao período das transformações pubertárias.

Não vemos razões para destacar o período em que ocorrem as alterações somáticas do processo da adolescência. O facto de elas desencadearem uma mais acentuada distinção entre o self e os objectos e de forçarem as remodelações identitárias através da remodelação de uma das suas componentes, a imagem corporal, leva-nos pelo contrário a incluí-las no processo de desenvolvimento que é a adolescência.

Assim, consideramos uma primeira fase, a *pré-adolescência* que sumariamente caracterizamos como o lapso de tempo em que ocorrem alterações somáticas com a concomitante remodelação da imagem corporal, o desenvolvimento das operações formais, a remodelação das relações com as figuras parentais marcada pelo distanciamento correlativo de um processo de aproximação aos coetários predominantemente do mesmo sexo.

A segunda fase, a da *média adolescência*, caracterizamo-la por uma estabilização das operações formais e da imagem corporal, um investimento na autonomia em relação à qual existe ambivalência e uma aproximação aos coetários do outro sexo.

A terceira fase, a do *final da adolescência*, caracterizamo-la pela busca e consolidação de valores com concomitante reorganização e integração final do que foi adquirido nas fases anteriores sob a forma de uma identidade.

III – A PRÉ-ADOLESCÊNCIA

Posto que o nosso trabalho incide sobre o período que vai desde o início da puberdade até aos 14 anos incidiremos agora a nossa explanação sobre este período em que como referimos ocorrem diversas alterações desde os desenvolvimentos somáticos, à alteração da estrutura psíquica, às relações com as figuras significativas, englobando pais e coetários, até às relações com o contexto envolvente. Começaremos naturalmente por abordar o fenómeno pubertário.

III.1 – A Puberdade

Para muitos autores, o marco que abre a entrada para a adolescência é, como referimos, a puberdade. Alguns como Hamburg (1974) conferem-lhe mesmo o lugar de problema central do início da adolescência abordando-a como a transição crítica da infância para a adolescência. Por isso nos anos 70 explodiu um grande interesse pela investigação em torno da puberdade que depois se extinguiu para reaparecer muito recentemente.

A tão falada crise da adolescência era atribuída, como dissemos, à actividade hormonal desencadeada durante a puberdade que provocaria os humores depressivos, dificuldades nas relações com os pais e hipersexualidade. Independentemente de a vermos ou não como o factor desencadeante das mudanças da adolescência, ela é um fenómeno universal que se caracteriza pela maior taxa de crescimento depois do nascimento.

A puberdade compreende uma série de transformações no domínio orgânico que são desencadeadas por um sinal do cérebro para o qual é necessário o

desenvolvimento prévio do hipotálamo e que conduzem o indivíduo ao estado de maturidade sexual característico do adulto. Dá-se uma grande alteração na taxa de crescimento com, para além do aumento do tamanho, uma mudança na forma e composição do corpo, um desenvolvimento rápido das gónadas, dos órgãos reprodutores e dos caracteres sexuais secundários. Mas estas mudanças não se desencadeiam nem terminam na mesma idade para todos os indivíduos, conquanto a ordem pela qual ocorrem seja invariante. As diferenças parecem, em certa medida, estar relacionadas com a classe social uma vez que nas classes menos favorecidas, pelo menos na década de 60, a evolução pubertária era mais lenta, segundo estudos de Tanner (1971). Estas diferenças, relacionadas com o nível social, têm vindo a esbater-se e hoje a média etária para a ocorrência, por exemplo, da menarca é a mesma para todas as classes sociais, dando-se por volta dos 12-13 anos segundo Malpique (2003), enquanto na década de 60 a menarca ocorria em média apenas por volta dos 15 anos de idade. Assim, parece poder supor-se que a puberdade está a tornar-se mais precoce. No entanto, esta precocidade só é efectiva para as raparigas urbanas de meios mais favorecidos uma vez que em meio rural pobre não se tem verificado qualquer mudança (Malina,1985).

Todavia, referimos já que a sequência dos acontecimentos biológicos característicos da puberdade não tem sofrido alteração. Alguns autores consideram que também não se tem alterado a diferença média de 2 anos entre o desenvolvimento de rapazes e raparigas da mesma idade cronológica. Explicitando, as raparigas, em média, desenvolver-se-iam 2 anos mais cedo que os rapazes. No entanto outros como Hamill (1974, cit.

por Kestemberg, 1980) referem que esta diferença entre rapazes e raparigas também tem vindo a diminuir.

O primeiro sinal da puberdade, para os rapazes, é a aceleração do crescimento dos testículos e do escroto com mudança da textura e cor da pele e ocorre em média pelos 12 anos. O primeiro sinal pubertário, para as raparigas, é o desenvolvimento das glândulas mamárias que é acompanhado do desenvolvimento do útero e da vagina, ocorrendo por volta dos 10 anos. Esta diferença de 2 anos mantém-se relativamente às outras características. O pico de crescimento que se verifica na puberdade para os dois sexos é atingido pelas raparigas, geralmente, aos 12 anos e pelos rapazes aos 14 anos. Nesse ano de crescimento máximo, no entanto, enquanto as raparigas crescem entre 6 a 11 centímetros, os rapazes crescem entre 7 e 12. Este surto de crescimento, regulado pelo controlo hormonal, é independente do crescimento anterior e portanto um indivíduo não poderá saber, antes da puberdade, nem sequer no decorrer dela, a altura que vai atingir.

Embora o crescimento se dê por uma ordem regular ele não é em si um fenómeno regular uma vez que primeiro são as pernas que atingem o pico de crescimento, depois é a largura do corpo e só depois os ombros. As estruturas que atingem primeiro o estado adulto são a cabeça, as mãos e os pés. Por isso, principalmente as raparigas, se sentem desajeitadas e se preocupam por ter pés e mãos demasiado grandes e temem ficar sempre desproporcionadas.

Devido ao facto de o surto de crescimento ou estirão ocorrer dois anos mais cedo nas raparigas do que nos rapazes há um período entre os 12 anos e meio e os 13 anos e meio em que as raparigas têm maior massa muscular

que os rapazes, o que não acontecerá mais tarde, uma vez que nos rapazes, ao mesmo tempo que se dá o aumento da massa muscular, há uma perda de gordura maior que nas raparigas.

Por outro lado, há uma grande variabilidade quanto ao início do aparecimento dos sinais pubertários e quanto à velocidade com que ocorrem, dentro do mesmo sexo. Se em média, por exemplo, a aceleração do crescimento do pénis começa aos 12 anos e meio, ela pode oscilar entre os 10 anos e meio e os 14 e meio. Do mesmo modo o crescimento do pénis pode completar-se em média aos 14 anos e meio mas esta maturação pode oscilar entre os 12 anos e meio e os 16 e meio. Isto significa que pode haver grandes diferenças entre os rapazes no período que vai dos 13 aos 15 ou 16 anos. Se alguns rapazes de 14 anos estão a entrar no desenvolvimento pubertário, outros estarão a meio e outros estarão praticamente maturos. Isto terá certamente uma grande influência, quer no seu mundo interior, quer nas relações que estabelecem com pares, quer nas que estabelecem com os adultos ou que os adultos estabelecem com eles. Nomeadamente entre rapazes torna-se importante a aparência em termos de altura ou de massa muscular o que lhes permite facilmente afirmar-se ou mesmo liderar no grupo. Aqueles que cresceram menos ou que crescem mais lentamente têm de esperar mais tempo ou de se impor de outras maneiras que não as que se relacionam com as actividades desportivas ou a afirmação da virilidade.

O mesmo se passa com as raparigas. Embora a ordem de ocorrência dos fenómenos pubertários seja sempre a mesma, é tão grande a variação de velocidade que por vezes uma rapariga cujas glândulas mamárias e cujos pêlos púbicos estão completamente desenvolvidos ainda não é menstruada.

O intervalo médio entre o começo do desenvolvimento das glândulas mamárias e o aparecimento da menarca é de 2 anos e meio mas tanto pode ser apenas de 6 meses como de 5 anos e meio. O intervalo entre o primeiro sinal da puberdade e a maturidade completa, pode variar entre um ano e meio a seis anos. Consequentemente, a rapidez de desenvolvimento, parece ser independente da precocidade do aparecimento dos primeiros sinais.

Estas diferenças implicarão também diferenças em termos de estatuto para as raparigas. Nestas, um desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários mais precoce, tenderá a despertar um mais precoce interesse por parte do sexo oposto assim como uma maior admiração por parte das outras raparigas.

III. 2 – Efeitos Psicológicos da Puberdade

Mais importantes que as alterações pubertárias em si mesmas são os efeitos que estas provocam nos sujeitos, no contexto familiar e no contexto das relações inter-pares.

Segundo Tanner (1974) e Eichorn (1985) o desigual crescimento dos membros ou o prolongamento da puberdade provocam no indivíduo grande ansiedade. Kestemberg (1980) refere-se a uma perturbante falta de harmonia gestual que a cada passo provoca desastres, devida à alteração rápida da forma e do peso corporal e que só gradualmente, à custa de tentativas, conduz a uma nova reaquisição do equilíbrio. Além disso, a emergência dos impulsos que antes estavam controlados traz consigo uma desorganização. A própria reactividade aos estímulos se encontra alterada,

parecendo por vezes excessiva e noutras alturas demasiado baixa. A instabilidade dos contornos corporais, as variações de forma e peso provocam receios e conduzem o jovem a alterar a representação das fronteiras internas e externas. Braconnier e Marcelli (2000) referem-se a uma perturbação da relação do eu com o corpo que provocaria receios dismorfofóbicos e até questões em torno da identidade. O corpo tornar-se-ia o lugar de expressão simbólica de conflitos e modos de relação e portanto também vulnerável. O jovem deixa de ter um tipo de reactividade consistente mas por outro lado faz gestos estranhos e caretas que de acordo com Kestemberg constituem formas transitórias de tomar consciência do corpo no seu todo e portanto conduzem à formação de um Ego corporal. A própria « *libidinização de todo o corpo é importante para a formação e a persistência de uma imagem corporal positiva e dum sentido do self.*» (Kestemberg, 1980, p. 44) A primeira ejaculação ou a primeira menstruação que podem ser aguardadas com ansiedade podem depois ser vividas com desagrado e até repulsa (Slansky, 1980).

No entanto sabemos que as sociedades não reagem todas de igual modo ao estatuto pubertário dos seus membros. Algumas há, nomeadamente as islâmicas em que vigora a prática da circuncisão para os rapazes e da clitoridectomia para as raparigas como rituais de acesso ao mundo adulto. Em muitas sociedades a puberdade constitui para as raparigas, a entrada num período de restrição da liberdade (Greif e Ulman, 1982) enquanto para os rapazes, pode significar um aumento dessa mesma liberdade. No caso das raparigas, a menarca, que se constitui como um marco evidente é frequentemente sentida como traumática.

Coimbra de Matos (2002) menciona uma experiência de medo e desgosto provenientes da reactivação da angústia de castração mas acentua também o papel do *"reforço cultural da "nossa" civilização "da limpeza"(p. 158)* acentuando estas reacções. Também Malpique refere as mesmas emoções entendendo o traumatismo como uma recusa da feminilidade como reacção à perda do corpo infantil e à dificuldade de relação com um corpo de mulher (Malpique, 2003).

Isto significará que os efeitos da puberdade são necessariamente diferentes em rapazes e raparigas.

Talvez por isso, em algumas investigações tendo por objectivo testar a hipótese de que as mudanças pubertárias aumentam as dificuldades psicológicas, nos USA se verificou que nos rapazes, o estatuto pubertário tende a melhorar a imagem corporal e o humor enquanto nas raparigas, tende a aumentar o sentimento de que são pouco atraentes (Ritter, Dornbusch, Gross, Carlsmith, 1985; Crocket e Petersen, 1987). Consistentemente, estes investigadores, verificaram que à medida que a puberdade avança também progridem, nas raparigas, os conflitos com os pais.

Mas, relativamente a rapazes como a raparigas, parece verificar-se um melhor ajustamento nos que têm uma puberdade mais tardia (Petersen e Crockett, 1985). Rutter (1980) descobriu que, em rapazes pré-púberes por si observados não existiam sentimentos depressivos e que num pequeno número de púberes existia depressão que aumentava para um terço da população observada nos pós-púberes. Como a sua investigação foi feita independentemente das idades mas com base no estatuto pubertário é de crer que este seja a variável de maior influência no equilíbrio psicológico.

No entanto na Alemanha Silbereisen, Noak e von Eye (1989) descobriram que a auto-estima era mais elevada em raparigas que atingiam a maturidade mais precocemente. E na Suécia, Lerner (1998) verificou que nas raparigas de maturidade precoce existia uma maior tendência para os problemas de comportamento em associação com pares desviantes. Em Portugal, Malpique, Lima, Soeiro e Confraria (2003) verificaram que as raparigas com puberdade adiantada são mais vulneráveis à sintomatologia depressiva. Mas O próprio Silbereisen associado a Kracke (1993) descobre que os efeitos da maturação precoce sobre o bem-estar e comportamento, dependem em parte das normas e das oportunidades que o contexto cultural oferece aos jovens.

A discrepância das conclusões destes estudos conduz à conclusão de que o desenvolvimento pubertário com as suas problemáticas psicossociológicas está altamente dependente dos contextos sócio-culturais em que o púbere se desenvolve.

Mas há também um aspecto destas alterações corporais que constitui um elemento importante do ponto de vista da estruturação dos limites corporais e portanto da imagem do corpo. O interesse que despertam as transformações corporais, a erotização da superfície do corpo, particularmente nas raparigas, e as consequentes manipulações masturbatórias ou de reconhecimento conduzem a uma progressiva acomodação dos limites deste corpo diferente. Este investimento no corpo, que alastra a todo o "*self*", visto como uma manifestação do narcisismo característico desta fase da vida, conduz a uma reorganização da imagem corporal que favorece o sentimento de coesão do "*self*".

III. 3 – Características dos Pré-Adolescentes

É comum ouvir-se falar dos jovens desta fase com pouca simpatia devido a características que impacientam pais e professores mas acima de tudo fazem prova de uma grande instabilidade. De facto os jovens, neste período de desenvolvimento, revelam uma grande variação de estados de humor e uma intensa reactividade a situações que por vezes parece incoerente. Se há fase conturbada na adolescência, é certamente a da pré-adolescência. Marcia (1983) menciona a falta de estrutura desta fase « *em que se é confrontado com o período da mais significativa desorganização natural de todo o ciclo de vida.*» (p.215) e acrescenta mesmo que « *O início da adolescência é um período de desorganização.*» (p.216). A maior parte dos autores refere como característico desta fase o aparecimento de capacidades e conflitos que vincam a descontinuidade em relação ao anterior período de latência, harmonioso e aconflitual.

As alterações físicas, cognitivas, afectivas e relacionais são tantas e de tal modo rápidas que se torna difícil ao jovem suportá-las e integrá-las. O facto de anteriormente o período de latência ter sido harmonioso e aconflitual cria também uma enorme descontinuidade.

Referimos já as constantes e múltiplas alterações do corpo que em poucos anos adquire forma e dimensão completamente diferentes. Relativamente a este corpo, passando por períodos de grande ansiedade, o jovem tem de adaptar-se até conseguir adquirir uma imagem coesa e coerente. Uma das características desta fase é nomeadamente no início a de um corpo em metamorfose. Ora o corpo não é apenas um invólucro, é um elemento de constituição identitária. Aquele que representa o primeiro elemento de

reconhecimento por parte dos outros, dos que nos reconhecem. É também através dele que nos reconhecemos, que comunicamos e nos relacionamos com os outros (Birraux, 1990). É natural portanto que alterando-se, desperte inquietações quanto à identidade e ao seu reconhecimento na relação com os outros.

Mas esta metamorfose não abrange apenas o aspecto exterior. Estende-se também às sensações inerentes à erupção dos impulsos que são percebidos ora como excitantes (Josselson, 1980), ora como estranhos e sempre como difíceis de controlar e integrar. A surpresa e a estranheza quanto às sensações vindas do interior do corpo, as alterações exteriores que a cada passo rompem a harmonia, constituem um todo excitante e assustador. O corpo erótico, impõe-se e força as alterações relacionais. Desde logo na distância física que o jovem impõe aos pais e depois nos códigos posturais que social e pessoalmente exigem mudanças.

Dão-se também modificações na estrutura cognitiva que com a progressiva entrada nas operações formais fornece ao jovem os instrumentos que lhe permitem ver a realidade de um modo mais amplo. O desenvolvimento da capacidade de raciocinar em termos de hipóteses verbais e já não apenas em termos de objectos concretos e da sua manipulação como acontecia no período de latência, altera completamente a compreensão do mundo. Agora o jovem entra no estádio do pensamento operatório formal que permite a subordinação do real ao domínio do possível e portanto a representação e ligação de todas as possibilidades através de implicações necessárias que embora tenham em conta o real, não se subordinam a ele. Esta nova aquisição cognitiva permite ao adolescente colocar-se hipoteticamente num ponto de vista diferente do seu e tirar, a partir dos pressupostos adoptados,

as conclusões lógicas, sem necessidade de acreditar nesses pressupostos. Tal capacidade possibilita ao adolescente interessar-se por assuntos que estão fora do seu âmbito de experiências mais imediatas e portanto participar em movimentos sociais ou ideológicos (Piaget, 1972) . Isto permite ao jovem não só seguir de uma maneira crítica os raciocínios dos adultos mas também construir ele próprio as suas teorias acerca do que o rodeia.

Tais capacidades levaram Elkind a considerar que « *a maior tarefa do início da adolescência pode ser vista como relacionando-se com a conquista do pensamento.*» (1967, p.82) Não se trataria, segundo este autor, apenas da capacidade de raciocinar com base num sistema de proposições mas também da capacidade de tomar o seu próprio pensamento como objecto de reflexão. « *Só por volta dos 11-12 anos, por exemplo, as crianças introduzem espontaneamente conceitos de crença, inteligência e fé nas suas definições da sua denominação religiosa.*» (Elkind, 1967, p.83)

Mas além disso, a possibilidade de conceptualizar o pensamento de outras pessoas, constitui do ponto de vista de Elkind, o ponto crucial do egocentrismo adolescente. É que embora conceptualizando os pensamentos dos outros, o jovem não consegue diferenciar entre os objectos de interesse do pensamento dos outros e os que são o foco do seu interesse pessoal. Assim, assume que os outros centram o seu pensamento naquilo que para ele é absolutamente central: o seu comportamento, a sua aparência, ele próprio. Isto constitui o egocentrismo adolescente.

Dele resultam duas construções: a do *público imaginário* e a da *fábula pessoal.* A primeira é segundo Elkind em parte responsável pela auto-consciência característica da pré-adolescência. « *Quando o jovem se sente crítico em relação a si próprio, antecipa que o público – do qual*

necessariamente faz parte – também será crítico.» (Elkind, 1967, p.83). A *fábula pessoal* constitui de certo modo um complemento do público imaginário na medida em que se trata de uma história falsa que o sujeito constrói para si próprio e na qual se concebe como único e imortal. É único no que respeita aos seus sentimentos sobrevalorizados uma vez que está absolutamente convicto de que a sua experiência emocional nunca foi vivenciada por mais ninguém, daqui decorrendo a ideia de que é imortal. Estas componentes egocêntricas tenderão a esbater-se e serão normalmente ultrapassadas pelos 15 anos quando as operações formais se estabelecem com definitiva firmeza. Isto significa que a introdução às operações formais demorando ainda bastante tempo até adquirir o completo desenvolvimento, cria descontinuidades e incongruências relativamente à visão do mundo difíceis de harmonizar.

Saliente-se o facto de os jovens, segundo Elkind, nesta altura do desenvolvimento retirarem o seu sentimento de que são únicos da sua vivência emocional intensa. Ou seja: o centro da sua vida é constituído pelas experiências emocionais nesta altura muito intensas. Não é portanto surpreendente que as emoções constituam a medida de todas as coisas e de algum modo o âmago da definição da sua identidade. É por conseguinte compreensível que o jovem, a braços com tal intensidade emocional ao desenvolver a capacidade de pensar sobre o seu mundo interno se centre sobretudo nas emoções. Assim, seria mais justo dizer que os estados emocionais variáveis e intensos, são os responsáveis pela auto-consciência e que o jovem usa os novos instrumentos cognitivos para os escrutinar ainda que frequentemente sem grande eficácia.

De qualquer modo, o facto de o jovem entrar no estádio das operações formais tem sem dúvida outras consequências de enorme importância. Shave e Shave (1989) consideram esta aquisição também responsável pelo sentimento de fragilidade e principalmente de *vergonha*, o afecto dominante desta fase. O sentimento de vergonha, principal sentimento disruptivo desta fase, ligado ao egocentrismo e a uma fragilidade do "*self*" havia já sido referido por Erikson a propósito da tomada de consciência de que se é separado e ainda se não está completo. Também Erikson ligou a vergonha às dúvidas acerca da identidade. Trata-se portanto de um sentimento ligado ao narcisismo característico desta época, referido por vários autores (Freud, 1915; Josselson, 1980; Kohut, 1971).

Assim, torna-se difícil conceder que as principais alterações desta fase sejam atribuídas às alterações cognitivas mas não há dúvida de que estas desempenham um papel muito importante tanto mais que a capacidade para raciocinar com base em proposições verbais por permitir ao jovem examinar as teorias desenvolvidas pelos adultos de um modo crítico fomenta também o movimento para a autonomização do pensamento com o desenvolvimento de teorias próprias e diferenciadas das dos adultos. Contudo, uma tal capacidade também força a constantes mudanças de perspectiva e consequentemente de valores, o que provoca por consequência, um sentimento de solidão. Daí que o início da adolescência seja caracterizado por um comportamento inconstante, ora infantil, ora adulto tendente a confundir os outros. A instabilidade é das características mais notórias manifestando-se nas suas atitudes a todos os níveis. O humor é variável, os entusiasmos verdadeiramente intensos logo se desviam para novos objectivos em que parecem igualmente importantes, o individualismo

de agora torna-se num conformismo absoluto no momento seguinte, a incapacidade de conter as emoções conduz facilmente a passagens ao acto que podem depois ser amargamente lamentados.

Posto isto não é de rejeitar a ideia de que os próprios desenvolvimentos cognitivos desempenhem também um papel importante na relação com os objectos internos infantis. Na verdade Blos (1976) refere-se à clivagem das imagos parentais como uma característica importante desta fase que implica atitudes contraditórias e extremas relativamente aos pais reais e ao mundo em geral. Esta clivagem está patente na linguagem do pré-adolescente que considera sempre que as coisas são completamente boas ou completamente más sem qualquer espécie de dúvida ou gradação. Surge por conseguinte uma necessária distorção da realidade que serve o objectivo de consolidar a personalidade.

Estas características levaram os investigadores e os clínicos nomeadamente de orientação psicanalítica, a definir a adolescência como um período de grande tumulto. Na verdade nenhuma das fases subsequentes se apresenta tão instável mas além disso, os primeiros estudos sobre a adolescência centraram-se sobretudo não só no problema de como os adolescentes reagiam à emergência dos impulsos sexuais mas também naturalmente, em função disso, sobre este período inicial. Claro que com o progressivo deslocamento do interesse desta fase específica para a média adolescência e principalmente para o fim da adolescência, a visão se altera não só porque se não levanta de forma tão aguda o problema de como lidar com os impulsos mas também porque não existe uma tão acentuada oscilação emocional. De resto, por isso mesmo, pode mais facilmente equacionar-se a problemática adolescente em termos de adaptação social ainda que esta

seja predominantemente vista como uma capacidade de fazer escolhas orientadas para um objectivo longínquo.

III. 4 – Os Pré-Adolescentes e os Pais

Que os adolescentes e particularmente os pré-adolescentes, se queixam de que os pais não os compreendem e que os adultos em geral são insensíveis, é comum ouvir dizer. Também é comum ouvir queixas dos pais e principalmente das mães acerca dos seus filhos durante esta fase da vida. Muitos investigadores da adolescência têm também considerado que as relações entre pais e filhos se tornam mais conflituais com a entrada na adolescência. Contudo as razões apontadas para esta relação conflitual têm variado. Sabemos que os primeiros teóricos da adolescência geralmente atribuíam o aparecimento deste conflito à intensificação dos impulsos pubertários de natureza sexual. Com Erikson (1968) surge a ideia de que o conflito com os pais resulta dos movimentos com vista à organização de uma identidade e com Blos vemos os conflitos com os pais como uma resultante dos conflitos com os objectos internos.

Nos anos 70 surgiram estudos que atribuíam o conflito ao facto de com o desenvolvimento do adolescente, o sistema de equilíbrio familiar, ter de sofrer alterações uma vez que as relações hierárquicas aceites pela criança tinham progressivamente de transformar-se em relações mais igualitárias (Morton, Alexander e Altman, 1976; cit. Montemayor, 1983). De um modo geral os conflitos surgiam principalmente com a mãe que via a sua autoridade diminuída.

Segundo Montemayor (1983), os estudos respeitantes ao conflito com os pais têm revelado que a fase mais conturbada é a do início da adolescência e que mesmo nesta fase o conflito diminui à medida que evolui o estatuto pubertário. Steinberg (1981, cit. por Sprinthall e Collins, 1988) retirou as mesmas conclusões de um estudo feito com rapazes durante o período das transformações pubertárias. Segundo esta investigadora os rapazes que se encontravam a meio da pubescência submetiam-se menos à mãe do que aqueles que ainda não tinham entrado na puberdade. Mães e filhos interrompiam-se com frequência e em geral os membros da família respeitavam menos os pontos de vista uns dos outros de modo que as interacções familiares se tornavam mais conflituosas e tensas. Os pais tendiam muito mais a intervir para resolver os contenciosos entre mães e filhos tornando-se mais assertivos sendo que os adolescentes continuavam a obedecer-lhes. Contudo após a puberdade as relações tornavam-se mais flexíveis. Acresce que se antes da puberdade as opiniões de ambos os pais tendiam a ser dominantes nas decisões, depois a influência dos filhos nas tomadas de decisão tornava-se superior à das mães embora sempre claramente inferior à dos pais. Estas conclusões são consistentes com a teoria de Blos segundo a qual os rapazes têm de se separar da mãe arcaica para realizar a individuação. Todavia Hill (1985, cit. por Sprinthall e Collins, 1988) fez uma investigação semelhante com raparigas e as conclusões foram algo diversas. As meninas foram agrupadas segundo o seu estatuto pubertário e verificou-se que as que tinham tido a menarca muito recentemente (há menos de seis meses) mostravam mais tendência do que as que ainda não tinham tido a menarca para resistir às regras familiares e para se queixarem de falta de aceitação por parte da mãe, enquanto as

mães se queixavam da falta de participação das filhas em trabalhos domésticos; as que tinham tido a menarca entre seis a doze meses antes pareciam ter relações familiares pacíficas muito semelhantes às das pré-menarcais; as que tinham tido a menarca há mais de doze meses apresentavam dificuldades familiares semelhantes às das raparigas recentemente menstruadas. É preciso dizer que todas as raparigas frequentavam o mesmo ano escolar e portanto não foram seleccionadas por idades mas sim de acordo com o estatuto pubertário. Assim, as raparigas que já tinham tido a menarca há mais de doze meses desenvolveram-se bastante mais precocemente do que as outras e Hill levanta a hipótese de que tenha sido este estatuto pubertário precoce a causa dos conflitos já que inicialmente estas raparigas poderão ter sido mal aceites pelo seu grupo e por isso terão procurado inserir-se em grupos de adolescentes mais velhos. Não seria portanto originariamente um problema de interacção familiar mas um problema de rejeição pelo grupo de coetários que se teria reflectido posteriormente no seio da família. Quanto às outras raparigas os dados sugerem que o período de maior conflito é o que corresponde ao imediatamente posterior à menarca mas que as raparigas facilmente recuperam dele. Contudo um dado importante é o que se refere à influência das adolescentes nas tomadas de decisão familiar que ao contrário do que acontece com os rapazes não vai aumentando à medida que a puberdade evolui.

Shave e Shave (1989) referem que estes conflitos se devem à evolução das capacidades cognitivas e ao egocentrismo adolescente. O facto de terem adquirido a capacidade para detectar os erros do discurso dos adultos torna-os mais críticos e também desiludidos por se aperceberem de que

afinal eles não sabem tudo. Facilmente se convencem de que são capazes de saber mais que os adultos e portanto questionam todas as normas e convenções não só como meio de desafiar e assim terem a ilusão da independência mas também como meio de se certificarem àcerca daquilo que lhes provoca a eles próprios indecisões.

Mas Blos (1968, 1975) refere outras razões de ordem interna para a existência desses conflitos. Por um lado os rapazes têm necessidade de impor distância em relação às suas mães para se furtarem ao seu domínio e conseguirem assim individuar-se relativamente à mãe arcaica. Por outro lado, inicialmente os conflitos com o pai tenderão a suavizar-se uma vez que o pai é admirado como uma figura de identificação e além disso permite uma separação relativamente à mãe da infância. Assim, nos rapazes predominaria o conflito com a mãe numa fase inicial. Por outro lado, a clivagem das imagos parentais que surge neste período, será também uma fonte de conflito já que as imagos clivadas não se sobrepõem aos pais reais.

Nas raparigas existiria também uma fuga à mãe arcaica que poderia chegar a atingir a forma de passagens ao acto sexuais para evitar a submissão ao domínio desta mãe o que traria com a impossibilidade de separação o perigo da homossexualidade. Por esta razão Blos sugere que são mais intensos os conflitos entre as raparigas e as mães do que os conflitos entre os rapazes e as mães. E Dahl (1995) encontra na ambivalência da rapariga uma das razões para esses conflitos ao afirmar que a pré-adolescente deseja por um lado continuar a receber as gratificações maternas tal como as recorda da infância e por outro lado teme cair numa posição de submissão.

Em todo o caso de acordo com Blos, aparentemente nesta fase, os conflitos com a figura materna são mais intensos do que com a figura paterna. Tal

não é muito surpreendente já que a mãe foi o primeiro objecto de amor para ambos e que na realidade são predominantemente as mães quem se ocupa dos filhos. Assim, os conflitos, tenderiam a surgir relativamente à mãe na medida em que é em relação a ela que a separação será mais difícil.

Josselson também atribui o conflito ao movimento de individuação especificando claramente que o conflito resulta da projecção que os adolescentes fazem das imagos parentais arcaicas sobre os pais reais que não lhes correspondem. Mas para além disso, o jovem também tem necessidade de se separar dos pais reais e muitos dos conflitos derivam dessa necessidade tanto mais que independentemente da boa ou má aceitação por parte dos pais relativamente à autonomia dos filhos os constantes movimentos de progressão e regressão durante este percurso sugerem que existe por parte dos jovens uma ambivalência que implica tomadas de atitude agressivas contra os pais reais que são na verdade dirigidas contra imagos.

Shave e Shave (1989) referem-se a uma necessidede de manter secretos os pensamentos e acções que sugere uma luta pela individuação mas que os autores explicam com base na tomada de consciência de que os seus pensamentos são privados. Tratar-se-ia segundo estes autores de um processo predominantemente cognitivo relacionado com o desenvolvimento do pensamento formal e o egocentrismo adolescente que predomina nesta fase. Turiel (1977) menciona que os jovens de 12 ou 13 anos consideram as convenções arbitrárias e por isso questionam a sua legitimidade e a autoridade materna enquanto as crianças nunca põem em causa a autoridade materna.

Assim, os conflitos parecem ser múltiplos e ainda que não sejam graves não deixam de ser conflitos que vista a relação das crianças no período de latência com as figuras parentais, constituem uma descontinuidade e um factor de instabilidade que ameaça a harmonia familiar.

Tendo em conta o referido por diversos autores estes conflitos surgem durante o início da adolescência e tendem a esbater-se nas fases seguintes provavelmente por razões que se prendem com o desenvolvimento e as características dos adolescentes nas suas diferentes fases mas também por razões que se prendem com a dificuldade e o tempo que os pais demoram a adaptar-se e a adaptar as suas funções anteriores às novas características e necessidades dos jovens. Damon (1983) entende que é provável que este período seja mais difícil para os pais por estes se verem forçados a mudar a sua visão acerca dos filhos. Para Jackson e Rodriguez-Tomé (1993) « *As ideias que* (pais e filhos) *têm acerca uns dos outros podem ser relativamente inflexíveis de modo que a adopção de uma nova perspectiva* (relativamente ao outro) *pode ser difícil. Isto pode ser particularmente verdadeiro para o período do início da adolescência quando várias pressões em direcção à mudança ocorrem mas a extensão e velocidade com a qual a mudança deve ser realizada podem ser difíceis de atingir.*» (p.33).

Contudo durante os anos 80 surgiram investigações que mostravam que nem sempre a adolescência era um período turbulento e que grande parte dos adolescentes não tinham conflitos com os pais (Josselson, Greenberger e McConochie, 1977 (a e b); Coleman, 1978; Offer, 1991). Todavia a maior parte desses estudos abrangem adolescentes mais velhos. Montemayor (1983) referindo-se a estes investigadores que não encontram conflito entre os adolescentes e os pais entende que tudo depende dos métodos utilizados

para investigar a existência de conflito e que o método da pergunta directa conduz normalmente a uma resposta negativa. Por outro lado o autor acrescenta que quando se investiga o conflito na adolescência nada pode ser concluído se não houver um termo de comparação. Na verdade quando os investigadores compararam as relações entre pais e filhos na infância e no início da adolescência sempre encontraram um aumento do conflito. Este, ao longo de várias gerações parece não se ter alterado muito quanto às suas motivações: o horário de entrada em casa à noite, os deveres domésticos, as amizades, os trabalhos escolares, a desobediência. Trata-se de motivos que mostram que os pais continuam a querer orientar a vida dos filhos enquanto estes pretendem libertar-se dessa orientação.

Mas evidentemente que os pais continuam a ser importantes para os adolescentes como guias, auxiliares no treino de competências, por vezes como conselheiros em problemas relacionados com a escola ou o futuro profissional (Kirchler, Palmonari e Pombeni, 1993). De resto como muitos autores referem a relação com os pais é ambivalente (Erikson, 1956; Josselson, 1980) e se algumas vezes os pais são postos à distância no sentido da conquista da autonomia outras vezes dá-se uma reaproximação principalmente quando a distância criada é sentida como excessiva. É no início da adolescência que a interacção com os pais, devido à atracção que a vida social com os pares passa a ter para os jovens, se vai tornando progressivamente mais confinada a assuntos de rotina e de gestão das actividades diárias (Smetana e Asquith, 1994) e que os pais são vistos como tendo uma atitude mais restritiva.

Todavia, de um modo geral, os adolescentes não têm uma percepção negativa dos seus pais. Youniss e Smollar (1985) estudaram essa percepção

e verificaram que ela era diferente para rapazes e raparigas e que ambos os sexos diferenciavam o pai da mãe. As raparigas tendiam a ver o pai como uma figura de autoridade que aconselha sobre assuntos práticos e estabelece orientações para o comportamento mas que dá pouco suporte emocional, no qual não sentem compreensão e aceitação e com o qual se sentem desconfortáveis. Apesar da distância, as raparigas referem conflitos frequentes com o pai. Em face disto os investigadores chamam à relação entre pai e filha uma ' não relação' mais do que uma relação negativa. Em contrapartida a relação das raparigas com a mãe parecia mais complexa. Por um lado combinava a autoridade com a igualdade, a intimidade e o conflito. Por outro lado as raparigas não encontravam na mãe a mesma distância que sentiam na relação com o pai uma vez que a mãe tendia a responder às necessidades emocionais da filha para além de atender às materiais, ouvindo-lhes os problemas e conversando sobre muitos assuntos pessoais. As filhas também tendiam a perceber as mães como pessoas que precisam de ajuda e por vezes apoiavam as mães.

Os rapazes percebiam o pai como alguém com quem podem partilhar actividades recreativas e discutir assuntos práticos e objectivos, de quem podiam esperar apoio material mas em troca exige obediência e respeito. As relações com o pai eram distantes e respeitosas e os únicos problemas discutidos por ambos eram normalmente referentes à escola ou a faltas de respeito. A relação da mãe com os rapazes era vista como sendo de autoridade mas sem distância, sendo possível partilhar confidências com a mãe, falar das actividades quotidianas e problemas. Embora as mães ditassem regras e exigissem obediência era possível desobedecer apesar do controlo materno. A maior parte dos rapazes, embora conceda que a

motivação é a preocupação considera as mães demasiado intrusivas (Youniss e Smollar, 1985).

Este trabalho sugere que os conflitos entre os adolescentes e os pais resultam em grande parte de estes desejarem manter o seu papel regulador sobre a vida dos filhos e de os filhos desejarem tornar-se autónomos, que apesar dos conflitos os pais continuam a ter um papel importante para os filhos e estes continuam a ter deles uma visão positiva, que a relação dos filhos e filhas com a mãe é substancialmente diferente da que têm com o pai muito mais distante. É evidente que os autores descrevem uma relação entre o pai e os filhos como uma relação em que o afecto não é veiculado e em que predomina a distância, características que parecem acentuar-se na relação entre pai e filha. Talvez algumas destas características distintivas da relação entre o pai e os filhos resultem do facto da socialização das crianças estar fundamentalmente a cargo das mães mas particularmente a relação entre o pai e a filha pode relacionar-se com o estatuto da mulher na sociedade.

III. 5 – Os Pré-Adolescentes e os Coetários

Quase todos os teóricos da adolescência se referem à importância da relação com os coetários embora possam conferir-lhes diferentes papéis no processo desenvolvimental.

No final dos anos 60 autores como Eisenstadt (1968, cit. por Dunphy, 1972) consideram a socialização na família como insuficiente para o desenvolvimento da identidade defendendo que é nos grupos de jovens que

o adolescente obtém um quadro de referência que lhe permite o desenvolvimento da identidade e a conquista da autonomia. Dunphy (1972) vai mais longe ao dizer que « *Pelos 12 anos a criança precisa de ser 'ressocializada' porque os valores que adquiriu através da identificação com os pais já não são relevantes e centrais numa sociedade mudada. O grupo social que provê à necessária ressocialização para a maior parte dos indivíduos do contexto urbano é o grupo de pares adolescente.*» (p.172) Assim, a influência parental pode quase ser vista como tendo, a partir da adolescência, um papel negativo e surgiu mesmo a ideia de que os pais eram impeditivos do desenvolvimento dos jovens.

Outros investigadores, pelo contrário, preocuparam-se sobretudo com a influência do grupo de pares no envolvimento em comportamentos marginais (Kandel, 1985), principalmente no consumo de drogas. Estas investigações prendiam-se sobretudo com a pressão que o grupo de coetários exerce e com a tendência dos jovens para o conformismo. Esta tendência que alguns autores dizem atingir o seu pico máximo na média adolescência outros referem-na particularmente ao início da adolescência quando o jovem desenvolve uma maior auto-consciência, mais dúvidas acerca de si próprio e consequentemente se encontra mais vulnerável a influências.

Contudo, investigadores mais recentes (Zook, 1993) concluem que a pressão dos coetários no início da adolescência é normalmente positiva uma vez que o grupo se opõe a actividades desviantes. De qualquer modo a pressão do grupo adquire progressivamente menos importância à medida que o indivíduo evolui e se torna mais seguro acerca da identidade que entretanto desenvolve.

Nos anos 90 muitos investigadores se ocupam principalmente em caracterizar as relações com os coetários e em compreender através da investigação empírica, as funções desenvolvimentais destas relações. Erwin (1998) dá conta de que a interacção com os pares ao longo da adolescência se torna progressivamente mais significativa ao ponto de estes funcionarem como principal referência para a resolução de problemas e de ultrapassarem os pais como fonte de intimidade e suporte. Uma vez que os pares passam a desempenhar algumas funções antes cometidas aos pais, nomeadamente entre o início da adolescência e a média adolescência, estes ficariam confinados a um papel meramente restritivo. Pode assim pôr-se a hipótese de que é o próprio movimento desenvolvimental dos adolescentes que, pelo menos em parte, empurra os pais para esse papel. Também Kirchler, Palmonari e Pombeni (1993) referem que « *Um grupo de companheiros coetários representa um fórum dentro do qual se pode falar dos próprios problemas.*» (p.147)

Mas não é apenas nesta dimensão que os pares se tornam importantes. Vários autores mencionam que a auto-imagem do adolescente está intimamente ligada aos laços que este estabelece com o seu grupo de referência de onde lhe vem uma apreciação que fomenta a continuidade do ego necessária ao desenvolvimento da identidade (Erikson, 1956; Sherif e Sherif, 1965a). « *Quando o adolescente acaba de adquirir novas capacidades o não regredir a conflitos infantis depende em grande parte da quantidade e qualidade das oportunidades e recompensas disponíveis para ele no seu grupo de pares...*» (Erikson, 1956, p.127). Também Kohut (1971) se refere ao suporte narcísico que na adolescência é proporcionado pelos coetários. Youniss e Smollar (1990) também encaram a relação com os pares como

promotora do desenvolvimento ao permitir oportunidades para observar como estes utilizam estratégias para resolver os problemas característicos desta fase e ao possibilitar a exploração da autonomia sem o controlo exercido pelos adultos.

As investigações que se aplicam em conhecer o mundo social dos adolescentes dão conta de que no início da adolescência os jovens geralmente se associam em pequenos grupos (cliques) que têm as características de ser unissexuais, constituídos por amigos chegados da mesma idade ou de idades aproximadas que passam a maior parte do tempo juntos e geralmente moram perto uns dos outros (Dunphy, 1972; Cotterell, 1996; Erwin, 1998). O comportamento destes grupos que se encontram na faixa etária dos 12 aos 14 anos, é característico embora diferencie rapazes de raparigas. As raparigas normalmente riem-se muito umas com as outras, tocam-se e abraçam-se amiúde, enquanto os rapazes se empurram, provocam e socam amigavelmente. Há portanto um grande contacto corporal. Segundo Cotterel (1996) é possível que um jovem pertença a vários destes grupos segundo as horas do dia ou os contextos frequentados (escola, vizinhança, grupo desportivo, etc.) sem intercâmbio entre eles que não o que o próprio faz. Esta constatação vai de encontro à formulação de Erikson (1956) segundo a qual os grupos servem ao jovem para experimentar vários papeis sociais diferentes segundo o contexto grupal. Contudo, os amigos íntimos podem atravessar todos os contextos e portanto estar também em várias destas cliques. Estes grupos também podem distinguir-se não só com base no modo de vestir e na aparência que tendem a uniformizar mas também nas actividades de lazer preferidas ou ainda nos estilos de ligação. É através desta tendência para a uniformidade

que o jovem «....*cuja incompleta auto-certeza, durante algum tempo, pode esconder-se numa certeza grupal, tal como é proporcionada pelas divisas assim como pelos sacrifícios de investidura, confirmações e iniciações.*» (Erikson, 1956, p.154), pode suportar a fragilidade e desenvolver o sentimento de pertença. Assim, os coetários, além de constituirem meios de divertimento conjunto, exploração de relações e papéis sociais como preparação para a entrada no mundo adulto (Erikson, 1956) e partilha de tarefas desenvolvimentais (Palmonari, 1991), proporcionam interlocutores para a discussão de problemas que lhes são comuns principalmente quando a identificação com os pais é fraca. Palmonari (1991) descobriu que os adolescentes que se identificavam muito com a família, falavam com os pais sobre os seus problemas mas aqueles que se identificavam mais com os pares, abriam-se mais com estes.

Além dos aspectos superficiais que podem ser detectados por um simples observador numa praça pública, num centro comercial ou num café onde os jovens de qualquer cidade se encontram, outras características mais profundas, principalmente com respeito à amizade, permitem comprender o papel que os coetários desempenham.

Os rapazes vêem-se mais ligados ao grupo na globalidade, sem ligações muito profundas e diferenciadas em que o importante são os interesses comuns e actividades que podem realizar conjuntamente (Erwin, 1998) e a afirmação através do que conseguem realizar. Mas de acordo com Elder e Hallinan (1978, cit. por Cotterell, 1996) no início da adolescência as raparigas têm amizades mais exclusivas, frequentemente duais, às quais é muitas vezes vedada a inclusão de um terceiro elemento, enquanto os rapazes vêem com agrado a introdução de terceiros o que faz com que os

duos tendam mais facilmente a transformar-se em trios e estes a constituir cliques. As raparigas estão geralmente mais interessadas em fazer amizades íntimas com uma ou duas amigas em que predominam as trocas afectivas e as trocas de confidências de modo a conseguirem compreender-se melhor a si próprias. Isto remete-nos para uma das funções referidas por Erikson e que em nosso entender preside à escolha dos pares. Nesta escolha é valorizada a similaridade, mesmo quando esta é apenas suposta, com o objectivo de conseguir um « *mútuo espelhamento narcísico*» (Erikson, 1956, p.134) na busca de uma delimitação ainda precária. Também Josselson (1980) se refere ao uso da identificação projectiva na relação permitindo ao jovem imaginar no outro características que são suas. A respeito deste tipo de relação com os pares convém referir o conceito de meio auto-plástico explicitado por Blos (1976). Por meio auto-plástico o autor entende um ambiente social criado pelo adolescente que lhe permite integrar uma imagem caracterizada pela desarmonia interna e pela incerteza. Este meio tem pouca correspondência com o meio real e como tal implica uma falha provisória do sentido da realidade mas constitui um sistema em que o uso dos coetários permite reorganizar uma unidade básica interior quando a clivagem e o esforço para abandonar os objectos primários implica um esforço demasiado. O objectivo deste meio auto-plástico não se prende portanto com o mundo externo mas antes com a necessidade que o jovem sente de se mudar interiormente. Acrescentemos que os coetários que desempenham estas funções, porque na realidade não se enquadram nas representaçoes que o jovem tem deles, muitas vezes acabam por ser abandonados quando essa função deixou de ser necessária. É

possivelmente esta a razão pela qual vários autores constatam a existência neste período de vida de relações efémeras.

Esta ideia de algum modo está ligada à teoria de Erikson (1956) segundo a qual o adolescente precisa do suporte dos coetários para não regredir demasiado a conflitos infantis .

Mas o egocentrismo característico desta fase da vida e a ainda incipiente capacidade de compreensão das relações sociais, também justificará que as amizades sejam atravessadas por conflitos despoletados por dificuldades de comunicação o que com frequência torna as relações intensas e extremamente voláteis (Erikson, 1968). Isto torna-se mais evidente nas amizades recentes que facilmente geram desilusões e incertezas acerca das relações e acerca do "*self*".

Nestas idades as relações com elementos do mesmo sexo continuam a ser mais importantes conquanto tenha despertado a atracção pelo sexo oposto. Na verdade, as interacções com o sexo oposto são geralmente assustadoras e portanto fazem-se sempre com base no contexto grupal (Dunphy, 1972). Mas mesmo nestas interacções se manifesta uma procura de similaridade. Esta similaridade é valorizada inicialmente através da aparência física uma vez que os jovens tendem a escolher-se pelo nível de atractividade relativa que cada um tem. Progressivamente a similaridade em termos de atractividade vai cedendo o lugar a outras similaridades como as atitudes, os interesses ou as características de personalidade. A partir da média adolescência acentua-se nas raparigas a importância conferida às características psicológicas enquanto nos rapazes se acentua a importância conferida às actividades e aos tipos de interacção (Erwin, 1998).

Todavia os pares podem também desempenhar um papel negativo por lesivo da formação da identidade. A aprovação por parte dos coetários, já o dissemos, tornou-se tão ou mais importante do que a aprovação parental. Assim, a não aceitação pelo grupo de pares pode tornar-se dramática para o adolescente e particularmente no início da adolescência em quem se desencadearam dúvidas acerca da identidade, estando portanto o jovem extremamente vulnerável a sentimentos de vergonha (Erikson, 1956; Shave e Shave, 1983). Assim torna-se vital a aceitação por parte dos pares sem a qual não é possível ao jovem desenvolver um sentimento de aceitação e pertença necessário à formação da identidade.

Do exposto é fácil concluir que os coetários constituem um meio de socialização muito importante mas também multifacetado e que proporciona experiências desenvolvimentais múltiplas positivas e negativas como acontece com qualquer outro agente de socialização.

IV – INVESTIGAÇÕES SOBRE ADOLESCÊNCIA E IDENTIDADE

Privilegiaremos neste capítulo as investigações respeitantes à pré e à média adolescência assim como aquelas que se debruçam sobre o processo evolutivo da adolescência por serem os aspectos que se ligam mais de perto com o objectivo deste trabalho.

Dissemos já que a investigação empírica visando o estudo da organização da identidade em períodos mais precoces da adolescência é relativamente escassa. Estes trabalhos começam a surgir nos anos 80 e têm-se tornado progressivamente mais importantes, conquanto ainda só constituam uma

pequena parte das investigações sobre a identidade na adolescência. A par do interesse pelas fases mais precoces, também se tem observado o aparecimento de tentativas de aliar as descobertas da clínica nomeadamente de orientação psicanalítica e a investigação empírica. Isto tem permitido um melhor conhecimento relativamente ao desenvolvimento da identidade em particular e da adolescência em geral. Embora a grande maioria das investigações se cinja ao estudo da influência de uma particular variável ambiental (a relação com os pais ou a relação com os pares) no desenvolvimento da identidade, existem também trabalhos em que se analisa a influência de mais que uma variável sobre a identidade.

Quanto à influência da relação com os pares no desenvolvimento, devemos mencionar que esta era já estudada nos anos 70, quando se pensava que, na adolescência, era a relação com os coetários a grande impulsionadora do desenvolvimento. Contudo, são mais recentes os trabalhos que visam, nestas faixas etárias, a interacção entre a relação com os pares e o desenvolvimento da identidade.

O'Brien e Bierman (1988), por exemplo, aplicaram-se no estudo da influência dos grupos de pares na formação da identidade no início e na média adolescência (i.e. entre os 11 e os 16 anos). Verificaram que os mais novos, definiam o grupo através de actividades comuns e do comportamento social e consideravam que a influência dos pares era maior nestes domínios. Os mais velhos, descreviam a influência do grupo como mais global e de longo termo influenciando a aparência, os actos ilícitos, as atitudes e até os valores. Para estes, também era importante a aceitação ou rejeição do grupo de pares que afectava a avaliação que faziam de si próprios. Esta investigação distingue claramente duas fases diferentes no desenvolvimento

da adolescência quanto à relação com os coetários e aos seus efeitos o que parece estar em consonância com as teorias do desenvolvimento cognitivo e também com a teoria de Blos ou de Josselson acerca da relação e da função do grupo de pares na nestas fases da adolescência e na identidade. Mas não tem em conta as diferenças de género. Ora, como vimos, é diferente em ritmo e estilo o desenvolvimento de rapazes e raparigas.

J. Berzoff (1989) estuda a importância da relação com os coetários em raparigas e verifica que nas adolescentes, as relações com pares proporcionam modelos ou espelhos da identidade que permitem a diferenciação relativamente à família. Isto é exactamente o que Blos descreveu como sendo a função dos pares quer para rapazes quer para raparigas. Todavia Berzoff atribuiu aos diários utilizados pelas raparigas a mesma função diferenciadora. Não duvidando de que os diários possam ser utilizados com essa função estamos, no entanto, em crer que lhes faltará uma outra função do grupo; a de proporcionar um grande número de experiências relacionais diversificadas que também são um auxiliar na definição da identidade. Em nosso entender Berzoff confunde a diferenciação interna que resultará da expressão e tomada de consciência através de um movimento introspectivo e a diferenciação relativamente a objectos exteriores que só pode ser adquirida a partir da relação com esses objectos.

Palmonari, Pombeni e Kirchler (1990) ao comparar adolescentes (16/18 anos) muito ou pouco identificados com os seus pares, verificam que os mais identificados com os seus pares têm menos dificuldades a executar tarefas, têm mais apoio e sentem-se mais seguros.

Bullock (1992) abordou o problema de um ponto de vista inverso ao estudar as crianças e adolescentes sem amigos. Esta investigadora verificou que as crianças rejeitadas têm mais comportamentos agressivos e disruptivos com pares e que na adolescência tendem a abandonar a escola e a não se adaptar aos coetários. Na base destas atitudes estaria uma baixa auto-estima, sentimento de solidão e incapacidade de desenvolver experiências sociais. Claro que, a partir desta investigação, não nos é possível dizer se é a rejeição por parte dos pares que provoca estes comportamentos ou se são as atitudes agressivas e disruptivas destas crianças que provocam a rejeição dos seus pares. Mas torna-se claro que na adolescência a inadaptação é também uma inadaptação ao grupo de pares que assim deixa de desempenhar a função de suporte e de meio de ensaio de experiências relacionais. A inadaptação não é portanto limitada aos pais ou ao mundo adulto, é uma inadaptação que se manifesta desde logo na relação com os pares.

Nos anos 80 começou a dar-se uma nova importância, na investigação empírica, à influência da família no desenvolvimento adolescente.

Grotevant e Cooper (1986) propõem-se estudar e desenvolvem um modelo de abordagem das relações familiares no desenvolvimento da identidade. Segundo estes investigadores, que são corroborados por outros estudiosos das relações familiares, durante a adolescência, ocorrem mudanças no tipo de relação família-adolescente. Esta relação torna-se progressivamente mais simétrica e à medida que se desenvolve a individualidade e a coesão nas relações familiares, aumenta a capacidade dos adolescentes para a exploração de escolhas relacionadas com a identidade. Trata-se da exploração da hipótese de que o adolescente não se desenvolve

necessariamente em oposição à família e de que esta pode funcionar como um facilitador no desenvolvimento identitário. Além disso tem a virtualidade de observar a família como um campo de relações dinâmicas em que pais e adolescente se influenciam reciprocamente.

Na mesma linha Papini, Sebby e Clark (1989) estudam 51 famílias e seus adolescentes (13 anos) e verificam que a qualidade da relação afectiva entre os pais e o adolescente assim como o estatuto pubertário do adolescente podem influenciar a exploração da identidade do Ego. Estas conclusões corroboram a ideia de que a puberdade é uma variável de grande importância no desenvolvimento de uma organização identitária tendo ainda a vantagem de a considerar no contexto relacional em que ela é um dado importante, não apenas para o púbere mas também para o seu ambiente relacional.

Jackson, Dunham e Kidwell (1989) diferenciam a influência da coesão familiar nos diferentes estatutos de identidade em rapazes e raparigas no final da adolescência. Tinham começado a surgir dúvidas quanto à organização da identidade em rapazes e raparigas e portanto estes trabalhos adquiriram grande importância para a perspectivação do desenvolvimento e para o levantamento de questões em torno do paradigma de Marcia.

Recentemente Warr (1993) estuda a influência de pais e pares no desenvolvimento, numa amostra abrangendo dos 11 aos 17 anos de idade e conclui que enquanto os pares são instigadores de delinquência, os pais funcionam como barreiras à delinquência e à influência dos pares. Não surpreende que os pais tenham um papel mais normativo e que os pares desempenhem um papel mais desinibidor. Contudo, apenas é explorada a

influência negativa da relação com os pares, levando a supor que estes não desempenham um papel desenvolvimental positivo o que está em oposição com o que têm verificado outros investigadores da adolescência.

Schultheiss e Blustein (1994), estudaram o papel da separação adolescente e da vinculação parental no processo de formação da identidade e verificaram que para as raparigas a vinculação parental desempenha um papel importante na organização da identidade do Ego, tendo um papel muito menos importante para o sexo masculino. Estes estudos comprovam a ideia de que as variáveis importantes na organização da identidade são diferentes para os dois sexos e de que portanto o processo será diferente para rapazes e para raparigas.

Outro problema que constituía fonte de discordância era o do desenvolvimento da identidade que alguns concebiam como sendo essencialmente conflitual e outros entendiam como um processo gradual e sem grandes conflitos. Existem várias investigações que concluem num ou noutro sentido dependentemente na maioria das vezes da metodologia utilizada.

Desde a segunda metade dos anos 60, começaram a surgir investigações empíricas (Douvan e Adelson, 1966; Josselson e al., 1977a; Offer e Offer, 1975 (citados por Josselson)) que debruçando-se sobre a baixa e a média adolescência demonstravam que para uma grande parte dos adolescentes esta passagem desenvolvimental era pacífica.

Recentemente, Hill (1993), depois de ter investigado as diversas áreas de desenvolvimento dos adolescentes que vão desde a vida familiar, à relação com pares, à identidade ou ao desenvolvimento hormonal, defende que o desenvolvimento na adolescência é uma «transição negociada» e não uma

mudança súbita e dramática ou uma adopção pura e simples dos valores parentais.

Também H. Flum (1993) tentou identificar no início e na média adolescência (14 a 18 anos) os diferentes estilos de formação da identidade e verificou que para além dos encontrados por Marcia (exceptuando o "*Achiever*" que não pode encontrar-se nos períodos mais precoces) pode descrever-se o que ele denominou por Estilo Evolutivo de Formação da Identidade. Este estilo de desenvolvimento é definido por um perfil caracterizado por uma baixa confusão da identidade e uma alta orientação interna como variáveis intra-pessoais e por uma alta capacidade para suportar a pressão grupal e uma baixa dependência dos pais como variáveis interpessoais. Uma análise mais qualitativa permitiu a Flum encontrar nestes indivíduos outras características como um Ego forte e com um funcionamento marcado pela abertura, uma abordagem de si próprios no contexto do passado, do presente e do futuro, a tendência a perceber as situações difíceis como desafios perante os quais tendem a mostrar-se decididos, o sentido da individualidade aliado a relações positivas com pais e pares, fortes ligações com os outros e envolvimento social. Mas o que parece ser mais importante é o facto de neles dominar a tendência para lidar com áreas de conflito delimitadas sem experimentarem uma crise e confusão generalizadas. Descrevem o modo como fazem face às tarefas da adolescência como uma luta gradual e sequencial até à organização da identidade. Isto significa que se é verdade que muitos adolescentes vivem este processo desenvolvimental de forma tumultuosa outros vivem-na como algo mais calmo.

Estas conclusões permitem tirar a ilação de que o desenvolvimento não se processa do mesmo modo para todos os adolescentes. Se para alguns ele é

marcadamente conturbado, para outros ele é relativamente pacífico. Em nosso entender, tal não significa, contudo, que esta travessia seja aconflitual. Uma coisa são os conflitos que se relacionam com a necessária remodelação dos objectos internos e da estrutura psíquica e outra são os conflitos que se manifestam em termos comportamentais com pais e pares. Nem sempre será necessário à remodelação dos objectos internos e da estrutura psíquica a tradução dos conflitos em termos comportamentais.

Um outro factor de obscurecimento da compreensão do desenvolvimento da identidade na adolescência resulta do facto, já apontado por outros investigadores, de os métodos de estudo das fases mais precoces da adolescência serem pouco ou nada adaptados a estas idades. É naturalmente impossível em idades mais precoces abordar a identidade com base em indicadores como o investimento num conteúdo como a ocupação profissional embora este item figure na maior parte dos questionários ou entrevistas elaboradas para o efeito e que são indiscriminadamente utilizadas para amostras dos 11 ou 12 aos 18 anos como muitas vezes se observa.

Outro problema que indubitavelmente questiona as conclusões da maior parte dos estudos é o facto de pouca ou nenhuma atenção ser dada aos contextos ambientais. Mesmo quando as investigações se referem aos contextos normalmente salientam um contexto em particular (Costa, E., 1993) ou referem-se ao ambiente de uma maneira vaga (Grootevant, 1987) o que constitui uma enorme redução de uma variável que é rica e multifacetada . É evidentemente impossível dar conta de toda a riqueza do ambiente nas suas múltiplas formas, funções e influências mas certamente

que este não pode ser encarado como um incómodo que precisa de ser arredado dos planos de investigação.

V – O DESENVOLVIMENTO E O AMBIENTE

V. 1 – Desenvolvimento e Ambiente em Erikson

Tendo em conta o que expusemos até aqui podemos recordar algumas concepções gerais. Salientemos que a identidade é por todos os autores concebida como um fenómeno de desenvolvimento que se processa ao logo da adolescência concebida como o período critico desse desenvolvimento. A maior parte dos autores refere-se à fase final da adolescência enquanto momento culminante desse processo. Contudo ele inicia-se muito antes com a eclosão da puberdade e como vimos alguns autores são de opinião que desde essa altura o jovem começa um processo atravessado por múltiplas crises e tomadas de decisão.

Todos os autores mencionam o ambiente como uma variável importante neste processo. Mas não há, na maior parte dos estudos exploração desse ambiente a não ser de um modo relativamente rudimentar. Todavia, o corpo teórico de referência para a maioria dos investigadores que têm estudado o desenvolvimento da identidade na adolescência, a teoria psicossocial do desenvolvimento de Erikson, acentua sobremaneira a importância do ambiente.

Em *The Problem of Ego Identity* diz Erikson: « *Nos escritos psicanalíticos os termos "mundo externo" ou "ambiente" são frequentemente usados para*

designar uma área indefinida de que se diz ser de fora meramente porque não é de dentro – dentro da pele somática do indivíduo ou dentro dos seus sistemas psíquicos ou dentro do seu self no sentido mais lato. Uma tão vaga e no entanto omnipresente "exterioridade" assume necessariamente numerosas conotações ideológicas e de facto assume o carácter de numerosas imagens do mundo: por vezes "o mundo externo" é concebido como a conspiração da realidade contra o mundo dos desejos infantis; outras vezes como o facto (indiferente ou constrangedor) da existência de outras pessoas; e outras ainda como a presença (pelo menos parcialmente benevolente) dos cuidados maternos.» Mais adiante acrescenta: « *...a conclusão implícita de que um ego individual poderia existir contra ou sem um "ambiente" especificamente humano, i.e., uma organização social, é insensata e longe de ser "biológica" na sua orientação, ameaça isolar a teoria psicanalítica das ricas descobertas etológicas e ecológicas da moderna biologia.* » (1956, p.162)

A concepção do ambiente como uma área indefinida continua ainda hoje a verificar-se e não só no domínio da psicanálise, que lhe são atribuídas conotações ideológicas, também continua a ser verdade. No entanto a maior parte dos investigadores que partem da teoria de Erikson ignoram várias das suas componentes. Dependentemente das suas filiações teóricas eliminam as componentes inconscientes da sua teoria ou as componentes ambientais.

Ora Erikson concebe o desenvolvimento infantil como ocorrendo num ambiente em que « *as leis naturais do desenvolvimento criam uma sucessão de potencialidades para uma interacção significativa com aqueles que cuidam dela*» (1959, p.54). Há portanto uma permanente interacção organismo/meio e é justamente dessa interacção que resulta o

desenvolvimento sendo que as diferentes capacidades do indivíduo em desenvolvimento em cada estádio utilizam diferentes oportunidades fornecidas pelo ambiente. Isto remete-nos para a sua noção de crise já anteriormente abordada mas que voltamos a especificar. A crise resulta sempre de um encontro entre componentes fisiológicas (tensões associadas a impulsos característicos de uma determinada fase), componentes psicológicas (a consciência que o indivíduo tem de si numa determinada altura) e ambientais (aquilo que é propiciado ou aquilo que deixa de o ser à medida do crescimento como por exemplo a exigência de ir à escola).

Nesta concepção o ambiente tem um importante papel mas o indivíduo em desenvolvimento também é entendido como elemento activo.

Mas ao referir-se ao ambiente, Erikson menciona não só os pais, como os coetários, como as relações que se geram entre eles e o sujeito, como os valores sociais, a cultura ou as tecnologias fornecidas pela sociedade, como os rituais propiciados ao indivíduo ao longo de todo o ciclo de vida. A concepção é assim extremamente lata. Contudo, e aí reside o problema, nem Erikson definiu de um modo rigoroso estas componentes ambientais nem nenhum dos investigadores do desenvolvimento da identidade posteriormente o fez. A dificuldade de operacionalizar todas as variáveis ambientais levou a que a maior parte dos estudos tivessem em conta apenas uma ou outra variável o que de modo nenhum dá conta do que o autor entende por ambiente humano.

Todavia nos anos 70 surgiu a teoria ecológica do desenvolvimento humano que como veremos tem importantes pontos de contacto com as ideias de Erikson e avança a possibilidade de operacionalizar variáveis ambientais.

V. 2 – Teoria Ecológica do Desenvolvimento de Bronfenbrenner

Na teoria ecológica de Urie Bronfenbrenner a pessoa é vista como um organismo que ao longo de todo o ciclo de vida se desenvolve imerso em contextos ambientais com os quais interage. Tal como em Erikson também nesta teoria o indivíduo tem competências com as quais aborda o ambiente mas este fornece-lhe meios para se desenvolver sob a forma de objectos, pessoas e símbolos. Mais especificamente é a concepção do « *organismo humano como um agente activo no seu e do seu ambiente*» (Bronfenbrenner, 1995, p.634).

A sua concepção de ambiente é também tão alargada que recobre não só o meio próximo como a própria estrutura do sistema sócio-cultural. Mas Bronfenbrenner ultrapassa a concepção teórica orientando-se para a operacionalisação das características dos contextos ambientais fundando um novo método de investigação do desenvolvimento que denominou como *modelo pessoa-processo-contexto*. A sua « *concepção teórica de ambiente estende-se para além do comportamento dos indivíduos para abranger sistemas funcionais dentro ou entre contextos, sistemas esses que também podem ser modificados e expandidos...*» (Bronfenbrenner, 1979, p.7). Trata-se portanto de uma concepção dinâmica na medida em que contempla não apenas o ambiente ou o indivíduo de uma maneira estática mas principalmente as relações entre ambos visando os processos de desenvolvimento.

A sugestiva metáfora do meio ecológico visto « *como um conjunto de estruturas, umas dentro das outras, como um conjunto de bonecas Russas.*» (Bronfenbrenner, 1979, p.3) aponta para uma operacionalisação do meio

ambiente através da subdivisão em contextos. Assim, a um *primeiro nível*, o mais interno, situar-se-ia o *contexto imediato* como a casa familiar, a sala de aula ou o escritório, em que está contida a pessoa em desenvolvimento e no qual ocorrem os processos proximais. Um *segundo nível* contemplaria as relações entre estes contextos uma vez que um mesmo indivíduo vive em vários deles (a escola, a casa familiar, as actividades extra-escolares, etc.) . Um *terceiro nível* diria respeito a contextos em que o indivíduo em desenvolvimento não está presente mas que mesmo assim exerceriam uma influência profunda sobre ele uma vez que os fenómenos neles ocorridos a afectariam. Seria o caso dos acontecimentos que se desenrolam no local de trabalho dos pais que afectando estes, influiriam também necessariamente sobre o filho. Para além de factores económicos, o volume de trabalho, as pressões dentro do emprego ou as relações com colegas tenderiam, por exemplo, a afectar a disponibilidade dos pais para educar os seus filhos.

Daqui decorre uma visão do meio ecológico como um conjunto de sistemas dinâmicos: o *microssistema*, compreendendo o complexo de inter-relações dentro do contexto imediato do indivíduo como a casa familiar, a sala de aula, o recreio escolar, etc.; o *mesossistema*, compreendendo a inter-relação entre os contextos em que o indivíduo participa (i.e. os vários microssistemas); o *exossistema* respeitando à relação entre os sistemas em que o indivíduo não está presente e pode nunca entrar e o *macrossistema* incluindo todos estes como uma super-estrutura. O macrossistema é entendido como um modo de funcionamento que abrange a sociedade como um todo ou um grupo social na medida em que em cada sociedade ou grupo social « *a estrutura e substância dos micro, meso e exossistemas tende a ser semelhante, como se tivessem sido construídos a partir do mesmo modelo,*

funcionando os sistemas de modos similares.» (Bronfenbrenner, 1979, p.8). Em contrapartida, evidenciar-se-iam diferenças marcadas entre os sistemas referentes a grupos sociais diversos. Esta teoria conduz naturalmente a uma necessidade de caracterização sistemática das propriedades dos sistemas ambientais em que o ser humano vive e se desenvolve.

Em complementaridade, a noção de desenvolvimento, sublinha o conteúdo dos processos psicológicos tendo em conta que a natureza do material psicológico é alterada pela exposição e pela interacção com o ambiente. Deste modo, o desenvolvimento é sempre concebido na relação com os contextos ambientais que interagem com a capacidade crescente do indivíduo para os apreender, manter ou alterar.

Assim, do ponto de vista de Bronfenbrenner a « *...compreensão científica dos processos intra-psíquicos e inter-pessoais básicos do desenvolvimento humano requere a sua investigação nos ambientes reais imediatos ou remotos nos quais os seres humanos vivem.*» (1979, p.12). Tal não significa que não devam realizar-se estudos de laboratório mas sim que estes devem ser feitos com uma caracterização desse contexto que dê conta de que sendo um contexto particular não são esperáveis as respostas que surgiriam nos contextos naturais. Isto porque tratando-se do estudo da « *...Acomodação progressiva entre um organismo humano em crescimento e o seu contexto imediato...*» (1979, p.12) esse contexto precisa de ser rigorosamente caracterizado para que possam ser conhecidas as suas influências sobre o comportamento dos indivíduos .

Sublinhemos uma vez mais que de acordo com a definição da ecologia do desenvolvimento humano não se trata apenas de estudar a acomodação do indivíduo ao seu ambiente. A pessoa é concebida como uma « *entidade*

dinâmica » que se desenvolve por influência do contexto ambiental mas também o reestrutura. Por outro lado, o meio em que está inserida, também está em constante mutação. Ambos, pessoa e ambiente, realizam uma acomodação recíproca. Chegamos assim ao âmago desta teoria e do seu objectivo central: o estudo do desenvolvimento. O objectivo não pode ser o estudo do ser humano ou da sua influência sobre o meio como também não pode ser o da influência do meio sobre o ser humano. O objectivo é o desenvolvimento entendido como resultante da interacção entre duas variáveis em constante mudança: as características do indivíduo e as características do meio ecológico. A influência do meio sobre o indivíduo não pode portanto ser vista como uma função linear mas como um produto.

É evidentemente no contexto imediato que ocorrem os acontecimentos que maior e mais imediata influência exercem sobre o indivíduo: os processos proximais. Os « *...processos proximais, o que nós chamámos os "motores" do desenvolvimento, envolvem a interacção com três componentes do contexto imediato: pessoas, objectos e símbolos.*» (Bronfenbrenner, 1995, p.638). As pessoas são naturalmente os outros significativos que têm com o indivíduo em desenvolvimento uma relação continuada como por exemplo os pais.

Este contexto tem portanto as suas particularidades materiais e físicas mas além disso é nele que decorrem actividades e relações inter-pessoais caracterizadas por um determinado padrão e que constituem um microssistema. Estes elementos do microssistema, actividades, papéis e relações interpessoais têm as suas propriedades objectivas mas é variável o modo como são percebidos pelos indivíduos. Os elementos que influem no desenvolvimento do indivíduo serão portanto fundamentalmente os que têm significado para ele numa determinada situação.

Vivendo o ser humano em vários contextos imediatos, geram-se evidentemente vários microssistemas como o da casa familiar, da escola, do grupo de pares da escola e/ou da vizinhança, em que o indivíduo tem uma participação activa pondo-se assim a questão das inter-relações entre esses microssistemas. São essas inter-relações que constituem o mesossistema. Do ponto de vista de Bronfenbrenner o ambiente é tanto mais favorável ao desenvolvimento do ser humano quanto mais efectivos forem os elos entre os vários microssistemas. Esses elos podem ser constituídos por pessoas que participam activamente em vários contextos, por comunicações formais e informais entre eles, ou apenas por atitudes e informações que um contexto tem relativamente a outro. Especificando: será do ponto de vista do desenvolvimento, mais favorável a um jovem ter amigos na vizinhança que também são companheiros de escola, que haja troca de informações entre a escola e a família ou que a atitude dos seus pais em relação à escola seja positiva e reciprocamente.

Como referimos, o autor considera ainda a importância de sistemas outros que não aqueles em que o indivíduo participa activamente mas nos quais ocorrem eventos que o afectam ou são afectados por ele: os exossistemas. É o caso do local de trabalho dos pais, da escola ou sala de aula de outro irmão, dos amigos dos pais ou dos irmãos mais velhos, etc. de onde vêm e para onde são levadas informações veiculadas por estas pessoas.

Além disso é abordado um outro nível de análise: a do macrossistema. « *O macrossistema compreende as consistências quanto à forma e ao conteúdo dos sistemas de baixa ordem (micro, meso e exo) que existem ou podem existir ao nível da sub-cultura ou da cultura como um todo, com um sistema de crenças ou ideológico subjacente a tais consistências.*» (Bronfenbrenner,

1979, p.26). A este nível colocam-se as diferenças entre países ou entre grupos sócio-culturais dentro de um mesmo país.

Como o indivíduo está sempre em desenvolvimento e em mudança, Bronfenbrenner pretende também abordar o problema designado por *transição ecológica* ao longo do ciclo de vida. « *Uma transição ecológica ocorre sempre que a posição de uma pessoa num meio ecológico é alterada como resultado de uma mudança de papel, de contexto ou de ambos*» (1979, p.27). Ocorre uma mudança de papel quando por exemplo, um indivíduo atinge a idade escolar e se torna estudante, quando se forma, quando se casa ou como acontece com os sujeitos que são objecto do nosso estudo, passa da infância à adolescência. Sendo o papel um conjunto de comportamentos e expectativas associadas a uma posição na sociedade, uma mudança implicará necessariamente uma acomodação recíproca. Ocorre uma mudança de contexto quando por exemplo um indivíduo muda de casa ou de escola. Estas transições podem funcionar como instigadoras do desenvolvimento, sendo que algumas delas podem resultar de um processo de desenvolvimento como acontece por exemplo com a entrada no meio escolar ou num outro nível de ensino. Podem também estas transições ser desfavoráveis e constituir um óbice ao desenvolvimento mas exigindo sempre novas acomodações recíprocas não podem ser menosprezadas. Tanto mais que de acordo com a concepção de Bronfenbrenner, podem ser vistas como experimentações naturais dos processos de acomodação recíproca devido a esta frequentemente coincidente alteração ambiental e individual que permite compreender os processos desencadeados por uma concomitância de alterações. Assim, constituem fontes óptimas de investigação sobre o desenvolvimento.

A ocorrência de desenvolvimento é comprovada em parte através de comportamentos designados por actividades molares. Citando Bronfenbrenner, «...*as actividades molares desencadeadas por uma pessoa constituem quer os mecanismos internos quer as manifestações externas do crescimento psicológico.*» (1979, p.6). O autor dá como exemplo destas actividades o aparecimento da linguagem na criança que se por um lado constitui uma prova de que ocorreu desenvolvimento por outro lado abre novas perspectivas de relação e desenvolvimento. É também um comportamento que uma vez adquirido não se extingue pela simples alteração do contexto. Em suma as actividades molares uma vez adquiridas, são caracterizadas pela persistência através de diferentes contextos em oposição às actividades moleculares que facilmente se extinguem com a alteração de condições ambientais.

Mas além disso nesta concepção de desenvolvimento são contempladas as mudanças psicológicas que não sendo observáveis directamente podem ser inferidas através de indícios inerentes aos comportamentos. É o caso da aquisição das operações concretas ou das operações formais que constituem estruturas que só podendo ser inferidas não deixam por isso de constituir ferramentas que ampliam a concepção do meio ecológico. No entanto as actividades molares também podem ser desencadeadas por outras pessoas presentes na situação imediata. Quando assim acontece constituem o principal meio de influência directa do contexto sobre a pessoa em desenvolvimento. Tal remete para outra ordem de características das actividades molares: a sua acção continuada, o facto de elas serem percebidas pelos participantes do contexto como tendo um significado e ainda o de terem um momentum próprio, « *uma tensão que produz a*

persistência ao longo do tempo e a resistência à interrupção até que a actividade esteja completada.» (Bronfenbrenner, 1979, p.46). Isto supõe a consciência de um objectivo ainda que o autor dê ele próprio, vários exemplos de actividades que obedecendo a todos os outros critérios que permitem a sua classificação como actividades molares, não supõem a existência de um propósito pelo menos consciente. Exemplos disso são o sono, o devaneio ou certas actividades infantis como o correr pela sala. Mas evidentemente que quer o devaneio quer as actividades lúdicas infantis têm o seu propósito ainda que este não seja imediatamente perceptível para o observador ou até consciente para a pessoa. De resto Bronfenbrenner refere a propósito da complexidade de certas actividades molares que estas «*...invocam objectos, pessoas e acontecimentos que não estão realmente presentes no contexto imediato. Tal invocação pode ser efectivada pela conversação, pela recitação de histórias, a fantasia, a representação pictórica ou por uma multiplicidade de outros meios.*» (Bronfenbrenner, 1979, p.47). Esta última formulação ampliando o significado da actividade molar ao campo fenomenológico cria também a necessidade do conceito de *mesossistema mental* enquanto capacidade para transpor actividades ou estruturas de um contexto para outro entendendo-se esta transposição ao longo do espaço e do tempo. Consequentemente, é possível falar de uma *ecologia da vida mental* entendida como « *...uma potencial estrutura isomórfica à do meio ecológico.*» (Bronfenbrenner, 1979, p47). Posto isto é absolutamente inevitável abordar a *perspectiva temporal* implícita no que acabámos de expor. Bronfenbrenner começa por levantar a questão temporal na sua dimensão fenomenológica justamente a propósito dos objectivos inerentes às actividades molares cuja duração temporal é

eminentemente subjectiva. Mas tem também em conta que esta perspectiva permite entender a projecção no futuro e os recuos ao passado e como tal a libertação das actividades molares relativamente ao imediatismo dos contextos. A perspectiva temporal vai ter também implicações na *estrutura dos objectivos* uma vez que dela depende a possibilidade de antecipação da finalidade que pode necessitar de uma planificação em objectivos provisórios e portanto uma complexificação. Mas veremos que a temporalidade adquire outra importância no que se refere à concepção de desenvolvimento e à operacionalização em termos da investigação.

Voltemos mais especificamente ao desenvolvimento definido como «*...o processo através do qual a pessoa em crescimento adquire uma concepção do meio ecológico mais lata, diferenciada e válida e se torna motivada e capaz de se aplicar em actividades que revelam, mantêm ou reestruturam as propriedades do meio a níveis de complexidade similar ou maior quanto à forma e ao conteúdo.*» (1979, p.27). A mudança desenvolvimental está ligada à situação ou ao contexto mas tem de orientar-se para a acção abrangendo os quatro níveis do meio ecológico, ou seja: expandindo-se.

Estas ideias caracterizam a denominada concepção do *desenvolvimento em contexto* que terá implicações na investigação. Delas deriva nomeadamente o constructo de *validade ecológica*. De acordo com este corpo teórico só tem validade ecológica a investigação que decorre em contextos naturais e envolve actividades e objectos da vida quotidiana. « *A validade ecológica é a medida em que o ambiente "experimentado" pelos sujeitos numa investigação científica tem as propriedades que o investigador supôs ou assumiu que tem.*» (1979, p.29). Nesta definição estão patentes várias preocupações relevantes: o problema óbvio da validade da investigação no sentido clássico mas

também a clara consciência do facto de que o aspecto fenomenológico é de extrema importância podendo se mal avaliado conduzir a falsas interpretações dos resultados mas também, o que é mais importante a uma limitada possibilidade de generalização. É que, se no conceito de validade clássico esta era acima de tudo determinado pelo problema a investigar, no caso da validade ecológica o determinante é o contexto em que o estudo é efectuado. Assim torna-se sobremaneira importante saber como os sujeitos a ser investigados sentiram e interpretaram a situação de investigação e se a sua visão é coincidente com a do investigador. Dito de outro modo e de acordo com Bronfenbrenner, é preciso que a investigação tenha *validade fenomenológica* para que possa ter validade ecológica.

Nos anos 90, nova preocupação veio acrescentar-se à busca de rigor com a inclusão da variável tempo transformando assim ao *modelo de pessoa-processo-contexto* (PPC) num novo modelo designado por *modelo de processo-pessoa-contexto-tempo* (PPCT). Para usar a sua própria expressão a importância do tempo estava já latente na sua teoria nos anos 70 mas só nos anos 90 ela foi clarificada e tornada operacionalizável.

Explicitando através das suas novas formulações « *Especialmente nas suas fases mais precoces e em grande medida ao longo do curso da vida, o desenvolvimento toma lugar através de processos progressivamente mais complexos de interacção recíproca entre um organismo biopsicológico activo em evolução e as pessoas, objectos e símbolos do seu ambiente imediato. Para ser efectiva a interacção tem de ocorrer numa base de clara regularidade em largos períodos de tempo. Tais formas duradouras de interacção no ambiente imediato são os processos proximais. Exemplos de padrões duradouros de processos proximais são encontrados nas actividades pais-criança e criança-*

criança, no jogo solitário ou em grupo, na leitura, na aprendizagem de novas competências, no estudo, nas actividades atléticas e na execução de tarefas complexas.» (Bronfenbrenner, 1995, p.620)

« *A forma, poder, conteúdo e direcção dos processos proximais que afectam o desenvolvimento variam sistematicamente como função conjunta das características biopsicológicas da pessoa em desenvolvimento; do meio, quer imediato quer remoto no qual os processos tomam lugar e da natureza dos resultados desenvolvimentais considerados.»* (Bronfenbrenner, 1995, p.621)

Esta teoria, quer no que respeita à concepção de ambiente quer no que respeita à concepção de desenvolvimento tem impressionantes pontos de contacto com a teoria de Erikson. Mas como Bronfenbrenner conseguiu encontrar um modo de operacionalizar as características do contexto ambiental tornou possível que o estudo do desenvolvimento no seu contexto não se limitasse a simples alusões ao ambiente. A maior parte das investigações sobre o desenvolvimento em contexto têm incidido sobre a infância e mais particularmente sobre a primeira infância mas esta teoria oferece possibilidades de aplicação a outras faixas etárias incluindo a da adultícia ou a que mais nos interessa: a adolescência.

B – PARTE EMPÍRICA

VI – OBJECTIVOS DESTE ESTUDO

O objectivo geral deste estudo é o de examinar o desenvolvimento da identidade durante o período compreendido entre os 11 e os 14 anos nos contextos de desenvolvimento dos jovens.

De acordo com a teoria de Erikson a identidade desenvolve-se através de um processo que se desencadeia a partir da puberdade sempre num contexto de vida que engloba não apenas a família com o ambiente que esta proporciona mas também os coetários e todo o contexto envolvente que Bronfenbrenner denomina macrossistema.

Vimos que são ainda escassos os estudos visando a identidade nesta faixa etária. São também raros os que estabelecem comparações entre o sexo masculino e o feminino embora tenham surgido críticas quanto a generalizações sobre o desenvolvimento da identidade feitas a partir de estudos que contemplam amostras de um só sexo que na maioria das vezes é o masculino. Por vezes, excepção feita para os raros estudos longitudinais, os investigadores limitam-se mesmo a uma só idade. Nas investigações em que é feita referência ao contexto este é limitado a uma ou duas variáveis (família e/ou pares) sem referência a outras características. Além disso os estudos que mencionam o estrato social de origem dos jovens fazem-no pura e simplesmente no sentido de controlar essa variável e não no sentido de a associar a um modo de vida e às condições propiciadas aos sujeitos.

Evidentemente que não podemos esperar encontrar nestas idades uma identidade organizada mas cremos, de acordo com Coleman (1974) e Matteson (1975), que desde cedo começam a surgir crises que implicam tomadas de decisão por etapas e portanto poder estabelecer alguns

domínios relativamente aos quais estes jovens conseguiram uma certa estabilização.

Assim, os nossos objectivos são:

- a verificação dos domínios em que começa a estabelecer-se uma definição identitária ao longo deste período
- a verificação do nível de organização identitária e do estilo predominante do processo de desenvolvimento segundo os sexos
- as diferenças no nível e nos domínios de organização identitária segundo o estrato social de pertença dos jovens
- a verificação das diferenças exercidas pelos adultos e pelos coetários na organização da identidade

VI. 1 – HIPÓTESES

As nossas hipóteses, decorrentes por um lado da literatura sobre a adolescência respeitante à relação e influência dos pais e dos coetários no desenvolvimento e nomeadamente na exploração da identidade são as seguintes:

1. os jovens que se encontram embebidos principalmente num meio de socialização vertical, tenderão a desenvolver um estilo de identidade em Forclusão enquanto os jovens que estão predominantemente embebidos num meio de socialização horizontal tenderão a desenvolver um estilo de identidade em Difusão

2. o nível de organização identitária varia de acordo com as idades consideradas tendendo a evoluir ao longo do tempo do estilo Difusão para a aquisição da identidade.
3. o nível de organização identitária difere segundo o sexo sendo que as raparigas atingem mais precocemente uma estabilidade no que se refere ao corpo e às relações inter-pessoais.
4. o processo de desenvolvimento identitário varia segundo o estrato social de pertença sendo que os estratos mais baixo e mais alto tendem a atingir mais cedo estilos mais evoluídos.

VII – MÉTODOS

Partindo dos principais pressupostos de Erikson segundo os quais a identidade é um fenómeno de desenvolvimento e que este ocorre por interacção com o ambiente e de acordo com a definição de desenvolvimento e dos diversos níveis do meio ecológico definidos por Bronfenbrenner construímos a nossa metodologia de investigação que contempla três níveis distintos:

1. Uma abordagem do meio ecológico em que os jovens se desenvolvem e com o qual interagem de modo a poder caracterizar o macrossistema em que os jovens estão inseridos (rotinas diárias e exposição aos meios de socialização nos diferentes estratos, sexos e idades)

2. Uma abordagem do microssistema através da caracterização das ligações ao pai, à mãe (ou substitutos) e aos pares e sua evolução.
3. Uma abordagem da identidade tal como se apresenta de acordo com o questionário elaborado para o efeito que adiante apresentaremos.

VII. 1 - Modo e Local de Recolha dos Dados

Os dados que apresentaremos foram recolhidos em contexto escolar. As escolas que colaboraram connosco foram: a Escola Preparatória do Lumiar, a Escola Básica 2.3 de Telheiras, a Escola Fernando Pessoa, a Escola 2.3 Gil Vicente, O Colégio Manuel Bernardes e o Colégio Valsassina.

Por duas razões escolhemos realizar esta colheita na escola que os jovens frequentavam: é mais fácil obter um grande número de jovens de idades e estratos variados se nos dirigirmos a um contexto que todos frequentam mas é também um meio familiar aos jovens e por isso levantaria menos problemas de validade fenomenológica já que se reduziria a tensão de responder não só a um estranho mas também num ambiente estranho.

A colheita foi sempre feita de acordo com as disponibilidades horárias dos jovens de modo a não prejudicar as horas lectivas e em salas de aula disponibilizadas para o efeito. Um pequeno grupo de jovens era chamado à sala em que se realizavam as provas e separadamente ou com um dos psicólogos respondia às provas de acordo com as características do instrumento (entrevista ou questionário de auto-resposta). Em qualquer dos casos, os jovens foram encorajados a esclarecer todas as dúvidas sempre que estas surgissem.

Foi pedida a autorização para a colheita dos dados às direcções das escolas e a todos os encarregados de educação, especificando a todos eles tratar-se de um trabalho de investigação e os objectivos do trabalho. Tivémos poucas recusas e de um modo geral os jovens e os pais, evidentemente com excepções, colaboraram com agrado. No caso de isso nos ser pedido pusémo-nos à disposição dos pais para fornecer informações suplementares sobre o projecto de molde a satisfazer a curiosidade e a apaziguar eventuais ansiedades.

Embora do ponto de vista conceptual os instrumentos utilizados tivessem uma certa lógica de ordenação eles foram aplicados por ordens variáveis e por diferentes pessoas (psicólogos e finalistas de psicologia) de modo a evitar enviesamentos causados pela ordenação ou pelo psicólogo.

VII. 2 – Instrumentos

1. Entrevista ao Adolescente

Este instrumento foi construído no quadro de uma investigação mais vasta que decorreu no CNIG e segundo o Inquérito IEA (J. Bairrão, 1992) para crianças em idade pré-escolar. Tentando abranger os mesmos domínios, a nossa entrevista (várias vezes testada até à sua versão definitiva) foi estruturada em duas partes: na primeira questionámos o jovem sobre dados socio-demográficos, na segunda tentámos estabelecer o mais rigorosamente possível os ritmos de vida quotidianos de cada jovem principalmente no que respeita ao tempo fora do contexto formal da escola. O nosso objectivo foi o de estabelecer quanto do seu tempo cada indivíduo passava exposto a meios de socialização verticais e horizontais desde o acordar até ao deitar. Os

jovens foram interrogados sobre o dia anterior em qualquer dia da semana excepto as segundas-feiras de modo a podermos excluir dias que não são rotineiros como os fins-de-semana ou as segundas e sextas-feiras para não corrermos o risco de obter informações sobre dias extraordinários como aqueles em que os sujeitos vêm de fim-de-semana ou vão para fim-de-semana fora da sua morada habitual. As perguntas incidiram como podemos observar através do questionário em anexo (anexo 1) sobre todas as horas do dia desde que o jovem se levanta até que se deita.

2. IPPA (*Inventory of Parent and Peer Atachment*)

Este instrumento foi utilizado para avaliar a percepção das relações com os pais e os amigos. Trata-se de um instrumento cuja versão original , o IAA (*Inventory of Adolescent Attachments*) foi construída em 1982 por Greenberg, M., Siegel, J. e Leitch, C. e publicada em 1983. Posteriormente (1985) Armsden e Greenberg construiram uma nova versão, o IPPA, que foi publicada em 1987. Entretanto já Armsden, G. (1986) tinha feito uma nova versão deste instrumento. A versão original do IPPA visava a ligação com ambos os pais conjuntamente enquanto a última permite abordar a ligação ao pai e à mãe em separado.

O IAA foi validado com base nas respostas de 213 adolescentes entre os 12 e os 19 anos. Mas a primeira versão do IPPA foi validada por uma amostra de 179 adolescentes entre os 16 e os 20 anos. Contudo, foi posteriormente usada com adolescentes a partir dos 12 anos, segundo os autores, com sucesso. A versão última em que separadamente é abordada a relação com o pai e a mãe foi usada por Armsden na sua tese de doutoramento em 400

jovens no final da adolescência e posteriormente foi já utilizada no início da adolescência (Armsden, McCauley, Greenberg, Burke, Mitchell, 1991).

Em Portugal existem também alguns estudos realizados com este instrumento (Geada, 1990; Soares, 1992; Neves, 1995). Geada realizou o seu estudo com jovens adultos e Neves estudou jovens dos 7°, 10° e 12° anos. A aferição realizada por Neves, Soares e Silva (1999) eliminou alguns items da escala original. Nós, dado que utilizámos o instrumento com jovens entre os 11 e os 14 anos efectuámos uma nova análise psicométrica (anexo 2) na sequência da qual nos foi permitido utilizar todos os items.

O instrumento visa aceder à percepção positiva e negativa que os adolescentes têm da dimensão afectivo/cognitiva das relações com a mãe, o pai e os amigos. O quadro teórico de referência é o da Teoria da Vinculação de Bowlby alargado para além da primeira infância e da relação com os pais. Citando Armsden e Greenberg, « *A vinculação é geralmente definida como um laço afectivo duradouro e de substancial intensidade* » (1987, p.428) e « *Certas relações com pares, especialmente as que começam na adolescência, podem ser consideradas como um tipo de relações de vinculação.*» (1987, p.430).na medida em que estes desempenham funções de apoio e encorajamento. Segundo os autores é possível tal como acontece para a primeira infância encontrar na adolescência diferentes padrões de Vinculação às figuras significativas que se estruturam na base das experiências referentes a essas figuras.

De um modo geral as experiências positivas aumentam a intensidade da vinculação enquanto as negativas tenderão a diminuí-la. Mas além disso geram-se a partir das experiências positivas sentimentos de segurança e

confiança relativamente à resposta que essas figuras dão às necessidades de comunicação do sujeito. Por seu lado as experiências negativas tendem a gerar sentimentos de desânimo de revolta ou mesmo alienação relativamente a essas figuras. Assim, a alienação refere-se a uma tendência para o afastamento ou mesmo para o isolamento e corte da relação.

A Vinculação foi entendida como uma variável multifactorial tendo sido isolados três factores: a *confiança* mútua, a qualidade da *comunicação* e a zanga e a *alienação*. Assim foi construído um questionário para cada uma das figuras consideradas constituído por três dimensões visando cada um dos factores da Vinculação: Confiança, Comunicação e Alienação. Sublinhamos que apesar de terem isolado três factores e terem construído três sub-escalas, os autores, utilizaram na verdade o questionário como uma medida unifactorial por terem dúvidas acerca da independência dos factores. Mas sugerem também que existem diferenças nos padrões da vinculação ao pai e à mãe que necessitam de ser investigadas o que nós constatámos.

Assim, tomámos a decisão de utilizar o instrumento dos dois modos no sentido de obtermos os diferentes padrões de Vinculação a cada uma das figuras significativas. Explicitando: utilizámos a escala como uma medida unifactorial mas destacámos também cada uma das dimensões da Vinculação de modo a podermos observar a evolução de cada uma delas. Sublinhemos que este mesmo procedimento foi desenvolvido e anteriormente utilizado no âmbito do Projecto "Riscos de Desnvolvimento em Meio Urbano" coordenado por Soczka no CNIG, financiado pelo Programa Praxis XXI e com início em 1994.

Decidimos ainda, com base no facto de existir um certo número de sujeitos vivendo com avós, tios, madrastas ou padrastos, que os sujeitos responderiam a esta prova com referência às figuras que do seu ponto de vista, fossem as figuras parentais até porque alguns não conheciam o pai ou ambos os pais. Privilegiámos deste modo a relação psicológica em detrimento da biológica.

O resultado global do questionário para cada uma das figuras, indicará portanto a pontuação da Vinculação.

Cada um dos questionários de auto-resposta contém 25 questões relativamente a cada uma das quais o sujeito deve preencher uma escala de Likert de 5 pontos a começar do zero (« *Nunca ou quase nunca*», «*Poucas vezes*», «*Às vezes*», «*Muitas vezes*», «*Sempre*»).

As pontuações para cada escala obtêm-se somando a pontuação de cada um dos items correspondente a essa escala. Mas o restante procedimento que difere do dos autores, e que como referimos foi elaborado no âmbito do Projecto " Riscos de Desenvolvimento em Meio Urbano" foi utilizado em várias dissertações de mestrado por Nave, F. (2001), Fonseca (2001) e Pires e Sousa (2001).

Adoptámos, para facilidade de cálculo estatístico, não o zero mas o um como pontuação mínima. Além disso, pelo mesmo motivo e ainda para podermos tomar as dimensões independentes fizémo-las variar entre zero e cem como adiante veremos.

Este procedimento permitiu-nos por um lado comparar as ligações às figuras significativas entre jovens de estratos diferentes e entre jovens de sexo diferente e por outro lado observar as variações nessas ligações ao longo deste período de desenvolvimento.

DE acordo com a construção deste instrumento, há items cuja formulação é positiva ou directa e outros cuja formulação é negativa ou inversa e que devem ser revertidos (Quadro 1). Assim, para obtermos a pontuação da escala de Vinculação na sua globalidade ou de cada uma das suas dimensões em separado temos de ter em conta a formulação directa ou inversa dos seus items.

Quadro 1

Figuras	**Dimensões**	**Items Directos**	**Items Inversos**
Pai ou Mãe	*Vinculação*	1, 2, 4, 5, 7, 12, 13, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25	3, 6, 8, 9, 10, 11, 14, 17,18,23
	Confiança	1, 2, 4, 12, 13, 20, 21, 22	3, 9
	Comunicação	5, 7, 15, 16, 19, 24, 25	6, 14
	Alienação	8, 10, 11, 17, 18, 23	
Pares	*Vinculação*	1, 2, 3, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25	4, 5, 9, 10, 11, 18, 22, 23
	Confiança	6, 8, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21	5
	Comunicação	1, 2, 3, 7, 16, 17, 24, 25	
	Alienação	4, 9, 10, 11, 18, 22, 23	

Para obter a pontuação para cada uma das escalas utilizámos os seguintes algoritmos:

Pai ou Mãe

Vinculação

Valor máximo : (15 x 5) – (10 x 1) = 75 – 10 = 65

Valor mínimo : (15 x 1) – (10 x 5) = 15 – 50 = - 35

Atribuímos um valor constante (K) de + 35 para que os valores mínimo e máximo passassem a variar entre zero (0) e cem (100).

Algoritmo : (Item 1 + Item 2 + Item 4 + Item 5 + Item 7 + Item 12 + Item 13 + Item 15 + Item 16 + Item 19 + Item 20 + Item 21 + Item 22 + Item 24 + Item 25 – Item 3 – Item 6 – Item 8 – Item 9 – Item 10 – Item 11 – Item 14 – Item 17 – Item 18 – Item 23) + 35

Confiança

Valor máximo : (8 x 5) – (2 x 1) = 40 – 2 = 38

Valor mínimo : (8 x 1) – (2 x 5) = 8 – 10 = 4

Atribuímos um valor constante (K) de + 2 e multiplicámos por cem (100) para que os valores mínimo e máximo passassem a variar entre zero (0) e cem (100).

Algoritmo : [(Item 1 + Item 2 + Item 4 + Item 12 + Item 13 + Item 20 + Item 21 + Item 22 – Item 3 – Item 9) + 2] x 100

Comunicação

Valor máximo : (7 x 5) – (2 x 1) = 35 – 2 = 33

Valor mínimo : (7 x 1) – (2 x 5) = 7 – 10 = - 3

Atribuímos uma constante (K) de + 3 , dividimos por 36 e multiplicámos por cem (100) para que os resultados passassem a variar entre zero (0) e cem (100).

Algoritmo : [(Item 5 + Item 7 + Item 15 + Item 16 + Item 19 + Item 24 + Item 25 – Item 6 – Item 14) + 3) / 36] x 100

Alienação

Valor máximo : (6 x 5) = 30

Valor mínimo : (6 x 1) = 6

Atribuímos uma constante (K) de –6 dividimos por 24 e multiplicámos por cem (100) para que os valores passassem a variar entre zero (0) e cem (100).

Algoritmo : { [(Item 8 + Item 10 + Item 11 + Item 17 + Item 18 + Item 23) - 6] / 24} x 100

Pares

Vinculação

Valor máximo : (17 x 5) – (8 x 1) = 85 – 8 = 77

Valor mínimo : (17 x 1) – (8 x 5) = 17 – 40 = - 23

Atribuímos um valor constante (K) de + 23 para que os valores mínimo e máximo passassem a variar entre zero (0) e cem (100).

Algoritmo : (Item 1 + Item 2 + Item 3 + Item 6 + Item 7 + Item 8 + Item 12 + Item 13 + Item 14 + Item 15 + Item 16 + Item 17 + Item 19 + Item

20 + Item 21 + Item 24 + Item 25 – Item 4 – Item 5 – Item 9 – Item 10 – Item 11 – Item 18 – Item 22 – Item 23) + 23

Confiança

Valor máximo : (9 x 5) – (1 x 1) = 45 – 1 = 44

Valor mínimo : (9 x 1) – (1 x 5) = 9 – 5 = 4

Atribuímos um valor constante (K) de – 4 , dividimos por 40 e multiplicámos por cem (100) para que os valores mínimo e máximo passassem a variar entre zero (0) e cem (100).

Algoritmo : { [(Item 6 + Item 8 + Item 12 + Item 13 + Item 14 + Item 15 + Item 19 + Item 20 + Item 21 – Item 5) - 4] /40 } x 100

Comunicação

Valor máximo : (8 x 5) = 40

Valor mínimo : (8 x 1) = 8

Atribuímos uma constante (K) de – 8, dividimos por 32 e multiplicámos por cem (100) para que os resultados passassem a variar entre zero (0) e cem (100).

Algoritmo : { [(Item 1 + Item 2 + Item 3 + Item 7 + Item 16 + Item 17 + Item 24 + Item 25) – 8] / 32 } x 100

Alienação

Valor máximo : (7 x 5) = 35

Valor mínimo : (7 x 1) = 7

Atribuímos uma constante (K) de – 7 dividimos por 28 e multiplicámos por cem (100) para que os valores passassem a variar entre zero (0) e cem (100).

Algoritmo : { [(Item 4 + Item 9 + Item 10 + Item 11 + Item 18 + Item 22 + Item 23) – 7] / 28} x 100

3. O QIPA (Questionário da Identidade em Pré-Adolescentes)

Quando nos deparámos com o problema de como avaliar a identidade levantaram-se-nos várias questões algumas das quais de resto já tinham sido referidas por alguns autores:

a) O modelo de James Marcia (1964, 1966), primeiro investigador a operacionalizar a teoria de Erikson foi estruturado com o objectivo de avaliar a identidade como um produto final na saída da adolescência. Assim, não se adequava à faixa etária dos nossos jovens cuja identidade é ainda um fenómeno em desenvolvimento.

b) Quer Marcia quer os investigadores que se reclamam adeptos do seu modelo utilizaram como critérios de classificação dos Estatutos da Identidade a exploração e os compromissos em areas como a ocupação, a ideologia e a religião que são ainda pouco evidentes e estruturadas em jovens mais novos.

c) Foram descurados ou pouco valorizados outros domínios que são de particular importância para os jovens mais novos como o do corpo ou o das relações inter-pessoais.

d) O enviesamento masculino que está patente no modelo de Marcia e já existia na teoria de Erikson constituiu para nós uma preocupação. Outros investigadores não conseguiram eliminá-lo mas como eles também nós estávamos na convicção de que o desenvolvimento da identidade se processa diferentemente para cada um dos sexos. Era portanto nosso objectivo eliminar ou pelo menos minorar esse enviezamento uma vez que nos propusemos comparar o processo de desenvolvimento da identidade em rapazes e raparigas.

e) Está patente logo na teoria de Erikson e consecutivamente no modelo de Marcia e de todos os outros autores um enviesamento cultural uma vez que a maioria dos instrumentos está impregnada dos valores culturais Norte Americanos o que não se adequava à população portuguesa.

f) Os critérios geralmente utilizados (exploração e compromisso) para avaliar a identidade foram tomados pela maior parte dos investigadores que se dedicaram ao estudo do processo de desenvolvimento da identidade como inadequados precisamente por se tratar do estudo do processo e por as amostras serem constituídas por jovens que não estão no final da adolescência.

Estas questões foram resolvidas de modo diferente por vários investigadores.

Raphael e Xelowski (1977) abdicaram dos critérios de exploração e compromisso. Particularmente no que respeita aos compromissos estes investigadores consideraram sobretudo a incapacidade dos jovens mais novos para estabelecer compromissos de longo prazo.

Bosma (1985) preocupou-se com os domínios a explorar e enfatizou mais particularmente as relações interpessoais que são muito importantes e sofrem uma grande remodelação nas idades mais precoces da adolescência. Bosma (1985) e Grotevant (1987) também abdicaram do compromisso como critério mas mantiveram a exploração que lhes pareceu existir ainda antes da fase final da adolescência.

Flum (1994) no entanto, embora excluindo a possibilidade de considerar o "*Achiever*" que em seu entender só poderia ser encontrado no final da adolescência, coloca-se numa perspectiva muito diferente. Toma os estatutos definidos por Marcia, não como organizações acabadas mas antes como estilos de lidar com os problemas da identidade. Assim, define em termos de traços básicos três perfis a que correspondem três estilos de lidar com a identidade em desenvolvimento: o perfil Difusão, o perfil Forclusão e o Moratória.

O perfil Difusão caracterizava-se por alta orientação externa, baixa capacidade de decisão, baixa dependência dos pais, alta dependência dos pares, alta orientação associal (desconfiança básica) e baixa capacidade para suportar a pressão grupal.

O perfil Forclusão caracterizava-se por alta orientação externa, alta auto-estima, alta dependência dos pais e baixa necessidade de estar só.

O perfil Moratória caracterizava-se por alta confusão de identidade (crise), alta difusão, alta necessidade de estar só e baixa capacidade para suportar a pressão do grupo.

Além destes estilos que têm óbvias conexões com os estatutos definidos por Marcia, Flum encontra ainda outro perfil, o Estilo Evolutivo de Formação da Identidade que define através de uma baixa confusão de identidade e alta

orientação interna como variáveis intra-pessoais e alta capacidade de suportar a pressão do grupo e baixa dependência dos pais como variáveis inter-pessoais. A análise qualitativa dos dados evidenciou outras características deste Estilo Evolutivo que sugerem uma orientação em direcção à constituição sólida de uma identidade ("*Achiever*"). Estes jovens aparentam um funcionamento do Ego marcado pela abertura; na abordagem que fazem a si próprios contemplam o contexto do passado, do presente e do futuro; quando encontram dificuldades, aceitam-nas como desafios e tendem a assumir uma atitude decidida; enfatizam a sua individualidade mas mostram também fortes ligações com os pais, com os pares e com o meio social em geral; tendem a descrever áreas delimitadas de conflito e quando mencionam a exploração referem que esta é feita com referência a um aspecto de cada vez de um modo sequencial; são optimistas perspectivando o futuro a longo prazo; têm uma auto-imagem positiva e tendem a encarar o "*self*" em termos de traços e a referir-se a ele em termos de constructos abstractos.

Flum faz a constatação de que a estes jovens parece aplicar-se a teoria de Coleman da "crise focal" e encontra também semelhanças entre eles e os jovens que Kroger caracteriza como pertencentes ao estatuto Forclusão mas que revelam abertura à exploração externa e maior separação do que outros jovens dentro deste estatuto. Josselson (1987) também havia feito referência a um tipo particular de Forclusão que evoluía e Grotevant e Thorbecke (1982) referiram a sua surpresa ao encontrar em estudantes do ensino secundário uma quantidade considerável de "*Achievers*" que após alguma exploração, não necessariamente muito profunda fizeram compromissos.

Todas as descrições feitas por estes autores fazem supor que todos estão a referir-se a um mesmo tipo de jovens que segundo Flum lidam com a identidade segundo um estilo que o autor denomina de Estilo Evolutivo de Formação da Identidade.

Outra conclusão importante tirada por Flum foi a de que é possível a um jovem chegar a organizar uma identidade por duas vias: a da Moratória (através de crises marcadas pela confusão) e a do Estilo Evolutivo (através de crises sequenciais sem confusão). Assim, em rigor, existiriam apenas dois estilos de formação da identidade sendo quer a Forclusão, quer a Difusão dois estilos de abdicar do desenvolvimento.

A nossa solução divergiu das adoptadas por estes autores embora tenha alguns pontos de contacto com todos eles. Tendo em conta a teoria das "crise focais" de Coleman(1974) decidimos manter os critérios de exploração e compromisso cientes de que esses critérios não poderiam, para todo e qualquer domínio, ser considerados como conducentes a resultados definitivos. De acordo com Flum também decidimos considerar estilos de desenvolvimento da identidade posto que os jovens estão em pleno processo evolutivo. Daqui resultará uma possível determinação dos domínios que se mostram cruciais em cada uma das idades e para cada um dos sexos. Além disso, deste modo é-nos possível saber em que domínios o jovem atinge uma resolução para as crises enfrentadas. Tomamos aqui a definição de crise de Erikson enquanto ponto de viragem que se configura devido a uma tensão acrescida em torno de um determinado conflito entre duas soluções possíveis. Estamos contudo cientes de que nenhuma das organizações por nós encontradas deverá ser considerada definitiva dada a fase de

desenvolvimento dos sujeitos da nossa amostra. Aliás Flum (1994) apercebeu-se num estudo de *'follow-up'* de que entre os jovens que 10 anos antes tinha caracterizado como pertencentes a um determinado estilo de formação da identidade, se alguns se tinham mantido dentro do mesmo perfil outros tinham mudado de modo favorável ou desfavorável à formação da identidade. Portanto as classificações só poderão ser utilizadas como indicadores do modo como o desenvolvimento está a processar-se.

Relativamente aos domínios de exploração da identidade como a ideologia ou a religião, geralmente considerados intra-pessoais entendêmo-los como domínios de participação na cultura e de integração do macrossistema tal como o definiu Bronfenbrenner. Não tendo a veleidade de supor que estes jovens hajam integrado profunda e definitivamente uma ideologia supomos que com a difusão dos meios de informação muitos jovens começarão a explorar questões referentes à sua posição relativa a valores sociais mais cedo. Que os jovens possam pensar que estabeleceram um compromisso definitivo não surpreende dado que em cada momento o indivíduo opera apenas com os conhecimentos e a experiência que tem disponíveis. Poderá mais tarde em confronto com a realidade envolvente que lhe fornecerá novos dados, rever a sua posição. Contudo isso não obsta a que possa ter feito uma exploração ainda que superficial e possa ter assumido algum compromisso. Isto pode ocorrer em qualquer domínio mas naturalmente tenderá a verificar-se com maioria de razão no que respeita à ideologia, à religião ou à profissão.

Assim bastar-nos-à saber se houve ou há exploração e se há compromisso. Da nossa convicção de que não seria sensato esperar encontrar nos jovens destas idades uma estrutura ideológica integrada e organizada resultou a

formulação de questões de âmbito político-social do interesse da comunidade algumas das quais são ou foram publicamente debatidas (como a questão do ambiente, da droga ou do aborto). O nosso objectivo foi o de abordar o interesse dos jovens por esses domínios que são ou foram recentemente objecto de debate na nossa comunidade.

Demos naturalmente uma grande importância às relações interpessoais que abordámos em duas componentes: as relações com os pais e as relações com os pares. Sabemos que quer a relação com os pais quer a relação com os pares se alteram sobremaneira durante toda a adolescência e portanto abordamo-las tentando averiguar se houve alteração de posições relativamente a eles. Quanto ao namoro, porque as relações heterossexuais terão agora começado a ser exploradas esperávamos encontrar apenas um pequeno número de jovens dos 13, 14 anos que estivessem ocupados com essa questão. Mas o namoro, feita a análise factorial da escala, afigura-se neste período, sobretudo um indicador de que os jovens alargam o seu campo social para além da estrutura familiar.

Tendo em conta as mudanças somáticas que se operam num curto período de tempo decidimos abordar a questão do corpo quer enquanto elemento constitutivo da identidade pessoal quer enquanto elemento mediador da relação com os outros. Sendo esta uma questão extremamente sensível durante este período é natural que suscite crises que, pensámos inicialmente, conduziriam a uma estabilização no fim deste período.

Abordámos ainda a percepção de mudança já que as alterações somáticas, psicológicas ou relacionais se processam durante um curto período que a alguns exigirá reflexão ou pelo menos constatação. Esta constatação que

supusemos variável ao longo do tempo implicará um reconhecimento de alguma espécie de identidade em mudança.

Com base no que expusemos e nos instrumentos utilizados por outros autores construímos um guião de entrevista com os domínios a abordar e a forma de os abordar que utilizámos com um pequeno número de sujeitos de todas as idades que iriam constituir a nossa amostra e de ambos os sexos. Procurámos acima de tudo deixar falar os sujeitos de modo a apreender aquilo que constituía domínio preferencial ou problemático para os jovens. Essas entrevistas foram apreciadas e com base nelas foi-nos possível dar conta dos domínios mais importantes para todas as idades e para ambos os sexos. Com base nisso construímos o nosso questionário cuja versão original foi testada através da aplicação a um pequeno número de sujeitos de todas as idades e de ambos os sexos. Procurámos também saber dos jovens como entendiam cada uma das questões formuladas e quais as que levantavam mais problemas aos sujeitos de modo a fazer reformulações. Só depois obtivemos a versão definitiva que figura em anexo (anexo 3). Esta versão, resulta de uma análise factorial que também figura em anexo a partir da qual foi possível isolar 5 dimensões: a do investimento na aprendizagem escolar, o da posição relativamente às figuras parentais, o das relações extra-familiares, o do corpo, o da percepção de mudança e o da tomada de decisões quanto a questões culturais actuais.

Só no que se refere ao processo de tomada de decisões sobre questões sócio-culturais utilizámos a classificação dos estilos da identidade. Nos restantes domínios pareceu-nos difícil, nestas idades, adoptar este tipo de classificação tanto mais que eles relevam fundamentalmente do sentir e

estarão mais ligados a movimentos inconscientes que todavia constituem o mais importante deste processo.

4. *Instrumentos Estatísticos*

Devido á diversidade dos métodos utilizados e ainda ao facto de o nosso objectivo ser duplo na medida em que comparámos sexos, idades e estratos, também foram diversos os instrumentos estatísticos que utilizámos.

1ª Fase – Estudo ecológico

Nesta fase apenas utilizámos os testes de $\chi 2$ (qui-quadrado) e t de Student. Os resultados destes testes estão inseridos no interior do capítulo ou no corpo do texto ou, quando os cálculos são múltiplos em quadros. Dada a grande quantidade de cálculos efectuados optámos por apresentar apenas os resultados daqueles que são significativos reservando para os outros a simples referência.

2ª Fase – Ligações às figuras significativas

Nesta fase depois de termos averiguado acerca da normalidade da distribuição para cada uma das variáveis através do teste de Kolmogorov-Smirnov, dado que tínhamos de fazer comparações de médias tivémos de utilizar testes paramétricos e não-paramétricos.

Assim, tivémos de utilizar para a comparação de médias de grupos constituídos por diferentes sujeitos (comparação entre sexos, idades ou estratos) os testes t de Student (paramétrico) ou o U de Mann-Whitney (não

paramétrico). Para a comparação de médias de diferentes variáveis nos mesmos sujeitos (comparação das médias das variáveis referentes à mãe, ao pai e aos amigos) utilizámos o t de Student (paramétrico) ou o teste dos sinais de Wilcoxon. Devido ao grande número de cálculos estatísticos optámos por apresentar apenas aqueles que têm valores significativos, os quais para facilidade de leitura figuram em anexo.

3ª Fase – Identidade

No que se refere à evolução da Identidade para comparar médias entre idades utilizámos no geral o teste U de Mann-Whitney e em casos em que se impôs a comparação entre médias de diferentes variáveis para os mesmos sujeitos utilizámos o teste dos sinais de Wilcoxon. Ambos se justificam pela exiguidade dos grupos a comparar. Os resultados de ambos os testes figuram inseridos em quadros no corpo do texto sempre e apenas quando há resultados significativos.

No que respeita aos Estilos de desenvolvimento da Identidade para a comparação de médias por idade utilizámos o teste U de Mann-Whitney e para a comparação das médias de ocorrência dos vários estilos em cada idade utilizámos o teste dos sinais de Wilcoxon. Neste caso, dado que os cálculos eram em número considerável, para facilidade de leitura, inserimo-los também em quadros em anexo, sempre que os valores se revelaram significativos.

VII. 3 – A amostra

Os jovens que participaram neste estudo com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos, são de ambos os sexos e pertencem a três estratos sócio-económicos (baixo, médio e médio-alto). Além dos critérios que resultam do período que pretendíamos ver abrangido, também tivémos o cuidado de utilizar apenas os questionários dos jovens que viviam na sua família quer fosse biológica ou de adopção.

Todavia, o facto de alguns jovens não terem preenchido todos os questionários conduziu a que a dimensão inicial da amostra se tenha posteriormente estreitado o que implicou, para cada capítulo uma nova descrição da amostra. Assim, no início de cada capítulo da parte empírica figura um quadro descritivo da amostra.

C – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

VIII - ESTUDO ECOLÓGICO

VIII.1 - Caracterização da amostra

A amostra com que começámos o nosso estudo, é constituída por um total de **540** jovens de idades compreendidas entre os **11** e os **14 anos**, sendo **260 (48,1%) rapazes** e **280 (51,9%) raparigas**. Os dados referentes a estes sujeitos foram colhidos em várias escolas do ensino básico, públicas (349 sujeitos – 64,6%) e privadas (191 sujeitos– 35,4%) da cidade de Lisboa em turmas do 5° (30 – 5,6%), 6° (124 – 23%), 7° (149 – 27,6%), 8° (160 – 29,6%) e 9° (77 – 14,3%) anos de escolaridade.

A sua distribuição sexo-etária (Quadro 1), não revela diferenças significativas (□ 2 (3)= 1,99, n.s.).

Quadro 1

Distribuição sexo etária

Sexo	*11 anos*		*12 anos*		*13 anos*		*14 anos*	
Masculino	47	47,0%	55	46,2%	79	45,9%	79	53,0%
Feminino	53	53,0%	64	53,8%	93	54,1%	70	70,0%
Totais	100	100,0%	119	100,0%	172	100,0%	149	100,0%

Os sujeitos foram classificados por estratos sociais, sendo estes definidos mediante um critério *ad hoc* com base nas profissões e habilitações dos pais. Assim, dividimos os jovens da nossa amostra em três grandes grupos: os de nível social baixo (Estrato 1), os de nível social médio (Estrato 2) e os de nível social médio alto ou alto (Estrato 3).

Com base nisso obtivémos uma distribuição sexo-etária dentro de cada estrato social (Quadro 2), que não apresenta diferenças significativas.

A maior parte destes sujeitos (mais de 85%) habita a cidade de Lisboa. Os restantes habitam em Concelhos vizinhos da Área Metropolitana de Lisboa

como Oeiras, Cascais, Sintra, Loures, Arruda dos Vinhos, etc., procedendo a movimentos pendulares quotidianos.

Quadro 2

Distribuição sexo-etária por estrato

Estrato 1 (χ^2 (3) = 0.71, n.s.)						
Idades	**Rapazes**		**Raparigas**		**Totais**	
11 anos	16	50,0%	16	50,0%	32	100,0%
12 anos	18	40,9%	26	59,1%	44	100,0%
13 anos	23	41,8%	32	58,2%	55	100,0%
14 anos	30	50,0%	30	50,0%	60	100,0%
Totais	87	45,5%	104	54,5%	191	100,0%
Estrato 2 (χ^2 (3) = 1.18, n.s)						
Idades	**Rapazes**		**Raparigas**		**Totais**	
11 anos	14	41,2%	20	59,8%	34	100,0%
12 anos	17	51,5%	16	48,5%	33	100,0%
13 anos	25	48,1%	27	51,9%	52	100,0%
14 anos	30	54,5%	25	45,5%	55	100,0%
Totais	86	49,4%	88	50,6%	174	100,0%
Estrato 3 (χ^2 (3) = 1.09, n.s)						
Idades	**Rapazes**		**Raparigas**		**Totais**	
11 anos	17	50,0%	17	50,0%	34	100,0%
12 anos	20	47,6%	22	52,4%	42	100,0%
13 anos	31	47,7%	34	52,3%	65	100,0%
14 anos	19	55,9%	15	44,1%	34	100,0%
Totais	87	49,7%	88	50,3%	175	100,0%

No entanto, não podemos garantir que os segundos estejam em piores condições que os primeiros porque muitos se deslocam no automóvel dos pais e o seu estabelecimento escolar pode mesmo situar-se junto a uma das

portas de Lisboa. Muitas vezes, os pais procuram inscrever os filhos em escolas que se situam perto do seu local de trabalho. Mais adiante daremos conta dos tempos que os sujeitos gastam nos seus percursos habituais.

VIII.2 - Rotinas Diárias

O nosso principal objectivo nesta fase, como dissémos, era o de saber durante quanto tempo, ao longo de um dia comum, os nossos sujeitos estavam embebidos num contexto de socialização vertical ou horizontal.
Preocupámo-nos portanto em esclarecer todo o percurso diário dos nossos sujeitos desde que se levantam até que se deitam.

A hora a que se levantam estes jovens é variável, dado que nem todos têm o mesmo horário escolar. Contudo, interessa-nos saber se, independentemente da hora a que se levantam, estão sós ou têm **companhia ao acordar**.
A maior parte dos nossos sujeitos (497 – 95,8%) encontra adultos ao acordar. Destes, uma maioria (455 – 87,7% do total) tem a companhia de um ou de ambos os pais.
Os restantes, como podemos observar (Quadro 3) têm a companhia de irmãos maiores, de outros Adultos Aparentados ou de Adultos Não Aparentados.
Estes podem ser amigos da vizinhança (n=2) ou a empregada doméstica (n=3). São apenas 4 os sujeitos que ao acordar encontram irmãos coetários,

entre os quais incluímos também 2 primos coetários que vivem na mesma casa.

Há, todavia, 18 sujeitos que estão sózinhos ao acordar por os pais já terem saído. Estes sujeitos têm eles próprios de prover às suas necessidades básicas e de se auto-regular. Independentemente dos efeitos psicológicos, tendo em conta a fase de desenvolvimento dos sujeitos, particularmente pelos mais velhos (11 sujeitos têm 14 anos, 3 têm 13 anos, 3 têm 12 anos e apenas 1 tem 11 anos), esta solidão matinal não será necessariamente mal acolhida. Pode até, nalguns casos, ir ao encontro dos seus desejos de autonomia nascentes.

Quadro 3

Distribuição da companhia ao acordar por estrato

Companhia	*Estrato 1*		*Estrato 2*		*Estrato 3*	
Ninguém	10	5,6%	7	4,2%	1	0,6%
Irmãos coetários	3	1,7%	1	0,6%		
Irmãos maiores	5	2,9%	1	0,6%	1	0,6%
Pais	62	34,3%	100	60,6%	129	74,6%
Mãe	67	37,1%	45	27,3%	30	17,3%
Pai	14	7,8%	2	1,2%	5	2,9%
Adultos Aparentados	20	11,2%	8	4,8%	2	1,2%
Adlt.Não Aparentados			1	0,6%	4	2,4%
Totais	181	100,0%	165	100,0%	173	100,0%

A distribuição desta variável por estrato (Quadro 3) mostra grandes diferenças. Torna-se evidente que embora poucos sejam os sujeitos que a esta hora do dia estão com Adultos Não Aparentados, eles só existem nos estratos 2 e 3. Entre estes adultos contam-se as empregadas domésticas, que não existem no estrato 1, e os pais de colegas de escola em casa de quem alguns sujeitos excepcionalmente dormiram.

Quanto aos Adultos Aparentados, que compreendem avós e tios, assistimos a um decréscimo da sua frequência à medida que se sobe na escala social. Este facto está em consonância com os que encontrámos relativamente à predominância de um maior número de núcleos familiares nos estratos mais baixos.

É também no estrato 1 que encontramos mais sujeitos entregues a irmãos adultos a esta hora do dia provavelmente devido ao facto de estes irmãos serem de casamentos anteriores mas também devido ao facto de no estrato mais baixo as famílias serem frequentemente mais numerosas. Os sujeitos que têm apenas a companhia de Irmãos Coetários, entre os quais contabilizámos também os primos, são como podemos observar, muito poucos mas só existem nos estratos 1 e 2.

Quanto aos jovens que estão sós (Quadro 4) observa-se um decréscimo da sua frequência à medida que se sobe na escala social. Referimos já anteriormente que a maior parte destes sujeitos tem 14 anos. Contudo é interessante notar que, da distribuição destes sujeitos por idades e estratos, se pode inferir que a idade em que é conferida autonomia aos jovens, se torna progressivamente mais tardia, à medida que subimos na escala social.

Quadro 4

Distribuição dos sujeitos que estão sós por idade e estrato

Idades	*Estrato 1*	*Estrato 2*	*Estrato 3*	*Totais*
11 anos		1 100,0%		1 100,0%
12 anos	2 66,7%	1 33,1%		3 100,0%
13 anos	2 66,7%	1 33,3%		3 100,0%
14 anos	6 54,5%	4 36,4%	1 9,1%	11 100,0%
Totais	10 55,6%	7 38,9%	1 5,6%	18 100,0%

Em consonância com esta distribuição está a da presença dos pais por estrato social. No conjunto, com ambos os pais, só com o pai ou só com a mãe (Quadro 5) encontrámos143(79,2%) sujeitos no estrato 1, encontrámos 147(89,1%) no estrato 2 e 165(95,4%) no estrato 3, assistindo-se portanto a um crescendo da presença dos pais a acompanhar a subida de estratos. Também se assiste a um crescendo da companhia de ambos os pais a acompanhar os estratos.

Contudo, a presença da mãe vai decrescendo à medida que subimos na escala social o que não surpreende dado que nos estratos mais baixos há mais donas de casa. Apesar disso, em todos os estratos se observa uma grande diferença entre a presença apenas da mãe (no estrato 1 são 67- 37,1%; no estrato 2 são 45- 27,3%; e no estrato 3 são 30- 17,3%) e a presença apenas do pai (no estrato 1 são 13- 7,2%; no estrato 2 são 2- 1,2%; e no estrato 3 são 5- 2,9%).

Pode evidentemente pôr-se a hipótese de que parte dos jovens que só têm a companhia da mãe ao acordar, pertençam a famílias em que os pais estão separados e os filhos ficaram à guarda da mãe ou em que morreu o pai, o que é verdade. De facto há, entre os jovens que só têm a mãe ao acordar, 47(33,3%) sujeitos que pertencem a famílias em que houve divórcio e 7(5,0%) que pertencem a famílias em que não existe pai. Contudo, há ainda 87(61,7%) que pertencem a famílias intactas e estes constituem a maioria.

A estes soma-se ainda 1(0,7%) sujeito a quem tendo falecido a mãe, está com a madrasta.

Além disso, de entre os sujeitos que pertencem a famílias intactas (372 – 71,7% do total), vivendo portanto com pai e mãe, há apenas 19 (5,1%) que têm a companhia do pai ao acordar contra 87 (23,4%) que têm a companhia da mãe. Uma maioria de 266 (71,5%) sujeitos pertencentes a este tipo de família está com ambos os pais ao acordar. Mas estas percentagens variam com o estrato social a que os jovens pertencem (Quadro 5).

Quadro 5

Companhia dos pais ao acordar

Famílias intactas

Estrato	*Pais*		*Mãe*		*Pai*		*Totais*	
1	54	47,4%	48	42,1%	12	10,5%	114	100,0%
2	95	78,5%	24	19,8%	2	1,7%	121	100,0%
3	117	85,4%	15	10,9%	5	3,6%	137	100,0%
Totais	266	71,5%	87	23,4%	19	5,1%	372	100,0%

A percentagem dos sujeitos que usufruem da companhia de ambos os pais aumenta à medida que subimos na escala social o que não é surpreendente uma vez que é nos estratos mais baixos que encontramos uma maior incidência de profissões em que a jornada de trabalho se inicia muito cedo como é o caso dos operários da construção civil.

Em contrapartida a percentagem de sujeitos que usufruem apenas da companhia da mãe ao acordar diminui à medida que sobem os estratos sociais. Isto deve-se ao facto de haver um maior número de mulheres nos estratos mais baixos que são donas de casa e portanto estão sempre com os filhos ao acordar. O número de sujeitos que está apenas com o pai é baixo em qualquer dos estratos e por isso não podemos levantar qualquer hipótese explicativa em relação com os estratos sociais.

Todavia agora torna-se mais evidente que quando os jovens estão apenas com uma das figuras parentais ao acordar, em princípio será a mãe. Em todos os estratos estão patentes claras diferenças entre as percentagens da mãe e do pai embora a diferença seja mais acentuada para o estrato 1 e pareça ir-se esbatendo à medida que se sobe na escala social. Porém, este facto não resulta de um aumento da percentagem da companhia do pai mas sim de uma diminuição da companhia da mãe ao acordar.

A ida para as aulas pode constituir também um tempo de socialização importante principalmente quando as distâncias não são muito curtas. Assim, importa saber qual é a **companhia à ida para a escola** .

Há um grande número de jovens que habitando perto da escola, não chega a demorar quinze minutos a fazer o percurso. Mas outros há que demoram entre 15 minutos e , em casos mais raros, mais do que uma hora. Alguns

deslocam-se sózinhos, a pé ou em transportes públicos. Outros fazem o percurso acompanhados por adultos ou jovens como eles. Assim, durante este tempo, podem estar inseridos num meio de socialização vertical ou horizontal.

Há 265 (51,4%) jovens que vão para a escola com adultos e 251 (48,6%) que fazem o percurso sem adultos (Quadro 6).

Um grupo de 112(21,9%) jovens vai para a escola exclusivamente com coetários. Alguns são irmãos (23) mas a maior parte é constituída por colegas de escola (89). Sózinhos vão 139 (26,9%), não sabemos se por opção se por força das circunstâncias.

Mas como estes números serão provavelmente diferentes à saída da escola, confrontaremos então as duas frequências. Contudo podemos já sublinhar que há uma diferença considerável entre rapazes (sós: 81- 73,6%; com pares: 29- 26,3%) e raparigas (sós: 58- 49,2%; com pares: 60- 50,9%). As raparigas mostram uma tendência significativamente superior aos rapazes ($\chi^2(4) = 187.74$, $p<0.0001$), para procurar a companhia dos seus pares. Para além disso há entre as raparigas uma maior percentagem (15,3%- 18) que se desloca para a escola em grupos de ambos os sexos do que entre os rapazes (4,5%- 5). Estes, quando acompanhados, parecem continuar a preferir os seus iguais.

Quanto à companhia dos pais no percurso para a escola, verifica-se agora uma inversão. Ao pai cabe uma percentagem mais alta (19,9%) do que à mãe (17,4%). Além disso só 3,9% dos sujeitos fazem o percurso para a escola levados por ambos os pais.

Estas proporções adquirem nova feição quando analisadas por estratos sociais (Quadro 6). As percentagens de jovens que vão para a escola acompanhados por adultos sobem com a subida de estrato social e complementarmente descem os que estão sem adultos. Parece, portanto, haver uma preocupação maior em que sejam acompanhados por adultos à medida que se sobe na escala social.

Contudo não podemos esquecer que no estrato 3, os jovens, maioritariamente, não vão para a escola que fica mais perto de casa mas sim para aquela que foi eleita pelos pais e portanto podem morar longe e ter de ser conduzidos por estes ou pelo transporte escolar.

Quadro 6

Distribuição da companhia no percurso para a escola por estrato

Companhia	*Estrato 1*		*Estrato 2*		*Estrato 3*		*Totais*	
Ninguém	81	45,0%	42	25,8%	16	9,2%	139	26,9%
Irmãos coetári	11	6,1%	5	3,1%	7	4,0%	23	4,6%
Pares	41	22,8%	34	20,8%	14	8,1%	89	17,3%
Irmãos maiores			1	0,6%	2	1,2%	3	0,6%
Pais	3	1,7%	8	4,9%	9	5,2%	20	3,9%
Mãe	18	10,0%	28	17,2%	44	25,4%	90	17,4%
Pai	17	9,4%	31	19,0%	55	31,8%	103	19,9%
Adultos Aparentados	6	3,3%	5	3,1%	2	1,2%	13	2,5%
Adultos Não Aparentados	3	1,7%	9	5,5%	24	13,7%	36	6,9%
Totais	180	100,0%	163	100,0%	173	100,0%	516	100,0%

Em contrapartida, nos estratos mais baixos, o mais comum é que os jovens frequentem uma escola mais perto de casa uma vez que os seus pais têm poucas opções. Assim, é natural que estes jovens se desloquem a pé ou de transportes públicos e por isso não sejam conduzidos pelos pais.

Entre os que fazem o percurso sem adultos há os que vão acompanhados por coetários (pares ou irmãos) e que vão decrescendo com a subida de estrato.

Quanto aos que vão sózinhos para a escola, também se verifica um decréscimo percentual com a subida de estrato mas mais uma vez é possível que aqueles jovens que se deslocam na carrinha da escola, sendo possível, optassem de outro modo. Neste momento apenas podemos dizer que os pais do estrato mais alto procuram que os seus filhos se desloquem na companhia de adultos.

Voltaremos agora à companhia dos pais que verificámos apresentar grandes diferenças quando comparámos as percentagens referentes ao pai e as referentes à mãe. No percurso para a escola, poucos são os jovens que são conduzidos por ambos os pais, conquanto essa percentagem suba com os estratos. Por outro lado, exceptuando o estrato 1 em que não se verificam diferenças entre a companhia do pai e a companhia da mãe, nos outros dois estratos é o pai quem tem as percentagens mais elevadas, alargando-se as diferenças com a subida de estrato. Provavelmente isto deve-se ao facto de o pai ter horários mais coincidentes com os dos filhos como referimos anteriormente e à tradicional partição das tarefas domésticas. Além disso observa-se também um crescendo quer na companhia do pai, quer na companhia da mãe a acompanhar a subida de estratos. É possível que exista uma maior preocupação em acompanhar os filhos nos estratos mais

altos mas não podemos esquecer que é também nos estratos mais altos que mais jovens moram longe, por vezes fora de Lisboa e que é também nestes estratos que mais famílias têm meios de transporte próprios.

Quadro 7

Distribuição da companhia no percurso para a escola por idades e sexos

Sexo masculino					
Companhia	*11 anos*	*12 anos*	*13 anos*	*14 anos*	*Totais*
Ninguém	10 21,3%	14 25,5%	28 37,8%	29 42,0%	81 33,1%
Coetários	5 10,7%	5 9,1%	9 12,2%	17 24,7%	36 14,7%
Pais	4 8,5%	2 3,6%	3 4,1%		9 3,7%
Mãe	11 23,4%	15 27,3%	12 16,2%	7 10,1%	45 18,4%
Pai	10 21,3%	14 25,5%	19 25,6%	8 11,6%	51 20,8%
Adlt Aparent	2 4,2%	2 3,6%	1 1,4%	1 1,5%	6 2,4%
A. N. A.	5 10,6%	3 5,4%	2 2,7%	7 10,1%	17 6,9%
Totais	47 100,0%	55 100,0%	74 100,0%	69 100,0%	245100%
Sexo feminino					
Companhia	*11 anos*	*12 anos*	*13 anos*	*14 anos*	*Totais*
Ninguém	12 23,1%	11 17,2%	17 18,6%	18 28,1%	58 21,4%
Coetários	7 13,5%	12 18,7%	25 27,5%	32 50,0%	76 28,0%
Pais.	4 7,7%	3 4,7%	3 3,3%	1 1,6%	11 . 4,1%
Mãe	8 15,4%	18 28,1%	15 16,5%	4 6,2%	45 16,6%
Pai	15 28,8%	14 21,9%	18 19,8%	5 7,8%	52 19,2%
Adlt Aparent	4 7,7%		3 3,3%	3 4,7%	10 3,7%
A. N. A.	2 3,8%	6 9,4%	10 11,0%	1 1,6%	19 7,0%
Totais	52 100,0%	64 100,0%	91 100,0%	64 100,0%	271100%

Atentemos à distribuição desta variável por idades e sexos (Quadro 7). No geral, com adultos, deslocam-se para a escola 65,6%(65) sujeitos de 11 anos, 64,7%(77) sujeitos de 12 anos, 52,1%(86) de 13 anos e 27,8%(37) de 14.

Complementarmente vão para a escola sem adultos 34,3%(34) sujeitos de 11 anos, 35,3%(42) sujeitos de 12 anos, 47,9%(79) de 13 anos e 72,2%(96) de 14 anos. Note-se que as percentagens de jovens que vão para a escola com adultos, se mantêm iguais entre os 11 e os 12 anos e começam a descer entre os 12 e os 13 anos. É portanto aos 13 anos que começa a ser concedida uma maior autonomia que aos 14 anos se acentua.

No entanto se observarmos a distribuição desta variável (Quadro 7), para rapazes e raparigas separadamente, apercebemo-nos de que enquanto no sexo masculino as percentagens dos que vão para a escola com adultos, vão diminuindo a partir dos 11 anos de uma forma gradual (32- 68,1% aos 11 anos; 36- 65,5% aos 12 anos; 37- 50,0% aos 13 anos e 23- 33,3% aos 14 anos), no sexo feminino, apenas começam a descer entre os 12 e os 13 anos de uma forma mais abrupta (33- 63,5% aos 11 anos; 41- 64,1% aos 12 anos; 49- 53,8% aos 13 anos e 14- 21,9% aos 14 anos). Além disso, é de sublinhar que aos 14 anos há uma maior percentagem de rapazes que vão para a escola acompanhados por adultos do que de raparigas.

Assim, embora a concessão de autonomia comece, para as raparigas, um pouco mais tarde, por outro lado também é mais rápida e acentuada.

Dos que se deslocam sem adultos, e fazem o percurso com coetários verificamos que em todas as idades as raparigas apresentam percentagens mais altas do que os rapazes. Mas além disso, enquanto em todas as idades predominam os rapazes que vão para a escola sózinhos sobre os que vão

com coetários, nas raparigas, aos 11 anos predominam as que vão sózinhas, aos 12 as percentagens das que vão sózinhas estão equiparadas às percentagens das que vão com coetários e a partir dos 13 anos torna-se cada vez mais notória a tendência de procurar a companhia de coetários. Nos rapazes só aos 14 anos a percentagem dos que vão com coetários se alarga sem contudo ultrapassar a percentagem dos que vão sózinhos.

Parece portanto que embora haja uma maior resistência à concessão de autonomia às raparigas, estas modificam mais rápida e radicalmente o seu comportamento relativamente aos coetários e portanto às relações externas ao contexto familiar. Contudo temos ainda de confirmar esta hipótese através de outros dados.

A **companhia ao almoço** (Quadro 8), apresenta grandes desproporções. Na nossa amostra, uma maioria de 419(80,9%) sujeitos almoça na companhia de adultos. Há ainda 99(19,1%) sujeitos que almoçam sem adultos. Destes, 55(10,7%) sujeitos almoçam com coetários, alguns dos quais como podemos verificar, são irmãos, e 44(8,5%) almoçam sózinhos.

Entre os que almoçam com adultos, um total de 165(31,9%) sujeitos, almoçam com pais (um ou ambos). Os restantes 254(49%) almoçam com outros adultos. Entre estes adultos contam-se os irmãos maiores, os avós ou tios e os adultos não aparentados como os vizinhos, os pais de colegas de escola e as empregadas domésticas. Mas há ainda outros adultos a quem devemos fazer referência pois que constituem 24,9%(129) da companhia ao almoço. São os vigilantes de refeitório escolar que distribuindo-se embora por todos os estratos são percentualmente mais elevados no estrato 3 em que mais frequentemente os jovens almoçam nos colégios. Estes adultos usualmente não almoçam com os jovens uma vez que a sua função é

exactamente a de vigilância. No entanto estão presentes velando para que os jovens se comportem segundo regras estabelecidas, razão pela qual consideramos que os sujeitos estão inseridos num meio de socialização vertical. É de sublinhar que uma vez mais a companhia da mãe suplanta percentualmente a do pai quando apenas uma das figuras parentais está presente.

Observam-se contudo diferenças quando analisamos a distribuição desta variável por estratos. Em primeiro lugar é no estrato 1 que encontramos a maior percentagem de sujeitos (154- 85,1%) que têm a companhia de adultos ao almoço. Segue-se-lhe o estrato 3 (140- 81,4%) e só de pois o estrato 2 (125- 75,8%).

Quadro 8

Companhia ao almoço por estrato

Companhia	*Estrato 1*		*Estrato 2*		*Estrato 3*		*Totais*	
Ninguém	10	5,5%	27	16,4%	7	4,1%	44	8,5%
Irmãos coetários	5	2,8%	7	4,2%	4	2,4%	16	3,1%
Pares	12	6,6%	6	3,6%	21	12,2%	39	7,6%
Irmãos maiores	8	4,4%	2	1,2%	2	1,2%	12	2,3%
Pais	17	9,4%	10	6,1%	4	2,3%	31	6,0%
Mãe	65	35,9%	28	16,9%	17	9,9%	110	21,2%
Pai	8	4,4%	11	6,7%	5	2,9%	24	4,6%
Adult.Aparent.	27	14,9%	24	14,6%	8	4,6%	59	11,5%
A. N. A.	29	16,1%	50	30,3%	104	60,4%	183	35,3%
Totais	*181*	*100,0%*	*165*	*100,0%*	*172*	*100,0%*	*518*	*100,0%*

Nota: Os parentes são avós ou tios. Os A.N.A.(adultos não aparentados) são vizinhos , pais de colegas ou empregadas domésticas. Aos irmãos coetários acrescentámos 1 primo em cada estrato.

Complementarmente é no estrato 1 que encontramos a menor percentagem se sujeitos que não têm a companhia de adultos (27- 14,9%), seguindo-se-lhe o estrato 3 (32- 18,6%) e só então o estrato 2 (40- 24,2%). São portanto os sujeitos do estrato 2 que menos beneficiam do meio de socialização vertical a esta altura do dia. Mas além disso, enquanto nos outros estratos, a maior parte dos sujeitos que não almoçam com adultos estão na companhia de pares, no estrato 2 a maior parte dos sujeitos que não almoçam com adultos almoçam sózinhos.

Dos sujeitos que almoçam acompanhados por adultos, 183(35,3%) têm a companhia de Adultos Não Aparentados mas convém notar que neste grupo pesam consideravelmente os vigilantes de refeitório escolar e por isso mesmo se verifica que as percentagens referentes a esta categoria aumentam com a subida de estrato.

Há ainda 71(13,7%) sujeitos que almoçam com Adultos Aparentados (Irmãos maiores, avós ou tios) e que vão decrescendo à medida que se sobe na escala social.

Os 165(31,9%) que almoçam com pais (um ou ambos) distribuem-se por ordem decrescente acompanhando a subida de estrato (90-49,7% do estrato 1, 45- 29,7% do estrato 2 e 26- 15,1% do estrato 3). Quer a presença de ambos os pais quer a presença da mãe vão diminuindo à medida que se sobe na escala social mas a presença apenas do pai, conquanto o número de casos seja diminuto, é percentualmente mais elevada no estrato 2.

Mais uma vez se observa uma grande diferença entre a companhia do pai e a companhia da mãe, em favor desta, em todos os estratos. Contudo, essa diferença é bastante mais acentuada no estrato 1 em que maior número de mulheres desempenha apenas funções domésticas. Portanto a diminuição

da diferença entre a companhia apenas da mãe e apenas do pai não se deve a um aumento das percentagens referentes ao pai mas a uma diminuição das percentagens referentes à mãe. As mulheres dos estratos 2 e 3 desempenham mais frequentemente funções laborais que lhes não permitem vir a casa dar o almoço aos filhos e como a educação dos filhos é tradicionalmente atribuída às mulheres, o número de pais que assume essa responsabilidade é diminuto.

Á saída da escola surge uma nova oportunidade de socialização em contextos informais. Libertos de obrigações escolares, podem os sujeitos, aproveitar para se relacionarem mais livremente com os seus coetários ou podem ser imediatamente introduzidos num novo contexto de socialização vertical quando saem da escola acompanhados por adultos que os esperam.

A distribuição da **companhia à saída da escola** (Quadro 9) será necessariamente diferente da companhia de que desfrutaram quando se dirigiram para a escola no início das aulas.

Temos agora acompanhados por adultos, apenas 180 (34,9%) jovens e sem adultos, 336 (65,1%). Entre estes últimos, saem com coetários 239 (46,3%) e saem sozinhos 97 (18,8%). Comparando estas percentagens com as que obtivemos no percurso para a escola (Quadro 7) verificamos nesta altura do dia, duas inversões. Não só há muito mais jovens que saem sem a companhia de adultos como também, os que saem sem adultos preferem a companhia dos pares à solidão.

Entre os que saem acompanhados por adultos, 107 (20,7%) saem com os pais (um ou ambos) e 73 (14,1%) saem com outros adultos (irmãos maiores, Adultos Aparentados ou Adultos Não Aparentados). É de notar que mais

uma vez se observa uma desproporção entre a companhia do pai e a companhia da mãe em favor desta. Contudo são agora ainda mais raros do que à ida para a escola os que têm a companhia de ambos os pais.

Quadro 9

Distribuição da companhia à saída da escola por estrato

Companhia	*Estrato 1*		*Estrato 2*		*Estrato 3*		*Totais*	
Ninguém	39	21,7%	39	23,9%	19	11,0%	97	18,8%
Irmãos coetários	6	3,3%	6	3,7%	7	4,0%	19	3,7%
Pares	116	64,4%	67	41,1%	37	21,4%	220	42,6%
Irmãos maiores	1	0,6%			1	0,6%	2	0,4%
Pais	1	0,6%	2	1,2%	2	1,2%	5	1,0%
Mãe	5	2,8%	19	11,7%	47	27,2%	71	13,8%
Pai	8	4,4%	8	4,9%	15	8,6%	31	6,0%
Adultos parentes	2	1,1%	7	4,3%	8	4,6%	17	3,3%
A.N.A.	2	1,1%	15	9,2%	37	21,4%	54	10,4%
Totais	180	100,0%	163	100,0%	173	100,0%	516	100,0%

Analisando a distribuição por estratos, verificamos que descem as percentagens dos que saem da escola acompanhados por coetários à medida que se sobe na escala social (122-67,7% no estrato 1, 73-44,8% no estrato 2 e 44-25,4% no estrato 3) tal como acontecia na ida para a escola. Mas quanto aos que saem sós verifica-se uma quase igualdade percentual entre o estrato 1 e o estrato 2 e uma descida percentual no estrato 3. De resto, no estrato 3, comparando com o que se passa à ida para a escola, não aumenta grandemente a percentagem dos sujeitos que saem da escola

sós, conquanto aumente a dos jovens que saem acompanhados por coetários.

Relativamente aos que saem da escola acompanhados por adultos verifica-se um crescendo dos que saem acompanhados pelo conjunto dos pais (14- 7,8% no estrato 1; 29- 17,8% no estrato 2 e 64- 37,1% no estrato 3) à medida que se sobe na escala social o mesmo acontecendo com a companhia dos outros adultos na globalidade (5- 2,8% no estrato 1; 22- 13,5% no estrato 2 e 46- 26,6% no estrato 3). Contudo convém sublinhar que são raros, em qualquer dos estratos, os sujeitos que saem acompanhados por ambos os pais, diminuíram as percentagens dos que saem acompanhados apenas pelo pai e os valores percentuais referentes aos estratos 1 e 2 são iguais. Quanto aos valores percentuais referentes à companhia da mãe apenas, embora se observe um crescendo a acompanhar a subida de estrato como acontecia na ida para a escola, há agora uma menor percentagem de mães que acompanham os filhos à saída da escola nos estratos 1 e 2 e uma maior percentagem no estrato 3. Além disso, no estrato 1, quando comparamos as percentagens de sujeitos que saem da escola acompanhados pela mãe e acompanhados pelo pai verificamos que é a este que se referem os valores mais elevados.

Acresce que poucos jovens do estrato 1 saem da escola acompanhados por outros adultos que não os pais. Nos outros dois estratos há sujeitos que saem da escola com Adultos Aparentados ou com Adultos Não Aparentados. Mas é no estrato 3 que estes últimos predominam uma vez que muitos jovens saem na carrinha da escola.

A distribuição da companhia à saída da escola variará também naturalmente, como antes verificámos relativamente à ida para a escola, com a idade e o sexo (Quadro 10).

Quadro 10

Distribuição da companhia à saída da escola por idades e sexos

Sexo Masculino										
Companhia	11 anos		12 anos		13 anos		14 anos		Totais	
Ninguém	10	21,3%	11	20,0%	18	24,3%	19	27,5%	58	23,7%
Coetários	15	31,9%	17	31,0%	34	49,0%	37	53,6%	103	42,1%
Pais	2	4,3%							2	0,8%
Mãe	8	17,0%	12	21,8%	6	8,1%	6	8,7%	32	13,1%
Pai	7	14,9%	5	9,1%	4	5,4%			16	6,5%
Adlt. Aparent.					6	8,1%	1	1,5%	7	2,8%
A.N.A.	5	10,6%	10	18,1%	6	8,1%	6	8,7%	27	11,0%
Totais	47	100,0%	55	100,0%	74	100,0%	69	100,0%	245	100%
Sexo Feminino										
Companhia	11 anos		12 anos		13 anos		14 anos		Totais	
Ninguém	7	13,5%	8	12,5%	12	13,2%	12	18,7%	39	14,4%
Coetários	19	36,5%	25	39,1%	47	51,6%	45	70,3%	136	50,2%
Pais	1	1,9%	2	3,1%					3	1,1%
Mãe	10	19,2%	12	18,8%	12	13,2%	5	7,8%	39	14,4%
Pai	7	13,5%	4	6,3%	3	3,3%	1	1,6%	15	5,5%
Adlt.Aparent	4	7,6%	4	6,3%	3	3,3%	1	1,6%	12	4,5%
A.N.A.	4	7,7%	9	14,1%	14	15,4%			27	9,9%
Totais	52	100,0%	64	100,0%	91	100,0%	64	100,0%	271	100%

Nota : Vistas as baixas percentagens de Irmãos coetários (exceptuando aos 14 anos no sexo feminino em que se contam 7-11,0%) e de Irmãos maiores, juntámos os primeiros aos pares e os segundos aos Adultos Aparentados uma vez que em nada fica prejudicada a linha explanatória que vimos seguindo.

Saem da escola sem adultos, aos 11 anos 25(53,2%) sujeitos do sexo masculino, aos 12 anos 28(51%), aos 13 anos 52(73,3%) e aos 14 anos 56(81,1%). Saem da escola acompanhados por adultos, aos 11 anos 22(46,8%) sujeitos de sexo masculino, aos 12 anos 27(49%), aos 13 anos 22(26,7%) e aos 14 anos 13(18,9%).

Entre as raparigas, saem da escola sem adultos aos 11 anos 26(50%), aos 12 anos 33(51,6%), aos 13 anos 59(64,8%) e aos 14 anos 57(89%). Saem da escola acompanhadas por adultos aos 11 anos 26(50%), aos 12 anos 31(48,4%), aos 13 anos 32(35,2%) e aos 14 anos 7(11%).

Quer no sexo masculino quer no feminino as percentagens dos sujeitos que saem da escola sem adultos, mantêm-se relativamente estáveis entre os 11 e os 12 anos. Depois vão aumentando à medida que aumenta a idade. Contudo, aos 11 anos, a percentagem dos sujeitos de sexo masculino que saem da escola sem adultos, é ligeiramente mais elevada do que a dos sujeitos de sexo feminino.

Além disso, o grande incremento percentual verifica-se nos rapazes entre os 12 e os 13 anos e nas raparigas entre os 13 e os 14 anos, atingindo as raparigas, aos 14 anos, um nível percentual mais elevado do que o dos rapazes. Isto leva a pensar que embora às raparigas seja mais difícil a concessão da autonomia por parte dos pais, esta é apesar disso mais eficaz.

Há diferenças entre o modo como rapazes e raparigas usam essa autonomia. Embora se verifique em ambos os sexos que os sujeitos que saem da escola acompanhados por coetários são percentualmente mais elevados do que aqueles que saem sós, são muito mais as raparigas que escolhem a companhia de coetários (58- 38,2% rapazes sós e 94-61,8%

acompanhados por coetários contra 39-23,6% raparigas sós e 126-76,4% acompanhadas por coetários) sendo esta diferença entre os dois sexos significativa ($\chi^2(4) = 226.91$, $p < 0,0001$). Além disso não só há mais raparigas (80-48,5%) do que rapazes (68-44,7%) que saem da escola com sujeitos do seu próprio sexo como também há bastante mais raparigas (42-25,5%) do que rapazes (21-13,8%) que saem com sujeitos de ambos os sexos o que resulta provavelmente de um mais precoce desenvolvimento sexual nas raparigas.

Entre os sujeitos que saem com adultos verifica-se, mais uma vez nos dois sexos e em todas as idades que a companhia da mãe é sempre mais elevada do que a do pai ou de ambos. Mas, entre os rapazes as percentagens referentes à companhia apenas do pai são mais elevadas do que as das raparigas se excluirmos os 14 anos em que nenhum rapaz sai da escola na companhia do pai. É possível que isto se deva a uma preocupação da figura parental masculina em acompanhar os filhos rapazes contudo essa preocupação parece já não existir aos 14 anos e só 2 rapazes de 11 anos beneficiam da companhia de ambos os pais à saída da escola.

O tempo que os nossos sujeitos levam a chegar a casa é muito variável. Há aqueles que saem, acompanhados ou não, e se dirigem imediatamente para casa mas outros vão para casa de outras pessoas (familiares ou não) ou ficam até na rua durante muito tempo. Averiguámos portanto o **tempo entre a chegada a casa e a saída da escola**, independentemente do modo como é ocupado .

Pudemos concluir que a maior parte dos sujeitos da nossa amostra (354-68,6%) não leva mais do que meia hora a chegar a casa mas há ainda 162(31,4%) que demoram entre meia hora e 8:30 horas.

No entanto, aqueles que demoram mais tempo a chegar a casa podem não estar desacompanhados. Para além dos que estão em casa de familiares até que os pais vão recolhê-los, há também jovens que frequentam actividades extra-escolares, como as actividades desportivas em que estão enquadrados por adultos. Assim, estas diferenças temporais por si sós não têm grande significado a não ser o de constituírem oportunidades de socialização fora de um contexto formal.

Por isso tomámos apenas os sujeitos que saem da escola sós ou acompanhados pelos seus pares e comparámos os tempos médios que estes sujeitos demoram a chegar a casa em cada estrato. São estes que, em princípio, podem dispor mais livremente dos seus tempos.

Encontrámos uma diferença significativa (Quadro 11) entre a média dos tempos de percurso do estrato 1 e do estrato 2, sendo que os sujeitos do estrato 2 demoram em média mais tempo que os do estrato 1 a fazer o percurso da escola para casa.

Contudo não encontrámos diferenças significativas entre os valores médios dos estratos 2 e 3 e dos estratos 1 e 3. Isto porque os sujeitos do estrato 3 demoram mais tempo que os do estrato 1 e menos tempo que os do estrato 2.

Quadro 11

Comparação das médias de tempos de percurso para casa por estrato (t de Student)

Estratos	***N***	***Médias***	***σ***	***F****(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***p***
Estrato1	154	0,57(a)	1,02(c)	20,13	-2,38	257	0,02
Estrato 2	105	0,96(b)	1,61(d)				

Nota: (a)equivale a 34,2 minutos; (b)equivale a 57,6 minutos; (c) equivale a 1 hora e 1,2 minutos; (d) equivale a 3 horas e 2,6 minutos.

Comparámos também as médias em cada estrato para cada sexo separadamente e verificámos haver diferenças significativas novamente entre o estrato 1 e o estrato 2 mas apenas no que se refere às raparigas (Quadro 12). São portanto, as raparigas as responsáveis por esta diferença entre o estrato 1 e o estrato 2.

Quadro 12

Comparação das médias de tempos de percurso para casa por estrato nas raparigas (t de Student)

Estratos	***N***	***Médias***	***σ***	***F****(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
Estrato1	86	0,55(a)	1,00(c)	17,49	-2,11	151	0,04
Estrato 2	67	1,03(b)	1,74(d)				

Nota: (a) corresponde a 33 minutos; (b) corresponde a 1 hora e 1,8 minutos; (c) corresponde a 1 hora; (d) corresponde a 1 hora e 44,4 minutos.

As raparigas do estrato 2 em média demoram aproximadamente o dobro do tempo das do estrato 1 a fazer o percurso para casa. Todas as outras diferenças entre estratos quer para rapazes quer para raparigas não se apresentaram significativas.

Pusemos também a hipótese de que existissem diferenças entre as médias dos diferentes estratos nos sujeitos mais velhos em ambos os sexos. Ou seja; nas idades em que a relação com os pares se torna mais importante.
De facto, a partir dos 13 anos quer as raparigas quer os rapazes do estrato 2, levam em média mais do dobro do tempo das raparigas e dos rapazes do estrato 1 a fazer o percurso da escola para casa (Quadro 13).

Quadro 13

Comparação das médias de tempos de percurso para casa por estrato em raparigas e rapazes aos 13 e 14 anos (t de Student)

Sexo	***Estrato***	***N***	***Médias***	***σ***	***F****(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
F	**1**	79	0,43(a)	0,61(c)	25,33	-2,71	145	0,008
	2	68	0,95(b)	1,56(d)				
M	**1**	69	0,44(e)	0,65(g)	26,09	-2,51	128	0,01
	2	61	0,94(f)	0,52(h)				

Nota: (a) corresponde a 25,8 minutos; (b) corresponde a 57 minutos; (c) corresponde a 36,6 minutos; (d) corresponde a 1 hora e 55,6 minutos; (e) corresponde a 26,4 minutos; (f) corresponde a 56,4 minutos; (g) corresponde a 39 minutos e (h) corresponde a 31,2 minutos.

Não encontrámos contudo diferenças significativas entre as raparigas da mesma faixa etária dos estratos 1 e 3 e dos estratos 2 e 3, o mesmo acontecendo em relação aos rapazes. Ou seja; as raparigas e os rapazes do estrato 3 levam mais tempo a chegar a casa do que os seus congéneres do estrato 1 mas menos tempo do que os do estrato 2.

Podemos portanto concluir, em primeiro lugar que são os sujeitos do estrato 2 de sexo feminino que mais tempo demoram a chegar a casa. Em segundo lugar, são os sujeitos mais velhos (13 e 14 anos) do estrato 2, rapazes e raparigas que mais tempo levam a chegar a casa. Note-se ainda que aos 13 e 14 anos já não há diferenças de médias entre rapazes e raparigas.

É possível que esta demora das raparigas do estrato 2 em chegar a casa, se prenda, em parte, com o facto de ser também neste estrato que mais jovens não têm adultos em casa à sua chegada, como veremos.

À chegada a casa os nossos sujeitos podem não encontrar ninguém ou encontrar apenas coetários. Mas muitos terão adultos como **companhia à chegada a casa** (Quadro 14).

Há no total, 436 (84,4%) sujeitos que encontram adultos ao chegar a casa e 81(15,6%) que não encontram adultos ao chegar a casa. Destes, 28(5,4%) têm a companhia de coetários, geralmente irmãos mas há também alguns pares que provavelmente virão da escola com eles. Contudo, 53(10,2%) sujeitos não encontram ninguém ao chegar a casa. Mais adiante daremos conta do tempo de espera destes sujeitos até à chegada de um adulto a casa.

Quadro 14

Companhia à chegada a casa por estrato

Companhia	*Estrato 1*		*Estrato 2*		*Estrato 3*		*Totais*	
Ninguém	17	9,4%	29	17,7%	7	4,0%	53	10,2%
Irmãos coetários	5	2,8%	15	9,2%	5	3,0%	25	4,8%
Pares	2	1,1%	1	0,6%			3	0,6%
Irmãos adultos	9	5,0%	3	1,8%			12	2,3%
Pais	31	17,2%	24	14,6%	28	16,2%	83	16,1%
Mãe	73	40,5%	57	34,8%	75	43,3%	205	39,7%
Pai	13	7,2%	17	10,4%	12	6,9%	42	8,1%
Família	1	0,6%	4	2,4%	8	4,6%	13	2,5%
Adlt.Aparent.	28	15,6%	12	7,3%	13	7,5%	53	10,3%
A.N.A.	1	0,6%	2	1,2%	25	14,5%	28	5,4%
Totais	180	100,0%	164	100,0%	173	100,0%	517	100,0%

Aqueles que têm adultos ao chegar a casa podem ter feito o percurso da escola para casa na sua companhia ou vir encontrá-los em casa à chegada. Como quer que seja, o que é relevante neste momento é o facto de estes sujeitos terem à chegada a companhia de adultos.

Na nossa amostra, dos que encontram adultos, 330(63,9%) sujeitos têm a companhia dos pais (um ou ambos) ao chegar a casa. Mas uma vez mais a companhia da mãe suplanta percentualmente a do pai e até a de ambos os pais como pode observar-se no quadro. Há ainda alguns jovens que ao chegar a casa têm já toda a família reunida mas trata-se de um pequeno número de casos. Têm a companhia de outros adultos, 93(18,0%) sujeitos. Entre estes Adultos contam-se os Irmãos maiores, os avós ou tios e os vizinhos ou as empregadas domésticas.

Se analisarmos esta distribuição por estratos verificamos que no estrato 1 há 156 (86,7%) sujeitos que têm a companhia de adultos e 24 (13,3%) que não têm a companhia de adultos, no estrato 2 há 119 (72,5%) sujeitos que têm a companhia de adultos e 45 (27,5%) que não têm a companhia de adultos e no estrato 3 há 161 (93,0%) sujeitos que têm a companhia de adultos e 12 (7,0%) que não têm a companhia de adultos. São portanto em maior percentagem os jovens do estrato 3 que estão inseridos num meio de socialização vertical e são em menor percentagem os jovens do estrato 2 que estão inseridos num meio de socialização vertical.

Encontram os pais (um ou ambos) ao chegar a casa 117(64,9%) sujeitos do estrato 1, 98(59,8%) do estrato 2 e 115(66,4%) do estrato 3. São portanto os sujeitos do estrato 2 que menos têm a companhia dos pais à chegada a casa e os do estrato 1 que mais têm a companhia dos pais. As diferenças percentuais entre a presença da mãe e a presença do pai mostram-se mais acentuadas no estrato 3, seguindo-se-lhe o estrato 1 e finalmente o estrato 2. Isto porque se em todos os estratos a presença da mãe ultrapassa a do pai, é contudo no estrato 2 que uma menor percentagem tem a presença da mãe e uma maior percentagem tem a presença do pai. Provavelmente o facto de no estrato 2 existirem muitas mães com horários laborais entre as 9 horas e as 5 da tarde aliado ao facto de também haver neste estrato muitos sujeitos que não têm um horário escolar completo determina esta menor presença da mãe. Note-se que é também no estrato 2 que se verifica a menor percentagem da presença de ambos os pais à chegada dos filhos a casa. Em suma; são as mães que estão mais presentes à chegada dos filhos a casa e é no estrato 2 que menos mães estão presentes. Na educação dos

filhos predomina a presença feminina mas no estrato 2 esta é percentualmente mais baixa do que nos outros estratos.

A ausência dos pais pode ser compensada pela companhia de outros adultos mas estes (38- 21,2% no estrato 1, 17-10,3% no estrato 2 e 38-22,0% no estrato 3) não têm igual composição em todos os estratos. No estrato 3 predominam os Adultos Não Aparentados, todos empregadas domésticas e no estrato 1 predominam os Adultos Aparentados, principalmente avós e tias. No estrato 2, embora haja mais sujeitos que estão com Adultos Aparentados à chegada a casa do que com Adultos Não Aparentados tal como acontece no estrato 1, esta percentagem é igual à do estrato 3. Contudo não há uma compensação por Adultos Não Aparentados que não podem ser pagos.

É portanto natural que os jovens do estrato 2 estejam mais na companhia de coetários ou sós. Ora o que acontece é que predominam neste estrato os sujeitos que estão sós e que além disso ultrapassam percentualmente os do estrato 1 e os do estrato 3. Isto acontece apesar de no estrato 2 ser também mais elevada do que nos outros dois estratos a percentagem de sujeitos que tem a companhia de irmãos coetários. Ou seja: apesar de estarem menos com adultos do que os dos outros estratos, os sujeitos do estrato 2 não aproveitam tanto como poderiam para estar com pares. Provavelmente isto deve-se a características da dinâmica familiar a que estaremos atentos mais tarde aquando da discussão dos dados sobre as relações com a família.

Acrescentemos que só nos estratos 1 e 2 existem sujeitos, conquanto em pequeno número, entregues a irmãos maiores. No estrato 3 existem também sujeitos que têm irmãos maiores mas aparentemente, a estes, não é atribuído o papel de substitutos parentais.

Seria natural que existissem diferenças devidas ao sexo e à idade uma vez que os sujeitos estão em desenvolvimento e o estatuto que o meio envolvente lhes atribui se vai alterando muito frequentemente também em razão do seu sexo.

Na globalidade, não encontrámos diferenças quanto aos valores percentuais de rapazes (39- 15,8%) e de raparigas (42- 15,7%) que ao chegar a casa não têm a companhia de adultos.

Também não parece existir um incremento das percentagens dos sujeitos que não têm a companhia de adultos a acompanhar o aumento de idade em qualquer dos sexos (Quadro 15).

Quanto à presença dos pais (um ou ambos) os valores percentuais entre rapazes e raparigas também não diferem muito e não se alteram com a idade. Encontrámos diferenças não significativas, no que se refere à presença do pai, mais elevada para os rapazes em todas as idades excepto os 14 anos.

A presença da mãe é mais elevada para as raparigas em todas as idades excepto os 13 anos. A presença de ambos os pais é também mais elevada, em todas as idades, para as raparigas. Além disso há uma maior percentagem de raparigas do que de rapazes que tem a companhia de coetários ao chegar a casa.

Podemos porventura supor uma preocupação por parte dos adultos, em fornecer a filhos e filhas a influência predominante de pai ou mãe de acordo com o sexo de pertença. Podemos também supor a existência de dinâmicas familiares diferentes quando há filhas.

Quadro 15

Companhia à chegada a casa por idades e sexos

Sexo masculino										
Companhia	11 anos		12 anos		13 anos		14 anos		Totais	
Ninguém	5	10,6%	3	5,5%	10	13,3%	10	14,4%	28	11,3%
Irmãos coetár	2	4,3%	3	5,5%	1	1,3%	3	4,4%	9	3,6%
Pares	1	2,1%			1	1,3%			2	0,8%
Irmãos Maiores			1	1,8%	3	3,9%	3	4,4%	7	2,8%
Pais	8	17,0%	11	20,0%	9	11,8%	7	10,1%	35	14,3%
Mãe	16	34,0%	22	40,0%	28	36,8%	29	42,0%	95	38,5%
Pai	7	14,9%	5	9,1%	8	10,5%	4	5,9%	24	9,7%
Família	1	2,1%	2	3,6%	1	1,3%			4	1,6%
Adlt.Apare nt	4	8,5%	3	5,4%	11	14,5%	10	14,4%	28	11,3%
A.N.A.	3	6,5%	5	9,1%	4	5,3%	3	4,4%	15	6,1%
Totais	47	100,0%	55	100,0%	76	100,0%	69	100,0%	247	100%
Sexo feminino										
Companhia	11 anos		12 anos		13 anos		14 anos		Totais	
Ninguém	5	9,6%	5	7,8%	10	11,0%	5	7,9%	25	9,2%
Irmãos coetár	2	3,8%	3	4,7%	8	8,8%	3	4,8%	16	6,0%
Pares					1	1,1%			1	0,4%
Irmãos Maior	2	3,8%	1	1,6%			2	3,2%	5	1,9%
Pais	6	11,5%	12	18,7%	20	21,9%	10	15,9%	48	17,8%
Mãe	24	46,2%	29	45,3%	29	31,9%	28	44,5%	110	40,7%
Pai	6	11,5%	3	4,7%	4	4,4%	5	7,9%	18	6,7%
Família	3	5,8%			5	5,5%	1	1,6%	9	3,3%
Adlt.Apare nt	4	7,8%	8	12,5%	8	8,8%	5	7,9%	25	9,2%
A.N.A.			3	4,7%	6	6,6%	4	6,3%	13	4,8%
Totais	52	100,0%	64	100,0%	91	100,0%	63	100,0%	270	100%

Contudo, sublinhemos que em nenhuma das categorias há qualquer variação percentual significativa imputável à idade, relativamente a qualquer dos sexos.

Vimos já que há jovens que chegam a casa acompanhados por uma das figuras parentais mas quando assim não acontece, o tempo de espera é variável. Por vezes, os sujeitos têm de esperar por ambas as figuras parentais. Outras vezes têm de esperar apenas por uma delas e neste caso é normalmente o pai.

Trataremos do **tempo de espera pela mãe** (Quadro 16) em primeiro lugar. Sublinhamos que não considerámos aqui apenas a mãe mas a figura materna para englobar todos os sujeitos que não vivendo com a mãe têm apesar disso, na madrasta, na avó ou na tia uma sua substituta.

Quadro 16

Tempo de espera pela mãe por estrato

Tempos	*Estrato 1*		*Estrato 2*		*Estrato 3*		*Totais*	
0 minutos	114	63,7%	92	56,1%	102	61,5%	308	60,5%
Até 30 min.	5	2,8%	9	5,5%	9	5,4%	23	4,5%
30min.-2 h	22	10,2%	31	18,9%	24	14,4%	75	14,7%
2 - 6 horas	35	19,5%	29	17,7%	24	14,5%	88	17,3%
6 a 9 horas	5	2,8%	3	1,8%	7	4,2%	15	3,0%
Totais	179	100,0%	164	100,0%	166	100,0%	509	100,0%

Observemos que a maior parte dos sujeitos da nossa amostra não tem de esperar pela mãe ao chegar a casa porque esta já lá está ou entra ao mesmo tempo que eles. Mas é no estrato 2 que menos indivíduos não têm de

esperar pela mãe enquanto nos outros dois estratos estas percentagens não diferem muito.

Os que têm de esperar pela mãe entre 2 a 6 horas, serão mais provavelmente os que não têm um horário completo e poderão portanto esperar toda uma tarde. Estes decrescem percentualmente à medida que se sobe na escala social. Os que têm de esperar mais do que 6 horas atingem uma percentagem mais elevada no estrato 3 seguindo-se-lhes os do estrato 1 e finalmente os do estrato 2. Isto deve-se provavelmente às profissões das mães de cada estrato uma vez que são as mães do estrato 2 que geralmente têm profissões de horário bem definido e regular. Sublinhemos que os 2 jovens que mais esperam pela mãe, um do estrato 1 e outro do estrato 3, fazem-no durante 8:45 horas. Comparando os estratos verificamos também que até às 2 horas são sempre os sujeitos do estrato 2 que têm as percentagens mais elevadas.

Relativamente ao **tempo de espera pelo pai** (Quadro 17) os valores percentuais serão muito diferentes de acordo com o que já encontrámos anteriormente a propósito de outras variáveis.

Aqueles jovens que não têm de esperar pelo pai, porque o encontram em casa à chegada ou porque vêm com ele, são menos de metade dos que não têm de esperar pela mãe, contudo não há grandes diferenças percentuais entre os estratos. O intervalo mais frequentado é, como para a mãe o das 2 horas mas a dispersão é muito maior tanto mais que enquanto o limite máximo de espera pela mãe é de 8:45 horas, para o pai é de 12:45 horas.

Quadro 17

Tempo de espera pelo pai por estrato

Tempos	*Estrato 1*		*Estrato 2*		*Estrato 3*		*Totais*	
0 minutos	49	32,6%	45	33,8%	51	34,0%	145	33,5%
Até 30 min.	11	7,3%	6	4,5%	14	9,3%	31	7,2%
30min. - 2 h.	30	20,0%	27	20,3%	23	15,3%	80	18,5%
2 – 6 horas	35	28,0%	41	30,8%	46	30,6%	129	29,8%
6 – 9 horas	14	9,4%	10	7,5%	14	9,4%	38	8,8%
9 – 13 horas	4	2,7%	4	3,1%	2	1,4%	10	2,2%
Totais	150	100,0%	133	100,0%	150	100,0%	433	100%

A média de tempo de espera pela mãe é de 1:7 horas enquanto a média de tempo que têm de esperar pelo pai é de 2:19 horas. Verificámos que a diferença entre estas médias é significativa (t (147) = -6.03 ; p=0.0001). Outro dado importante é o que respeita ao número de sujeitos sobre os quais não temos informações referentes à hora de chegada da figura materna ou da figura paterna. Embora existam 21 sujeitos dos quais de facto não temos informações, para além disso, verifica-se que 10 sujeitos não referiram a hora de chegada da figura materna e 86 não referiram a hora de chegada da figura paterna. Alguns destes sujeitos não têm mãe ou pai ou substitutos. Outros jovens têm mães ou pais que trabalham por turnos (os enfermeiros, os médicos, os polícias) ou que trabalham de noite (os padeiros ou pasteleiros) e portanto só chegam no dia seguinte. Outros porém, não são capazes de dizer a hora de chegada do pai ou da mãe porque estes chegam depois da hora a que eles se deitam. Não deixa, contudo, de ser importante atentar nesta diferença quanto ao desconhecimento da hora de chegada da mãe e do pai porque mais uma vez ela indicia que os jovens estão predominantemente à responsabilidade da

mãe ou, na ausência desta, de figuras femininas substitutas. Talvez também por isso, aos jovens, se torne relativamente irrelevante a hora de chegada da figura paterna. Contudo, não podemos saber que atitude será a destes sujeitos para com as ausências prolongadas da figura paterna.

Debrucemo-nos agora sobre as **diferenças entre a hora de chegada a casa da figura paterna e da figura materna** (Quadro 18).

Vemos que há apenas 68 (16,1%) sujeitos cuja mãe chega mais tarde do que o pai, 126 (29,8%) cujos pais chegam a casa ao mesmo tempo, e 229 (54,1%) cujo pai chega mais tarde do que a mãe. Estes últimos são a maioria.

Quadro 18

Diferenças entre a hora de chegada do pai e a hora de chegada da mãe a casa por estrato

Diferenças	*Estrato 1*		*Estrato 2*		*Estrato 3*		*Totais*	
–12 a –4 h.	2	1,3%	2	1,5%	3	2,1%	7	1,7%
–4 a –2 h.	5	3,4%	4	3,2%	2	1,4%	11	2,6%
–2 a –30min.	12	8,0%	12	9,2%	11	7,6%	35	8,3%
- 30 min. a 0	3	2,0%	3	2,3%	9	6,2%	15	3,5%
0 horas	44	29,5%	38	29,2%	44	30,6%	126	29,9%
0 a + 30 min.	13	8,7%	12	9,2%	9	6,2%	34	8,0%
+ 30 min. a 2 h	28	18,8%	25	19,2%	32	22,2%	85	20,1%
+2 a 4 horas	16	10,8%	17	13,1%	25	17,4%	58	13,7%
+ 4 a +12 h.	23	15,5%	17	13,1%	8	5,6%	48	11,3%
+12 a +16 h	3	2,0%			1	0,7%	4	0,9%
Totais	149	100,0%	130	100,0%	144	100,0%	423	100,0%

Analisando os resultados por estratos verifica-se que não existem grandes diferenças. É certo que as percentagens dos sujeitos cuja mãe chega mais tarde que o pai (22- 14,7% no estrato 1; 21- 16,2% no estrato 2 e 25-17,3% no estrato 3) vão aumentando à medida que se sobe na escala social mas estes aumentos são muito pequenos.

Relativamente àqueles cujo pai chega a casa mais tarde do que a mãe observa-se um decréscimo com a subida de estrato social mas uma vez mais as diferenças são muito pequenas.

A diferença mais clara é a existente entre uma maioria de sujeitos que estão muito tempo apenas na companhia da mãe contra um número menor de sujeitos que estão com ambos os pais e um número ainda menor que apenas está na companhia do pai, independentemente do estrato social.

Ao jantar, é de esperar que a situação seja diferente. Há jovens que jantam com os pais e até com toda a família mas há também os que jantam com outros adultos e até com coetários. Só 10 (2,0%) dos sujeitos da nossa amostra estão sem adultos. Os que jantam com coetários pertencem aos estratos 1 e 2 (Quadro 19).

Também os 2 sujeitos que jantam sós pertencem aos estratos 1 e 2.

Uma maioria de 509 (98%) janta na companhia de adultos. Destes fazem parte 173 (100%) sujeitos do estrato 3 , 162 (98,2%) do estrato 2 e 174 (96,1%) do estrato 1. Embora as diferenças sejam diminutas observa-se um crescendo da presença de adultos ao jantar a acompanhar a subida de estrato que atinge a totalidade no estrato 3. São raros os que nesta altura do dia estão entregues a Adultos Não Aparentados. Os que jantam com Adultos Aparentados decrescem percentualmente à medida que se sobe na escala social.

Quadro 19

Companhia ao jantar por estrato

Companhia	*Estrato 1*		*Estrato 2*		*Estrato 3*		*Totais*	
Ninguém	1	0,6%	1	0,6%			2	0,4%
Coetários	6	3,3%	2	1,2%			8	1,6%
Pais	100	55,2%	70	42,4%	51	29,6%	221	42,6%
Mãe	35	19,3%	52	31,5%	41	23,7%	128	24,7%
Pai	4	2,2%	4	2,4%	8	4,6%	16	2,9%
Família	14	7,7%	26	15,8%	67	38,7%	107	20,6%
Adlt.Aparentad	20	11,1%	10	6,1%	5	3,0%	35	6,8%
A.N.A.	1	0,6%			1	0,6%	2	0,4%
Totais	181	100,0%	165	100,0%	173	100,0%	519	100%

Nota: Posto o pequeno número de casos juntámos no estrato 1 os 2 únicos pares aos irmãos coetários e também os 2 Irmãos maiores aos Adultos aparentados nos estratos 1 e 3.

A maior parte dos nossos sujeitos (365- 70,3%) tem a companhia dos pais à hora do jantar mas enquanto no estrato 1 e no 2 (139- 76,7% e 126- 76,3%, respectivamente) estes valores percentuais são equivalentes, no estrato 3 (100- 57,9%) observa-se um valor bastante mais baixo. Contudo temos ainda de considerar que há sujeitos que têm a companhia de toda a família ao jantar e estes vão subindo percentualmente a acompanhar a subida de estrato. Muitos destes terão em casa ambos os pais ao jantar mas alguns pertencem a famílias monoparentais e portanto só poderão ter uma das figuras parentais. Entendemos dever considerar separadamente aqueles que têm toda a família ao jantar porque esta presença permitirá ao sujeito uma convivência não formal de diferentes gerações e portanto a apreensão de vários papéis no seio da família.

Quanto aos que estão com os pais novamente se observa uma desproporção entre os que estão com ambos os pais, só com a mãe ou só com o pai. Sobressaindo percentualmente aqueles que ao jantar estão com ambos os pais verifica-se contudo um decréscimo percentual à medida que se sobe na escala social. A presença da mãe é percentualmente mais elevada no estrato 2 seguindo-se-lhe o estrato 3 e depois o estrato 1. Mas isto não quer dizer que no estrato 1 estejam menos mães ao jantar uma vez que é também neste estrato que encontramos os valores percentuais mais elevados relativamente à presença de ambos os pais. O que importa portanto sublinhar mais uma vez é que dos 144(27,7%) sujeitos que só estão na companhia de uma das figuras parentais ao jantar, 39 (21,5%) pertencem ao estrato 1, 56(33,9%) pertencem ao estrato 2 e 49(28,3%) pertencem ao estrato 3. Assim, é no estrato 2 que mais sujeitos estão apenas com um dos pais e é no estrato 1 que menos sujeitos estão apenas com um dos pais. É também esta a ordem percentual da presença apenas da mãe o que significa que é no estrato 2 que mais sujeitos sofrem uma influência predominantemente feminina. Mais uma vez alguns destes sujeitos podem viver apenas com a mãe mas seleccionando os sujeitos que vivem com pai e mãe em casa, apesar de os valores percentuais referentes à mãe serem em todos os estratos superiores aos do pai, não encontrámos valores significativos para estas diferenças por estrato. Também não encontrámos diferenças significativas que pudessem imputar-se ao sexo ou à idade ou a ambos.

A figura parental que não está presente ao jantar pode chegar passado pouco tempo e assim existir ainda a oportunidade para um serão conjunto.

Mas outras vezes acontece que, jantando em casa, o pai ou a mãe se ausentam logo após o jantar . Assim procurámos saber acerca da **companhia à noite** durante o período que medeia entre a hora do jantar e a hora de deitar.

Há apenas 17(3,2%) sujeitos que não têm à noite a companhia de adultos (Quadro 20). Tratando-se de um pequeno número na globalidade e em qualquer dos estratos, são contudo em maior percentagem no estrato 1. Alguns estão na companhia de coetários mas quase todos os coetários são irmãos o que não surpreende dado que a esta hora não seria muito natural que fosse permitido aos jovens juntarem-se aos seus pares.

Quadro 20

Companhia à noite por estratos

Companhia	*Estrato 1*		*Estrato 2*		*Estrato 3*		*Totais*	
Ninguém	2	1,1%	3	1,8%	2	1,2%	7	1,4%
Coetários	6	3,4%	3	1,8%	1	0,6%	10	1,8%
Pais	93	52,0%	66	40,0%	46	26,5%	205	39,7%
Mãe	38	21,2%	49	29,7%	37	21,4%	124	24,0%
Pai	4	2,2%	7	4,2%	9	5,2%	20	3,9%
Família	14	7,8%	28	17,0%	74	42,7%	116	22,4%
Adlt. Aparentad	22	12,3%	9	5,5%	2	1,2%	33	6,4%
A.N.A.					2	1,2%	2	0,4%
Totais	179	100,0%	165	100,0%	173	100,0%	517	100,0%

Quanto aos 500(96,8%) que estão acompanhados por adultos não mostram grandes diferenças por estrato embora as suas percentagens vão

aumentando com a subida de estrato(171-95,5% no estrato 1; 159-96,4% no estrato 2 e 170- 98,2% no estrato 3).

Observam-se maiores diferenças relativamente àqueles que têm à noite a companhia de toda a família e que vão aumentando com a subida de estrato e relativamente à presença de ambos os pais que vai diminuindo à medida que se sobe de estrato.

Relativamente à presença da mãe é o estrato 2 que apresenta a percentagem mais alta enquanto os outros dois estratos estão equiparados. Relativamente à presença do pai apenas, rara em todos os estratos, vai subindo a acompanhar os estratos.

Sublinhemos uma vez mais a discrepância entre a presença do pai à noite e a presença da mãe em favor desta que verificando-se em todos os estratos é apesar de tudo mais acentuada no estrato 2.

VIII.3 - Ritmos de Vida e Exposição aos Meios de Socialização

Em média a **hora de deitar** é para os nossos sujeitos as 22:37 minutos. Contudo, há variações que vão desde o extremo mínimo das 19:30 horas até ao extremo máximo das 4:00 da madrugada (Quadro 21). Em todos os estratos a maior parte dos nossos sujeitos deita-se entre as 21:30 e as 22:30 horas.

Esperávamos, com diferenças entre estratos, encontrar um padrão que consistia numa cada vez mais tardia hora de deitar a acompanhar o aumento da idade. No entanto não foi isso que verificámos.

Quadro 21

Hora de deitar por idades em cada estrato

Estrato1					
Horas	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos	Totais
20:15-21:30	5 15,6%	10 22,8%	5 9,5%	3 5,7%	23 12,9%
21:30-22:30	12 37,6%	23 52,3%	25 47,2%	18 34,7%	78 43,2%
22:30-24:00	14 43,9%	9 20,5%	21 39,6%	27 51,9%	71 39,3%
24:00-04:00	1 3,1%	2 4,6%	2 3,8%	4 7,7%	9 5,1%
Totais	32 100%	44 100%	53 100%	52 100%	181 100%
Estrato 2					
Horas	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos	Totais
19:30-21:30	6 17,6%	5 15,2%	2 4,0%	3 6,3%	16 9,6%
21:30-22:30	19 55,9%	21 63,6%	22 44,0%	15 31,3%	77 46,6%
22:30-24:00	9 26,4%	6 18,1%	25 50,0%	28 58,5%	68 41,1%
24:00-01:30		1 3,0%	1 2,0%	2 4,2%	4 2,4%
Totais	34 100%	33 100%	50 100%	48 100%	165 100 %
Estrato 3					
Horas	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos	Totais
20:30-21:30	11 32,3%	4 9,5%	3 4,8%	1 3,0%	19 11,0%
21:30-22:30	15 44,0%	20 47,5%	33 51,5%	16 48,5%	84 48,5%
22:30-24:00	8 23,5%	18 42,9%	27 42,3%	13 39,4%	66 38,3%
24:00-01:00			1 1,6%	3 9,1%	4 2,3%
Totais	34 100%	42 100%	64 100%	33 100%	173 100 %

Se atentarmos às percentagens inscritas no Quadro 21 para cada idade em cada estrato podemos observar que no estrato 1 aos 11 anos há uma maior

percentagem de sujeitos que se deita entre as 22:30 e as 24:00 horas aos 11 anos. Aos 12 anos os jovens deslocam-se para a faixa das 21:30 às 22:30 horas e depois disso começam novamente a deslocar-se para depois das 22:30, atingindo aos 14 anos a maior percentagem entre as 22:30 e as 24:00.

No estrato 2 observa-se uma maior percentagem de sujeitos que se deitam aos 11 anos entre as 21:30 e as 22:30 mas essa percentagem também aumenta aos 12 anos. Depois assistimos a um progressivo deslocamento para o período de entre as 22:30 e as 24:00 horas. Aos 14 anos existe mesmo uma percentagem maior de sujeitos do estrato 2 do que do estrato 1 que se deitam depois das 22:30.

No estrato 3 a evolução é diferente. Aos 12 e aos 13 anos parece haver uma certa tendência para que os sujeitos se desloquem para o período de entre as 22:30 e as 24:00 mas aos 14 essa tendência diminui novamente. Ou seja, no estrato 3, tirando um pequeno número de casos excepcionais, aos 14 anos os jovens tendem a voltar a deitar-se mais cedo o que não acontece nos outros dois estratos. É certo que são também os jovens do estrato 3 que têm um período escolar diário mais longo e cujo peso vêem aumentado pelos 14 anos de idade, razão pela qual estarão provavelmente mais cansados à noite. Mas poderá ainda haver outros factores menos objectivos que se prendam com a dinâmica familiar.

Pusemos a hipótese de que a hora a que os nossos sujeitos se deitavam dependia não só do estrato de pertença e da idade mas também do sexo visto que desenvolvendo-se as raparigas mais cedo, poderiam ter padrões diferentes dos dos rapazes relativamente a esta variável. Em suma

esperávamos encontrar padrões de evolução deste comportamento diferentes para rapazes e para raparigas e também diferentes em cada estrato.

Quando comparámos nos rapazes, em cada idade, as médias de cada estrato, não encontrámos diferenças significativas. Aos 12 anos existe uma diferença maior entre os rapazes dos estratos 1 e 3, que se deitam às 22:41 horas e os do estrato 2 que se deitam às 22:13 horas mas esta diferença não chega a ser significativa porque o desvio padrão é demasiado alargado. Também se observa uma grande diferença aos 11 anos entre os rapazes dos estratos 2 e 3 e os do estrato 1, deitando-se estes mais tarde mas mais uma vez a diferença não é significativa pela mesma razão. Também aos 14 anos conquanto os rapazes do estrato 3 se deitem bastante mais tarde que os do estrato 2 e um pouco mais tarde do que os do estrato 1 não há diferenças significativas. Já nas raparigas se verificou uma diferença de médias significativa (Quadro 22), apenas aos 12 anos, entre o estrato 1 e o estrato 3 sendo que as raparigas de 12 anos do estrato 3 se deitam mais tarde do que as do estrato 1.

Quadro 22

Comparação das médias da hora de deitar entre os estratos 1 e 3 nas raparigas de 12 anos (t de student)

♀ ***12 anos***	***N***	***Médias***	***σ***	***F****(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
Estrato 1	26	22,16(a)	0,67(c)	0,03	-2,24	46	0,03
Estrato 3	22	22,63(b)	0,76(d)				

Nota: (a) corresponde a 22 horas e 9 minutos; (b) corresponde a 22 horas e 37 minutos, (c) corresponde a 40 minutos e (d) corresponde a 45 minutos.

Mas não encontrámos diferenças significativas entre rapazes e raparigas das mesmas idades quando comparados dentro do mesmo estrato.

Contudo, tal não significa que em absoluto não haja diferenças. Elas existem mas situam-se a um outro nível.

Quando comparamos em cada um dos sexos as médias do horário de deitar por idades dentro de cada estrato, as diferenças começam a surgir.

Nos rapazes, não é ainda no estrato 1 que encontramos diferenças significativas. Embora estes jovens se vão deitando cada vez mais tarde, a progressão é suave. Todavia, no estrato 2, encontrámos uma diferença significativa entre as médias da hora de deitar dos rapazes de 12 e de 14 anos (Quadro 23) sendo que os últimos se deitam mais tarde.

Quadro 23

Comparação entre as médias de deitar dos rapazes de 12 e de 14 anos do estrato 2 (t de Student)

♂ **Estrato 2**	***N***	***Médias***	***σ***	***F*** *(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
12 anos	17	22,22(a)	0,87(c)	0,005	-2,25	41	0,03
14 anos	14	22,79(b)	0,79(d)				

Nota: (a) corresponde a 22 horas e 13 minutos; (b) corresponde a 22 horas e 47 minutos; (c) corresponde a 52 minutos e (d) corresponde a 47 minutos.

Significa isto que a média da hora de deitar, entre os rapazes do estrato 2, é mais elevada aos 11 anos do que aos 12 mas vai aumentando progressivamente entre os 12 e os 14 anos.

No estrato 3 também encontrámos uma diferença significativa entre a média da hora de deitar dos rapazes de 11 e dos rapazes de 14 anos (Quadro 24) sendo que os últimos se deitam mais tarde.

Quadro 24

Comparação entre as médias da hora de deitar dos rapazes de 11 anos e de 14 anos do estrato 3 (t de Student)

♂ **Estrato 3**	***N***	***Médias***	***σ***	***F*** *(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
11 anos	17	22,34(a)	0,63(c)	0,18	-3,22	34	0,003
14 anos	19	23,09(b)	0,76(d)				

Nota: (a) corresponde a 22 horas e 20 minutos; (b) corresponde a 22 horas e 5 minutos, (c) corresponde a 37 minutos e (d) corresponde a 45 minutos.

Neste estrato a hora média de deitar sofre um aumento dos 11 para os 12 anos mas depois só se verifica uma nova subida dos 13 para os 14 anos. Entre os 12 e os 13 anos não se observa nenhuma alteração.

Nas raparigas, como veremos, verificam-se mais diferenças do que nos rapazes. Estas diferenças testemunham de uma evolução comportamental diferente da do sexo masculino e observam-se logo no estrato 1. Dos 11 para os 12 anos verifica-se que as raparigas do estrato 1 se deitam mais cedo mas a diferença não é significativa. A partir dos 12 anos começa a observar-se um crescendo até aos 14 anos (Quadro 25).

Quadro 25

Comparação entre as médias da hora de deitar nas raparigas do estrato 1(t de Student)

♀ **Estrato 1**	***N***	***Médias***	***σ***	***F***(teste de igualdade de σ^2)	***t***	***gl***	***P***
12 anos	26	22,16(a)	0,67(c)	0,34	-2,75	55	0,008
13 anos	31	22,69(b)	0,77(d)				
12 anos	26	22,16(a)	0,67(c)	0,04	-4,36	52	0,0001
14 anos	28	22,97(f)	0,69(h)				

Nota: (a) corresponde a 22 horas e 9 minutos; (b) corresponde a 22 horas e 41 minutos, (c) corresponde a 40 minutos; (d) corresponde a 46 minutos; (f) corresponde a 22 horas e 58 minutos; (h) corresponde a 41 minutos.

As raparigas do estrato 1 em média começam a deitar-se mais tarde a partir dos 13 anos e embora aos 14 anos se deitem ainda mais tarde do que aos 13 não há diferenças significativas entre os 13 e os 14 anos. Todavia, como a diferença que já existia, se acentuou entre os 12 e os 14 anos podemos dizer que dos 12 para os 13 se verifica uma grande e súbita mudança que se acentua depois entre os 13 e os 14 anos, embora em menor grau.

No estrato 2 as diferenças parecem manifestar-se mais gradualmente. Encontrámos diferenças significativas entre os 11 e os 13 anos e entre os 11 e os 14 anos (Quadro 26). Como as diferenças de médias entre os 11 e os 12 anos, entre os 12 e os 13 anos e entre os 13 e os 14 anos não se revelaram significativas, podemos concluir que no estrato 2 a média da hora de deitar começa a aumentar mais cedo mas mais gradualmente do que no estrato 1.

Quadro 26

Comparação entre as médias da hora de deitar nas raparigas do estrato 2 (t de Student)

♀ **Estrato 2**	***N***	***Médias***	***σ***	***F*** *(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
11 anos	20	22,09(a)	1,08(c)	1,45	-2,91	44	0,006
13 anos	36	22,86(b)	0,71(d)				
11 anos	20	22,09(e)	1,08(g)	2,57	-3,17	40	0,003
14 anos	22	22,93(f)	0,62(h)				

Nota: (a) corresponde a 22 horas e 5 minutos; (b) corresponde a 22 horas e 51 minutos, (c) corresponde a 1 hora e 4 minutos; (d) corresponde a 46 minutos; (f) corresponde a 22 horas e 55,8 minutos; (h) corresponde a 37,2 minutos.

No estrato 3 veremos que a evolução desta variável se manifesta de maneira diferente da dos estratos 1 e 2. A hora média de deitar vai progredindo até aos 13 anos para depois diminuir.

Só são significativas (Quadro 27) as diferença de médias entre os 11 e os 12 anos e entre os 11 e os 13 anos mas já não são significativas as diferenças entre os 11 e os 14 anos. Isto implica que por um lado no estrato 3 começam a observar-se mudanças no ritmo de deitar muito cedo mas que dos 13 para os 14 anos se dá uma inflexão. Ou seja; aos 14 anos as raparigas do estrato 3 voltam a deitar-se mais cedo do que as de 13 anos e até do que as de 12 anos uma vez que em média se deitam às 22:33 horas. É provável que isto se deva ao facto de as suas responsabilidades escolares serem nesta idade muito pesadas já que no final do ano terão pela primeira vez exames finais.

Quadro 27

Comparação entre as médias da hora de deitar nas raparigas do estrato 3 (t de Student)

♀ **Estrato 3**	***N***	***Médias***	***σ***	***F*** *(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
11 anos	17	22,03(a)	0,96(c)	0,31	-2,17	37	0,04
12 anos	22	22,63(b)	0,76(d)				
11 anos	17	22,03(e)	0,96(g)	0,26	-2,76	49	0,008
13 anos	34	22,73(f)	0,79(h)				

Nota: (a) corresponde a 22 horas; (b) corresponde a 22 horas e 37 minutos, (c) corresponde a 57 minutos; (d) corresponde a 45 minutos; (f) corresponde a 22 horas e 43 minutos; (h) corresponde a 47 minutos.

É certo que esta inflecção não se observa nas raparigas dos outros estratos nem sequer nos rapazes do mesmo estrato e da mesma idade mas é também no estrato 3 que maiores são as ambições quanto às aquisições escolares e nesta fase do desenvolvimento são também as raparigas que aplicam um maior investimento nas actividades escolares.

No caso de os jovens não terem aulas de manhã é provável que, deitando-se tarde, compensem o tempo de sono dormindo também até mais tarde. Por isso verificámos a média de **horas de sono** por estrato. Não encontrámos diferenças significativas entre o estrato 1 e o estrato 2 embora os jovens do estrato 2 em média durmam um pouco mais (Quadro 28). Contudo os jovens do estrato 3 dormem em média significativamente menos do que os dos outros dois estratos.

Quadro 28

Comparação entre as médias de horas de sono por estratos
(t de Student)

Estratos	***N***	***Médias***	***σ***	***F***(teste de igualdade de σ^2)	***t***	***gl***	***P***
1	181	9,11(a)	1,13(c)	0,0001	2,03	352	0,044
3	173	8,86(b)	1,21(d)				

Nota: (a) corresponde a 9 horas e 6 minutos; (b) corresponde a 8 horas e 51minutos, (c) corresponde a 1 hora e 7 minutos; (d) corresponde a 1 hora e 12 minutos; (e) corresponde a 9 horas e 15 minutos

Tal não surpreende se pensarmos que na sua maioria estes jovens frequentam escolas privadas que praticam horários completos e muitos deles mantêm-se na escola para além do período de aulas o que faz com que lhes reste menos tempo depois disso.

Cabe sublinhar que a evolução da variável hora de deitar depende do estrato social e dentro de cada estrato é função da idade e do sexo dos sujeitos. No estrato 1, enquanto nos rapazes a hora média de deitar vai aumentando progressivamente, nas raparigas há uma descida entre os 11 e os 12 anos para depois se observar uma subida que aos 14 anos coloca as raparigas acima dos rapazes. Ou. Seja: as raparigas, aos 14 anos deitam-se em média mais tarde do que os rapazes.

No estrato 2, passa-se o oposto. Os rapazes, dos 11 para os 12 anos passam a deitar-se mais cedo, para depois começarem a aumentar a hora média de deitar até aos 14 anos. Nas raparigas assiste-se a um aumento progressivo entre os 11 e os 14 anos tal como acontece com os rapazes do estrato 1. Contudo, aos 13 anos as raparigas do estrato 2 já se deitam mais

tarde do que os rapazes de qualquer dos estratos e aos 14 deitam-se mais tarde do que os rapazes do estrato 2.

No estrato 3 a média dos rapazes sobe dos 11 para os 12 anos, estabiliza e depois volta a subir dos 13 para os 14 anos. Nas raparigas dá-se uma subida progressiva dos 11 para os 13 anos e depois disso uma nova descida, como dissémos, até uma média mais baixa do que a dos 12 anos. Esta descida da média de deitar aos 14 anos só se verifica, como dissémos, nas raparigas do estrato 3.

Quanto mais tempo de vigília tiverem os sujeitos, mais tempo terão também, em princípio, para interagir com os vários agentes de socialização que fazem parte do seu quotidiano. Contudo, como anteriormente dissémos, de acordo com as nossas hipóteses iniciais, só é relevante o tempo que os sujeitos passam fora de situações formais como a escola ou as actividades extra escolares. Quanto às actividades extra escolares como os treinos desportivos, as aulas de música, de línguas estrangeiras, de representação ou de dança, verificámos serem frequentadas por uma percentagem diminuta de jovens em qualquer dos estratos. A grande maioria não tem actividades extra escolares.

No entanto, o **tempo que passam na escola** é tão variável que oscila entre as 5 e as 10 horas. O tempo escolar médio varia com o estrato social de pertença. São os sujeitos do estrato 1 que menos tempo passam na escola e os do estrato 3 os que mais tempo passam na escola. Mas a diferença de médias entre o estrato 1 e o 2 é diminuta só se revelando significativas as diferenças entre os estratos 1 e 3 e os estratos 2 e 3 (Quadro 29). Este facto

vai ter evidentemente uma influência enorme nos tempos de socialização exteriores à escola e às actividades extra escolares.

São portanto os sujeitos do estrato 3 que estão mais tempo numa situação formal e por isso mesmo são também os que menos tempo têm para a exposição a agentes de socialização em contexto mais informal.

Quadro 29

Comparação entre as médias de tempo escolar por estrato
(t de Student)
(em horas)

Estratos	***N***	***Médias***	***σ***	***F*** *(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
1	181	6,52(a)	1,78(c)	5,33	-6,07	352	0,0001
3	173	7,64(b)	1,69(d)				
2	165	6,58(e)	2,01(f)	8,07	-5,24	336	0,0001
3	173	7,64(b)	1,69(d)				

Nota: (a)corresponde a 6 horas e 31 minutos; (b)corresponde a 7 horas e 38 minutos; (c)corresponde a 1 hora e 46 minutos; (d) corresponde a 1 hora e 41 minutos; (e) corresponde a 6 horas e 34 minutos; (f) corresponde a 2 horas.

Este tempo deduzido a partir do tempo total de vigília a que subtraímos os contextos formais (tempo na escola e nas actividades extra escolares) a que convencionámos chamar **tempo social**, também varia, obviamente com os estratos sociais. Isto implica que em termos absolutos, os diferentes estratos não têm a mesma possibilidade de exposição a contextos informais mas a utilização que fazem do tempo social, quando analisada percentualmente, pode ou não variar muito. Ou seja; analisando a

exposição a um dado agente de socialização, em termos de horas apenas sabemos que os sujeitos do estrato 3 estão, em princípio, menos horas embebidos em contextos informais do que os jovens de qualquer dos outros estratos. No entanto, tendo mais horas de tempo social, não podemos garantir que os jovens dos estratos 1 e 2 as utilizem nas mesmas proporções que os do estrato 3. Este raciocínio levou-nos a fazer dois tipos de cálculos: o do número de horas que os sujeitos passam na companhia dos diversos agentes de socialização ao longo do dia e o da percentagem de tempo, com referência ao tempo social, que passam com esses mesmos agentes.

Vejamos então o que se passa relativamente ao tempo **com adultos** em cada estrato social. Os sujeitos do estrato 1 passam em média 6 horas e 13 minutos com adultos, os do estrato 2 passam 6 horas e 15 minutos com adultos e os do estrato 3 passam 6 horas e 34 minutos com adultos. Em termos brutos, não há diferenças de médias significativas entre os estratos. No entanto, se analisarmos tendo por base o tempo social que cada um dos estratos tem disponível a situação afigura-se completamente diferente (Quadro 30).

Embora em média os sujeitos do estrato 1 passem uma menor percentagem do seu tempo social com adultos do que os do estrato 2, esta diferença não é significativa. Mas são significativas as diferenças de médias entre os estratos 1 e 3 e os estratos 2 e 3. Isto significa que apesar de em termos de horas não haver grandes diferenças entre os estratos, no estrato 3 sendo embora o tempo social menor do que o dos outros estratos, a percentagem desse tempo que é passada com adultos é significativamente mais elevada.

Quadro 30

Comparação das médias de tempo passado com adultos por estrato (t de Student)
(em valor percentual)

Estratos	***N***	***Médias***	***σ***	***F*** *(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
1	181	77,36%	19,66	30,36	-8,04	352	0,0001
3	173	91,73%	13,17				
2	165	81,37%	20,01	44,30	-5,65	336	0,0001
3	173	91,73%	13,17				

Existe neste estrato uma maior preocupação em que os jovens estejam acompanhados por adultos.

Relativamente ao tempo que os jovens de cada estrato passam **sem adultos** os valores são inversos (Quadro 31) como seria de esperar. São agora os sujeitos do estrato 1 que apresentam médias mais altas e os do estrato 3 os que apresentam médias mais baixas. As diferenças entre o estrato 1 e o estrato 2, conquanto os sujeitos do estrato 2 estejam mais tempo sem adultos, não são significativas.

Mas estas diferenças referem-se às médias determinadas em horas brutas o que apenas nos permite verificar que existe uma diferença significativa entre o tempo que os indivíduos dos estratos 1 e 2 passam sem adultos e o tempo que os indivíduos do estrato 3 passam sem adultos, bastante menos do que nos outros dois estratos.

Quadro 31

Comparação das médias de tempo passado sem adultos por estrato (t de Student)
(em horas)

Estratos	***N***	***Médias***	***σ***	***F*** *(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
1	181	1,85(a)	1,74(c)	40,48	8,00	352	0,0001
3	173	0,62(b)	1,05(d)				
2	165	1,60(e)	1,89(f)	62,85	5,97	336	0,0001
3	173	0,62(b)	1,05(d)				

Nota: (a) corresponde a 1 hora e 51 minutos; (b) corresponde a 37 minutos; (c) corresponde a 1 hora e 44 minutos, (d) corresponde a 1 hora e 3 minutos; (e) corresponde a 1 hora e 36 minutos; (f) corresponde a 1 hora e 53 minutos.

Quando tomamos como referência o tempo social, ou seja; o tempo que durante um dia, os sujeitos têm, livre de obrigações escolares ou actividades extra escolares poderemos chegar a outros resultados. É que determinando para cada estrato a percentagem desse tempo que é ocupado em relação com os diferentes agentes de socialização, podemos mais facilmente concluir das condições de vida dos jovens.

Na verdade, continua a observar-se uma diferença significativa entre a percentagem de tempo que os sujeitos do estrato 3 passam sem adultos e a percentagem de tempo que os sujeitos de cada um dos outros estratos passam sem adultos (Quadro 32).

Isto significa portanto que não só o tempo que os sujeitos passam sem adultos vai diminuindo à medida que subimos na escala social como também, para além disso, do tempo disponível (tempo social), a

percentagem em que os sujeitos estão sem adultos vai diminuindo à medida que se sobe na escala social.

Quadro 32

Comparação das médias de tempo passado sem adultos por estrato (t de Student)
(em valor percentual)

Estratos	***N***	***Médias***	***σ***	***F*** *(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
1	181	22,63%	19,66	30,36	8,04	352	0,0001
3	173	8,27%	13,17				
2	165	18,63%	20,01	44,30	5,65	336	0,0001
3	173	8,27%	13,17				

Mais uma vez, teremos de distinguir durante quanto tempo os jovens estão sózinhos e durante quanto tempo estão imersos num meio de socialização horizontal já que verificámos que existem jovens que estando livres da vigilância adulta, nem por isso estão com coetários.

Quanto às médias do tempo que passam **sózinhos** verifica-se, como anteriormente para outras variáveis, que são os jovens de estrato 2 que surgem em primeiro lugar, seguindo-se-lhes os do estrato 1 e finalmente os do estrato 3.

Sendo significativas as diferenças de médias entre todos os estratos (Quadro 33), no estrato 2 acontece que a maior parte do tempo que os sujeitos não estão com adultos, estão sós o que não acontece nos outros dois estratos. Além disso, se quanto ao tempo que passam sem adultos os jovens do

estrato 2 não se diferenciam muito dos do estrato 1, relativamente ao tempo que passam sós diferenciam-se destes de modo significativo.

Quadro 33

Comparação das médias de tempo passado sózinhos por estrato (t de Student)
(em horas)

Estratos	***N***	***Médias***	***σ***	***F***(teste de igualdade de σ^2)	***t***	***gl***	***P***
1	181	0,61(a)	0,98(c)	19,49	-2,05	344	0,04
2	165	0,86(b)	1,30(d)				
1	181	0,61(a)	0,98(c)	17,29	3,48	352	0,001
3	173	0,29(e)	0,68(f)				
2	165	0,86(b)	1,30(d)	73,54	5,04	336	0,0001
3	173	0,29(e)	0,68(f)				

Nota: (a) corresponde a 36 minutos; (b) corresponde a 51 minutos; (c) corresponde a 58 minutos, (d) corresponde a 1 hora e 18 minutos; (e) corresponde a 17 minutos; (f) corresponde a 40 minutos.

Contudo, se analisarmos as percentagens médias de tempo que passam sózinhos a situação surge com outra aparência (Quadro 34).

Salienta-se em primeiro lugar o facto de não haver diferença significativa entre as médias do estrato 1 e do estrato 2. Embora estes jovens estejam menos tempo sem adultos do que os do estrato 1, a percentagem de tempo que estão sós é um pouco mais elevada do que a deles. Ou seja; existe nos estratos 1 e 2 um padrão diferente de ocupação do tempo. Além disso, não há dúvida de que mais uma vez, em particular nesta variável, os jovens do estrato 3 se diferenciam significativamente dos outros. Não só passam uma

menor percentagem de tempo sem adultos como também passam uma menor percentagem de tempo sózinhos.

Quadro 34

Comparação das médias de tempo passado sózinhos por estrato (em valor percentual)
(t de Student)

Estratos	***N***	***Médias***	***σ***	***F*** *(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***Gl***	***P***
1	181	7,68%	12,08	14,44	3,34	352	0,001
3	173	3,91%	8,84				
2	165	10,19	14,95	59,38	4,73	336	0,0001
3	173	3,91%	8,84				

Relativamente ao tempo que passam **com pares** observa-se um decréscimo a acompanhar a subida de estratos. Sendo significativas as diferenças de médias entre todos os estratos (Quadro 35) podemos dizer que são os sujeitos do estrato 1 os que estão mais expostos à socialização horizontal e os do estrato 3 os que estão menos expostos a este meio de socialização.

Se observarmos as diferenças entre os três estratos em termos percentuais (Quadro 36), ou seja; tendo em conta as percentagens sobre o tempo social as conclusões não são muito diferentes. As diferenças de médias entre todos os estratos continuam a ser significativas mas é de sublinhar a escassez percentual do tempo que os jovens do estrato 3 passam com pares sendo que o seu tempo social também já é pouco.

Quadro 35

Comparação das médias de tempo passado com pares por estrato (t de Student)
(em horas)

Estratos	***N***	***Médias***	***σ***	***F****(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
1	181	1,24(a)	1,57(c)	3,19	3,11	344	0,002
2	165	0,75(b)	1,38(d)				
1	181	1,24(a)	1,57(c)	59,83	6,97	352	0,0001
3	173	0,33(e)	0,74(f)				
2	165	0,75(b)	1,38(d)	33,84	3,51	336	0,001
3	173	0,33(e)	0,74(f)				

Nota: (a) corresponde a 1 hora e 14 minutos; (b) corresponde a 45 minutos; (c) corresponde a 1 hora e 34 minutos; (d) corresponde a 1 hora e 22 minutos; (e) corresponde a 19 minutos; (f) corresponde a 44 minutos

Quadro 36

Comparação das médias de tempo passado com pares por estrato (t se Student)
(em valor percentual)

Estratos	***N***	***Médias***	***σ***	***F****(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
1	181	14,95%	17,38	5,49	3,78	344	0,0001
2	165	8,44%	14,41				
1	181	14,95%	17,38	52,70	7,09	352	0,0001
3	173	4,36%	9,34				
2	165	8,44%	14,41	25,30	3,10	336	0,002
3	173	4,36%	9,34				

Começa assim a ficar claro que no estrato 3 existe um padrão de socialização em que predomina acima de todos os outros o meio escolar, ficando portanto uma margem pequena para os agentes de socialização informais.

Mas em cada estrato e em cada idade há diferenças entre rapazes e raparigas, quanto ao tempo de socialização com pares (Quadro 37). Essas diferenças não são na sua maioria significativas mas no estrato 1 aos 13 anos encontramos uma diferença de médias significativa quando comparamos as médias por horas ($t(51) = -2.27$; $p=0.03$) ou quando as comparamos em valores percentuais ($t(51) = -2.69$; $p=0.009$) sendo que as raparigas passam bastante mais tempo com pares. Estas diferenças justificam-se estatisticamente pelo facto de haver mais rapazes (36,4%) que raparigas (16,1%) que nunca estão com pares e ainda pelo facto de entre as raparigas existir uma que está 4 horas e outra 4 horas e meia com pares.

Aos 11 e aos 12 anos no estrato 1 são os rapazes que passam mais tempo com pares conquanto as raparigas vão aumentando as suas médias enquanto os rapazes as vão diminuindo. Aos 14 estão quase equiparados embora a média dos rapazes seja um pouco mais alta. Todavia em percentagem sobre o tempo social torna-se mais claro este movimento progrediente nas raparigas e regrediente nos rapazes.

No estrato 2 também se evidencia nas raparigas o mesmo movimento. Cada vez elas estão mais tempo com pares e a percentagem sobre o tempo social também vai aumentando. Nos rapazes, embora aconteça que aos 11 anos passam em média mais tempo do que as raparigas com pares, esta média mantém-se estável aos 12 anos.

Quadro 37

Médias do tempo passado com pares em rapazes e raparigas

Estrato 1						
	Sexo masculino			*Sexo feminino*		
Idades	**N**	**Média em h**	**Média em %**	**N**	**Média em h.**	**Média em %**
11 anos	16	1: 43 h	17,89%	16	0:46 h	9,47%
12 anos	18	1:10 h	11,65%	26	0:54 h	12,17%
13 anos	22	0:45 h	9,14%	31	1:26 h	19,96%
14 anos	24	1:36 h	18,88%	28	1:27 h	16,76%
Estrato 2						
	Sexo masculino			*Sexo feminino*		
Idades	**N**	**Média em h**	**Média em %**	**N**	**Média em h.**	**Média em %**
11 anos	14	0:30 h	5,89%	20	0:21 h	3,63%
12 anos	17	0:30 h	5,94%	16	0:30 h	5,92%
13 anos	24	0:57 h	11,81%	26	0:55 h	9,23%
14 anos	26	0:40 h	7,79%	22	1:16 h	14,34%
Estrato 3						
	Sexo masculino			*Sexo feminino*		
Idades	**N**	**Média em h**	**Média em %**	**N**	**Média em h**	**Média em %**
11 anos	17	0:14 h	3,66%	17	0:09 h	2,78%
12 anos	20	0:04 h	1,00%	22	0:17 h	4,18%
13 anos	30	0:25 h	5,23%	34	0:26 h	5,72%
14 anos	19	0:14 h	3,89%	14	0:36 h	7,64%

Aos 13 anos observa-se um aumento que equipara rapazes e raparigas mas aos 14 os rapazes descem, passando agora menos tempo com pares do que as raparigas.

No estrato 3 o mesmo se observa relativamente às raparigas, ou seja; há um aumento progressivo do tempo passado com pares. Nos rapazes observa-se mais uma vez que aos 11 anos passam mais tempo com pares do que as raparigas da mesma idade mas aos 12 anos descem para voltar a subir aos 13 a uma média equivalente à das raparigas voltando também a descer aos 14 anos. Nesta idade, tal como no estrato 2 os rapazes do estrato 3 passam menos tempo com pares do que as raparigas.

Isto faz supor uma evolução da tendência para procurar a companhia dos pares diferente para os dois sexos. Não se tratará tanto de diferenças quantitativas entre o sexo masculino e o feminino em cada idade mas mais de processos de evolução comportamental diferenciados.

Quando comparámos as médias dos rapazes por idades não encontrámos diferenças significativas. Mas no sexo masculino há um decréscimo de companhia dos pares dos 11 para os 12 anos a que se segue uma subida progressiva e pouco acentuada.

Entre as raparigas verificámos uma subida progressiva desde os 11 aos 14 anos que se acentua aos 13 anos. Há diferenças significativas entre as médias calculadas em horas (Quadro 38) e entre as médias calculadas em percentagem sobre o tempo social (Quadro 39). Em ambos os cálculos está patente um movimento progressivo de aumento da média de tempo passado com pares que se intensifica pelos 13 anos.

Evidentemente que o tempo que os jovens passam com pares depende de vários factores como o tempo disponível ou as limitações impostas pelos pais.

Quadro 38

Comparação das médias de tempo passado com pares por idade nas raparigas(t de Student)
(em horas)

Idades	***N***	***Médias***	***σ***	***F***(teste de igualdade de σ^2)	***t***	***gl***	***P***
11 anos	53	0,42(a)	0,95(c)	6,66	-2,47	142	0,015
13 anos	91	0,92(b)	1,29(d)				
11 anos	53	0,42(a)	0,95(c)	9,88	-2,96	115	0,004
14 anos	64	1,20(e)	1,73(f)				
12 anos	64	0,59(g)	1,07(h)	6,99	-2,39	126	0,02
14 anos	64	1,20(e)	1,73(f)				

Nota: (a) 25 minutos; (b) 55 minutos; (c) 57 minutos; (d) 1 hora e 14 minutos; (e) 1 hora e 12 minutos; (f) 1 hora e 43 minutos; (g) 35 minutos; (h) 1 hora e 4 minutos.

Quadro 39

Comparação das médias de tempo passado com pares por idade nas raparigas(t de Student)
(em valor percentual)

Idades	***N***	***Médias***	***σ***	***F***(teste de igualdade de σ^2)	***t***	***gl***	***P***
11 anos	53	5,12%	10,93	8,87	-2,65	142	0,009
13 anos	91	11,57%	15,59				
11 anos	53	5,12%	10,92	10,35	-3,05	115	0,003
14 anos	64	13,93%	18,50				
12 anos	64	7,86%	13,64	4,82	-2,11	126	0,04
14 anos	64	13,93%	18,50				

Tal não obsta, no entanto a que se evidenciem diferenças entre os dois sexos nas quais as raparigas para além de mostrarem uma linha evolutiva diferente, suplantam os rapazes a partir dos 13 anos quanto às médias de tempo que passam com pares.

Recordamos que já antes tínhamos verificado que são percentualmente mais elevadas do que os rapazes as raparigas que fazem o percurso da escola para casa acompanhadas por pares pelo que nos parece esta diferença na evolução comportamental dos dois sexos corresponder muito possivelmente a uma diferença em termos de evolução psicológica.

Contudo verificaremos esta hipótese em fase posterior do trabalho com métodos mais adequados.

Ocupar-nos-emos agora do tempo que os nossos sujeitos passam com os pais. Para isso contabilizámos apenas os jovens que vivem com ambos os pais em casa. Lembramos que anteriormente verificámos que, não obstante estes jovens viverem com ambos os pais, muitas vezes acontece estarem apenas com uma das figuras parentais e que quando assim é trata-se normalmente da mãe. Assim avaliámos as médias de tempo que em cada estrato os sujeitos estão apenas com o pai, apenas com a mãe e com ambos os pais (Quadro 40).

Notemos que em tempo bruto não há grandes diferenças entre os estratos quanto ao **tempo passado com o pai** cujas médias por estrato são de resto bastante baixas. O valor percentual do estrato 3 é ligeiramente superior mas não se verifica nenhuma diferença de médias significativa quer quando fazemos a comparação em tempo bruto quer em valor percentual.

Quadro 40

Médias do tempo passado com os pais por estrato
(em horas e em valor percentual)

Estrato	N	Pai		Mãe		Pais	
		Média (horas)	***Média*** (%)	***Média*** (horas)	***Média*** (%)	***Média*** (horas)	***Média*** (%)
1	131	0,49(a)	6,52%	2,22(b)	27,24%	0,83(c)	10,53%
2	130	0,50(d)	6,42%	1,85(e)	23,75%	0,94(f)	12,09%
3	141	0,59(g)	8,91%	1,84(h)	24,26%	0,95(i)	14,55%

Nota: (a) 29 minutos; (b) 2 horas e 13 minutos; (c) 49 minutos; (d) 30 minutos; (e) 1 hora e 51 minutos; (f) 56 minutos; (g) 35 minutos; (h) 1 hora e 50 minutos; (i) 57 minutos.

Relativamente ao **tempo passado com a mãe** as diferenças de médias entre os estratos apresentam-se um pouco mais elevadas mas não há diferenças significativas porque sendo a dispersão muito elevada em qualquer dos estratos não se pode dizer que exista um padrão. Contudo é de sublinhar que a média (em termos de tempo bruto e em termos percentuais) de tempo passado com a mãe é mais elevada no estrato 1 do que nos outros dois estratos que estão equiparados.

Quanto ao **tempo passado com ambos os pais** observa-se uma subida do estrato 1 para o estrato 2 que surge equiparado ao estrato 3. Contudo em termos percentuais há uma subida progressiva a acompanhar os estratos surgindo justamente aqui uma diferença significativa entre o estrato 1 e o estrato 3 ($t\ (271) = -2.07$; $p=0.04$). Isto acontece porque os 56,4 minutos

do estrato 2 são 12,09% do seu tempo social enquanto os 57 minutos do estrato 3 são 14,55% do tempo social que neste estrato os jovens têm disponível.

Torna-se mais uma vez evidente a grande diferença entre o tempo passado apenas com o pai, apenas com a mãe ou com ambos os pais, quer em termos de tempo bruto quer em termos percentuais. Assim, não resta dúvida de que em todos os estratos os filhos estão sobretudo entregues à mãe.

Fizémos ainda estes mesmos cálculos depois de ter dividido as distribuições para a mãe, para o pai e para ambos os pais, em 5 intervalos. O primeiro diz respeito aos sujeitos que não estão tempo nenhum com o pai, a mãe ou ambos os pais, o segundo diz respeito aos sujeitos que estão até 25% do seu tempo social com eles, o terceiro diz respeito aos que estão entre 26 e 50% com eles, o quarto diz respeito aos que estão entre 51 e 75% do tempo com eles e o quinto aos sujeitos que estão entre 76 e 100% do tempo social com eles. Sublinhemos que o facto de um jovem não estar tempo nenhum só com a mãe não significa que não tenha estado com o pai ou que não tenha estado com ambos os pais. Do mesmo modo, o facto de um sujeito ter estado algum tempo só com a mãe não significa que não tenha estado também algum tempo apenas com o pai ou/e com ambos os pais.

Através deste procedimento encontrámos diferenças significativas entre o estrato 1 e o estrato 2 (χ^2 (4) = 20.07, $p < 0.0001$) e entre o estrato 1 e o 3 (χ^2 (4) =33.02, $p < 0.0001$) relativamente às médias do tempo que os sujeitos de cada estrato passam com ambos os pais. Sublinhemos que a percentagem de sujeitos que não passa tempo nenhum com os pais vai

diminuindo à medida que se sobe na escala social e a percentagem dos que estão até 25% do seu tempo social com ambos os pais vai aumentando à medida que se sobe na escala social (Quadro 41). Contudo, a diferença entre o estrato 2 e o 3 não é significativa pelo que podemos concluir que a grande diferença é entre o estrato 1 e os outros dois estratos.

Os sujeitos que não estão com ambos os pais podem estar apenas com a mãe ou com pai. No entanto, não encontrámos diferenças significativas quanto ao tempo que os jovens dos diversos estratos passam só com a mãe ou só com o pai.

Quadro 41

Distribuição dos intervalos de tempo passado com ambos os pais por estrato

Intervalos	**Estrato 1**		**Estrato 2**		**Estrato 3**	
0 tempo	62	47,0%	32	24,6%	27	19,1%
0 → 25%	49	37,1%	82	63,1%	96	68,1%
26% →50%	17	12,9%	13	10,0%	11	7,8%
51% →75%	4	3,0%	2	1,5%	4	2,8%
76% →100%			1	0,8%	3	2,1%
Totais	132	100,0%	141	100,0%	141	100,0%

Observam-se também diferenças significativas entre os estratos (Quadro 42) relativamente ao tempo que os jovens passam **com Adultos Não Aparentados** (ANA).

Há um crescendo de tempo passado com A.N.A. à medida que se sobe na escala social. Contudo devemos acrescentar que os adultos não aparentados no estrato 1 e 2 são geralmente vizinhos e/ou amigos dos pais, enquanto no estrato 3 são geralmente as empregadas domésticas, os motoristas ou os pais de colegas e amigos de escola. Não resta contudo dúvida de que quanto mais alto é o estrato social, maior é a necessidade e a possibilidade de compensar a ausência parental através de substitutos que não pertencem à família e que no caso do estrato 3 são muitas vezes pagos.

Quadro 42

Comparação das médias de tempo passado com A.N.A. por estrato (t de Student)
(em horas)

Estratos	***N***	***Médias***	***σ***	***F*** *(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
1	181	0,18(a)	0,52(c)	22,05	-2,59	344	0,01
2	165	0,39(b)	0,94(d)				
1	181	0,18(a)	0,52(c)	96,56	-6,18	352	0,0001
3	173	0,84(e)	1,33(f)				
2	165	0,39(b)	0,94(d)	22,54	-3,58	336	0,0001
3	173	0,84(e)	1,33(f)				

Nota: (a) corresponde a 10 minutos; (b) a 23 minutos; (c) a 31 minutos; (d) a 56 minutos; (e) a 50 minutos; (f) a 1 hora e 19 minutos.

Quando analisamos as diferenças em valores percentuais (Quadro 43), isto é; as diferenças das médias obtidas com referência ao tempo social voltamos a encontrar diferenças significativas entre todos os estratos mas agora as

diferenças afiguram-se bastante maiores particularmente entre o estrato 3 e os outros dois estratos.

É que no estrato 3 os jovens passam 10,77% do seu tempo social com adultos não aparentados o que ultrapassa a percentagem média de tempo que passam sem adultos.

Quadro 43

Comparação das médias de tempo passado com A.N.A. por estrato (t de Student)
(em valores percentuais)

Estratos	***N***	***Médias***	***σ***	***F*** *(teste de igualdade de* σ^2*)*	***t***	***gl***	***P***
1	181	2,17%	6,25	21,95	-2,58	344	0,01
2	165	4,58%	10,76				
1	181	2,17%	6,25	111,97	-6,65	352	0,0001
3	173	10,77%	16,19				
2	165	4,58%	10,76	30,93	-4,12	336	0,0001
3	173	10,77%	16,19				

Mas como já antes referimos, os nossos jovens, podem estar entregues a outras pessoas da família como avós, tios ou irmãos adultos (Quadro 44). Os avós são aliás muitas vezes os grandes substitutos dos pais principalmente naquelas famílias em que os meios económicos são escassos. Contudo, não encontrámos diferenças significativas entre as médias dos diferentes estratos. Há em todos os estratos jovens que passam algum tempo do seu dia com os avós mas a média de tempo e mesmo a

média percentual, no estrato 3 são muito baixas. No estrato 2 essas médias passando embora para o dobro continuam a ser bastante baixas. Se nos debruçarmos sobre as médias referentes à avó verificamos também que só no estrato 2 elas assumem valores mais elevados. No estrato 1 são baixas e no estrato 3 não existe nenhum jovem que fique entregue à avó.

Quadro 44

Médias de tempo passado com adultos aparentados por estrato

Familiar	Estrato 1		Estrato 2		Estrato 3	
	Média (horas)	**Média** (%)	**Média** (horas)	**Média** (%)	**Média** (horas)	**Média** (%)
Avó	0,09	0,97	0,25	3,87	0,05	0,78
Avô	0,000	0,00	0,000	0,000	0,03	0,39
Avós	0,13	1,29	0,50	4,76	0,06	0,84
Tia	0,53	7,59	0,04	0,51	0,15	1,96
Tio	0,000	0,000	0,11	1,09	0,000	0,000
Tios	0,06	0,96	0,000	0,000	0,000	0,000
Parentes	0,13	1,79	0,07	0,71	0,06	0,56

Entregues ao avô são raríssimos e só existem no estrato 3. Daqui podemos concluir que é no estrato 2 que os avós mas principalmente a avó, assumem o papel de substitutos parentais com uma frequência não negligenciável. Além disso, se os jovens não ficam entregues aos dois avós é a avó apenas que deles se ocupa. Mais uma vez, tal como acontece relativamente aos pais, predomina o papel do elemento feminino na educação dos jovens.

A tia só desempenha um papel digno de nota no estrato 1 mas lembramos que também só neste estrato existem jovens a cargo dos tios. Nos outros estratos o papel da tia é irrelevante. Também é só no estrato 1 que existem jovens que passam algum tempo com ambos os tios.

Quanto aos parentes que são na maior parte das vezes irmãos adultos ou cunhados, só no estrato 1 desempenham um papel relativamente mais importante. Naturalmente, sendo as famílias do estrato 1 mais numerosas e os meios económicos mais escassos, existe uma maior probabilidade de os filhos adultos viverem com os pais e de algumas vezes os substituírem junto dos irmãos mais novos. Além disso é comum neste estrato as famílias residirem muito perto e como tal haverá uma maior probabilidade de os jovens estarem mais em contacto com tios, avós ou irmãos mais velhos residindo perto.

Mas para além do tempo que passam com outros familiares ou com os pais, algum tempo é passado com **toda a família** e portanto em interacção com todo um sistema de relações que envolve vários sexos e gerações e consequentemente vários papeis. Normalmente os jovens estão inseridos neste contexto apenas à noite ou a partir do fim da tarde. Mas há evidentemente uma grande variabilidade que vai desde os jovens que a partir do fim da tarde estão com toda a família até àqueles que nunca se reúnem com toda a família devido a horários tardios de alguns dos seus membros.

Procurámos encontrar padrões de acordo com o estrato social, o sexo ou a idade (Quadro 45).

Quadro 45

Médias do tempo passado com toda a família em rapazes e raparigas

Estrato 1						
	Sexo masculino			*Sexo feminino*		
Idades	**N**	**Média**(horas)	**Média** (%)	**N**	**Média** horas)	**Média** (%)
11 anos	16	1:26 h	17,28%	16	2: 08 h	30,64%
12 anos	18	1:41 h	20,83%	26	2:00 h	29,84%
13 anos	22	1:35 h	20,80%	31	1:38 h	22,69%
14 anos	24	1:12 h	14,39%	28	1:41 h	19,90%
Estrato 2						
	Sexo masculino			*Sexo feminino*		
Idades	**N**	**Média**(horas)	**Média** (%)	**N**	**Média**(horas)	**Média** (%)
11 anos	14	1:25 h	21,06%	20	1:43 h	23,84%
12 anos	17	1:47 h	29,23%	16	1:15 h	16,32%
13 anos	24	2:05 h	26,40%	26	1:43 h	22,13%
14 anos	26	1:31 h	21,50%	22	1:32 h	21,23%
Estrato 3						
	Sexo masculino			*Sexo feminino*		
Idades	**N**	**Média**(horas)	**Média** (%)	**N**	**Média**(horas)	**Média** (%)
11 anos	14	1:39 h	25,39%	20	1:50 h	28,21%
12 anos	17	1:43 h	26,26%	16	1:37 h	26,69%
13 anos	24	1:23 h	20,68%	26	1:38 h	25,60%
14 anos	26	1:43 h	25,47%	22	2:02 h	27,45%

Nos estratos 1 e 3, de um modo geral, são as raparigas que mais tempo passam com toda a família, enquanto no estrato 2, acontece o inverso. Nas raparigas do estrato 1 evidencia-se um movimento decrescente quanto à percentagem do tempo social passado com toda a família ao longo do desenvolvimento. Nas do estrato 3 esse movimento só é decrescente até aos 13 anos porque aos 14 voltam a estar com a família quase tanto tempo como as raparigas de 11 anos.

Os rapazes dos estratos 1 e 3 estão menos tempo do que as raparigas com toda a família mas enquanto nos primeiros não há grandes variações, no estrato 3 verificam-se oscilações semelhantes às que ocorrem para as raparigas. Não encontramos justificação para estes factos porque não nos parece muito verosímil que exista uma maior preocupação em reunir toda a família quando os jovens são do sexo feminino até porque a educação está sobretudo a cargo das mães.

No estrato 2 encontramos de resto o fenómeno oposto. São os rapazes que estão mais tempo com toda a família. Além disso, observa-se que os 12 anos correspondem para os rapazes ao período de mais elevada percentagem de tempo passado com toda a família enquanto para as raparigas este é justamente o período em que passam menos tempo com toda a família.

Sublinhemos que as raparigas do estrato 2 são, de entre todos os jovens de todos os estratos, as que menos tempo passam com toda a família o que não é surpreendente dado que é também neste estrato que encontramos uma maior incidência da solidão.

Acrescentemos porém que apesar das variações de médias, não encontrámos diferenças significativas entre estratos, idades ou sexos. Isto deve-se ao facto de em cada estrato existir uma grande variabilidade.

VIII.4 - Conclusão

Face a estes dados há grandes diferenças entre os padrões de vida de cada estrato.

Desde logo, no **estrato 1** quase todos os jovens frequentam escolas públicas. Os que frequentam escolas privadas são excepções que resultam do facto de um dos pais trabalhar na escola que frequentam.

As rotinas diárias destes jovens têm algumas características específicas. Ao acordar mais provavelmente estão apenas com a mãe ou então, embora em percentagem mais baixa, com ambos os pais. Na falta destes estão entregues a outros familiares mas é também neste estrato que mais frequentes são as excepções dos que estão sós ao acordar.

Só uma minoria vai para a escola na companhia de adultos. A maior parte faz o percurso para a escola só ou em muito menor percentagem com coetários.

Predominam os que almoçam com adultos e entre estes se destaca a mãe. Poucos são os que almoçam sós ou mesmo com coetários.

Á saída da escola predominantemente estes jovens saem acompanhados pelos seus pares e são muito poucos os que saem acompanhados por adultos. A esta hora predomina portanto o meio de socialização horizontal embora nele estejam inseridos em média apenas cerca de meia hora.

Ao chegar a casa a maior parte deles tem os pais (um ou ambos) mas destaca-se a percentagem dos que estão apenas com a mãe. Quando isto não acontece é comum terem outros parentes em casa. São poucos os que

estão sózinhos fruto das relações de proximidade com parentes e do facto de terem muitas vezes mães donas de casa.

A maior parte destes jovens não tem de esperar pela chegada da mãe a casa mas só uma minoria não tem de esperar pelo pai. Isto significa que estão predominantemente entregues às mães.

A quase totalidade tem adultos ao jantar, geralmente ambos os pais mas quando assim não é, normalmente estão com a mãe ou, na falta desta, com parentes. Embora sejam raros existem neste estrato sujeitos que jantam com coetários.

Ao serão a maior parte destes jovens está com adultos. Destes, uma maioria está com ambos os pais mas há também uma percentagem considerável que tem apenas a companhia da mãe. São poucos os que têm toda a família em casa ao serão.

Quanto à hora de deitar que em média se situa para a totalidade da amostra no intervalo entre as 21:30 e as 22:30, verificámos que neste estrato aos 11 anos se situa entre as 22:30 e as 24:00. No entanto aos 12 anos estes jovens deitam-se geralmente entre as 21:30 e as 22:30 para depois começarem a deitar-se cada vez mais tarde à medida que a idade vai aumentando. Mas enquanto nos rapazes a evolução deste comportamento é lenta e progressiva sem que existam diferenças significativas, nas raparigas que como os rapazes aos 12 anos se deitam mais cedo do que aos 11, verifica-se que dos 12 para os 13 anos se deitam significativamente mais tarde e essa diferença vai-se acentuando à medida do crescimento, deitando-se as raparigas de 14 anos mais tarde do que os rapazes da mesma idade. Neste estrato, os jovens dormem em média cerca de 9:09 horas o que é mais do que as horas de sono no estrato 3 e menos do que no

estrato 2. São os jovens deste estrato que menos tempo passam na escola mas não há grande diferença entre eles e os jovens do estrato 2 uma vez que frequentam o mesmo tipo de escola. São também, consequentemente os que têm mais tempo disponível (tempo social), ou seja: são os que mais tempo estão em contextos de socialização informais. Estes contextos que variam segundo o estrato, são para o estrato 1 predominantemente verticais como aliás para todos os estratos mas é no estrato 1 que os jovens estão mais tempo sem adultos. Normalmente esse tempo é passado com coetários e logo num meio de socialização horizontal. É pouco o tempo que passam sós conquanto seja mais do que o do estrato 3. Além disso, as raparigas, aos 13 anos, passam mais tempo que os rapazes num contexto de socialização horizontal.

No **estrato 2** a grande maioria dos jovens frequenta escolas públicas tal como acontece no estrato 1. Relativamente às rotinas diárias, estes jovens diferenciam-se dos dos outros estratos. Ao acordar estão mais provavelmente com ambos os pais. Mas há também uma percentagem considerável que está apenas com uma das figuras parentais geralmente a mãe e raramente o pai. Na falta destes são entregues a outros familiares, geralmente avós, ou estão sós embora menos do que no estrato 1.

Aproximadamente metade dos jovens deste estrato vão para a escola acompanhados por adultos mais frequentemente o pai ou a mãe. Um quarto dos que não vão com adultos fazem o percurso sózinhos e outro tanto tem a companhia de coetários.

A grande maioria tem a companhia de adultos ao almoço mas com pouca frequência os pais. Na verdade muitos destes almoçam na companhia de

adultos não aparentados em casa com alguma empregada. É no estrato 2 que mais jovens almoçam sózinhos e é também neste estrato que mais jovens almoçam com coetários.

À saída da escola predominam os jovens que fazem o percurso para casa acompanhados pelos pares mas há também uma percentagem não negligenciável que sai da escola acompanhada por adultos, nem sempre os pais. É neste estrato que encontramos uma maior percentagem de sujeitos que saem da escola sózinhos. Além disso quando comparados com os do estrato 1 os jovens do estrato 2 que saem com pares são em bastante menor percentagem do que aqueles e os que saem acompanhados por adultos são em muito maior percentagem do que os do estrato 1. Assim, embora neste estrato também predominem os jovens que nesta altura do dia estão inseridos num meio de socialização horizontal, é também considerável a percentagem dos que estão sob influência de um meio de socialização vertical ou dos que estão sós. Acresce que neste estrato, em média os jovens dispendem o dobro do tempo do que os do estrato 1 a fazer o percurso para casa mas esta diferença deve-se fundamentalmente às raparigas. Todavia, a partir dos 13 anos, rapazes e raparigas do estrato 2, levam o dobro do tempo que os do estrato 1 a chegar a casa.

Ao chegar a casa a maioria dos jovens tem os pais em casa (um ou ambos e mais frequentemente a mãe do que o pai) mas em menor percentagem do que em qualquer dos outros estratos. É neste estrato que encontramos mais jovens sós ou na companhia de irmãos coetários. Um pouco mais de metade dos jovens não tem de esperar pela chegada da mãe a casa mas a grande maioria tem de esperar a chegada do pai muitas vezes várias horas.

Também neste estrato a responsabilidade da educação dos filhos é incumbência predominantemente materna.

A quase totalidade dos jovens tem a companhia de adultos ao jantar mas uma percentagem considerável não tem ambos os pais e quando assim acontece é normalmente a mãe quem está presente. Constituem raridade os que jantam sós ou com coetários.

Ao serão a grande maioria dos jovens está com adultos e numa percentagem elevada estão com ambos os pais ou com toda a família. Mas quando estão apenas com um dos pais é normalmente com a mãe. Aliás a discrepância entre a presença apenas do pai e apenas da mãe à noite é neste estrato, mais acentuada do que em qualquer outro.

A hora de deitar, aos 11 anos situa-se entre as 21:30 e as 22:30 e aos 12 anos a percentagem destes jovens aumenta fruto de uma diminuição quer dos que antes se deitavam mais cedo quer dos que se deitavam mais tarde. Mas a partir daqui tende a aumentar com a idade a percentagem dos que se deitam entre as 22:30 e as 24:00. Comparativamente com os jovens do estrato 1 são os do estrato 2 que tendem a deitar-se mais tarde. Todavia a evolução da hora de deitar diferencia rapazes de raparigas. Os rapazes só a partir dos 12 anos começam a deitar-se cada vez mais tarde. Nas raparigas essa progressão faz-se logo a partir dos 11 anos e as raparigas tendem a deitar-se mais tarde do que os rapazes. Neste estrato os jovens dormem um pouco mais (9:14 horas em média) do que os do estrato 1 mas a diferença não se mostrou significativa. Estes jovens passam mais tempo na escola do que os do estrato 1 mas a diferença em relação a estes é diminuta. Têm portanto um tempo social não muito diferente do do estrato 1 mas em todo o caso menor. Como os do estrato 1 também estes jovens estão mais tempo

embebidos em contextos de socialização verticais. Mas embora percentualmente o tempo que passam com adultos seja superior ao do estrato 1 é-lhe inferior em horas. Em valor percentual relativo ao tempo social estes jovens passam mais tempo com a mãe do que com o pai e até do que com ambos os pais. Todavia esta desproporção existe em todos os estratos. No que se refere à presença apenas do pai o estrato 2 está muito próximo do estrato 1 e no que se refere apenas à presença da mãe está muito próximo do estrato 3 enquanto no que respeita à presença de ambos os pais está numa posição intermédia entre os dois com uma diferença significativa relativamente ao estrato1. É portanto a presença ou ausência de ambos os pais que diferencia significativamente os estratos. Neste aspecto o estrato 2 situa-se numa posição intermédia. Não há tantos jovens que não estejam com ambos os pais como no estrato 1 mas há mais do que no estrato 3. Também são bastante mais os jovens que passam até 25% do seu tempo social com ambos os pais do que no estrato 1 e menos do que no estrato 3.

Na ausência dos pais os jovens do estrato 2 ficam por vezes ao cuidado de adultos não aparentados, mais tempo do que no estrato 1 e bastante menos tempo do que no estrato 3.

Porém, o que melhor diferencia os jovens deste estrato é o tempo de solidão. São os jovens do estrato 2 que em média passam mais tempo sózinhos, com diferenças significativas relativamente aos outros dois estratos. Passam em média mais tempo sózinhos do que com pares.

O tempo que passam com pares é significativamente menos do que o do estrato 1 e significativamente mais do que o do estrato 3. Mas neste aspecto, aos 14 anos as raparigas passam o dobro do tempo dos rapazes

com pares. Na verdade enquanto elas vão aumentando o tempo passado com pares, os rapazes, aos 14 anos diminuem o tempo que passam com coetários.

No **estrato 3** uma grande parte dos jovens frequenta escolas privadas o que tem grande influência nos ritmos de vida.

As rotinas diárias deste estrato são muito diferentes do que ocorre nos outros dois. Ao acordar, com maior probabilidade do que nos outros estratos, estes jovens têm ambos os pais em casa. Quando tal não acontece mais provavelmente estão apenas com a mãe do que apenas com o pai. Alguns casos há em que empregadas desempenham as funções parentais ao acordar mas são muito poucos. A solidão não é uma situação característica deste estrato a esta hora do dia.

À ida para a escola a grande maioria tem a companhia de adultos. Entre estes adultos destaca-se o pai em primeiro lugar, depois a mãe e em terceiro lugar os adultos não aparentados. É preciso sublinhar que de um modo geral, neste estrato, a escola não é escolhida em função da proximidade mas em função de outros factores entre os quais a qualidade do ensino. Assim é natural que os jovens se desloquem acompanhados pelos pais ou na carrinha da escola. Mas é raro que vão para a escola acompanhados por ambos os pais que terão horários díspares. A influência dominante é portanto a dos agentes de socialização verticais.

É neste estrato mais provável do que em qualquer outro que os jovens almocem na escola embora também exista uma percentagem considerável que almoça em casa. Mas é menos provável neste estrato do que em qualquer dos outros que os jovens almocem em casa. Diferencia este estrato

dos outros a percentagem de jovens que almoçam no restaurante. Embora sejam poucos a sua percentagem é mais elevada do que nos outros estratos fruto dum desafogo económico que não existe nos outros estratos.

Estes jovens, na sua maioria têm a companhia de adultos ao almoço mas entre estes predominam os não aparentados posto que almoçam na escola. A não ser esta situação destacam-se os que almoçam com pares, que são poucos e os que almoçam com a mãe que são ainda menos. Mas no geral estão à guarda de adultos. Raro é estarem sózinhos ou com irmãos coetários.

Também à saída da escola predominam os que estão acompanhados por adultos, na maioria das vezes a mãe ou os vigilantes da carrinha da escola. Há a esta hora uma percentagem considerável que se desloca na companhia de pares mas são claramente menos do que em qualquer dos outros estratos e embora demorando mais tempo do que os sujeitos do estrato 1 e menos do que os do estrato 2 a fazer o percurso, não diferem significativamente de uns ou de outros.

São muito poucos os jovens que não encontram adultos ao chegar a casa. Mais frequentemente do que nos outros estratos a mãe está presente. Por vezes estão ambos os pais ou empregadas domésticas. Mas mesmo quando nenhum dos pais está presente, apesar de existirem grandes variações, em média os jovens não têm de esperar pela mãe mais do que uma hora enquanto esperam pelo pai em média o dobro do tempo. Esta discrepância não é específica deste estrato. Na verdade estes jovens não têm de esperar pelo pai tanto como os dos outros estratos. Mas é também este o estrato em que a percentagem de jovens cuja mãe chega a casa mais tarde do que o pai

é mais elevada. Em qualquer dos casos é neste estrato que a presença de adultos é percentualmente mais elevada.

Ao jantar a maioria dos jovens está com adultos. Numa percentagem elevada estão com ambos os pais ou mesmo com toda a família sendo este o estrato em que é mais elevada a presença de toda a família ao jantar. Quando está presente apenas um dos pais, é normalmente a mãe como nos outros estratos mas neste caso a presença apenas da mãe é percentualmente inferior à do estrato 2. Ao serão a situação é muito semelhante e portanto também neste estrato se verifica que a educação dos filhos está sobretudo a cargo da mãe.

Estes jovens tendem a deitar-se predominantemente entre as 21:30 e as 22:30 desde os 11 anos de idade. Mas a percentagem dos que se deitam neste intervalo de tempo vai aumentando assim como a tendência para o aumento dos que começam a deitar-se no intervalo entre as 22:30 e as 24:00 horas apenas até aos 13 anos. Aos 14 inflecte-se esta tendência provavelmente devido ao peso das obrigações escolares que nesta idade se intensifica. Todavia esta inflexão é da responsabilidade apenas das raparigas.

Os jovens deste estrato dormem em média menos do que os dos outros estratos o que provavelmente se deve a um período escolar bastante mais alargado. Em média passam mais de sete horas e meia na escola, significativamente mais do que os outros jovens.

Esta é uma característica específica deste estrato de que resulta um tempo social muito mais encurtado. Significa isto que estes jovens passam a maior parte do seu tempo de vigília em contextos de socialização formais e portanto estão menos tempo expostos a meios de socialização informal. Na

verdade estes jovens não passam muito mais tempo com adultos do que os outros (em média 6:34 horas) mas em percentagem de tempo social isto constitui mais de 90% do seu tempo social o que é significativamente superior à percentagem de tempo que qualquer dos outros estratos passa em meios de socialização vertical. Este tempo é sobretudo passado na companhia da mãe mas nisto não há diferenças entre estratos. Menos frequentemente estão com ambos os pais mas neste aspecto ultrapassam os jovens dos outros estratos e diferenciam-se significativamente do estrato 1.

Também acontece estes jovens ficarem sob o cuidado de adultos não aparentados, geralmente empregadas, significativamente mais do que os outros jovens mas é mais raro do que no estrato 1 ficarem com familiares.

Em consequência desta exposição aos meios de socialização verticais, o tempo que passam quer com coetários quer sózinhos é significativamente inferior ao dos outros estratos. Mas como nos outros estratos são as raparigas que a partir dos 12 anos começam a estar progressivamente mais tempo com coetários. Os rapazes, depois dos 13 anos até diminuem o seu tempo de exposição aos meios de socialização horizontais.

IX – ESTUDO DAS LIGAÇÕES ÀS FIGURAS SIGNIFICATIVAS

IX. 1 – Distribuição da Amostra

As ligações às figuras significativas da vida dos jovens – a mãe, o pai e os amigos – foram abordadas através do IPPA.

A distribuição dos sujeitos que responderam a este questionário (**N = 454**) pode observar-se no Quadro 46.

Quadro 46

Distribuição por estratos, idades e sexos

Rapazes										
Estratos	11 anos		12 anos		13 anos		14 anos		Totais	
1	13	30,9%	14	29,2%	15	22,7%	18	27,9%	60	27,5%
2	13	30,9%	15	31,3%	22	33,3%	26	42,6%	76	34,9%
3	16	38,1%	19	39,6%	29	43,9%	18	29,5%	82	37,6%
Totais	42	100%	48	100%	66	100%	62	100%	21	100%
Raparigas										
Estratos	11 anos		12 anos		13 anos		14 anos		Totais	
1	13	27,1%	25	42,4%	20	25,6%	15	29,4%	73	30,9%
2	18	37,5%	14	23,7%	24	30,8%	22	43,1%	78	33,0%
3	17	35,4%	20	33,9%	34	43,6%	14	27,5%	85	36,0%
Totais	48	100%	59	100%	78	100%	51	100%	236	100%

Analisámos separadamente os resultados de rapazes e raparigas por verificarmos que os padrões desenvolvimentais de uns e outros eram muito diversos como diversos se apresentaram os resultados dos 3 estratos em que subdividimos os nossos sujeitos. Assim, para cada sexo e para cada um dos estratos começaremos por dar conta das médias de cada variável em

cada questionário. Teremos portanto os resultados médios e respectivos desvios padrão nas variáveis Vinculação, Confiança, Comunicação e Alienação relativamente à Mãe, ao Pai e aos Amigos em cada uma das idades. Isto permitir-nos-à ter uma visão da configuração da constelação relacional em cada idade dentro de cada estrato e para cada sexo. Seguidamente debruçar-nos-emos sobre a linha desenvolvimental de cada uma das variáveis relativamente a cada uma das figuras significativas de modo a que possamos ter uma visão da evolução relacional relativamente a cada uma das figuras mas também a todas elas no seu conjunto. Deste modo procuraremos um padrão relacional para cada idade, em cada um dos sexos dentro de cada estrato e ainda um padrão desenvolvimental das relações.

IX.2 - Ligações à Mãe, ao Pai e aos Amigos nos Rapazes

IX.2. 1 - Rapazes do Estrato 1

Da leitura do Quadro 47 podemos concluir que no estrato 1 os rapazes de **11 anos** têm como figura de Vinculação mais importante, o pai.

No entanto, a mãe é também uma figura de Vinculação importante não se observando uma grande diferença entre os valores médios da mãe e do pai (gráf. 1 a 4). Os amigos aparecem com uma média mais baixa indicando portanto que a Vinculação às figuras parentais ultrapassa claramente a Vinculação aos amigos. A diferença entre as médias da Vinculação ao pai e aos amigos revelou-se significativa (Quadro 1a em anexo 4).

Quadro 47

Médias e desvios padrão dos rapazes por idade no estrato 1

Variáveis	Figuras Signif.	11 anos			12 anos		
		N	Médias	σ	N	Médias	σ
Vinculação	Mãe	11	80,27	12,71	13	81,23	6,06
	Pai	10	83,60	13,62	14	70,93	12,23
	Amigos	12	71,17	14,09	11	69,09	8,59
Confiança	Mãe	12	77,92	15,98	13	84,04	9,27
	Pai	12	83,96	13,50	14	79,64	13,44
	Amigos	13	78,08	15,75	12	72,92	16,37
Comunica-ção	Mãe	12	84,49	9,66	14	80,36	6,76
	Pai	13	82,05	16,06	14	70,04	16,49
	Amigos	13	73,32	19,25	13	64,66	22,69
Alienação	Mãe	12	22,92	24,78	13	23,08	13,67
	Pai	11	19,69	24,66	14	25,59	13,95
	Amigos	12	44,05	22,50	12	38,99	17,92
Variáveis	**Figuras Signif.**	**13 anos**			**14 anos**		
		N	**Médias**	**σ**	**N**	**Médias**	**σ**
Vinculação	Mãe	15	78,87	7,44	18	72,50	15,67
	Pai	15	79,00	11,13	15	63,87	18,88
	Amigos	14	65,86	12,67	17	62,35	16,78
Confiança	Mãe	15	85,83	7,11	18	75,28	16,54
	Pai	15	87,33	9,28	16	71,56	16,48
	Amigos	14	73,04	15,29	17	68,38	22,93
Comunica-ção	Mãe	15	74,44	12,03	18	71,45	16,90
	Pai	15	72,41	14,94	15	55,00	25,33
	Amigos	15	61,88	19,02	18	62,85	19,70
Alienação	Mãe	15	26,11	15,78	18	30,56	21,48
	Pai	15	25,00	18,02	16	35,16	18,38
	Amigos	15	40,71	16,63	18	47,42	19,24

Relativamente à variável Confiança é também ao pai que se refere a média mais elevada. Mas nesta variável mãe e amigos estão quase equiparados. Não encontrámos contudo, quaisquer diferenças significativas.

Gráfico 1

Vinculação

estrato 1 - rapazes de 11 anos

Mãe, pai e amigos

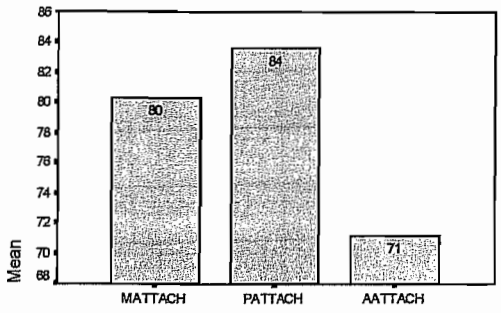


Gráfico 2

Confiança

estrato 1 - rapazes de 11 anos

Mãe, pai e amigos

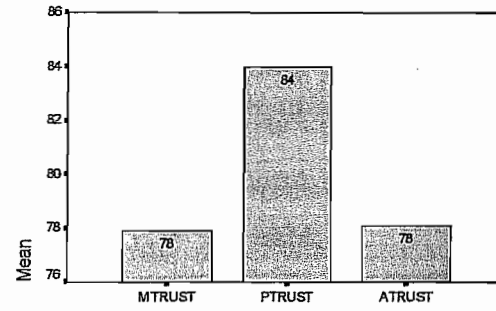


Gráfico 3

Comunicação

estrato 1 - rapazes de 11 anos

Mãe, pai e amigos

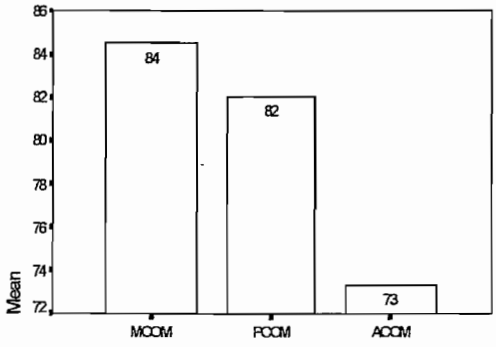
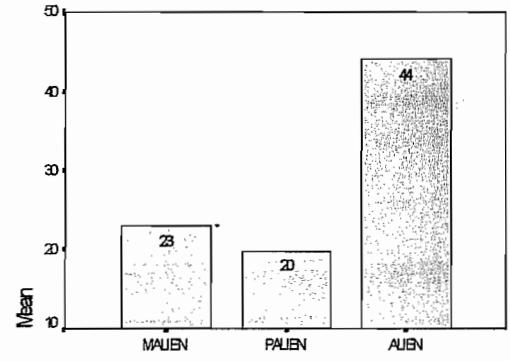


Gráfico 4

Alienação

estrato 1 - rapazes de 11 anos

Mãe, pai e amigos



Quanto à Comunicação é a mãe que surge com a média mais elevada embora mais uma vez não haja uma grande diferença entre as médias da mãe e do pai. Aos amigos corresponde uma média mais baixa do que a de ambos os pais embora esta diferença não seja significativa.

Aos **12 anos** (gráf. 5 a 8), é à mãe que se referem as médias mais elevadas na Vinculação, na Confiança e na Comunicação, sendo portanto esta a figura primordial. A média de Alienação é agora mais baixa para a mãe do que para o pai indiciando uma relação de maior proximidade e em que o conflito é diminuto. Encontrámos agora uma diferença significativa (Quadro 2a em anexo 4) entre as médias de Comunicação da mãe e do pai, em favor da mãe.

Gráfico 5

Vinculação

estrato 1 - rapazes de 12 anos

Mãe, pai e amigos

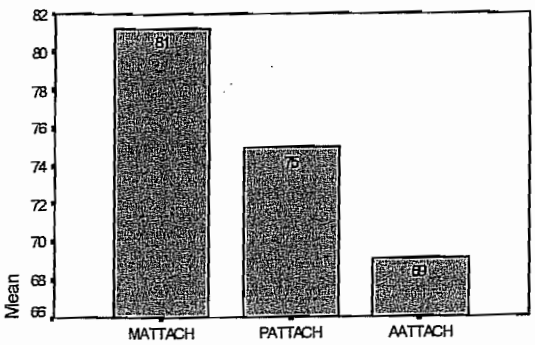


Gráfico 6

Confiança

estrato 1 - rapazes de 12 anos

Mãe, pai e amigos

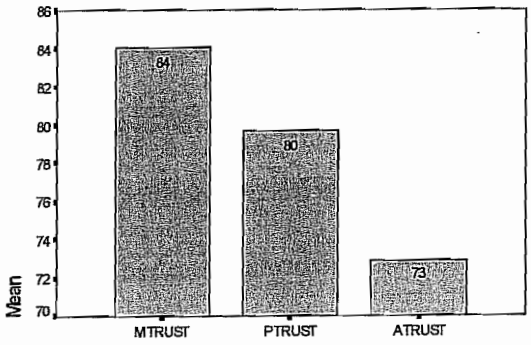


Gráfico 7

Comunicação

estrato 1 - rapazes de 12 anos

Mãe, pai e amigos

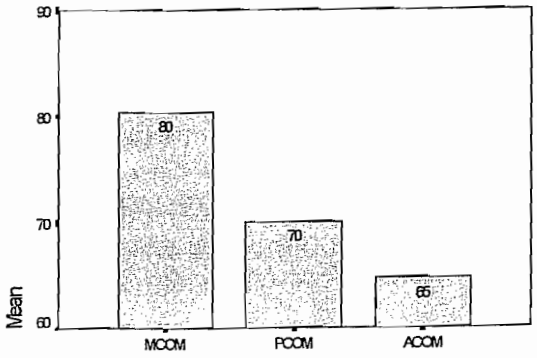
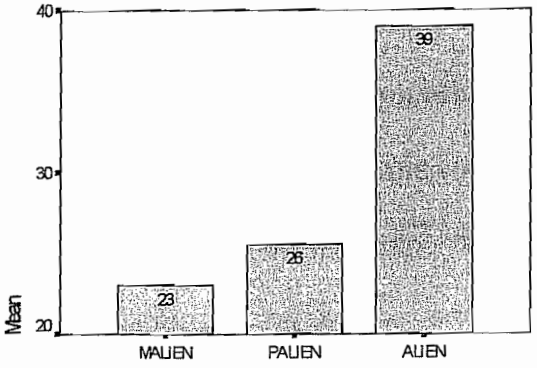


Gráfico 8

Alienação

estrato 1 - rapazes de 12 anos

Mãe, pai e amigos



Na variável Alienação os resultados médios invertem-se. Mais uma vez os pais estão relativamente próximos mas agora é à mãe que corresponde a média mais elevada.

Além disso, nesta variável, os amigos ultrapassam qualquer dos pais, sendo que a diferença entre as médias da mãe e dos amigos atinge um valor significativo o mesmo acontecendo relativamente à diferença de médias entre o pai e os amigos (Quadro 1b em anexo 4).

Assim, aos **11 anos**, pai e mãe são quase equivalentes como figuras principais de Vinculação e de Comunicação, sendo o pai a fonte maior de Confiança. A par disto, as baixas médias de Alienação para ambos, mostram que o conflito e a distância em relação aos pais é baixa. Acrescentemos que embora não se verifiquem diferenças significativas entre as médias dos pais, na ligação à mãe sobressai a Comunicação enquanto que na ligação ao pai sobressai a Confiança.

Assim, é de supor que a mãe mantém uma ligação importante ao rapaz de 11 anos embora o pai se saliente como figura de Vinculação principalmente no que diz respeito à manutenção da Confiança o que fará dele um modelo de identificação privilegiado.

Por outro lado, dado que os amigos têm médias de Vinculação e Comunicação mais baixas do que os pais mas médias de Alienação mais altas, podemos inferir que aos 11 anos estes jovens vivem ainda predominantemente dentro do universo parental. A única média em que os amigos estão equiparados à mãe mas abaixo do pai, a Confiança, parece indiciar que também estes podem constituir uma fonte de segurança relacional porventura por identificação com os congéneres.

Relativamente aos amigos, as médias de Confiança e Comunicação são inferiores às de qualquer das figuras parentais e a média de Alienação é superior às dos pais. A média da Vinculação referente aos amigos é significativamente inferior à média da mãe e as médias de Comunicação com o pai e com a mãe são significativamente inferiores às da Comunicação com os amigos (Quadro 2b, anexo 4). A média de Alienação aos amigos é significativamente superior à da mãe mas não à do pai, embora a ultrapasse (Quadro 2a, anexo 4).

Mas a Vinculação dos rapazes aos amigos é muito próxima da Vinculação ao pai de modo que existe apenas uma diferença significativa entre as médias de Vinculação à mãe e aos amigos (Quadro 2a, anexo 4).

Perante estes resultados parece , aos 12 anos, ser a mãe a figura de maior investimento em detrimento do pai cujas médias de Vinculação, Confiança e Comunicação são agora mais baixas do que aos 11 anos. Sendo as médias referentes aos amigos mais baixas do que as referentes aos pais, podemos dizer que estes jovens continuam a viver dentro do universo parental que aos 12 anos parece, apesar de tudo, mais diferenciado do que aos 11 anos. À mãe e ao pai correspondem médias diferentes: parece, o pai, ter perdido o lugar de figura de referência que antes tinha. Além disso, tendo descido todas as médias de Comunicação supomos que apesar de com a mãe ter aumentado a proximidade, no geral, assistimos a uma certa retracção relacional. É de salientar, contudo, que a mãe tem uma posição privilegiada enquanto objecto de Comunicação e principalmente de Confiança.

Aos **13 anos** (gráf. 9 a 12) as médias de Vinculação respeitantes ao pai e à mãe, mais baixas do que aos 12 anos, são iguais. As médias de Confiança, Comunicação e de Alienação são também muito próximas. Mas enquanto as médias de Confiança e de Alienação subiram, as médias de Comunicação desceram.

Gráfico 9

Vinculação

estrato 1 - rapazes de 13 anos

Mãe, pai e amigos

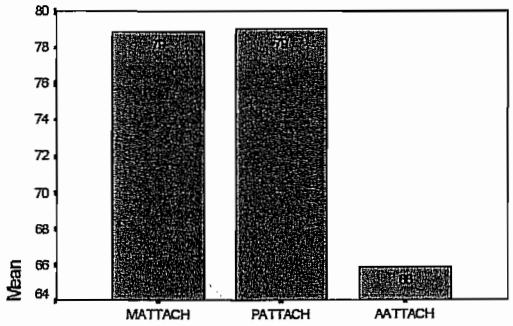


Gráfico 10

Confiança

estrato 1 - rapazes de 13 anos

Mãe, pai e amigos

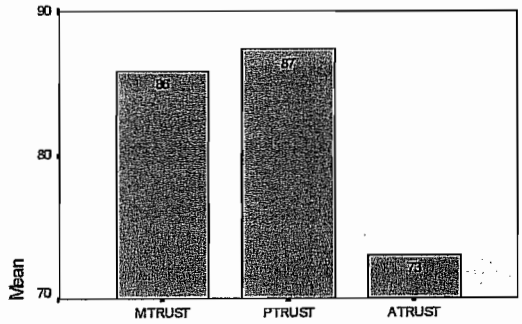


Gráfico 11

Comunicação

estrato 1 - rapazes de 13 anos

Mãe, pai e amigos

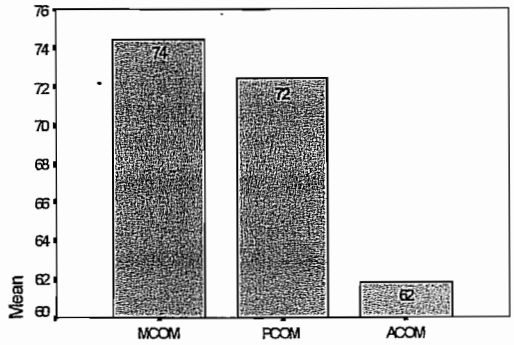
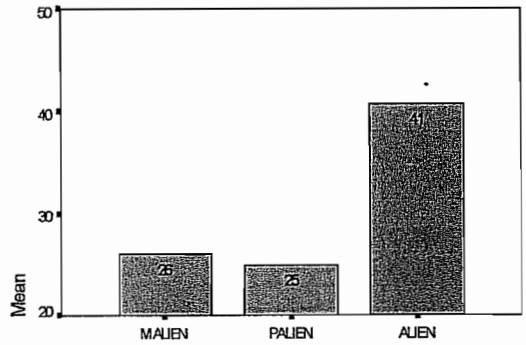


Gráfico 12

Alienação

estrato 1 - rapazes de 13 anos

Mãe, pai e amigos



Veremos mais adiante de que modo evoluem as curvas destas variáveis com referência a cada uma das figuras significativas da vida dos jovens. De

momento debruçar-nos-emos sobre as médias referentes aos amigos. Estas, se exceptuarmos a Alienação, são sempre mais baixas do que as médias de qualquer das figuras parentais e todas elas, como podemos verificar (Quadro 3 em anexo 4), apresentam diferenças significativas em relação às de qualquer das figuras parentais.

Há portanto uma relação com as figuras parentais relativamente indiferenciada mas privilegiada quando comparada com a relação com os amigos que estão em segundo plano. Sublinhemos todavia que em nenhum outro grupo etário a relação com as figuras parentais parece mais indiferenciada. Nenhuma das figuras parentais parece, nesta altura, sobrepor-se como objecto de relação ou de identificação. Note-se que quando comparamos as médias desta idade com as das idades anteriores constatamos que ao mesmo tempo que se deu uma aproximação ao pai se deu um afastamento relativamente à mãe e aos amigos. Mas deixaremos a reflexão sobre

este facto para o momento em que nos debruçaremos sobre a evolução destas ligações.

Constatemos de momento que os amigos detêm um papel secundário quando comparado com o das figuras parentais mas também que na ligação aos amigos se salienta a variável Confiança e que a média de Alienação também é relativamente elevada indiciando conflito.

Aos **14 anos** (gráf. 13 a 16) verifica-se alguma alteração da relação com estas figuras. Há um abaixamento geral das médias de Vinculação, Confiança e Comunicação e uma subida também geral das médias de Alienação. Para além disso é relativamente à mãe que a média de

Vinculação é a mais elevada, pai e amigos surgem equiparados muito abaixo, com uma diferença significativa entre a média destes últimos e a da mãe (Quadro 4 em anexo).

Gráfico 13

Vinculação

estrato 1 - rapazes de 14 anos

Mãe, pai e amigos

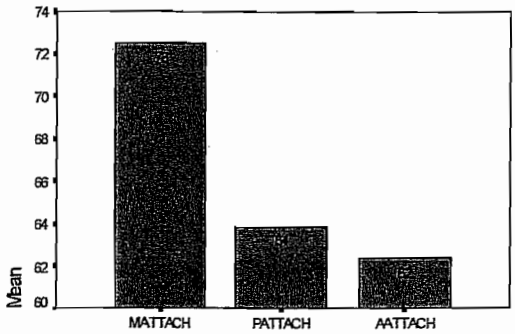


Gráfico 14

Confiança

estrato 1 - rapazes de 14 anos

Mãe, pai e amigos

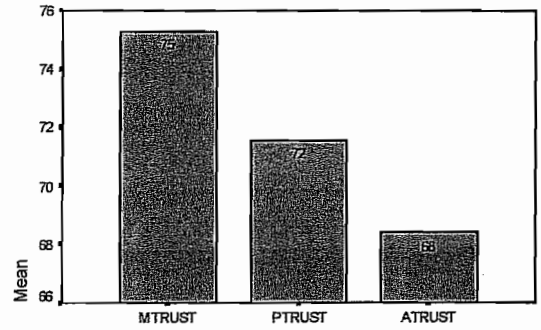


Gráfico 15

Comunicação

estrato 1 - rapazes de 14 anos

Mãe, pai e amigos

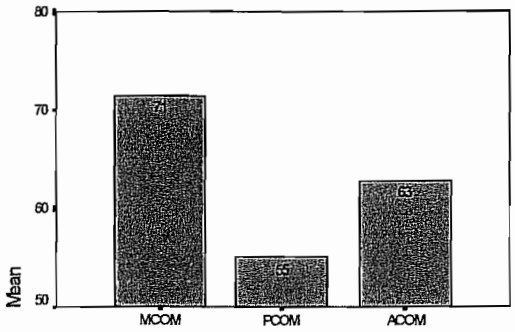
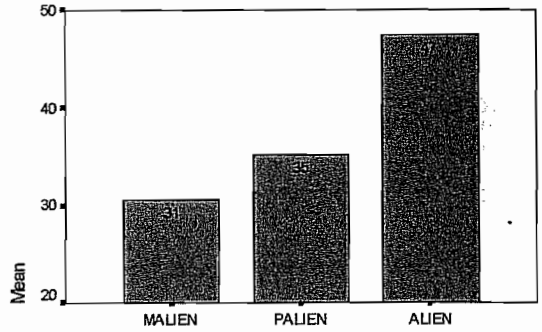


Gráfico 16

Alienação

estrato 1 - rapazes de 14 anos

Mãe, pai e amigos



Relativamente à Confiança há diferenças entre as médias de cada uma das figuras sendo a mãe a que obtém a pontuação mais elevada e os amigos a pontuação mais baixa. No entanto não se verificam diferenças de médias significativas.

Quanto à Comunicação é também a mãe que obtém a média mais elevada mas agora seguem-na os amigos e só depois o pai. Contudo só é significativa a diferença de médias entre a mãe e o pai. No que respeita à Alienação surgem os amigos com a média mais elevada seguindo-se-lhes o pai e finalmente a mãe. São significativas as diferenças de médias entre qualquer das figuras parentais e os amigos (Quadro 4 em anexo).

Torna-se portanto mais diferenciada a relação com as figuras parentais embora haja uma menor proximidade do que aos 13 anos. A mãe é a figura mais importante dadas as médias superiores na Vinculação, na Confiança e na Comunicação. Além disso, a proximidade das médias das diferentes variáveis respeitantes a ela apontam para uma relação com uma certa consistência que não encontramos nas outras figuras. Porém o pai, que na Vinculação surge equiparado aos amigos, na Comunicação tem relativamente a estes uma posição secundária. Dir-se-ia que a Comunicação fundamental que existia com a mãe, de algum modo se mantém mas aquela que era feita com o pai, é agora substituída pela Comunicação com os amigos que deste modo parece terem começado a desempenhar nesta idade, um papel de maior relevo.

Mas além disso, dadas as médias de Confiança e Comunicação na ligação ao pai parece poder-se concluir que a Confiança não resulta nem implica uma Comunicação elevada. Dito de outro modo: a Confiança que se mantém na relação com o pai coexiste com a baixa Comunicação pelo que deve resultar de uma idealização, manifestando-se na prática alguma distância.

A Alienação subiu relativamente a todas as figuras o que parece indiciar uma tentativa de distanciamento geral derivada, porventura, de uma necessidade de retracção relacional ditada por imposição desenvolvimental.

Mas esta subida geral não terá certamente o mesmo significado para todas as figuras significativas.

Não há dúvida de que a média de Alienação é mais baixa para a mãe do que para os amigos e até mesmo para o pai. Mas a par disso, a média de Comunicação é também elevada. Portanto pode dizer-se que a relação é próxima e positiva. No que respeita ao pai a combinação destas duas variáveis é diferente. A Comunicação com o pai desceu e a Alienação subiu. Neste caso parece haver distanciamento e conflito. No caso dos amigos, subindo ligeiramente a Comunicação sobe também a Alienação o que parece indicar que a Comunicação mais intensa propicia também maior conflito.

Esta reflexão precisa contudo de ser complementada com a compreensão da linha desenvolvimental destas variáveis para cada uma e todas as figuras significativas. Nessa altura poderemos compreender melhor a dinâmica relacional destes jovens na interacção com todas elas.

IX.2. 2 - Rapazes do Estrato 2

No estrato 2 veremos que há diferenças relativamente ao exposto para o estrato anterior, quanto à percepção que os jovens têm acerca da ligação a todas as figuras significativas da sua vida relacional (Quadro 48).

Quadro 48

Médias e desvios padrão dos rapazes por idade no estrato 2

Variáveis	Figuras Signif.	11 anos			12 anos		
		N	Médias	σ	N	Médias	σ
Vinculação	Mãe	12	83,08	9,66	13	81,00	12,77
	Pai	12	81,58	12,12	14	79,14	11,33
	Amigos	12	68,83	16,26	14	64,14	12,85
Confiança	Mãe	12	88,33	8,68	14	86,69	9,63
	Pai	12	85,00	11,28	14	86,96	8,62
	Amigos	13	74,62	19,73	15	69,83	18,53
Comunica-ção	Mãe	13	81,62	11,59	14	75,19	18,28
	Pai	13	77,99	13,39	14	73,21	20,14
	Amigos	13	60,09	21,69	15	65,00	20,63
Alienação	Mãe	11	19,69	12,23	15	20,83	18,16
	Pai	13	18,59	14,89	14	25,00	16,98
	Amigos	12	29,46	11,41	14	39,03	14,52
Variáveis	**Figuras Signif.**	**13 anos**			**14 anos**		
		N	**Médias**	σ	**N**	**Médias**	σ
Vinculação	Mãe	22	78,86	10,80	26	75,65	14,05
	Pai	22	76,86	14,57	23	70,78	15,29
	Amigos	21	70,57	12,61	26	66,15	15,09
Confiança	Mãe	22	82,39	10,54	26	78,56	13,80
	Pai	22	81,70	12,57	25	79,00	14,56
	Amigos	22	76,36	13,27	25	70,50	18,33
Comunica-ção	Mãe	22	75,50	13,07	26	71,58	17,56
	Pai	22	69,82	21,86	23	64,01	18,17
	Amigos	21	68,15	18,29	26	61,78	21,24
Alienação	Mãe	22	21,97	13,68	26	23,08	16,76
	Pai	22	20,64	15,77	24	30,21	17,82
	Amigos	22	33,93	15,10	25	35,57	14,45

Aos **11 anos** (gráf. 17 a 20) a mãe é a figura cujas médias são as mais elevadas na Vinculação, na Confiança e na Comunicação. Só na Alienação a sua média, sendo baixa, é um pouco mais elevada do que a do pai. É portanto a mãe, a figura mais importante. Contudo, as médias do pai apenas são ligeiramente mais baixas do que as da mãe, não havendo diferenças significativas, de modo que pode dizer-se que a relação com as figuras parentais é quase indiscriminada.

Gráfico 17

Vinculação

estrato 2 - rapazes de 11 anos

Mãe, pai e amigos

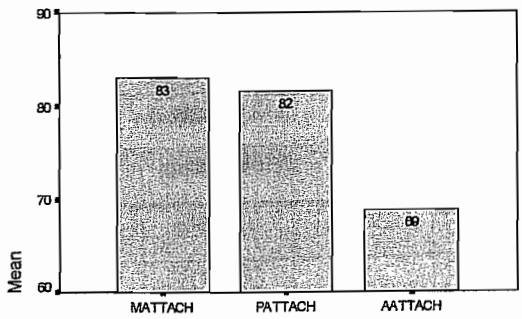


Gráfico 18

Confiança

estrato 2 - rapazes de 11 anos

Mãe, pai e amigos

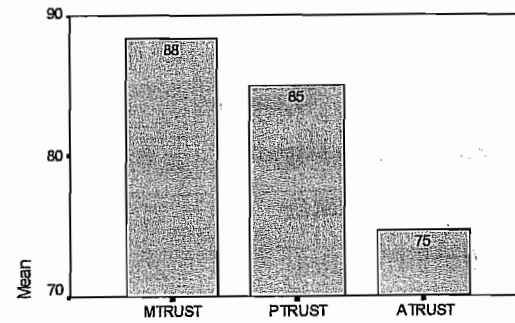


Gráfico 19

Comunicação

estrato 2 - rapazes de 11 anos

Mãe, pai e amigos

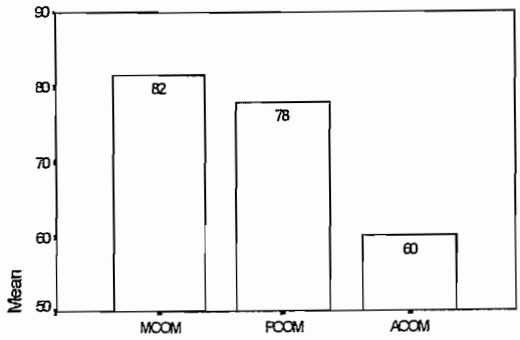
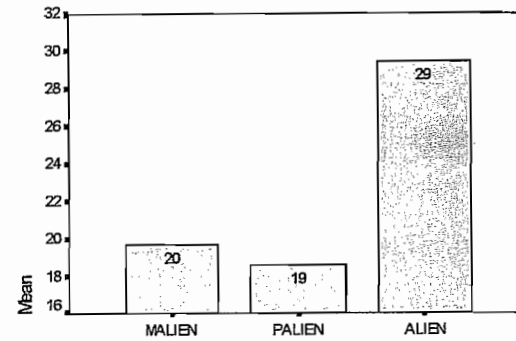


Gráfico 20

Alienação

estrato 2 - rapazes de 11 anos

Mãe, pai e amigos



Em contrapartida, os amigos, que obtêm médias muito abaixo das dos pais em todas as variáveis excepto a Alienação (em que se dá o inverso), estão significativamente abaixo dos pais na Vinculação e na Comunicação como pode verificar-se (Quadro 5a em anexo 4). Também a diferença entre as médias de Confiança na mãe e nos amigos, mais baixa nestes, é significativa. No caso da Alienação a média dos amigos é superior à de qualquer das figuras parentais mas só relativamente à média do pai, a diferença atinge o nível de significância (Quadro 5b, anexo 4).

Assim, aos 11 anos, os rapazes do estrato 2, vivem ainda no âmbito do universo parental em que mãe e pai surgem como figuras relativamente às quais a relação é pouco diferenciada. Parece portanto ser valorizado o casal parental embora o pai um pouco mais secundariamente do que a mãe. Os amigos têm um papel relativamente secundário em que se destaca a Confiança como elemento importante da ligação e a Alienação indiciando maior distância do que relativamente aos pais.

Aos **12 anos** (gráf. 21 a 24) observa-se um abaixamento quase generalizado das médias de todas as variáveis com excepção da Alienação que sofre uma subida. Contudo, assistimos a uma alteração das diferenças significativas (Quadro 6 em anexo 4).

Há agora diferenças significativas entre ambas as figuras parentais e os amigos nas variáveis Vinculação, Confiança e Alienação mas já não na Comunicação porque nesta variável, se as médias dos pais desceram, a dos amigos subiu.

Gráfico 21

Vinculação

estrato 2 - rapazes de 12 anos

Mãe, pai e amigos

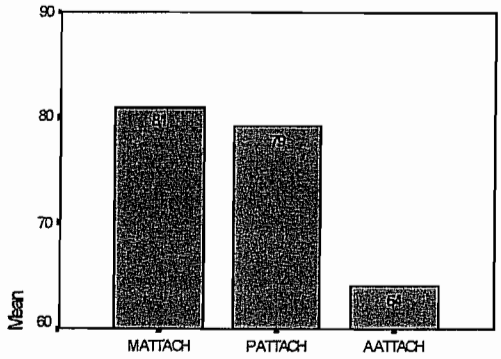


Gráfico 22

Confiança

estrato 2 - rapazes de 12 anos

Mãe, pai e amigos

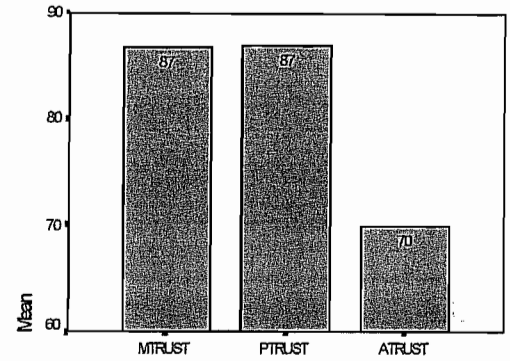


Gráfico 23

Comunicação

estrato 2 - rapazes de 12 anos

Mãe, pai e amigos

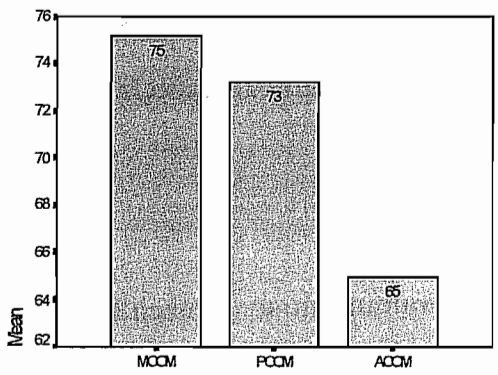
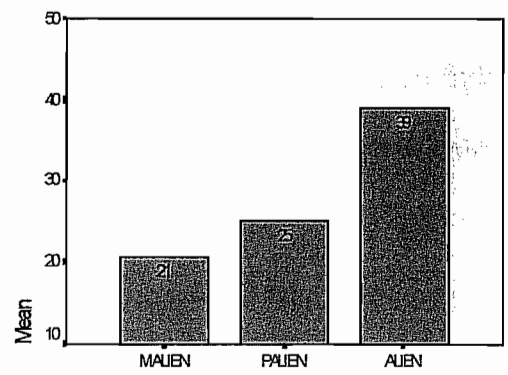


Gráfico 24

Alienação

estrato 2 - rapazes de 12 anos

Mãe, pai e amigos



No entanto, a posição dos rapazes de 12 anos não é muito diferente da que observámos aos 11 anos. Mantém-se a mesma relação quase indiscriminada com ambas as figuras parentais que conservam o primeiro lugar, desempenhando os amigos um papel mais secundário. A mãe, como acontecia aos 11 anos, surge como ligeiramente mais importante do que o pai e também como menos distante do que este.

Aos **13 anos** (gráf. 25 a 28) as médias de Vinculação e Confiança desceram para ambas as figuras parentais e mantêm-se ao mesmo nível para os dois.

Gráfico 25

Vinculação

estrato 2 - rapazes de 13 anos

Mãe, pai e amigos

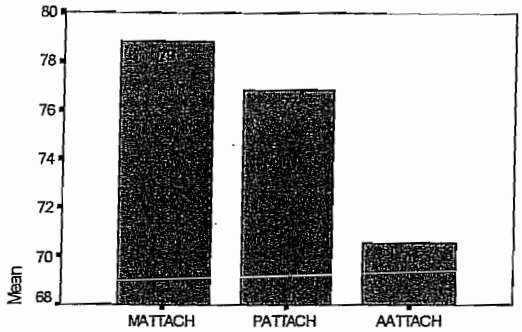


Gráfico 26

Confiança

estrato 2 - rapazes de 13 anos

Mãe, pai e amigos

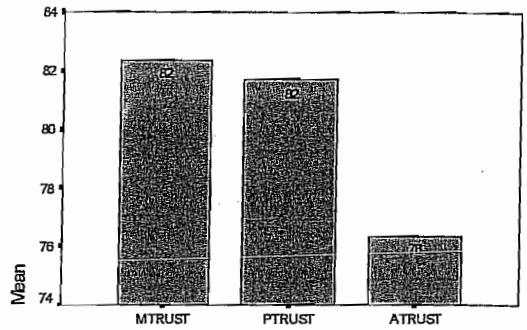


Gráfico 27

Comunicação

estrato 2 - rapazes de 13 anos

Mãe, pai e amigos

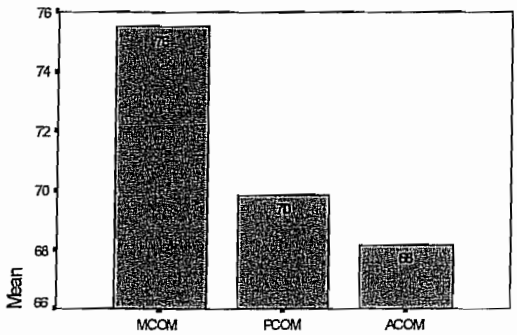
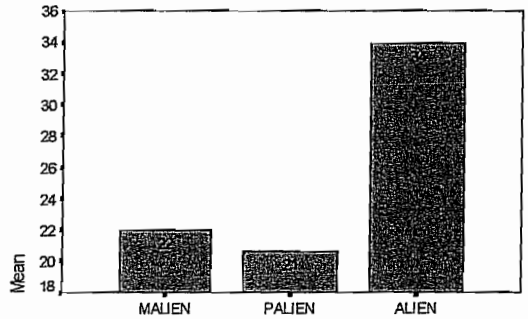


Gráfico 28

Alienação

estrato 2 - rapazes de 13 anos

Mãe, pai e amigos



Mas a média de Comunicação que para a mãe se mantém sensivelmente ao nível dos 12 anos, desce para o pai sem que a diferença se torne significativa. A média de Alienação relativamente à mãe também se mantém mas desce relativamente ao pai sem que mais uma vez, a diferença seja significativa. Na verdade, não há nenhuma diferença significativa em nenhuma das variáveis entre as médias referentes à mãe e as referentes ao

pai. Tal não impede contudo o reconhecimento de que pela primeira vez se observa uma diferença entre a Comunicação com a mãe e a Comunicação com o pai em desfavor deste.

Quanto às médias respeitantes aos amigos que sofreram uma subida, com excepção da Alienação que desceu, são agora muito mais próximas das dos pais. Observando as médias de Comunicação podemos verificar como pai e amigos estão quase equiparados. Mas no que se refere à Confiança, os amigos estão significativamente abaixo dos pais (Quadro 7b em anexo 4). Na Alienação existem diferenças significativas entre a média de ambos os pais e a dos amigos, consideravelmente mais elevada (Quadro 7a em anexo 4), conquanto tenha descido.

Assim, aos 13 anos, os rapazes deste estrato, parece terem-se distanciado de ambos os pais e terem-se aproximado dos amigos. No entanto estes continuam a não ultrapassar as figuras parentais principalmente na Confiança. Dadas as diferenças observadas na Alienação temos de considerar que a distância relativamente aos amigos os coloca como figuras exteriores do universo relacional.

Aos **14 anos** (gráf. 29 a 32) deu-se um decréscimo geral das médias de Vinculação, Confiança e Comunicação e uma subida da Alienação (Gráf. 29 a 32).

Aparentemente os jovens distanciam-se de todas as figuras significativas. Contudo quer as subidas quer as descidas não se dão a ritmo igual para todas elas resultando portanto um novo posicionamento face a todos e a

cada um deles. A mãe continua a ser a figura a quem é atribuída a média mais elevada na Vinculação seguindo-se-lhe o pai e finalmente os amigos.

Gráfico 29

Vinculação

estrato 2 - rapazes de 14 anos

Mãe, pai e amigos

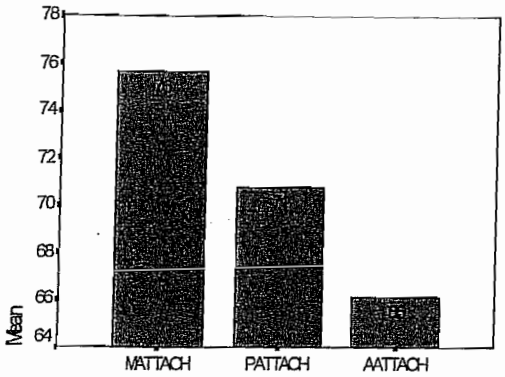


Gráfico 30

Confiança

estrato 2 - rapazes de 14 anos

Mãe, pai e amigos

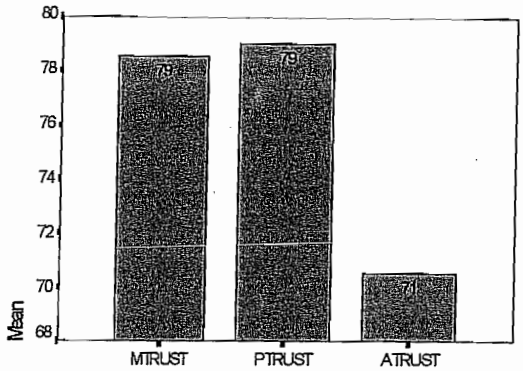


Gráfico 31

Comunicação

estrato 2 - rapazes de 14 anos

Mãe, pai e amigos

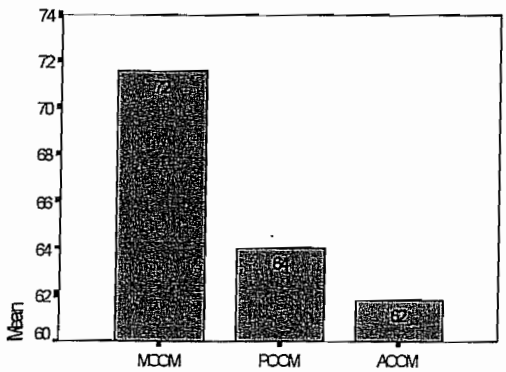
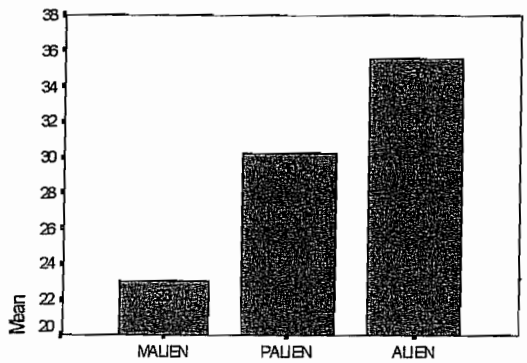


Gráfico 32

Alienação

estrato 2 - rapazes de 14 anos

Mãe, pai e amigos



Como pode verificar-se (Quadro 8 em anexo 4) são significativas as diferenças entre as médias da mãe e do pai relativas à Vinculação, à Comunicação e à Alienação e ainda as diferenças entre as médias da mãe e

dos amigos relativas à Vinculação, Confiança e Alienação. Os amigos estão assim, relativamente próximos do pai enquanto objectos de Vinculação mas muito afastados da mãe. Na Confiança pai e mãe estão quase equiparados, cabendo aos amigos uma média mais baixa sendo as diferenças de médias entre ambos os pais e os amigos significativas. São portanto os pais indistintamente a maior fonte de Confiança. Na Comunicação é mais uma vez à mãe que cabe a média mais elevada seguindo-se-lhe o pai e finalmente os amigos. Todavia não há quaisquer diferenças significativas.

Tal como na Vinculação, também agora na Comunicação, pai e amigos estão relativamente próximos, sendo a mãe a figura com quem mais comunicam. Na Alienação são os amigos que têm a média mais elevada seguindo-se-lhes o pai e finalmente a mãe. Há diferenças significativas entre as médias da mãe e do pai indiciando uma maior proximidade com a mãe. Há também diferenças significativas entre a mãe e os amigos mas não entre o pai e os amigos. Isto significa que é em relação aos amigos que existe maior distância e conflito mas também que pai e amigos estão relativamente próximos. Assim, a mãe continua a ser a figura privilegiada na constelação relacional dos rapazes de 14 anos do estrato 2 enquanto pai e amigos surgem como figuras exteriores a esta relação. No entanto é de notar que todas as figuras perderam em investimento por parte do rapaz que assim denota uma menor apetência relacional. Além disso, todas as figuras surgem bastante diferenciadas se exceptuarmos a Confiança. Nesta variável a proximidade entre as figuras parentais sugere que independentemente de outros valores noutras variáveis pai e mãe se mantêm como figuras de referência.

IX.2. 3 - Rapazes do Estrato 3

Quadro 49

Médias e desvios padrão dos rapazes por idade no estrato 3

Variáveis	Figuras Signif.	11 anos			12 anos		
		N	Médias	σ	N	Médias	σ
Vinculação	Mãe	15	87,53	7,45	19	79,68	16,71
	Pai	15	82,60	8,38	18	79,56	10,19
	Amigos	15	71,07	14,56	18	69,83	12,02
Confiança	Mãe	16	88,75	7,30	19	84,60	17,43
	Pai	15	88,67	5,74	18	85,28	9,99
	Amigos	15	75,33	14,82	18	75,69	14,45
Comunica-ção	Mãe	16	85,94	10,47	19	77,39	21,02
	Pai	16	74,83	14,78	19	73,54	13,78
	Amigos	16	61,33	20,12	19	62,83	18,07
Alienação	Mãe	15	11,67	11,16	19	25,00	16,26
	Pai	16	15,36	14,57	19	23,25	17,48
	Amigos	16	27,01	15,32	19	33,83	12,45
Variáveis	**Figuras Signif.**	**13 anos**			**14 anos**		
		N	**Médias**	σ	**N**	**Médias**	σ
Vinculação	Mãe	27	77,00	13,20	18	80,44	10,74
	Pai	25	77,56	11,01	18	77,67	14,25
	Amigos	27	66,33	15,49	18	68,39	12,69
Confiança	Mãe	28	78,75	15,70	18	86,94	9,53
	Pai	27	82,50	9,43	18	83,47	15,05
	Amigos	28	70,00	19,67	18	72,36	15,82
Comunica-ção	Mãe	28	72,62	16,40	18	75,31	14,26
	Pai	28	71,82	14,32	18	70,52	16,34
	Amigos	29	60,88	17,81	18	62,15	16,29
Alienação	Mãe	27	25,31	16,98	18	22,68	15,80
	Pai	26	25,16	17,02	18	21,29	17,79
	Amigos	28	35,20	12,28	18	30,16	15,26

No estrato 3, as médias de quase todas as variáveis referentes à mãe (Quadro 49), são inicialmente mais elevadas do que nos outros estratos. Além disso, também difere a configuração da constelação relacional uma vez que o posicionamento é diferente.

Assim, os rapazes de **11 anos** (gráf. 33 a 36) apresentam uma média de Vinculação mais elevada para a mãe a que se segue a média do pai e finalmente a dos amigos.

Gráfico 33

Vinculação

estrato 3 - rapazes de 11 anos

Mãe, pai e amigos

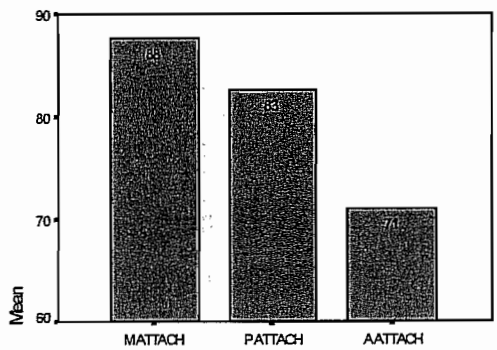


Gráfico 34

Confiança

estrato 3 - rapazes de 11 anos

Mãe, pai e amigos

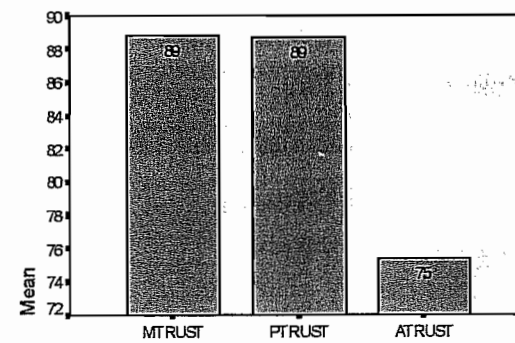


Gráfico 35

Comunicação

estrato 3 - rapazes de 11 anos

Mãe, pai e amigos

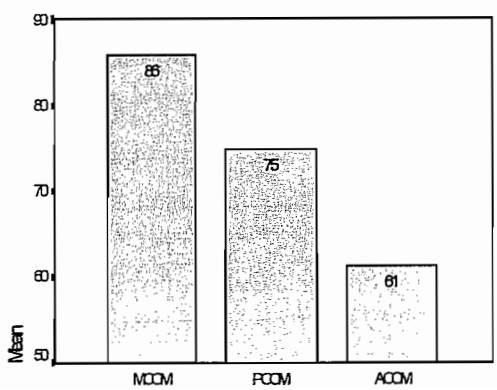
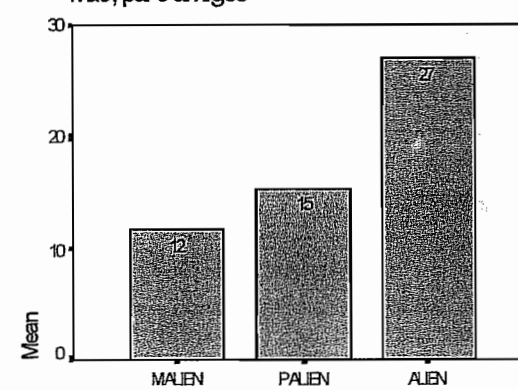


Gráfico 36

Alienação

estrato 3 - rapazes de 11 anos

Mãe, pai e amigos



Sublinhemos que entre todas estas médias as diferenças são significativas (Quadro 9, anexo 4) o que indicia uma posição diferenciada relativamente a cada uma destas figuras.

Já no que respeita à Confiança, pai e mãe aparecem com uma pontuação média igualmente elevada, da qual os amigos se distanciam com uma média mais baixa. Não havendo portanto diferença entre o pai e a mãe verificam-se no entanto diferenças significativas entre as médias referentes à mãe e aos amigos e entre as médias referentes ao pai e aos amigos. Consequentemente são os pais as figuras que constituem a fonte mais importante de confiança relacional para o rapaz de 11 anos.

Na Comunicação, todas as figuras têm médias diferentes. A mãe surge em primeiro lugar seguindo-se-lhe o pai e só depois os amigos. Sendo as diferenças de médias entre todas as figuras significativas, mais uma vez concluímos haver no que respeita à Comunicação um posicionamento muito diferenciado em que a mãe ocupa o primeiro lugar.

Na Comunicação, todas as figuras têm médias diferentes. A mãe surge em primeiro lugar seguindo-se-lhe o pai e só depois os amigos. Sendo as diferenças de médias entre todas as figuras significativas, mais uma vez concluímos haver no que respeita à Comunicação um posicionamento muito diferenciado em que a mãe ocupa o primeiro lugar.

No que respeita à Alienação, a ordem destas figuras inverte-se. São agora os amigos que têm a média mais alta, seguindo-se-lhes o pai e finalmente a mãe. Entre a média da mãe e a do pai não há diferença significativa mas a diferença entre a média da mãe e a média dos amigos é significativa verificando-se o mesmo com a diferença entre a média do pai e a dos

amigos. Havendo alguma distância em relação aos amigos pode dizer-se que relativamente aos pais a Alienação atinge uma média bastante baixa.

Os rapazes de 11 anos do estrato 3 estão evidentemente mais ligados às figuras parentais do que a outras figuras exteriores à família. Contudo, ainda que pai e mãe sejam figuras igualmente importantes no propiciar de relações de Confiança, observa-se uma distinção entre o pai e a mãe no que respeita à Vinculação que se expressa particularmente na Comunicação. Este posicionamento em relação à mãe pode ser um prolongamento da relação primária mas para além disso não podemos esquecer que é com a mãe que os jovens passam mais tempo.

Aos **12 anos** (gráf. 37 a 40) verifica-se um abaixamento das médias de todas as variáveis referentes às figuras parentais com excepção da Alienação que sobe. No entanto o ritmo de descida não é igual para as duas figuras de modo que resulta uma configuração da constelação relacional diferente da dos 11 anos.

Pai e mãe têm agora médias de Vinculação mais baixas mas também iguais. Os amigos que subiram ligeiramente têm no entanto uma média significativamente inferior à das figuras parentais Quadro 10a em anexo 4).

Na Confiança mãe e pai têm médias muito próximas e em ambos se observam diferenças significativas relativamente aos amigos (Quadros 10a e 10b, anexo 4) apesar de a média destes ter subido ligeiramente.

A média da Comunicação é mais elevada para a mãe seguindo-se-lhe a média do pai e finalmente a dos amigos. Não há diferença significativa entre as médias das figuras parentais que estão agora relativamente

aproximadas. É significativa a diferença entre a média de ambos os pais e dos amigos (Quadros 10a e 10b). Relativamente à Alienação assistimos a uma alteração da ordem das figuras. Continuam a surgir os amigos em primeiro lugar mas é agora a mãe que vem ocupar o segundo lugar. Existem diferenças significativa entre as médias de ambos os pais e a dos amigos (Quadro 10b).

Gráfico 37

Vinculação

estrato 3 - rapazes de 12 anos

Mãe, pai e amigos

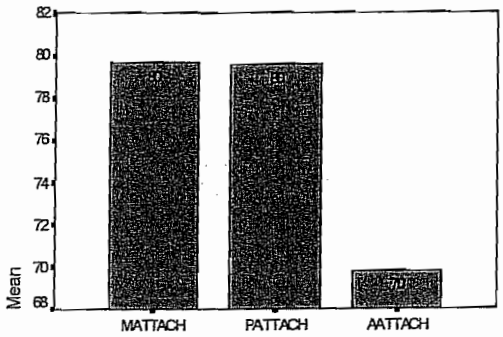


Gráfico 38

Confiança

estrato 3 - rapazes de 12 anos

Mãe, pai e amigos

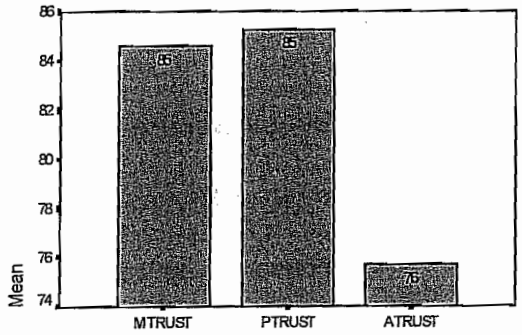


Gráfico 39

Comunicação

estrato 3 - rapazes de 12 anos

Mãe, pai e amigos

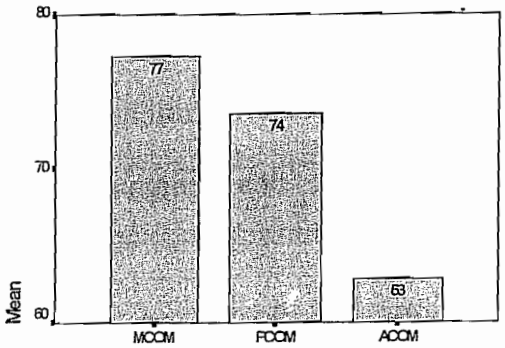
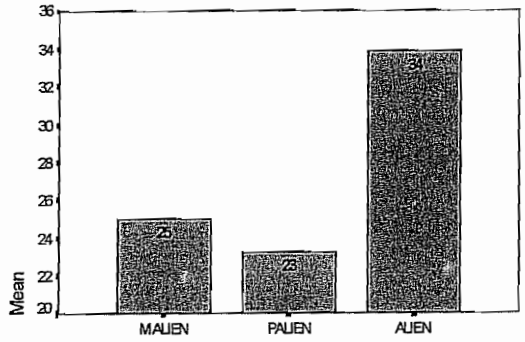


Gráfico 40

Alienação

estrato 3 - rapazes de 12 anos

Mãe, pai e amigos



Nos rapazes de 12 anos do estrato 3, tendo a mãe e o pai médias sensivelmente iguais na Vinculação e na Confiança, existem diferenças na ligação a cada uma destas figuras. A Comunicação é mais elevada relativamente à mãe mas também o é a Alienação. Embora as diferenças não sejam significativas, parece a ligação à mãe ser mais próxima mas também mais conflituosa e a ligação ao pai ser menos conflituosa mas também mais distante. Logo, embora a Vinculação a ambas as figuras atinja a mesma média, parece a ligação ao pai, conter uma idealização que não existe na ligação à mãe.

Os amigos têm um lugar bastante secundário mas subiu consideravelmente a média de Alienação, facto sobre o qual reflectiremos mais adiante.

Assistimos aos **13 anos** (gráf. 41 a 44) a um novo abaixamento geral das médias de todas as figuras exceptuando as da variável Alienação. Mas além disso as posições relativas alteraram-se.

Mãe e pai estão igualados nas médias de Vinculação, de Comunicação e de Alienação mas o pai ultrapassa a mãe na média de Confiança conquanto a diferença não seja significativa.

Quanto aos amigos, em todas as variáveis têm médias inferiores às das figuras parentais excepção feita para a variável Alienação cuja média é superior à das figuras parentais. Observam-se diferenças significativas (Quadro 11 em anexo 4) entre as médias dos pais e dos amigos na Vinculação, na Comunicação e na Alienação.

Parece a mãe, estar a perder o seu papel de figura primordial sem que contudo, tenha sido substituída por outra figura.

Gráfico 41

Vinculação

estrato 3 - rapazes de 13 anos

Mãe, pai e amigos

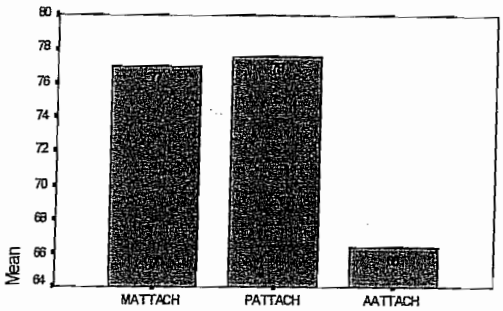


Gráfico 42

Confiança

estrato 3 - rapazes de 13 anos

Mãe, pai e amigos

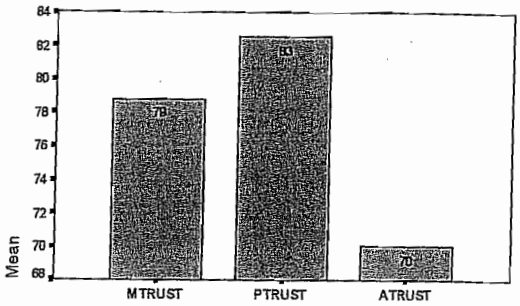


Gráfico 43

Comunicação

estrato 3 - rapazes de 13 anos

Mãe, pai e amigos

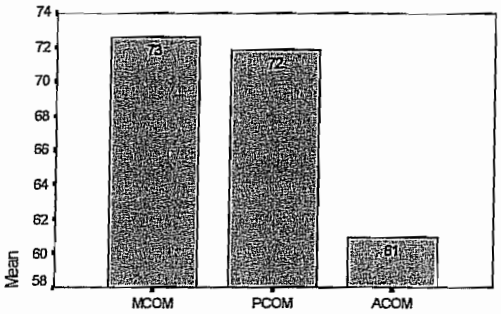
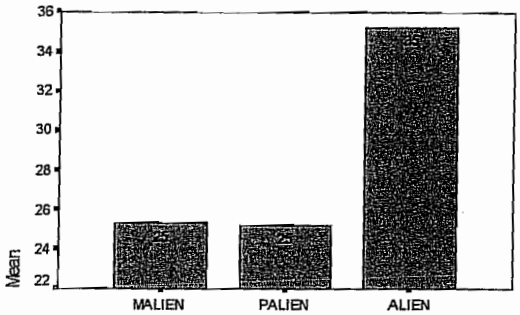


Gráfico 44

Alienação

estrato 3 - rapazes de 13 anos

Mãe, pai e amigos



Só na Confiança o pai ultrapassa a mãe provavelmente porque as necessidades do rapaz são agora diferentes e se prendem com características masculinas em que o pai surge como modelo para as relações com o mundo exterior em que terá competências mais confiáveis.

Os amigos mantêm-se como figuras secundárias tendo até descido as médias em quase todas as variáveis.

Aos **14 anos** (gráf. 45 a 48) as médias da mãe subiram, exceptuando as referentes à Alienação que sofreu uma descida. A mãe tem no geral médias superiores às do pai sem diferenças significativas exceptuando na Alienação (Quadro 12b).

Gráfico 45

Vinculação

estrato 3 - rapazes de 14 anos

Mãe, pai e amigos

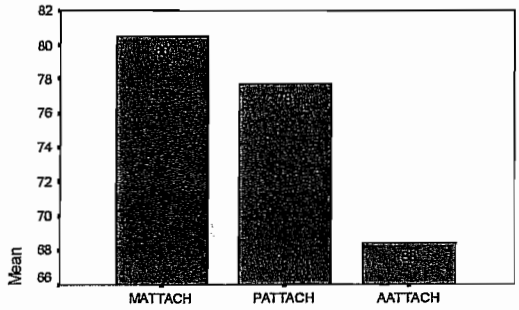


Gráfico 46

Confiança

estrato 3 - rapazes de 14 anos

Mãe, pai e amigos

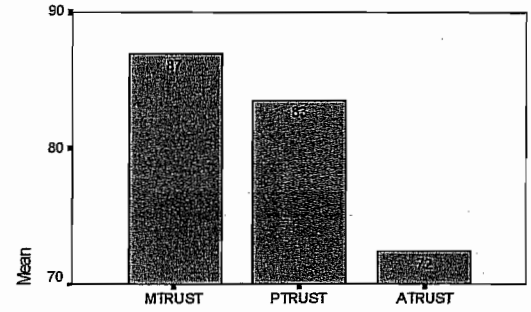


Gráfico 47

Comunicação

estrato 3 - rapazes de 14 anos

Mãe, pai e amigos

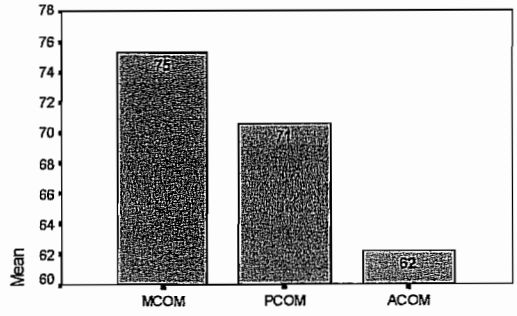
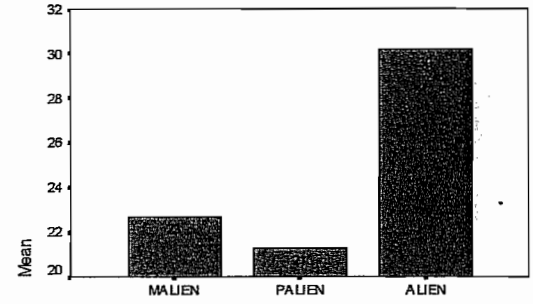


Gráfico 48

Alienação

estrato 3 - rapazes de 14 anos

Mãe, pai e amigos



As médias do pai estabilizaram-se na Vinculação, subiram ligeiramente na Confiança e desceram na Comunicação e na Alienação que é agora inferior à média da mãe.

Assim, a ligação à mãe surge como mais próxima do que a ligação ao pai mas também mais conflituosa.

As médias dos amigos sofreram uma subida generalizada exceptuando a variável Alienação. Os amigos parece terem-se tornado mais importantes mas não é com eles que aos 14 anos os rapazes do estrato 3 mais comunicam. De resto há em todas as variáveis diferenças significativas (Quadro 12a, anexo 4) relativamente aos pais ou pelo menos em relação a um deles o que quer dizer que os amigos continuam a ser parceiros secundários. Como pode verificar-se existem diferenças significativas entre as médias da variável Vinculação de qualquer das figuras parentais e a média dos amigos. Não havendo diferença significativa entre o pai e a mãe isto significa que ambas as figuras são objecto de mais intensa Vinculação e que os amigos continuam a ser figuras secundárias.

Na Confiança e na Comunicação as médias da mãe e do pai são muito próximas e superiores às dos amigos mas só há diferenças significativas entre as médias da mãe e dos amigos (Quadro 12a, anexo 4).

Na Alienação mais uma vez, a ordem das figuras significativas está invertida. Os amigos figuram com a média mais alta seguindo-se-lhes a mãe e finalmente o pai. São significativas as diferenças entre as médias de ambos os pais e dos amigos. Devemos sublinhar que a média de Alienação relativamente aos amigos desceu. Todavia como desceram também todas as outras médias de Alienação podemos supor estar a dar-se não propriamente uma alteração da constelação relacional mas sim uma maior abertura ao mundo relacional.

Aos14 anos, os rapazes do estrato 3, parecem ter-se aproximado da inicial posição relativa dos parceiros relacionais com a mãe em primeiro lugar, o pai em segundo e os amigos mais afastados. Há todavia duas diferenças de pormenor que nos parecem importantes: por um lado a média de Alienação da mãe é superior à do pai, por outro a média de Confiança no pai é inferior e não igual á da mãe. Há portanto uma maior diferenciação entre as figuras parentais do que a que se verificava aos 11 anos mas além disso a mãe, figura em quem depositam mais confiança é também aquela com a qual existe maior conflito. Isto dever-se-à provavelmente ao esforço de autonomização relativamente à mãe.

IX. 3 - Evolução das Ligações às Figuras Significativas nos Rapazes

Veremos agora como evoluem estas variáveis ao longo do desenvolvimento em cada estrato. Para isso analisaremos a curva evolutiva de cada uma das variáveis para cada um dos parceiros relacionais mas procuraremos também discernir a evolução comparativa dessas figuras de modo a encontrar uma coerência desenvolvimental.

IX. 3. 1 - Rapazes do Estrato 1

Relativamente à **mãe** a Vinculação sofre, dos 12 anos em diante, um lento e progressivo decréscimo com uma diferença significativa entre as médias dos 12 e dos 14 anos(Quadro 13a em anexo).

Gráfico 49

Evolução da Vinculação

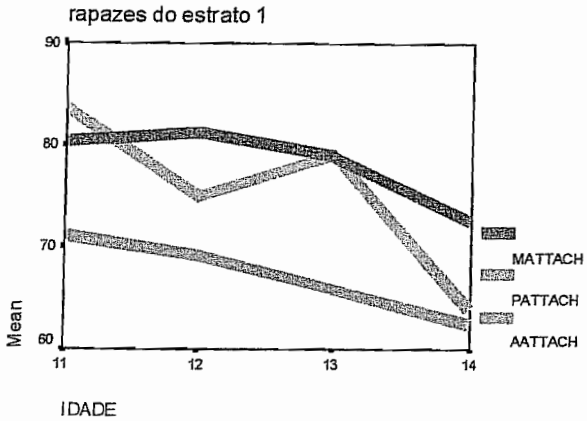


Gráfico 50

Evolução da Confiança

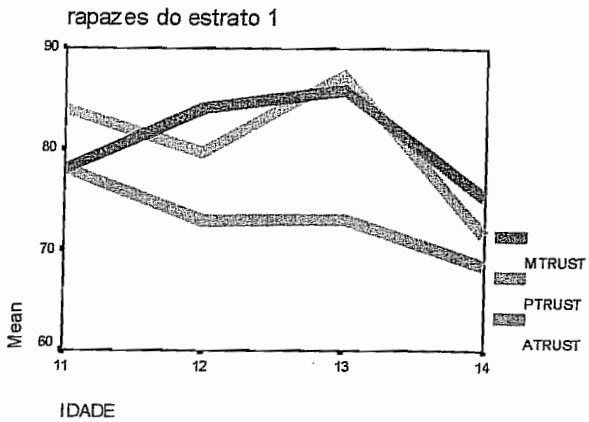


Gráfico 51

Evolução da Comunicação

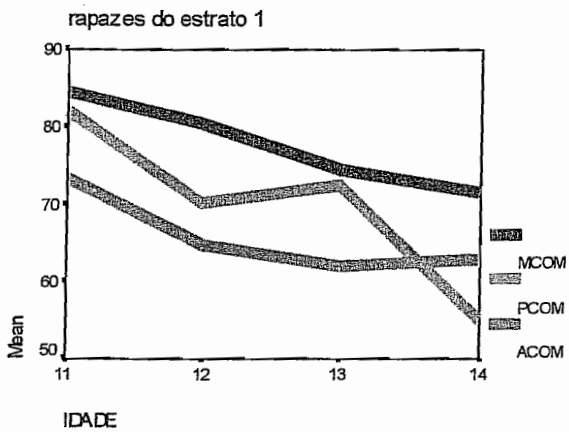
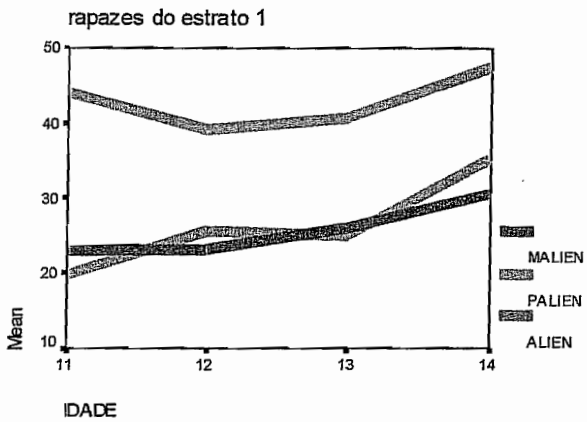


Gráfico 52

Evolução da Alienação



A Confiança na mãe sobe entre os 11 e os 13 anos para voltar aos 14. Não há no entanto, diferenças significativas entre grupos etários.

A Comunicação desce progressivamente entre os 11 e os 14 anos sendo significativas as diferenças de médias entre os 11 e os 13 anos e entre os 11 e os 14 anos (Quadro 13a em anexo). A Alienação sobe mas de uma forma tão diminuta que não se observam diferenças significativas.

Esta evolução permite concluir que a relação com a mãe é de um progressivo distanciamento. Não obstante o facto de a Confiança subir até aos 13 anos, aos 14 também a média nesta variável desce.

Relativamente ao **pai** a evolução parece um pouco mais complexa. Na Vinculação apesar de a média respeitante ao pai ser inicialmente a mais elevada, aos 12 desce, sobe aos 13 e aos 14 atinge uma média mais baixa do que a dos 12 anos. São significativas as diferenças de médias entre os 11 e os 14 e entre os 13 e os 14 anos (Quadro 13a em anexo).

Na Confiança observa-se também uma evolução oscilante com uma descida aos 12 anos, uma subida aos 13 e uma nova descida aos 14 anos. Sublinhemos que quer aos 11 quer aos 13 anos é ao pai que se referem as médias mais altas de Confiança. As diferenças significativas observam-se entre os 11 e os 14 anos e entre os 13 e os 14 anos (Quadro 13a em anexo).

Na Comunicação a evolução não difere da das variáveis anteriores. Dos 11 para os 12 anos verifica-se uma descida, segue-se uma subida muito ligeira mas logo depois, entre os 13 e os 14 anos uma grande descida. Atingem o nível de significância as diferenças de médias entre os 11 e os 12 (Quadro 13b em anexo) e entre os 13 e os 14 anos (Quadro 13a em anexo).

Na Alienação a evolução assemelha-se à das variáveis anteriores mas em espelho uma vez que sobe dos 11 para os 12 anos desce ligeiramente aos 13 e volta a subir aos 14 existindo uma diferença significativa entre os 12 e os 14 anos (Quadro 13b em anexo).

No que respeita aos **amigos** a evolução é menos acidentada do que a das variáveis respeitantes ao pai. A Vinculação que já era, aos 11 anos, inferior

à das figuras parentais vai diminuindo sempre, embora em pequena escala razão pela qual não existem diferenças significativas.

Com a Confiança o mesmo ocorre também sem diferenças significativas. Com a Comunicação há um decréscimo entre os 11 e os 13 mantendo-se a mesma média aos 14 anos sem diferenças significativas. Mas acrescentemos que tendo baixado significativamente a média de Comunicação com o pai, aos 14 anos a média dos amigos ultrapassa a do pai. Na Alienação, cujas médias para os amigos são sempre superiores às das figuras parentais, havendo embora um decréscimo entre os 11 e os 12 anos, logo se lhe segue uma subida progressiva sem que existam diferenças de médias significativas.

Assim pode concluir-se que para os rapazes do estrato 1, entre os 11 e os 14 anos, as figuras mais importantes do seu meio relacional são os pais, sendo aos 11 anos, o pai a figura mais importante.

É notório que se observa um progressivo distanciamento em relação a todas as figuras. Contudo, enquanto no que respeita à mãe se trata de uma evolução com uma tendência relativamente uniforme, no que respeita ao pai, observam-se movimentos de afastamento aos 12, de reaproximação aos 13 e de novo distanciamento aos 14 com diferenças significativas em todas as variáveis. Assistimos portanto a constantes tentativas de ressituar o pai como objecto relacional e nesse sentido, esta será para o rapaz a relação mais problemática. É provável que o primeiro afastamento, aos 12 anos, corresponda a uma tentativa de autonomização com algum conflito dada a subida da Alienação e que aos 13 anos a reaproximação corresponda a uma tentativa de identificação e de aquisição de competências reconhecidas no

pai. Aos 14 anos dar-se-à um novo afastamento provavelmente devido ao reconhecimento de que o pai é também uma fonte de constrangimentos.

No que diz respeito à relação com a mãe, apesar de como antes dissémos não se observarem grandes oscilações, é de notar que aos 13 anos se verifica um pico de Confiança e que a Comunicação diminui progressiva e significativamente entre os 11 e os 14 anos. Acrescentemos que no fim deste período a mãe se tornou a figura mais importante.

Os amigos que eram inicialmente figuras secundárias continuam a sê-lo na medida em que não se verificam grandes evoluções no que respeita a esta ligação. De resto, mesmo na Comunicação em que estes, aos 14 anos, ultrapassam o pai tal não se deve a um aumento significativo da Comunicação com os amigos mas sim a uma diminuição da comunicação com o pai. Além disso, nas diferentes variáveis, ou se observa uma descida das médias dos amigos ou uma relativa estagnação. Exceptuamos a Alienação que entre os 12 e os 14 anos sofre até um aumento.

As mudanças que se observam, dizem respeito fundamentalmente à relação com as figuras parentais e sobretudo ao pai. Mas acrescentemos que ao longo desta evolução não há substituição de figuras. Se a relação com as figuras parentais se vai tornando mais distante, seria de esperar, a acreditar na literatura sobre a importância da relação com os coetários, que os amigos chegassem a superá-los.

Não foi o que verificámos relativamente aos rapazes do estrato 1. Mas em contrapartida parece dar-se um distanciamento geral como se existisse uma necessidade de criar uma retracção relacional geral proveniente de uma necessidade de auto-centração mais consistente com a ideia de uma

tendência narcísica. Esta seria necessária à procura da coesão interna e portanto à organização da identidade.

Se quisermos caracterizar a posição dos rapazes deste estrato relativamente às figuras do seu meio relacional podemos dizer que aos 11 anos o pai surge como a figura mais importante com uma tendência idealizante, aos 12 anos é a mãe a figura mais importante, aos 13 anos a ligação às figuras parentais é bastante indiscriminada e aos 14 a mãe tornou-se novamente a figura mais importante com uma média de Comunicação que claramente ultrapassa a das outras figuras. Quanto aos amigos têm sempre um lugar secundário ainda que aos 11 anos constituam um objecto de Confiança tão importante como a mãe.

IX. 3 . 2 - Rapazes do Estrato 2

Veremos que há diferenças na linha evolutiva deste estrato. Tínhamos já verificado que há mais semelhanças no que se refere à relação com as figuras parentais do que no estrato 1. De facto, não são apenas as médias que pouco se diferenciam. Também as linhas evolutivas de algumas variáveis se apresentam com um traçado muito semelhante para ambas as figuras parentais.

No que respeita à **mãe** as médias de Vinculação são superiores às de qualquer outra figura e como no estrato 1 vão descendo lenta e progressivamente entre os 11 e os 14 anos sem que se observem diferenças de médias significativas. Na Confiança observa-se também um decréscimo

das médias entre os 11 e os 14 anos que se torna mais rápido entre os 12 e os 14 anos. Há diferenças significativas de médias entre os 11 e os 14 anos (Quadro 14 em anexo).

Gráfico 53

Evolução da Vinculação

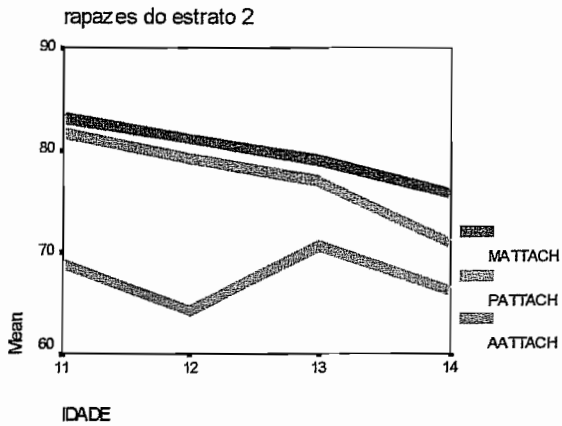


Gráfico 54

Evolução da Confiança

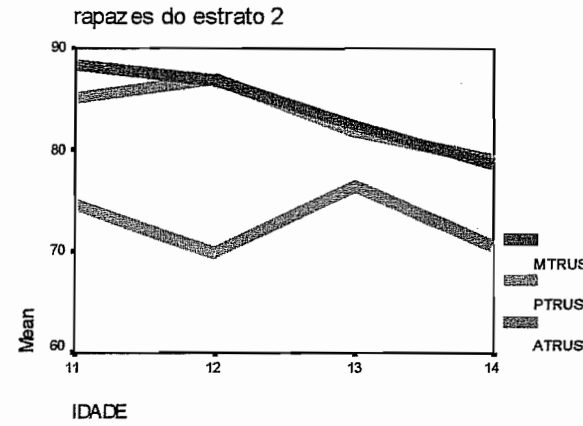


Gráfico 55

Evolução da Comunicação

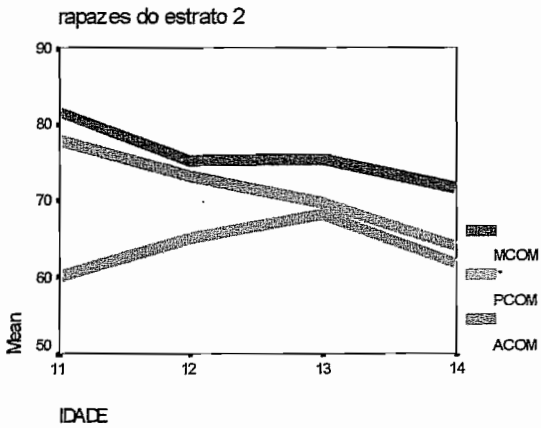
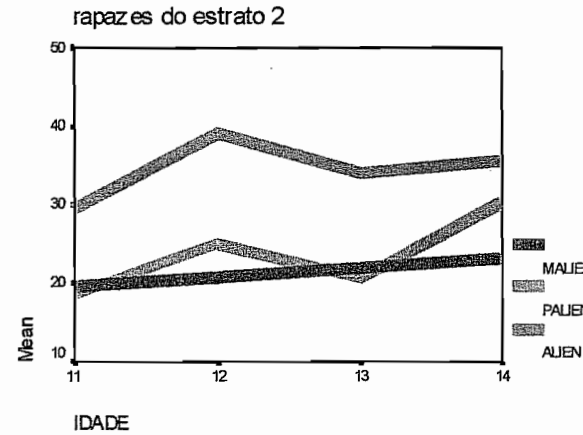


Gráfico 56

Evolução da Alienação



Na Comunicação verifica-se um decréscimo das médias entre os 11 e os 12 anos e um novo decréscimo entre os 13 e os 14 anos, sendo significativas as diferenças entre os 11 e os 14 anos.

Quanto à Alienação embora haja uma subida de médias entre os 11 e os 14 anos ela é diminuta.

Em relação à mãe vai-se dando ao longo do desenvolvimento um progressivo afastamento.

No que se refere ao **pai**, a Vinculação desce entre os 11 e os 14 sendo a diferença de médias entre estas duas idades significativa (Quadro 14 em anexo 4). Na Confiança assistimos a uma pequena subida dos 11 para os 12 anos e depois a uma descida até aos 14 anos sem diferenças significativas. Na Comunicação há também um decréscimo progressivo com diferenças significativas entre os 11 e os 14 anos. A Alienação sobe dos 11 para os 12 anos mas desce aos 13 para voltar a subir aos 14 havendo diferenças de médias significativas entre os 11 e os 14 anos.

A relação com o pai é sobretudo caracterizada por um progressivo distanciamento mas é também em relação a ele que se verifica a existência de mais diferenças significativas entre grupos etários indicando que esta é a ligação que mais se altera. Mas há ainda, aos 13 anos um abaixamento da média de Alienação que provavelmente se relaciona com um desejo de identificação com o pai que logo diminui.

No que se refere aos **amigos** mais uma vez todas as médias, exceptuando as da Alienação, são bastante inferiores às das figuras parentais. Embora os amigos se mantenham durante este período de desenvolvimento como figuras de segundo plano observam-se mudanças que indiciam uma tendência para que o seu estatuto se altere. Na Vinculação, embora dos 11 para os 12 anos haja uma descida de média, logo a seguir dá-se uma

subida a que se segue no entanto nova descida. Esta aproximação aos 13 anos é portanto efémera. O mesmo movimento se verifica na evolução da variável Confiança. Na Comunicação há uma subida dos 11 para os 13 anos mas aos 14 observa-se um movimento descendente. Nenhuma diferença de médias referentes a estas variáveis se apresentou significativa Além disso na Comunicação, aos 14 anos, as médias do pai e dos amigos são muito próximas. A Alienação relativamente aos amigos sobe aos 12 anos mas depois desce aos 13 mantendo-se relativamente ao mesmo nível aos 14 anos. As médias desta variável para os amigos são sempre mais elevadas do que as das figuras parentais.

Embora não haja diferenças de médias significativas parece existir neste estrato uma tendência para a aproximação aos amigos que se torna mais efectiva aos 13 e que aos 14 anos novamente se reduz.

Uma vez mais verificamos que o universo em que se inserem os rapazes do estrato 2 é o parental e se há alterações, mesmo que poucas, estas referem-se às relações com as figuras parentais. De facto é no que respeita às figuras parentais que existem diferenças significativas enquanto que as alterações nas relações com os amigos são apenas pequenas diferenças. Além disso, sendo o pai a figura em relação à qual se observam mais diferenças de médias significativas, é de supor que seja esta a relação mais problemática para o rapaz e que durante este período ela constitua a maior fonte de remodelação relacional.

IX. 3. 3 - Rapazes do Estrato 3

Neste estrato a mãe é a figura primordial aos 11 anos e as linhas evolutivas das diferentes variáveis para as figuras parentais não se assemelham. As mudanças que atingem valores significativos referem-se, como pode observar-se (Quadro 15 em anexo 4), quase todas à mãe.

A Vinculação em relação à **mãe** desce a partir dos 11 anos tornando-se aos 13 anos a diferença entre a média dos 11 e a média dos 13 significativa. Aos 14 a média de Vinculação à mãe voltou a subir mas mantém-se significativa a diferença de médias entre os 11 e os 14 anos (Quadro 15 em anexo 4). É portanto, aos 13 anos que se verifica a média mais baixa na Vinculação à mãe havendo depois uma reaproximação ainda que moderada.

Relativamente à Confiança em que a mãe, aos 11 anos surge equiparada ao pai, observa-se um decréscimo entre os 11 e os 13 que nesta altura se torna significativo para depois se observar mais uma vez uma subida até um nível muito próximo do dos 11 anos, sendo significativa a diferença das médias dos 13 e dos 14 anos.

Na Comunicação o mesmo movimento decrescente torna-se significativo aos 13 anos mas depois, embora haja uma nova subida até aos 14 continua a ser significativa a diferença de médias entre os 11 e os 14 anos.

No que se refere à Alienação dá-se uma subida dos 11 para os 13 anos, seguindo-se aos 14 anos, uma descida. São significativas as diferenças entre as médias dos 11 e dos 13 anos e entre as médias dos 13 e dos 14 anos.

Assim, podemos concluir que se verifica um afastamento progressivo em relação à mãe até aos 13 anos, altura em que esta relação atinge o seu ponto mais baixo para depois se observar uma reaproximação.

Gráfico 57

Evolução da Vinculação

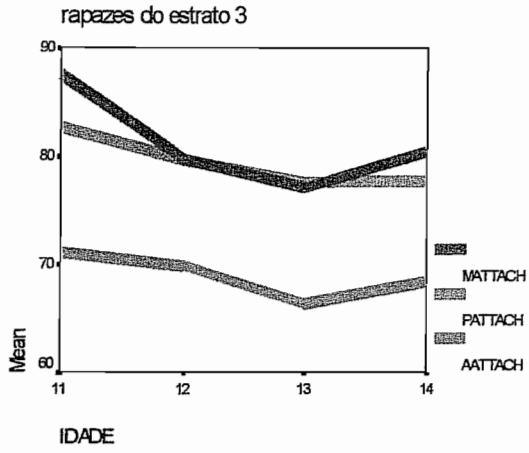


Gráfico 58

Evolução da Confiança

Gráfico 59

Evolução da Comunicação

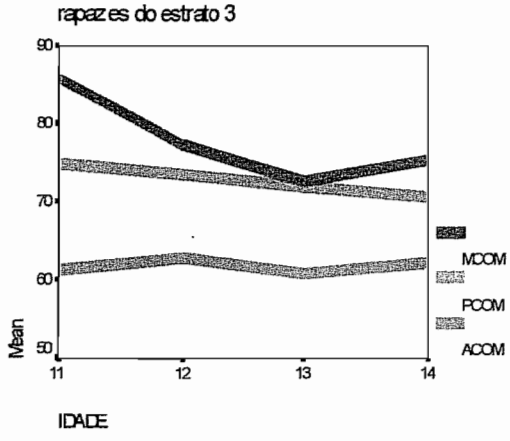
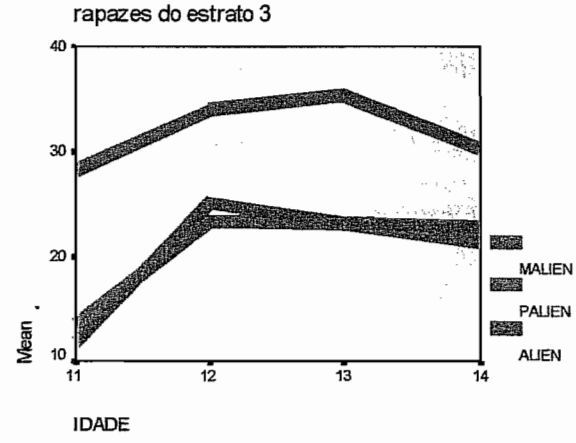


Gráfico 60

Evolução da Alienação



Relativamente ao **pai** observa-se um decréscimo progressivo mas ligeiro nas médias de Vinculação e de Comunicação sem que nunca se obtenham diferenças significativas. Na Confiança há um decréscimo entre os 11 e os

13 anos seguindo-se depois uma ligeira subida, com diferenças significativas entre as médias dos 11 e dos 13 anos (Quadro 15, anexo 4). Na Alienação assistimos a um movimento semelhante mas em espelho uma vez que a média de Alienação sobe entre os 11 e os 13 e desce aos 14 embora sem diferenças significativas.

A relação com o pai não parece portanto passar por grandes alterações. No geral há um progressivo mas ligeiro afastamento em relação ao pai ao longo do desenvolvimento.

Relativamente aos **amigos** embora se observem algumas alterações nenhuma diferença chega a ser significativa. Estes mantêm-se em todas as variáveis abaixo de qualquer das figuras parentais excepto na Alienação em que como seria de esperar se dá o inverso. Todavia também para os amigos se observa um maior afastamento aos 13 anos a que se segue uma reaproximação muito ligeira.

Parece, os rapazes do estrato 3, distanciarem-se em relação a todas as figuras significativas aos 13 anos mas apesar disso manterem o pai como figura de identificação e suporte. Além disso embora vivam na órbita parental, a mãe parece ser a figura em relação à qual existe uma tentativa mais efectiva de alteração relacional. Esta será a figura em relação à qual existem maiores necessidades de mudança provavelmente por se tratar da relação que originariamente predomina sobre todas as outras. Significaria isto que a autonomização teria forçosamente de passar por uma modificação mais radical da relação com esta figura. É de notar ainda que aos 14 anos, se dá não só uma nova aproximação à mãe mas também aos

amigos. Conquanto estes não deixem de ocupar um lugar secundário quando comparados com as figuras parentais, podemos supor que este estatuto venha a alterar-se.

IX.4 – Comparação entre Estratos nos Rapazes

Não existem muitas diferenças significativas entre médias de grupos etários pertencentes a diferentes estratos. O que distingue os estratos é sobretudo o desenrolar do processo desenvolvimental.

Em todos os estratos a ligação às figuras parentais é mais forte do que a ligação aos amigos mas há algumas características de partida diferenciadoras dos três estratos. Em primeiro lugar a Vinculação à mãe aumenta com a subida de estrato, embora sem diferenças significativas. A mãe é a figura predominante nos estratos 2 e 3. Na Vinculação ao pai não se observa o mesmo fenómeno. É no estrato 1 que encontramos a média mais elevada de Vinculação ao pai, neste estrato a figura predominante, seguindo-se-lhe o estrato 3 e finalmente o estrato 2. A mesma ordenação se verifica na Vinculação aos amigos, ou seja: em primeiro lugar está o estrato 1 com a média de Vinculação mais elevada, segue-se-lhe o estrato 3 e finalmente o estrato 2.

Dissémos já que de um modo geral os rapazes de 11 anos estão mais ligados às figuras parentais do que aos amigos que parecem ter um papel bastante secundário. Contudo há diferenças entre os estratos, algumas com valor de significância estatística.

No estrato 1 encontramos diferenças significativas entre a Vinculação à mãe e ao pai e entre a Vinculação ao pai e aos amigos mas não entre a mãe e os amigos. Há portanto uma diferenciação entre a mãe e o pai.

No estrato 2 não há diferença significativa entre a Vinculação ao pai e a Vinculação à mãe mas ela existe entre cada uma das figuras parentais e os amigos. Os pais estão portanto, pouco diferenciados e a ligação a eles é mais intensa do que a ligação aos amigos.

No estrato 3 há diferenças significativas entre as médias de Vinculação de todas as figuras. É portanto neste estrato que existe uma maior diferenciação entre todas as figuras.

Mas não há diferenças significativas entre estratos, aos 11 anos quanto à intensidade da Vinculação a qualquer das figuras do mundo relacional dos jovens.

Encontrámos também algumas diferenças iniciais entre estratos quanto às características da ligação a cada uma das figuras.

No que se refere à **mãe** nos estratos 2 e 3 os rapazes de 11 anos têm uma média de Confiança na mãe mais elevada do que a de Comunicação enquanto no estrato 1 a média de Comunicação é mais elevada do que a de Confiança. Há mesmo uma diferença significativa entre a média de Confiança na mãe do estrato 1 e do estrato 3 a favor deste. Quanto à Alienação observa-se uma diminuição com a subida de estrato. Podemos portanto dizer que enquanto nos estratos 2 e 3 a ligação se caracteriza por uma intensidade forte de Confiança e um baixo nível de conflito, no estrato 1 a ligação caracteriza-se sobretudo por uma Comunicação mais intensa e por um mais elevado nível de conflito.

Relativamente ao **pai** evidencia-se em todos os estratos uma predominância da Confiança sobre a Comunicação. Mas enquanto no nível de Comunicação verificamos que o estrato 3 tem a média mais elevada seguindo-se-lhe o estrato 1 e finalmente o estrato 2, na Confiança existe um aumento da média com a subida de estrato. O inverso se passa com a Alienação, ou seja: o estrato 1 tem a média mais elevada seguindo-se-lhe o 2 e finalmente o 3.

Quanto aos **amigos**, em todos os estratos a média de Confiança sobrepõe-se à média de Comunicação tal como acontecia com o pai. Todavia para ambas as variáveis é o estrato 1 que surge com a média mais elevada seguindo-se-lhe o estrato 3 e finalmente o estrato 2. Na Alienação assistimos mais uma vez a um aumento com a subida de estrato com diferença significativa entre os estratos 1 e 3.

Concluímos por conseguinte que é no estrato 1 que a ligação aos amigos, aos 11 anos é mais intensa e que é no estrato 2 que ela é menos intensa.

Observa-se portanto que para todas as figuras existe uma diminuição da Alienação com a subida de estrato. Todavia isto nem sempre significa necessariamente que exista afastamento porque no estrato 1 coexiste um nível mais elevado de Alienação com um nível também relativamente elevado de Comunicação quer com a mãe quer com os amigos. Outra característica importante diz respeito a uma maior semelhança entre estratos na ligação ao pai do que na ligação à mãe. Isto dever-se-à provavelmente a uma maior uniformidade do estatuto masculino e do estatuto do pai na nossa cultura.

Podemos então sumariamente eleger como traços diferenciadores do mundo relacional dos rapazes de 11 anos, no estrato 1 a atribuição ao pai do papel dominante, no estrato 2 a relativa indiferenciação entre as figuras parentais e um maior distanciamento para com os coetários e no estrato 3 uma maior diferenciação relativamente a todas as figuras da constelação relacional.

Este panorama altera-se com o decurso do processo desenvolvimental. Aos 14 anos observa-se que em todos os estratos a Vinculação a todas as figuras aumenta de acordo com a subida de estrato social o que difere do que ocorria aos 11 anos.

Em todos os estratos os rapazes estão mais ligados aos pais do que aos amigos mas a mãe é agora a primeira figura de Vinculação, o pai a segunda e os amigos estão no terceiro lugar. A Vinculação à mãe tende a aumentar com a subida de estrato mas sem diferenças significativas entre as médias dos diversos estratos. Quanto à Vinculação ao pai verifica-se a mesma progressão com uma diferença significativa entre os estratos 1 e 3 (Quadro 18a e 18b, anexo 4. O mesmo se passa em relação aos amigos (Quadro 18ª, anexo 4).

De resto se analisarmos as características da ligação a cada uma das figuras não encontramos diferenças quanto ao seu posicionamento. Para todos a média mais elevada é a da Confiança, seguindo-se a Comunicação e finalmente a Alienação. As diferenças significativas para a mãe manifestam-se na Confiança entre os estratos 1 e 2 e os estratos 2 e 3. Para o pai há diferenças significativas na Confiança, na Comunicação e na

Alienação entre os estratos 1 e 3. No que se refere aos amigos há diferenças significativas apenas na Alienação entre os estratos 1 e 3. Todavia sublinhamos que em todos os estratos se verifica que a mãe é a figura dominante e os amigos estão em último lugar. Trata-se portanto apenas de diferenças quantitativas.

Mas há algumas diferenças no que se refere às características da ligação às diversas figuras. No que respeita à ligação à **mãe** os rapazes do estrato 3 têm na Comunicação uma média mais elevada do que a dos outros dois estratos, sensivelmente ao mesmo nível. Em contrapartida a média de Alienação é mais elevada no estrato 1 do que nos outros dois, sensivelmente ao mesmo nível.

Comparativamente pode dizer-se que os rapazes do estrato 1 comunicam com a mãe tanto como os do estrato 2 mas têm com ela uma ligação de maior conflito. Por outro lado os rapazes do estrato 3 têm com a mãe o mesmo nível de conflito que os do estrato 2 mas comunicam mais com ela.

Na ligação ao **pai** há uma progressão acompanhando a subida de estrato indicando uma cada vez melhor ligação ao pai.

Na ligação aos **amigos**, encontramos no estrato 1 uma média de Confiança mais baixa do que a dos outros dois estratos sensivelmente iguais. Na Comunicação as médias de todos os estratos são sensivelmente iguais. Pode portanto concluir-se que os rapazes dos estratos 2 e 3 comunicando com os amigos tanto como os do estrato 1, confiam mais neles do que os deste estrato.

O que não podemos deixar de salientar é que em todas as variáveis respeitantes a todas as figuras se observa um decréscimo dos 11 para os 14 anos indiciando um afastamento em relação a todas elas.

Se atentarmos agora à evolução que sofrem estas ligações ao longo desta fase, apercebemo-nos de outras diferenças importantes.

No estrato 1, a figura relativamente à qual se observam maiores remodelações com oscilações na proximidade relacional e com maior número de diferenças significativas entre grupos etários (Quadro 13a e 13b em anexo 4) é o pai. Relativamente a esta figura é possível demarcar depois do período de maior proximidade e identificação dos 11 anos, um período de afastamento e conflito aos 12, uma nova aproximação aos 13 e um novo distanciamento aos 14 anos. Em contrapartida, a ligação à mãe sofre uma evolução bastante mais coerente, sem movimentos contraditórios se exceptuarmos a Confiança que sobe atingindo um pico aos 13 anos para voltar a diminuir.

No estrato 3, é à mãe que se refere o desenvolvimento mais acidentado, é a ela que se refere a quase totalidade das diferenças significativas (Quadro 14 em anexo 4) entre grupos etários. Quanto ao pai podemos referir que a evolução da ligação é bastante mais coerente com um decréscimo progressivo das médias de todas as variáveis. Ressalvamos a Alienação que depois de atingir um pico aos 13 anos volta a descer aos 14.

Podemos pois concluir que é relativamente à figura de mais forte Vinculação inicial que ao longo deste período existe uma maior necessidade e uma maior dificuldade de remodelação relacional. No estrato 1 isso acontece relativamente ao pai e no estrato 3 acontece relativamente à mãe.

No estrato 2 encontramos diferenças entre grupos etários em variáveis referentes à mãe e em variáveis referentes ao pai embora estas últimas predominem. Há portanto também neste estrato uma maior necessidade de ressituar o pai do que a mãe.

Os movimentos de oscilação com aproximações e afastamentos observam-se neste estrato relativamente aos amigos com afastamento aos 12 anos, aproximação aos 13 anos e novo afastamento aos 14. No entanto relativamente aos amigos não encontramos diferenças significativas entre grupos etários.

Temos de sublinhar contudo que existem poucas diferenças significativas entre estratos. Só no fim deste período evolutivo encontramos mais diferenças que parecem indiciar um esboço de diferenciação mais nítida entre eles. Aos 14 anos as diferenças significativas observadas (Quadro 16 em anexo 4) mostram por um lado que a diversidade vai aumentando à medida que subimos na escala social.

Entre os rapazes do estrato 1 e do estrato 2 a média de Alienação aos amigos é significativamente superior no estrato 1. Entre o estrato 1 e o estrato 3 encontramos bastante mais diferenças significativas. A Confiança na mãe é significativamente superior no estrato 3, a Alienação ao pai é significativamente superior no estrato 1 o mesmo acontecendo com a Alienação aos amigos. Entre os rapazes do estrato 2 e do estrato 3 encontramos diferenças significativas na Confiança na mãe, superior no estrato 3 e na Alienação ao pai superior no estrato 2. Estes factos e a observação das médias das diferentes figuras significativas conduzem-nos a outras conclusões.

No fim deste período de desenvolvimento, a ligação a todas as figuras significativas intensifica-se com a subida de estrato social. Todavia, se observarmos os quadros das médias por idade em cada estrato social temos de constatar que na generalidade das ligações se observa uma tendência para um afrouxamento dos laços dando a impressão de uma tendência para a retracção relacional. Ressalvamos as pequenas subidas da Comunicação com os amigos que se dão nos estratos 2 e 3. Todavia, mesmo relativamente aos amigos as médias de Vinculação e Confiança desceram e as de Alienação subiram bastante. Claro que como referimos nem todas as diferenças são significativas mas isso não obsta a que essa tendência para a retracção assuma um carácter geral.

IX.5 – Ligações à Mãe, ao Pai e aos Amigos nas Raparigas

Debruçar-nos-emos agora sobre os resultados das raparigas que como anteriormente dissémos são bastante diferentes dos dos rapazes.

Também para estas faremos uma reflexão para cada estrato separadamente uma vez que encontrámos diferenças entre os estratos de que entendemos dar conta. Assim começamos por apresentar as médias e desvios padrão por idades das raparigas do estrato 1 relativamente a cada variável e a cada figura significativa no intuito de dar uma visão geral do posicionamento das raparigas em cada idade com referência a essas figuras.

IX.5.1 - Raparigas do Estrato 1

Quadro 50

Médias e desvios padrão das raparigas por idade no estrato 1

Variáveis	Figuras Signif.	11 anos			12 anos		
		N	Médias	σ	N	Médias	σ
Vinculação	Mãe	10	70,30	21,03	21	80,19	12,56
	Pai	11	67,23	21,22	23	68,87	17,67
	Amigos	11	69,73	21,11	24	70,83	14,22
Confiança	Mãe	11	76,36	22,57	23	83,69	12,81
	Pai	12	66,04	28,69	23	75,87	17,61
	Amigos	12	71,25	26,08	25	75,30	18,53
Comunica-ção	Mãe	13	71,15	23,00	24	78,24	13,69
	Pai	13	59,40	22,67	23	65,94	20,96
	Amigos	13	64,42	25,08	25	74,87	16,47
Alienação	Mãe	12	29,51	19,09	24	29,17	21,94
	Pai	12	27,08	17,99	23	38,41	22,01
	Amigos	11	33,12	18,43	24	39,73	17,69
Variáveis	Figuras Signif.	13 anos			14 anos		
		N	Médias	σ	N	Médias	σ
Vinculação	Mãe	18	75,39	15,34	14	72,93	11,94
	Pai	16	68,44	13,52	13	63,23	19,60
	Amigos	17	77,76	12,09	15	72,40	13,11
Confiança	Mãe	19	78,95	14,68	14	78,57	12,58
	Pai	16	75,31	13,59	14	72,50	18,55
	Amigos	18	82,22	13,96	15	74,83	16,65
Comunica-ção	Mãe	19	76,46	17,48	14	68,45	20,66
	Pai	18	60,34	19,12	14	53,57	24,88
	Amigos	18	77,78	17,84	15	73,54	15,44
Alienação	Mãe	20	29,37	22,84	14	29,76	19,53
	Pai	18	31,71	15,79	13	37,18	22,14
	Amigos	17	30,46	14,89	15	32,38	18,28

Da observação do Quadro 5 podemos facilmente concluir que as raparigas do estrato 1 aos **11 anos** (gráf. 61 a 64) têm na mãe a figura de Vinculação mais importante.

Gráfico 61

Vinculação

estrato 1 - raparigas de 11 anos

Mãe, pai e amigos

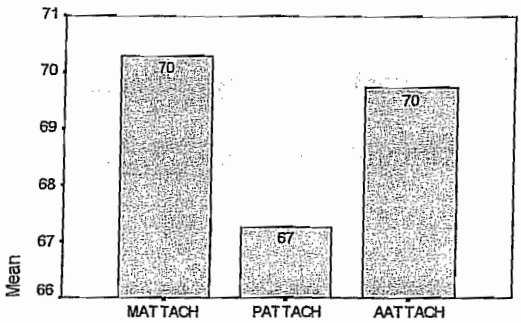


Gráfico 62

Confiança

estrato 1 - raparigas de 11 anos

Mãe, pai e amigos

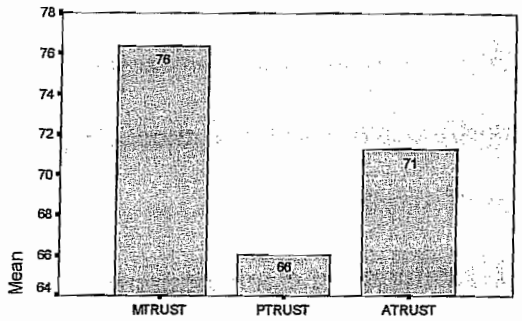


Gráfico 63

Comunicação

estrato 1 - raparigas de 11 anos

Mãe, pai e amigos

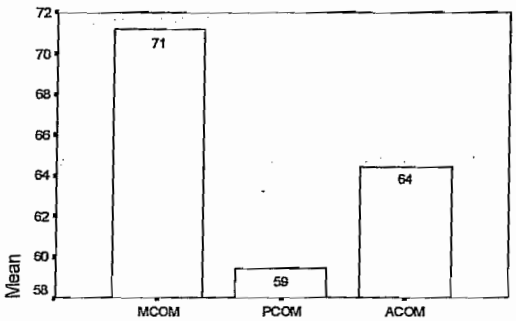
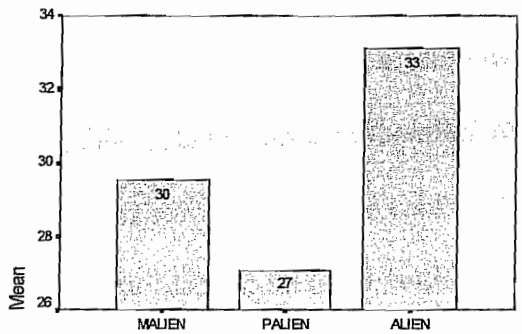


Gráfico 64

Alienação

estrato 1 - raparigas de 11 anos

Mãe, pai e amigos



Contudo não só a média do pai não é significativamente mais baixa do que a da mãe (Quadro 19 em anexo 4) como também a média dos amigos lhe é muito próxima e superior à do pai. As raparigas têm portanto, nos amigos figuras de Vinculação mais importantes do que o pai. Na variável Confiança

repete-se a mesma ordenação das figuras significativas. Ou seja: aos amigos é atribuída uma pontuação média mais alta do que a do pai mas mais baixa do que a da mãe, sendo significativas as diferenças entre as médias do pai e da mãe.

Na variável Confiança repete-se a mesma ordem das figuras significativas. Ou seja: aos amigos é atribuída uma pontuação média mais alta do que a do pai mas mais baixa do que a da mãe, sem diferenças significativas.

Na Comunicação repete-se a ordenação existindo uma diferença significativa entre a média do pai e a média da mãe (Quadro 19, anexo 4) em favor desta.

Na Alienação é aos amigos que corresponde a média mais alta seguindo-se-lhes a mãe e só depois o pai. Estes valores, cujas diferenças não são significativas, poderão parecer estranhos dada a ordem das médias encontradas para estas figuras nas outras variáveis. Seria aparentemente de esperar que a média mais elevada de Alienação dissesse respeito ao pai e que a este se seguissem os amigos e só finalmente a mãe. Contudo não é isso que se verifica.

Em nosso entender estas médias têm uma explicação diferente para cada uma das figuras significativas. Por um lado é natural que a média de Alienação em relação aos amigos seja superior à da mãe uma vez que esta tem pontuações mais elevadas do que os amigos em todas as outras variáveis. A mãe será assim uma figura mais próxima do que os amigos e portanto a distância em relação a estes maior do que em relação à mãe. No entanto o mesmo se não poderá dizer relativamente ao pai que tendo em todas as outras variáveis médias mais baixas do que qualquer das outras figuras, obtém também a média mais baixa na Alienação. Provavelmente,

tratando-se do sexo feminino, a distância em relação ao pai não é valorizada. Sendo a relação pouco próxima não chega sequer a haver possibilidade de conflito.

Assim, podemos concluir que no estrato 1, as raparigas de 11 anos, embora tenham como figura mais importante a mãe, relacionam-se em segundo lugar mais intensamente com os amigos, sendo o pai uma figura relativamente menos importante. Isto torna-se mais evidente na Comunicação em que a média do pai é muito mais baixa do que a da mãe. É possível que isto se deva ao facto de o pai não poder constituir nesta idade uma figura de identificação e de suporte para a problemática da entrada no período pubertário. Talvez tenha até começado a ser alguém em relação a quem sentem necessidade de algum distanciamento uma vez que é do sexo oposto. Por outro lado, os amigos que nesta idade serão maioritariamente do mesmo sexo podem desempenhar um papel importante na troca de experiências e confidências.

Aos **12 anos** as raparigas deste estrato subiram quase todas as médias parecendo estar mais próximas de todas as figuras significativas como se tivesse nelas aumentado a necessidade de relação. Contudo se em algumas variáveis como a Vinculação ou a Comunicação a ordem destas figuras se mantém, noutras surge alterada.

Analisando em detalhe, a mãe continua a ser a figura de Vinculação mais importante e os amigos continuam a estar em segundo lugar mas agora a mãe tornou-se muito mais importante do que aos 11 anos conquanto só seja significativa a diferença entre a média da mãe e a média dos amigos (Quadro 20 em anexo 4). A média do pai é realmente mais baixa do que a

dos amigos, no entanto, sendo o desvio padrão referente ao pai mais amplo, a diferença não é significativa.

Gráfico 65

Vinculação

estrato 1 - raparigas de 12 anos

Mãe, pai e amigos

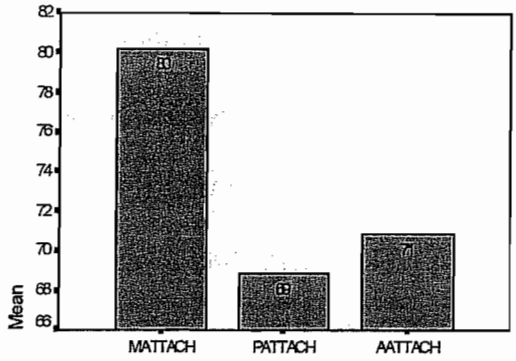


Gráfico 66

Confiança

estrato 1 - raparigas de 12 anos

Mãe, pai e amigos

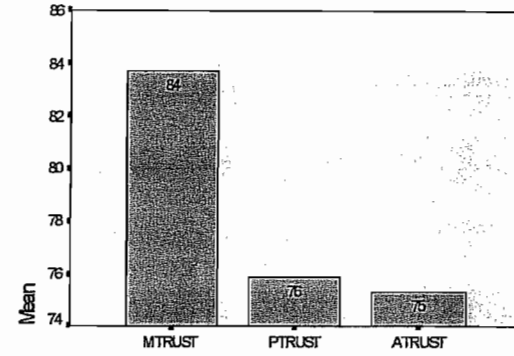


Gráfico 67

Comunicação

estrato 1 - raparigas de 12 anos

Mãe, pai e amigos

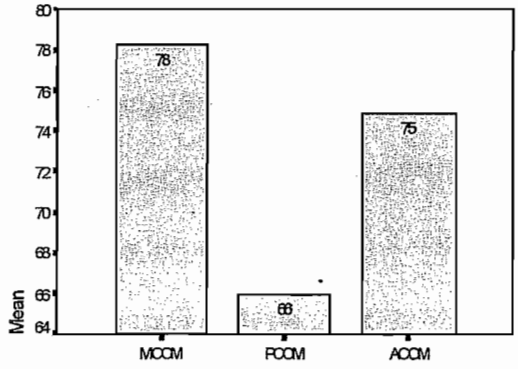
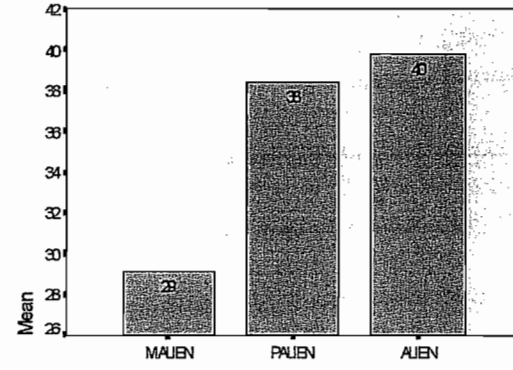


Gráfico 68

Alienação

estrato 1 - raparigas de 12 anos

Mãe, pai e amigos



Na Confiança é também a mãe que figura em primeiro lugar mas é o pai que surge em segundo lugar com os amigos a seguir com uma média bastante próxima, sendo significativa apenas a diferença entre a média da mãe e dos amigos. Todavia é evidentemente a mãe, a figura que se destaca sobre todas

as outras no que respeita à Confiança assim como a quase igualdade entre o pai e os amigos.

Na Comunicação repete-se a ordem que encontrámos anteriormente para a variável Vinculação. Mais uma vez a mãe está em primeiro lugar e os amigos obtêm uma média embora mais baixa, não muito distante da da mãe. O pai tem uma média muito inferior à das duas figuras mencionadas sendo significativa a diferença de médias entre o pai e a mãe (Quadro 20 em anexo 4). A Comunicação é então particularmente importante com a mãe e os amigos.

Quanto à Alienação observa-se uma alteração relativamente aos 11 anos. É aos amigos que corresponde a média mais elevada de Alienação mas o pai está nesta variável muito próximo dos amigos. À mãe corresponde uma média bastante menor e significativamente mais baixa do que a dos amigos (Quadro 20 em anexo 4). Isto dever-se-à provavelmente ao facto de a proximidade com a mãe por necessidade de identificação com o seu próprio sexo continuar a ser muito importante para as raparigas. No entanto, quer para o pai quer para os amigos, a explicação terá de ser outra. Por um lado, tendo subido as médias das outras variáveis para o pai e os amigos pode dizer-se que aumentou a proximidade e concomitantemente a probabilidade de conflito, por outro sendo os amigos nesta idade mais importantes que a figura paterna e ao mesmo tempo correspondendo-lhes o nível mais elevado de Alienação teremos de levantar a hipótese de que sendo a relação com estes mais igualitária conduzirá mais provavelmente a conflitos e necessidade de negociações e adaptações recíprocas.

No geral, é notória aos 12 anos, a maior abertura relacional e a diferenciação entre o pai e a mãe em todas as variáveis. Sendo a mãe a

figura mais destacada, a importância acordada aos amigos conduz à constatação de que as raparigas de 12 anos do estrato 1 não vivem exclusivamente num universo parental indiferenciado. Aliás, particularmente no que se refere à Comunicação, é notório que os amigos são parceiros preferenciais quando comparados com o pai.

Aos **13 anos** (Gráf. 69 a 72) algumas das características que tinham começado a surgir acentuam-se. É o caso da importância conferida aos amigos que agora ainda se intensifica mais. Entretanto a proximidade à mãe diminuiu consideravelmente e algumas das médias referentes ao pai também descem.

Vejamos em detalhe o posicionamento relativo destas figuras em cada uma das variáveis consideradas.

Na Vinculação os amigos surgem agora em primeiro lugar, seguindo-se-lhes a mãe com uma média ligeiramente inferior e só depois o pai com uma média consideravelmente mais baixa. Observa-se uma diferença significativa entre a média dos amigos e a do pai (Quadro 21 em anexo 4).

Também na variável Confiança se repete esta ordem das figuras mas agora não se observam diferenças significativas.

Na Comunicação repetindo-se a ordem das figuras, a mãe e os amigos têm médias muito próximas. Há diferenças significativas entre as médias da mãe e do pai e as médias do pai e dos amigos (Quadro 21 em anexo 4). De resto, a média da mãe desceu um pouco quando comparada com a média da mesma variável aos 12 anos mas a média do pai desceu consideravelmente mais. Enquanto ambas as figuras parentais perderam

pontos (mais a mãe do que o pai), os amigos ganharam pontos, ou seja, a relação com os amigos tornou-se mais próxima e importante.

Na variável Alienação, estando embora todas as figuras muito próximas, é o pai que surge com a média mais elevada, seguindo-se-lhe os amigos e depois a mãe sem diferenças significativas. No entanto convém acrescentar que enquanto a média de Alienação relativamente à mãe se manteve, as do pai e dos amigos desceram ambas.

Gráfico 69

Vinculação

estrato 1 - raparigas de 13 anos

Mãe, pai e amigos

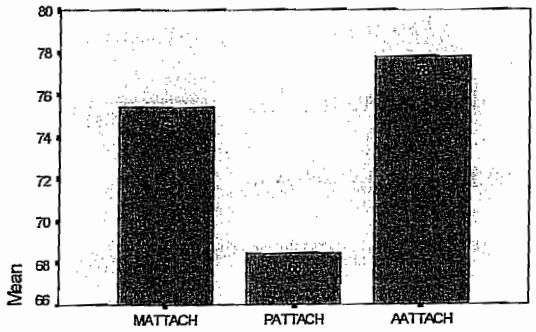


Gráfico 70

Confiança

estrato 1 - raparigas de 13 anos

Mãe, pai e amigos

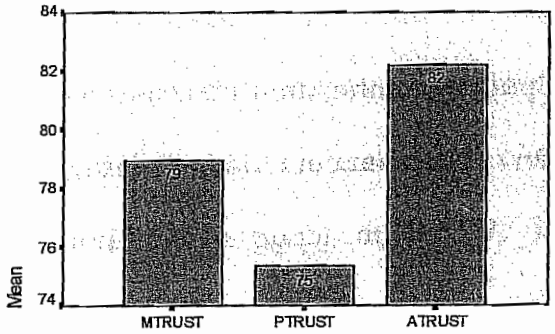


Gráfico 71

Comunicação

estrato 1 - raparigas de 13 anos

Mãe, pai e amigos

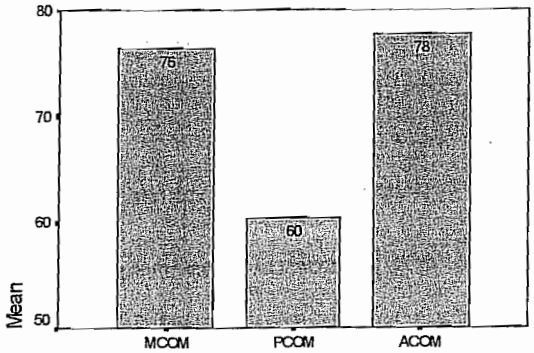
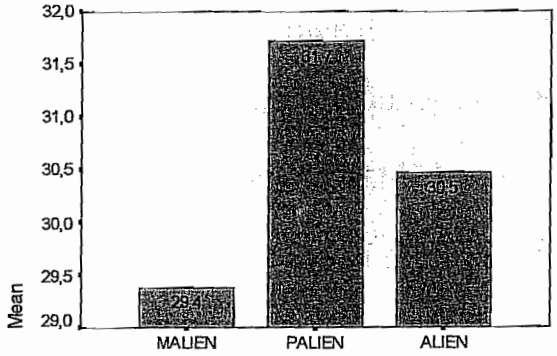


Gráfico 72

Alienação

estrato 1 - raparigas de 13 anos

Mãe, pai e amigos



Assim, é provável que a descida das médias das outras variáveis referentes à mãe derive não apenas de uma necessidade de autonomia mas fundamentalmente de uma necessidade de relação com coetários que poderão constituir um melhor suporte para a experimentação de papeis e a partilha de confidências relativas a problemáticas que se prendem com as múltiplas descobertas desta idade.

Não parece haver dúvidas de que a característica mais marcante desta idade é a da importância que agora assumem os amigos a par do lugar secundário que é atribuído aos pais mas mais particularmente ao pai.

Aos **14 anos** a generalidade das médias relativamente a todas as figuras desceu. Parece a sociabilidade ser agora menor. Mas além disso, conquanto o pai mantenha uma posição bastante secundarizada, a mãe e os amigos não conservam em todas as variáveis a mesma posição relativa.

Na Vinculação, tendo a mãe uma média superior aos amigos, estes estão-lhe quase equiparados. O pai, consideravelmente abaixo, é um objecto de Vinculação significativamente (Quadro 22 em anexo 4) menos importante que os amigos. No entanto não se observa diferença de médias significativa entre a mãe e o pai devido à amplitude do desvio padrão.

Relativamente à Confiança, a mãe está em primeiro lugar seguindo-se-lhe os amigos e finalmente o pai. Mas não há diferenças significativas porque as médias são muito próximas.

Quanto à Comunicação a ordem destas figuras é outra. Figuram os amigos em primeiro lugar, a mãe em segundo e o pai em terceiro. Observam-se diferenças significativas de médias entre o pai e os amigos mas não entre a mãe e os amigos (Quadro 22 em anexo 4). Será portanto com os amigos que

mais provavelmente as raparigas de 14 anos conversam sobre o que as preocupa ou entusiasma. Poderão eventualmente algumas vezes fazê-lo com a mãe mas só raramente procurarão o pai.

Gráfico 73

Vinculação

estrato 1 - raparigas de 14 anos

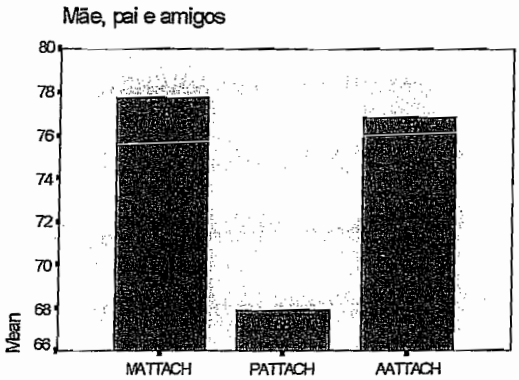


Gráfico 74

Confiança

estrato 1 - raparigas de 14 anos

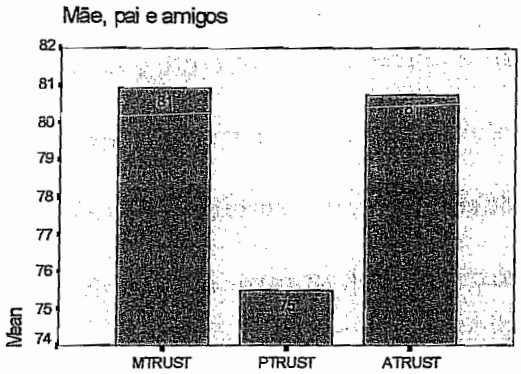


Gráfico 75

Comunicação

estrato 1 - raparigas de 14 anos

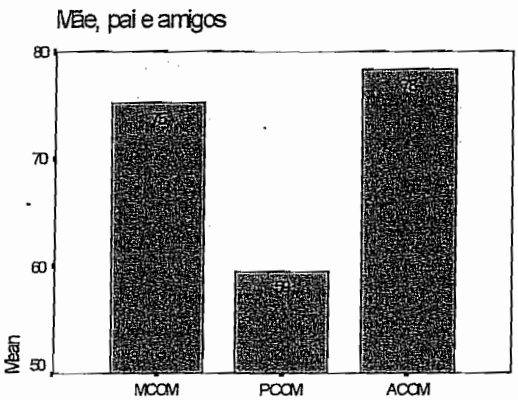
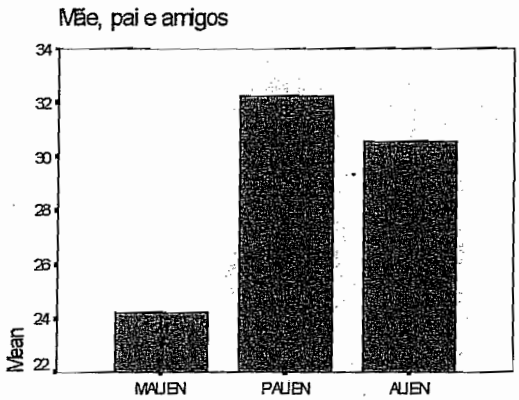


Gráfico 76

Alienação .

estrato 1 - raparigas de 14 anos



Na Alienação é ao pai que corresponde a média mais alta. Os amigos estão em segundo lugar e só depois está a mãe cuja média de Alienação, manteve

sensivelmente o valor dos 13 anos. Não há diferenças significativas. No entanto, quer o pai, quer os amigos, subiram as suas médias.

A subida da média de Alienação em relação ao pai, tendo em conta a descida das outras médias deve corresponder a um afastamento generalizado em relação ao pai que já vinha a verificar-se anteriormente. Mas quanto aos amigos o afastamento parece ocorrer apenas aos 14 anos após um período de grande proximidade e investimento nas relações com coetários. Também se observa um afastamento em relação à mãe mas este não parece coexistir com o conflito ou com um sentimento tão intenso de isolamento. Parece mais dever-se a uma necessidade de procurar outras relações e de exercitar a autonomia. Todavia devemos lembrar que os amigos suplantam as figuras parentais como objectos de comunicação. Assim acreditamos que nesta altura, embora os amigos sejam ainda um suporte importante eles já não são tão imprescindíveis como anteriormente. É possível que tal como Josselsson (1980) afirmou, estejam as raparigas de 14 anos, a realizar a autonomização relativamente aos amigos que antes haviam realizado relativamente aos pais.

IX.5.2 - Raparigas do Estrato 2

Debruçar-nos-emos agora sobre os dados obtidos para as raparigas do estrato 2.

Quadro 51

Médias e desvios padrão das raparigas por idade no estrato 2

Variáveis	Figuras Signif.	11 anos			12 anos		
		N	Médias	σ	N	Médias	σ
Vinculação	Mãe	18	74,72	19,83	13	74,77	16,91
	Pai	18	74,22	19,96	12	78,92	13,21
	Amigos	18	59,61	22,23	13	71,61	14,24
Confiança	Mãe	18	76,39	21,35	13	78,65	11,07
	Pai	17	81,47	16,44	13	87,50	10,05
	Amigos	18	62,22	27,90	13	77,11	16,23
Comunica-ção	Mãe	18	75,00	22,79	14	71,82	25,66
	Pai	17	69,44	22,59	13	71,15	21,50
	Amigos	18	57,29	25,95	14	75,67	18,56
Alienação	Mãe	18	28,47	19,82	14	23,81	20,37
	Pai	18	23,38	22,47	12	22,22	11,14
	Amigos	18	41,47	14,19	14	37,24	15,89
Variáveis	**Figuras Signif.**	**13 anos**			**14 anos**		
		N	**Médias**	**σ**	**N**	**Médias**	**σ**
Vinculação	Mãe	24	82,92	10,14	22	82,91	9,67
	Pai	23	73,00	12,74	20	69,55	16,02
	Amigos	24	76,00	11,92	22	82,32	12,68
Confiança	Mãe	24	86,87	10,48	22	83,75	10,71
	Pai	24	81,25	13,47	20	76,87	17,36
	Amigos	24	80,42	14,46	22	87,39	12,45
Comunica-ção	Mãe	24	79,51	12,92	21	82,14	10,85
	Pai	23	64,85	15,86	20	61,94	17,55
	Amigos	24	77,73	14,98	22	84,09	15,58
Alienação	Mãe	24	18,58	13,95	21	16,67	14,55
	Pai	24	30,56	14,83	20	31,25	20,83
	Amigos	24	32,29	11,98	22	26,95	15,38

Pela simples observação das médias em cada variável referentes às diferentes figuras significativas (Quadro 51) torna-se imediatamente evidente que de um modo geral as médias atribuídas pelas raparigas deste estrato às figuras parentais são mais elevadas em todas as idades do que as atribuídas pelas raparigas do estrato 1, indiciando uma relação mais forte com os pais.

Além disso o pai também obtém de um modo geral médias mais elevadas neste estrato e comparativamente com o estrato 1 parece no estrato 2 desempenhar um papel mais importante. Voltaremos a referir-nos a estas diferenças quando compararmos os estratos assim como à diferente evolução que estas variáveis tomam ao longo do desenvolvimento.

Por ora incidiremos a nossa reflexão sobre as características de cada idade dentro do estrato 2.

Aos **11 anos** (Gráf. 77 a 80) as médias de Vinculação aos pais são quase iguais e a média de Vinculação aos amigos é significativamente inferior à de qualquer das figuras parentais (Quadro 23a em anexo 4).

Na variável Confiança ao pai corresponde a média mais elevada seguindo-se a da mãe e finalmente a dos amigos havendo uma diferença significativa entre a média do pai e a dos amigos (Quadro 23a em anexo 4) e a média da mãe e do pai (Quadro 23b em anexo 4).

Na Comunicação é a mãe que figura em primeiro lugar, seguindo-se-lhe o pai e depois os amigos. São significativas as diferenças entre as médias dos amigos e da mãe (Quadro 23a em anexo 4).

Gráfico 77

Vinculação

Estrato 2 - raparigas de 11 anos

Mãe, pai e amigos

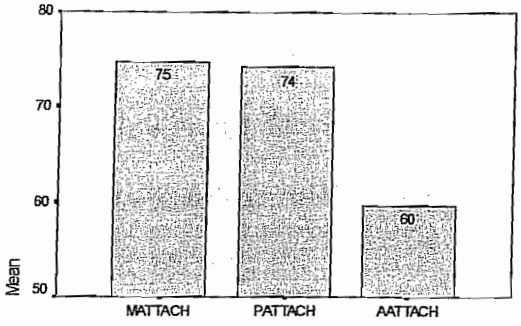


Gráfico 78

Confiança

Estrato 2 - raparigas de 11 anos

Mãe, pai e amigos

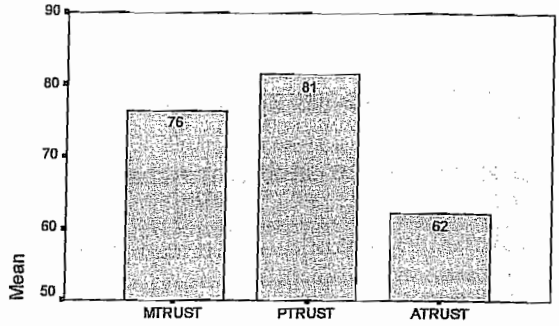


Gráfico 79

Comunicação

Estrato 2 - raparigas de 11 anos

Mãe, pai e amigos

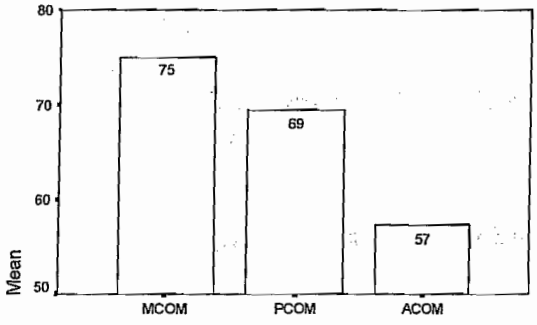
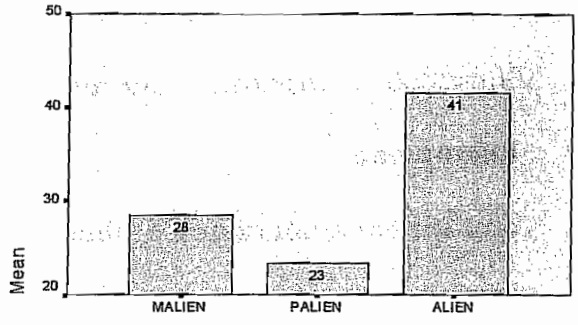


Gráfico 80

Alienação

Estrato 2 - raparigas de 11 anos

Mãe, pai e amigos



Na Alienação a média mais elevada refere-se aos amigos seguindo-se-lhes a mãe e só depois o pai. São significativas as diferenças entre as médias dos amigos e da mãe (Quadro 23a em anexo 4).

Assim, nas raparigas de 11 anos do estrato 2 a relação privilegiada é com os pais. Mas embora a Vinculação a ambos seja equivalente a relação é diferenciada. É no pai que confiam mais mas é com a mãe que mais comunicam. Deste modo, parece que, tendo em conta que a comunicação com a mãe é mais alta mas a Alienação também o é, a relação com a mãe é mais próxima mas provavelmente também mais conflitual enquanto que a

relação com o pai será mais distante mas mais idealizada. Quanto aos amigos, parece o seu papel ser bastante secundário o que como veremos se modificará.

Aos **12 anos** (graf.81 a 84) as médias relativas a todas as figuras sobem o que parece indiciar uma maior abertura relacional. Contudo esta subida não se realiza na mesma medida para todas elas disso resultando uma configuração da constelação relacional diversa da dos 11 anos.

A Vinculação à mãe manteve-se inalterada mas a Vinculação a o pai subiu e mais subiu ainda a Vinculação aos amigos embora estes se mantenham no último lugar. Não se observam diferenças de médias significativas mas o pai é agora colocado em primeiro lugar. A mãe continua a ser um objecto de Vinculação importante antecedendo os amigos mas parece ter cedido o lugar ao pai.

Também na Confiança se observa uma subida de médias para todas as figuras. Daqui resulta que o pai aumentou a sua média relativa na Confiança e que embora a mãe continue a ser uma fonte de confiança os amigos lhe estão muito próximos. Há diferenças de médias significativas (Quadro 24 em anexo 4) entre a mãe e o pai sendo claro que a mãe perdeu o seu lugar de primeiro objecto.

Na Comunicação o primeiro lugar é agora atribuído aos amigos sendo que pai e mãe figuram sensivelmente ao mesmo nível. Não havendo diferenças de médias significativas pode dizer-se que a Comunicação é agora mais intensa com figuras exteriores ao universo parental. Acrescentemos contudo que a comunicação com a mãe diminuiu enquanto com o pai aumentou ligeiramente. Tal significa que enquanto a rapariga começa a

voltar-se para os coetários está também a alterar as suas relações com as figuras parentais num processo que é concomitante.

Gráfico 81

Vinculação

Estrato 2 - raparigas de 12 anos

Mãe, pai e amigos

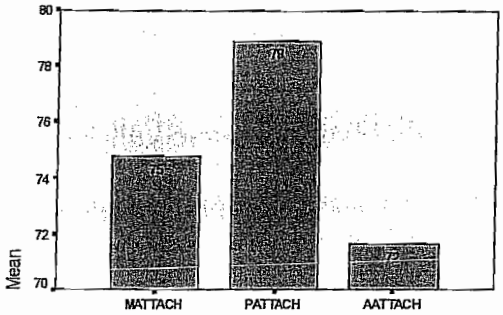


Gráfico 82

Confiança

Estrato 2 - raparigas de 12 anos

Mãe, pai e amigos

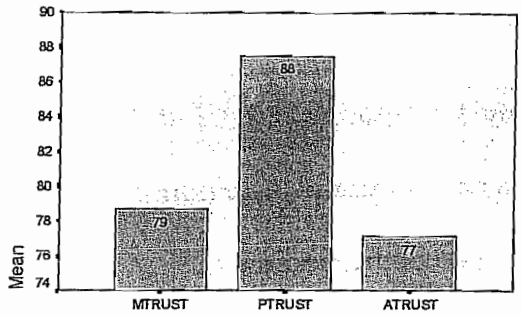


Gráfico 83

Comunicação

Estrato 2 - raparigas de 12 anos

Mãe, pai e amigos

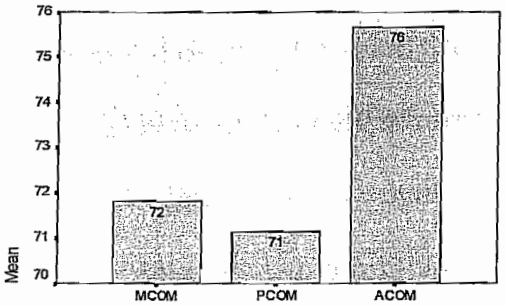
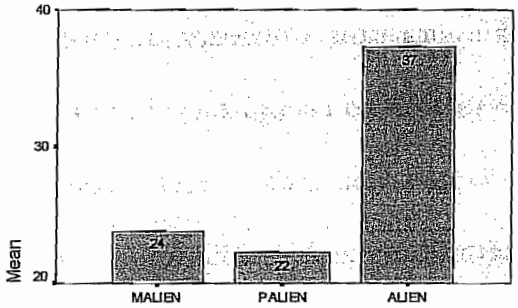


Gráfico 84

Alienação

Estrato 2 - raparigas de 12 anos

Mãe, pai e amigos



Na Alienação assistimos a uma descida das médias de todas as figuras a corroborar a ideia de que existe agora uma maior proximidade relacional. São contudo os amigos que surgem no primeiro lugar fruto provavelmente de uma maior proximidade com eles que também propiciará maior oportunidade para conflitos. Sublinhamos que são significativas as

diferenças das médias de Alienação entre os amigos e a mãe e entre os amigos e o pai (Quadro 24 em anexo 4).

Estando pai e mãe muito próximos é ao pai que corresponde o nível mais baixo de Alienação. É também ao pai que são atribuídas as médias mais elevadas de Vinculação e de Confiança o que mostra como o papel paterno se valorizou.

Aos **13 anos** (graf. 85 a 88) a configuração da constelação relacional altera-se novamente. Aumentou a proximidade à mãe e aos amigos mas diminuiu a proximidade ao pai.

A mãe volta a estar em primeiro lugar dada a superioridade das médias que lhe são correspondentes na Vinculação, na Confiança e na Comunicação testemunhando provavelmente de uma necessidade de identificação com ela.

Há agora uma diferença de médias significativa (Quadro 25, anexo 4) entre a Vinculação ao pai e a Vinculação à mãe e entre a Vinculação aos amigos e à mãe em favor desta. Além disso é aos amigos e não ao pai que o segundo lugar é atribuído. Ao pai é assim conferido um papel secundário.

A Confiança subiu consideravelmente em relação à mãe e desceu em relação ao pai sem que a diferença de médias entre ambos seja significativa. Os amigos, em terceiro lugar, têm uma média inferior e muito próxima da do pai mas também sem diferença significativa em relação à mãe. Isto indica também que a relação com os amigos, nesta particular variável, obedece a um padrão menos definido do que a relação com o pai ou com a mãe. Tal não invalida contudo o facto de a Confiança nos amigos ter subido enquanto que a Confiança no pai desceu.

Gráfico 85

Vinculação

Estrato 2 - raparigas de 13 anos

Mãe, pai e amigos

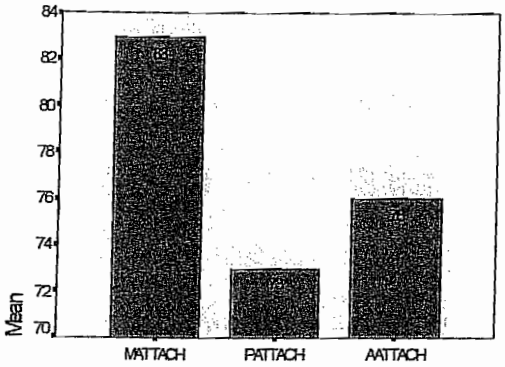


Gráfico 86

Confiança

Estrato 2 - raparigas de 13 anos

Mãe, pai e amigos

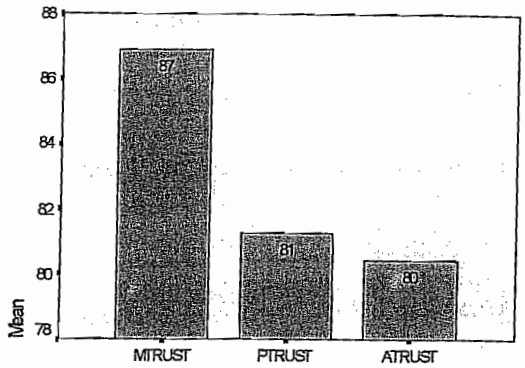


Gráfico 87

Comunicação

Estrato 2 - raparigas de 13 anos

Mãe, pai e amigos

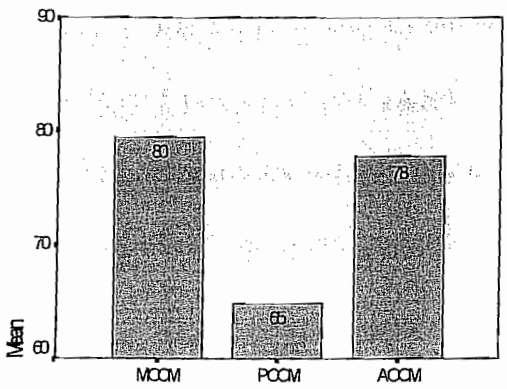
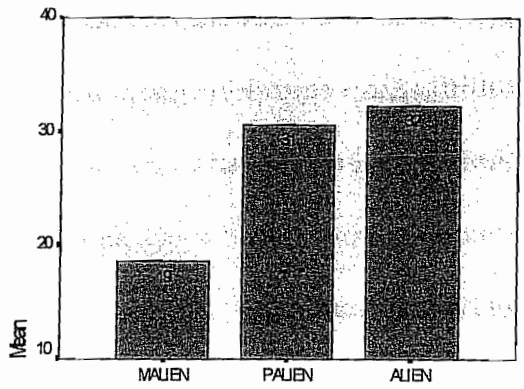


Gráfico 88

Alienação

Estrato 2 - raparigas de 13 anos

Mãe, pai e amigos



Na Comunicação, pertencendo à mãe a média mais elevada, devemos sublinhar que a média dos amigos lhe é muito próxima, tendo ambas subido. A par disso, a média de Comunicação com o pai desceu. Revelam-se significativas as diferenças de médias entre o pai e a mãe e entre os amigos e o pai (Quadro 25, anexo 4) indicando que se tornou importante a

Comunicação com a mãe e os amigos e secundária a Comunicação com o pai.

A Alienação relativamente à mãe desceu assim como a Alienação relativamente aos amigos. Contudo é aos amigos que corresponde a média mais alta de Alienação conquanto esta seja relativamente próxima da do pai. Isto dever-se-à muito provavelmente por um lado a uma procura de afastamento em relação ao pai mas relativamente aos amigos a maior proximidade propicia também mais uma vez maiores probabilidades de conflito numa relação que terá forçosamente de ser mais igualitária e como tal implicar mais necessidades de adaptações recíprocas.

Assim, as raparigas de 13 anos estão mais próximas da mãe: é à mãe que estão mais vinculadas, é nela que mais confiam, é com ela que mais comunicam e é também relativamente a ela que menos sentem distância ou conflito. Em segundo lugar é aos amigos que se ligam conquanto a relação possa ser atravessada por conflitos. Finalmente relativamente ao pai observa-se um maior distanciamento em que é particularmente evidente a menor comunicação.

Aos **14 anos** (Gráf. 89 a 92) assistimos a novas remodelações na constelação relacional das raparigas. Contudo elas só acentuam ainda mais o que tínhamos observado aos 13 anos.

Na Vinculação, na Confiança e na Comunicação há um novo decréscimo das médias do pai acentuando-se, mais particularmente, a queda da Comunicação que já se verificava aos 13 anos.

Gráfico 89

Vinculação

Estrato 2 - raparigas de 14 anos

Mãe, pai e amigos

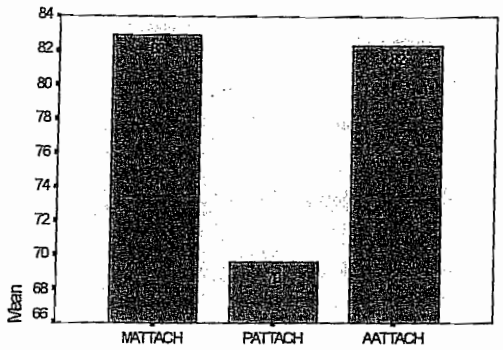


Gráfico 90

Confiança

Estrato 2 - raparigas de 14 anos

Mãe, pai e amigos

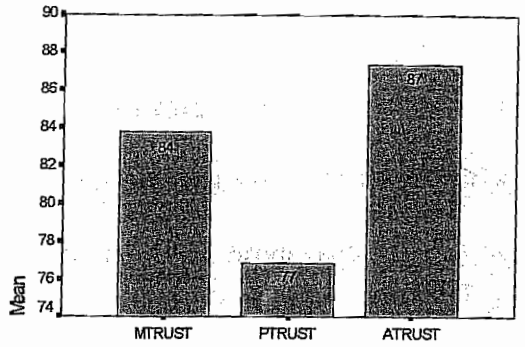


Gráfico 91

Comunicação

Estrato 2 - raparigas de 14 anos

Mãe, pai e amigos

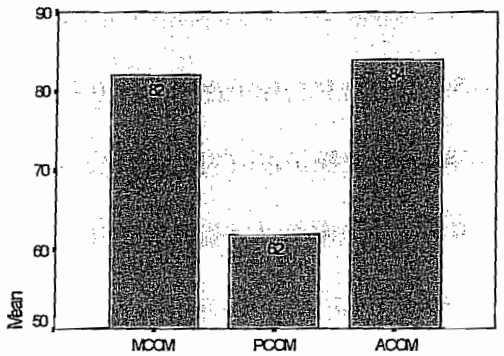
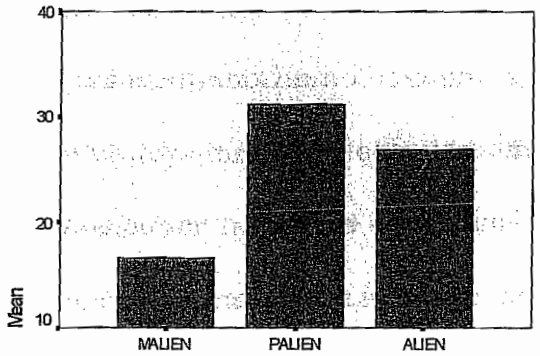


Gráfico 92

Alienação

Estrato 2 - raparigas de 14 anos

Mãe, pai e amigos



A mãe mantém a média de Vinculação, desce a de Confiança e sobe a de Comunicação. Existem diferenças significativas (Quadro 26, anexo 4) entre as médias do pai e da mãe nas variáveis Vinculação e Comunicação. Também são significativas as diferenças entre as médias dos amigos e do pai para as variáveis Vinculação e Comunicação. Todavia entre os amigos e a mãe não se observam uma diferenças significativas.

Isto mostra que as grandes diferenças entre figuras significativas se manifestam predominantemente entre a mãe e o pai e entre os amigos e o pai. Mostra também que aos 14 anos as raparigas se distanciam ainda mais do pai. A mãe mantém um papel importante que lhe advém do facto de ser do mesmo sexo e portanto constituir não só um mais fácil objecto de identificação mas também uma interlocutora mais adequada à compreensão dos problemas femininos da filha. No entanto convém acrescentar que a Confiança na mãe diminui provavelmente pelo facto de esta poder também ser sentida como um agente restritivo numa altura em que a rapariga inicia as relações amorosas e sobre ela começam a pesar algumas tarefas domésticas.

Quanto aos amigos cujas médias de Vinculação, Confiança e Comunicação subiram são agora ainda mais importantes. São-no aliás mais do que a mãe na Confiança e na Comunicação. Para além disso estão equiparados à mãe como objectos de Vinculação. Isto mostra que as relações das raparigas de 14 anos são bastante diferenciadas mas também que de facto, sendo a mãe uma figura importante, os amigos ultrapassam-na como propiciadores de relações de confiança recíproca e como interlocutores com quem as jovens fazem o intercâmbio de experiências e preocupações sem o peso da censura materna.

Na Alienação a média referente à mãe é agora a mais baixa de sempre indiciando uma relação propiciadora de bem-estar como não existia anteriormente. Em contrapartida é ao pai que corresponde a média mais elevada de Alienação o que vem reforçar a ideia de um grande afastamento relativamente a ele.

Quanto aos amigos, embora a média de Alienação tenha descido e seja inferior à do pai não deixa de ser superior à da mãe. Tratando-se dos parceiros relacionais mais importantes para as raparigas, supomos que esta aparente contradição se deve ao facto de, sendo as relações igualitárias, terem de existir sempre algumas dissenções a ser negociadas.

Não resta portanto dúvida de que as raparigas de 14 anos do estrato 2 estão em pleno período de investimento em relações fora do contexto familiar enquanto têm na mãe uma fonte de suporte presente quando necessário. Assim, neste grupo etário, entre as raparigas do estrato 2, parece haver dois pilares relacionais, o da mãe e o dos amigos, com funções diversas. Enquanto a mãe se mantém como uma figura importante no que diz respeito à comunicação que deverá ter a função de figura de identificação, os amigos desempenham um papel igualmente importante no que se refere à ligação com o mundo exterior, à experimentação do novo e ao intercâmbio de experiências. Mas além disso, os coetários desempenharão um papel de suma importância que pode inferir-se do facto de a média de Alienação ser mais baixa do que a da mãe e de a média de Confiança nos amigos ser mais elevada. Esse papel será o de confronto com desejos e imposições dos outros num estatuto relacional de igualdade que conduzirá a negociações e aprendizagens das regras da sociabilidade.

IX.5.3 - Raparigas do Estrato 3

Quadro 52

Médias e desvios padrão das raparigas por idade no estrato 3

Variáveis	Figuras Signif.	11 anos			12 anos		
		N	Médias	σ	N	Médias	σ
Vinculação	Mãe	17	85,18	10,14	18	87,56	10,24
	Pai	16	77,19	17,86	18	79,78	17,69
	Amigos	17	74,65	14,04	19	78,58	16,13
Confiança	Mãe	17	85,74	12,39	18	90,56	8,81
	Pai	17	80,59	17,06	18	84,86	20,41
	Amigos	17	76,47	17,70	20	78,63	20,25
Comunica-ção	Mãe	17	85,78	10,43	18	86,57	12,36
	Pai	17	71,08	23,09	20	72,64	22,06
	Amigos	17	71,32	19,55	20	78,28	18,79
Alienação	Mãe	17	16,67	14,58	19	13,59	12,64
	Pai	16	22,66	19,00	20	23,96	15,35
	Amigos	17	24,16	10,53	19	23,31	13,95
Variáveis	**Figuras Signif.**	**13 anos**			**14 anos**		
		N	**Médias**	**σ**	**N**	**Médias**	**σ**
Vinculação	Mãe	31	82,71	17,22	12	73,67	19,45
	Pai	34	71,00	19,55	14	69,86	21,07
	Amigos	34	78,27	12,08	14	72,86	16,09
Confiança	Mãe	32	83,91	17,92	14	78,93	20,23
	Pai	34	78,24	18,98	14	76,43	19,82
	Amigos	34	81,10	14,98	14	76,61	18,04
Comunica-ção	Mãe	34	80,31	20,04	13	71,15	23,53
	Pai	34	62,01	25,07	14	61,91	25,42
	Amigos	34	79,87	11,75	14	74,33	21,52
Alienação	Mãe	33	18,81	16,77	13	30,45	17,87
	Pai	34	27,57	18,18	14	29,17	22,41
	Amigos	34	27,63	12,99	14	34,18	11,27

No estrato 3 as médias tendem no geral, de início, a ser mais altas para a mãe e para os amigos do que no estrato 2 mas aos 14 anos, com o desenrolar deste processo de desenvolvimento, já isso não se verifica.

Acresce ainda que parece não haver diferenças tão grandes como no estrato 2 entre as médias atribuídas às diferentes figuras (Quadro 52) e que as alterações, como veremos, surgem mais precocemente do que no estrato 2 mas aparentemente na mesma altura em que ocorrem no estrato 1. Adiante reflectiremos sobre estas diferenças entre os estratos e sobre as condições que as propiciam. De momento sublinharemos apenas o facto de as relações com as diferentes figuras significativas parecerem ser bastante intensas e a sociabilidade mais fácil.

As raparigas de **11 anos** (Gráf. 93 a 96) para além de terem uma relação privilegiada com a mãe (tal como acontece com as suas congéneres do estrato 1) atribuem-lhe valores que em média são mais elevados do que nos outros dois estratos.

Em todas as variáveis, excepto na Alienação, as médias respeitantes à mãe são significativamente mais elevadas do que as médias dos amigos (Quadros 27a e 27b em anexo) e do que as médias do pai na Vinculação e na Comunicação. Quer na Vinculação, quer na Confiança o pai ocupa a segunda posição mas na Comunicação as médias do pai e dos amigos são sensivelmente iguais e inferiores à da mãe.

Na Alienação, embora todas as médias sejam bastante baixas e não se verifiquem diferenças significativas é à mãe que corresponde a média mais baixa seguindo-se a do pai e por fim a dos amigos.

Gráfico 93

Vinculação

estrato 3 - raparigas de 11 anos

Mãe, pai e amigos

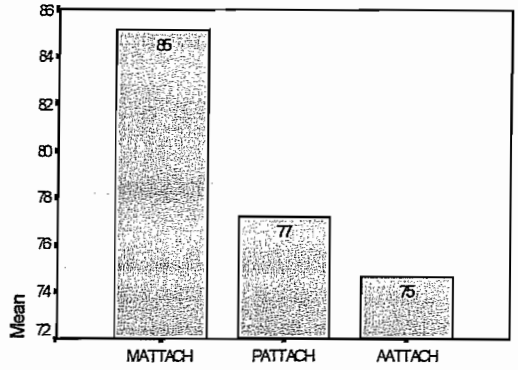


Gráfico 94

Confiança

estrato 3 - raparigas de 11 anos

Mãe, pai e amigos

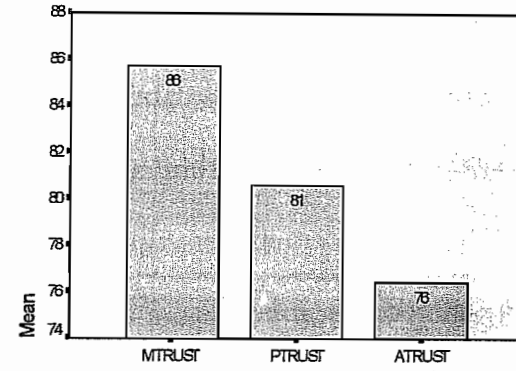


Gráfico 95

Comunicação

estrato 3 - raparigas de 11 anos

Mãe, pai e amigos

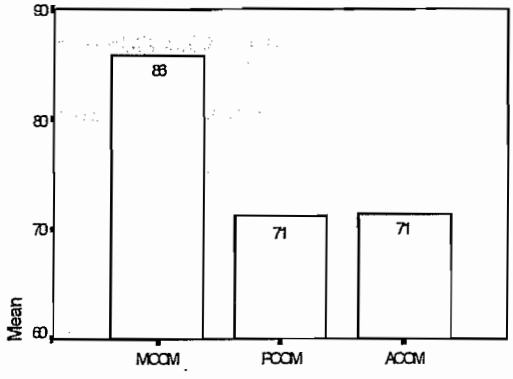
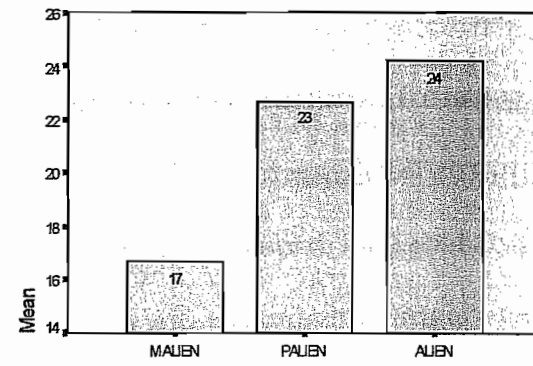


Gráfico 96

Alienação

estrato 3 - raparigas de 11 anos

Mãe, pai e amigos



Nesta idade é portanto a mãe a figura mais relevante surgindo pai e amigos muito próximos em segundo plano. Existe portanto entre mãe e filha uma grande proximidade sendo que pai e amigos não parecem muito diferenciados. Dir-se-ia que estes são do ponto de vista relacional figuras relativamente exteriores.

Aos **12 anos** (Gráf. 97 a 100) as médias de Vinculação, Confiança e Comunicação sofreram um aumento generalizado embora em alguns casos relativamente escasso. Não deixa contudo de indiciar uma tendência geral para uma maior abertura relacional que também se tinha verificado nos outros estratos.

Gráfico 97

Vinculação

estrato 3 - raparigas de 12 anos

Mãe, pai e amigos

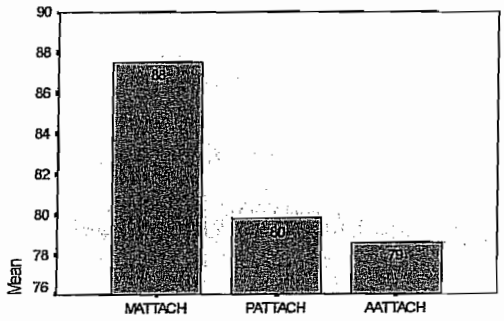


Gráfico 98

Confiança

estrato 3 - raparigas de 12 anos

Mãe, pai e amigos

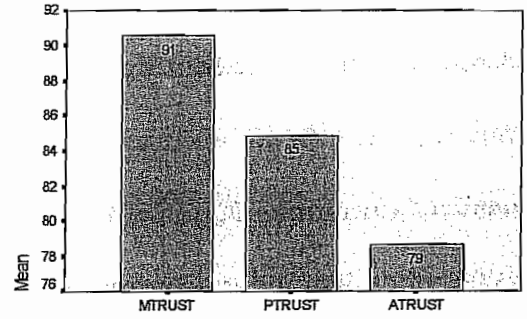


Gráfico 99

Comunicação

estrato 3 - raparigas de 12 anos

Mãe, pai e amigos

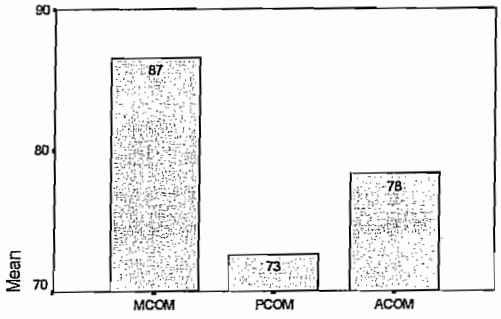
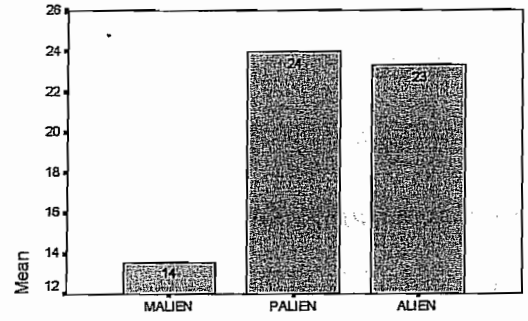


Gráfico 100

Alienação

estrato 3 - raparigas de 12 anos

Mãe, pai e amigos



Todavia, não sendo essa subida de igual amplitude para todas as figuras significativas assistimos agora a uma pequena alteração na configuração da constelação relacional das meninas de 12 anos.

A mãe surge sempre com as médias mais elevadas em todas as variáveis com excepção da Alienação em que acontece o contrário. No entanto se na Vinculação e na Confiança é ao pai que cabe o segundo lugar, na Comunicação são os amigos

que estão em segundo lugar. Não há grande diferença entre a média de Vinculação ao pai e a média de Vinculação aos amigos. Contudo, a diferença é suficiente para que seja significativa (Quadro 28a em anexo 4) a diferença entre a média da mãe e a dos amigos. Também é significativa a diferença de médias entre a mãe e os amigos e o pai e os amigos para a variável Confiança (Quadro 28b em anexo 4). Mas na variável Comunicação a diferença significativa verifica-se entre as médias da mãe e do pai (Quadro 28b em anexo 4).

Isto significa que se exceptuarmos a Comunicação, a relação agora estabelecida com o pai o aproximou mais da mãe como figura significativa. No entanto, no que se refere à Comunicação conquanto a mãe mantenha uma posição privilegiada os amigos adquiriram agora uma maior importância.

Na Alienação a mãe tem agora uma média ainda mais baixa do que anteriormente indiciando uma relação muito próxima e quase sem conflito. O pai e os amigos têm médias sensivelmente iguais e significativamente superiores à da mãe (Quadro 28b em anexo 4) sugerindo que nestas relações existe algum mal-estar que se não verifica na relação com a mãe.

Assim, as raparigas de 12 anos parecem estar mais abertas para as relações com todas as figuras significativas do que as raparigas de 11 anos. Mas a mãe continua a ser para elas a figura mais importante. No entanto existe também uma maior proximidade ao pai apesar de comunicarem menos com ele do que com os coetários.

Aos **13 anos** (gráf.101 a 104) as médias de Vinculação, Confiança e Comunicação relativas aos pais desceram enquanto relativamente aos amigos a média de Vinculação se manteve e as outras subiram ainda que ligeiramente.

Assim dá-se uma alteração da configuração relacional com as figuras significativas da vida das raparigas. Embora à mãe correspondam quase sempre as médias mais elevadas nestas variáveis, os amigos atingem agora médias muito próximas das da mãe e o pai está claramente relegado para um segundo plano.

Verificam-se diferenças significativas de médias entre o pai e a mãe em todas as variáveis (Quadro 29 em anexo 4) sempre em favor da mãe. No que se refere aos amigos existem diferenças significativas relativamente ao pai na variável Comunicação e relativamente à mãe na variável Alienação (Quadro 29 em anexo 4). No entanto é preciso notar que a média dos amigos na Comunicação é sensivelmente igual à da mãe e na Alienação é sensivelmente igual à do pai.

Aos 13 anos as raparigas parecem estar a distanciar-se mais de ambos os pais e a relacionar-se mais intensamente com os amigos quando comparadas com as de 12 anos. Mas a mãe mantém-se como principal figura de Vinculação. Os amigos que têm um papel bastante mais

importante do que o reservado ao pai destacam-se particularmente na Comunicação. Podemos portanto dizer que na vida relacional das raparigas deste estrato aos 13 anos constituem-se como pilares fundamentais a mãe e os amigos.

Gráfico 101

Vinculação

estrato 3 - raparigas de 13 anos

Mãe, pai e amigos

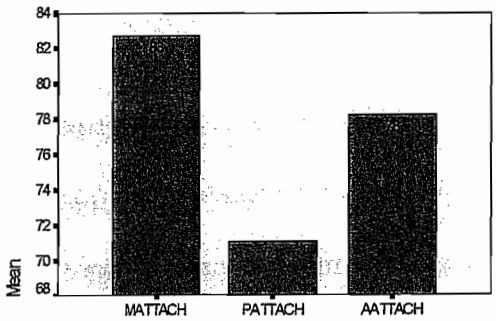


Gráfico 102

Confiança

estrato 3 - raparigas de 13 anos

Mãe, pai e amigos

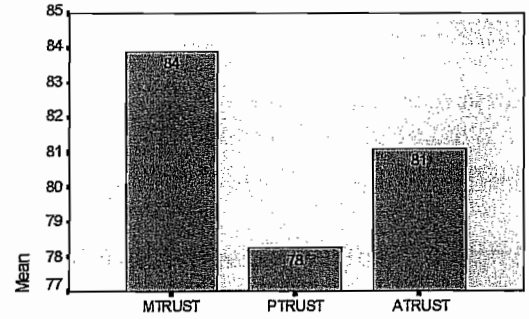


Gráfico 103

Comunicação

estrato 3 - raparigas de 13 anos

Mãe, pai e amigos

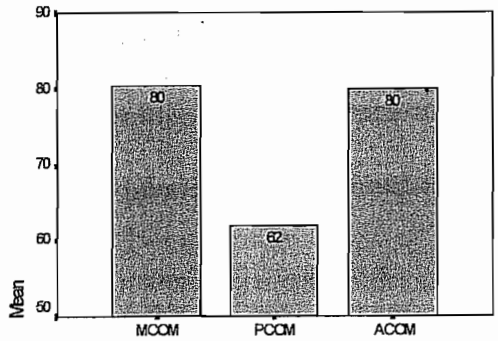
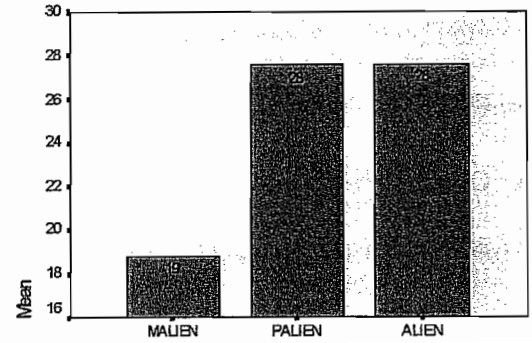


Gráfico 104

Alienação

estrato 3 - raparigas de 13 anos

Mãe, pai e amigos



São evidentemente ligações de diferente cariz. A mãe, quando comparativamente com as outras figuras tem médias bastante mais elevadas em todas as variáveis excepto na Alienação em que a média é muito mais baixa do que a das outras figuras. Tratar-se-à portanto de uma ligação forte e de conflito diminuto. Em contrapartida os amigos constituem-se como parceiros importantes mas em que o conflito é intenso.

Aos **14 anos** as raparigas do estrato 3 baixam as médias de todas as figuras significativas na Vinculação e na Confiança.

Baixam também as médias de Comunicação relativas à mãe e aos amigos mas mantêm a mesma média para o pai. Por outro lado sobem as médias de Alienação referentes a ambos os pais e aos amigos. Deste modo, as médias são de tal modo próximas que não se verificam diferenças significativas.

A maior diferença encontrada refere-se à Comunicação com o pai bastante mais baixa do que a média da mãe ou dos amigos. Mas mesmo aqui, como referimos, não há diferenças significativas. Além disso a média desta variável é mais elevada para os amigos do que para a mãe mas a diferença é relativamente pequena.

Vistas estas pontuações médias tão pouco diferenciadas, não podemos dizer que para as raparigas de 14 anos deste estrato exista alguma figura particularmente central: mãe e amigos continuam a ser dois pólos relacionais importantes.

O que se torna mais evidente é por um lado a elevada média de Comunicação com os amigos, mais elevada do que relativamente a outras figuras, e por outro a também elevada média de Alienação indiciando um nível elevado de proximidade e de conflito.

Gráfico 105

Vinculação

estrato 3 - raparigas de 14 anos

Mãe, pai e amigos

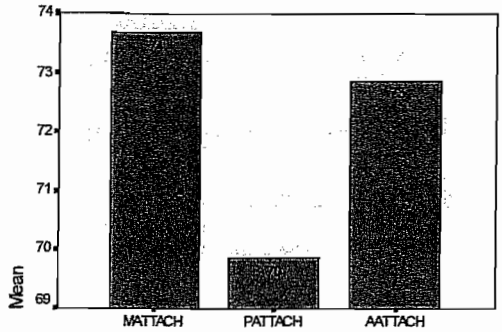


Gráfico 106

Confiança

estrato 3 - raparigas de 14 anos

Mãe, pai e amigos

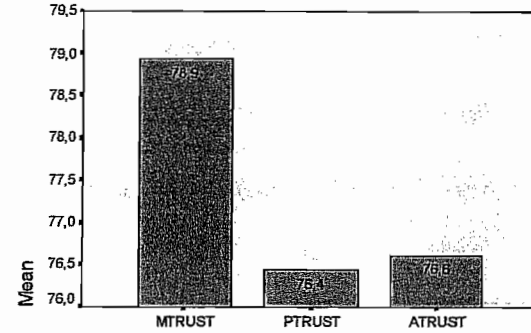


Gráfico 107

Comunicação

estrato 3 - raparigas de 14 anos

Mãe, pai e amigos

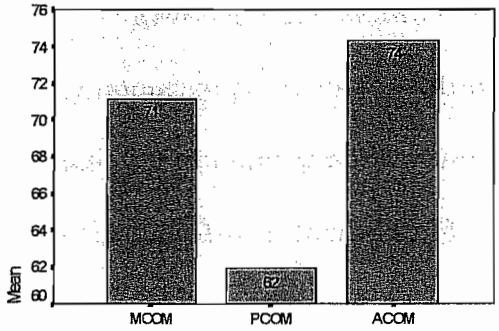
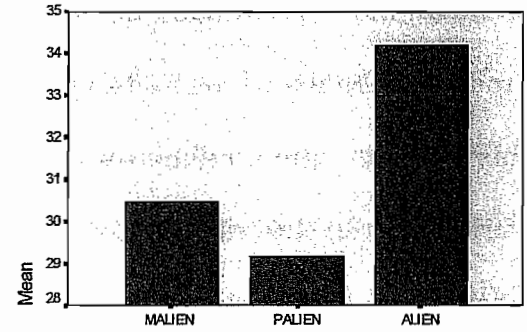


Gráfico 108

Alienação

estrato 3 - raparigas de 14 anos

Mãe, pai e amigos



Além disso, a descida de médias relativamente à idade anterior e o facto de esta descida ser generalizada fazem supor uma aparente retracção relacional.

IX.6- Evolução das Ligações às Figuras Significativas nas Raparigas

Passaremos agora a examinar o modo como em cada estrato social evoluem as relações com as figuras significativas para as raparigas.

IX.6. 1 - Raparigas do Estrato 1

No estrato 1 (gráf. 109 a 112) não encontrámos nenhuma diferença significativa entre as diversas idades em nenhuma das variáveis para a mãe, para o pai ou para os amigos.

Contudo, torna-se evidente que até aos 12 anos as raparigas deste estrato alteram sobretudo a sua relação com a **mãe** que, embora aos 11 anos fosse já a figura mais importante, se torna agora ainda mais importante como pode constatar-se pela subida das médias de Vinculação, Confiança e Comunicação. Posteriormente todas estas variáveis sofrem um decréscimo progressivo indiciando um afastamento relativamente à figura materna conquanto esta se mantenha aos 14 anos como a maior depositária de confiança.

A ligação ao **pai** é inicialmente a mais distante e é também a que passa por menos alterações. É certo que aos 12 anos as suas médias de Comunicação e Confiança sobem um pouco, atingindo nesta última variável um nível ligeiramente superior ao dos amigos mas logo iniciam um movimento descendente. Assim, dá a impressão de a relação com o pai evoluir por arrastamento da evolução da relação com a mãe, subindo quando esta sobe mas mantendo-se num segundo lugar.

Gráfico 109

Evolução da Vinculação

raparigas do estrato 1

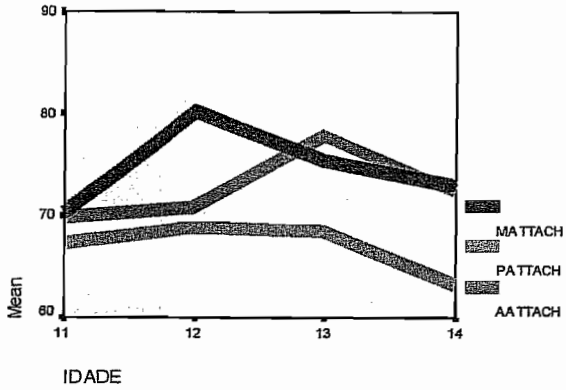


Gráfico 110

Evolução da Confiança

raparigas do estrato 1

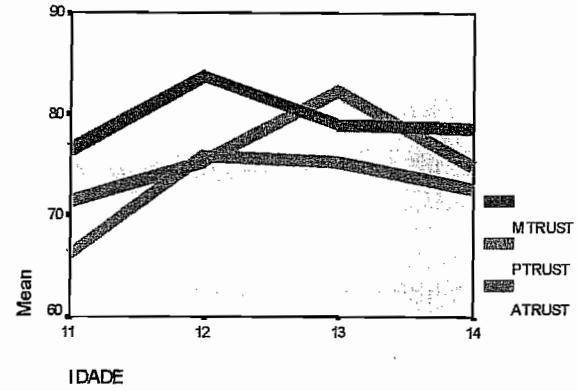


Gráfico 111

Evolução da Comunicação

raparigas do estrato 1

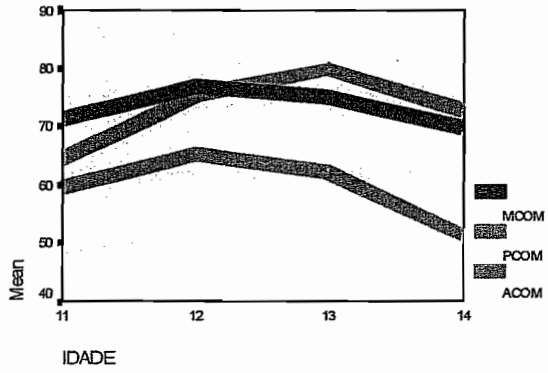
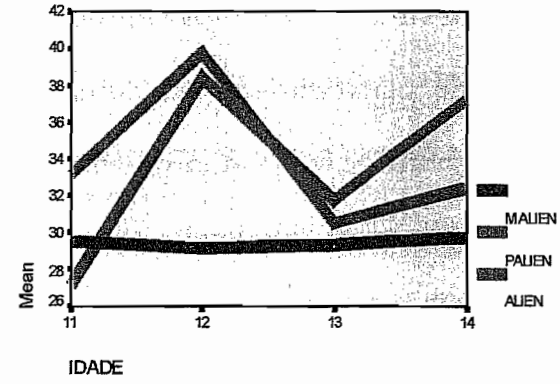


Gráfico 112

Evolução da Alienação

raparigas do estrato 1



Outro dado digno de nota é o que se refere à ligação aos **amigos**. No que respeita aos amigos dá-se uma subida nas variáveis Vinculação, Confiança e Comunicação que atinge o seu ponto máximo aos 13 anos, altura em que as médias dos amigos ultrapassam quer as do pai quer mesmo as da mãe. Pode portanto concluir-se que os amigos se tornaram aos 13 anos, as figuras centrais do contexto relacional das raparigas do estrato 1.

Se atentarmos à evolução das médias de Alienação verificamos que no que se refere à mãe a média se mantém constante ao longo do tempo indiciando uma ligação que embora evolua conserva algo de perene na fraca presença de conflito ou distanciamento. Na verdade parece a relação com a mãe passar por um período de grande investimento pelos 12 anos determinado por uma necessidade de identificação e depois por um afastamento, não por razões que se prendam com a emergência de grandes conflitos mas pelo aparecimento da necessidade de um estreitamento da relação com os coetários que servirão de suporte à autonomização face à figura materna. O incremento da Confiança e da Comunicação com o pai aos 12 anos é concomitante com a manutenção da média da Vinculação mas também com um aumento da Alienação. Poderá este facto dever-se a uma aproximação ao pai que é secundária no sentido em que acompanha em segundo plano uma maior aproximação à mãe. Neste sentido a aproximação ao pai seria determinada fundamentalmente por uma aproximação à mãe e portanto pela identificação com esta mesmo no que respeita à relação com o pai. Contudo esta aproximação ao pai não parece ser aconflitual e despida de ambivalências dado o nível da Alienação. Aliás é curiosamente aos 12 anos que sobem as médias de Alienação ao pai e aos amigos que neste ponto estão quase igualados como se houvesse uma necessidade de resolver primeiro a relação com a mãe e os outros parceiros relacionais fossem intrusos na elaboração deste problema que constitui o lugar e o papel a conferir à figura materna. Depois de resolvido este, passa então a jovem de 13 anos a ocupar-se fundamentalmente das relações com os coetários, exteriores à esfera familiar que ocupando o primeiro lugar, lhe permitem a

autonomização face à mãe mas também a um mundo de experiências mais amplo.

Aos 14 anos observa-se que exceptuando no respeitante à Comunicação em que os amigos continuam a ter um papel muito importante a mãe volta a ocupar o primeiro lugar. Parece agora que as jovens de 14 anos voltam a ter na mãe uma figura de destaque na medida em que estão muito vinculadas a ela e retiram desta ligação a confiança relacional sem que isso faça perigar o seu sentimento de autonomia. Contudo, apesar desta reaproximação, os amigos mantêm-se os interlocutores privilegiados por com eles lhes ser possível abordar assuntos respeitantes às suas experiências e problemas de desenvolvimento que podem ser identificados também nos outros.

A par disto, a relação com o pai mantém-se em perda. Sublinhemos ainda que quando aos 12 anos é atingido o ponto mais alto da relação com a mãe também é atingido o ponto mais alto da relação com o pai apesar de esta se afigurar menos intensa.

IX.6. 2 - Raparigas do Estrato 2

No estrato 2 (Gráf. 113 a 116) a evolução destas ligações difere substancialmente da do estrato 1. Não só se observam saltos consideráveis que se traduzem em diferenças de médias significativas incidindo na ligação com os amigos, como também o traçado das linhas desenvolvimentais referente às outras figuras varia.

Desde logo, a ligação ao **pai** aumenta a sua importância dos 11 para os 12 anos de tal modo que as suas médias de Vinculação e Confiança ultrapassam as da mãe e dos amigos. Particularmente no que se refere à Confiança a média do pai aos 11 anos já era superior à de qualquer das outras figuras.

Gráfico 113

Evolução da Vinculação

raparigas do estrato 2

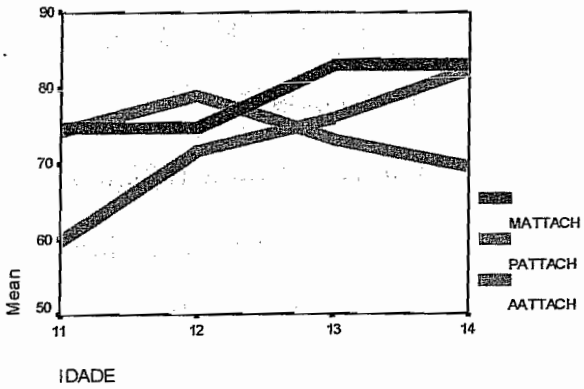


Gráfico 114

Evolução da Confiança

raparigas do estrato 2

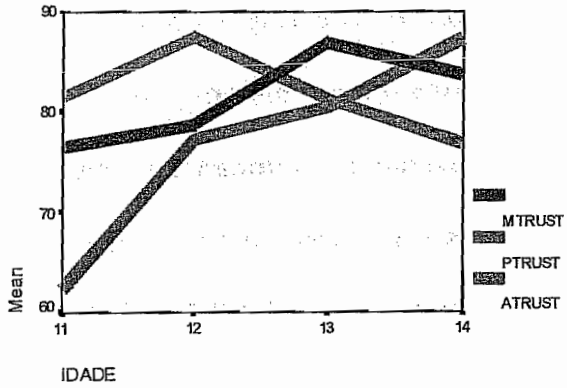


Gráfico 115

Evolução da Comunicação

raparigas do estrato 2

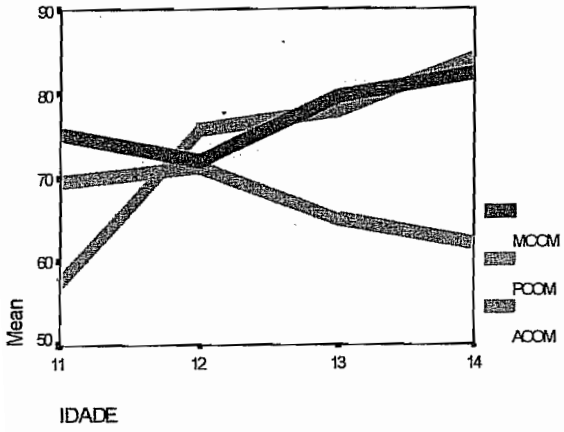
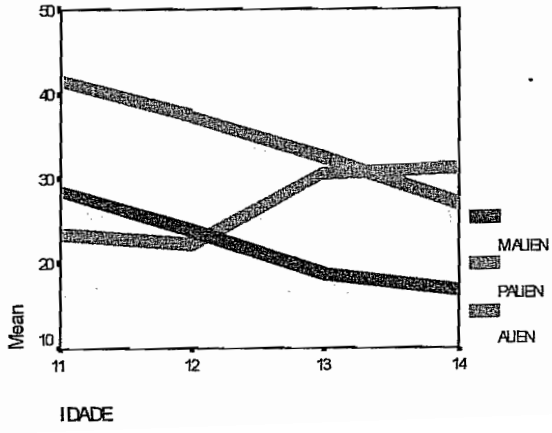


Gráfico 116

Evolução da Alienação

raparigas do estrato 2



Conquanto a média de Comunicação não ultrapasse a da mãe e seja inferior à dos amigos, nesta idade observa-se uma maior valorização do pai que lhe confere o lugar de primeira figura. As diferenças entre os 11 e os 12 anos são apenas tendenciais mas dadas as médias relativas parece a ligação ao pai caracterizar-se aos 12 anos por uma média elevada de Confiança e uma média baixa de Alienação sem que contudo a Comunicação seja mais elevada do que com a mãe. Isto faz supor uma ligação marcada pela idealização. Posteriormente esta relação entra num movimento geral decrescente e aos 14 anos, as jovens têm com o pai uma ligação menos intensa do que com qualquer dos outros parceiros relacionais.

É diversa a evolução da ligação à **mãe**. A Vinculação à mãe mantém-se estável até aos 12 anos e sofre um aumento dos 12 para os 13 atingindo então nova estabilidade. Mas não encontrámos nenhuma diferença significativa nesta variável. Na Comunicação há um pequeno decréscimo da média da mãe mas, com esta excepção, as médias da mãe vão subindo de tal modo que aos 13 anos esta é a figura mais importante. Os 13 anos marcam portanto uma aproximação à mãe e mesmo o ponto mais alto quanto à Confiança que cresce significativamente dos 12 para os 13 anos (Quadro 30a em anexo 4). Esta ligação depois esbate-se, principalmente por um decréscimo da Confiança já que na Vinculação, como dissémos, não há alterações entre os 13 e os 14 anos e a Comunicação continua a aumentar sem que se verifiquem todavia diferenças significativas. Dir-se-ia que quando a relação com a mãe sobe de intensidade a relação com o pai se torna mais distante, havendo portanto em relação a estas figuras uma tendência para uma oscilação inversa.

As maiores mudanças encontramo-las todavia na ligação aos **amigos**. As médias de todas as variáveis referentes aos amigos vão subindo sempre entre os 11 e os 14 anos altura em que estes ultrapassam qualquer dos pais nas médias de Confiança e Comunicação. Para a Vinculação, a Confiança e a Alienação observam-se diferenças significativas (Quadros 30a e 30b em anexo) entre os 11 e os 13 anos e entre os 11 e os 14 anos. Além disso na Comunicação encontra-se uma diferença significativa logo entre os 11 e os 12 anos, sinal de que estas raparigas tendem a incrementar a socialização com coetários muito precocemente.

As maiores alterações desta fase, no que respeita às raparigas do estrato 2, estão portanto fundamentalmente centradas na ligação aos amigos que atinge o seu ponto mais alto aos 14 anos. Nesta altura os amigos só não ultrapassam a mãe na média de Vinculação, apesar de a eles dizer respeito uma média de Confiança e de Comunicação mais elevadas, apenas porque relativamente a eles também a Alienação é mais elevada. Podemos portanto dizer que a ligação aos amigos suplantou a ligação à mãe em proximidade e portanto também em conflito.

Há para além de um crescente e notório envolvimento progressivo com os amigos, três marcos importantes no desenvolvimento das ligações das jovens do estrato 2. Pelos 12 anos uma aproximação ao pai, pelos 13 uma aproximação à mãe e um afastamento do pai e pelos 14 uma aproximação aos amigos que se tornam as figuras mais importantes. Assim, aos 14 anos, as raparigas do estrato 2, saíram da esfera familiar, para passarem a investir outras figuras com as quais podem estabelecer uma relação diferente, mais igualitária.

IX.6. 3 - Raparigas do Estrato 3

No estrato 3, a evolução é também diferente (Gráf. 117 a 120). Dos 11 para os 12 anos parece ter-se dado nas raparigas do estrato 3 uma abertura à relação.

Gráfico 117

Evolução da Vinculação

raparigas do estrato 3

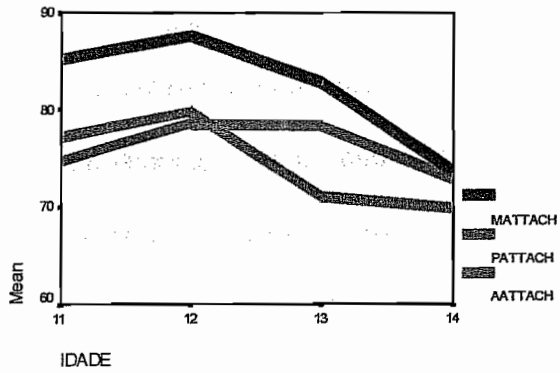


Gráfico 118

Evolução da Confiança

raparigas do estrato 3

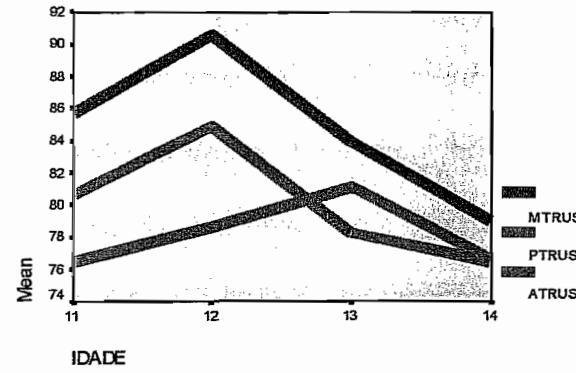


Gráfico 119

Evolução da Comunicação

raparigas do estrato 3

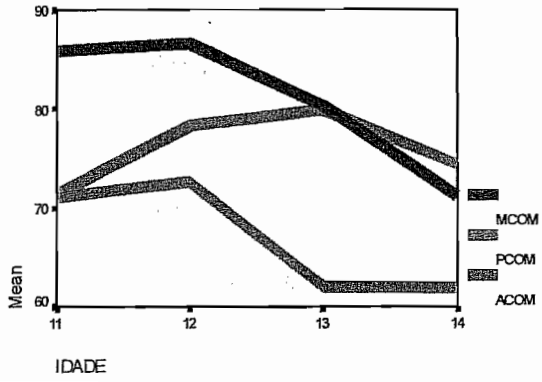
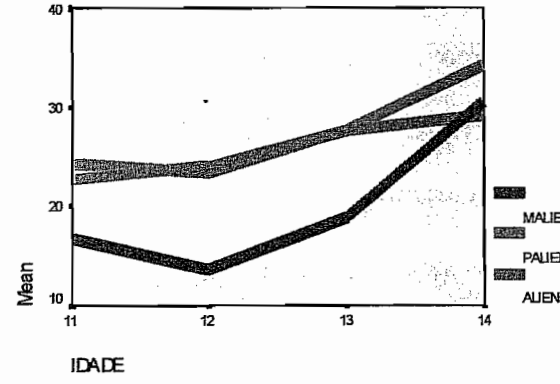


Gráfico 120

Evolução da Alienação

raparigas do estrato 3



Aumentam as médias da Vinculação e da Confiança para todas as figuras assim como as médias de Comunicação com os amigos. Nesta variável a média da mãe e a do pai mantêm-se estáveis mas isso não obsta a que as raparigas se sintam agora mais ligadas e mais confiantes na relação com as figuras parentais. Todavia não há diferenças significativas entre estes dois grupos etários para qualquer das variáveis referentes a qualquer destas figuras.

A **mãe**, sublinhemos, é sem dúvida a figura que de um modo geral se destaca.

O **pai** mantém-se em segundo lugar seguindo embora o mesmo movimento que a mãe. Mas acontece também que os **amigos** começam a ser considerados interlocutores com maior importância dada a subida da Comunicação para os amigos. Depois dos 12 anos quer o pai quer mesmo a mãe entram numa curva descendente em relação à Vinculação, à Confiança e à Comunicação enquanto as médias dos amigos sobem em todas as variáveis. Relativamente ao pai mostram-se significativas as diferenças de médias entre os 12 e os 13 anos nas variáveis Vinculação e Confiança (Quadro 31 em anexo 4). Isto porque a ligação com o pai entra numa curva descendente acentuada que se não verifica para as outras figuras. No geral, a evolução da ligação à mãe tem um decréscimo mais progressivo que se manifesta por diferenças significativas nas variáveis Vinculação e Comunicação apenas entre os 12 e os 14 anos (Quadro 31b em anexo 4). Trata-se portanto de um movimento bastante mais gradual que na Confiança não chega nunca a atingir níveis de significância.

Aos 13 anos as médias dos amigos para a Vinculação, a Confiança e a Comunicação atingem o seu pico máximo mas embora ultrapassem as médias paternas nunca chegam a ultrapassar as maternas. Na Comunicação mãe e amigos atingem a mesma média porque a mãe desceu enquanto os amigos subiram. Sublinhemos todavia que em nenhuma destas variáveis surgem diferenças significativas no que se refere aos amigos.

Entre os 13 e os 14 anos, no geral as médias do pai estabilizaram-se enquanto as da mãe continuaram a descer. Também os amigos desceram mas apesar disso são eles que aos 14 anos se constituem como os parceiros mais importantes na Comunicação.

Na Alienação cujas médias estão relativamente estabilizadas entre os 11 e os 12 anos para todas as figuras, assistimos depois a uma subida entre os 12 e os 13 anos para todas as figuras e a uma nova subida para a mãe e os amigos. Acrescentemos que a Alienação relativamente ao pai não sofre contudo grandes alterações. É relativamente à mãe e aos amigos que encontramos diferenças significativas entre grupos etários (Quadros 31a e 31b em anexo). É sobretudo relativamente à mãe que mais abundam as diferenças significativas dado que nesta variável relativamente aos amigos a evolução é mais gradual.

No estrato 3 a ligação ao pai parece evoluir por arrastamento da ligação à mãe uma vez que a mãe se mantém sempre a um nível mais elevado e os picos mais altos destas duas ligações são temporalmente coincidentes. Além disso podemos destacar dois marcos importantes nesta evolução. Pelos 12 anos a mãe surge como a figura mais importante secundada pelo pai. Pelos 13 anos a ligação aos amigos atinge o seu pico máximo, assumindo estes o segundo lugar como parceiros relacionais. Pelos 14 anos parece haver uma

retirada geral do investimento relacional embora os amigos se mantenham como os parceiros mais importantes na Comunicação.

Não pode portanto dizer-se que, pelo menos durante este período, os amigos em qualquer altura se tornem mais importantes que a mãe. Embora, aos 14 anos eles se constituam como os parceiros privilegiados na Comunicação, nas outras variáveis não suplantam a mãe. Mas evidentemente que também não podemos deixar de mencionar que a Alienação relativamente aos amigos é a mais elevada e portanto a Vinculação forçosamente será por isso afectada.

IX. 7 - Comparação entre Estratos nas Raparigas

Nas raparigas existem bastantes diferenças entre estratos quer no que respeita às médias dos diversos parceiros relacionais quer no que respeita ao traçado das linhas desenvolvimentais. Muitas diferenças de médias se revelaram significativas o que mostra como elas são acentuadas. Além disso resultam configurações relacionais marcadamente diferentes em cada idade.

Aos **11 anos** existe uma diferença significativa entre o estrato 1 e o estrato 3 (Quadro 34b em anexo 4) na Comunicação com a mãe. Além disso as médias indicam que a ligação às figuras parentais tende a aumentar com a subida de estrato social.

No entanto, sendo embora a ligação à mãe um pouco mais intensa no estrato 2 do que no estrato 1, verifica-se que a média da Alienação não

difere muito e que a média da Confiança é a mesma. Isto permite concluir que a relação com a mãe dos estratos 1 e 2 se assemelha e é substancialmente diferente da do estrato 3.

Mencionemos além disso que a Vinculação à mãe é, em todos os estratos mais elevada do que a Vinculação ao pai embora as diferenças entre as figuras parentais só sejam significativas para o estrato 3 (Quadro 27a em anexo 4). De resto, no estrato 2, as médias das figuras parentais são muito próximas.

Há também uma diferença significativa entre aos estratos 2 e 3 no que se refere à Alienação aos amigos (Quadro 33a em anexo 4). São as raparigas do estrato 3 que têm uma maior ligação aos amigos. Nas raparigas do estrato 1 a ligação aos amigos é mais forte do que nas do estrato 2 mas menor do que nas do estrato 3.

Precisando, aos 11 anos a ligação às figuras significativas de acordo com a intensidade da Vinculação pode ordenar-se do seguinte modo: no **estrato 1** surge em primeiro lugar os amigos, depois a mãe e finalmente o pai; no **estrato 2**, mãe e pai ocupam o primeiro lugar seguindo-se-lhes os amigos (com diferenças significativas entre os amigos e ambas as figuras parentais em quase todas as variáveis – Quadro 23a em anexo 4) e no **estrato 3**, a mãe ocupa o primeiro lugar, o pai o segundo e os amigos o terceiro, com diferenças significativas entre pai e mãe e amigos e mãe(Quadro 27a e 27b em anexo 4).

Assim, no estrato 1 a grande diferenciação é entre os amigos e ambas as figuras parentais com os amigos em primeiro lugar, no estrato 2 a ligação às figuras parentais é pouco diferenciada mas esta é claramente diferenciada da ligação aos amigos que estão em último lugar e no estrato 3 existe uma

diferenciação clara entre a mãe no primeiro lugar e o pai e os amigos numa posição sensivelmente igual.

De acordo com todos estes dados podemos dizer que, do ponto de vista relacional, aos 11 anos as raparigas do estrato 1, fundamentalmente, relacionam-se com a mãe e os amigos, as do estrato 2 vivem fundamentalmente dentro do universo parental e as do estrato 3, vivem sobretudo no universo materno.

Aos **12 anos** há diferenças significativas entre os estratos 1 e 2 (Quadro 32a em anexo 4) no que se refere às variáveis Confiança e Alienação relativas ao pai e entre os estratos 1 e 3 (Quadros 34a e 34b em anexo 4) no que se refere às variáveis Vinculação, Confiança e Alienação também correspondentes ao pai. Mas a média de Comunicação do estrato 3, embora inferior, é muito próxima da do estrato 2 e a média de Vinculação do estrato 2, embora inferior, é muito próxima da do estrato 3. Assim, no que respeita à ligação à figura paterna, as raparigas de 12 anos do estrato 1 estão bastante abaixo dos outros dois estratos que têm com o pai uma ligação semelhante e mais próxima.

Quanto à ligação à mãe encontramos diferenças significativas entre o estrato 1 e o 3 nas variáveis Comunicação e Alienação (Quadros 34a e 34b em anexo) e entre os estratos 2 e 3 nas variáveis Vinculação e Confiança (Quadro 33a em anexo 4). Estas diferenças mostram que a ligação à mãe é mais estreita no estrato 3 do que no estrato 1 e também é mais estreita no estrato 3 do que no 2. Mas além disso, vistas as médias do estrato 2, é de sublinhar que são as raparigas do estrato 2 que, aos 12 anos, têm uma relação menos intensa com a mãe. Em todas as variáveis exceptuando a

Alienação, elas têm médias inferiores às dos outros dois estratos, mesmo quando não há diferenças significativas. Contudo, sendo de esperar que a média de Alienação fosse superior às dos outros dois estratos, não é isso que acontece. Na verdade as raparigas do estrato 2 apresentam uma média de Alienação inferior à do estrato 1 e superior à do estrato 3. Provavelmente a média mais elevada do estrato 1 significa que existindo uma relação mais próxima ela é em todo o caso atravessada pelo conflito, no estrato 2 a média de Alienação menor indicia menor conflito mas maior distância, no estrato 3 a relação parece ser a mais próxima e também a menos conflitual.

Há também diferenças no que se refere à ligação aos amigos. Estas manifestam-se de modo significativo na variável Alienação entre os estratos 1 e 3 (Quadro 32 em anexo) e na variável Alienação entre os estratos 2 e 3 (Quadro 34a em anexo 4). Neste caso são as raparigas do estrato 3 que apresentam uma média mais baixa de Alienação relativamente aos amigos sendo que as raparigas dos outros dois estratos têm médias bastante próximas. Assim, nos estratos 1 e 2 há uma maior conflitualidade na ligação aos amigos do que no estrato 3. É preciso acrescentar que nesta altura, em todos os estratos se observa uma grande subida das médias de Comunicação com os amigos que no estrato 2 ultrapassam nesta variável qualquer das figuras parentais embora sem diferenças significativas.

Mas além disso, quer no estrato 1 quer no estrato 3 a ligação das raparigas à mãe atinge aos 12 anos o seu pico mais elevado, enquanto no estrato 2 atinge o seu nível mais baixo.

Especificando: no **estrato 1** a figura de mais intensa Vinculação é a mãe, seguem-se-lhe os amigos (com diferenças significativas entre amigos e mãe

na Vinculação, Confiança e Alienação – Quadro 20 em anexo 4) com o pai muito próximo (se exceptuarmos a variável Comunicação); no **estrato 2** a primeira figura de Vinculação é o pai (com uma diferença significativa entre o pai e a mãe na Confiança – Quadro 24 em anexo 4), sendo que mãe e amigos estão muito próximos em segundo plano; no **estrato 3** a figura mais importante de Vinculação é a mãe com o pai em segundo plano e finalmente os amigos (com várias diferenças significativas entre todas as figuras – Quadro 28a e 28b em anexo). Assim sendo, as raparigas dos estratos 1 e 3 assemelham-se quanto à ligação à figura materna, conquanto as do estrato 3 mantenham uma maior diferenciação entre todas as figuras relacionais. Em contrapartida as do estrato 2 para além de manifestarem uma maior ligação ao pai estabelecem uma menor diferenciação entre a mãe e os amigos.

Aos **13 anos** só encontramos diferenças significativas entre o estrato 1 e o 2 (Quadro 32b em anexo 4) e os estratos 1 e 3 (Quadro 34b em anexo 4) na variável Confiança relativa à mãe. Na verdade, no estrato 3, a média da Confiança na mãe, sendo mais baixa, é bastante próxima da do estrato 2 pelo que podemos dizer que as raparigas destes dois estratos se assemelham em relação a esta variável em que estão consideravelmente acima das do estrato 1. As raparigas do estrato 1, aos 13 anos, confiam muito menos na mãe. Na Alienação, embora sem diferenças significativas entre estratos, a média do estrato 2 é muito próxima da do estrato 3. Assim, também na Alienação os estratos 2 e 3 se assemelham e distanciam claramente do estrato 1 que apresenta um nível mais elevado de Alienação.

Além disso, neste grupo etário, as raparigas do **estrato 1** têm nos amigos parceiros relacionais privilegiados que ultrapassam a mãe em todas as variáveis e se distanciam significativamente do pai na Vinculação e na Comunicação (Quadro 21 em anexo 4).

Os 13 anos constituem também o ponto mais alto da ligação aos amigos para as raparigas do **estrato 3**. Contudo, neste estrato , embora os amigos ultrapassem o pai não chegam a ultrapassar a mãe. A comprovar o que acabamos de dizer está o facto de existirem diferenças significativas entre o pai e a mãe, entre os amigos e o pai e entre os amigos e a mãe (Quadro 29 em anexo 4). Existe portanto uma diferenciação entre todos os parceiros relacionais mas aos 13 anos os amigos ocupam o segundo lugar antes ocupado pelo pai.

No **estrato 2** é, nesta idade, a mãe a figura mais valorizada. Este é para estas raparigas o ponto mais alto da ligação à mãe estando os outros parceiros quase equiparados entre si em todas as variáveis exceptuando a Comunicação em que existe uma diferença significativa entre os amigos e o pai (Quadro 25, anexo 4). Na Vinculação existem diferenças significativas entre o pai e a mãe e entre os amigos e a mãe (Quadro 23 em anexo) mas na Comunicação não existem diferenças significativas entre a mãe e os amigos embora elas existam entre a mãe e o pai.

Isto significa que as raparigas do estrato 1 vivem fundamentalmente no universo dos coetários, as do estrato 2 pondo a mãe em primeiro lugar, investem também na ligação aos coetários e as do estrato 3 partilham o investimento fundamentalmente entre a mãe e os amigos.

Aos **14 anos** as diferenças significativas entre estratos, bastante mais expressivas do que aos 13 anos, manifestam-se na ligação à mãe e na ligação aos amigos.

Entre os estratos 1 e 2 (Quadros 32a 32b em anexo) observam-se diferenças significativas nas variáveis Vinculação, Comunicação e Alienação relativas à mãe denotando uma ligação à mãe mais forte no estrato 2. Entre os estratos 2 e 3 não há diferenças significativas nas variáveis referentes à mãe mas nas raparigas do estrato 2 a ligação à mãe é mais forte do que no estrato 3. Nesta idade as médias das variáveis que traduzem a ligação à mãe aproximam o estrato 3 do estrato 1. As meninas do estrato 2 têm portanto, nesta idade uma ligação à mãe bastante mais intensa do que as dos outros dois estratos.

Há também diferenças como dissémos no que respeita à ligação aos amigos. Nas variáveis Vinculação e Comunicação há diferenças significativas entre os estratos 1 e 2 (Quadro 32a em anexo 4) em favor deste último. Na variável Confiança é significativa a diferença entre os estratos 2 e 3 (Quadro 33b em anexo 4) também em favor do estrato 2. Assim, as raparigas do estrato 2 estão consideravelmente mais ligadas aos amigos do que as dos outros dois estratos que estão bastante próximas.

Estas diferenças resultam naturalmente de uma nova alteração das ligações aos diferentes parceiros.

No **estrato 1** embora mãe e amigos coincidam quanto à média da Vinculação e o pai surja muito secundarizado, pode verificar-se que a mãe ultrapassa os outros parceiros relacionais na Confiança e os amigos ultrapassam os outros parceiros na Comunicação. É certo que só existe uma diferença significativa entre os amigos e o pai na variável Comunicação

(Quadro 22 em anexo 4) mas comparando as médias facilmente se conclui que a diferença entre os dois parceiros mais importantes, mãe e amigos, não reside agora na intensidade da Vinculação mas sim nas suas características. Estas raparigas parecem ir colher à ligação à mãe a Confiança mas procurar nos amigos as trocas comunicacionais que permitem um desenvolvimento mais autónomo.

Também no **estrato 2** a posição relativa dos parceiros relacionais no que se refere à Vinculação é a mesma mas neste estrato encontramos muito mais diferenças significativas (Quadro 26, anexo 4). Há uma diferença marcada entre pai e mãe e entre amigos e pai. Também nestas raparigas se verifica que a Comunicação com os amigos suplanta a Comunicação com a mãe embora sem diferença significativa. Todavia elas diferenciam-se das do estrato 1 por também confiarem mais nos amigos do que em qualquer das figuras parentais, o que não se verifica em nenhum outro estrato.

No **estrato 3** não encontrámos nenhuma diferença significativa entre as médias dos vários parceiros relacionais. A diferenciação é então muito menor do que entre as outras raparigas. Mas verifica-se que como no estrato 1 estas raparigas confiam mais na mãe e comunicam mais com os amigos.

Contudo estas diferenças só podem ser compreendidas quando observadas de um ponto de vista desenvolvimental.

Atentemos em que a maior parte das diferenças entre idades que se mostram significativas dizem respeito à ligação aos amigos. Mas isto também varia de acordo com o estrato social.

No **estrato 1** não encontrámos nenhuma diferença significativa entre as médias de quaisquer variáveis referentes a qualquer dos parceiros relacionais.

No **estrato 2** quase todas as diferenças significativas que encontrámos, em todas as variáveis, se referem à ligação aos amigos (Quadros 30a e 30b em anexo). Embora a média de Vinculação aos amigos se mantenha estável até aos 12 anos, na verdade, a Confiança e a Comunicação entram num movimento crescente que no que respeita a esta última se torna significativo logo aos 12 anos. Além disso a Alienação desce continuamente a partir dos 11 anos. Para além disso apenas a Confiança na mãe sobe significativamente dos 12 para os 13 anos (Quadro 30a em anexo 4).

No **estrato 3** contudo, não é isto que se verifica. As únicas diferenças de médias significativas referentes aos amigos dizem respeito à Alienação que a partir dos 12 anos entra num crescendo que se mantém até aos 14 anos (Quadro 31a em anexo). É certo que aos 13 anos se observa um pico na ligação aos amigos mas estas alterações não chegam a ser significativas. Como anteriormente referimos, a ligação aos amigos neste estrato, nunca suplanta a ligação à mãe. Aliás a maior parte das diferenças significativas que encontrámos referem-se à mãe e ao pai (Quadro 31b em anexo 4). Além disso, enquanto estrato 2 encontramos diferenças significativas que traduzem um crescendo na ligação, neste estrato as diferenças referem-se sempre a um distanciamento relacional, exprimindo assim o processo de desligamento relativamente a todos os parceiros. Note-se todavia que é justamente no estrato 3 que no início deste processo de desenvolvimento, a ligação às figuras parentais é mais intensa. Dissémos já que esta ligação sobe com a subida de estrato social.

Posto o que acabámos de dizer, torna-se evidente que enquanto nas raparigas do estrato 2 as grandes remodelações relacionais dizem respeito fundamentalmente à ligação a coetários, nas raparigas do estrato 3 as grandes remodelações referem-se sobretudo à ligação às figuras parentais. O estrato 1 parece caracterizado por mudanças muito ténues relativamente a todas as figuras todavia é também evidente que neste estrato as raparigas durante este período mudam sobretudo a sua ligação aos amigos.

Contudo é possível verificar em todos os estratos a existência de períodos de intensificação da ligação aos diferentes parceiros relacionais.

Gráfico 121

Vinculação à mãe por estrato

raparigas

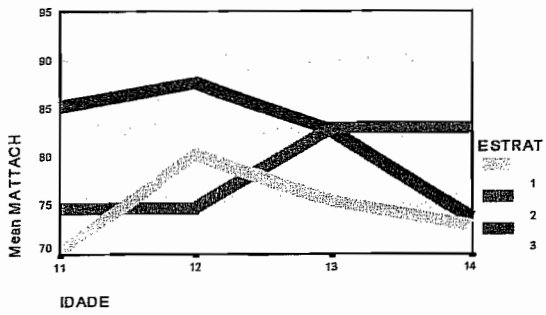


Gráfico 122

Confiança na mãe por estrato

raparigas

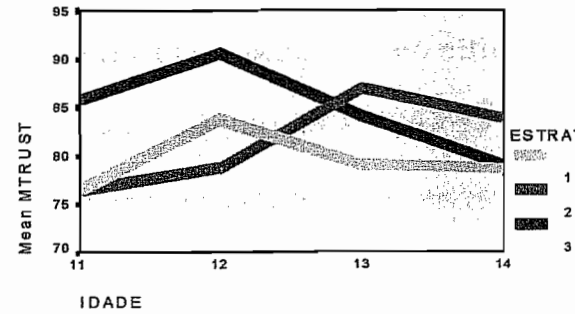


Gráfico 123

Comunicação c/ mãe por estrato

raparigas

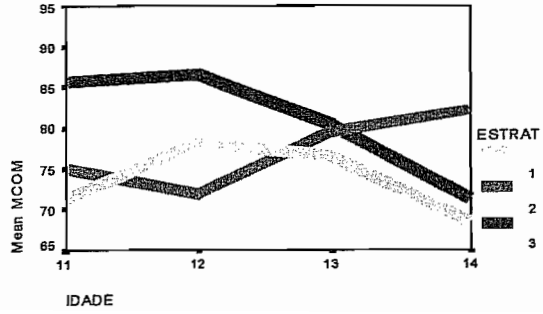
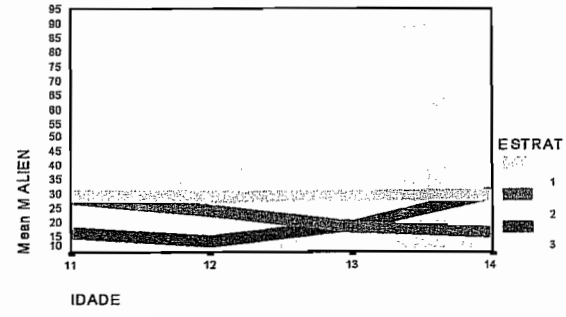


Gráfico 124

Alienação à mãe por estrato

raparigas



É comum a todos os estratos a existência de uma ligação intensa à mãe que também em todos os estratos ultrapassa qualquer das outras ligações. Mas enquanto nos estratos 1 e 3 isso acontece pelos 12 anos, no estrato 2 só acontece pelos 13 e aos 14 essa ligação ainda se mantém igualmente forte. Em contrapartida nos estratos 1 e 3 a partir dos 12 anos esta ligação entra em decréscimo (gráf. 121 a 124).

No que se refere ao pai, o ponto mais alto desta ligação é, para todos os estratos, o dos 12 anos (gráf. 125 a 128) ainda que no estrato 1 esta ligação se mantenha inalterável até aos 13 anos enquanto nos outros dois estratos, nesta altura, já entrou em decréscimo.

Gráfico 125

Vinculação ao pai por estrato

raparigas

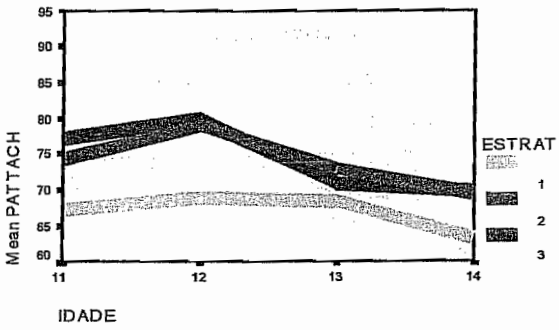


Gráfico 126

Confiança no pai por estrato

raparigas

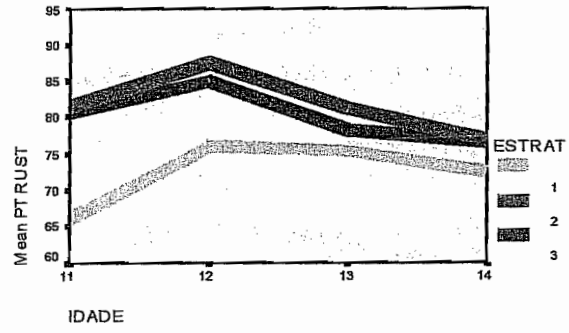


Gráfico 127

Comunicação c/ o pai por estrato

raparigas

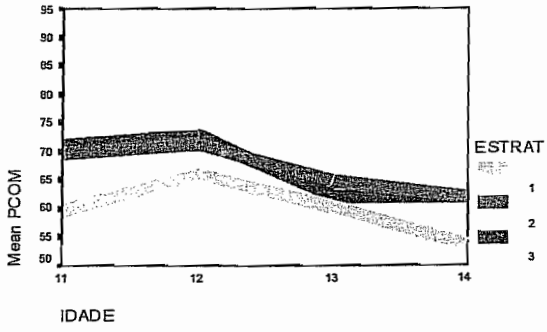
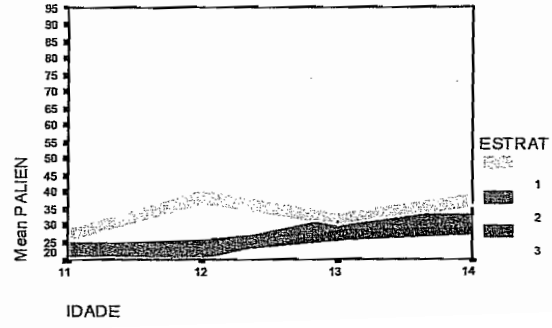


Gráfico 128

Alienação ao pai por estrato

raparigas



Parece portanto, no estrato 1, a ligação ao pai ter uma evolução mais lenta do que nos outros dois estratos.

O ponto mais elevado da ligação aos amigos é aos 13 anos para os estratos 1 e 3 e mais uma vez, aos 14 para o estrato 2 (gráf. 129 a 132).

Gráfico 129

Vinculação a amigos por estrato

raparigas

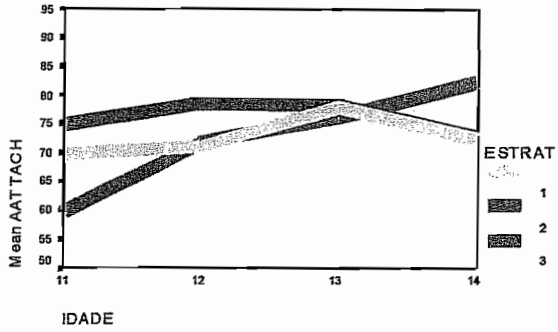


Gráfico 130

Confiança nos amigos por estrato

raparigas

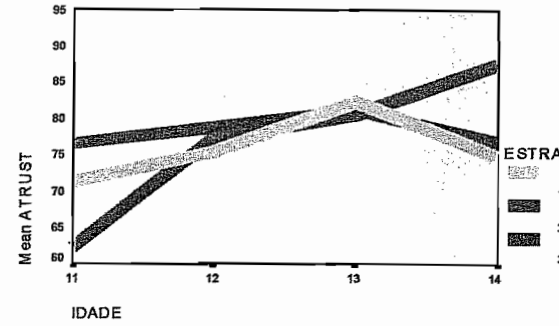


Gráfico 131

Comunicação c/ amigos por estrato

raparigas

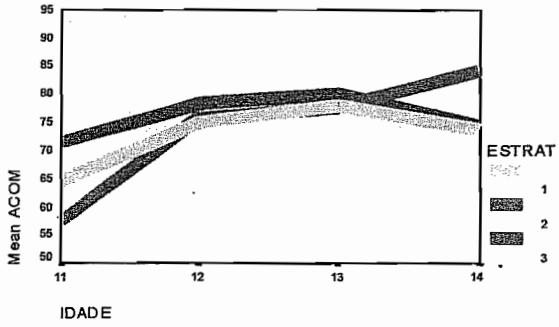
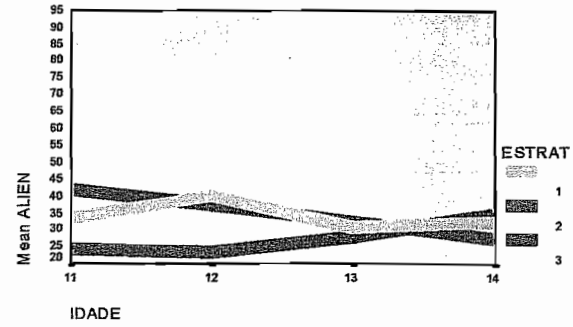


Gráfico 132

Alienação a amigos por estrato

raparigas



Parece portanto que no estrato 2 este processo desenvolvimental se realiza com um ano de atraso relativamente aos outros dois estratos. Todavia, sendo o ponto mais alto da ligação ao pai coincidente com os 12 anos para todas as raparigas esta hipótese resulta pouco consistente.

Temos ainda de dar conta de outras ocorrências importantes que conduzem a outras reflexões. É que no **estrato 1** parece não haver grandes alterações na ligação ao pai que, a não ser pelo decréscimo da ligação que se verifica a partir dos 12 anos e pelas oscilações dos períodos de Alienação, se mantém relativamente secundarizada a bastante constante. Mas entre a mãe e os amigos observa-se uma alternância da intensidade da ligação que sugere uma coincidência entre o pico de investimento na ligação a amigos e o desligamento da mãe. Para este estrato podemos então dizer que os amigos constituem os auxiliares do processo de individuação e autonomização em relação à figura a quem estas raparigas estão mais intensamente ligadas: a mãe.

No **estrato 2** também se observa uma alternância mas entre o pai e a mãe. Existe aos 12 anos uma intensificação da ligação ao pai e aos 13 anos uma intensificação da ligação à mãe coincidente com um desligamento do pai. Esta alternância configura aquilo que é descrito por Blos (1958) como a revivência da situação edipiana. Além disso, como dissémos, a ligação à mãe mantém-se igualmente intensa aos 14 anos o que sugere neste estrato a existência de condições conducentes à manutenção de uma ligação estreita ou, dito de outro modo, a existência de obstáculos à autonomização que não existem nos outros estratos. Mas é também aos 14 anos que se observa um período de intensificação da ligação a coetários. Na verdade, estes não chegam a suplantar a mãe na Vinculação mas como antes fizémos notar, ultrapassam-na nas médias de Confiança e de Comunicação o que mostra como se tornaram parceiros relacionais talvez de maior importância.

Simplesmente a média de Alienação é também mais elevada do que a da mãe sugerindo que a importância da ligação não obsta a que esta seja atravessada pelo conflito.

Também no **estrato 3** podem demarcar-se períodos de intensificação da ligação a todos os parceiros relacionais. Todavia, nestas raparigas, o período de intensificação da ligação à mãe é também o período de intensificação da ligação ao pai. Era o que ocorria no estrato 1. Mas no estrato 3, logo a seguir ao ponto alto da ligação ao pai esta ligação entra em decréscimo. De resto, a partir daqui a ligação a qualquer das figuras parentais perde intensidade. Por outro lado o pico de ligação aos amigos ocorre pelos 13 anos como no estrato 1 mas no estrato 3 dada a elevada média de Alienação nunca os amigos suplantam a mãe conquanto suplantem o pai. Note-se que aos 14 anos a média de Comunicação com os amigos suplanta a de qualquer outra figura mas que a par disto a Alienação também aumenta. Assim, a única alternância que se verifica é entre o pai e os amigos dado que a ligação à mãe se mantém sempre e apesar de tudo no primeiro plano.

Tendo em conta o que acabámos de dizer concluímos que só no estrato 2 a ligação aos amigos assume um movimento sempre crescente. Nos outros dois estratos depois dos 13 anos a ligação aos amigos entra num período de decréscimo consentâneo com a teoria de Josselsson (1980) segundo a qual após um período de afastamento das figuras parentais existe a necessidade de fazer o mesmo movimento relativamente aos amigos que podem ser parceiros tão restritivos como as figuras parentais. Todavia, em rigor, só no estrato 1 encontramos aos 13 anos uma intensidade relacional com os

amigos que suplanta a ligação à mãe e portanto só os dados referentes ao estrato 1 corroboram esta teoria.

Todos os estratos coincidem numa característica que se observa aos 14 anos. Existe uma quase igualdade entre as médias de Vinculação à mãe e aos amigos. Poder-se-ia então dizer que a vida relacional das raparigas de 14 anos assenta em dois pilares igualmente importantes: a ligação à mãe e a ligação aos amigos. Contudo, sendo isto verdade, não podemos deixar de constatar que no estrato 2 a ligação a estes parceiros se mantém num crescendo razão pela qual não podemos considerar que as raparigas deste estrato tenham aos 14 anos as mesmas características que as dos outros estratos. De resto, embora a ligação ao pai esteja em decréscimo, também a sua ligação à mãe mantém uma grande intensidade nesta idade. Em contrapartida nos estratos 1 e 3 aos 14 anos existe um decréscimo nas médias de Vinculação a todas as figuras testemunhando de uma necessidade de desligamento relativamente a todas elas. Portanto aos 14 anos a intensidade das ligações das raparigas do estrato 2 à mãe e aos amigos é superior à dos outros dois estratos que neste aspecto estão equiparados e a intensidade da ligação ao pai é superior à do estrato 1 mas está equiparada à do estrato 3.

Além disso podemos concluir que as raparigas do estrato 2 se desenvolvem do ponto de vista relacional mais lentamente do que as dos outros dois estratos.

IX.8 – Comparação Entre os Sexos

Dedicar-nos-emos agora a reflectir sobre as diferenças que encontrámos entre os rapazes e as raparigas. Posto que verificámos existirem diferenças dependentes do estrato social relacionaremos os dois sexos dentro de cada estrato primeiro em cada idade e posteriormente reflectiremos acerca da linha desenvolvimental para cada um dos sexos.

IX.8.1 - Rapazes e Raparigas do Estrato 1

Neste estrato, como veremos, observam-se algumas diferenças entre rapazes e raparigas. Todavia, no que se refere à ligação à mãe (gráf. 133 a 136), não encontrámos diferenças significativas entre sexos.

Gráfico 133

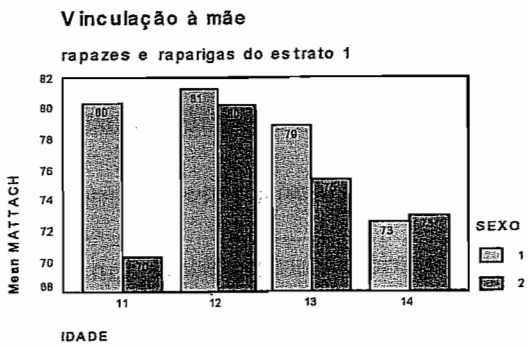


Gráfico 134

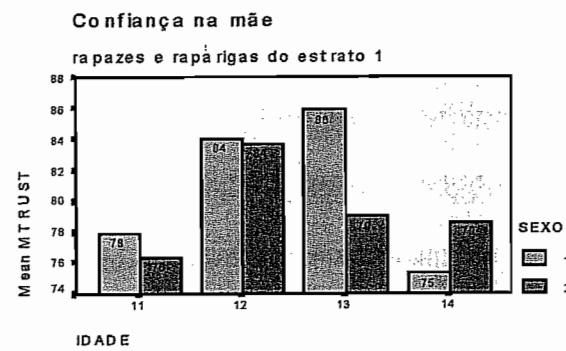


Gráfico 135

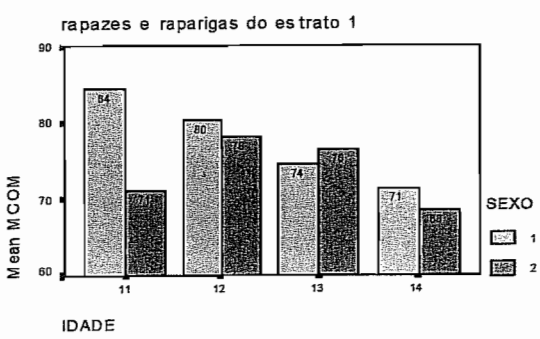
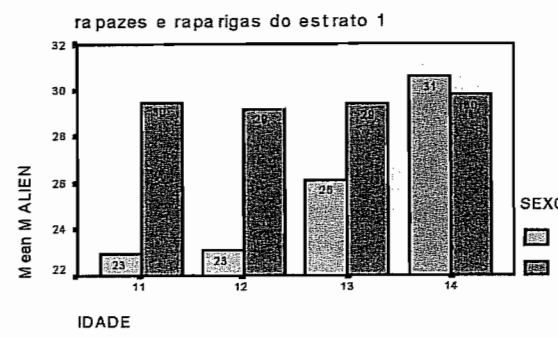


Gráfico 136



Mas ao longo deste processo, entre as raparigas, as alterações que existem na ligação à mãe, não atingem nunca valores significativos enquanto entre os rapazes, assistimos a um decréscimo progressivo desta ligação que na Vinculação e na Comunicação se apresenta significativo (Quadro 13a em anexo). Contudo, em ambos os sexos, no fim deste período a ligação à mãe torna-se menos intensa.

Neste estrato, as duas diferenças maiores entre os sexos, referem-se à ligação ao pai e à ligação aos amigos. A ligação ao pai (gráf. 137 a 140) é consideravelmente mais intensa nos rapazes mas além disso é também a relação que ao longo do desenvolvimento está sujeita a mais e maiores alterações.

Gráfico 137

Vinculação ao pai

rapazes e raparigas do estrato 1

Gráfico 138

Confiança no pai

rapazes e raparigas do estrato 1

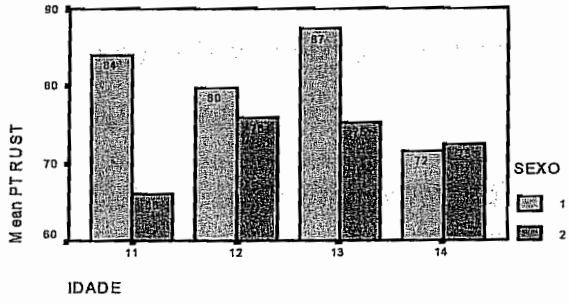


Gráfico 139

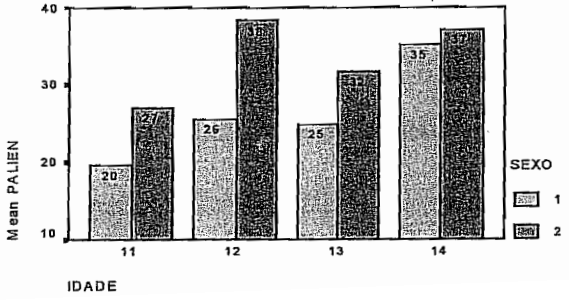
Comunicação com o pai

rapazes e raparigas do estrato 1

Gráfico 140

Alienação ao pai

rapazes e raparigas do estrato 1



Aos 11 anos, são significativas (Quadro 35a e 35b em anexo) as diferenças entre as médias da Vinculação e da Comunicação dos rapazes em relação às das raparigas e aos 13 anos são significativas as diferenças entre as médias da Vinculação e da Confiança relativamente ao pai (Quadro 35 a em anexo). Os 12 anos são pontos mais altos da ligação ao pai no desenvolvimento de rapazes e raparigas deste estrato.

Mas, quando demos conta da evolução das ligações dos rapazes no estrato 1 mostrámos como há diferenças significativas (Quadro 13a em anexo) ao longo das linhas desenvolvimentais de todas as variáveis referentes à ligação ao pai o que não acontece com as raparigas. Trata-se portanto de uma ligação de importância maior para os rapazes mas também de uma ligação que sofre grandes remodelações que, como referimos, se manifestam por oscilações pendulares entre a proximidade e o afastamento, entre a necessidade de identificação e a rejeição.

Outra diferença importante manifesta-se na ligação aos amigos (gráf. 141 a 144). Esta ligação é bastante mais intensa nas raparigas principalmente aos 13 anos, altura em que existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas nas médias de Vinculação e Comunicação referentes aos amigos (Quadro 35a em anexo 4) mais elevadas nas raparigas.

Estas diferenças dizem respeito a um marco evolutivo que os 13 anos constituem nas raparigas deste estrato. Nesta altura, a ligação aos amigos é particularmente intensa, ultrapassando a ligação às figuras parentais, como antes verificámos. Nos rapazes não existe, pelo menos durante a pré-adolescência, um movimento equivalente. Na verdade, aos 11 anos, as

médias dos rapazes referentes à ligação aos amigos, embora sem diferenças significativas entre os sexos, são superiores às das raparigas. Mas posteriormente, enquanto as médias dos rapazes entram num movimento decrescente, as das raparigas entram em ascensão até aos 13 anos. Aos 14 anos há ainda uma diferença significativa entre ambos os sexos na média de Alienação aos amigos (Quadro 35a em anexo 4), superior nos rapazes.

Gráfico 141

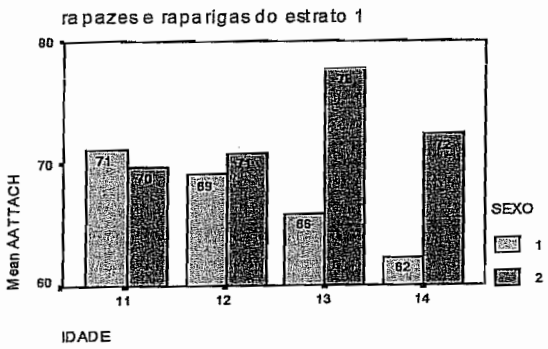


Gráfico 142

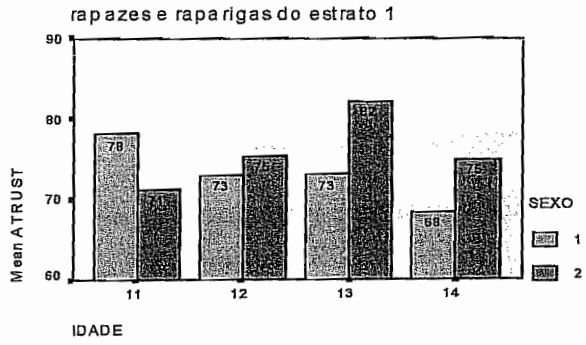


Gráfico 143

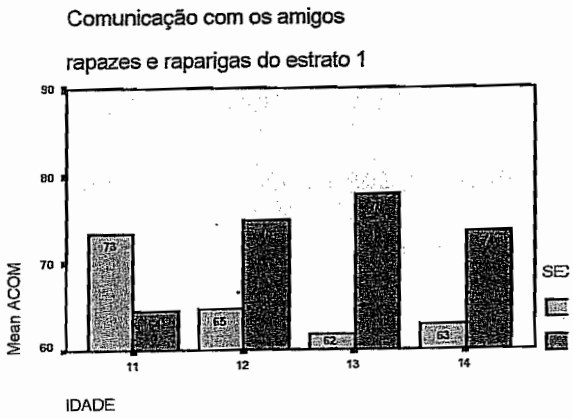
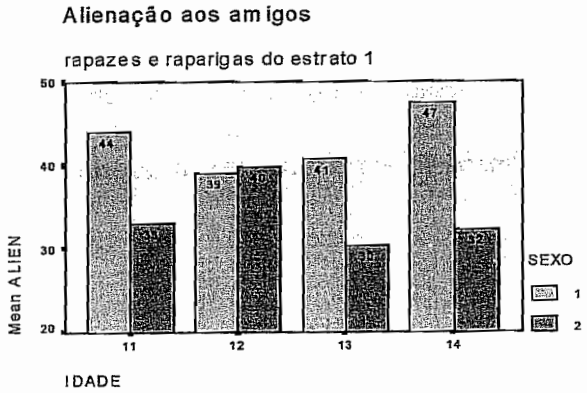


Gráfico 144



Apesar de para as raparigas os amigos se tornarem parceiros relacionais de importância primordial, não se observam ao longo do desenvolvimento diferenças de médias significativas entre quaisquer variáveis.

Outro elemento digno de nota reside no facto de, enquanto nos rapazes se observa um contraste entre a posição da mãe e a do pai e uma alternância na intensificação da ligação a cada um deles, conferindo consistência à ideia de que se assiste à revivência da triangulação edipiana, nas raparigas, dá a impressão de a ligação ao o pai evoluir por arrastamento e ao sabor da ligação à mãe e sempre num plano secundário. Explicitando: entre os rapazes existe uma tendência para que os pontos mais altos da ligação ao pai correspondam a pontos mais baixos da ligação à mãe e inversamente. Nas raparigas, os pontos mais altos da ligação à mãe são concomitantes com os pontos mais altos da ligação ao pai, ainda que este mantenha uma posição secundária.

Evidencia-se portanto que a figura parental em relação à qual se verificam as maiores oscilações é, para os rapazes do estrato 1, a do mesmo sexo do sujeito. Tal faz supor que a constatação da igualdade de sexo desempenha um papel de grande relevo nesta evolução. Já nas raparigas, as maiores remodelações referem-se aos amigos que aos 13 anos alternam com a mãe a posição de figuras de maior intensidade de ligação levando a supor que estes parceiros desempenham um papel importante no afastamento relativamente à mãe e na conquista da autonomia.

IX.8. 2 - Rapazes e Raparigas do Estrato 2

Embora não se verificando diferenças significativas entre os sexos em nenhuma das variáveis, a ligação dos rapazes às figuras parentais é, aos 11 anos, mais próxima do que a das raparigas (gráf. 145 a 148).

Só aos 12 anos encontramos uma primeira diferença significativa entre rapazes e raparigas respeitante à média de Confiança na mãe (Quadro 36a em anexo 4), superior nas raparigas e aos 13 anos outra diferença significativa na Alienação ao pai (Quadro 36a em anexo 4), inferior nos rapazes. Mas aos 14 anos as diferenças significativas entre os sexos abundam. Há diferenças respeitantes às médias de Vinculação e Comunicação com a mãe (Quadro 36a, anexo 4), em ambos os casos o sexo feminino ultrapassando o masculino. Há ainda diferenças significativas em todas as variáveis respeitantes à ligação aos amigos (Quadros 36a e 36b, anexo 4) indicando no sexo feminino uma ligação mais intensa aos coetários do que no sexo masculino.

Gráfico 145

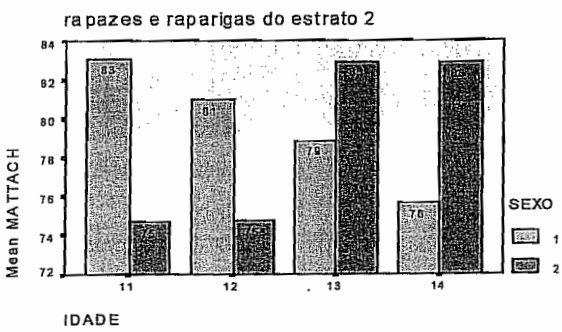


Gráfico 146

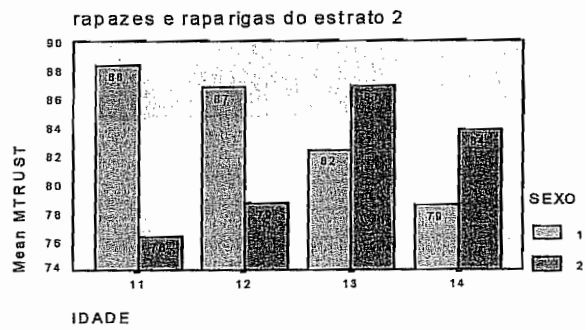


Gráfico 147

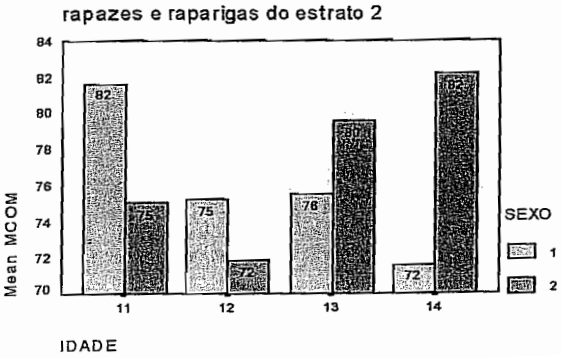
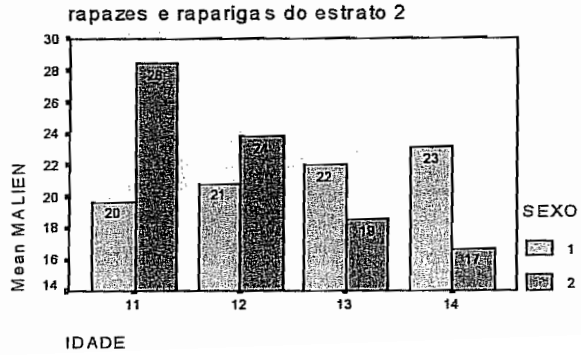


Gráfico 148



De acordo com a evolução das médias para um e outro sexo é evidente que a ligação das raparigas à mãe (gráf. 145 a 148) tende a intensificar-se enquanto a dos rapazes tende a diminuir.

Mas enquanto ao longo do desenvolvimento, neste período, entre as raparigas só existe uma diferença significativa na Confiança (Quadro 30a em anexo 4), entre os rapazes verificamos que a Confiança e a Comunicação com a mãe diminuem significativamente (Quadro 14 em anexo 4). Podemos então concluir que as mudanças dos rapazes no que respeita à relação com a mãe são muito maiores do que as das raparigas.

Gráfico 149

Vinculação ao pai

rapazes e raparigas do estrato 2

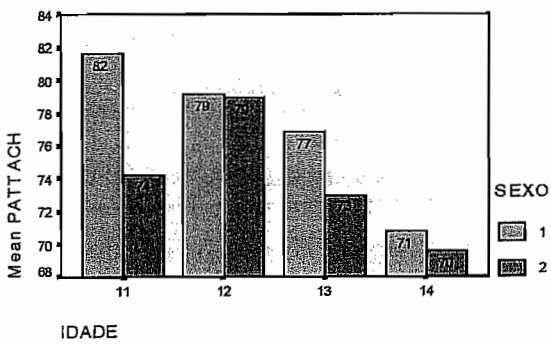


Gráfico 150

Confiança no pai

rapazes e raparigas do estrato 2

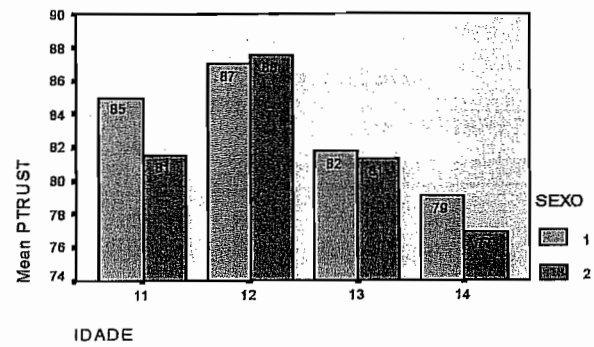


Gráfico 151

Comunicação com o pai

rapazes e raparigas do estrato 2

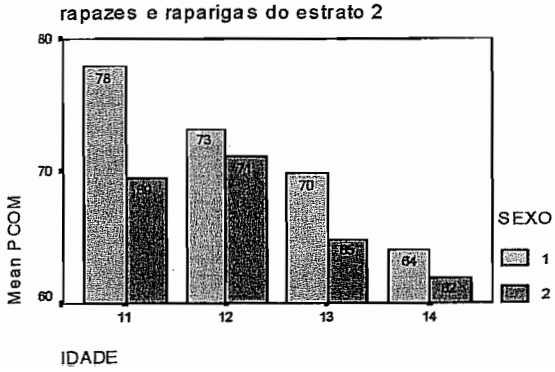
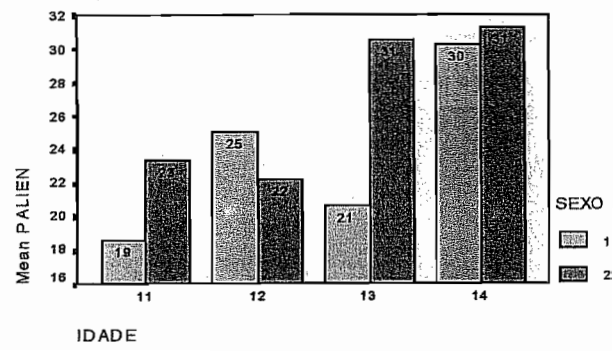


Gráfico 152

Alienação ao pai

rapazes e raparigas do estrato 2



Esperar-se-ia talvez que no que respeita à ligação ao pai (gráf. 149 a 152) sucedesse o inverso do que ocorre relativamente à mãe mas tal não acontece.

De facto em ambos os sexos se observa uma diminuição da ligação ao pai conquanto só entre os rapazes existam diferenças significativas entre grupos etários (Quadro 14, anexo 4) na Vinculação, na Comunicação e na Alienação.

Porém, se tomarmos a evolução da ligação a ambas as figuras, constatamos que entre os rapazes a tendência é para um decréscimo progressivo das ligações a ambos enquanto entre as raparigas ocorrem como antes referimos períodos de intensificação da ligação alternando com períodos de afrouxamento da ligação para cada uma das figuras alternadamente. Constatámos que aos 12 anos as raparigas intensificam a ligação ao pai e que aos 13 quando esta ligação perde intensidade é a ligação à mãe que surge em primeiro plano configurando a triangulação edipiana.

Além disso, embora seja evidente entre os rapazes o afastamento relativamente a ambas as figuras, é curioso verificar que no término deste período a ligação à mãe continua a suplantar a ligação ao pai parecendo, a evolução desta ligação secundar a evolução da ligação à mãe.

Também neste estrato a ligação das raparigas aos amigos (gráf. 153 a 156) parece ser mais intensa. Mais uma vez aos 11 anos a ligação dos rapazes aos amigos é mais forte do que a das raparigas.

Mas logo a seguir, observa-se no sexo feminino um movimento crescente das variáveis Vinculação, Confiança e Comunicação e um movimento

decrescente da variável Alienação com diferenças significativas que na Comunicação, se manifestam logo aos 12 anos (Quadros 30a e 30b em anexo 4) e são consistentes com o progressivo estreitamento da relação com os coetários.

Existem diferenças de médias significativas em quase todas estas variáveis entre rapazes e raparigas (Quadros 36a e 36b em anexo) aos 14 anos.

Gráfico 153

Vinculação aos amigos

rapazes e raparigas do estrato 2

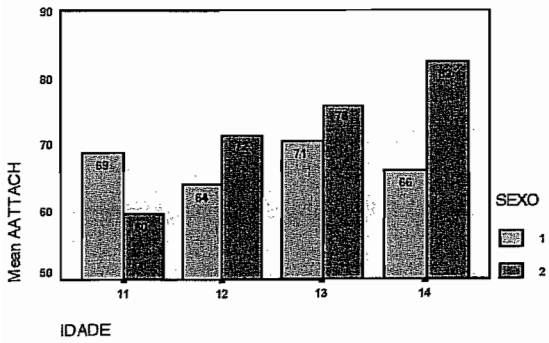


Gráfico 154

Confiança nos amigos

rapazes e raparigas do estrato 2

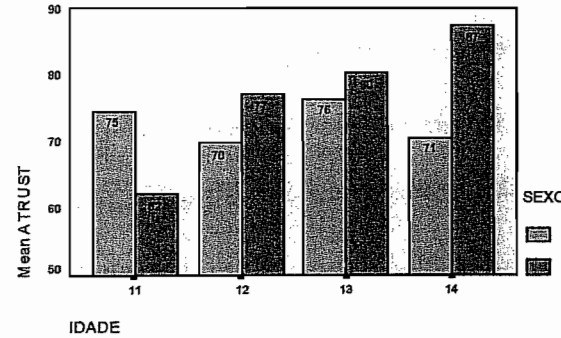


Gráfico 155

Comunicação com os amigos

rapazes e raparigas do estrato 2

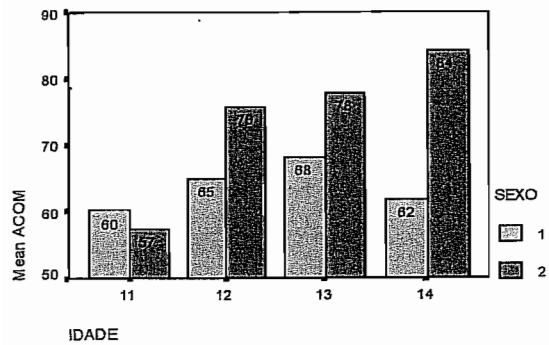
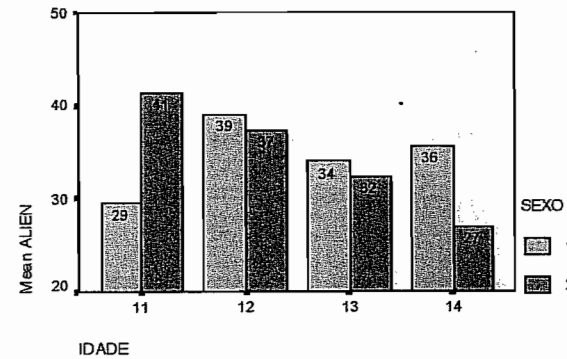


Gráfico 156

Alienação aos amigos

rapazes e raparigas do estrato 2



Nos rapazes para além de esta ligação ir perdendo a sua importância inicial sofre oscilações que se caracterizam por um afastamento aos 12 anos, uma

reaproximação aos 13 e um novo afastamento aos 14 sem que no entanto se manifestem diferenças significativas. Nas raparigas, pelo contrário observa-se um progressivo estreitamento da ligação a coetários.

Assim, podemos concluir ser a ligação aos amigos e o seu desenvolvimento, uma diferença maior entre rapazes e raparigas.

Parece portanto ocorrer neste estrato, relativamente aos dois sexos, um desenvolvimento em espelho do que tínhamos verificado para o estrato 1. É que aquilo que dissémos para os rapazes do estrato 1 é o que agora se observa para as raparigas e o que dissémos para as raparigas do estrato 1 é o que agora se observa para os rapazes.

Em ambos os estratos constatámos a grande importância que para as raparigas têm os coetários mas enquanto no estrato 1 aos 13 anos o investimento nos amigos ultrapassa as figuras parentais, no estrato 2 isso só acontece aos 14 anos. Também o ponto mais alto da relação com a mãe nas raparigas do estrato 1 ocorre pelos 12 anos e nas do estrato 2 ocorre pelos 13 anos. Podemos assim concluir que o desenvolvimento relacional das raparigas é mais tardio no estrato 2 do que no estrato 1 e consequentemente a saída para o mundo das relações extra familiares é mais tardio.

Constatámos também, em ambos os estratos, um maior número de diferenças significativas e de oscilações na linha desenvolvimental correspondente à ligação com a figura parental do mesmo sexo do sujeito o que levanta a hipótese de se tratar de um movimento geral correspondente a tentativas de identificação e de rejeição com referência à figura parental do mesmo sexo, tendentes à definição da identidade de género. Nos rapazes, é

sobretudo a relação com o pai que é alterada e nas raparigas é sobretudo a relação com a mãe.

IX.8. 3 - Rapazes e Raparigas do Estrato 3

Neste estrato a ligação dos rapazes às figuras parentais é mais intensa do que a das raparigas sem que se observem diferenças significativas entre os sexos. A ligação à mãe (gráf. 157 a 160) é mais intensa do que a ligação ao pai.

Gráfico 157

Vinculação à mãe

rapazes e raparigas do estrato 3

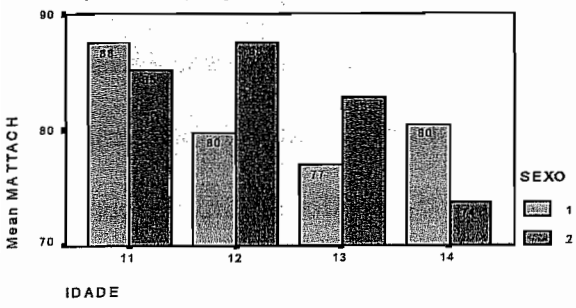


Gráfico 158

Confiança na mãe

rapazes e raparigas do estrato 3

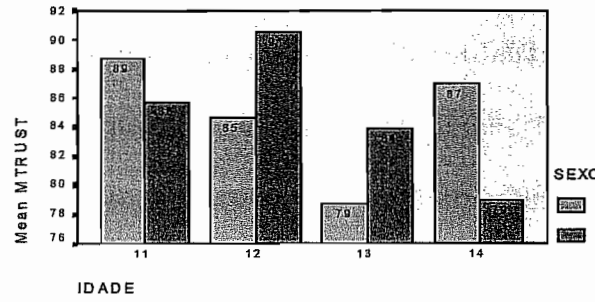


Gráfico 159

Comunicação com a mãe

rapazes e raparigas do estrato 3

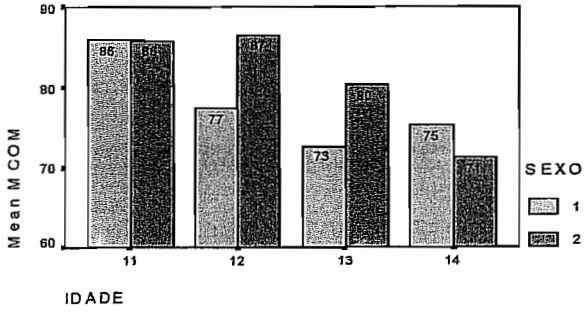
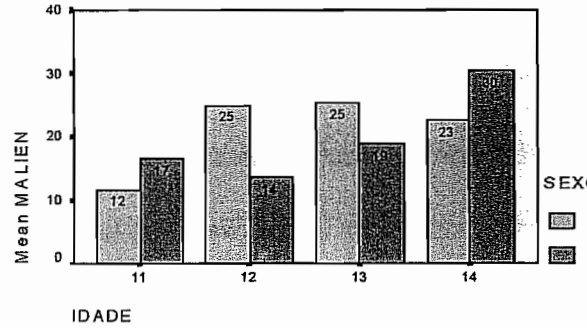


Gráfico 160

Alienação à mãe

rapazes e raparigas do estrato 3



É também a ligação que para ambos os sexos, ao longo do desenvolvimento, apresenta mais diferenças significativas quer no sexo masculino (Quadro 15 em anexo 4), quer no sexo feminino (Quadro 31b em anexo 4). Todavia na variável Confiança, existindo oscilações ao longo deste período, as raparigas não mostram diferenças significativas.

Mas existindo esta coincidência entre rapazes e raparigas no que se refere ao elevado número de diferenças significativas ao longo do desenvolvimento, a linha desenvolvimental da ligação à mãe diferencia claramente rapazes de raparigas. Nas raparigas existe uma intensificação desta ligação coincidente com os 12 anos e um afastamento que atinge o seu pico inferior aos 14 anos. Nos rapazes o movimento descrito surge invertido. O ponto de maior intensidade coincide com os 11 anos e o de maior afastamento com o dos 13 anos ao qual se segue uma recuperação.

Isto indicia que a figura materna é igualmente importante para rapazes e raparigas, dado que para ambos existem grandes mudanças nesta relação mas as necessidades desenvolvimentais de cada um dos sexos imprimem uma evolução diferenciada da ligação. Assim, quando nas raparigas surge uma necessidade de identificação, nos rapazes parece surgir uma necessidade de autonomização, obtida a qual, existe uma reaproximação provavelmente com novas características relacionais.

No que se refere à ligação ao pai (gráf.161 a 164) também não existem diferenças significativas entre os sexos. Todavia, para além de existir uma inicial mais intensa ligação ao pai por parte dos rapazes, também a evolução desta ligação se apresenta com características diferentes para os dois sexos.

Gráfico 161

Vinculação ao pai

rapazes e raparigas do estrato 3

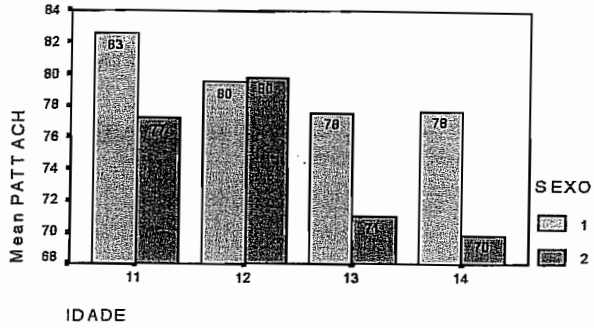


Gráfico 162

Confiança no pai

rapazes e raparigas do estrato 3

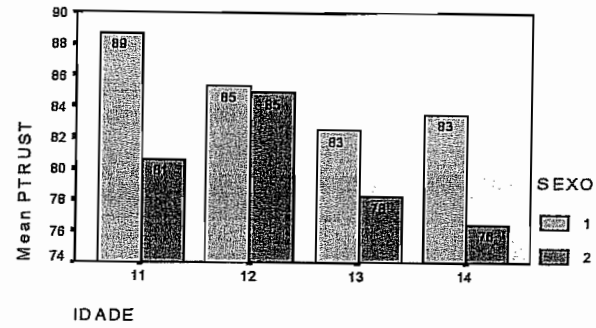


Gráfico 163

Comunicação com o pai

rapazes e raparigas do estrato 3

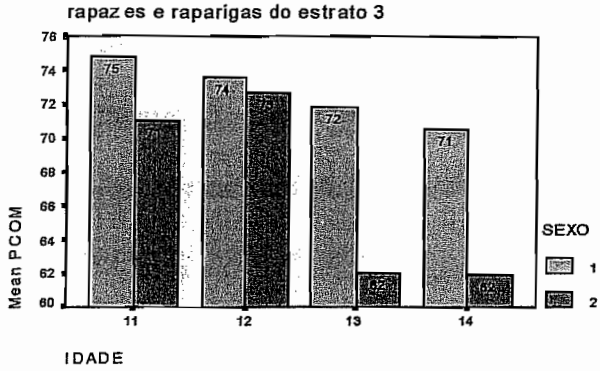
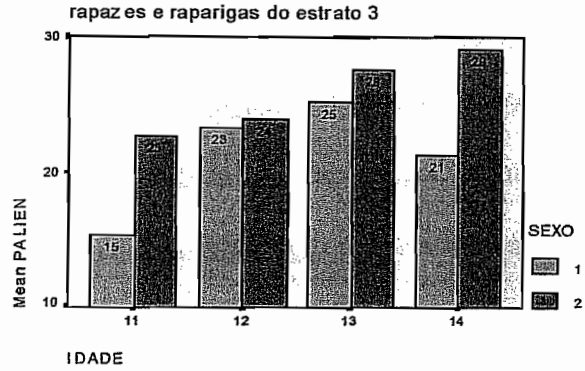


Gráfico 164

Alienação ao pai

rapazes e raparigas do estrato 3



Nos rapazes observa-se um distanciamento gradual mas diminuto, sem outra alteração significativa que não a da média de Confiança (Quadro 15 em anexo 4) que indicia um afastamento crescente até aos 13 anos provavelmente ditado por uma necessidade de afirmação da autonomia face à autoridade paterna.

Nas raparigas existem movimentos mais marcados com diferenças significativas na Vinculação e na Confiança entre os 12 e os 13 anos (Quadro 31b em anexo 4). Os 12 e os 13 anos constituem-se aliás como marcos no desenvolvimento da ligação ao pai. O primeiro é o ponto em que a ligação adquire uma maior intensidade e o segundo é o de menor

intensidade. Acrescentemos que nas raparigas deste estrato o ponto de maior intensidade da ligação ao pai é também o ponto de maior intensidade da ligação à mãe. Não se observa neste estrato uma alternância dos pontos de intensificação da ligação às figuras parentais. Apesar de a ligação à mãe se manter sempre mais intensa do que a ligação ao pai, a evolução da ligação ao pai parece secundar a evolução da ligação à mãe.

Mas é na ligação aos amigos que as raparigas mais diferem dos rapazes (gráf. 165 a 168).

Em todas as idades a ligação das raparigas aos amigos é mais intensa do que a dos rapazes e a partir dos 12 anos as diferenças significativas que aos 13 anos, abarcam todas as variáveis consideradas (Quadros 37a e 37b em anexo 4). Todavia, ao longo deste período de desenvolvimento, só na Alienação as raparigas apresentam diferenças significativas (Quadro 31a em anexo 4) mostrando um acréscimo de conflito entre os 11 e os 14 anos a testemunhar de uma necessidade de diferenciação nascida provavelmente também da proximidade que agora estabelecem com os amigos. De resto, enquanto entre os rapazes podemos demarcar apenas uma fraca descida da ligação aos amigos aos 13 anos, pico mais baixo do investimento nos amigos, nas raparigas, os 12 e 13 anos constituem-se como um período de intensa sociabilidade extra-familiar.

Outra diferença importante reside no facto de entre os rapazes nunca os amigos se constituírem como parceiros privilegiados posto que os pais e particularmente a mãe se mantêm em primeiro plano, enquanto entre as raparigas, aos 14 anos os amigos suplantam o pai e mesmo a mãe (embora apenas na Comunicação) que durante os anos precedentes sempre foi a

primeira figura. Assim, é possível que neste estrato, para as raparigas, embora a mãe continue a ser a primeira figura de Vinculação, os amigos constituam de facto o suporte para a exploração da autonomia e para a definição da identidade.

Gráfico 165

Vinculação aos amigos

rapazes e raparigas do estrato 3

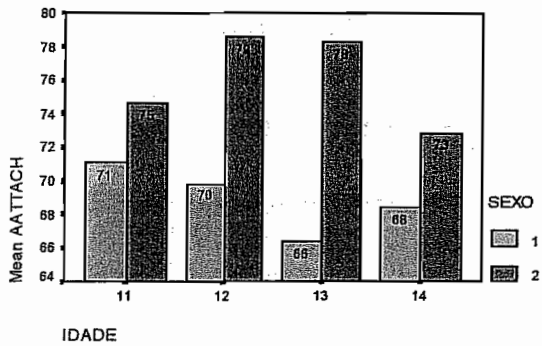


Gráfico 166

Confiança nos amigos

rapazes e raparigas do estrato 3

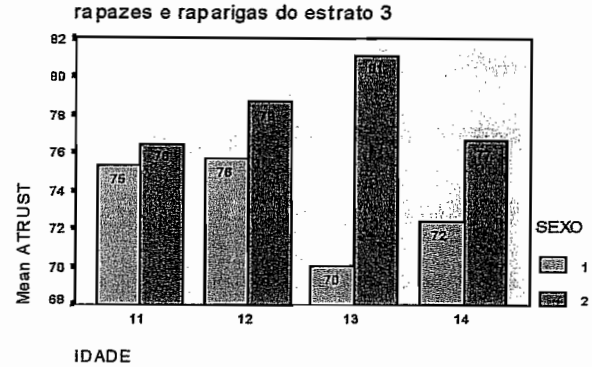


Gráfico 167

Comunicação com os amigos

rapazes e raparigas do estrato 3

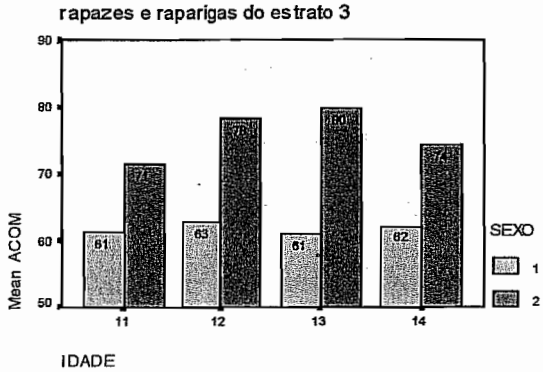
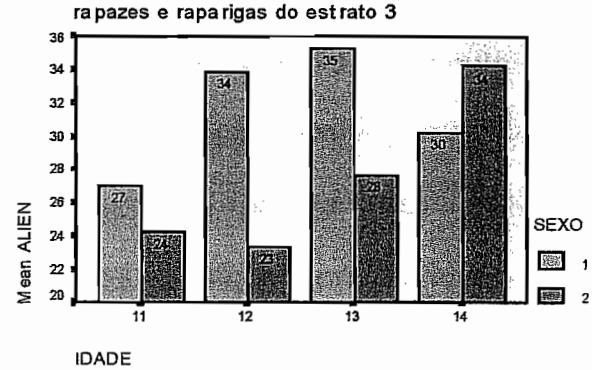


Gráfico 168

Alienação aos amigos

rapazes e raparigas do estrato 3



Posto o que acabámos de dizer queremos ainda referir que neste estrato existem mais diferenças significativas entre sexos do que em qualquer outro. Várias hipóteses explicativas se levantam. Pode acontecer que neste estrato exista uma maior diferenciação dos papéis sexuais do que em

qualquer dos outros o que permitirá uma mais fácil identificação com cada um dos sexos. Por outro lado, dado que verificámos existir uma maior ligação à mãe do que nos outros estratos pode ocorrer que a mãe tenha neste estrato um estatuto superlativo que não tem em nenhum dos outros estratos e sendo assim a diferenciação entre papeis sexuais será uma consequência desse estatuto materno. De resto verificámos como existem maiores remodelações quer em rapazes quer em raparigas no que respeita à relação com a mãe do que relativamente a qualquer das outras figuras.

Mas além disso existem mais mudanças significativas ao longo do desenvolvimento entre as raparigas do que entre os rapazes. Pareceria então o desenvolvimento relacional e a autonomização das raparigas ser mais difícil do que o dos rapazes. Todavia, no fim deste período, as raparigas parecem ter adquirido uma maior independência face às figuras parentais do que os rapazes. Pensamos portanto tratar-se de um desenvolvimento mais complexo nas raparigas do que nos rapazes.

IX.9 - Conclusão

Tivemos oportunidade de constatar que o processo de desenvolvimento que atravessam as ligações às figuras significativas é complexo e nele interferem quer a variável sexo quer a variável estrato provocando diferenciações nesta evolução.

Não há dúvida de que no geral a ligação às figuras parentais tende a diminuir ao longo deste período. Mas existe uma tendência para uma mais

forte ligação às figuras parentais nos rapazes do que nas raparigas embora não haja diferenças significativas a este respeito. Além disso a ligação às figuras parentais tende a intensificar-se com a subida de estrato em ambos os sexos sendo no geral a ligação à mãe mais intensa do que a ligação ao pai, embora com excepções resultantes do processo de desenvolvimento.

Outra constatação é a de que existem mais diferenças significativas entre estratos nas raparigas do que nos rapazes o que significa que as raparigas de estratos diferentes na realidade diferem entre si mais do que os rapazes. Entre os rapazes as diferenças significativas, que são poucas, vão aumentando com a subida de estrato enquanto entre as raparigas, sendo estas em muito maior número, existem menos diferenças entre o estrato 2 e o 3 do que entre o 1 e o 2 e do que entre o 1 e o 3 entre os quais mais abundam as diferenças. Deste ponto de vista apenas, podemos concluir que existem mais semelhanças entre as raparigas do estrato 2 e do estrato 3 do que entre as raparigas do estrato 1 e do estrato 2 e evidentemente mais do que entre as raparigas do estrato 1 e do estrato 3. Isto leva à suposição de que o desenvolvimento relacional das raparigas é mais complexo do que o dos rapazes mas também de que o contexto sócio-relacional das raparigas é provavelmente mais intenso e exigente do que o dos rapazes.

Nas raparigas verificámos uma mais forte ligação aos amigos e períodos de grande intensificação da sociabilidade com coetários que não encontrámos nos rapazes o que se constitui como uma das maiores diferenças entre os sexos. Nos rapazes, ao longo deste período desenvolvimental, deparamo-nos com uma tendência para um afastamento progressivo que não se restringe

apenas aos pais mas se alarga aos coetários. É certo que no fim deste período os rapazes mantêm uma ligação às figuras parentais mais próxima que a das raparigas, nesta altura mais autónomas e sabemos de acordo com outras investigações que os rapazes não deixam exactamente de se relacionar com as figuras significativas mas existe neles um afastamento relativamente a todas elas que não se observa nas raparigas. Deste ponto de vista as raparigas parecem ter passado por um processo desenvolvimental mais eficaz no que se refere ao desligamento das figuras parentais e ao alargamento das relações sociais extra-familiares. Dito de outro modo: as raparigas parecem ter mudado mais e terem-se tornado mais autónomas do que os rapazes. Algumas destas diferenças poderão ocorrer devido a uma entrada no desenvolvimento pubertário mais precoce nas raparigas do que nos rapazes, o que aceleraria o início das mudanças psicológicas. Todavia a constatação das diferenças no que se refere ao posicionamento relativo às figuras significativas e ao modo como o processo da sua remodelação decorre não podem imputar-se apenas a mecanismos biológicos.

No **estrato 1** este desenvolvimento é caracterizado, nos **rapazes**, por uma grande remodelação sobretudo na ligação ao pai que é inicialmente a figura mais importante, fenómeno que não se observa em nenhum outro estrato. Além disso observa-se uma oscilação da ligação ao pai com estreitamentos da ligação e afastamentos indiciando uma dificuldade de posicionamento face a esta figura. Todavia se observarmos o que ocorre para todas as figuras podemos detectar três marcos importantes: aos 11 anos uma ligação mais intensa ao pai do que a qualquer das outras figuras, aos 12 uma intensificação da ligação à mãe que passa a primeira figura, aos 13 uma

nova intensificação da ligação ao pai que coincide com a posição da mãe e aos 14 um novo afastamento do pai que permite que a mãe esteja de novo no lugar de destaque. Parece portanto existir inicialmente uma alternância entre pai e mãe que configura o desenrolar do conflito edipiano. Além disso, nos rapazes existem sobretudo remodelações das ligações com as figuras parentais. Quanto aos amigos observa-se apenas um progressivo afastamento.

Nas **raparigas** a maior remodelação diz respeito a uma intensificação da ligação aos amigos pelos 13 anos. Posto isto parece provável que o problema central para os rapazes seja o da identificação face à figura parental do mesmo sexo enquanto o problema central das raparigas parece ser o da autonomia face à figura materna.

A ligação ao pai é muito distante quando comparada com a ligação a outras figuras. Em contrapartida na ligação à mãe e aos amigos observa-se nas raparigas algo de semelhante ao que acontece com os rapazes na ligação às figuras parentais. Encontramos dois marcos importantes: o de maior intensificação da ligação à mãe aos 12 anos e o de maior intensificação da ligação aos amigos aos 13 anos que nesta altura se constituem como parceiros privilegiados. Assim, as raparigas afastam-se da mãe numa altura em que intensificam as ligações aos coetários constituindo-se estes como auxiliares da sua autonomização. Nas raparigas existem sobretudo remodelações no que respeita à mãe e aos amigos. Para as raparigas, o pai é relativamente secundário.

Dito de outro modo: enquanto os rapazes deste estrato continuam a viver no universo parental, as raparigas passam a viver com referência a duas entidades distintas: a mãe que sempre fez parte do seu universo interno e

os amigos que passaram a pertencer a esse universo. Além disso, enquanto o problema central dos rapazes parece ser o da identificação com a figura parental do mesmo sexo, o problema central das raparigas parece ser o da autonomia face à figura materna.

No **estrato 2** observa-se algo semelhante no que se refere às remodelações relacionais. Nos **rapazes** volta a ocorrer uma grande mudança na relação com o pai. Mais uma vez os amigos figuram num plano secundário e não obstante movimentos de aproximação e recuo o cômputo geral é o de um afastamento relativamente a eles. A mãe, sendo uma figura de destaque durante todo este período é secundada pelo pai e ambos perdem importância. Assim, embora os rapazes pareçam continuar a viver dentro do universo parental, neste estrato, observa-se uma tendência para uma retirada relacional que aliás abrange também os amigos. É de salientar que neste estrato não se observam movimentos de alternância entre pai e mãe e portanto o traço fundamental será exactamente o da progressão para um distanciamento relacional.

Nas **raparigas** volta a ocorrer uma grande mudança na relação com os amigos. Para além dum progressivo aumento da importância dos amigos que aos 14 anos igualam a mãe em investimento observa-se uma alternância entre a mãe e o pai enquanto figuras principais. Assim, é possível demarcar pelo menos dois períodos: aos 12 anos o de maior proximidade do pai e aos 13 anos o de maior proximidade da mãe que de resto se prolonga até aos 14 anos.

Levantam-se portanto duas questões. A primeira é a de saber, o que não nos é possível dentro dos limites impostos pela nossa amostra, se alguma

vez a importância dos amigos ultrapassará a da mãe e se alguma vez a mãe deixará de ter para estas raparigas a importância que adquire aos 13 e 14 anos. Se esta hipótese pudesse verificar-se estaríamos então perante a possibilidade de os amigos serem os auxiliares do desligamento relativamente à mãe. Sendo assim as raparigas fariam o mesmo movimento que as suas congéneres do estrato 1 sendo o seu desenvolvimento apenas mais tardio.

Mas nestas raparigas observa-se como referimos uma oscilação da importância da mãe e do pai que não se verifica no estrato 1 mas se assemelha ao que ocorre com os rapazes do estrato 1, sendo ainda mais evidente.

Há duas hipótese explicativas que de resto não se excluem. Em primeiro lugar a ligação às figuras parentais nas raparigas deste estrato é mais intensa do que nas raparigas do estrato 1 e portanto é natural que a autonomização seja mais difícil para elas. Além disso o pai é objecto de um investimento que é superior ao que se verifica no estrato 1 e que equipara no início desta fase o pai à mãe. Ou seja: neste estrato, para as raparigas, o pai não tem de modo algum um estatuto secundário. Assim, os movimentos de oscilação da importância relacional das figuras parentais sugerem a triangulação edipiana e logo as necessidades de definição de género.

Põe-se ainda uma questão importante quanto à semelhança entre os rapazes do estrato 1 e as raparigas do estrato 2 no que diz respeito à evolução e especificamente à alternância entre a importância das figuras parentais.

Que estas oscilações se constituam como o suporte da definição da identidade de género parece-nos plausível tanto mais que aos 12 anos o pai é para os rapazes do estrato 1 a figura de maior importância e a mãe é para as raparigas do estrato 2 a figura de maior importância. Assim, ambos coincidiriam na aproximação à figura parental do outro sexo como coincidiriam também depois na aproximação à figura parental do mesmo sexo num esforço de identificação. Mas é também evidente que nos rapazes do estrato 1 a primeira aproximação ao pai se observa logo aos 11 anos e que isto testemunhará de uma necessidade de afastamento da mãe da infância o que é consentâneo com a teoria da Blos (1965) sobre o investimento do púbere no pai com o objectivo inicial de fugir à autoridade materna. Todavia, se esta semelhança se verifica, é preciso saber que circunstâncias do ambiente relacional destes dois estratos a propiciam. Ou seja: que características deste ambiente relacional estabelecem esta semelhança entre a configuração desenvolvimental dos rapazes do estrato 1 e das raparigas do estrato 2.

No **estrato 3** deparamo-nos com uma semelhança surpreendente entre rapazes e raparigas.

É que a figura relacional em relação à qual se observam maiores remodelações ao longo deste período é para ambos os sexos a mãe. É preciso dizer que neste estrato a ligação à mãe é para ambos os sexos superior à dos outros estratos e ao longo do desenvolvimento, nunca é suplantada por outra figura. Estas constatações levam-nos a concluir que a mãe tem neste estrato um estatuto superlativo que não se compara com o que acontece com nenhum dos outros. Será portanto muito mais difícil a

sua substituição por outra qualquer figura o que resulta na inexistência de uma figura de suporte para a autonomização relativamente à mãe.

É certo que continuam a existir grandes diferenças entre os dois sexos mormente no que respeita à ligação aos amigos. Os **rapazes**, à semelhança do que acontece nos outros estratos têm nos amigos parceiros secundarizados. Entre os rapazes existe um período em que pai e mãe se encontram igualados em importância. De resto nos rapazes aos 14 anos, no término deste período, verifica-se até uma, embora ligeira, reaproximação da mãe. Não há portanto uma muito efectiva autonomização face à mãe. Relativamente ao pai verifica-se nos rapazes um afastamento consistente e progressivo até aos 13 anos. Há uma outra diferença entre rapazes e raparigas que se torna particularmente evidente no estrato 3 por atingir níveis de significância mas se verifica também nos outros estratos. Trata-se do facto de nos rapazes as médias de Alienação à mãe e aos amigos serem de um modo geral mais elevadas nos rapazes do que nas raparigas o que indicia uma maior incidência do conflito e da distância nos rapazes. Provavelmente os rapazes não conseguem autonomizar-se sem o conflito.

Nas **raparigas**, apesar de a mãe perder importância, nunca é suplantada por outra figura. De facto a importância dos amigos é para as raparigas de 14 anos muito próxima da da mãe mas uma vez que estes estão em perda não nos é possível saber se alguma vez adquirirão o primeiro plano.

Todavia, no término deste período a Vinculação das raparigas à mãe diminuiu claramente e é muito próxima da das raparigas do estrato 1 o que significa que houve um movimento efectivo de afastamento.

Nas raparigas, depois de um pico de investimento na figura paterna aos 12 anos dá-se um afastamento que não volta a ser recuperado. De resto,

encontramos relativamente ao pai uma média elevada de Alienação que será possivelmente devida mais a distanciamento do que a conflito dado que geralmente o pai pouco interfere na educação das raparigas.

No que se refere à Alienação surgem diferenças importantes entre estratos que distinguem os dois sexos. No estrato 1 aos 12 anos a média de Alienação aos amigos é superior nas raparigas justamente no período de maior proximidade à mãe. Também aos 14 anos acontece a Alienação à mãe suplantar a dos rapazes no período em que a ligação à mãe é menos intensa em parte devido ao conflito que por este motivo desempenha um papel importante no desligamento face à figura materna.

No estrato 3 também se passa o mesmo relativamente não só à mãe mas também aos amigos indiciando uma tentativa de desligamento relativamente a ambos os parceiros.

No estrato 2 acontece um fenómeno algo diferente. A Alienação aos amigos é sempre superior nos rapazes mas a Alienação à mãe é superior nas raparigas aos 11-12 anos e a Alienação ao pai é inferior aos 12 anos. Recordamos que neste estrato o período de maior afastamento da mãe e de proximidade ao pai são os 12 anos e portanto não é estranho o acréscimo de conflito com a mãe e a diminuição do conflito relativamente ao pai.

Contudo, tendo em conta a predominância e os níveis de significância da comparação entre rapazes e raparigas relativamente a esta variável é evidente que nos rapazes do estrato 3 este desenvolvimento é marcado pelo conflito. Para além disso as raparigas apresentam médias significativamente superiores às dos rapazes em quase rodas as outras variáveis respeitantes à mãe e aos amigos.

Outro dado importante diz respeito à idade em que predominam as diferenças significativas entre rapazes e raparigas. Quer para o estrato 1 quer para o 3 os 13 anos são o período de diferenças mais acentuadas o que mostra como nesta idade ocorrem nas raparigas mudanças importantes nas relações afectivas que não são acompanhadas pelos rapazes. Mas no estrato 2 essas diferenças predominam aos 14 anos, altura de maior sociabilidade destas raparigas.

Todas estas diferenças que em grande parte estarão relacionadas com a diferença de contextos ambientais, reflectir-se-ão noutros fenómenos desenvolvimentais que adiante abordaremos.

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO PORTO

RELAÇÕES SOCIAIS, DINÂMICA FAMILIAR E ORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE EM PRÉ-ADOLESCENTES

Volume II

Tese de Doutoramento

Ângela Vila-Real

Dezembro de 2004

X – ESTUDO DA IDENTIDADE

X. 1 – Distribuição da Amostra

O desenvolvimento da identidade, abordado através do Questionário da Identidade em Pré-Adolescentes (QIPA) em anexo, foi estudado numa amostra de jovens de acordo com as proporções de sexo estrato e idade constantes do Quadro 53.

Quando 53

Distribuição da amostra

Rapazes								
Idades	***Estrato 1***		***Estrato 2***		***Estrato 3***		***Totais***	
11 anos	13	31,0%	13	31,0%	16	38,1%	42	100%
12 anos	14	29,2%	15	31,3%	19	39,6%	48	100%
13 anos	14	25,9%	15	27,8%	25	46,3%	54	100%
14 anos	18	30,5%	24	40,7%	17	28,8%	59	100%
Totais	59	29,1%	67	33,0%	77	37,9%	203	100%
Raparigas								
Idades	***Estrato 1***		***Estrato 2***		***Estrato 3***		***Totais***	
11 anos	13	27,7%	17	36,2%	17	36,2%	47	100%
12 anos	22	39,3%	14	25,0%	20	35,7%	56	100%
13 anos	18	26,9%	19	28,4%	30	44,8%	67	100%
14 anos	13	27,7%	21	44,7%	13	27,7%	47	100%
Totais	66	30,4%	71	32,7%	80	36,9%	217	100%

X.2 - Desenvolvimento da Identidade nos Rapazes

X.2.1 - Rapazes do Estrato 1

X.2.1.1 - Investimento Escolar

X.2.1.1. 1 – Estudo

Os rapazes do estrato 1 apresentam uma evolução (gráf. 169) em que se distinguem dois períodos: o dos 11-12 anos com médias aproximadas (2,92 aos 11 anos e 3,00 aos 12 anos) evidenciando gosto por estudar e o dos 13-14 anos (2,21 aos 13 anos e 2,17 aos 14 anos) revelando um desinvestimento no estudo.

Gráfico 169

Quadro 54
Rapazes do estrato 1 (Mann-Whitney)

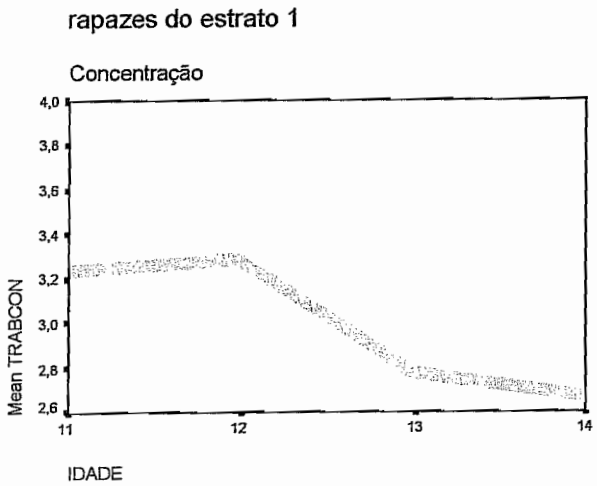
Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11 *13*	*11* *14*	*17,58* *10,68*	*0,02*
12 *13*	*14* *14*	*18,21* *10,79*	*0,02*
11 *14*	*13* *18*	*20,23* *12,94*	*0,02*
12 *14*	*14* *18*	*21,00* *13,00*	*0,02*

As diferenças significativas (Quadro 54) mostram que é dos 12 para os 13 anos que se dá a mudança no interesse por estudar.

X.2.1.1. 2 – Concentração

Entre os rapazes do estrato 1 da nossa amostra verifica-se que também no que se refere à capacidade de concentração, existem dois períodos distintos (gráf. 170). Os rapazes de 11-12 anos (3,23 aos 11 anos e 3,29 aos 12 anos), concentram-se muito mais facilmente do que os de 13-14 anos (2,21 aos 13 anos e 2,17 aos 14 anos).

Gráfico 170



Quadro 55

Rapazes do estrato 1 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*13*	*16,12*	*0,05*
13	*13*	*10,88*	
12	*14*	*16,79*	*0,02*
13	*13*	*11,00*	
11	*13*	*19,96*	*0,02*
14	*18*	*13,14*	
12	*14*	*20,71*	*0,008*
14	*18*	*13,22*	

De acordo com as diferenças significativas (Quadro 55) constatamos que a grande mudança ocorre entre os 12 e os 13 anos.

X.2.1. 2 - Posição Relativa às Figuras Parentais

X.2. 1.2.1 - Relação com o Pai

Estes jovens mostram, dadas as médias (3,83 aos 11 anos, 3,57 aos 12 anos, 3,86 aos 13 anos e 3,35 aos 14 anos), uma relação predominantemente positiva com o pai. Mas há variações ao longo do tempo (gráf. 171). As diferenças significativas (Quadro 56) dão conta de uma percepção de pior qualidade da relação aos 14 anos do que aos 11 e do que aos 13 anos.

Gráfico 171

Quadro 56
Rapazes do estrato 1 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*12*	*18,25*	*0,04*
14	*17*	*12,71*	
13	*14*	*19,43*	*0,02*
14	*17*	*13,18*	

Todavia, não existindo diferenças significativas entre os 12 anos e os restantes grupos etários evidencia-se também aos 12 anos a percepção de uma mais fraca qualidade da relação.

Há portanto ao longo deste período, movimentos alternados que estabelecem dois momentos em que a relação é percepcionada como melhor – os 11 e os 13 anos – e dois momentos em que a relação é percepcionada como pior – os 12 e os 14 anos – sendo os 13 anos o momento de maior proximidade e os 14 anos o momento em que se observa um maior afastamento relativamente ao pai. No cômputo geral verifica-se durante esta fase, uma perda.

X.2.1.2. 2 - Apoio no Pai

Entre os rapazes deste estrato observa-se uma tendência para que o pai seja cada vez menos tomado como figura de suporte para a resolução de problemas pessoais (gráf. 172).

Gráfico 172

Quadro 57
Rapazes do estrato 1 (Mann-Whitney)

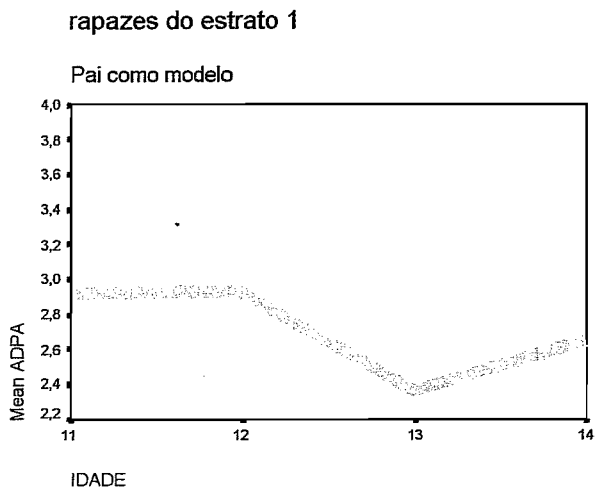
Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*12*	*18,00*	*0,04*
14	*16*	*11,88*	

Esta tendência é progressiva existindo uma diferença significativa apenas entre os 11 e os 14 anos (Quadro 57).

X.2.1.2. 3 - Pai como Modelo

Não há nesta variável diferenças significativas entre grupos etários apesar da variação das médias (2,92 aos 11 anos, 2,93 aos 12 anos, 2,36 aos 13 anos e 2,65 aos 14 anos). Observa-se aos 11-12 anos uma tendência a tomar o pai como modelo de identificação adulto que aos 13 anos baixa consideravelmente (gráf. 173). Aos 14 anos há uma recuperação mas esta não chega a atingir os níveis dos 11-12 anos.

Gráfico 173



Há portanto uma fase inicial em que o pai é admirado e tomado como modelo de identificação, aos 13 anos um movimento de repúdio da

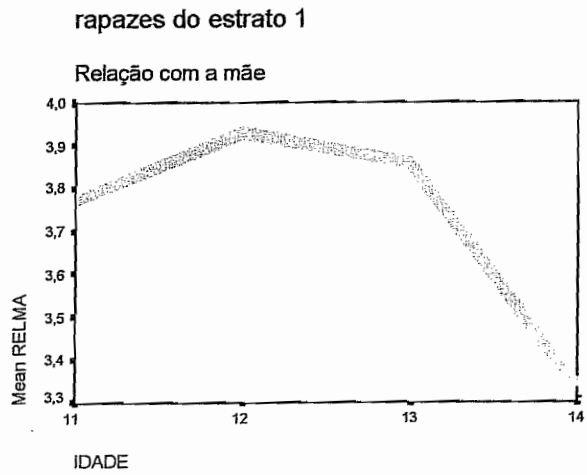
identificação com o pai e uma retoma do desejo de identificação aos 14 anos.

X.2.1.2. 4 - Relação com a Mãe

A relação destes rapazes com a mãe é de um modo geral percebida como bastante positiva ao longo de todo este período de desenvolvimento. As médias são elevadas (3,77 aos 11 anos, 3,93 aos 12 anos, 3,86 aos 13 anos e 3,33 aos 14 anos).

Existe uma diferença significativa (Quadro 58) que resulta de um decréscimo progressivo de médias entre os 12 e os 14 anos, altura em que a relação com a mãe é percebida como menos positiva ao longo deste período.

Gráfico 174



Quadro 58

Rapazes do estrato 1 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
12	*14*	*19,46*	*0,04*
14	*18*	*14,19*	

Constatemos todavia (gráf. 174) que entre os 11 e os 12 anos se verifica um aumento da média mostrando que os rapazes de 12 anos parecem ter uma relação com a mãe mais positiva do que os de 11 anos.

Assim, a relação com a mãe sofre um estreitamento entre os 11 e os 12 anos, momento em que ao longo deste período ela é mais positiva. Depois disso entra num movimento decrescente que atinge o seu ponto mais baixo aos 14 anos.

X.2.1.2. 5 - Apoio na Mãe

Gráfico 175

Quadro 59

Rapazes do estrato 1 (Mann-Whitney)

Idades	***N***	***Média das ordens***	***p***
11	*13*	*17,00*	*0,03*
12	*14*	*11,21*	
11	*13*	*18,08*	*0,005*
13	*14*	*10,21*	
11	*13*	*21,58*	*0,002*
14	*18*	*11,97*	
12	*14*	*20,07*	*0,05*
14	*18*	*13,72*	

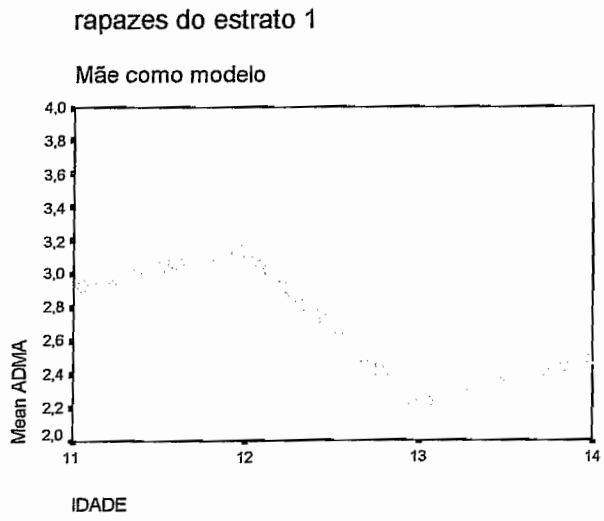
Para estes rapazes a mãe vai perdendo ao longo deste período o papel de figura de suporte na resolução de problemas pessoais (gráf. 175) dado o decréscimo de médias (3,77 aos 11 anos, 3,29 aos 12 anos, 2,86 aos 13 anos e 2,56 aos 14 anos).

As diferenças significativas (Quadro 59) mostram que de forma consistentemente progressiva, os rapazes deixam de escolher a mãe como interlocutora válida para a resolução dos problemas. É portanto aos 11 anos que os rapazes mais confiam na ajuda da mãe e aos 14 anos que menos se socorrem dela como fonte de suporte.

X.2.1.2. 6 - Mãe como Modelo

A evolução desta variável (gráf. 176) traduz um desenvolvimento oscilante com períodos de tendência para ver na mãe um modelo de identificação adulto e outros períodos em que se dá um afastamento sugerindo até uma recusa de a tomar como modelo.

Gráfico 176



Quadro 60
Rapazes do estrato 1 (Mann-Whitney)

Idades	***N***	***Média das ordens***	***p***
11 *12*	*13* *14*	*17,00* *11,21*	*0,03*
11 *13*	*13* *14*	*18,08* *10,21*	*0,005*
11 *14*	*13* *18*	*21,58* *11,97*	*0,002*
12 *14*	*14* *18*	*20,07* *13,72*	*0,05*

De acordo com as médias (2,92 aos 11 anos, 3,14 aos 12 anos, 2,21 aos 13 anos e 2,50 aos 14 anos) dos 11 para os 12 anos sobe o estatuto da mãe enquanto modelo de identificação embora não haja diferenças de médias significativas entre estas duas idades. Dos 12 para os 13 anos há um decréscimo significativo das médias (Quadro 60) sugerindo que aos 13 anos a mãe é recusada como modelo de identificação adulto.

Todavia, aos 14 anos há uma recuperação que não atingindo valores significativos mostra que a tendência é novamente para tomar a mãe como modelo.

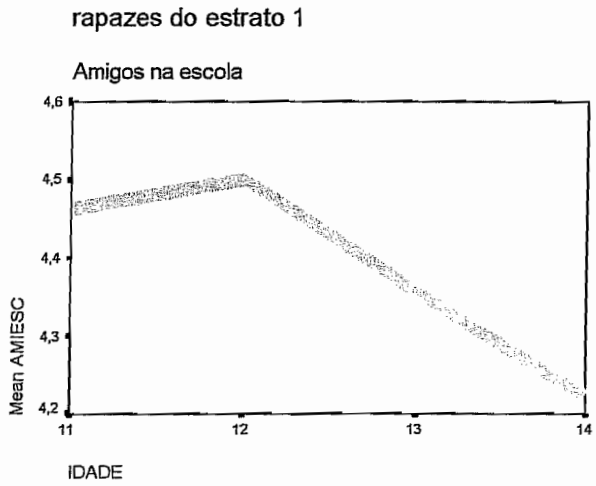
Há portanto dois momentos importantes: o dos 12 anos em que a identificação com a mãe atinge o seu ponto mais alto e o dos 13 anos em que a identificação com a mãe atinge o seu ponto mais baixo ao qual se segue um novo movimento tendente à identificação.

X.2.1. 3 - Relações Extra-Familiares

X.2.1. 3. 1 - Amigos na Escola

Nesta variável, conquanto não existam diferenças significativas entre as médias (4,46 aos 11 anos, 4,50 aos 12 anos, 4,36 aos 13 anos e 4,22 aos 14 anos) das diferentes idades, observa-se um pico de sociabilidade aos 12 anos e depois um decréscimo progressivo entre os 12 e os 14 anos (gráf. 177).

Gráfico 177

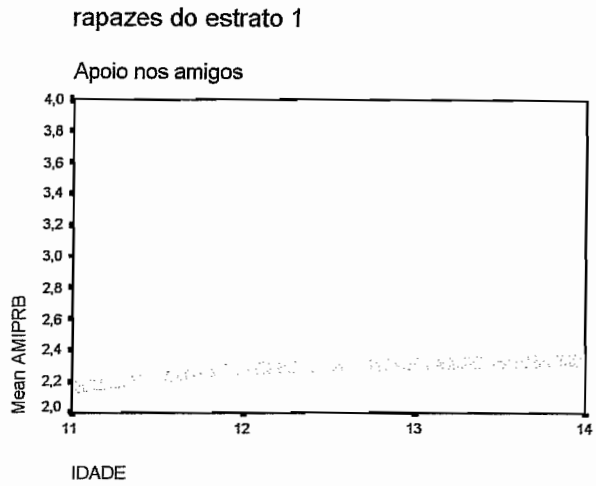


X.2.1. 3. 2 - Apoio nos Amigos

Há uma tendência ligeiramente crescente para tomar os amigos como interlocutores na resolução de problemas pessoais (gráf. 178).

Mas as médias (2,15 aos 11 anos, 2,29 aos 12 anos, 2,31 aos 13 anos e 2,33 aos 14 anos) apresentam-se ao longo de todo este período muito baixas indiciando que os amigos não são, para estes rapazes, uma fonte de suporte com peso.

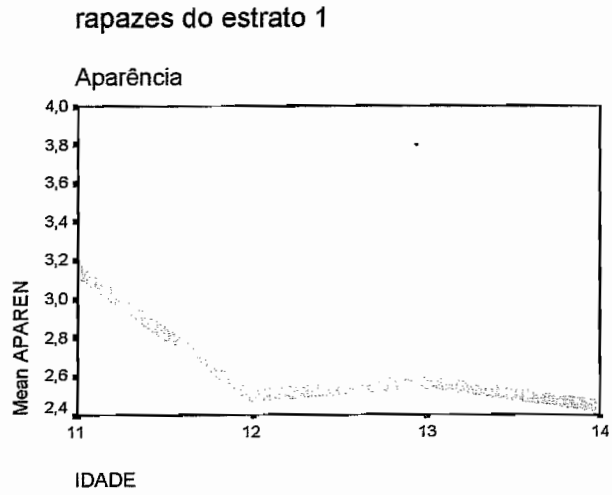
Gráfico 178



X.2.1. 3. 3 - Aparência

Apenas os rapazes de 11 anos parecem preocupar-se com a aparência física (gráf. 179). Depois desta idade existe um decréscimo de médias (3,15 aos 11 anos, 2,50 aos 12 anos, 2,57 aos 13 anos e 2,44 aos 14 anos) mostrando um relativo alheamento no que respeita à aparência física.

Gráfico 179



Quadro 61

Rapazes do estrato 1 (Mann-Whitney)

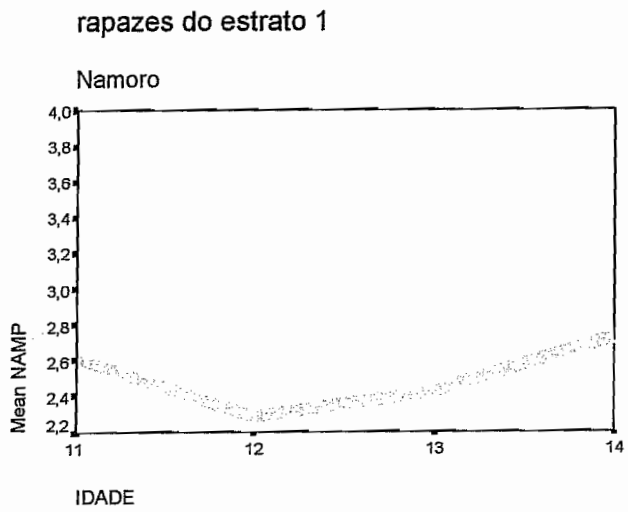
Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*13*	*19,81*	*0,04*
14	*18*	*13,25*	

Há uma única diferença significativa entre os 11 e os 14 anos (Quadro 61) mas o desinteresse pela aparência começa a manifestar-se ainda antes dos 14 anos. Logo aos 12 anos há um manifesto decréscimo do interesse embora as diferenças ainda não atinjam níveis de significância. É em todo o caso, entre os 11 e os 12 anos, que se dá a grande mudança nesta variável.

X.2.1. 3. 4 - Namoro

Não há diferenças significativas entre grupos etários nesta variável e as médias não atingem valores muito elevados (2,62 aos 11 anos, 2,29 aos 12 anos, 2,43 aos 13 anos e 2,72 aos 14 anos) . Não é esta portanto, uma questão central para estes rapazes.

Gráfico 180



Todavia, temos de distinguir dois movimentos separados por um marco importante: o dos 12 anos (gráf. 180). Antes dos 12 anos, observa-se um movimento decrescente indiciando que os rapazes de 11 anos se interessam mais pelo namoro do que os de 12. Depois dos 12 que se constituem como o momento de maior desinteresse, observa-se um crescendo progressivo de exploração desta questão.

X.2.1. 4 – O Corpo

X.2.1. 4.1 - Satisfação com as Mudanças Corporais

Nesta variável, as médias não são, no geral, muito elevadas (2,69 aos 11 anos, 2,77 aos 12 anos, 2,93 aos 13 anos e 2,61 aos 14 anos) e não há diferenças significativas entre grupos etários. Podemos assim concluir que as mudanças corporais não parecem afectar muito estes rapazes.

Gráfico 181

Todavia, observa-se um crescendo de satisfação com as mudanças entre os 11 e os 13 anos (gráf. 181), pico mais elevado deste desenvolvimento, a que se segue um decréscimo sendo que os 14 anos constituem o momento de menor satisfação com as alterações. Os 13 anos constituem portanto um momento de viragem.

X.2.1. 4. 2 - Investimento no Corpo

Como pode verificar-se estes rapazes parecem investir cada vez menos o corpo (gráf. 182).

Há um decréscimo contínuo de médias ao longo deste período com diferenças significativas (Quadro 62). De acordo com as diferenças significativas encontradas é entre os 12 e os 13 anos que se observa um maior decréscimo do investimento do corpo. Isto dever-se-à provavelmente a uma maior aceleração das mudanças corporais. Daqui resulta que são os rapazes de 11 anos que mais investem o corpo e os rapazes de 14 anos que menos o investem.

Gráfico 182

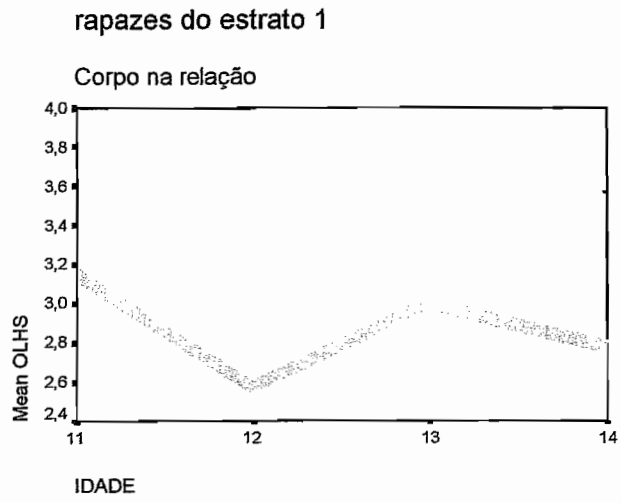
Quadro 62
Rapazes do estrato 1 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11 *13*	*13* *14*	*18,23* *10,07*	*0,001*
12 *13*	*14* *14*	*17,21* *11,79*	*0,02*
11 *14*	*13* *18*	*21,96* *11,69*	*0,001*
12 *14*	*14* *18*	*21,07* *12,94*	*0,005*

X.2.1. 4. 3 - Corpo e Relação

Nesta variável, estes rapazes, evoluem segundo um movimento oscilatório (gráf. 183). Não há diferenças significativas entre grupos etários e não sendo as médias muito baixas (2,15 aos 11 anos, 2,57 aos 12 anos, 3,00 aos 13 anos e 2,78 aos 14 anos) não podemos dizer que de um modo geral o corpo seja sentido como obstáculo na relação com os outros.

Gráfico 183



Mas constatamos que é aos 11 anos que estes jovens retiram mais satisfação do olhar dos outros sobre si e é aos 12 anos que o olhar dos

outros é sentido com mais desagrado. Havendo alguma recuperação aos 13 anos, aos 14 o olhar dos outros volta a ser sentido como um incómodo.

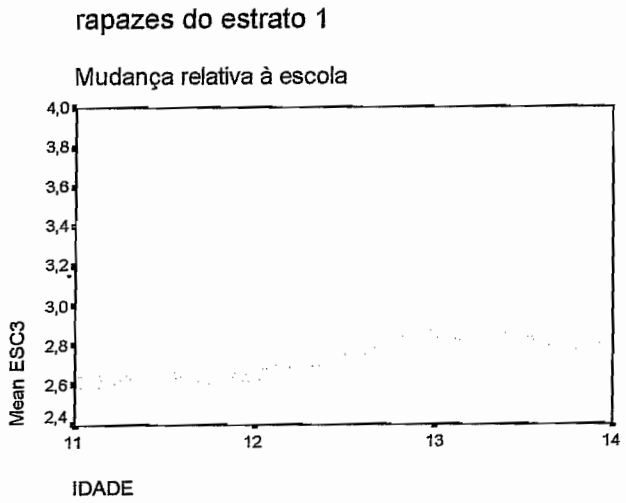
X.2.1.5 - Percepção da Mudança

X.2.1. 5. 1 – Mudança Relativa à Escola

No que se refere a esta variável não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários.

Embora se observem algumas mudanças elas não são suficientemente amplas (gráf.184) por isso temos de concluir que estes rapazes não têm uma grande percepção da existência de mudanças no que se refere ao seu interesse pela escola.

Gráfico 184



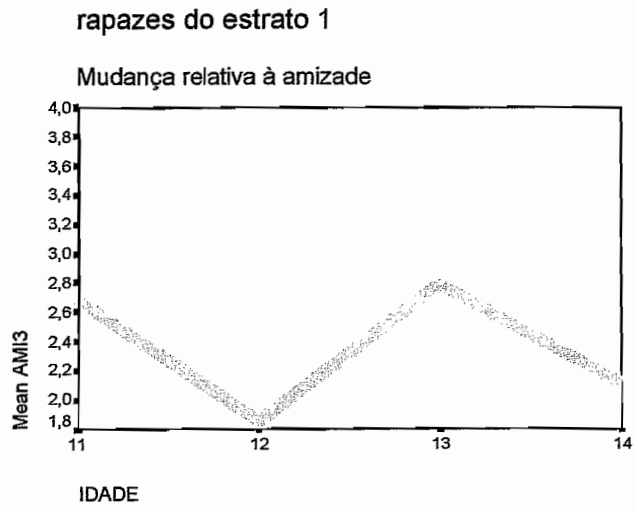
Constatamos contudo que a percepção de que se operaram mudanças, de acordo com as médias (2,62 aos 11 anos, 2,64 aos 12 anos, 2,86 aos 13

anos e 2,78 aos 14 anos), vai aumentando entre os 11 e os 13 anos que se constituem como o momento de mais aguda percepção das mudanças. Essa percepção tende a decrescer aos 14 anos quando os rapazes já terão passado por um processo de mudança maior.

X.2.1. 5. 2 – Mudança Relativa à Amizade

No que se refere à amizade estes rapazes fazem uma evolução segundo um movimento oscilatório (gráf. 185) mas sem quaisquer diferenças significativas entre médias de grupos etários (2,69 aos 11 anos, 1,86 aos 12 anos, 2,79 aos 13 anos e 2,11 aos 14 anos).

Gráfico 185



No entanto constatamos que os rapazes de 11 anos parecem ter uma percepção de mudança bastante elevada quando comparados com outros grupos etários. Aos 12 anos estes rapazes têm a menor percepção de mudança de todo este período e aos 13 têm a mais elevada percepção de

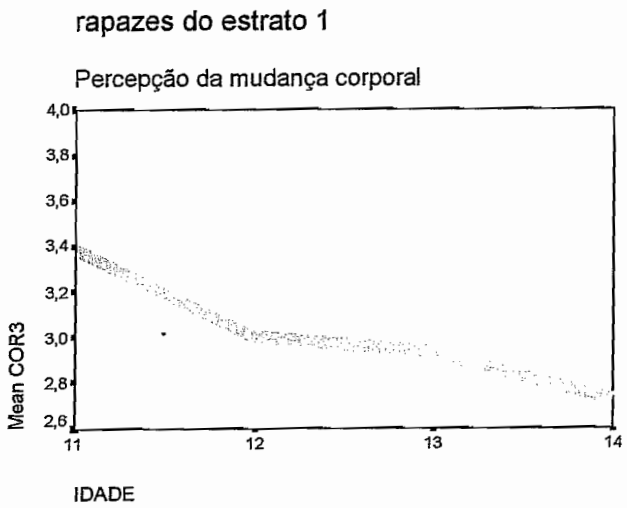
mudança. Aos 14 anos volta a instalar-se uma tendência para uma menor percepção de mudança.

Há portanto dois períodos de maior percepção de mudança: os dos 11 anos e o dos 13 anos. Este último grupo é aliás o de constatação mais aguda.

X.2.1. 5. 3 – Mudança Corporal

A percepção de mudança relativamente ao corpo vai decrescendo com a subida da idade (gráf. 186). De acordo com as médias (3,88 aos 11 anos, 3,00 aos 12 anos, 2,93 aos 13 anos e 2,72 aos 14 anos) os rapazes de 11 anos do estrato 1, parecem dar-se conta das mudanças do seu corpo mais do que todos os outros e significativamente mais (Quadro 63) do que os de 14 anos.

Gráfico 186



Quadro 63

Rapazes do estrato 1 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*13*	*19,85*	*0,03*
14	*18*	*13,22*	

Dito de outro modo: quanto maior o desenvolvimento menor é a percepção das mudanças corporais. Resta-nos portanto concluir que estes rapazes, tendem a relativizar as mudanças à medida que estas se vão processando. O impacto das primeiras mudanças será certamente maior do que o das que se seguem.

X.2.1.6 - Conclusão

Constatámos entre os rapazes do estrato 1 da nossa amostra um efectivo desenvolvimento em quase todas as áreas abordadas pelo nosso questionário.

Mas nem todas as alterações se traduziram em diferenças significativas. O número de diferenças significativas por área desenvolvimental é variável.

No investimento escolar em ambas as variáveis há mudanças significativas; na área das figuras parentais, exceptuando a identificação com o pai, em todas as outras variáveis há diferenças significativas; nas relações extra-familiares só as variações respeitantes há aparência apresentam valores significativos; na área do corpo só na satisfação com as mudanças corporais não há diferenças significativas e finalmente na percepção de mudança só no que se refere à mudança corporal existem diferenças significativas.

Estas são portanto mudanças efectivas que conduzem às seguintes conclusões: estes rapazes tendem a desinvestir a escolaridade enquanto meio de aquisição de conhecimentos. A este respeito pudemos demarcar

dois períodos distintos: o dos 11-12 anos em que os jovens ainda investem a escolaridade e o dos 13-14 anos em que a escolaridade perde interesse.

Em contrapartida dão-se grandes mudanças por exemplo na ligação às figuras parentais. Observámos que o apoio em qualquer das figuras parentais decresce progressivamente e que portanto cada vez menos os jovens lhes confiam os seus problemas que por certo também mudarão.

Pudemos ainda demarcar três momentos na posição dos jovens relativamente a qualquer das figuras parentais. Um primeiro momento de boa relação e de forte identificação, um segundo momento de muito boa relação e todavia de recusa de identificação e um terceiro momento de relação mais fraca mas de reforço da identificação.

Relativamente ao pai o primeiro momento coincide com os 11 anos, o segundo com os 13 anos e o terceiro com os 14 anos.

Relativamente à mãe, o primeiro momento coincide com os 12 anos, o segundo com os 13 anos e o terceiro com os 14 anos.

Isto significa que há inicialmente uma alternância entre o pai e a mãe na medida em que quando decresce já a proximidade relativamente ao pai se reforça a proximidade relativamente à mãe com uma alternância nas identificações dominantes. Todavia, aos 13 anos há um movimento de recuo nas identificações a ambos ainda que a relação seja percebida como atingindo o seu ponto mais alto de todo este período. Acresce que aos 14 anos se verifica também para ambos o fenómeno inverso.

Podemos portanto concluir que o problema que se equaciona no primeiro momento é o da identidade de género, no segundo momento o da autonomia e diferenciação face a ambas as figuras parentais e no terceiro momento o

do reforço da identificação livre já de uma relação marcada pela necessidade mas marcada pela distância.

Isto levaria a supor grandes alterações nas variáveis referentes às relações extra-familiares que como verificámos não se observam a não ser na aparência. Todavia entre estes rapazes a preocupação com a aparência desce ao longo de todo este período. Não há portanto um deslocamento do investimento nas figuras parentais para os amigos ou a relação amorosa embora exista uma ténue tendência a procurar o apoio de amigos e se observe um pico de sociabilidade pelos 12 anos.

Relativamente ao corpo é certo que estes rapazes mostram satisfação com as mudanças corporais mas o investimento no corpo diminui, assim como o prazer com o olhar dos outros sobre o seu corpo.

No que se refere à percepção de mudança só as mudanças corporais provocam um impacto significativo mas apenas nos primeiros tempos. Posteriormente a percepção de mudança tende a esbater-se. Nas outras variáveis não havendo diferenças significativas podemos sublinhar uma mais aguda percepção de mudança pelos 13 anos. Estes rapazes não parecem muito atentos ao processo evolutivo de que são objecto mas o que se inscreve no corpo é possivelmente mais óbvio não requerendo auto-observação atenta.

X.2.2 - Rapazes do Estrato 2

X.2.2. 1. Investimento Escolar

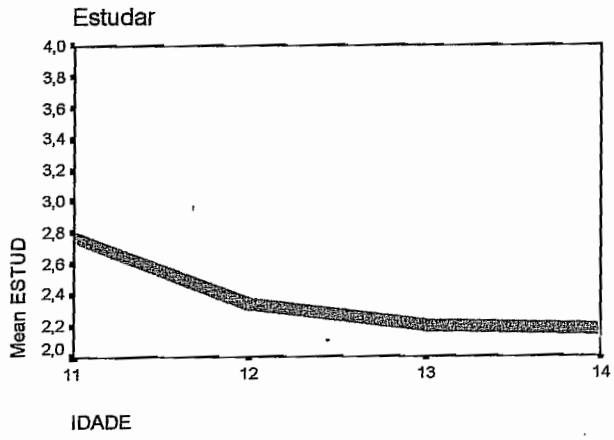
X.2.2. 1. 1 - Estudo

Os rapazes deste estrato vão perdendo o interesse pelo estudo com a subida da idade (gráf. 187). A perda só se torna significativa entre os 11 e os 14 anos (Quadro 64) no entanto a descida das médias começa a verificar-se a partir dos 11 anos (2,77 aos 11 anos, 2,33 aos 12 anos, 2,20 aos 13 anos e 2,17 aos 14 anos).

É portanto aos 11 anos que estes rapazes mais investem no estudo e aos 14 que menos investem no estudo.

Gráfico 187

rapazes do estrato 2



Quadro 64

Rapazes do estrato 2 (Mann-Whitney)

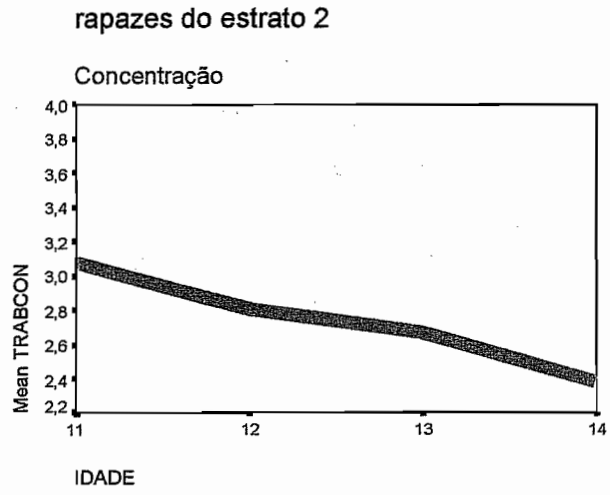
Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*13*	*23,46*	*0,04*
14	*24*	*16,58*	

X.2.2.1. 2 - Concentração

Na capacidade de concentração estes rapazes mostram uma evolução (gráf. 188) muito semelhante à da variável anterior. Também as médias da concentração vão diminuindo (3,08 aos 11 anos, 2,80 aos 12 anos, 2,67 aos 13 anos e 2,38 aos 14 anos) progressivamente e de forma significativa (Quadro 65) entre os 11 e os 14 anos.

Provavelmente a ocupação com outras tarefas desenvolvimentais retira-lhes disponibilidade para a concentração na aprendizagem escolar que perdeu importância face a novas descobertas.

Gráfico 188



Quadro 65

Rapazes do estrato 2 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*13*	*24,88*	*0,008*
14	*24*	*15,81*	
12	*15*	*24,70*	*0,02*
14	*24*	*17,06*	

Assim, é aos 11 anos que estes rapazes tendem a concentrar-se mais facilmente e aos 14 anos que mais dificilmente se concentram.

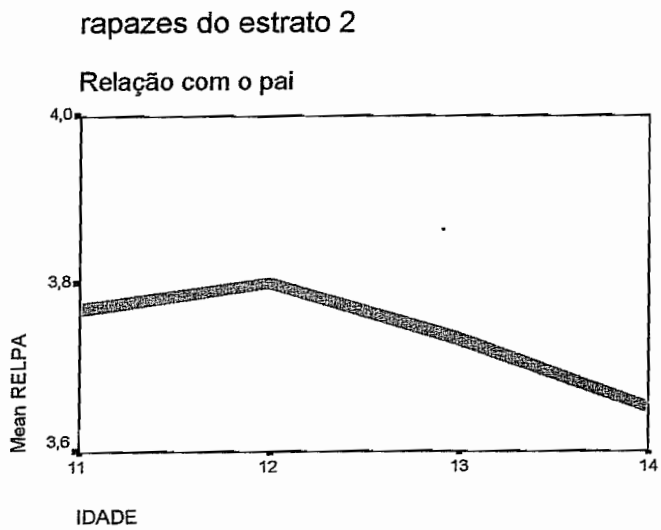
X.2.2. 2 – Posição Relativa às Figuras Parentais

X. 2. 2. 2. 1 - Relação com o Pai

Não há diferenças significativas entre grupos etários. As variações ao longo deste período são pequenas e estes rapazes percepcionam, de um modo geral, a relação com o pai como bastante positiva.

Evidencia-se uma evolução (gráf. 189) em que os rapazes de 12 anos apresentam uma média mais elevada (3,77 aos 11 anos, 3,80 aos 12 anos, 3,73 aos 13 anos e 3,65 aos 14 anos) do que quaisquer outros.

Gráfico 189



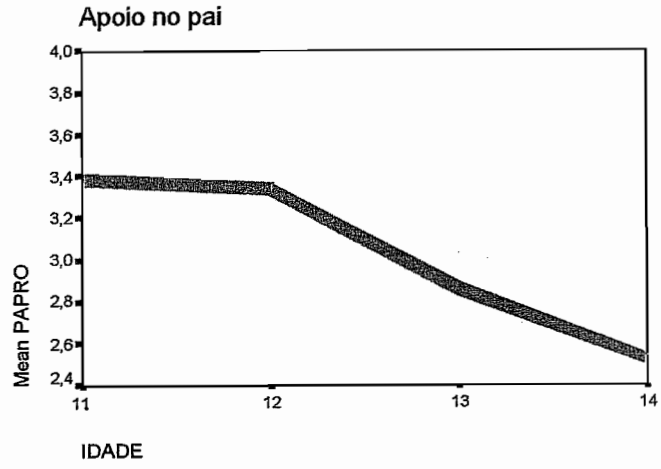
Depois desta idade, embora a relação mantenha as suas características positivas vai-se tornando progressivamente mais distante. Daqui resulta que os 14 anos se constituem como o momento de maior afastamento relativamente ao pai.

X. 2.2. 2 . 2 - Apoio no Pai

Estes rapazes tendem a tomar o pai progressivamente menos como figura de apoio para a resolução dos seus problemas pessoais (gráf. 190). Entre os 11 e os 12 anos não há diferenças significativas e nestes dois grupos etários ainda existe confiança no pai como figura de apoio.

Gráfico 190

rapazes do estrato 2



Quadro 66

Rapazes do estrato 2 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11 *13*	*13* *14*	*17,35* *10,89*	*0,02*
11 *14*	*13* *23*	*25,23* *14,70*	*0,002*
12 *14*	*15* *23*	*25,43* *15,63*	*0,005*

Há portanto uma grande semelhança entre estes dois grupos etários que têm médias muito próximas (3,38 aos 11 anos, 3,33 aos 12 anos, 2,86 aos 13 anos e 2,52 aos 14 anos).

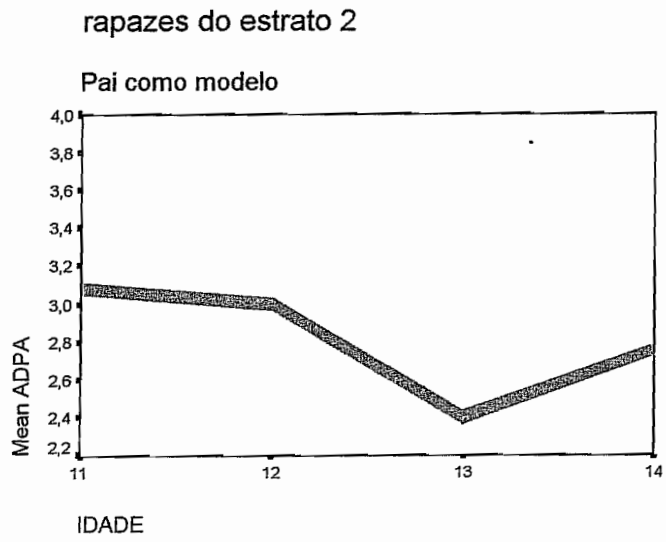
Depois dos 12 anos dá-se uma grande alteração que atinge níveis de significância (Quadro 66). Cada vez menos, estes rapazes procuram no pai apoio para a resolução dos problemas pessoais.

X.2.2. 2. 3 - Pai como Modelo

A evolução relativa a esta variável mostra mais uma vez que até aos 13 anos se verifica um decréscimo de médias (3,08 aos 11 anos, 3,00 aos 12 anos, 2,40 aos 13 anos e 2,75 aos 14 anos) que depois se inverte (gráf. 191).

Entre os 11 e os 13 anos o pai perde significativamente (Quadro 67) o seu estatuto de modelo de identificação adulto. Esta perda relacionar-se-à com o movimento de autonomização característico deste período de desenvolvimento.

Gráfico 191



Quadro 67
Rapazes do estrato 2 (Mann-Whitney)

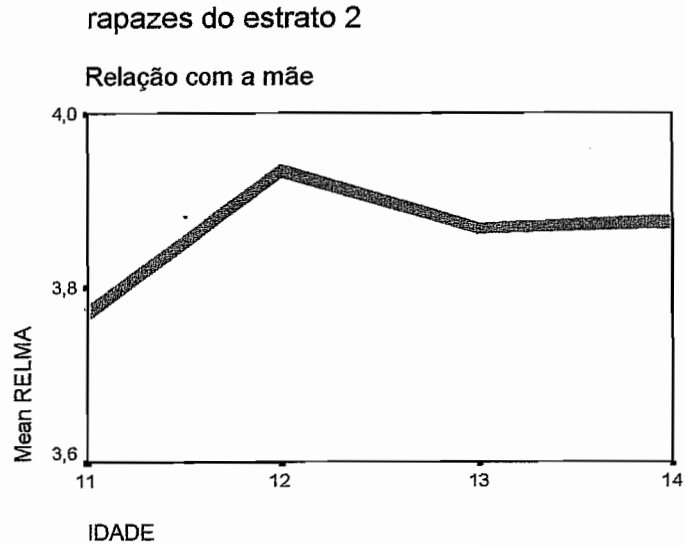
Idades	***N***	***Média das ordens***	***p***
11	*13*	*17,65*	*0,04*
13	*15*	*11,77*	
12	*15*	*18,47*	*0,05*
13	*15*	*12,53*	

Contudo, aos 14 anos observa-se uma recuperação que não atingindo valores significativos mostra que existe uma tendência para um novo movimento de identificação ao pai.

X.2.2. 2. 4 - Relação com a Mãe

Nesta variável não há diferenças significativas entre grupos etários e as médias são bastante elevadas (3,77 aos 11 anos, 3,93 aos 12 anos, 3,87 aos 13 anos e 3,88 aos 14 anos) o que mostra como a relação com a mãe se mantém estável ao longo deste período.

Gráfico 192

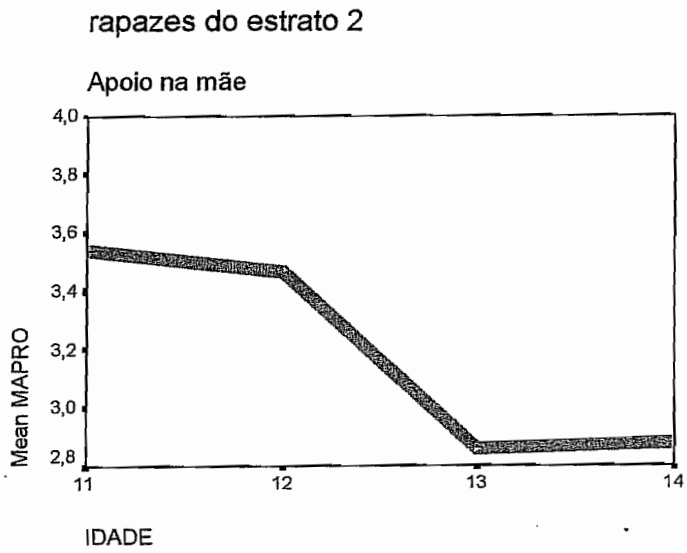


Há mudanças (gráf. 192) mas para além da sua fraca amplitude ainda se observa uma percepção de melhor relação aos 12 anos do que aos 11 anos. Além disso, apesar de uma perda entre os 12 e os 13 anos, depois dos 11 anos todos os rapazes têm uma percepção mais positiva da relação do que os rapazinhos de 11 anos.

O aumento da idade, no cômputo geral parece promover um estreitamento da relação.

X.2.2. 2. 5 - Apoio na Mãe

Gráfico 193



Quadro 68

Rapazes do estrato 2 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*13*	*17,69*	*0,01*
13	*14*	*10,57*	
12	*15*	*18,20*	*0,02*
13	*14*	*11,57*	
11	*13*	*25,08*	*0,006*
14	*24*	*15,71*	
12	*15*	*25,27*	*0,01*
14	*24*	*16,71*	

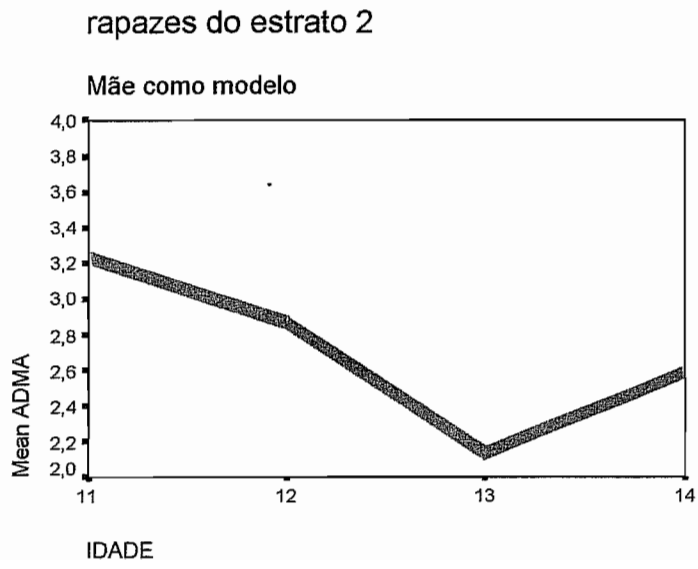
Embora estes rapazes tendam a tomar a mãe cada vez menos como fonte de suporte para a resolução dos problemas pessoais, na verdade, dadas as médias (3,54 aos 11 anos, 3,47 aos 12 anos, 2,86 aos 13 anos e 2,88 aos 14 anos), os rapazes de 11-12 anos diferem bastante dos de 13-14 anos (gráf. 193).

As diferenças significativas (Quadro 68) mostram que a grande mudança ocorre na passagem dos 12 para os 13 anos.

Sublinhemos que a mãe se mantém ao longo de todo este período como uma figura de apoio. Todavia, a tendência a obter da mãe o suporte para a resolução de problemas pessoais é significativamente mais elevada nos rapazes de 11-12 anos do que nos rapazes de idades posteriores.

X.2.2. 2. 6 - Mãe como Modelo

Gráfico 194



Quadro 69

Rapazes do estrato 2 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*13*	*19,15*	*0,003*
13	*15*	*10,47*	
12	*15*	*18,60*	*0,04*
13	*15*	*12,40*	
11	*13*	*23,96*	*0,03*
14	*24*	*16,31*	

Nestes rapazes as médias desta variável (3,23 aos 11 anos, 2,87 aos 12 anos, 2,13 aos 13 anos e 2,58 aos 14 anos) obedecem a um movimento decrescente até aos 13 anos, ao qual se segue um movimento crescente (gráf. 194).

As diferenças significativas (Quadro 69) mostram que entre os 11 e os 13 anos estes rapazes tendem a escolher cada vez menos a mãe como modelo de identificação, constatando-se aos 13 anos um repúdio da identificação com a mãe.

Aos 14 anos verificamos que esta atitude se inverte sem que no entanto a alteração seja significativa.

Assim, os 13 anos constituem-se como um marco neste evolução não só porque parece existir uma atitude de recusa de identificação com a mãe mas também porque são um momento de viragem após o qual a mãe volta a ser tomada como figura de identificação

X.2.2.3 - Relações Extra-Familiares

X.2.2. 3.1 – Amigos na Escola

Também nesta variável se verifica, embora sem diferenças significativas entre grupos etários, que os rapazes do estrato 2 da nossa amostra evoluem

através de um movimento descendente de médias (4,46 aos 11 anos, 4,07 aos 12 anos, 4,21 aos 13 anos e 4,37 aos 14 anos) a que se segue um movimento ascendente (gráf. 195).

Gráfico 195

Entre os 11 e os 12 anos parece existir uma tendência para uma diminuição da sociabilidade com coetários. Os 12 anos constituem-se como um momento de viragem a partir do qual a sociabilidade inter-pares tende a aumentar.

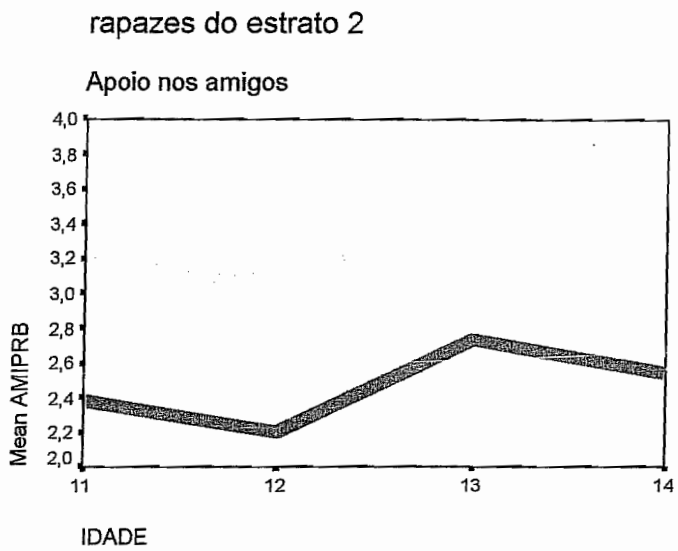
Todavia, não existindo diferenças significativas podemos apenas considerar estes movimentos como tendenciais.

X.2.2. 3. 2 - Apoio nos Amigos

Nesta variável também não encontrámos diferenças significativas. Todavia estes rapazes desenvolvem-se através de um movimento oscilatório (gráf. 184). Há uma tendência decrescente até aos 12 anos, uma tendência

crescente entre os 12 e os 13 anos e uma nova tendência decrescente entre os 13 e os 14 anos.

Gráfico 196



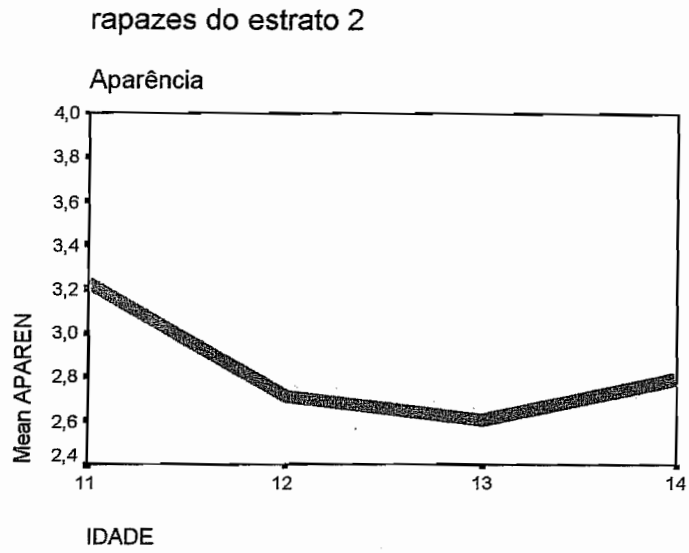
É evidente que no fim deste período de desenvolvimento, os rapazes de 14 anos têm médias mais elevadas do que os de 11 anos e que portanto o saldo é positivo. Ou seja: os rapazes de 14 anos apoiam-se mais nos amigos do que os de 11 anos. Mas não podemos saber se o movimento decrescente se manterá para além deste período.

Podemos no entanto concluir que o momento em que estes rapazes menos recorrem aos amigos como figuras de suporte é o dos 12 anos e que o momento em que mais recorrem aos amigos é o dos 13 anos.

X.2.2. 3. 3 - Aparência

Estes rapazes têm relativamente a esta variável uma evolução através de um movimento decrescente até aos 13 anos (gráf. 197) ao qual se segue uma tendência crescente.

Gráfico 197



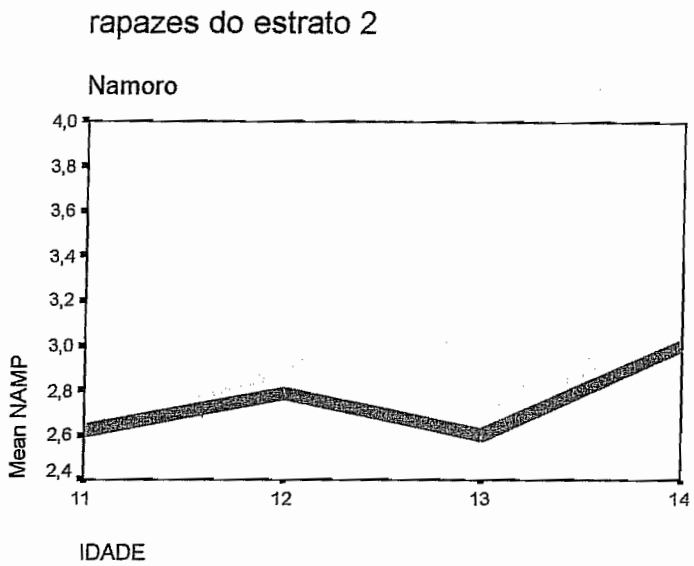
Não há quaisquer diferenças significativas entre grupos etários mas torna-se evidente que são os rapazes de 11 anos que mais se interessam pela aparência e os de 13 anos que menos se interessam pela aparência.

Os 13 anos constituem-se como o ponto de viragem a partir do qual o interesse pela aparência tende a aumentar novamente.

X.2.2. 3. 4 - Namoro

Nesta variável também não encontrámos diferenças significativas entre médias de grupos etários (2,62 aos 11 anos, 2,79 aos 12 anos, 2,60 aos 13 anos e 3,00 aos 14 anos). Podemos apenas constatar tendências que se manifestam através de movimentos alternadamente crescentes e decrescentes (gráf. 198).

Gráfico 198



O saldo final é o de um acréscimo mas o ponto mais baixo deste desenvolvimento é o dos 13 anos e o ponto mais alto o dos 14 anos.

X.2.2. 4 – O Corpo

X.2.2. 4. 1 - Satisfação com as Mudanças Corporais

A evolução nesta variável revela-se oscilante (gráf. 199). De um modo geral estes rapazes manifestam-se satisfeitos com as mudanças corporais, dadas as médias (2,46 aos 11 anos, 2,73 aos 12 anos, 2,47 aos 13 anos e 2,75 aos 14 anos).

Não há diferenças significativas entre grupos etários e de resto, embora os rapazes de 14 anos sejam os que manifestam mais satisfação, as médias dos 11 e 13 anos assemelham-se bastante e diferem das médias dos 12 e dos 14 anos, por sua vez semelhantes entre si.

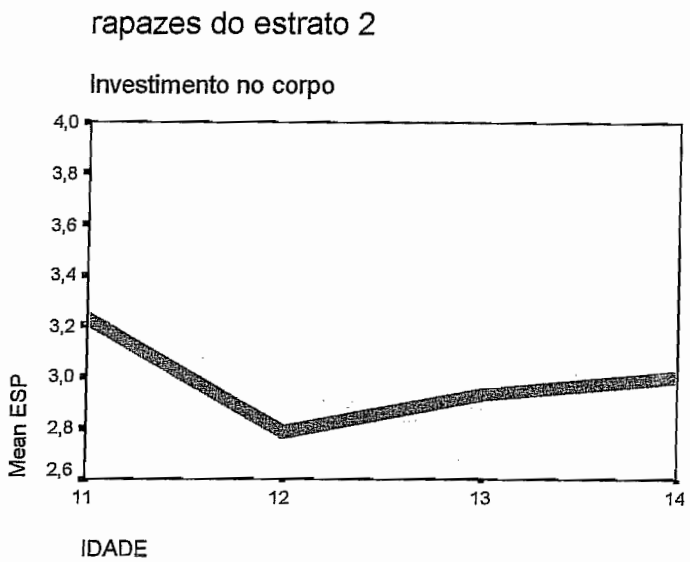
Gráfico 199

Havendo portanto movimentos complementares que se anulam reciprocamente não podemos dizer que esta evolução se traduza numa grande alteração. Podemos apenas dar conta de momentos de maior satisfação aos 12 e 14 anos e de momentos de menor satisfação aos 11 e 13 anos. A característica fundamental será então a da instabilidade.

X.2.2. 4. 2 - Investimento no Corpo

Não há nesta variável diferenças significativas entre grupos etários. Observa-se uma evolução através de um movimento decrescente entre os 11 e os 12 anos seguido de um movimento ligeiramente crescente entre os 12 e os 14 anos (3,23 aos 11 anos, 2,79 aos 12 anos, 2,93 aos 13 anos e 3,00 aos 14 anos) (gráf. 200). Daqui resulta que os 11 anos são o momento deste desenvolvimento em que estes jovens mais investem no corpo, sendo os 12 anos o momento em que menos investem no corpo.

Gráfico 200



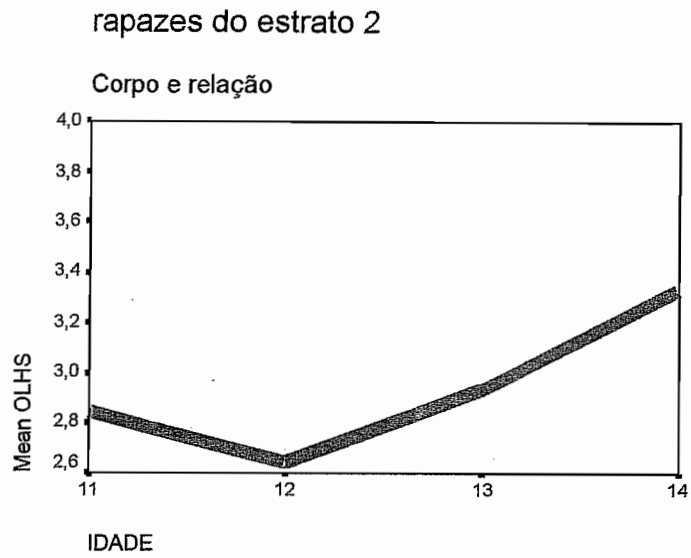
Os 12 anos constituem-se assim como o ponto de viragem após o qual o investimento no corpo entra em crescendo.

X.2.2. 4. 3 - Corpo e Relação

Na evolução desta variável observa-se um movimento descendente das médias (2,85 aos 11 anos, 2,64 aos 12 anos, 2,93 aos 13 anos e 3,33 aos 14 anos) entre os 11 e os 12 anos que se constituem como um ponto de viragem e o momento em que o corpo se torna mais incómodo na relação com os outros (gráf. 201).

Depois dos 12 anos o corpo deixa de constituir um óbice. Mas estes rapazes não mostram grandes variações dado que não há diferenças significativas. Não pode portanto dizer-se que o corpo se constitua como um elemento muito perturbador na relação com os outros.

Gráfico 201



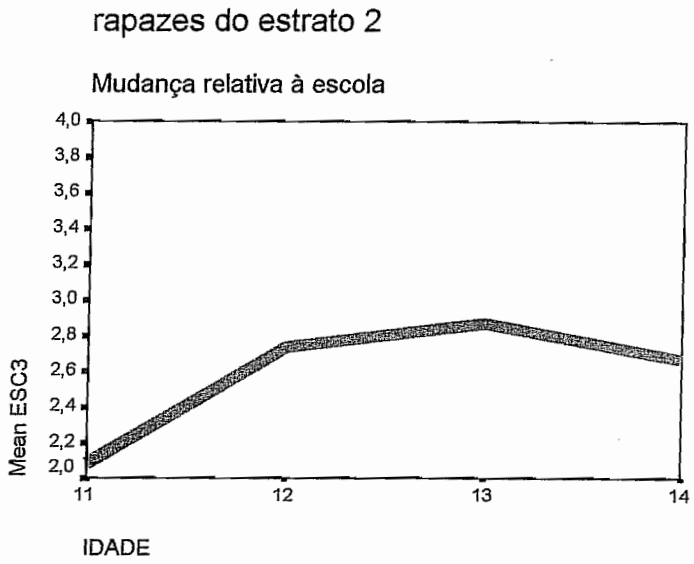
X.2.2. 5 - Percepção da Mudança

X.2.2. 5. 1 – Mudança Relativa à Escola

A percepção da mudança de atitude relativamente à escola, entre os rapazes do estrato 2 da nossa amostra, evolui através de um movimento crescente entre os 11 e os 13 anos (2,08 aos 11 anos, 2,73 aos 12 anos, 2,87 aos 13 anos e 2,67 aos 14 anos) para depois entrar num movimento decrescente (gráf. 202).

Não há diferenças significativas entre grupos etários e portanto só podemos concluir pela existência de uma tendência crescente a reconhecer mudanças entre os 11 e os 13 anos. Constatamos ainda que os rapazes de 14 anos tendem a ter uma menor percepção de mudanças na sua atitude face à escola do que os seus pares de 13 e até de 12 anos.

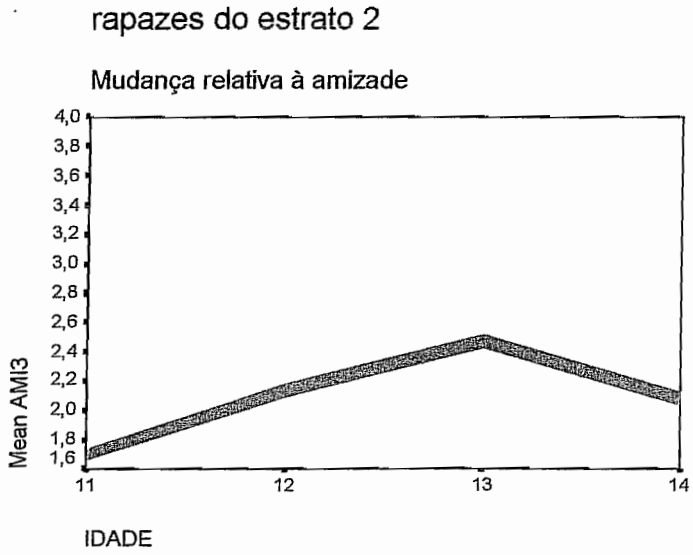
Gráfico 202



X.2.2. 5. 2 – Mudança Relativa à Amizade

A evolução no que se refere à amizade (gráf. 203) segue de perto a da variável anterior. Também não há diferenças significativas entre grupos etários.

Gráfico 203

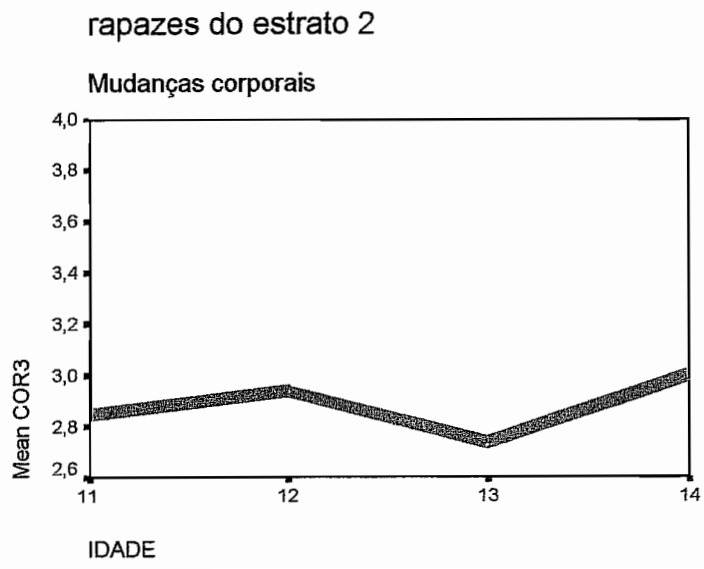


Há portanto apenas a tendência para uma crescente percepção de mudança face à amizade até aos 13 anos que se constituem como o momento de mais aguda percepção da mudança. Este é também o momento de viragem a partir do qual a percepção da mudança de atitude face à amizade decresce.

X.2.2. 5. 3 – Mudança Corporal

Relativamente a esta variável também não encontrámos diferenças significativas. A percepção de mudança relativamente ao corpo descreve um movimento oscilatório (gráf. 204). Os rapazes de 14 anos são os que têm uma maior percepção das mudanças corporais (2,85 aos 11 anos, 2,93 aos 12 anos, 2,73 aos 13 anos e 3,00 aos 14 anos) mas os de 13 anos são os que têm uma menor percepção.

Gráfico 204



X.2.2. 6. Conclusão

Entre os rapazes do estrato 2 da nossa amostra, há poucas diferenças significativas entre grupos etários. Elas estão presentes apenas em duas das áreas de desenvolvimento consideradas: no investimento escolar (em ambas as variáveis) e na posição relativamente às figuras parentais (no apoio e na identificação). Em todas as outras áreas não há movimentos muito acentuados.

No que se refere ao investimento escolar constatámos um decréscimo logo a partir dos 11 anos.

A posição relativamente às figuras parentais permite-nos constatar que estes jovens se mantêm muito próximos dos pais mas que é aos 12 anos que consideram ter uma relação de melhor qualidade com ambas as figuras e aos 14 anos que a consideram de pior qualidade. Mantêm a procura de apoio nos pais durante um período alargado correspondente aos 11-12 anos o que depois tende a diminuir mais rapidamente para a mãe do que para o pai. Relativamente à identificação com ambos, encontrámos três períodos: aos 11 anos há uma forte identificação, aos 13 uma tendência a recusar a identificação com pai e mãe e aos 14 anos um aumento da identificação. Todavia, enquanto o reforço de identificação com o pai aos 14 anos, coincide com uma percepção de que a relação é mais fraca, o reforço de identificação com a mãe coincide com uma relação mais forte do que a dos rapazinhos de 11 anos.

Este desenvolvimento parece portanto problemático uma vez que quer a relação com a mãe quer a relação de apoio em ambos mantêm durante muito tempo uma grande intensidade.

Como seria de esperar estes rapazes também não parecem abraçar com grande entusiasmo as relações extra-familiares em cujas variáveis, como referimos não encontrámos qualquer diferença significativa. Podemos apenas referir que os 12 anos são o momento de menor sociabilidade e de menor procura de apoio nos amigos e que os 13 anos são o momento em que estes jovens menos se interessam pela aparência ou pelo namoro. Há depois mudanças que se traduzem num pequeno aumento da sociabilidade, numa bastante mas efémera procura de apoio nos amigos aos 13 anos e particularmente num maior interesse pelo namoro aos 14 anos. Todavia, esta evolução parece pouco consistente.

Também no que se refere ao corpo não há grandes mudanças. Estes rapazes oscilam quanto à satisfação com as mudanças corporais e aos 12 anos demarca-se um momento em que o investimento no corpo assim como o seu papel na relação com os outros parece colorido de algum desagrado o que depois tende a mudar. Contudo não podemos dizer que haja manifestação de grande desagrado centrado no corpo.

A percepção de mudança que nunca atinge valores significativos tem aos 13 anos o seu ponto mais alto mas apenas para a escola e a amizade. Quanto às mudanças corporais são exactamente os rapazes de 13 anos que percepcionam menores mudanças mas ao contrário do que acontece com as outras variáveis é aos 14 anos que estes rapazes consideram ter mudado mais fisicamente.

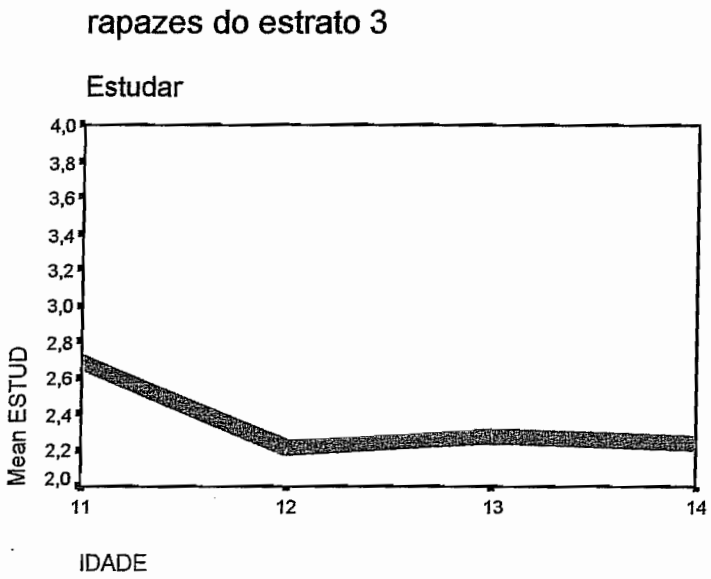
X.2.3 - Rapazes do estrato 3

X.2.3. 1 - Investimento Escolar

X.2.3. 1. 1 - Estudo

Entre os rapazes do estrato 3 da nossa amostra observa-se uma rápida descida do interesse pelo estudo entre os 11 e os 12 anos (gráf. 205).

Gráfico 205

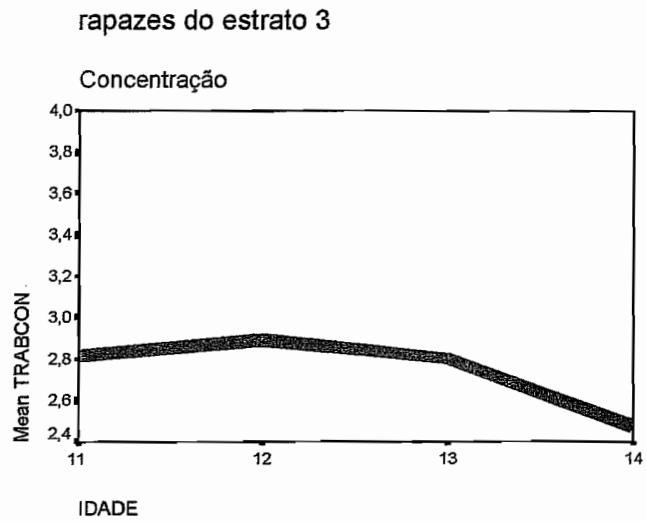


Depois disso, durante todo este período, o baixo investimento no estudo mantém-se quase sem alteração. Mas não encontrámos quaisquer diferenças significativas entre grupos etários.

X.2.3. 1. 2 - Concentração

Também nesta variável não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários. Constatamos contudo uma ligeira subida entre os 11 e os 12 anos (gráf. 206) que são o momento de maior facilidade de concentração.

Gráfico 206



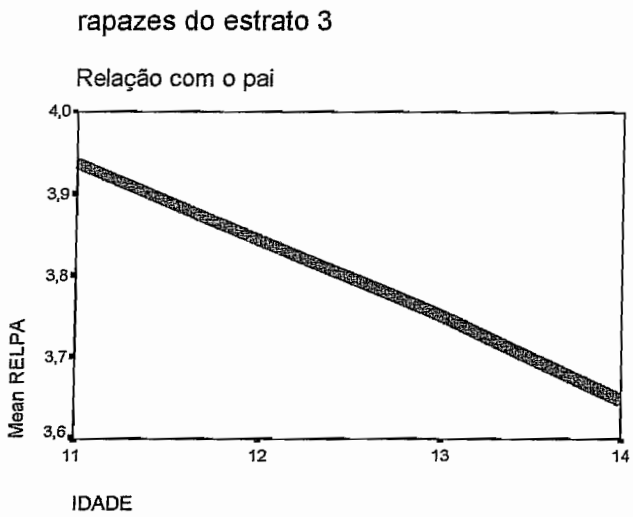
Depois dos 12 anos há um movimento decrescente sendo os 14 anos o momento de maior dificuldade de concentração.

X.2.3. 2 - Posição Relativa às Figuras Parentais

X.2.3. 2. 1 - Relação com o Pai

Observa-se contudo um movimento decrescente nesta variável (gráf. 207). Entre estes rapazes a percepção acerca da qualidade da relação com o pai não se altera muito dado que não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários.

Gráfico 207



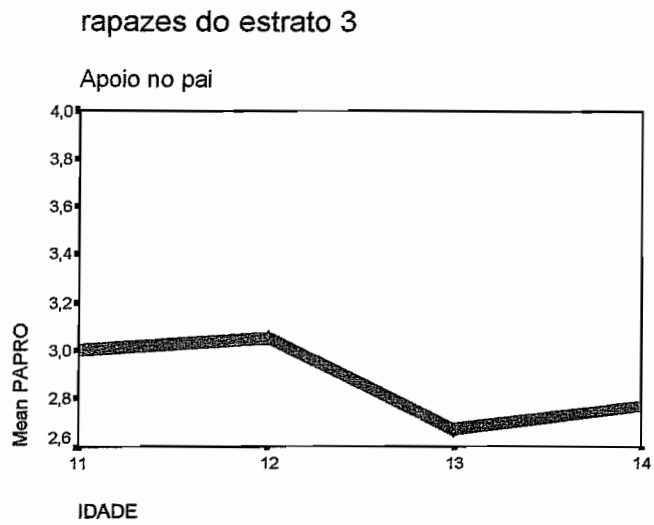
Existe portanto uma tendência progressiva para percepcionar a relação com o pai como menos positiva. Assim, é aos 11 anos que a relação com o pai é vista como mais positiva e aos 14 anos que ela é vista como menos positiva.

X.2.3. 2. 2 - Apoio no Pai

Também não há diferenças significativas nesta variável. Os dados apontam portanto apenas para tendências. Entre os 11 e os 12 anos (gráf. 208) aumenta ligeiramente a tendência a ver no pai uma figura de suporte para a resolução de problemas pessoais.

São portanto os rapazes de 12 anos que mais procuram apoio no pai. Entre os 12 e os 13 anos esta atitude muda, sendo os rapazes de 13 anos os que menos procuram a ajuda do pai para resolver problemas pessoais.

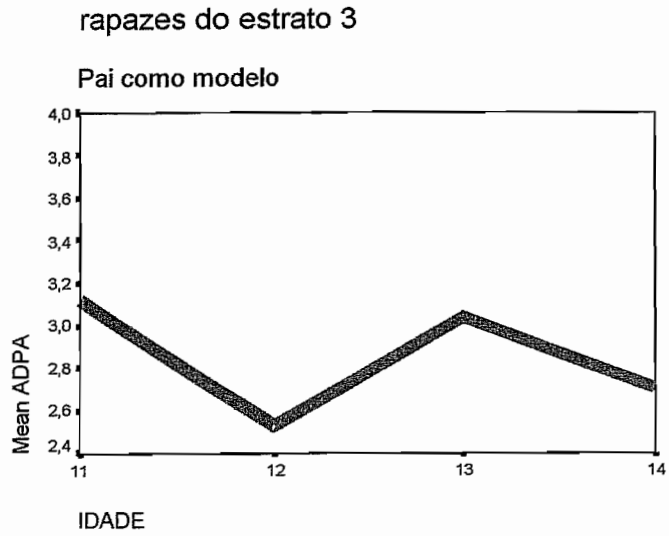
Gráfico 208



Depois desta idade começa a desenvolver-se novamente a tendência a procurar apoio no pai embora não sejam atingidas as médias dos mais jovens.

X.2.3. 2. 3 - Pai como Modelo

Gráfico 209



Sem diferenças significativas entre grupos etários, a evolução desta variável é oscilante (gráf. 209).

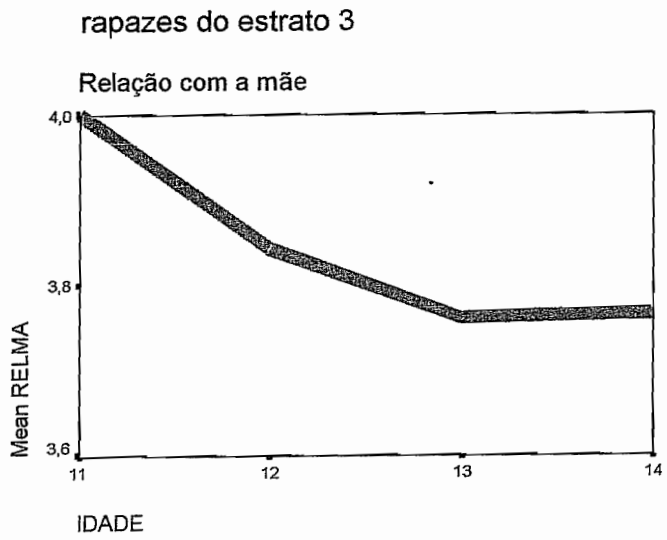
Os rapazes de 11 e 13 anos tendem a ver no pai um modelo de identificação adulto enquanto os de 12 e 14 anos tendem a não o considerar um modelo de identificação.

São os rapazes de 12 anos que menos vêem no pai um modelo de identificação dentro deste período de desenvolvimento.

X.2.3. 2. 4 - Relação com a Mãe

A relação com a mãe entre os rapazes do estrato 3 da nossa amostra, é percebida como muito positiva mas tende a alterar-se significativamente (Quadro 210).

Gráfico 210



Quadro 70
Rapazes do estrato 3 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*16*	*24,00*	*0,04*
13	*25*	*19,08*	
11	*16*	*19,00*	*0,04*
14	*17*	*15,12*	

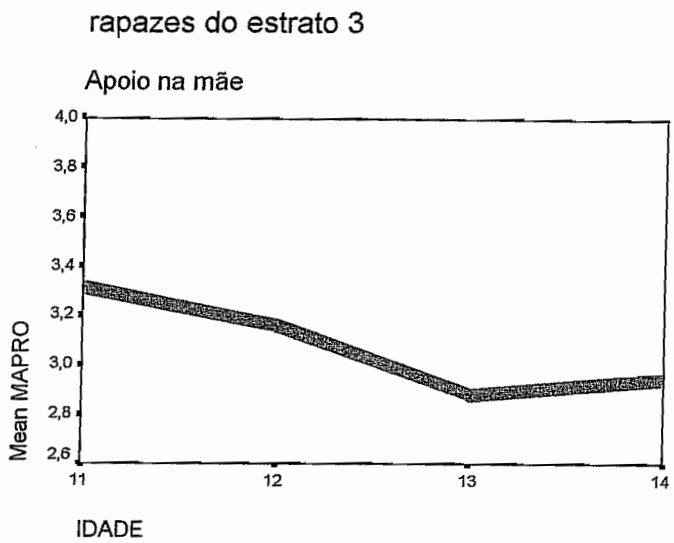
É de notar que aos 11 anos a pontuação média corresponde à pontuação máxima permitida pela escala. Os rapazinhos de 11 anos tendem portanto a idealizar esta relação. A mudança começa no entanto a observar-se logo após os 11 anos (gráf. 47) como pode observar-se pela curva decrescente até aos 13 anos. Depois dos 13 anos há uma estabilização da percepção da relação com a mãe.

As mudanças dão-se portanto até aos 13 anos. Assim, o ponto mais alto desta relação coincide com os 11 anos e o mais baixo com os 13-14 anos. É de notar, no entanto, que ao longo de todo este período, a relação com a mãe é sempre vista como positiva.

X.2.3. 2. 5 - Apoio na Mãe

Nesta variável não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários. A tendência observada é a de um decréscimo das médias até aos 13 anos, momento de viragem após o qual se verifica uma nova subida (gráf. 211). Assim, os rapazes de 11 anos são os que mais procuram a mãe como suporte para a resolução de problemas pessoais e os de 13 anos são os que menos se apoiam na mãe. Os 13 anos constituem-se como um momento de viragem após o qual existe uma recuperação, embora ligeira.

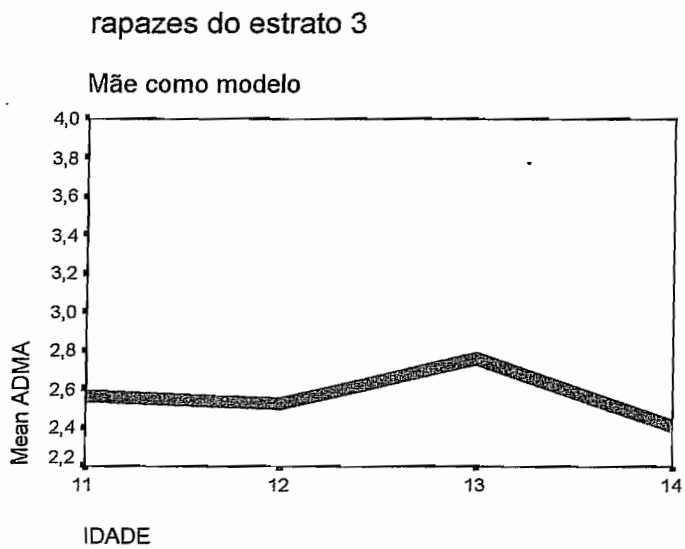
Gráfico 211



X.2.3. 2. 6 - Mãe como Modelo

A evolução observada manifesta-se através de uma quase igualdade de médias aos 11-12 anos que parecem constituir um único grupo (gráf. 212).

Gráfico 212



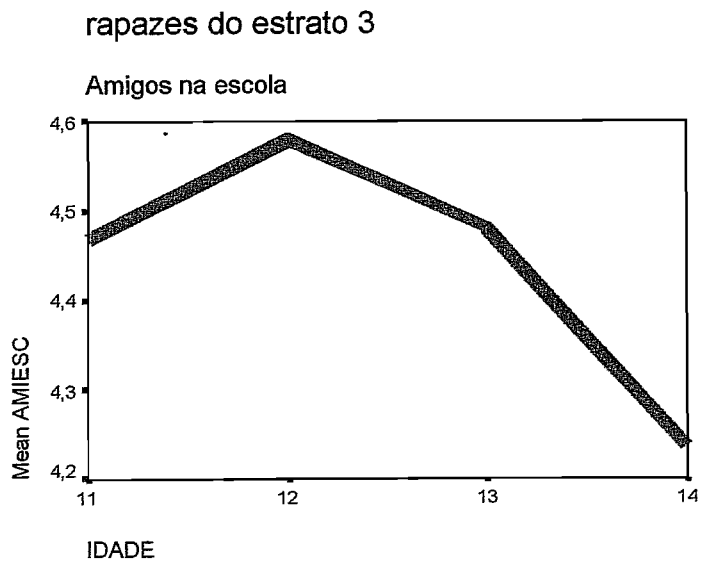
Aos 13 anos existe uma maior tendência a tomar a mãe como modelo de identificação adulto mas logo depois há um decréscimo de médias que mostra, aos 14 anos uma tendência a recusar a identificação com a mãe. Nesta variável, entre os rapazes do estrato 3 da nossa amostra, não há diferenças significativas entre grupos etários.

X.2.3. 3 - Relações Extra-Familiares

X.2.3. 3. 1 – Amigos na Escola

Não há nesta variável diferenças significativas entre grupos etários. A evolução observada (gráf. 213) mostra que os 12 anos são o período de maior sociabilidade.

Gráfico 213

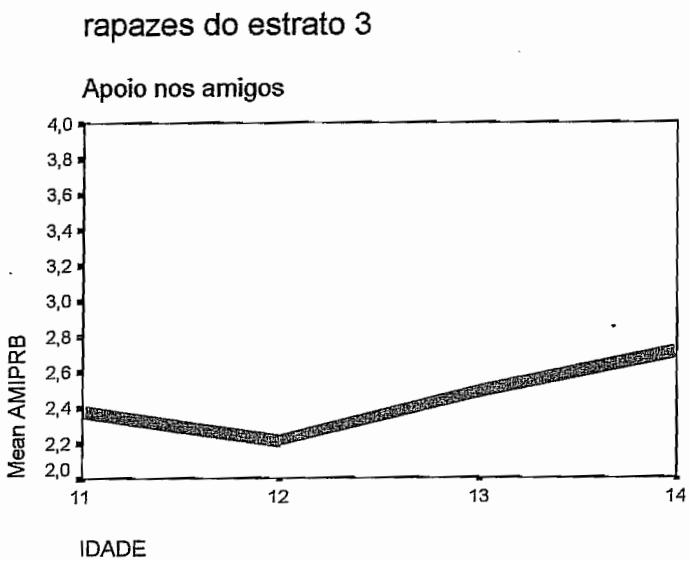


Depois dos 12 anos há um novo decréscimo sugerindo uma diminuição de sociabilidade. Assim, os 12 anos surgem como um período específico no que respeita à abertura a coetários que depois perdem importância sendo os 14 anos o momento de menor sociabilidade dentro deste período de desenvolvimento.

X.2.3. 3. 2 - Apoio nos Amigos

Entre os rapazes do estrato 3 da nossa amostra observa-se nesta variável uma evolução através de um movimento decrescente entre os 11 e os 12 anos, ao qual se segue um movimento crescente a acompanhar a subida da idade (gráf. 214).

Gráfico 214



Quadro 71

Rapazes do estrato3 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
12	*19*	*15,42*	*0,05*
14	*17*	*21,94*	

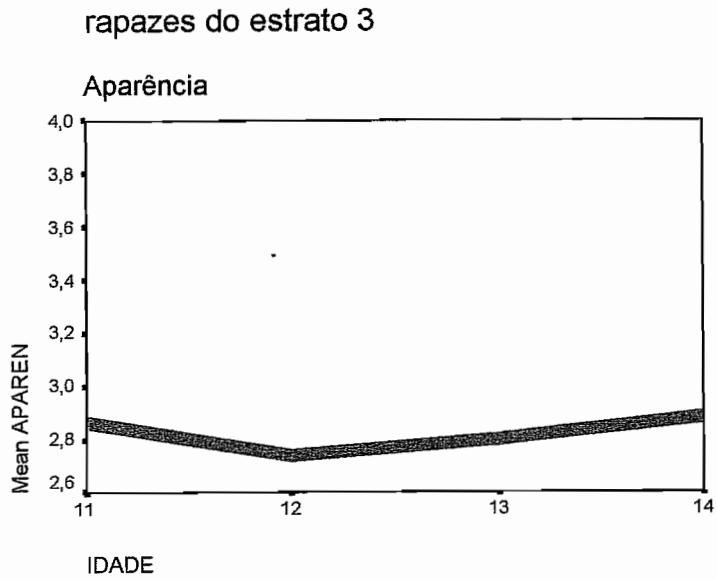
A diferença entre as médias dos 12 e dos 14 anos mostrou-se significativa (Quadro 19) permitindo concluir que a partir dos 12 anos estes rapazes tendem cada vez mais a apoiar-se nos amigos como suporte para a resolução de problemas pessoais.

Aos 11 anos a média é mais elevada do que aos 12 anos, todavia os problemas a que se referem os rapazinhos de 11 anos serão certamente diferentes dos dos mais velhos.

X.2.3. 3. 3 - Aparência

A curva observada desta variável mostra (gráf. 215) uma variação diminuta. Também não existem diferenças significativas entre grupos etários nesta variável.

Gráfico 215

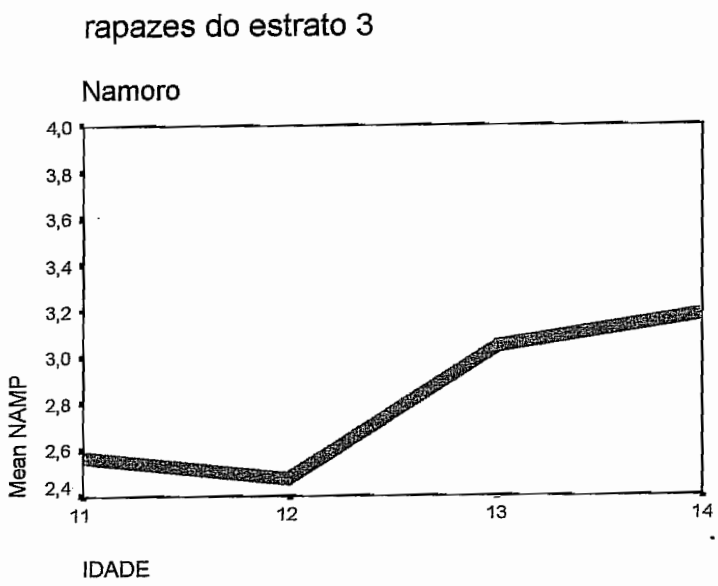


A evolução dá conta de um decréscimo de interesse pela aparência aos 12 anos e de uma nova subida do interesse até aos 14 anos. Mas as médias dos 11 e dos 14 anos são muito semelhantes e portanto parece que os 12 anos são um período de insatisfação com o corpo.

X.2.3. 3. 4 - Namoro

Observa-se nesta variável, que os 11 12 anos se constituem como um grupo relativamente homogéneo (gráf. 216).

Gráfico 216



Quadro 72

Rapazes do estrato3 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
12	*19*	*17,92*	*0,03*
13	*25*	*25,98*	
12	*19*	*14,29*	*0,004*
14	*17*	*23,21*	

A partir dos 12 anos, há um movimento crescente a acompanhar a subida da idade. As diferenças significativas (Quadro 72) mostram que as mudanças são relativamente rápidas entre os 12 e os 13 anos.

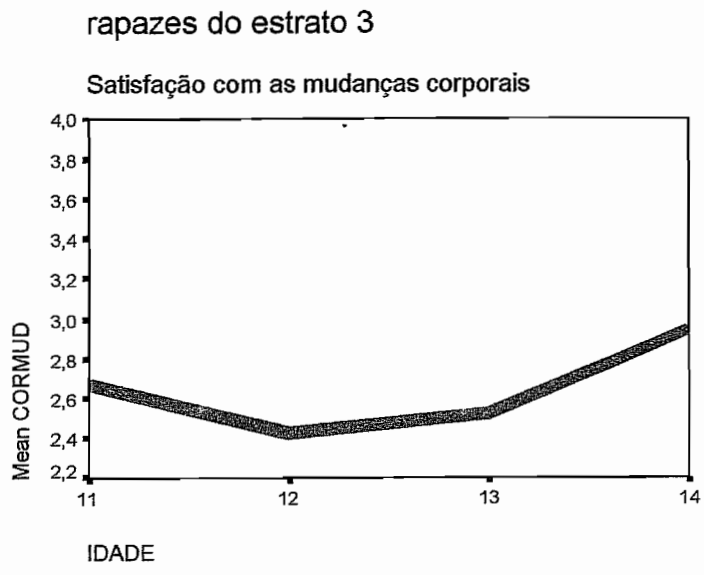
Concluímos portanto que os 12 anos são o ponto de viragem a partir do qual o interesse crescente pelo namoro conduz a uma exploração cada vez mais activa.

X.2.3. 4 – O Corpo

X.2.3. 4. 1 - Satisfação com as Mudanças Corporais

Os rapazes do estrato 3 da nossa amostra mostram nesta variável uma evolução através de uma curva decrescente até aos 12 anos, à qual se segue um movimento crescente até ao fim deste período (gráf. 217).

Gráfico 217



Quadro 73
Rapazes do estrato3 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
12	*19*	*15,76*	*0,02*
14	*17*	*21,56*	
13	*25*	*19,20*	*0,04*
14	*17*	*24,88*	

São significativas as diferenças entre as médias dos 12 anos e as dos outros grupos etários (Quadro 73).

Assim, o período de menor satisfação é o dos 12 anos que se constituem como o ponto de viragem a partir do qual as mudanças corporais são motivo de satisfação crescente.

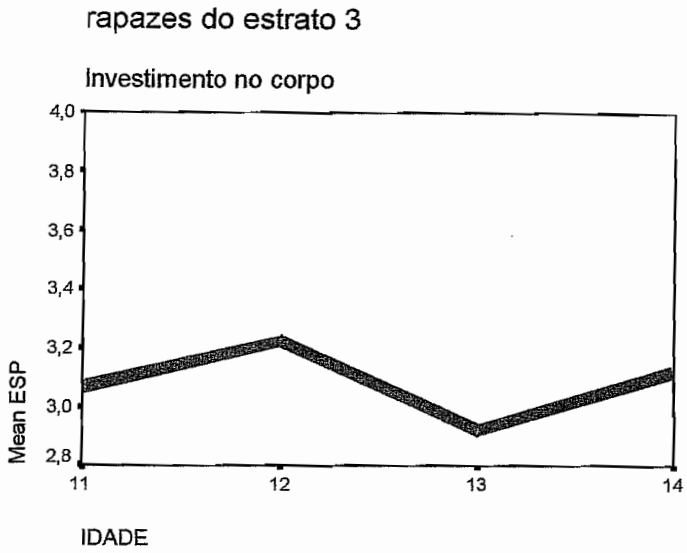
É portanto aos 12 anos que parecem começar a fazer-se sentir as mudanças que são fonte de desagrado provavelmente por serem incipientes. Depois desta idade, à medida que as mudanças vão aumentando também vai aumentando a acomodação a essas mudanças e a satisfação relativamente a elas.

X.2.3. 4. 2 - Investimento no Corpo

Nesta variável os rapazes do estrato 3 da nossa amostra não apresentam alterações significativas. Apesar das oscilações as variações são pequenas mas evidencia-se que o corpo parece bastante investido (gráf. 218).

A altura de menor investimento é a dos 13 anos e a de maior investimento a dos 14 anos. Todavia não há, sublinhemos, diferenças significativas entre grupos etários. Além disso as oscilações sugerem a existência de dois momentos de menor investimento – os 11 e os 13 anos – e dois momentos de maior investimento – os 12 e os 14 anos.

Gráfico 218



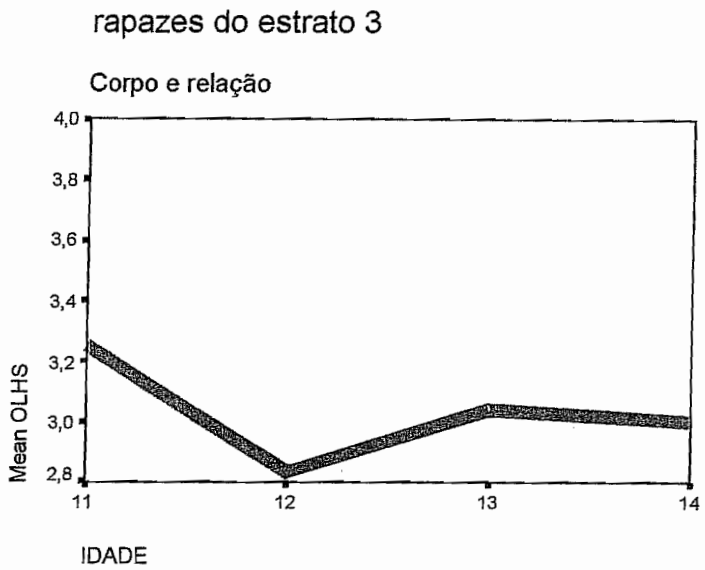
Estas oscilações relacionar-se-ão provavelmente com a dificuldade de integrar as mudanças numa nova imagem corporal.

X.2.3. 4. 3 - Corpo e Relação

Também não encontrámos, nesta variável, diferenças significativas entre grupos etários para os rapazes do estrato 3 da nossa amostra. O corpo como elemento da relação com os outros não parece alterar muito o seu papel.

Todavia há algumas alterações nas quais os 12 anos mais uma vez parecem constituir um momento de viragem (gráf. 219) e o momento em que o corpo pode tender a ser um óbice na relação com os outros.

Gráfico 219



Sublinhemos que entre os rapazes de 11 anos o corpo é na relação com os outros sobretudo fonte de satisfação mas que após os 12 anos essa satisfação cresce apenas até aos 13 anos e é mais moderada.

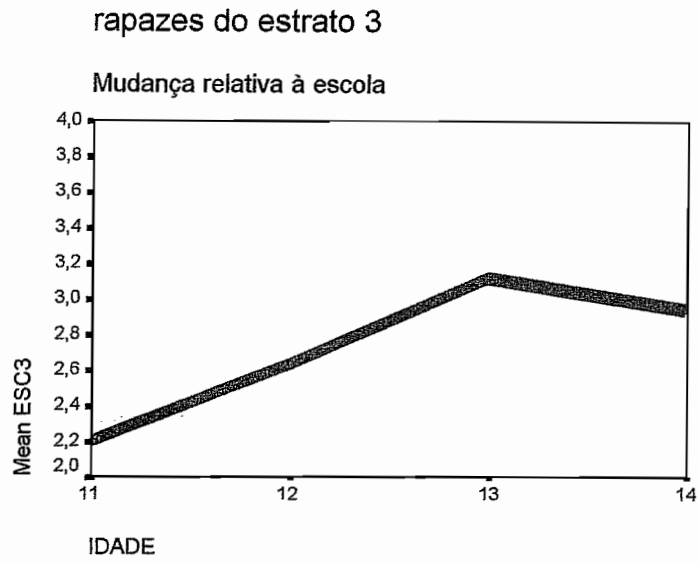
X.2.3.5 - Percepção da Mudança

X.2.3. 5. 1 – Mudança Relativa à Escola

Os rapazes do estrato 3 da nossa amostra evoluem segundo uma curva crescente até aos 13 anos, à qual se segue um movimento decrescente (gráf. 220).

De acordo com as diferenças significativas (Quadro 74) há um crescendo de percepção de mudança entre os 11 e os 13 anos, ponto culminante da percepção de uma mudança de atitude face à escola.

Gráfico 220



Quadro 74
Rapazes do estrato3 (Mann-Whitney)

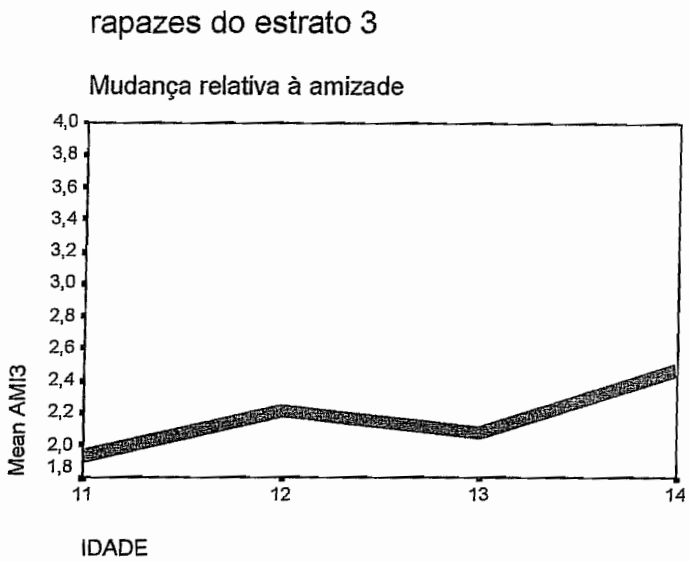
Idades	***N***	***Média das ordens***	***p***
11	*15*	*15,30*	*0,02*
13	*25*	*23,62*	

Depois dos 13 anos a percepção de mudança tende a diminuir embora sem diferenças significativas.

X.2.3. 5. 2 – Mudança Relativa à Amizade

Os rapazes do estrato 3 da nossa amostra têm uma percepção de mudança baixa em relação à amizade. Contudo, as oscilações que se observam (gráf. 221) sendo ligeiras, vão no sentido de um aumento da percepção de mudança. É aos 11 anos que existe uma menor percepção de mudança e aos 14 que existe uma maior percepção de mudança.

Gráfico 221

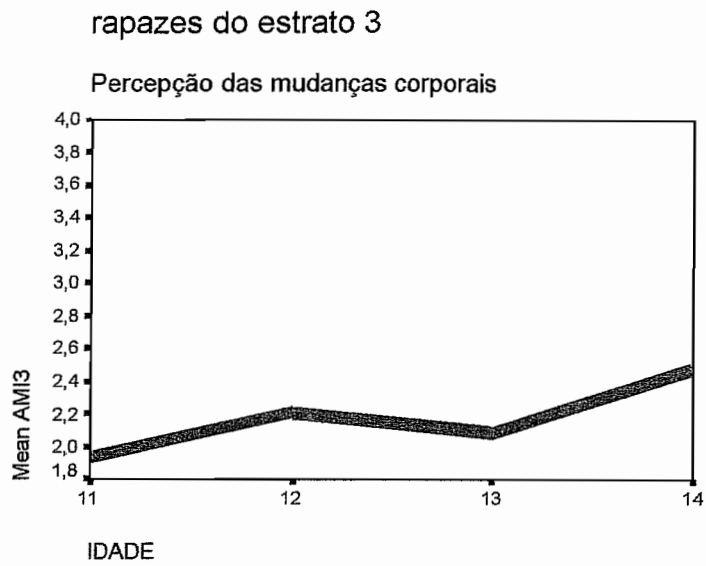


Mas a percepção de mudança é mais elevada aos 12 anos do que aos 13 anos o que parece paradoxal por contrariar a lógica do desenvolvimento. É possível que os rapazes de 12 anos constatem mudanças recentes dizendo respeito sobretudo a aspectos comportamentais e que isto não se relacione com uma capacidade de análise de aspectos da realidade psicológica que só se desenvolverão mais tarde. Provavelmente aos 13 anos esta capacidade de análise ainda se não desenvolveu e os rapazes não darão conta de mais diferenças que não as de natureza comportamental que terão ocorrido mais cedo. Provavelmente só pelos 14 anos estes rapazes se referem a mudanças de atitude psicológica.

X.2.3. 5. 3 - Mudança Corporal

A percepção da mudança corporal aumenta com a subida da idade (gráf. 222) mas particularmente entre os 13 e os 14 anos (Quadro 75) como pode constatar-se através das diferenças significativas.

Gráfico 222



Quadro 75
Rapazes do estrato3 (Mann-Whitney)

Idades	***N***	***Média das ordens***	***p***
11	*16*	*12,47*	*0,005*
14	*17*	*21,26*	
12	*19*	*14,34*	*0,007*
14	*17*	*23,15*	
13	*25*	*18,20*	*0,02*
14	*17*	*26,35*	

Este crescendo para além de estar de acordo com a lógica desenvolvimental, reflecte uma percepção mais acentuada entre os 13 e os 14 anos. Isto dever-se-à provavelmente a duas ordens de factores: por um lado, é mais facilmente constatável a mudança quando ela se torna mais evidente; por outro lado os rapazes mais velhos estarão mais satisfeitos com a mudança que já os assemelha a adultos o que trará algumas vantagens na relação com os companheiros do mesmo sexo e com o sexo feminino.

X.2.3. 6 - Conclusão

Entre os rapazes do estrato 3 da nossa amostra constatámos mudanças com valor de significância na posição relativa à mãe (apenas na relação com a mãe), nas relações extra-familiares (no apoio nos amigos e na exploração do namoro), no corpo (na satisfação com as mudanças corporais) e na percepção de mudança (relativamente à escola e ao corpo). Nestas áreas há portanto uma minoria de mudanças significativas. Além disso, não há mudanças significativas no que se refere ao investimento escolar. Quanto ao investimento escolar observa-se que a partir dos 12 anos começa a existir um desinteresse pela aprendizagem escolar ainda que a capacidade de concentração só comece a revelar-se baixa a partir dos 13 anos mas sem diferenças significativas.

Relativamente às figuras parentais há diferenças entre o pai e a mãe de que trataremos mais adiante. Todavia pudemos demarcar no que se refere ao pai quatro momentos. Pelos 11 anos um primeiro momento em que a relação é vista como muito boa, em que é procurado o apoio no pai e em que a identificação é intensa, configurando uma atitude idealizante. Pelos 12 anos estes rapazes parecem entrar num segundo momento em que a relação, sendo ainda muito boa, não atinge o valor médio dos 11 anos, a procura de apoio no pai é muito intensa mas existe uma tendência para recusar a identificação com ele. Um terceiro momento aos 13 anos, em que tendo a relação piorado, estes rapazes tendem a recusar o apoio do pai mas identificam-se intensamente com ele. No quarto momento, aos 14 anos, a relação torna-se a mais distante deste período, o pai parece recuperar um pouco o seu papel de figura de apoio mas existe uma nova tendência para a recusa da identificação.

Relativamente à mãe pudemos assinalar três momentos: o dos 11 anos caracterizado por uma relação vista como muito boa, uma procura de apoio intensa mas uma fraca identificação; o dos 13 anos com uma relação percebida como menos boa, uma recusa do apoio materno mas uma intensa identificação e finalmente o dos 14 anos com a relação mais distante de todo este período, alguma recuperação do apoio na mãe mas rejeição da identificação com ela.

Há portanto aos 13 anos um distanciamento e uma tendência reforçada à identificação com ambas as figuras parentais assim como há um distanciamento e uma recusa da identificação com ambos aos 14 anos.

Nas relações extra-familiares pudémos assinalar dois momentos importantes: aos 12 anos constatámos um pico de sociabilidade que no entanto não significa que estes rapazes procurem o apoio dos amigos, se preocupem com a aparência ou explorem o namoro; aos 14 anos a sociabilidade é a mais baixa de sempre mas estes rapazes parecem mais descriminados nas suas relações que servem de apoio além de que a aparência atinge maior importância sendo o namoro mais activamente explorado. Inicia-se portanto aos 14 anos o interesse pela relação amorosa.

Também relativamente ao corpo pudemos assinalar dois momentos importantes: o dos 12 anos em que estes rapazes se mostram menos satisfeitos com as mudanças corporais e vêem o como uma dificuldade nas relações com os outros mas o investem; o dos 14 anos em que existe grande satisfação com as mudanças e grande investimento no corpo que deixou de ser sentido como incómodo na relação com os outros.

Quanto à percepção de mudança verificámos que se aos 13 anos se observa a mais aguda percepção de mudança relativamente à escola, só aos 14 anos

existe uma percepção de mudança aguda relativamente à amizade e ao corpo.

X.2.4 - Comparação entre Estratos nos Rapazes

X.2.4. 1 - Investimento Escolar

Em qualquer das variáveis respeitantes ao investimento escolar só encontrámos diferenças significativas aos 12 anos (Quadro 76). Em ambos os casos são os jovens do estrato 1 que apresentam uma média mais elevada. Todavia é necessário perspectivar estas diferenças na linha desenvolvimental de cada estrato. Em qualquer dos estrato existe um ponto mais alto que traduzirá um mais elevado investimento escolar e a partir dele um decréscimo. Ora, enquanto no estrato 1 o ponto mais alto do investimento escolar é aos 12 anos, nos outros dois estratos é aos 11 anos. Posteriormente, como referimos, observa-se um decréscimo em qualquer dos estratos e como podemos verificar, subsequentemente não há grandes diferenças entre estratos.

Quadro 76

Comparação entre estratos nos rapazes (Mann-Whitney)

Variáveis	***Estratos***	***Idade***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Estudar	*1*	*12*	*14*	*18,14*	*0,04*
	2		*15*	*12,07*	
	1	*12*	*14*	*21,71*	*0,01*
	3		*19*	*13,53*	
Concentração	*1*	*12*	*14*	*18,21*	*0,009*
	2		*15*	*12,00*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Isto conduz-nos a duas conclusões. A primeira é a de que durante este período de desenvolvimento, existe uma tendência generalizada para o desinvestimento escolar entre os rapazes. A segunda refere-se ao início dessa tendência que nos estratos 2 e 3 começa mais precocemente do que no estrato 1. Sendo assim, não só o estrato 1 se desenvolveria mais tardiamente do que os outros dois estratos como também, de acordo com as diferenças significativas existiria uma grande semelhança entre os estratos 2 e 3.

X.2.4.2 - Posição Relativa às Figuras Parentais

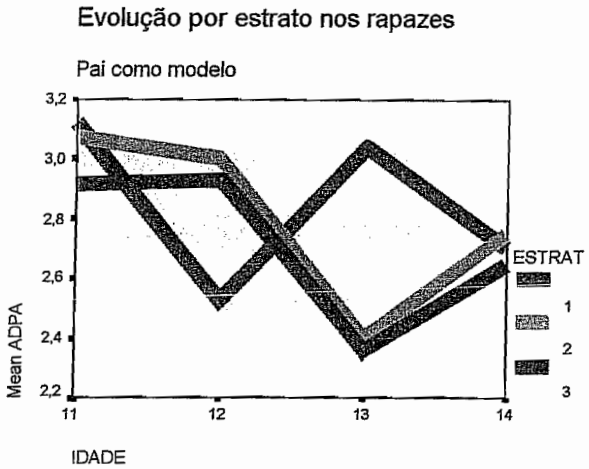
X.2.4. 2. 1 - Posição Relativa ao Pai

Relativamente ao pai verifica-se em todos os estratos, ao longo deste período, uma tendência para que a percepção da relação com esta figura piore, uma tendência para se apoiarem menos no pai e ainda a tendência para se identificarem menos com o pai. Todavia há muitas diferenças entre os estratos, nem todas com valor de significância (Quadro 77). Na verdade só há diferenças significativas no que se refere à identificação com o pai (gráf. 223) aos 13 anos entre os estratos 2 e 3 e entre os estratos 1 e 3. Mas isto deve-se a uma grande semelhança na evolução da identificação com o pai nos estratos 1 e 2, entre os quais não há diferenças significativas e a um traçado evolutivo diferente para o estrato 3.

Nos estratos 1 e 2 o período de entre os 11 e os 12 anos caracteriza-se por uma forte identificação com o pai que depois decresce atingindo o ponto mais baixo aos 13 anos, altura em que nestes estratos os rapazes parecem

tender a recusar identificar-se com o pai. Esta recusa desaparece aos 14 anos com um novo desejo de identificação.

Gráfico 223



Quadro 77

Comparação entre estratos nos rapazes (Mann-Whitney)

Estratos	***Variáveis***	***Idade***	***N***	***Média das ordens***	***p***
1	*Pai como*	*13*	*14*	*14,46*	*0,02*
3	*Modelo*		*25*	*23,10*	
2	*Pai como*	*13*	*15*	*15,27*	*0,03*
3	*Modelo*		*25*	*23,64*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

No estrato 3, pelo contrário, o período de recusa de identificação com o pai, menos acentuado, surge aos 12 anos. Mas aos 13 anos a média desta variável é a mais elevada deste período de desenvolvimento e também a mais elevada de todos os três estratos. Todavia, dos 13 para os 14 anos o desejo de identificação com o pai diminui.

Há portanto em todos os estratos em primeiro lugar, uma altura de forte identificação com o pai que coincide também com a percepção de uma relação muito boa e com a procura de apoio no pai, em segundo lugar, uma

altura de recusa de identificação com o pai coincidente com a percepção de uma boa relação mas também com uma menor procura de apoio no pai, em terceiro lugar, uma nova tendência para identificação com o pai, coincidente com a percepção de uma pior relação e principalmente com a tendência a prescindir do apoio paterno.

Nos estratos 1 e 2 o primeiro momento coincide com os 11 anos (embora no estrato 2 tenda a prolongar-se até aos 12 anos), o segundo momento coincide com os 13 anos, e o terceiro momento coincide com os 14 anos.

No estrato 3 o primeiro momento coincide com os 11 anos, o segundo momento com os 12 anos e o terceiro momento coincide com os 13 anos. Todavia, no estrato 3 deparamo-nos ainda com uma nova tendência a recusar o pai como modelo adulto.

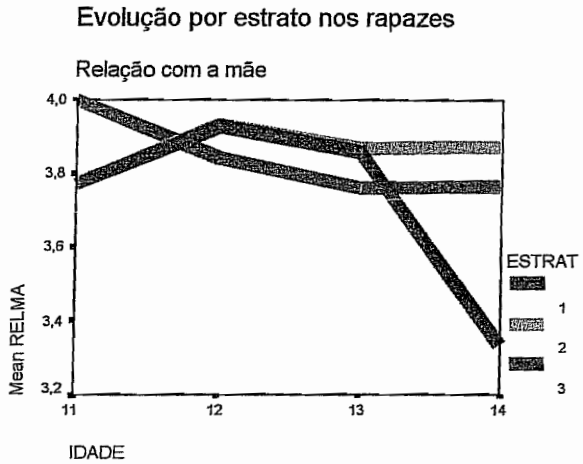
Significa isto que os movimentos de identificação com o pai dentro do processo de organização identitária passam por fases de aproximação e rejeição do modelo paterno para todos os rapazes. Estas fases permitirão movimentos de identificação e de diferenciação alternados em que uma maior identificação não coincide forçosamente com a percepção da relação como muito boa. Além disso, aparentemente o início deste processo é mais precoce para os rapazes do estrato 3 e mais arrastado para os rapazes do estrato 2 provavelmente porque nestes a ligação ao pai mantém uma grande intensidade.

X.4. 2. 2 – Posição Relativa à Mãe

No que se refere à mãe há mais diferenças significativas entre grupos etários embora apenas em duas variáveis (Quadro 78): na relação com a mãe e na

identificação com a mãe. Na relação com a mãe (gráf. 224) a diferença significativa entre os estratos 2 e 3 aos 11 anos mostra que no estrato 3 a relação com a mãe é mais positiva que no 2.

Gráfico 224



A diferença entre os estratos 1 e 2 aos 14 anos mostra que a relação com a mãe é mais positiva no estrato 2, ou antes, que estes rapazes não diminuíram a ligação à mãe.

De facto, só nos rapazes do estrato 2 a relação com a mãe mantém aos 14 anos uma intensidade superior à dos 11 anos. São portanto os rapazes do estrato 2 os que menos se autonomizam da mãe.

Na identificação com a mãe (gráf. 225) há diferenças significativas aos 13 anos entre os estratos 1 e 3 e os estratos 2 e 3 mostrando que no estrato 3, nesta idade, os rapazes se identificam mais com a mãe do que nos outros estratos .

Gráfico 225

Quadro 78

Comparação entre estratos nos rapazes (Mann-Whitney)

Estratos	***Variáveis***	***Idade***	***N***	***Média das ordens***	***p***
1	*Relação*	*14*	*18*	*18,08*	*0,04*
2	*c/ Mãe*		*24*	*24,06*	
	Relação	*11*	*13*	*13,15*	*0,05*
2	*c/ Mãe*		*16*	*16,50*	
	Mãe como	*13*	*14*	*15,54*	*0,05*
3	*Modelo*		*25*	*22,50*	
1	*Mãe como*	*13*	*14*	*15,54*	*0,05*
3	*Modelo*		*25*	*22,50*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

No que se refere ao apoio na mãe a tendência é em todos os estratos para a diminuição e embora a evolução não seja exactamente a mesma para todos nunca chega a haver diferenças significativas entre estratos.

Mas além disso é possível, também para a mãe, assinalar marcos importantes. Há também relativamente à mãe um momento inicial de maior tendência para a identificação, um momento de recusa de identificação e uma nova tendência a tomá-la como modelo de identificação.

No estrato 1 o momento de maior identificação coincide com os 12 anos, o momento de recusa de identificação com os 13 e o momento de retoma da identificação com os 14 anos.

No estrato 2 o momento de maior identificação coincide com os 11 anos, o de recusa da identificação com os 13 e o de retoma da identificação com os 14 anos.

No estrato 3 não assinalamos a fase inicial de investimento e identificação sem reservas. Em contrapartida, aos 11-12 anos, estes rapazes, com uma muito boa relação com a mãe apoiam-se cada vez menos nela e identificam-se pouco com ela. Isto parece corresponder à segunda fase dos estratos 1 e 2. Pelos 13 anos, estes rapazes piorando um pouco a relação com a mãe e rejeitando o apoio nela identificam-se com ela mais do que em qualquer outra altura. Isto seria equivalente à terceira fase do estrato 1. Além disso, posteriormente, estes rapazes voltam a deixar de se identificar com a mãe o que seria provavelmente o início de uma nova fase.

É de notar que uma das razões por que a delimitação das fases no estrato 2 se torna menos clara do que no estrato 1, de acordo com as diferenças significativas, poderá dever-se a uma manutenção neste estrato de uma relação muito estreita que implica dificuldades de autonomização face à mãe. Isso será certamente um factor determinante para o arrastamento da evolução através de períodos intermédios.

X.2.4. 2. 3 – Posição Relativa a Ambos os Pais

Outro elemento importante nesta evolução é o posicionamento relativamente a cada uma das figuras parentais que terá implicações no modo como se configura a identidade.

Ora no estrato 1, não tendo encontrado diferenças significativas entre as variáveis referentes ao pai e as referentes à mãe mencionamos que enquanto aos 11-12 anos as médias da identificação com a mãe suplantam as médias da identificação com o pai, a partir dos 13 anos são as médias do pai que suplantam as da mãe. Mas além disso verifica-se que as curvas desta variável para o pai e para a mãe seguem um modelo semelhante com um ponto mais baixo aos 13 anos.

No estrato 2, com diferenças significativas (Quadro 79) aos 13 anos entre o pai e a mãe, verifica-se que enquanto aos 11 anos os rapazes se identificam mais com a mãe do que com o pai, em idades subsequentes identificam-se mais com o pai do que com a mãe.

No estrato 3, só existem diferenças significativas entre a média de identificação com a mãe e a média de identificação com o pai aos 11 anos em favor do pai. Isto faria supor uma identificação masculina mais precoce neste estrato. Todavia, não só aos 12 anos as médias são iguais para as duas figuras parentais como também depois dos 12 anos, embora a identificação com o pai seja sempre mais forte, não volta a haver diferenças significativas.

Quadro 79

Comparação entre variáveis nos rapazes (Teste de Wilcoxon)

Estratos	***Pares de Variáveis***	***Idade***	**N**		**Média das ordens**	**p**
2	*Relação c/ Mãe – Relação c/ Pai*	*14*	Dif. Negativas Dif. Positivas Empates	0 5 18	0,00 3,00	0,03
	Apoio na Mãe – Apoio no Pai	*14*	Dif. Negativas Dif. Positivas Empates	0 7 16	0,00 4,00	0,01
	Mãe como modelo – Pai como modelo	*13*	Dif. Negativas Dif. Positivas Empates	4 0 11	2,50 0,00	0,05
3	*Apoio na Mãe – Apoio no Pai*	*11*	Dif. Negativas Dif. Positivas Empates	0 5 11	4,00 0,00	0,03
	Mãe como modelo – Pai como modelo	*11*	Dif. Negativas Dif. Positivas Empates	7 0 9	4,00 0,00	0,01

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

No estrato 3, só existem diferenças significativas entre a média de identificação com a mãe e a média de identificação com o pai aos 11 anos em favor do pai. Isto faria supor uma identificação masculina mais precoce neste estrato. Todavia, não só aos 12 anos as médias são iguais para as duas figuras parentais como também depois dos 12 anos, embora a identificação com o pai seja sempre mais forte, não volta a haver diferenças significativas.

Em todo o caso há entre os rapazes do estrato 1 e do estrato 2 duas semelhanças. Os 13 anos são para ambos os estratos o momento de mais fraca identificação a ambas as figuras parentais e em ambos os estratos há um momento a partir do qual de uma identificação predominante à mãe

passam a uma identificação ao pai. Todavia é no estrato 2 que esta mudança ocorre mais precocemente.

Aparentemente, no estrato 3, se excluirmos o momento em que estes rapazes tendem a recusar a identificação com o pai (pelos 12 anos), sempre predomina a identificação com o pai sobre a identificação com a mãe. Podemos todavia supor que para o estrato 3 mais uma vez este processo terá começado mais cedo e que portanto estes rapazes terão tido um tempo de identificação predominante à mãe. Mas isto é uma suposição que não podemos comprovar com os dados de que dispomos.

X.2.4. 3 - Relações Extra-Familiares

Não há grandes diferenças entre estratos no que se refere às relações extra-familiares. Os rapazes não tendem a alterar muito a sua relação com os amigos que não se constituem como grande fonte de apoio ao longo deste período nem existe uma grande preocupação com a aparência que poderia ser sentida como um factor de integração e de um sentimento de pertença ao grupo. Trata-se portanto de um panorama geral.

Exceptuando no namoro aos 13 anos (Quadro 80) entre os estratos 1 e 3, não há diferenças significativas entre estratos nestas variáveis. No que se refere a esta diferença, são os rapazes do estrato 3 que mais se interessam pelo namoro.

Quadro 80

Comparação entre estratos nos rapazes (Mann-Whitney)

Estratos	***Variáveis***	***Idade***	***N***	***Média das ordens***	***p***
1			*14*	*15,25*	*0,04*
3	*Namoro*	*13*	*25*	*22,66*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Isto significa que entre os rapazes, de acordo com os nossos dados, a saída da órbita familiar e a constituição de uma identidade social não se altera significativamente durante este período.

X.2.4. 4 – O Corpo

No que se refere ao corpo há muitas diferenças significativas entre estratos (Quadro 81) embora respeitem quase exclusivamente ao investimento no corpo.

Quadro 81
Comparação entre estratos nos rapazes (Mann-Whitney)

Estratos	***Variáveis***	***Idade***	***N***	***Média das ordens***	***p***
1	*Mudanças*		*14*	*17,54*	*0,04*
2	*corporais*	*13*	*15*	*12,63*	
1	*Investimen*		*13*	*18,27*	*0,03*
3	*to no corpo*	*11*	*16*	*12,34*	
1	*Investimen*		*14*	*17,57*	*0,009*
2	*to no corpo*	*12*	*14*	*11,43*	
2	*Investimen*		*14*	*13,11*	*0,02*
3	*to no corpo*	*12*	*18*	*19,14*	
1	*Investimen*		*18*	*17,83*	*0,03*
2	*to no corpo*	*14*	*24*	*24,25*	
1	*Investimen*		*18*	*14,72*	*0,02*
3	*to no corpo*	*14*	*17*	*21,47*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Aos 11 anos verifica-se que o investimento no corpo decresce com a subida de estrato tornando-se significativa a diferença entre os estratos 1 e 3. Mas as diferenças significativas voltam a surgir nesta variável aos 12 e aos 14 anos. Todavia estas diferenças não são exactamente apenas diferenças quantitativas. É que as diferenças entre os estratos 1 e 3 e o estrato 2 aos 12 anos surgem numa altura em que os primeiros estão num ponto alto e o

segundo está num ponto baixo do investimento no corpo. Também aos 14 anos, os estratos 2 e 3 estão num ponto alto e em crescendo enquanto o estrato 1 está num ponto baixo e em movimento decrescente.

A evolução nesta variável diferencia claramente os três estratos. No estrato 1 há um cada vez menor investimento no corpo que atinge o ponto mais baixo aos 14 anos. No estrato 2 o ponto mais baixo do investimento no corpo é aos 12 anos, havendo depois uma recuperação e no estrato 3 há movimentos de oscilação em que os 12 anos são o ponto mais alto, os 13 o ponto mais baixo, atingindo os 14 anos a mesma média dos 11 anos.

Podemos portanto dizer que no estrato 3 há alterações durante o percurso evolutivo mas não há mudança. No estrato 2 embora com menos oscilações parece existir também a tendência a repor a situação originária. Mas no estrato 1 há uma mudança que se traduz num grande desinteresse pelo corpo.

Algo de semelhante se passa com a satisfação com as mudanças corporais uma vez que a diferença significativa aos 13 anos entre o estrato 1 e o estrato 2 corresponde a um ponto alto do estrato 1 e a um ponto baixo do estrato 2.

X.2. 4. 5 - Percepção da Mudança

Não há grandes diferenças entre estratos no que se refere à percepção de mudança.

No que respeita à atitude face à escola, constatamos apenas que é aos 13 anos que existe uma maior percepção de mudança para qualquer dos estratos mas nisto, os rapazes do estrato 1 são bastante constantes uma vez que logo desde os 11 anos referem uma maior percepção de mudança do

que os rapazes dos outros estratos. Isto relacionar-se-à provavelmente com um menor interesse pelas aquisições académicas no seu meio social.

Quanto à percepção de mudança relativamente à amizade constatamos que nos estratos 1 e 2 os 13 anos são um período de constatação aguda de mudança o que no estrato 3 só acontece pelos 14 anos. Porém, no estrato 1, aos 11 anos existe também uma relativamente alta percepção de mudança e de qualquer modo, não há entre os rapazes uma percepção de mudança muito acentuada.

Só na percepção das mudanças corporais encontramos diferenças significativas entre os estratos 1 e 3 (Quadro 82), sendo que aos 11 anos são os rapazes do estrato 1 que têm uma mais elevada percepção de mudança e aos 14 anos são os rapazes do estrato 3 que têm uma maior percepção de mudança.

Quadro 82

Comparação entre estratos nos rapazes (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***Estratos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Mudanças corporais	*11*	***1***	*13*	*19,69*	*0,005*
		3	*16*	*11,19*	
Mudanças corporais	*14*	***1***	*18*	*14,81*	*0,04*
		3	*17*	*21,38*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Todavia é preciso sublinhar que a evolução nestes dois estratos se faz em oposição: enquanto no estrato 1 a percepção das mudanças corporais diminui com a subida da idade, no estrato 3 aumenta com a subida da idade. Com os dados de que dispomos não podemos dizer que isto corresponda a um ritmo pubertário diferente para os dois estratos. Mas também é possível que para os rapazes do estrato 1 sejam mais importantes

as mudanças corporais e que estas sejam observadas com grande expectativa e com desencanto quando não resultam como haviam sido imaginadas. Contudo, no estrato 2 esta evolução não comporta grandes variações o que significa que a percepção de mudança é relativamente constante durante todo este período.

X.3 – Desenvolvimento da Identidade nas Raparigas

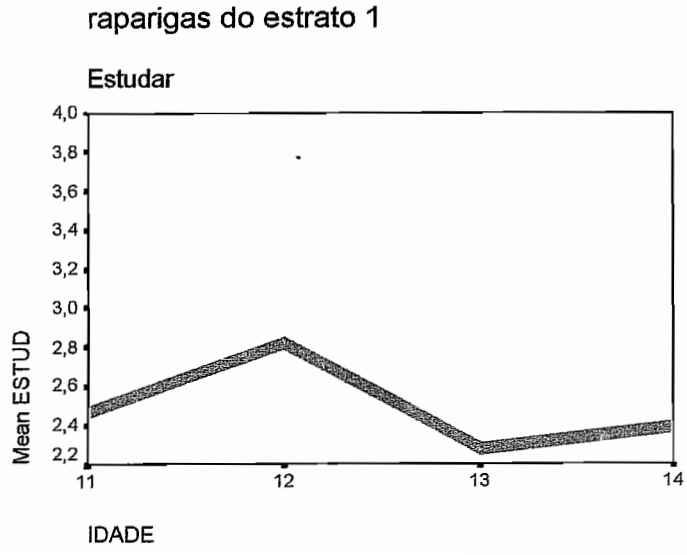
X.3.1 - Raparigas o Estrato 1

X.3.1.1 - Investimento Escolar

X.3. 1. 1.1 - Estudo

As raparigas do estrato 1 dos 11 para os 12 anos aumentam o gosto pelo estudo (gráf. 226).

Gráfico 226



Quadro 83

Raparigas do estrato 1 (Mann-Whitney)

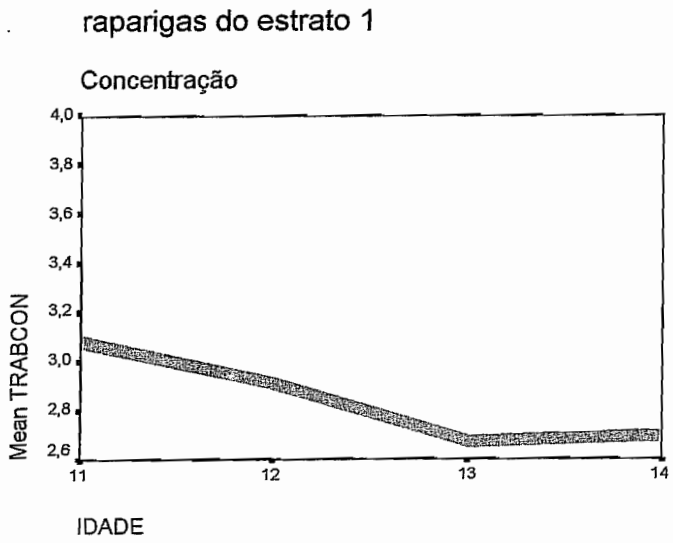
Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
12	*22*	*23,95*	*0,02*
13	*18*	*16,28*	

As médias nunca são muito elevadas (2,46 aos 11 anos, 2,82 aos 12 anos, 2,28 aos 13 anos e 2,38 aos 14 anos) mas o crescendo inicial cede lugar a um movimento decrescente que coloca as raparigas de 13 anos significativamente abaixo das de 12 anos (Quadro 83).

A seguir aos 13 anos a tendência é crescente sem ser significativa. Isto coloca as raparigas de 12 anos no nível mais elevado do investimento no estudo e as de 13 anos no nível mais baixo do investimento.

X.3.1.1. 2 - Concentração

Gráfico 227



As raparigas do estrato 1 da nossa amostra vão progressivamente perdendo capacidade de concentração até aos 13 anos mas depois estabilizam (gráf. 227).

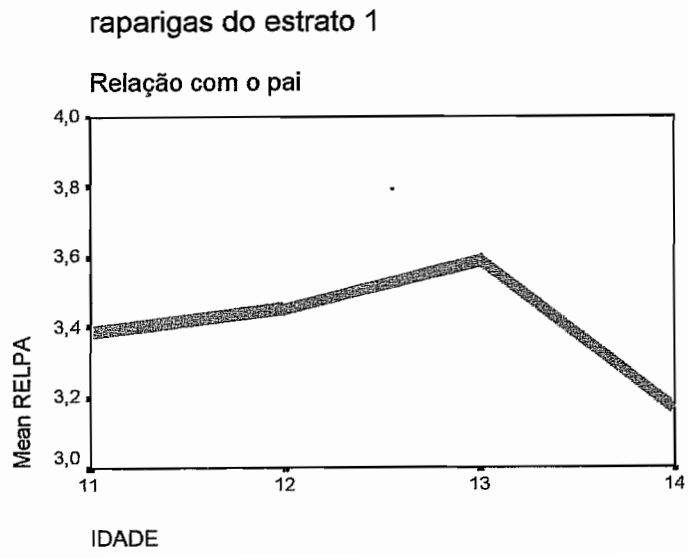
Não encontrámos porém diferenças significativas entre grupos etários embora as médias (3,08 aos 11 anos, 2,91 aos 12 anos, 2,67 aos 13 anos e 2,69 aos 14 anos) sejam mais elevadas do que as da variável anterior.

X.3.1.2 - Posição Relativa às Figuras Parentais

X.3.1. 2. 1 - Relação com o Pai

Não há diferenças significativas entre médias (3,38 aos 11 anos, 3,45 aos 12 anos, 3,59 aos 13 anos e 3,17 aos 14 anos) de grupos etários nas raparigas do estrato 1 da nossa amostra.

Gráfico 228



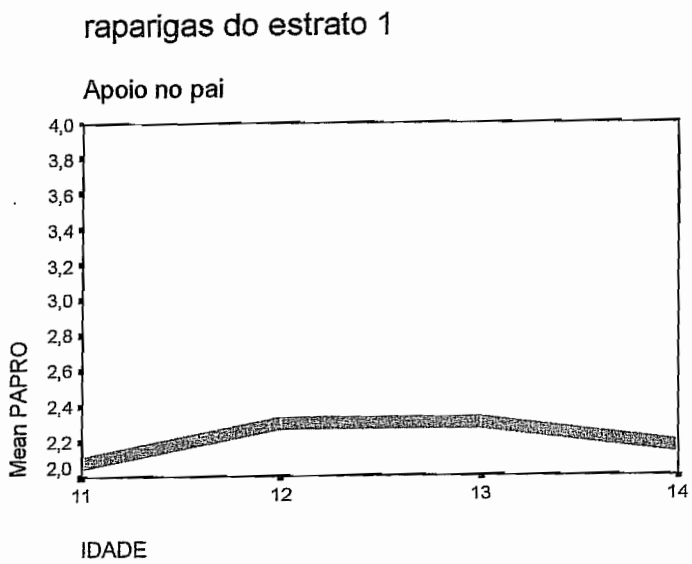
A evolução observada (gráf. 228) mostra que estas raparigas, têm a percepção de que a relação com o pai melhora progressivamente até aos 13 anos.

Os 13 anos constituem-se como um momento de viragem após o qual a percepção da relação piora atingindo um nível muito inferior ao dos 11 anos.

X.3.1. 2. 2 - Apoio no Pai

É patente (gráf. 229) que o pai não é uma figura de suporte com relevância. As médias dos diferentes grupos etários (2,08 aos 11 anos, 2,30 aos 12 anos, 2,29 aos 13 anos e 2,17 aos 14 anos) são relativamente baixas e variam pouco.

Gráfico 229



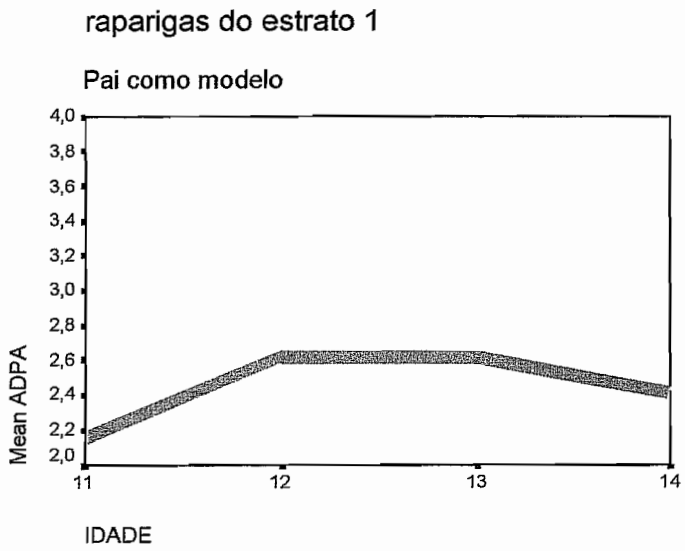
Também nesta variável não há diferenças significativas entre grupos etários. Todavia, há um crescendo que faz com que sejam as raparigas de 13 anos que mais contam com o apoio do pai. Depois o pai volta a perder a pouca importância que já tinha como figura de suporte.

X.3.1. 2. 3 - Pai como Modelo

Não há diferenças significativas entre médias de grupos etários (2,15 aos 11 anos, 2,62 aos 12 anos, 2,61 aos 13 anos e 2,42 aos 14 anos) o que mostra que o estatuto do pai como figura de identificação pouco se altera (gráf. 230).

Para estas raparigas o pai também não se constitui de um modo geral como modelo de identificação. Todavia, observa-se até aos 12 anos um movimento ligeiramente crescente que, existindo uma estabilização entre os 12 e os 13 anos, coloca estas raparigas no topo da identificação com o pai. Contudo a tendência é para um novo decréscimo.

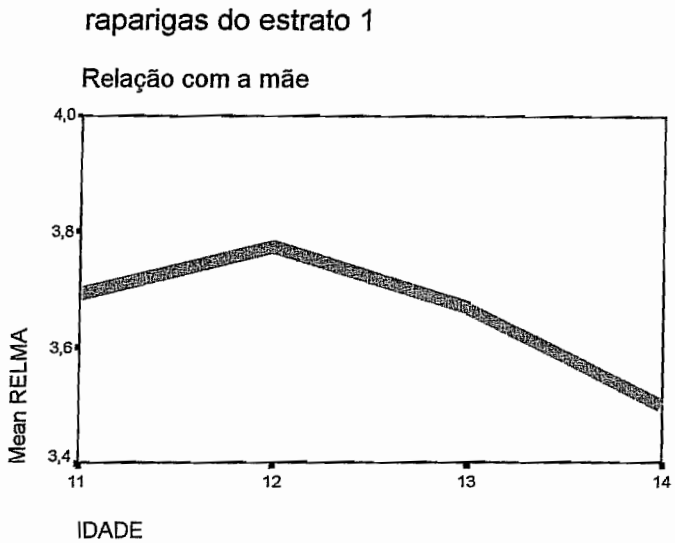
Gráfico 230



X.3.1. 2. 4 - Relação com a Mãe

As raparigas do estrato 1 da nossa amostra melhoram a percepção da relação com a mãe (gráf. 231) entre os 11 e os 12 anos mas depois disso observa-se um decréscimo progressivo dos valores médios (3,69 aos 11 anos, 3,77 aos 12 anos, 3,67 aos 13 anos e 3,50 aos 14 anos).

Gráfico 231



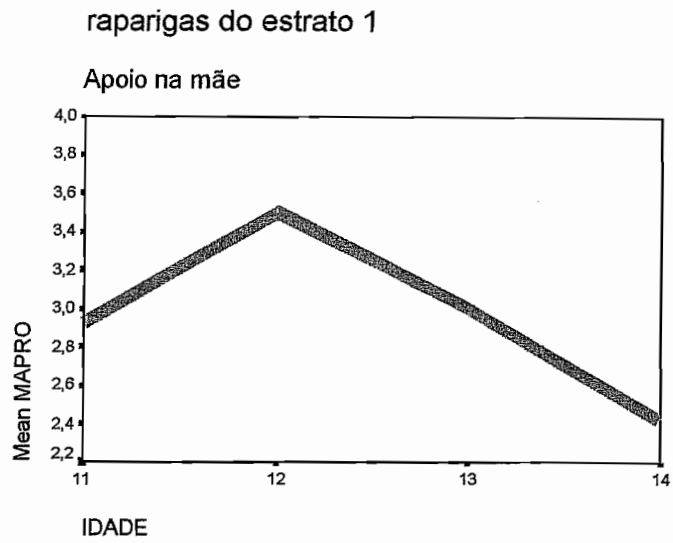
Os 12 anos são portanto o ponto mais alto da relação com a mãe e o momento de viragem a partir do qual a percepção à cerca desta relação vai progressivamente piorando a acompanhar o aumento da idade. Sublinhemos no entanto que não existem diferenças significativas entre grupos etários.

X.3.1.2. 5 - Apoio na Mãe

Esta variável tem uma evolução (gráf. 232) semelhante à da variável anterior. Mais uma vez de acordo com as médias (2,92 aos 11 anos, 3,50

aos 12 anos, 3,00 aos 13 anos e 2,42 aos 14 anos), os 12 anos são o momento de maior utilização da mãe enquanto figura de suporte.

Gráfico 232



Quadro 84
Raparigas do estrato 1 (Mann-Whitney)

Idades	***N***	***Média das ordens***	***p***
11	*13*	*13,42*	*0,03*
12	*22*	*20,70*	
12	*22*	*24,52*	*0,008*
13	*18*	*15,58*	
12	*22*	*20,66*	*0,007*
14	*12*	*11,71*	

Depois desta idade que se constitui como ponto de viragem, cada vez menos estas raparigas se apoiam na mãe.

Todavia, nesta variável, ao contrário do que acontece na variável anterior, há diferenças significativas entre grupos etários (Quadro 84).

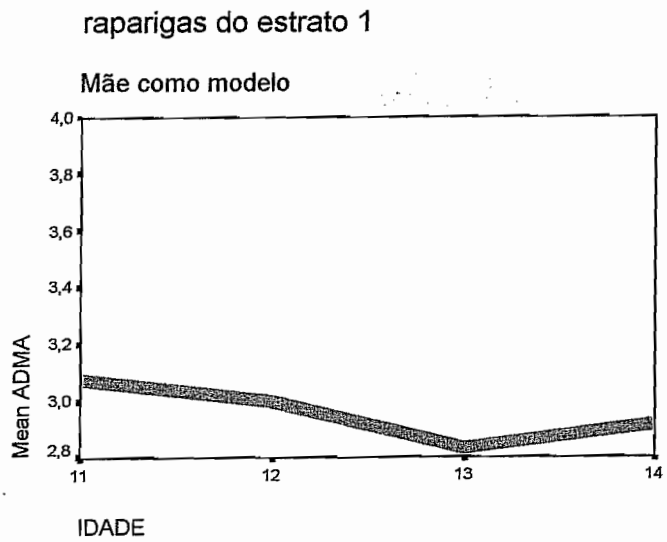
Assim, podemos dizer que o período anterior aos 12 anos tem características específicas muito diferentes das do período após os 12 anos que se constituem como o momento de viragem. Enquanto antes dos 12

anos estas raparigas tendem a contar cada vez mais com a mãe como suporte para a resolução de problemas pessoais, depois dos 12 anos estas raparigas cada vez menos se apoiam na mãe.

X.3.1.2.6 - Mãe como Modelo

As raparigas do estrato 1 da nossa amostra têm nesta variável uma evolução (gráf. 233) em que se observa uma tendência decrescente das médias (3,08 aos 11 anos, 3,00 aos 12 anos, 2,83 aos 13 anos e 2,92 aos 14 anos) até aos 13 anos com uma recuperação entre os 13 e os 14 anos.

Gráfico 233



Nesta variável não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários e portanto apenas podemos falar de tendências. Todavia, é de sublinhar que nesta variável a curva da evolução é muito diferente da das variáveis anteriores.

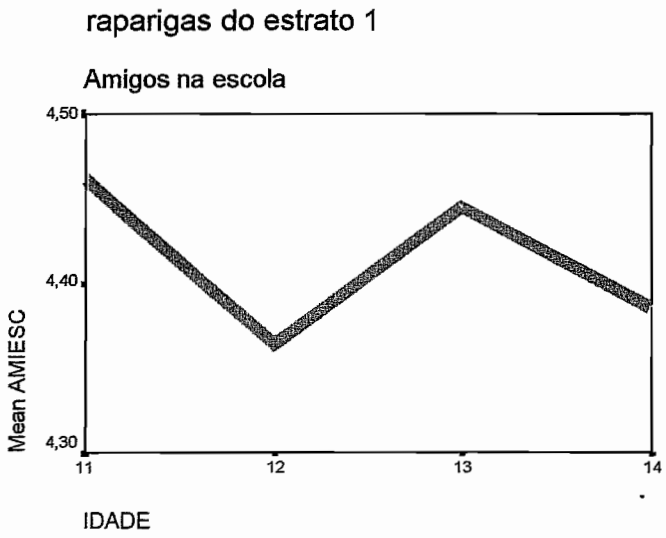
Por um lado, a idade de viragem é agora a dos 13 anos. Por outro lado, o movimento é inverso do das variáveis anteriores.

X. 3.1.3 - Relações Extra-Familiares

X.3.1. 3. 1 - Amigos na Escola

Nesta variável as raparigas do estrato 1 da nossa amostra evoluem através de um movimento oscilatório das médias (4,46 aos 11 anos, 4,36 aos 12 anos, 4,44 aos 13 anos e 4,38 aos 14 anos) mas sem diferenças significativas (gráf. 234).

Gráfico 234

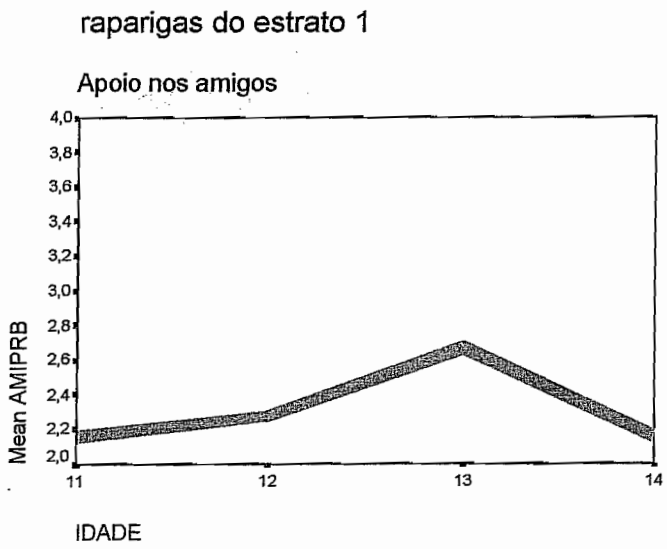


Entre os 11 e os 12 anos parece existir um movimento de restrição mas aos 13 anos a sociabilidade aumenta voltando depois a diminuir. Há portanto dois marcos importantes: o dos 12 anos em que parece diminuir a sociabilidade e o dos 13 anos em que a sociabilidade atinge o seu ponto culminante.

X.3.1. 3. 2 - Apoio nos Amigos

Nesta variável não há diferenças significativas entre grupos etários. Observa-se contudo uma evolução das médias (2,15 aos 11 anos, 2,27 aos 12 anos, 2,69 aos 13 anos e 2,15 aos 14 anos) através de um crescendo até aos 13 anos e um decréscimo entre os 13 e os 14 anos (gráf. 235). Esta evolução tem a característica de repor aos 14 anos a situação que existia aos 11 anos. Parece portanto que se realiza um ciclo, que corresponde a um processo desenvolvimental mas que no final deste ciclo estas raparigas readquirem as características que já tinham anteriormente.

Gráfico 235



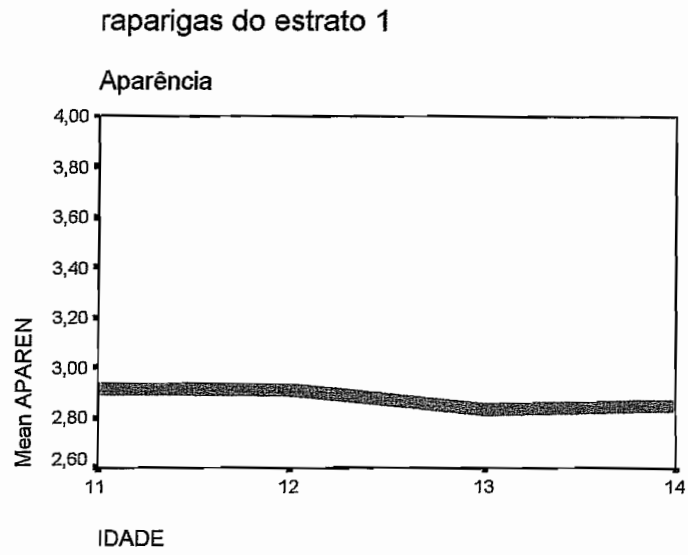
Dito de outro modo: durante este período de desenvolvimento, particularmente entre os 12 e os 13 anos, mas sobretudo aos 13 anos existe nestas raparigas uma necessidade de suporte nos coetários provavelmente por com estes poderem partilhar experiências comuns. Mas depois disso, os

coetários tendem a deixar de se constituir como fonte de suporte talvez porque os problemas pessoais prementes se alterem.

X.3.1. 3. 3 - Aparência

Evidencia-se o facto de estas raparigas, dadas as médias (2,92 aos 11 anos, 2,91 aos 12 anos, 2,83 aos 13 anos e 2,85 aos 14 anos) tenderem de um modo geral a não se interessar muito pela aparência física (gráf. 236).

Gráfico 236



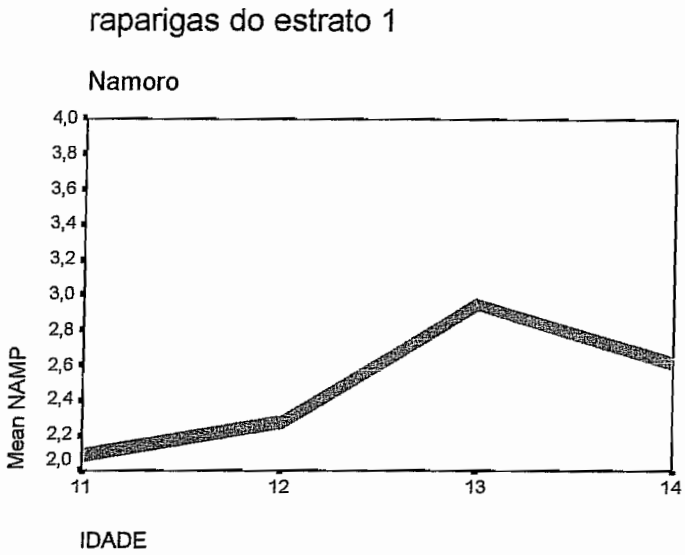
Não há diferenças significativas entre grupos etários mas entre os 12 e os 13 anos há um decréscimo do interesse pela aparência física.

X.3.1. 3. 4 - Namoro

Entre as raparigas do estrato 1 observa-se um crescendo das médias (2,08 aos 11 anos, 2,27 aos 12 anos, 2,94 aos 13 anos e 2,62 aos 14 anos) do interesse pelo namoro até aos 13 anos seguido de um decréscimo (gráf.

237). Entre os 12 e os 13 anos o interesse pelo namoro sofre um aumento significativo (Quadro 85).

Gráfico 237



Quadro 85
Raparigas do estrato 1 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
12	*22*	*16,89*	*0,02*
13	*18*	*24,92*	

O ponto culminante do interesse pelo namoro coincide com os 13 anos que são também um momento de viragem a partir do qual o interesse diminui.

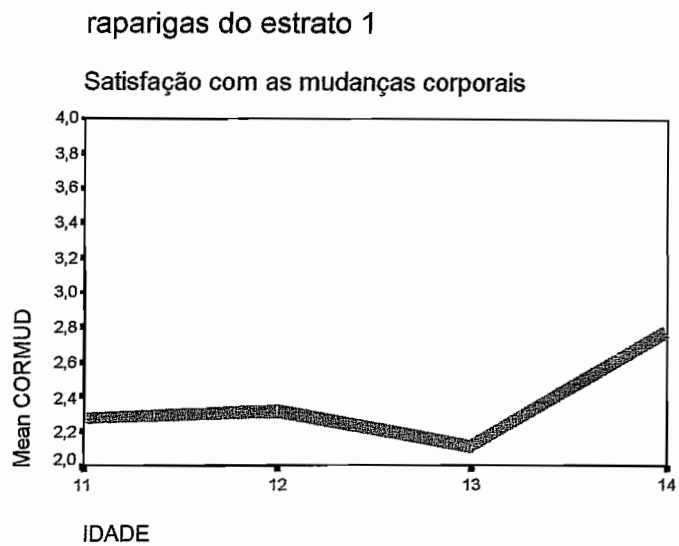
X.3.1. 4 – O Corpo

X.3.1. 4. 1 - Satisfação com as Mudanças corporais

As raparigas do estrato 1 mostram, de um modo geral, pouca satisfação com as mudanças corporais. Isto acentua-se entre os 12 e os 13 anos,

altura em que a insatisfação parece acentuar-se (gráf. 238). Todavia, os 13 anos constituem um ponto de viragem a partir do qual a satisfação aumenta.

Gráfico 238



Estas alterações nunca atingem valores de significância, contudo, aos 14 anos é natural que estas raparigas sintam maior satisfação com um corpo que já se tornou mais harmonioso.

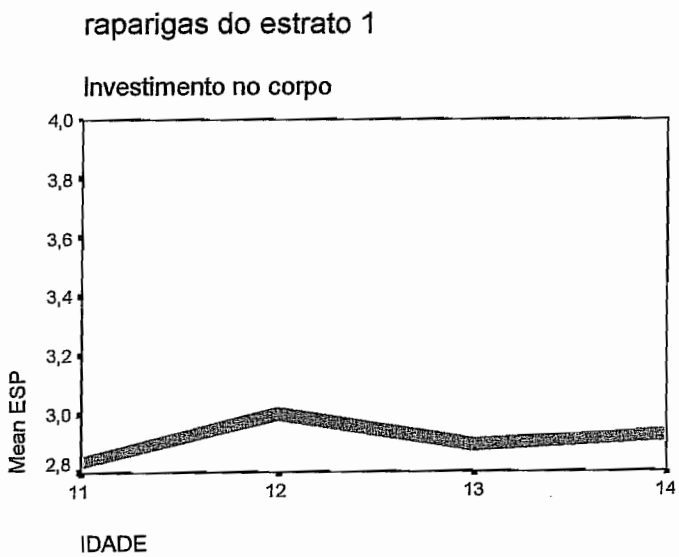
X.3.1. 4. 2 - Investimento no Corpo

Nesta variável também não encontrámos diferenças significativas entre as médias de grupos etários (2,83 aos 11 anos, 3,00 aos 12 anos, 2,89 aos 13 anos e 2,92 aos 14 anos) que não variam muito.

Evidencia-se no entanto, um maior investimento pelos 12 anos (gráf. 239) que depois tende a decrescer ligeiramente.

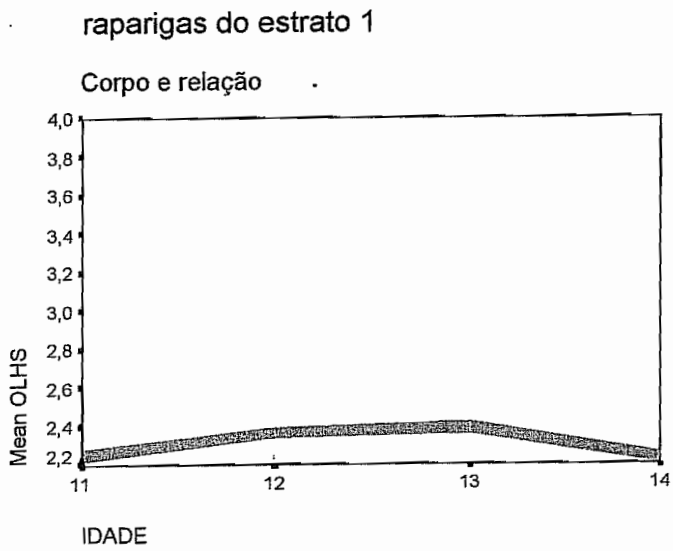
Os 12 anos constituem-se portanto como um ponto de viragem. Além disso é de sublinhar que entre os 13 e os 14 anos não há diferenças quanto ao investimento no corpo.

Gráfico 239



X.3.1. 4. 3 - Corpo e Relação

Gráfico 240



Também não encontrámos diferenças significativas entre médias de grupos etários (2,25 aos 11 anos, 2,36 aos 12 anos, 2,39 aos 13 anos e 2,23 aos 14 anos) nesta variável.

Observa-se no entanto uma tendência crescente até aos 13 anos e um ligeiro decréscimo entre os 13 e os 14 anos (gráf. 240).

É portanto aos 13 anos que o corpo é sentido como fonte de maior prazer na relação. Sublinhemos contudo que de um modo geral as médias baixas indicam que o corpo é sentido como incómodo na relação com os outros.

X.3.1.5 - Percepção da Mudança

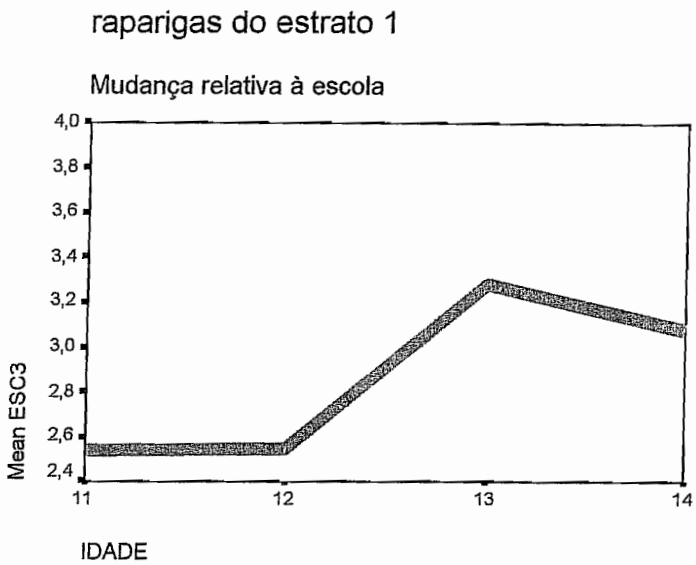
X.3.1. 5. 1 – Mudança Relativa à Escola

As raparigas do estrato 1 da nossa amostra, apesar de não haver diferenças significativas entre as médias dos grupos etários (2,54 aos 11 anos, 2,55 aos 12 anos, 3,28 aos 13 anos e 3,08 aos 14 anos), revelam um aumento da percepção de mudança entre os 12 e os 13 anos (gráf. 241) que são o ponto mais alto da percepção de mudança. Depois dos 13 anos a percepção diminui embora não atinja valores tão baixos como aos 11-12 anos.

Os 11-12 anos parecem constituir um só período em que a percepção de mudança é relativamente baixa quando comparada com a das idades posteriores.

Levanta-se aqui o problema, com que já anteriormente tínhamos deparado, de após a aguda percepção de mudança dos 13 anos, aos 14 anos estas raparigas tenderem a perceber menos as mudanças.

Gráfico 241



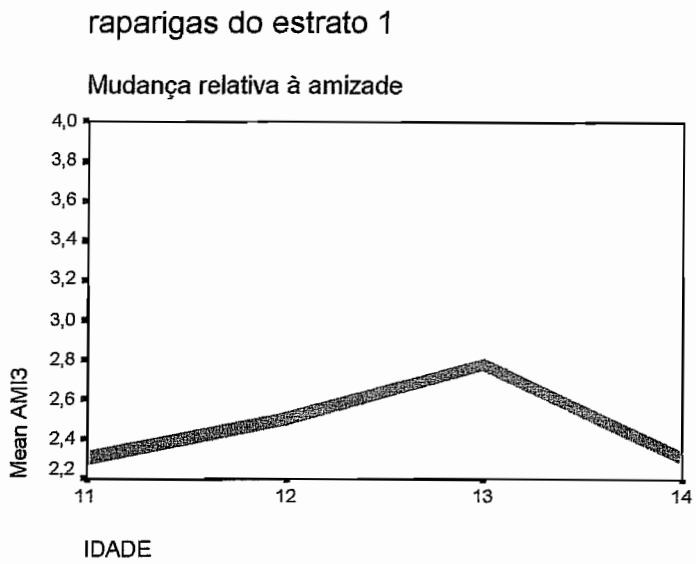
Isto dever-se-à provavelmente ao facto de as grandes mudanças no que se refere à atitude perante a escola ocorrerem sobretudo entre os 12 e os 13 anos. Depois dos 13 anos as mudanças serão relativizadas.

X.3.1. 5. 2 – Mudança Relativa à Amizade

Não há nesta variável diferenças significativas entre médias (2,31 aos 11 anos, 2,50 aos 12 anos, 2,78 aos 13 anos e 2,31 aos 14 anos) de grupos etários mas como em variáveis anteriores há um crescendo até aos 13 anos (gráf. 242) e logo a seguir um decréscimo.

É portanto aos 13 anos que estas raparigas têm uma maior percepção de ter mudado a sua atitude no que se refere à amizade. Sublinhemos que o decréscimo que se segue coloca as raparigas de 14 anos ao nível das de 11 anos.

Gráfico 242



Isto significa mais uma vez que as raparigas de 14 anos após a aguda percepção de mudança dos 13 anos, relativizam as mudanças entretanto ocorridas.

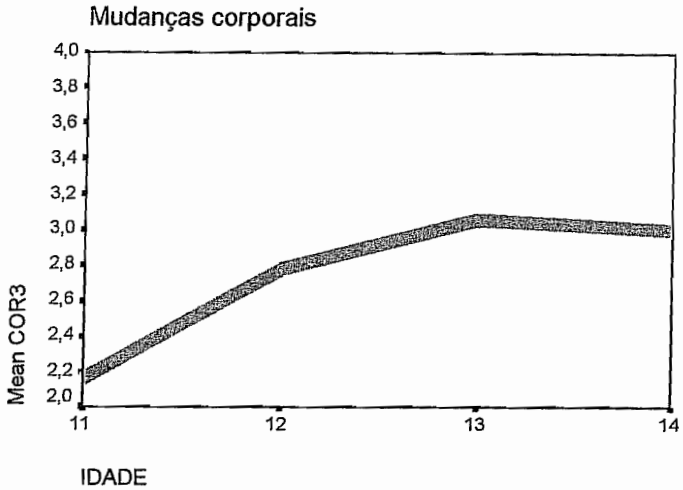
X.3.1. 5. 3 – Mudança Corporal

A percepção de mudança relativamente ao corpo descreve um movimento (gráf. 243) semelhante ao da variável anterior apesar de haver diferenças significativas (Quadro 86).

Mais uma vez as médias são crescentes (2,15 aos 11 anos, 2,77 aos 12 anos, 3,06 aos 13 anos e 3,00 aos 14 anos) até aos 13 anos, seguindo-se um ligeiro decréscimo. São portanto as raparigas de 13 anos que têm uma maior percepção das mudanças corporais que ocorrerão em grande parte até aos 13 anos. As raparigas de 14 anos terão já uma imagem mais estabilizada e tenderão a relativizar as mudanças antes ocorridas.

Gráfico 243

raparigas do estrato 1



Quadro 86

Raparigas do estrato 1 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*13*	*11,23*	*0,009*
13	*18*	*19,44*	
11	*13*	*10,27*	*0,02*
14	*13*	*16,73*	

X.3.1. 6. Conclusão

Há muito poucas diferenças significativas entre grupos etários nas raparigas do estrato 1. Encontramo-las no investimento escolar (investimento no estudo), na posição relativa às figuras parentais (apoio na mãe), nas relações extra-familiares (namoro) e na percepção de mudança (mudança corporal). No que respeita ao corpo não há qualquer diferença significativa.

Referiremos todavia que ao longo deste período existe um desinvestimento da aprendizagem escolar que atinge o seu ponto culminante aos 13 anos, altura em que estas raparigas parecem mais interessadas pelas relações

extra-familiares. Contudo, esta é também a altura de maior insatisfação com as mudanças corporais mas também de maior percepção de mudança corporal. A percepção de mudança, quanto à amizade e à escola, sendo diminutas também atingem o seu ponto culminante aos 13 anos. Os 13 anos parecem portanto ser um momento crucial no desenvolvimento destas jovens.

Na posição relativamente às figuras parentais pudemos também constatar aos 13 anos um momento de mais forte relação com o pai, que se torna uma figura de suporte mais importante do que em qualquer outro momento e ainda de identificação o que logo de seguida se esbate. Relativamente à mãe foi possível constatar três momentos: o primeiro, aos 12 anos, caracteriza-se por uma relação percebida como muito positiva, uma forte procura de apoio materno e um movimento de identificação acrescido; o segundo, aos 13 anos, caracteriza-se por uma pioria da relação com a mãe, uma diminuição da procura do seu apoio e uma recusa da identificação com ela; o terceiro, aos 14 anos, caracteriza-se por uma relação e uma procura de suporte mais fracos mas uma nova intensificação da identificação.

X.3.2 - Raparigas do Estrato 2

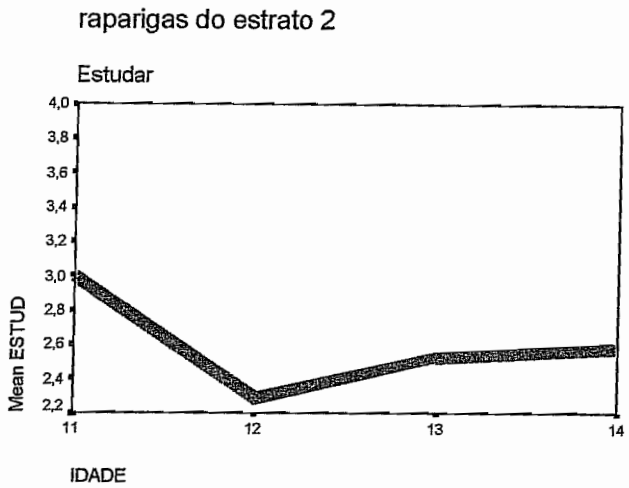
X.3.2. 1 - Investimento Escolar

X.3.2.1. 1 - Estudo

Entre as raparigas do estrato 2 da nossa amostra observa-se (gráf. 244) um grande decréscimo das médias (3,00 aos 11 anos, 2,29 aos 12 anos, 2,53

aos 13 anos e 2,57 aos 14 anos) do gosto pelo estudo entre os 11 e os 12 anos.

Gráfico 244



Quadro 87
Raparigas do estrato 2 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11 *12*	*17* *14*	*19,35* *11,93*	*0,02*
11 *13*	*17* *19*	*22,12* *15,26*	*0,04*
11 *14*	*17* *21*	*22,97* *16,69*	*0,05*

Apesar de uma recuperação subsequente, o gosto pelo estudo não volta durante este período de desenvolvimento, a atingir os valores dos 11 anos como provam as diferenças significativas (Quadro 87).

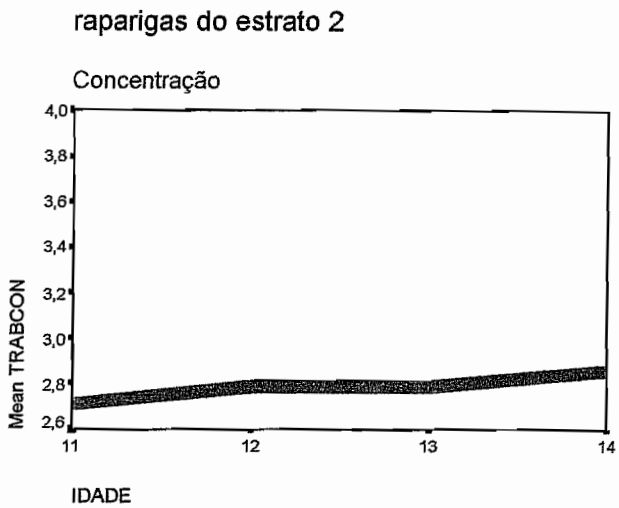
Os 12 anos constituem-se portanto como um momento de viragem que parece dar início a um novo ciclo desenvolvimental.

X.3.2. 1. 2 - Concentração

Não encontrámos diferenças significativas entre médias (2,71 aos 11 anos, 2,79 aos 12-13 anos e 2,86 aos 14 anos) de grupos etários para as

raparigas do estrato 2. Verifica-se apenas um ligeiro aumento da distractibilidade com a subida da idade (gráf. 245).

Gráfico 245



X.3.2. 2 - Posição Relativa às Figuras Parentais

X.3. 2. 2.1 - Relação com o Pai

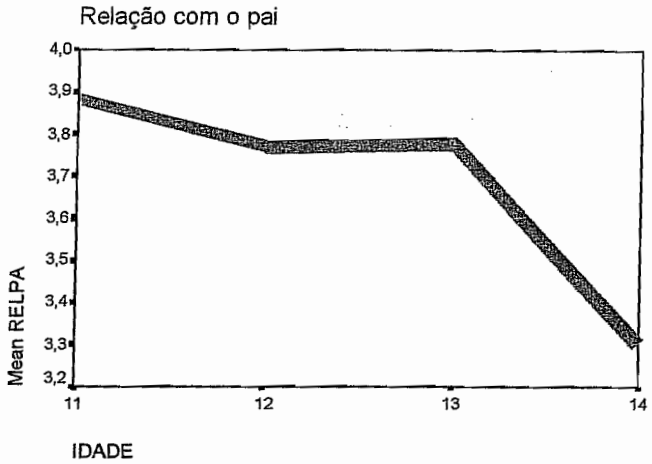
Entre as raparigas do estrato 2 da nossa amostra a percepção da qualidade da relação com o pai tende a piorar as suas médias (3,88 aos 11 anos, 3,77 aos 12 anos, 3,78 aos 13 anos e 3,30 aos 14 anos) com o aumento da idade (gráf. 246). Todavia este desenvolvimento dá-se por dois surtos com um intervalo de estabilidade entre os 12 e os 13 anos.

Apesar de a percepção acerca da qualidade da relação ser globalmente boa, esta decresce significativamente (Quadro 89) entre os 11 e os 14 anos.

Daqui resulta que a relação é percebida como melhor aos 11 anos e é percebida como menos boa aos 14 anos.

Gráfico 246

raparigas do estrato 2



Quadro 88

Raparigas do estrato 2 (Mann-Whitney)

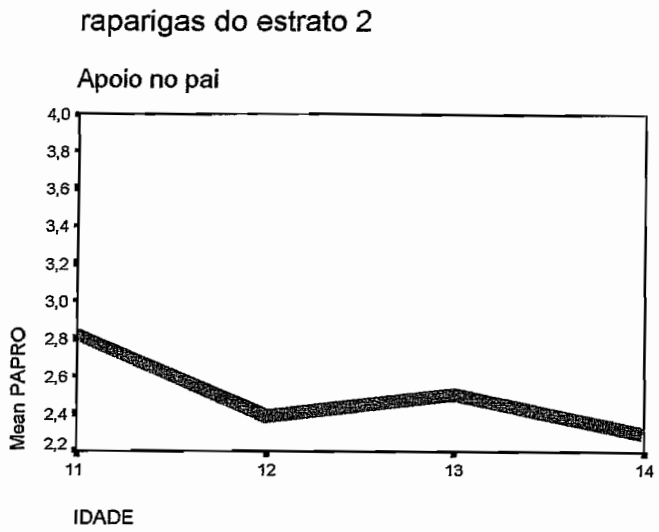
Idades	***N***	***Média das ordens***	***p***
11	*17*	*22,50*	*0,02*
14	*20*	*16,02*	

X.3.2. 2. 2 - Apoio no Pai

Nesta variável não há diferenças significativas entre grupos etários. Mas além de as médias serem relativamente baixas (2,82 aos 11 anos, 2,38 aos 12 anos, 2,50 aos 13 anos e 2,29 aos 14 anos), observa-se no cômputo geral um decréscimo da tendência a ter no pai uma figura de suporte para a resolução dos problemas pessoais.

Todavia este desenvolvimento dá-se de forma oscilatória (gráf.247) dado que as raparigas de 13 anos apresentam uma média mais elevada do que as de 12 anos. De qualquer modo é aos 11 anos que estas raparigas mais se apoiam no pai e aos 14 anos que menos contam com o seu apoio.

Gráfico 247



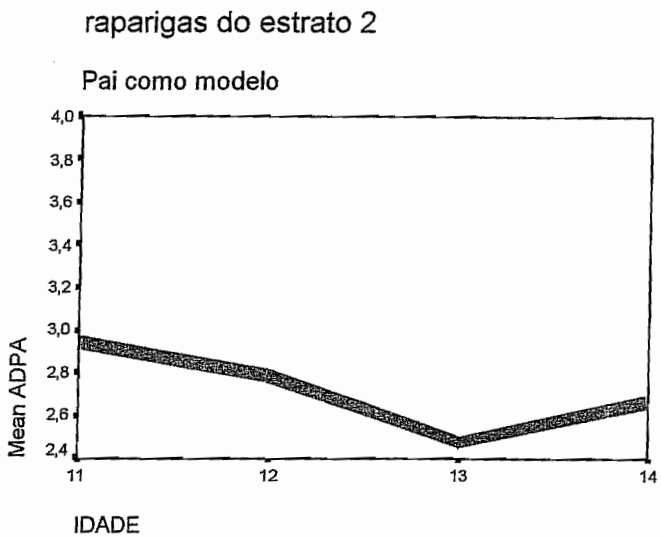
X.3.2. 2. 3 - Pai como Modelo

Nesta variável as raparigas do estrato 2 da nossa amostra revelam tender a identificar-se progressivamente menos com o pai até aos 13 anos, havendo depois uma recuperação (2,94 aos 11 anos, 2,79 aos 12 anos, 2,47 aos 13 anos e 2,67 aos 14 anos).

Não há diferenças significativas entre grupos etários mas torna-se evidente a tendência para um crescente repúdio da identificação com o pai até aos 13 anos (gráf. 248). Depois dos 13 anos volta a verificar-se uma tendência crescente.

Parece portanto completar-se um ciclo até aos 13 anos que provavelmente se relacionará com a busca de uma identidade de género. Depois desta idade as identificações far-se-ão a um outro nível uma vez que a identidade de género está suficientemente adquirida para que voltem a dar-se identificações com o pai.

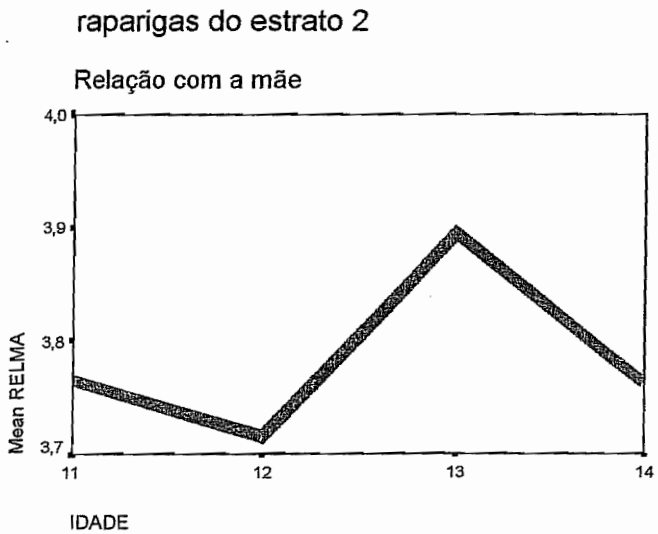
Gráfico 248



X.3.2. 2. 4 - Relação com a Mãe

Nesta variável não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários embora haja algumas variações ao longo deste período (gráf. 249).

Gráfico 249

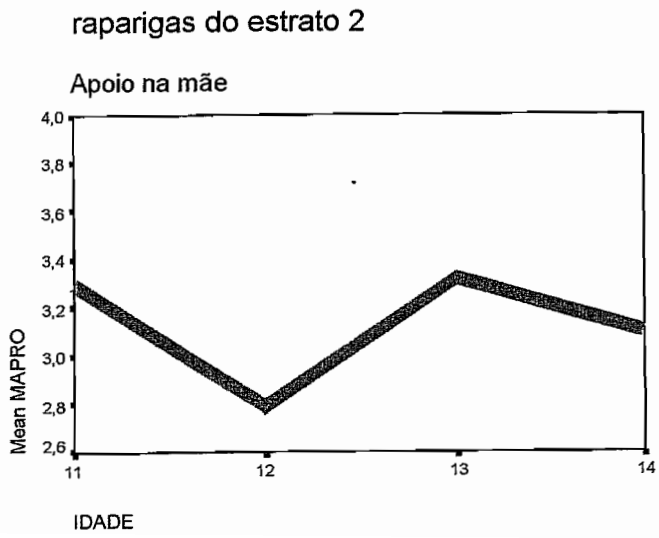


Na verdade as médias são sempre elevadas (3,76 aos 11 anos, 3,71 aos 12 anos, 3,89 aos 13 anos e 3,76 aos 14 anos) mas entre os 11 e os 12 anos há um movimento decrescente a que se segue um movimento crescente com novo decréscimo aos 14 anos até ao nível dos 11 anos. É portanto aos 12 anos que estas raparigas têm a percepção de uma pior relação e aos 13 anos que têm a percepção de uma melhor relação. Mas para além disso, apesar das variações entretanto ocorridas, no fim deste período é retomada a situação inicial.

X.3.2. 2. 5 - Apoio na Mãe

Nesta variável, a curva evolutiva é muito semelhante à da variável anterior (gráf. 250), guardadas as diferenças de médias (3,29 aos 11 anos, 2,79 aos 12 anos, 3,32 aos 13 anos e 3,10 aos 14 anos). Isto faz supor uma relação entre estas duas variáveis.

Gráfico 250



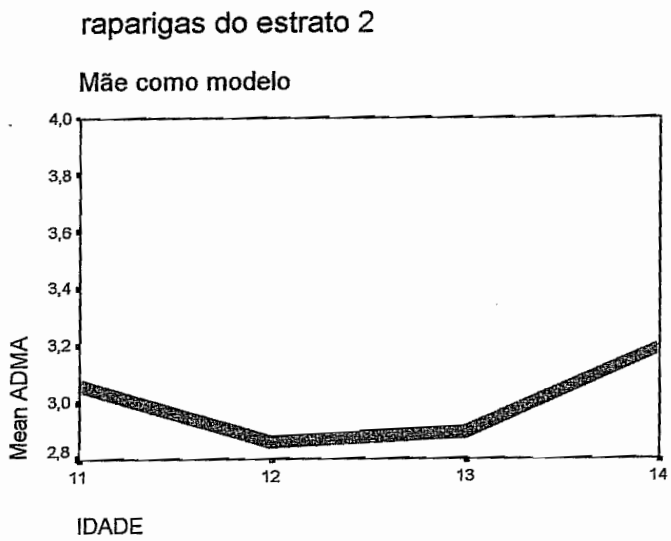
Também aqui não há diferenças significativas entre grupos etários e também aqui o ponto mais baixo coincide com os 12 anos e o ponto mais alto com os 13 anos. Todavia no cômputo geral há uma perda, uma vez que aos 14 anos a mãe é menos procurada como figura de suporte do que aos 11 anos.

Podemos portanto dizer que aos 12 anos estas raparigas tendem ver menos a mãe como figura de apoio e aos 13 anos tendem a aproximar-se dela como suporte mais do que em qualquer grupo etário.

X.3.2. 2. 6 - Mãe como Modelo

A mãe é durante todo este período um modelo de identificação com diferenças de médias (3,06 aos 11 anos, 2,86 aos 12 anos, 2,89 aos 13 anos e 3,19 aos 14 anos).

Gráfico 251



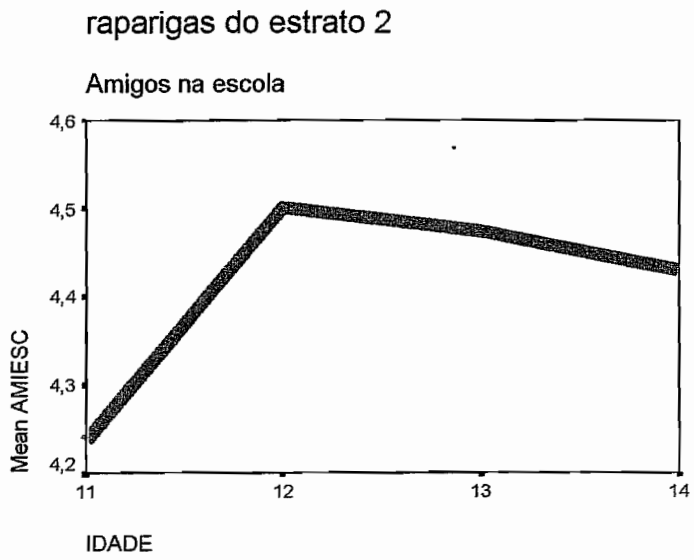
Não há diferenças significativas entre grupos etários mas evidencia-se (gráf. 251) que é aos 12 anos que a mãe menos é tomada como modelo de identificação. Depois desta idade, progressivamente a tendência a vê-la como modelo tende a subir de tal modo que os 14 anos são a idade em que a média desta variável é mais elevada.

X.3.2. 3. Relações Extra-Familiares

X.3.2.3. 3. 1 – Amigos na Escola

Nesta variável não há diferenças significativas entre grupos etários mas observa-se uma evolução em crescendo entre os 11 e os 12 anos (gráf. 252) que são o ponto mais alto deste desenvolvimento. Depois dos 12 anos há um decréscimo progressivo das médias (4,24 aos 11 anos, 4,50 aos 12 anos, 4,47 aos 13 anos e 4,43 aos 14 anos), embora muito ligeiro.

Gráfico 252

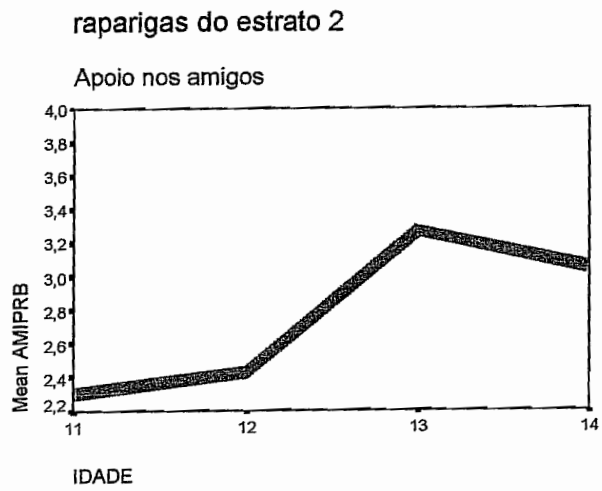


Podemos portanto dizer que aos 12 anos ocorre uma explosão de sociabilidade relativamente aos coetários que depois tende a moderar-se embora seja sempre elevada.

X.3.2. 3. 2 - Apoio nos Amigos

As raparigas do estrato 2 da nossa amostra, mostram nesta variável uma evolução em crescendo até aos 13 anos com um subsequente decréscimo (gráf. 253).

Gráfico 253



Quadro 89

Raparigas do estrato 2 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11 *13*	*17* *19*	*12,35* *24,00*	*0,0001*
12 *13*	*14* *19*	*11,96* *20,71*	*0,006*
11 *14*	*17* *21*	*14,15* *23,83*	*0,004*
12 *14*	*14* *21*	*13,82* *20,79*	*0,03*

Observa-se um grande aumento das médias (2,29 aos 11 anos, 2,43 aos 12 anos, 3,26 aos 13 anos e 3,05 aos 14 anos), como dissémos, até aos 13 anos com diferenças significativas (Quadro 89) que mostram que os amigos passam a constituir fonte de suporte para a resolução de problemas pessoais.

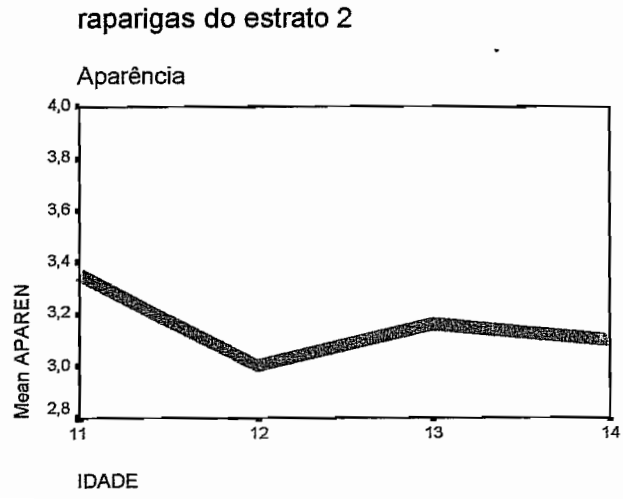
Esta atitude que sofre um incremento sobretudo entre os 12 e os 13 anos, ponto mais alto desta evolução, passa depois por um ligeiro decréscimo.

É portanto aos 13 anos que estas raparigas mais se socorrem de coetários, em princípio com problemas semelhantes. No entanto aos 14 anos, torna-se evidente um afastamento, provavelmente porque os coetários terão deixado de se constituir como fonte de suporte. Talvez nesta altura, comece a surgir a necessidade de uma busca de solução mais pessoalizada e interiorizada.

X.3.2. 3. 3 - Aparência

Estas raparigas tendem a preocupar-se bastante com a aparência física (gráf. 254).

Gráfico 254



As médias são sempre bastante elevadas (3,35 aos 11 anos, 3,00 aos 12 anos, 3,16 aos 13 anos e 3,10 aos 14 anos) mas apesar das variações, estas não têm amplitude de molde a que se tornem significativas.

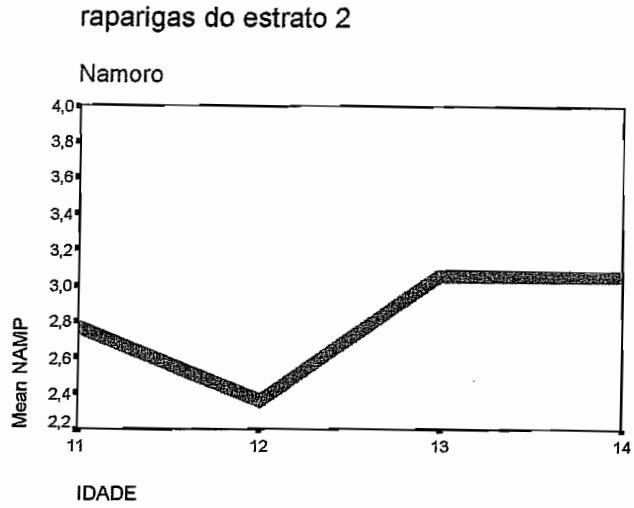
Constatamos todavia que são as raparigas de 11 anos que mais se interessam pela aparência, que são as de 12 anos que menos se interessam pela aparência e que entre os 12 e os 13 anos há um ligeiro crescendo e entre os 13 e os 14 anos um decréscimo.

Estas oscilações relacionar-se-ão provavelmente com a importância que as raparigas conferem à aparência física como factor de inserção no grupo de pares. Possivelmente a aparência física terá um maior impacto na inserção entre as mais jovens do que entre as raparigas de 14 anos. Isto porque as mais novas estarão mais reféns da imagem do que as mais velhas. Todavia, entre as raparigas de 12 anos, que estarão num momento de viragem, a imagem em mudança será sobretudo factor de incomodidade que como tal é negado. Aos 13 anos a aparência física depois de um desenvolvimento em direcção a uma maior diferenciação sexual, tornar-se-à fonte de sucesso entre rapazes e raparigas. Mas depois disso é provável que a aparência física deixe de ser um factor de integração e popularidade no grupo, só por si, até porque estas raparigas terão entretanto desenvolvido competências e características psicológicas mais diferenciadas.

X.3.2. 3. 4 - Namoro

No que se refere ao namoro, as raparigas de 13-14 anos parecem diferenciar-se claramente das mais novas (gráf. 255).

Gráfico 255



Quadro 90
Raparigas do estrato 2 (Mann-Whitney)

Idades	***N***	***Média das ordens***	***p***
12	*14*	*13,14*	*0,04*
13	*19*	*19,84*	
12	*14*	*13,93*	*0,04*
14	*21*	*20,71*	

As médias (2,76 aos 11 anos, 2,36 aos 12 anos e 3,05 aos 13 anos e 14 anos), colocam-nas significativamente (Quadro 90) acima das mais novas no que respeita à exploração desta questão.

De acordo com os nosso dados, as raparigas de 11 anos parecem interessar-se mais pelo namoro do que as de 12 anos. Todavia este interesse é por nós entendido como mera fantasia nascida da curiosidade sobre relações amorosas que são ainda vistas como um privilégio do mundo adulto. Os 12 anos, com o aparecimento de caracteres sexuais secundários mais evidentes mas ainda incipientes trarão consigo o receio e sentimentos de incapacidade. Só depois esta questão será abordada como algo desejado e sentido como uma possibilidade que conduz a experiências reais.

X.3.2. 4 – O Corpo

X.3.2. 4. 1 - Satisfação com as Mudanças Corporais

Embora a satisfação com as alterações corporais vá subindo com a subida da idade (gráf. 256), o aumento não chega a ser significativo.

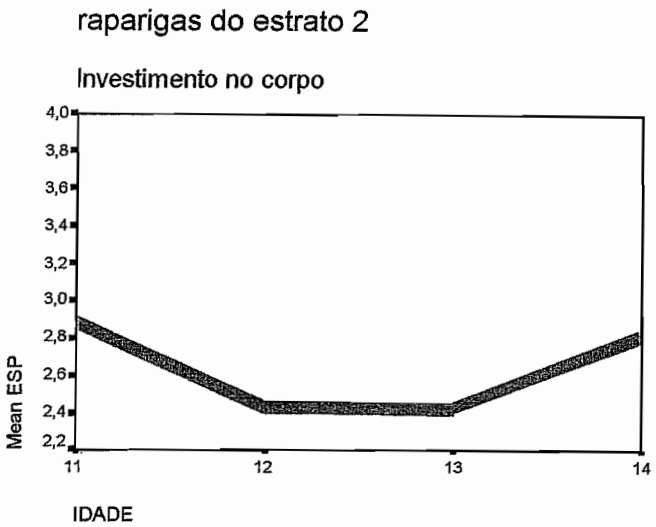
Gráfico 256

As médias são relativamente baixas (2,00 aos 11 anos; 2,21 aos 12 anos; 2,42 aos 13 anos e 2,57 aos 14 anos) mas crescentes. Todo este período é portanto de pouca satisfação mas assim mesmo ela é crescente.

X.3.2. 4. 2 - Investimento no Corpo

Nesta variável não há diferenças significativas entre grupos etários. Como podemos verificar (gráf. 257) observa-se uma evolução com um decréscimo de médias aos 12-13 anos seguidas de um crescendo aos 14 anos (2,88 aos 11 anos; 2,43 aos 12 anos; 2,42 aos 13 anos e 2,81 aos 14 anos).

Gráfico 257



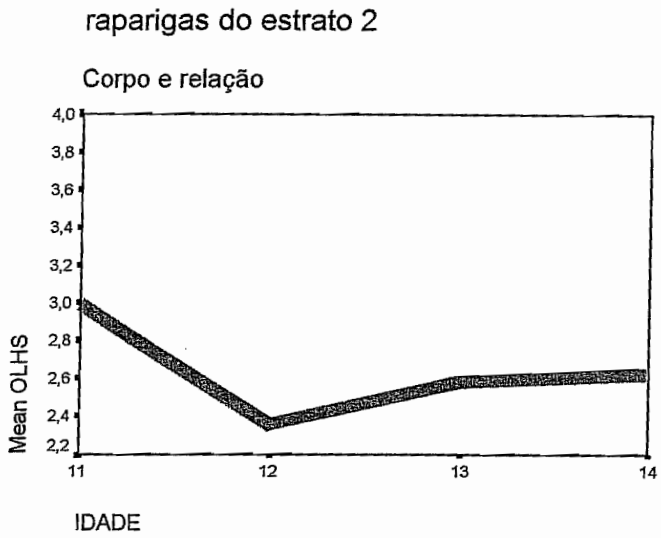
Assim, as raparigas do estrato 2 da nossa amostra, investem menos o corpo no período dos 12-13 anos, coincidindo com o período em que se dão mais transformações. Além disso, no fim deste período, pelos 14 anos parece existir a tendência para a reposição do investimento inicial.

6. 4. 3 - Corpo e Relação

Também nesta variável não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários. Todavia, a linha evolutiva dá conta de um decréscimo entre os 11 e os 12 anos seguido de uma tendência crescente (gráf. 258).

Os 12 anos, com a média mais baixa (3,00 aos 11 anos; 2,36 aos 12 anos; 2,58 aos 13 anos; 2,62 aos 14 anos), constituem um momento de viragem em que o corpo parece ser sentido como um obstáculo na relação com os outros. Os 11 anos são a altura em que o corpo, investido ainda de forma infantil, surge como elemento de satisfação. Aos 13 e 14 anos, parece haver um cada vez maior à vontade com o corpo que agora é claramente sexuado e portanto, cada vez mais fonte de prazer.

Gráfico 258



X.3.2. 5 - Percepção da Mudança

X.3.2. 5. 1 – Mudança Relativa à Escola

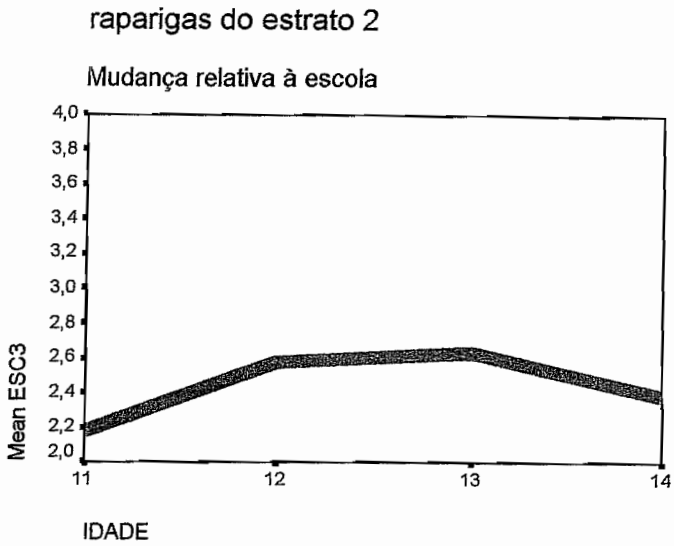
Não há nestas raparigas uma grande percepção de terem mudado a sua atitude relativamente à escola.

Não havendo médias muito elevadas (2,18 aos 11 anos; 2,57 aos 12 anos; 2,63 aos 13 anos e 2,38 aos 14 anos) há variações que nunca chegam a ser significativas.

A curva que descreve esta evolução tem um movimento crescente até aos 13 anos e depois decresce (gráf. 259).

Resulta portanto uma cada vez maior percepção de mudança até aos 13 anos, altura em que se verifica uma mais aguda percepção de mudança. Todavia aos 14 anos a percepção de mudança decresce a um nível inferior ao dos 12 anos.

Gráfico 259



Provavelmente as raparigas de 14 anos atingiram uma maior estabilidade e tendem a esquecer as mudanças entretanto ocorridas.

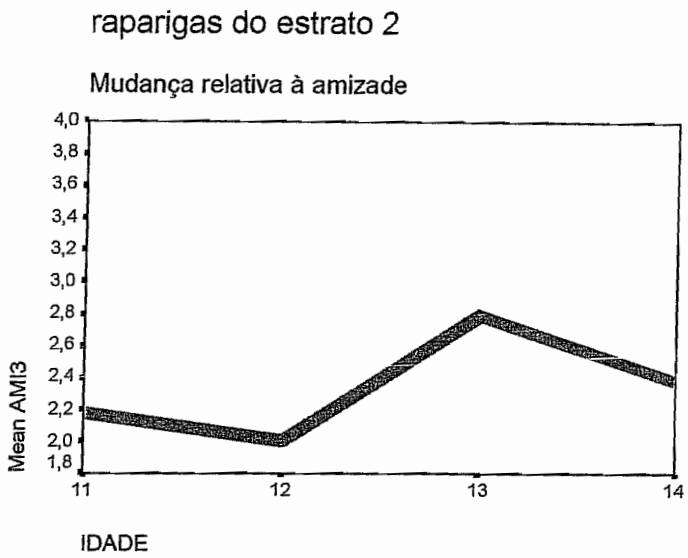
X.3.2. 5. 2 – Mudança Relativa à Amizade

Não há nesta variável diferenças significativas entre grupos etários. Todavia, há algumas alterações ao longo deste período (gráf. 260) na medida em que a partir dos 12 anos, estas raparigas, até aos 13 anos tendem a dar-se conta de mais mudanças relativamente à sua atitude face à amizade. As médias dão conta de que é aos 12 anos que existe uma menor percepção da ocorrência de mudanças e de que é aos 13 anos que existe uma maior percepção de que terão ocorrido mudanças (2,18 aos 11 anos; 2,00 aos 12 anos; 2,79 aos 13 anos e 2,38 aos 14 anos).

Mais uma vez acontece as raparigas de 11 anos terem uma maior percepção de mudança do que as de 12 anos e as de 13 anos terem uma maior

percepção de mudança do que as de 14 anos. Não parece plausível, de acordo com a lógica desenvolvimental que isto corresponda à realidade.

Gráfico 260

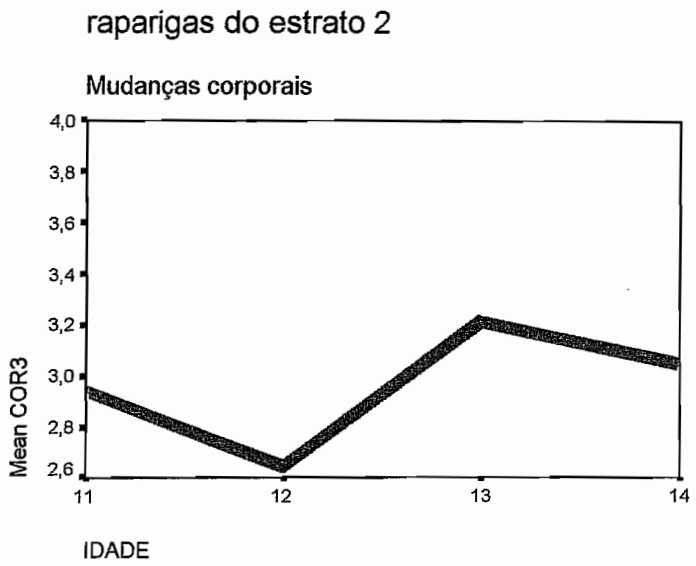


Provavelmente as raparigas de 11 anos referem-se não a mudanças interiores mas a mudanças externas relacionadas com a mudança de contexto. As raparigas de 12 anos, cujo contexto terá mudado anteriormente não se referirão a ele mas terão em conta atitudes pessoais que, ainda que tenham ocorrido, serão, em princípio, difíceis de constatar em idade tão precoce. Todavia, nas raparigas de 13 anos já existirá uma maior capacidade de auto-observação que permita uma percepção mais aguda das mudanças interiores. Dentro desta linha explicativa, as raparigas de 14 anos parecerão um paradoxo. Contudo, estas terão já realizado um processo de mudança e estarão numa fase cujas preocupações são outras o que implicará um esquecimento do processo anterior.

X.3.2. 5. 3 – Mudança Corporal

No que se refere ao corpo, a percepção de mudança das raparigas do estrato 2 da nossa amostra altera-se de modo significativo entre os 12 e os 13 anos (Quadro 91).

Gráfico 261



Quadro 91
Raparigas do estrato 2 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
12	*14*	*12,79*	*0,02*
13	*19*	*20,11*	

Mas a curva descrita (gráf. 261) é muito semelhante à da variável anterior. Mais uma vez, a média dos 11 anos (2,94) é superior à dos 12 anos (2,64) e a média dos 13 anos (3,21) é superior à dos 14 anos (3,05).

Isto vem corroborar a nossa justificação para a variável anterior que aqui, por maioria de razão, vistas as diferenças significativas, se pode aplicar.

Outra conclusão pode ser tirada: é mais fácil a percepção de mudança no que respeita ao corpo, porque tem uma inscrição concreta do que a percepção de mudança quanto a atitudes que implicam uma capacidade de

auto-observação que exige um pensamento abstracto e formal que está ainda em processo de desenvolvimento.

X.3.2. 6. Conclusão

Há apenas quatro variáveis, em diferentes áreas do desenvolvimento, com diferenças significativas ao longo deste período. No investimento escolar (estudar), na posição relativa às figuras parentais (relação com o pai), nas relações extra-familiares (apoio nos amigos e no namoro) e na percepção de mudança (mudança corporal). Sublinhemos que não existem diferenças significativas nas variáveis respeitantes ao corpo.

Aparentemente a mudança destas raparigas é muito pequena. Contudo há alterações que devemos sublinhar ainda que não correspondam a níveis de significância estatística.

Apercebemo-nos de que neste estrato, as nossas raparigas passam por um momento de desinvestimento na aprendizagem escolar pelos 12 anos que logo tende para a recuperação sendo todavia a capacidade de concentração sempre baixa.

Quanto à posição relativa às figuras parentais constatámos que estas raparigas aos 11 anos estão num momento de muito boa relação com o pai, procuram o seu apoio e identificam-se muito com ele quando comparadas com as de idades posteriores. Aos 13 anos estas raparigas, tendo uma boa relação com o pai e procurando o seu apoio, recusam identificar-se com ele. Aos 14 anos a relação com o pai e a procura do seu apoio são os mais fracos de sempre mas existe uma nova tendência para a identificação com ele.

No que se refere à mãe pudemos demarcar aos 12 anos um momento em que embora a relação com a mãe seja boa, estas raparigas recusam o seu apoio e recusam identificar-se com ela. Aos 13 anos a relação com a mãe é a melhor de sempre, a procura do seu apoio é a mais elevada de sempre mas a identificação com ela é baixa. Aos 14 anos quer a relação quer a procura de apoio baixam mas a identificação é a mais elevada de sempre.

Nas relações extra-familiares foi possível destacar dois momentos importantes: aos 12 anos estas raparigas passam por um momento de sociabilidade acrescida que esbatendo-se não deixa posteriormente de ser elevada e ao mesmo tempo a sua preocupação com a aparência e com o namoro atinge os níveis mais baixos de sempre. Aos 13 anos estas raparigas embora menos sociáveis atingem os níveis mais elevados no apoio nos amigos e no interesse pelo namoro que aliás se mantém aos 14 anos. A par disto surge um novo interesse pela aparência. Podemos portanto supor estar a ocorrer, dentro das relações extra-familiares uma mudança do interesse pelas relações de amizade para o interesse pelas relações amorosas.

No que se refere ao corpo temos de sublinhar o facto de não existirem diferenças significativas num período de grandes transformações corporais. A evolução das variáveis respeitantes ao corpo dá conta de uma cada vez maior satisfação com as mudanças corporais mas sendo as médias muito baixas temos de concluir que a estas raparigas as mudanças agradam pouco. Particularmente aos 12 anos, estas raparigas passam por um momento de muito baixo investimento no corpo e de constrangimento na relação com os outros. Depois disso a situação tende a alterar-se mas só

aos 14 anos há uma maior satisfação com as mudanças, um maior investimento no corpo e um maior à vontade na relação.

A percepção de mudança atinge o seu momento mais agudo para todas as variáveis aos 13 anos embora, como dissemos, só seja significativa no que respeita ao corpo. Além disso, como constatámos noutros grupos, os 12 anos são um momento de mais baixa constatação de mudança e os 14 anos são um momento de menor percepção do que aos 13 anos.

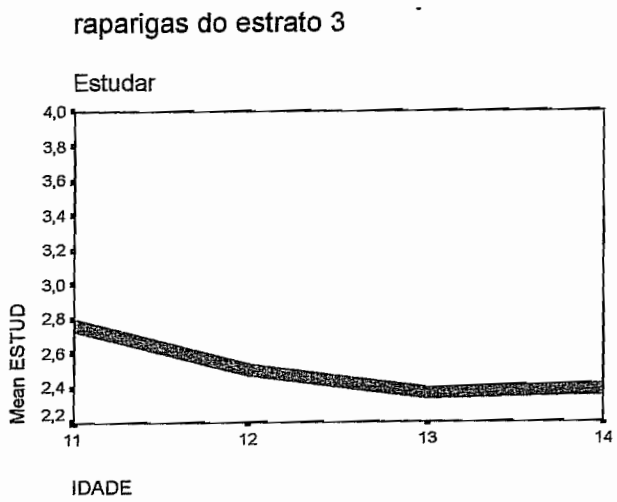
X.3.3 - Raparigas do Estrato 3

X.3.3.1 - Investimento Escolar

X.3.3. 1. 1 - Estudo

Constatamos uma evolução em decréscimo até aos 13 anos (gráf. 262). Há uma estabilização entre os 13 e os 14 anos. Isto indicia que até aos 13 anos as raparigas gostam cada vez menos de estudar.

Gráfico 262

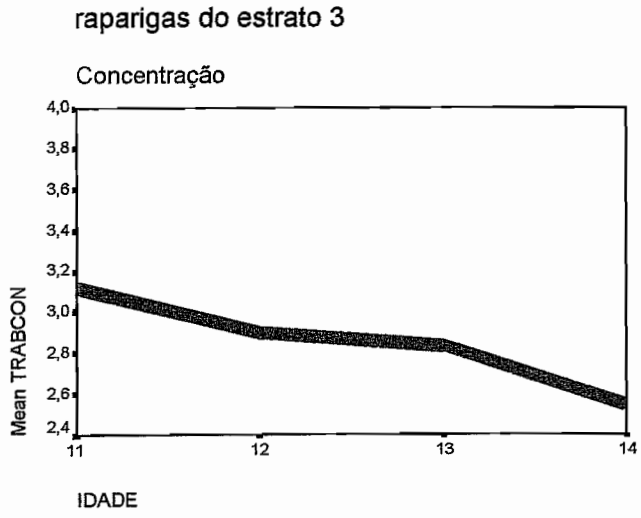


Todavia as diferenças de médias são muito pequenas (2,76 aos 11 anos; 2,50 aos 12 anos; 2,37 aos 13 anos e 2,38 aos 14 anos). Não encontrámos nesta variável diferenças significativas entre grupos etários entre as raparigas do estrato 3 da nossa amostra.

X.3.3. 1. 2 - Concentração

As raparigas do estrato 3 da nossa amostra vão diminuindo significativamente (Quadro 92) a sua capacidade de concentração à medida que a idade sobe (gráf. 263).

Gráfico 263



Quadro 92

Raparigas do estrato 3 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*17*	*18,24*	*0,02*
14	*13*	*11,92*	

Esta diminuição é progressiva como pode constatar-se pela única diferença significativa encontrada e pelas médias (3,12 aos 11 anos; 2,90 aos 12

anos; 2,83 aos 13 anos e 2,54 aos 14 anos). É portanto à medida que prossegue o processo de desenvolvimento da pré-adolescência que a capacidade de concentração diminui. Algo de semelhante acontece com a variável anterior em que o interesse por estudar também vai diminuindo embora sem diferenças significativas.

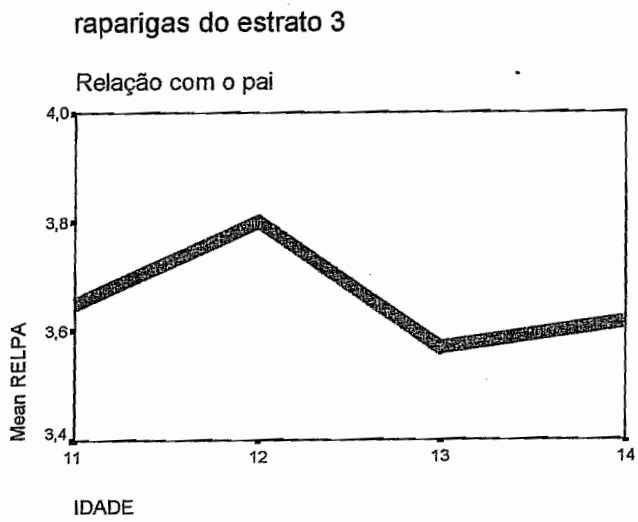
Todavia podemos estabelecer uma relação entre estas duas variáveis que mostram como o estudo vai progressivamente passando para um plano secundário.

X.3.3. 2 - Posição Relativa às Figuras Parentais

X.3.3. 2. 1 - Relação com o Pai

A relação com o pai ao longo de todo este período, é percepcionada pelas raparigas do estrato 3, como positiva sendo até as médias bastante elevadas (3,65 aos 11 anos; 3,80 aos 12 anos; 3,57 aos 13 anos e 3,62 aos 14 anos).

Gráfico 264



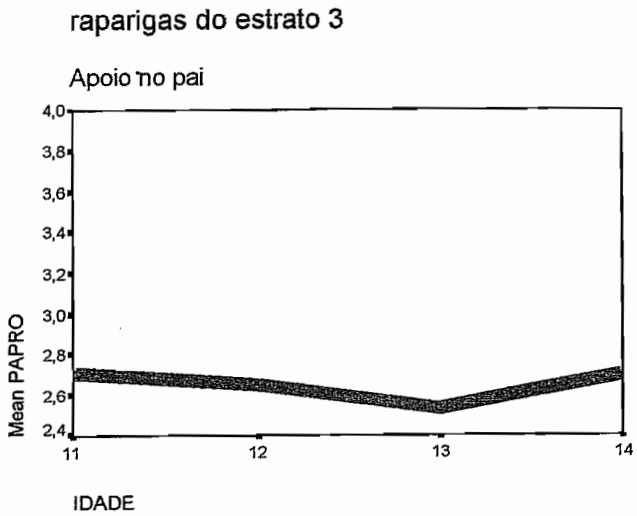
As alterações na linha evolutiva desta variável (gráf. 264), conquanto não sejam significativas fazem-se de forma oscilatória, sendo que a média dos 14 anos é muito próxima da dos 11 anos.

Há a salientar um movimento crescente entre os 11 e os 12 anos que faz com que esta idade seja a que tem uma melhor relação com o pai e um movimento decrescente entre os 12 e os 13 anos que coloca esta idade no mais baixo nível de percepção da qualidade de relação com o pai. Depois dos 13 anos há uma recuperação que de acordo com o referido parece pôr fim a um ciclo de variações tendendo a repor a situação inicial.

X.3.3. 2. 2 - Apoio no Pai

Também não há diferenças significativas entre grupos etários nesta variável. As raparigas do estrato 3 da nossa amostra apresentam valores médios muito próximos ao longo do tempo (2,71 aos 11 anos; 2,65 aos 12 anos; 2,53 aos 13 anos e 2,69 aos 14 anos).

Gráfico 265



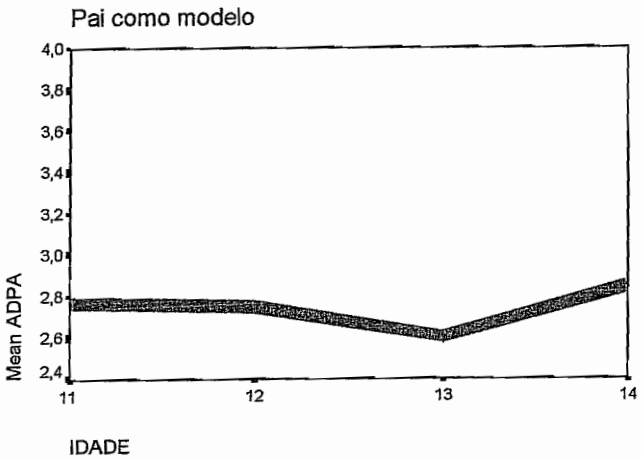
Observa-se contudo um ligeiro mas progressivo decréscimo entre os 11 e os 13 anos e uma também ligeira recuperação posterior (gráf. 265). Assim, os 13 anos são o momento em que estas raparigas menos têm no pai uma figura de apoio para a resolução dos problemas pessoais, constituindo-se também como um momento de viragem já que aos 14 anos o pai parece tender a recuperar o papel de suporte que tinha inicialmente.

X.3.3. 2. 3 - Pai como Modelo

A escolha do pai como modelo de identificação também não varia muito ao longo deste período. Em todo o caso mencionamos o facto de existir uma ligeira e progressiva perda até aos 13 anos com uma recuperação subsequente (gráf. 266).

Gráfico 266

raparigas do estrato 3



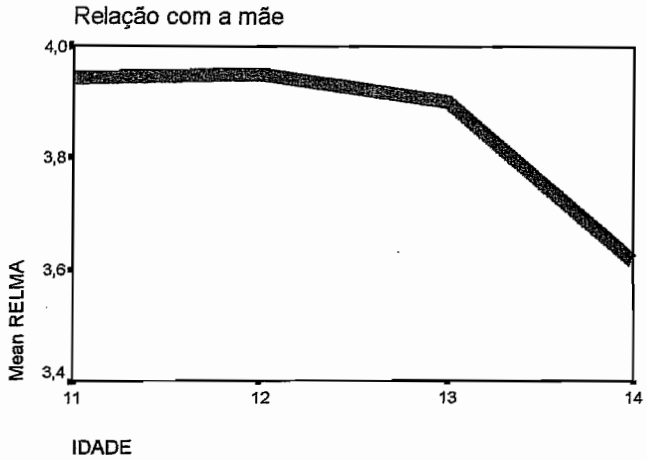
Variando as médias muito pouco (2,76 aos 11 anos; 2,75 aos 12 anos; 2,60 aos 13 anos e 2,85 aos 14 anos) não podemos deixar de constatar que é aos 14 anos que o pai mais se apresenta a estas raparigas como modelo de identificação.

X.3.3. 2. 4 - Relação com a Mãe

A partir dos 12 anos e sobretudo a partir dos 13 anos (gráf. 267) a percepção da qualidade da relação piora significativamente (Quadro 93). Mas a percepção que estas raparigas têm da relação com a mãe é muito positiva em todas as idades (3,94 aos 11 anos; 3,95 aos 12 anos; 3,90 aos 13 anos e 3,62 aos 14 anos).

Gráfico 267

raparigas do estrato 3



Quadro 93

Raparigas do estrato 3 (Mann-Whitney)

Idades	***N***	***Média das ordens***	***p***
12	*20*	*18,70*	*0,04*
14	*13*	*14,38*	

A mudança a partir dos 12 anos, independentemente de a relação conservar sempre boa qualidade, dever-se-à a uma necessidade de autonomização que de acordo com os nossos dados começa a fazer-se sentir a parir dos 12 anos.

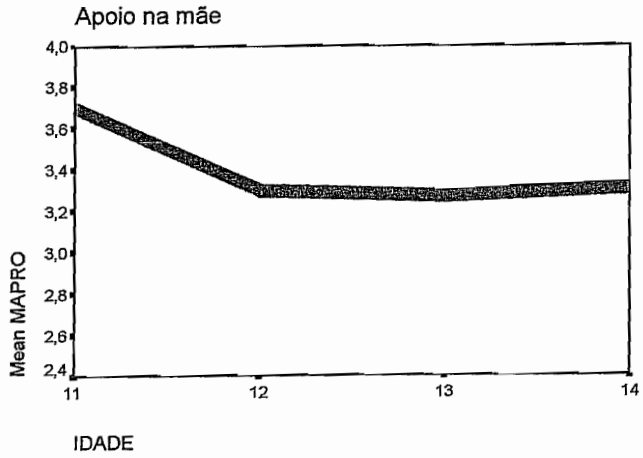
X.3.3. 2. 5 - Apoio na Mãe

Estas raparigas, até aos 13 anos, tendem a apoiar-se significativamente menos na mãe (Quadro 94), apesar de o grande decréscimo se dar entre os 11 e os 12 anos (gráf. 252). As médias são sempre bastante elevadas (3,71 aos 11 anos; 3,30 aos 12 anos; 3,27 aos 13 anos e 3,31 aos 14 anos) o que significa que apesar das diferenças nunca a mãe é rejeitada como figura de suporte.

Todavia, é aos 13 anos que estas raparigas menos se socorrem da mãe como figura de apoio e depois desta idade, aos 14 anos repõe-se a situação dos 12 anos pelo que concluímos que existe a tendência para que a mãe retome o papel de figura de suporte.

Gráfico 268

raparigas do estrato 3



Quadro 94

Raparigas do estrato 3 (Mann-Whitney)

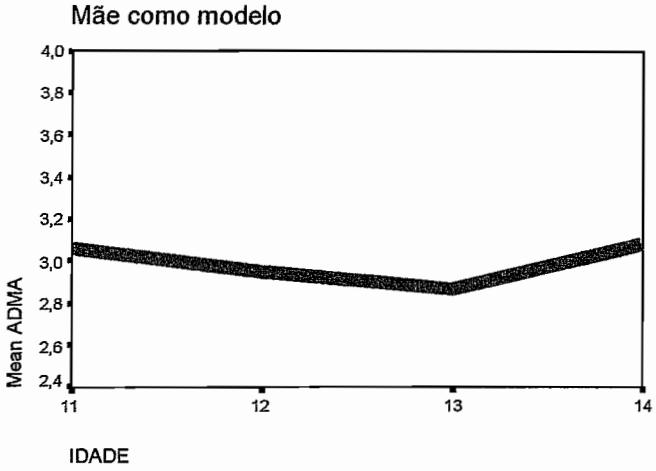
Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*17*	*22,35*	*0,05*
12	*20*	*16,15*	
11	*17*	*28,82*	*0,04*
13	*30*	*21,27*	

X.3.3. 2. 6 - Mãe como Modelo

Nesta variável não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários. Mas para as raparigas do estrato 3 da nossa amostra a mãe não parece nunca deixar de ser uma figura de identificação importante dado o valor das médias (3,06 aos 11 anos; 2,95 aos 12 anos; 2,87 aos 13 anos e 3,08 aos 14 anos).

Gráfico 269

raparigas do estrato 3



Porém, a evolução desta variável dá-se através de um decréscimo progressivo até aos 13 anos com uma recuperação posterior (gráf. 269). Salientemos dois dados importantes: o primeiro é o facto de pelos 13 anos as raparigas se identificarem com a mãe menos do que em qualquer outro gripo etário e o segundo é o de aos 14 anos a tendência a ver na mãe um modelo de identificação atingir a média mais elevada.

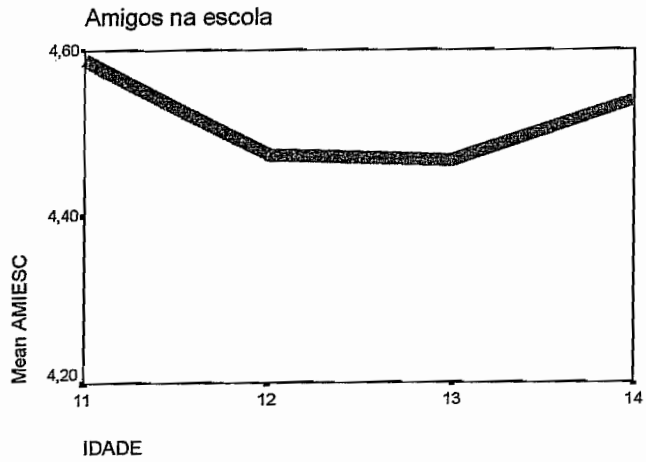
X.3.3. 3 - Relações Extra-Familiares

X.3.3.3. 1 – Amigos na Escola

A relação com os amigos atinge neste período níveis elevados (gráf. 270). Todavia nesta variável não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários. A sociabilidade relativa a coetários parece, durante todo este período, bastante indiscriminada (4,59 aos 11 anos; 4,47 aos 12 -13 anos e 4,54 aos 14 anos). Mas, aos 12-13 anos, embora a sociabilidade se mantenha intensa, parece tornar-se mais descriminada do que aos 14 anos.

Gráfico 270

raparigas do estrato 3



X.3.3. 3. 2 - Apoio nos Amigos

É evidente, nesta variável a evolução em crescendo até aos 13 anos. Entre os 13 e os 14 a situação parece estabilizar-se (gráf. 271).

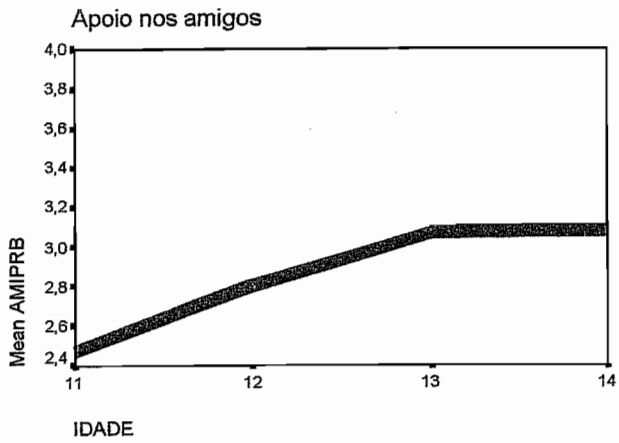
As médias (2,47 aos 11 anos; 2,80 aos 12 anos; 3,07 aos 13 anos e 3,08 aos 14 anos) sobem significativamente (Quadro 95) mostrando que cada vez mais estas raparigas escolhem coetários para fonte de suporte quando querem resolver problemas pessoais.

Esta mudança começa bastante cedo uma vez que dos 11 para os 12 anos já se verifica um aumento da média.

Provavelmente este facto deve-se à necessidade desenvolvimental de encontrar parceiros que tendo problemas idênticos são supostos compreender e podem apoiar à medida das necessidades das jovens sem parecerem assumir atitudes de censura.

Gráfico 271

raparigas do estrato 3



Quadro 95

Raparigas do estrato 3 (Mann-Whitney)

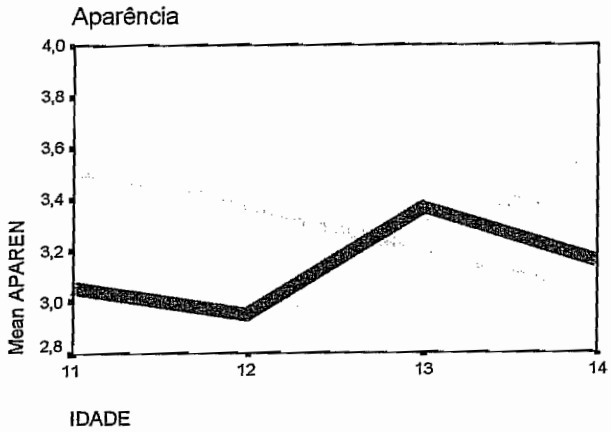
Idades	***N***	***Média das ordens***	***p***
11	*17*	*17,35*	*0,006*
13	*30*	*27,77*	
12	*20*	*20,45*	*0,03*
13	*30*	*28,87*	
11	*17*	*12,65*	*0,03*
14	*13*	*19,23*	

X.3.3.3. 3 - Aparência

Quanto à aparência física mais uma vez se verifica que para estas raparigas a evolução se faz de forma oscilatória (gráf. 272) com dois marcos importantes: o dos 12 anos que constitui o ponto mais baixo desta evolução e o dos 13 anos que constitui o ponto mais alto com uma diferença significativa entre estes dois grupos etários (Quadro 96).

Gráfico 272

raparigas do estrato 3



Quadro 96

Raparigas do estrato 3 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
12	*20*	*20,45*	*0,03*
13	*30*	*28,87*	

Além disso, também se verifica um decréscimo entre os 13 e os 14 anos embora no cômputo geral a tendência seja para um aumento da preocupação com a aparência, no fim deste período.

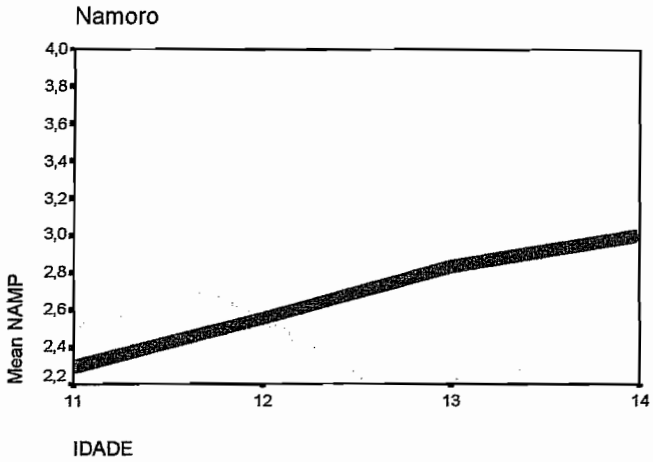
X.3.3. 3. 4 - Namoro

No que se refere ao namoro as raparigas do estrato 3 da nossa amostra evoluem duma forma progressiva e crescente entre os 11 e os 14 anos (gráfico 273).

As médias aumentam sempre (2,29 aos 11 anos; 2,55 aos 12 anos; 2,83 aos 13 anos e 3,00 aos 14 anos) e de forma significativa (Quadro 97).

Gráfico 273

raparigas do estrato 3



Quadro 97

Raparigas do estrato 3 (Mann-Whitney)

Idades	***N***	***Média das ordens***	***p***
11	*17*	*18,24*	*0,01*
13	*30*	*27,27*	
11	*17*	*12,41*	*0,02*
14	*13*	*19,54*	
12	*20*	*14,52*	*0,05*
14	*13*	*20,81*	

Isto mostra que estas raparigas vão progredindo na intensidade de exploração da relação amorosa à medida que sobem em idade. Não podemos evidentemente dizer que a exploração que fazem as raparigas de

11 anos tenha as características da das raparigas mais velhas, mas os nossos dados não nos permitem fazer esta destrinça.

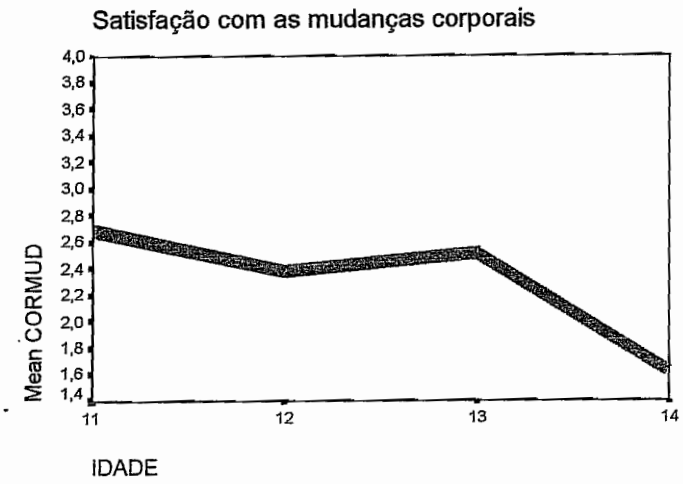
X.3.3. 4 – O Corpo

X.3.4. 4. 1 - Satisfação com as Mudanças Corporais

Entre as raparigas do estrato 3 da nossa amostra a satisfação com as mudanças corporais tende a diminuir durante este período (gráf. 274). A evolução das médias não é sempre decrescente (2,69 aos 11 anos; 2,37 aos 12 anos; 2,50 aos 13 anos e 1,62 aos 14 anos) mas no fim deste período é menor do que no início com diferenças significativas (Quadro 98).

Gráfico 274

raparigas do estrato 3



Quadro 98

Raparigas do estrato 3 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*16*	*18,91*	*0,002*
14	*13*	*10,19*	
12	*19*	*19,13*	*0,03*
14	*13*	*12,65*	
13	*30*	*25,25*	*0,004*
14	*13*	*14,50*	

É portanto aos 11 anos que estas raparigas se dizem mais satisfeitas e aos 14 anos que se dizem menos satisfeitas. Sublinhemos todavia que aos 13 anos se observa uma tendência crescente que logo se desvanece.

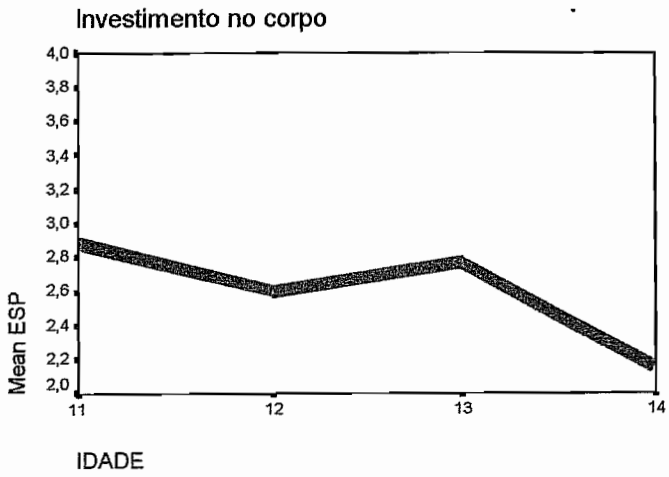
X.3.3. 4. 2 - Investimento no Corpo

O investimento no corpo que no cômputo geral diminui (gráf. 275) ao longo deste período apresenta um movimento oscilatório.

As médias tendencialmente baixas (2,88 aos 11 anos; 2,60 aos 12 anos; 2,77 aos 13 anos e 2,15 aos 14 anos) tendem a diminuir ao longo deste processo com dois marcos importantes que são momentos de viragem: o dos 12 anos que constitui o momento de mais baixo investimento e o dos 13 anos que constitui o momento de tendência crescente. Embora a diferença entre os 12 e os 13 anos seja pequena, as diferenças significativas que encontrámos (Quadro 99) apresentam os 13 anos como uma idade específica.

Gráfico 275

raparigas do estrato 3



Quadro 99

Raparigas do estrato 3 (Mann-Whitney)

Idades	*N*	*Média das ordens*	*p*
11	*17*	*18,76*	*0,008*
14	*13*	*11,23*	
13	*30*	*24,70*	*0,02*
14	*13*	*15,77*	

Dito de outro modo: esta evolução sugere que aos 12 anos se inicia um ciclo que tem nos 13 anos o seu ponto mais alto a partir do qual o investimento no corpo diminui significativamente. Quanto aos 11 anos, cujo investimento é o mais elevado deste período, será ainda muito provavelmente um período infantil com características diversas das do investimento das mais velhas que vêem um corpo cada vez mais marcado pelo dimorfismo sexual.

X.3.3. 4. 3 - Corpo e Relação

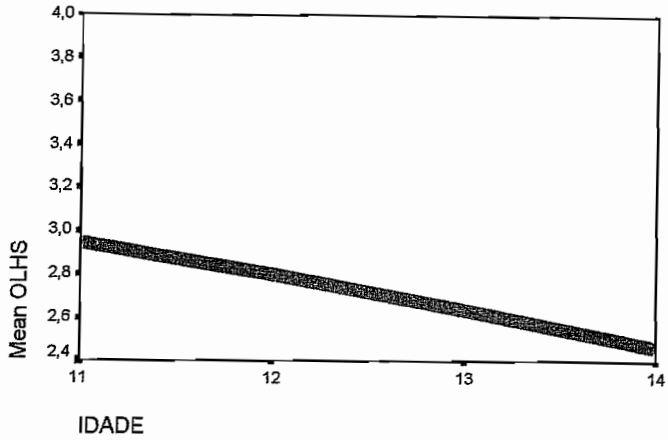
Nesta variável não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários mas embora as médias sejam pouco elevadas (2,94 aos 11 anos; 2,80 aos 12 anos; 2,63 aos 13 anos e 2,46 aos 14 anos), são sempre decrescentes (gráf. 276).

Significa isto que durante este período, o corpo é ainda e cada vez mais sentido como um incómodo na relação. Ou seja: o progresso pubertário não implica uma maior satisfação e um sentimento cada vez mais intenso de que o desenvolvimento do corpo é um factor de vantagem relacional.

Gráfico 276

raparigas do estrato 3

Corpo e relação



X.3.3. 5 - Percepção da Mudança

X.3.3. 5.1 – Mudança Relativa à Escola

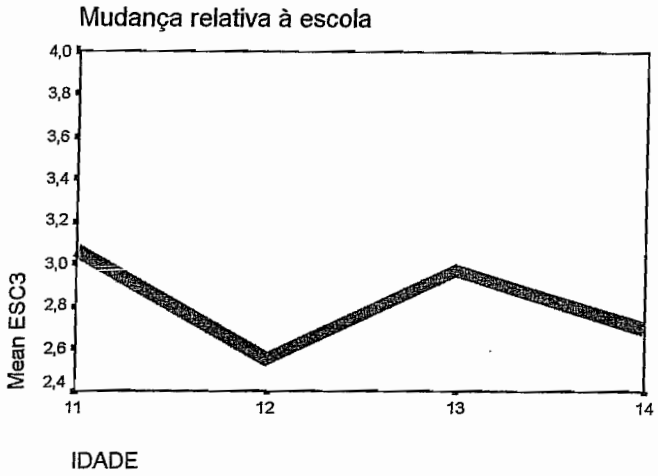
Durante este período a percepção de mudança relativamente à escola é mais elevada aos 11 anos. Depois disso, a evolução dá-se de forma oscilatória (3,06 aos 11 anos; 2,55 aos 12 anos; 2,97 aos 13 anos e 2,69 aos 14 anos).

Observam-se nesta evolução dois marcos importantes (gráf. 277): os dos 12 anos com menor percepção de mudança de atitude em relação à escola e o dos 13 anos com maior percepção de mudança se excluirmos os 11 anos. Aos 14 anos a percepção de mudança tende a diminuir e a aproximar-se do nível dos 12 anos. Isto sugere mais uma vez um ciclo desenvolvimental com início aos 12 anos cujo ponto mais alto e de mais aguda percepção de

mudança de atitude coincide com os 13 anos. Aos 14 anos estas raparigas parecem ter perdido a noção das mudanças entretanto ocorridas.

Gráfico 277

raparigas do estrato 3



Aos 11 anos estas raparigas referir-se-ão provavelmente a mudanças atinentes ao contexto que se alterou com a mudança de nível de ensino e não a verdadeiras mudanças de atitude.

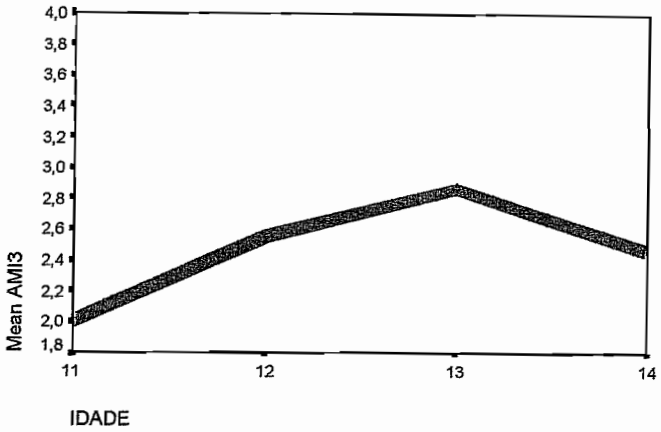
X.3.3. 5. 2 – Mudança Relativa à Amizade

Na percepção de mudança relativamente à amizade há um crescendo até aos 13 anos seguido de um decréscimo aos 14 anos (gráf. 278). As médias não são muito elevadas (2,00 aos 11 anos; 2,55 aos 12 anos; 2,86 aos 13 anos e 2,46 aos 14 anos) mas destacam-se os 13 anos com uma média significativamente mais elevada do que a dos 11 anos (Quadro 100).

Gráfico 278

raparigas do estrato 3

Mudança relativa à amizade



Quadro 100

Raparigas do estrato 3 (Mann-Whitney)

Idades	***N***	***Média das ordens***	***p***
11	*17*	*18,18*	*0,03*
13	*29*	*26,62*	

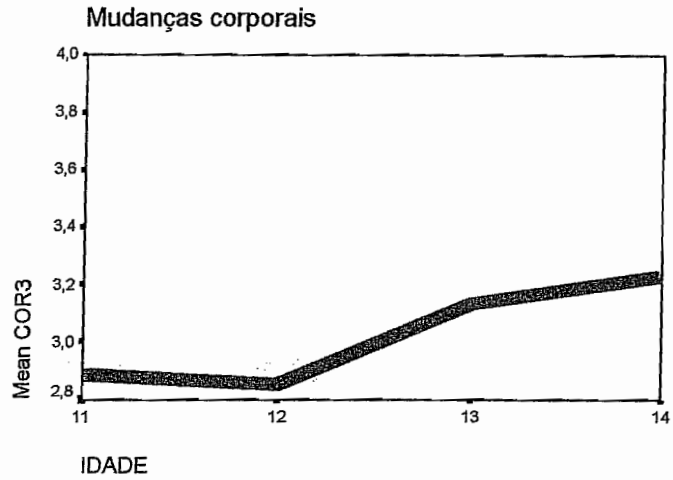
Os 13 anos são portanto o momento de mais aguda percepção de mudança de atitude relativamente à amizade apesar de este desenvolvimento ser sempre crescente antes desta idade. Curiosamente aos 14 anos a média é mais baixa do que aos 12 anos o que não é surpreendente se pensarmos na evolução que constatámos em variáveis anteriores. Mas neste caso, dada a grande mudança que temos vindo a constatar no sexo feminino relativamente à amizade, mais se consolida a nossa ideia de que as raparigas de 14 anos tendem a esquecer o processo entretanto desenvolvido.

X.3.3. 5. 3 – Mudança Corporal

Não há nesta variável diferenças significativas entre grupos etários. A tendência é crescente (gráf. 279) embora a média dos 12 anos seja ligeiramente inferior à dos 11 anos (2,88 aos 11 anos; 2,85 aos 12 anos; 3,13 aos 13 anos e 3,23 aos 14 anos).

Gráfico 279

raparigas do estrato 3



Sublinhamos apenas o facto de não haver diferenças significativas uma vez que há durante este período mudanças na dimensão e estrutura corporais consideráveis. Ou seja: parece poder-se concluir que a percepção das mudanças corporais entre as raparigas do estrato 3 da nossa amostra não acompanham as reais mudanças corporais.

X.3.3.6 - Conclusão

Entre todas as raparigas são as do estrato 3 aquelas em quem encontramos mais diferenças significativas entre grupos etários.

Elas existem no investimento escolar (variável concentração), na posição relativamente à mãe (na relação com a mãe e no apoio na mãe), nas relações extra-familiares (no apoio nos amigos, na aparência e no namoro), no corpo e na percepção de mudança (na mudança relativamente à amizade).

São portanto estas raparigas que manifestam um processo desenvolvimental mais eficaz.

Tal como nos outros jovens há nestas raparigas um desinvestimento escolar que começa a manifestar-se a partir dos 11 anos atingindo o seu ponto mais baixo pelos 13-14 anos sem qualquer recuperação.

Na posição relativamente às figuras parentais, não há grandes mudanças no que se refere ao pai, mas mesmo assim pudemos demarcar dois momentos característicos: pelos 13 anos estas raparigas têm uma relação com o pai mais distante do que em qualquer outra altura, apoiam-se menos e identificam-se menos com ele do que em qualquer outra altura; pelos 14 anos há uma recuperação em todas estas variáveis.

No que se refere à mãe há grandes diferenças embora a relação com ela se mantenha muito intensa até aos 13 anos. Na verdade, logo que entram neste período as raparigas do estrato 3 começam a procurar cada vez menos o apoio materno e a identificar-se menos com ela. Foi-nos possível demarcar dois momentos característicos: o dos 13 anos quando estas raparigas menos procuram o apoio materno e menos de identificam com a mãe e o dos 14 anos quando as raparigas têm com a mãe uma relação mais distante (embora se mantenha forte) mas voltam a procurar o seu apoio e se identificam com ela mais do que em qualquer outra idade.

Também nas relações extra-familiares a mudança destas raparigas é grande. Apesar de aos 12-13 anos serem um pouco menos sociáveis do que

aos 11 ou aos 14 anos, é aos 13 anos que estas raparigas se preocupam mais com a aparência e mais se servem dos amigos como suporte para a resolução dos problemas pessoais. Os 13 anos são portanto um momento em que tendo diminuído a sociabilidade os amigos adquirem uma maior importância e a aparência será um factor de integração e identificação. Mas o interesse pelas relações amorosas mantém-se durante todo este período em movimento crescente.

Relativamente ao corpo parece haver uma vivência de satisfação, investimento e à vontade nas relações aos 11 anos. Mas isto tende a alterar-se. Embora com oscilações durante este período, aos 14 anos estas raparigas manifestam-se mais desagradadas com as mudanças corporais, investem menos e sentem o corpo como mais perturbador nas relações interpessoais do que em idades anteriores. O desenvolvimento corporal não é portanto sentido como uma vantagem ou fonte de prazer.

Relativamente à mudança existe um momento de percepção mais aguda coincidente com os 13 anos mas isto só é verdade no que se refere à escola e à amizade porque relativamente ao corpo estas jovens percepcionam mais mudanças aos 14 anos do que em qualquer outra idade. Especifiquemos ainda que enquanto relativamente à amizade a percepção de mudança começa a observar-se entre os 11 e os 12 anos, relativamente à escola só começa a dar-se a partir dos 12 anos o mesmo ocorrendo relativamente ao corpo.

X.3.4 - Comparação entre Estratos nas Raparigas

X.3.4. 1 - Investimento Escolar

No investimento escolar não há diferenças significativas entre estratos. No entanto quer na variável que avalia o interesse pelo estudo quer na que se refere à capacidade de concentração há diferenças.

No estrato 1 é aos 12 anos que as raparigas parecem gostar mais de estudar e aos 13 menos parecem gostar de estudar. A capacidade de concentração também atinge o nível mais baixo aos 13 anos. Deste modo podemos dizer que o maior desinvestimento na aprendizagem escolar ocorre aos 13 anos.

No estrato 2 é aos 12 anos que as raparigas menos gostam de estudar mas a capacidade de concentração aumenta com a subida da idade o que torna este desenvolvimento paradoxal.

No estrato 3 é também aos 13 anos que as raparigas menos gostam de estudar mas a descida da capacidade de concentração prolonga-se para além dos 13 anos.

X.3.4. 2 - Posição Relativa às Figuras Parentais

X.3.4. 2. 1 – Posição Relativa ao Pai

No que se refere ao pai não encontrámos qualquer diferença significativa entre estratos em nenhuma das variáveis.

No entanto as evoluções são diferentes. No estrato 1 a relação com o pai, de acordo com a percepção destas jovens, vai melhorando até aos 13 anos, altura em que atinge a média mais elevada para depois voltar a piorar.

No estrato 2 a relação com o pai tende a piorar sempre mas é entre os 13 e os 14 anos que mais desce a sua média.

No estrato 3, é aos 12 anos que a relação com o pai atinge a média mais elevada e aos 13 anos atinge a média mais baixa mas dos 13 para os 14 há uma recuperação que sugere a existência de um ciclo findo o qual se restabelece a relação inicial.

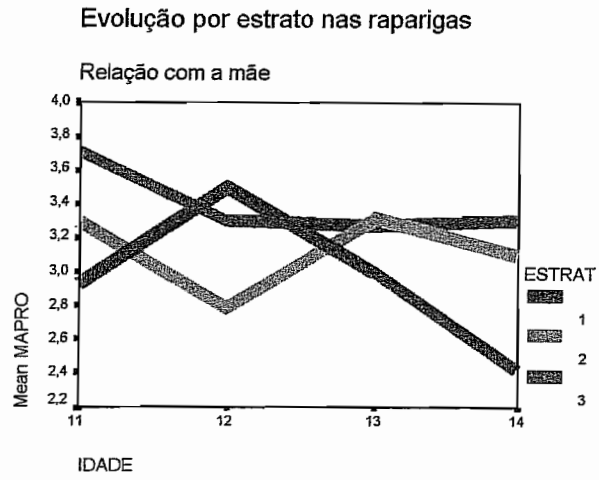
No que se refere ao pai como figura de apoio as médias são muito baixas em todos os estratos e como anteriormente dissemos, não podemos considerar que ele seja escolhido pelas raparigas como suporte. Todavia há um ligeiro aumento das médias nesta variável a acompanhar a subida de estrato.

No que se refere à identificação com o pai, observa-se nas raparigas do estrato 1 uma média mais baixa (2,48) do que no estrato 2 (2,70) e no estrato 3 (2,71). Mas além disso no estrato 1 é aos 12 anos que as raparigas mais tendem a ver o pai como modelo de identificação. Nos estratos 2 e 3, embora a identificação com o pai também não seja muito elevada, dos 13 para os 14 anos ele volta a ser tomado como modelo. Ou seja: depois de uma tendência para recusar o pai como modelo de identificação, nos estratos 2 e 3 ele volta a ser visto como modelo adulto.

X.3.4. 2. 2 – Posição Relativa à Mãe

É relativamente à mãe que encontramos diferenças entre estratos mas apenas enquanto figura de suporte (Quadro 101).

Gráfico 280



Quadro 102

Comparação entre estratos nas raparigas (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***Estratos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Apoio na Mãe	*12*	***1***	*22*	*21,39*	*0,03*
		2	*14*	*13,96*	
Apoio na Mãe	*11*	***1***	*13*	*10,88*	*0,005*
		3	*17*	*19,03*	
	14	***1***	*12*	*10,13*	*0,05*
		3	*13*	*15,65*	

Todavia, estas diferenças significativas derivam do facto de, para os diferentes estratos, se observarem diferentes evoluções (gráf. 280). A diferença entre os estratos 1 e 2 aos 12 anos justifica-se pelo facto de nesta idade, as raparigas do estrato 1 atingirem o seu ponto mais alto na procura da mãe como fonte de apoio enquanto as raparigas do estrato 2 estão no momento em que menos procuram o seu apoio. O mesmo se passa com as raparigas dos estratos 1 e 3 aos 11 anos: enquanto as primeiras estão num momento em que procuram pouco o apoio da mãe as segundas estão no período em que mais contam com ela. Aos 14 anos, embora nestes dois

estratos a mãe como figura de apoio tenha perdido parte da sua função é no estrato 1 que a perda é maior.

De acordo com a evolução nas variáveis respeitantes à posição relativamente à mãe, podemos constatar a existência em todos os estratos de um período de relação muito positiva com a mãe, coincidindo com uma forte tendência a utilizá-la como figura de suporte e com uma tendência forte a tomá-la como modelo; um período em que a relação é menos positiva coincidindo com a recusa a tomá-la como figura de suporte e a identificar-se com ela; um período em que a relação com a mãe é mais fraca, o apoio não é tão procurado ou mesmo recusado mas a identificação torna-se mais alta. Estes períodos sucedem-se por esta ordem nos estratos 1 e 3 embora no estrato 3 exista entre o primeiro e o segundo período um tempo de mudança mais prolongado. Todavia no estrato 2 não acontece a mesma coisa. Há entre as raparigas do estrato 2 da nossa amostra uma aparente inversão dos dois primeiros períodos de modo que estas raparigas iniciam este desenvolvimento por uma fraca relação, um apoio fraco na figura materna e uma recusa de identificação. Mas além disso, pelos 11 anos estas raparigas mostram existir um período em que embora a relação com a mãe não esteja na sua maior intensidade, procuram confidenciar-lhe os seus problemas pessoais e identificam-se muito com ela. Uma fase semelhante ocorre no estrato 1 com a diferença de que neste estrato as raparigas não procuram tendencialmente o apoio da mãe. Tratar-se-à possivelmente de uma fase intermédia em ambos os estratos.

Podemos portanto dizer que para os estratos 1 e 3 há um período em que a ligação à mãe de tendência idealizante coincide com uma relação assente na dependência e na identificação forte (aos 12 anos no estrato 1 e aos 11 anos

no estrato 3), um período de tendência rejeitante servindo a necessidade de autonomização (aos 13 anos para ambos os estratos) e um período de distanciamento com tendência a aumentar a identificação com a mãe (aos 14 anos).

Há portanto nos estratos 1 e 3, para além das diferenças entre as médias, uma diferença de ritmo inicial sem prejuízo da fase final que nos dois estratos coincide com os 14 anos.

Quanto a este facto em particular podemos dizer o mesmo para as raparigas do estrato 2. Contudo no estrato 2 esta evolução parece caracterizar-se por movimentos alternados de avanço e recuo em direcção à diferenciação e à organização da identidade por identificação com a figura materna.

X.3.4. 2. 3 – Posição Relativa a Ambos os Pais

Há, como entre os rapazes, diferenças entre o pai e a mãe nestas variáveis, algumas das quais se generalizam a todos os estratos podendo ser consideradas características do sexo feminino.

É o caso da procura de apoio que em todos os estratos recai sobre a mãe com diferenças significativas relativamente ao pai (Quadro 102). Todavia as diferenças significativas que nos estratos 2 e 3 abrangem todos os grupos etários, no estrato 1 abrangem apenas o período entre os 11 e os 13 anos porque a partir dos 12 anos começa a decrescer a procura da mãe como fonte de suporte.

A diferença entre a relação com o pai e a relação com a mãe só apresenta diferenças significativas nos estratos 2 e 3 e apenas aos 14 e 13 anos respectivamente.

Quadro 102

Comparação entre variáveis nas raparigas (Teste de Wilcoxon)

Estra-tos	*Pares de Variáveis*	*Idade*	N		Média das ordens	p
1	*Apoio no Pai – Apoio na Mãe*	*11*	Dif. Negativas	7	4,00	0,02
			Dif. Positivas	0	0,00	
			Empates	6		
		12	Dif. Negativas	16	8,50	0,001
			Dif. Positivas	0	0,00	
			Empates	4		
		13	Dif. Negativas	10	6,15	0,008
			Dif. Positivas	1	4,50	
			Empates	6		
	Mãe c/ o modelo – Pai como modelo	*11*	Dif. Negativas	7	4,00	0,02
			Dif. Positivas	0	0,00	
			Empates	6		
2	*Relação c/ Pai – Relação c/ Mãe*	*14*	Dif. Negativas	8	4,50	0,008
			Dif. Positivas	0	0,00	
			Empates	12		
	Apoio no Pai – Apoio na Mãe	*11*	Dif. Negativas	7	4,00	0,01
			Dif. Positivas	0	0,00	
			Empates	10		
		12	Dif. Negativas	5	3,00	0,03
			Dif. Positivas	0	0,00	
			Empates	13		
		13	Dif. Negativas	12	6,50	0,001
			Dif. Positivas	0	0,00	
			Empates	6		
		14	Dif. Negativas	13	7,00	0,001
			Dif. Positivas	0	0,00	
			Empates	8		
	Pai como modelo – Mãe como modelo	*14*	Dif. Negativas	8	5,25	0,02
			Dif. Positivas	1	3,00	
			Empates	12		
3	*Relação c/ Pai – Relação c/ Mãe*	*13*	Dif. Negativas	9	5,00	0,004
			Dif. Positivas	0	0,00	
			Empates	21		
	Apoio no Pai – Apoio na Mãe	*11*	Dif. Negativas	11	6,00	0,003
			Dif. Positivas	0	0,00	
			Empates	6		
		12	Dif. Negativas	9	5,00	0,006
			Dif. Positivas	0	0,00	
			Empates	11		
		13	Dif. Negativas	16	8,50	0,000
			Dif. Positivas	0	0,00	1
			Empates	14		
		14	Dif. Negativas	7	4,64	0,03
			Dif. Positivas	1	3,50	
			Empates	5		
	Pai como modelo – Mãe como modelo	*13*	Dif. Negativas	7	4,57	0,04
			Dif. Positivas	1	4,00	
			Empates	22		

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

A diferença entre a tendência a ver no pai e a ver na mãe modelos de identificação apresenta valores significativos em todos os estratos mas apenas aos 11 anos no estrato 1, aos 14 anos no estrato 2 e aos 13 anos no estrato 3.

Isto deve-se em parte a tipos de desenvolvimento diferenciados embora sempre o apoio na mãe e a identificação com a mãe sobrelevem o apoio e a identificação com o pai.

No estrato 1 as raparigas tendem a percepcionar ao longo de todo este período a relação com a mãe mais positiva do que a relação com o pai, tendem a apoiar-se sempre mais na mãe do que no pai e tendem a identificar-se mais com a mãe.

Entre os 13 e os 14 anos, aumentam a identificação com a mãe e diminui a identificação com o pai.

No estrato 3, algo de semelhante se passa com a diferença de que aos 14 anos a relação com a mãe está equiparada à relação com o pai.

No estrato 2, embora o apoio na mãe e a identificação com a mãe ultrapassem o apoio e a identificação com o pai em todas as idades, aos 11-12 anos a relação com o pai é percepcionada como mais positiva do que a relação com a mãe, facto que subsequentemente se inverte.

Ou seja: há uma alternância nesta variável entre o pai e a mãe. De resto, neste estrato, a relação com a mãe mantém uma grande constância.

De acordo com os nossos dados, as raparigas, embora sempre tendam a identificar-se mais com o progenitor do seu próprio sexo, aumentam ainda essa identificação aos 14 anos quando a relação se tornou menos positiva.

Podemos portanto concluir que a distância relacional aumentou a identificação.

Todavia verificámos ainda outro facto importante. É que exceptuando entre as raparigas do estrato 1, salvaguardadas as diferenças entre o pai e a mãe, também aumenta a identificação com o pai pelos 14 anos. Assim, jogam-se aqui dois factores importantes: o primeiro é a constatação de que a realidade da diferença dos sexos, conduz à identificação predominante com o sexo de pertença; a segunda é a constatação de que a partir do momento em que a diferenciação de género está mais estabelecida, é possível às raparigas a identificação com a figura parental de sexo diferente.

Isto resulta possivelmente do facto de por um lado a autonomização face às figuras parentais estar aos 14 anos bastante mais definida, não resultando nenhum perigo de perda da diferenciação nesta altura e por outro lado de a identidade de género, também mais firme, permitir identificações com o pai sem perda da diferenciação de género.

Estas reflexões conduzem-nos ainda a outra conclusão: a de que a identidade de género sofre até aos 13 anos um processo desenvolvimental que cumpre um ciclo até aos 13 anos, pelo menos nos estratos 2 e 3.

X.3.4. 3. Relações Extra-Familiares

Apenas em duas variáveis deste grupo encontrámos diferenças significativas entre estratos (Quadro 103) e como podemos verificar é sobretudo nos amigos enquanto figuras de apoio para a resolução de problemas pessoais que existem diferenças.

No geral, exceptuando aos13 anos, as raparigas do estrato 3 da nossa amostra são as que mais procuram o apoio dos amigos. Isto acontece com um aumento progressivo logo a partir dos 11 anos. Nos estratos 1 e 2 torna-

se claro um aumento da procura de apoio nos amigos sobretudo entre os 12 e os 13 anos mas depois disso esse apoio decresce.

Quadro 103

Comparação entre estratos nas raparigas (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***Estratos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Apoio nos Amigos	*13*	***1***	*18*	*14,92*	*0,02*
		2	*19*	*22,87*	
	14	***1***	*13*	*11,85*	*0,006*
		2	*21*	*21,00*	
	12	***1***	*22*	*17,82*	*0,03*
		3	*20*	*25,55*	
	13	***1***	*18*	*19,67*	*0,04*
		3	*30*	*27,40*	
	14	***1***	*13*	*9,37*	*0,008*
		3	*13*	*17,27*	
Aparência	*13*	***1***	*18*	*18,42*	*0,01*
		3	*30*	*28,15*	

Nota: Para simplificação só figuram os valores significativos.

De acordo com os nossos dados, no entanto, as grandes diferenças ocorrem entre os estratos 1 e 2 e entre os estratos 1 e 3. Entre os estratos 2 e 3 não há diferenças significativas. As raparigas do estrato 2, a partir dos 13 anos tendem a apoiar-se significativamente mais nos amigos do que as do estrato 1 e as raparigas do estrato 3 a partir dos 12 anos tendem a apoiar-se significativamente mais nos amigos do que as do estrato 1.

Relativamente à aparência só há uma diferença significativa aos 13 anos entre o estrato 1 e o 3 cujas raparigas se interessam mais pela aparência. Esta diferença coincide com a idade em que quer as raparigas do estrato 3 quer as do 2 mostram um interesse acrescido pela aparência o que não acontece no estrato 1 que não mostra grandes modificações.

Quanto ao interesse pelo namoro não há diferenças entre estratos em qualquer dos grupos etários mas as evoluções são diferentes. No estrato 3 há um movimento sempre crescente a acompanhar a subida da idade. No estrato 2 há aos 12 anos um momento de menor interesse pelo namoro e aos 13-14 anos a exploração desta questão atinge o seu ponto mais elevado. No estrato 1 deparamo-nos com um movimento crescente até aos 13 anos mas depois desta idade o interesse decresce, sendo estas raparigas as que revelam menor interesse.

X.3.4. 4 – O Corpo

Nesta área desenvolvimental só encontrámos diferenças significativas entre estratos na satisfação com as mudanças corporais e no investimento no corpo (Quadro 104).

Na satisfação com as mudanças corporais até aos 13 anos são as raparigas do estrato 3 que estão em vantagem sobre as dos outros estratos embora só exista uma diferença significativa relativamente ao estrato 2 aos 11 anos. Aos 13 anos dá-se uma viragem nos estratos 1 e 3. As raparigas do estrato 1 passam a manifestar-se mais satisfeitas e as raparigas do estrato 3 passam a manifestar-se menos satisfeitas. Daqui resulta não só uma diferença significativa entre o estrato 1 e o 3 mas também entre o 2 e o 3.

O investimento no corpo, a partir dos 12 anos, é superior nas raparigas do estrato 1 com diferenças significativas aos 12 anos entre o estrato 1 e os outros dois, aos 13 anos com uma diferença significativa entre o estrato 1 e o estrato 2 e aos 14 anos com uma diferença significativa entre o estrato 1 e o 3.

Quadro 104

Comparação entre estratos nas raparigas (Mann-Whitney)

Variáveis	*Idade*	*Estratos*	*N*	*Média das ordens*	*p*
Satisfação com as Mudanças Corporais	*11*	**2**	*15*	*13,07*	*0,04*
		3	*16*	*18,75*	
	14	**2**	*21*	*21,07*	*0,003*
		3	*13*	*11,73*	
	14	**1**	*13*	*17,73*	*0,003*
		3	*13*	*9,27*	
Investimento no Corpo	*12*	**1**	*21*	*20,67*	*0,04*
		2	*14*	*14,00*	
	12	**1**	*21*	*24,17*	*0,05*
		3	*20*	*17,67*	
	13	**1**	*18*	*22,19*	*0,05*
		2	*19*	*15,97*	
	14	**2**	*21*	*20,36*	*0,02*
		3	*13*	*12,88*	
	14	**1**	*13*	*16,81*	*0,03*
		3	*13*	*10,19*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Note-se que aos 14 anos há também uma diferença significativa entre o estrato 2 e o 3 cujas raparigas são, nesta idade as que menos investem no corpo. Convém ainda acrescentar que em todos os estratos existe um momento de maior investimento no corpo que no estrato 1 coincide com os 12 anos, e nos estratos 2 e 3 coincide com os 11 anos. Existe também um momento de menor investimento que no estrato 1 coincide com os 11 anos, no estrato 2 com os 12-13 anos e no estrato 3 com os 14 anos. Assim, as raparigas do estrato 3 são as que entram em maior perda e as do estrato 2 recuperam em parte o investimento no corpo aos 14 anos.

Quanto ao corpo como elemento da relação com os outros são as raparigas do estrato 1 que, no geral, revelam menor constrangimento. Mas neste grupo não há grandes variações. No estrato 2 há um momento de maior constrangimento aos 12 anos mas depois uma recuperação e no estrato 3 o

desagrado vai diminuindo com a subida da idade. Todavia não há diferenças significativas entre estratos.

X.3.4. 5 - Percepção da Mudança

Na percepção de mudança há diferenças significativas entre estratos apenas na mudança relativa à escola e na mudança corporal (Quadro 105).

No que se refere à escola a diferença entre os estratos 2 e 3 aos 11 anos advêm do facto de as raparigas do estrato 3 considerarem ter mudado muito o que não acontece nos outros dois estratos e será irrealista, a menos que estas raparigas considerem a mudança de escola como uma mudança psicológica. Todavia a diferença que encontrámos aos 13 anos coincide com um momento em que em todos os estratos as raparigas têm a mais aguda percepção de mudança que no estrato 1 é mais elevada do que em qualquer dos outros.

Quadro 105

Comparação entre estratos nas raparigas (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***Estratos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Mudança relativa à escola	*11*	***2***	*17*	*13,71*	*0,01*
		3	*17*	*21,29*	
	13	***1***	*18*	*22,58*	*0,04*
		2	*19*	*15,61*	
Mudança corporal	*11*	***1***	*13*	*11,65*	*0,03*
		2	*17*	*18,44*	
	11	***1***	*13*	*11,62*	*0,02*
		3	*17*	*18,47*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Relativamente ao corpo são as raparigas do estrato 1 que aos 11 anos têm uma menor percepção de mudança. Mas esta tende a aumentar em todos os

estratos atingindo para os estratos 1 e 2 o seu ponto mais alto aos 13 anos. No estrato 3 a percepção da mudança corporal tende ainda a aumentar aos 14 anos quando entre as raparigas dos outros estratos diminui novamente.

Na percepção de mudança relativamente à amizade em todos os estratos o momento de mais aguda percepção é aos 13 anos o que posteriormente diminui.

Os 13 anos surgem assim como um período específico em que a auto-observação parece aumentada.

X.4 - Comparação Entre Sexos Quanto ao Desenvolvimento da Identidade

X.4. 1 - Estrato 1

Sem diferenças significativas rapazes e raparigas do estrato 1, entram num período de **desinvestimento da escolaridade** a partir dos 12 anos com duas pequenas diferenças: as raparigas começam a ter dificuldades em concentrar-se logo a partir dos 11 anos e entre os 13 e os 14 anos começam a recuperar o investimento na escolaridade o que não acontece nos rapazes. Parece portanto haver uma maior precocidade nas raparigas.

A grande diferença entre os sexos no que se refere à **posição relativa às figuras parentais** encontramo-la no apoio na mãe e no pai (Quadro 106) que aos 11 anos são significativamente mais elevados para os rapazes. Depois desta idade, sem diferenças significativas, os rapazes continuam a procurar mais o apoio no pai do que as raparigas. Mas apoiando-se mais na

mãe até aos 13 anos, aos 14 os rapazes, passam a procurar menos o apoio da mãe do que as raparigas.

Quadro 106

Comparação entre sexos no estrato 1 (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***sexos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Apoio no pai	*11*	***1***	*12*	*17,04*	*0,006*
		2	*13*	*9,27*	
Apoio na mãe	*11*	***1***	*13*	*17,35*	*0,005*
		2	*13*	*9,65*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Significa isto que relativamente à mãe os rapazes mantêm uma atitude de dependência bastante mais tempo do que as raparigas mas também que adquirem uma maior independência do que elas. Todavia, como é natural a variável sexo implica que os rapazes se apoiem mais no pai e as raparigas mais na mãe no fim deste período.

Também na relação com o pai e a mãe se verifica algo semelhante: os rapazes têm uma melhor relação com o pai durante todo este período e têm uma melhor relação com a mãe até aos 13 anos, passando depois as raparigas a ter uma melhor relação com a mãe.

As identificações diferenciam também os sexos sendo que os rapazes tomam o pai como modelo de identificação mais do que as raparigas se exceptuarmos os 13 anos, altura em que tendem a recusar o pai como modelo de identificação. Todavia, relativamente à mãe enquanto modelo de identificação, os rapazes só ultrapassam as raparigas aos 11 e aos 14 anos. Na verdade, ao longo do tempo, como vimos anteriormente, os rapazes

tendem a identificar-se cada vez menos com a mãe mas aos 12 anos verifica-se nas raparigas um pico de identificação com a mãe que depois entra em perda progressiva o que faz com que aos 12-13 anos elas ultrapassem os rapazes.

Nas variáveis referentes às **relações extra-familiares** não há diferenças significativas entre os sexos. Todavia, nos rapazes é possível constatar aos 12 anos um período de maior sociabilidade que depois tende a diminuir progressivamente, uma progressiva mas ténue tendência a procurar apoiar-se nos amigos que atinge o ponto mais elevado aos 14 anos, uma diminuição do interesse pela aparência que aos 14 anos é muito baixo e depois dos 12 anos um progressivo interesse pelo namoro. Nas raparigas, o pico de sociabilidade, é atingido apenas aos 13 anos, com ele também a procura de apoio nos amigos, a preocupação com a aparência e o interesse pelo namoro. Depois dos 13 anos há um decréscimo em todas estas variáveis, concertação que se não observa nos rapazes.

Em todas as variáveis referentes ao **corpo** os rapazes estão geralmente em vantagem sobre as raparigas com algumas diferenças significativas (Quadro 107). Aos 13 anos, os rapazes estão claramente mais satisfeitos com as mudanças corporais do que as raparigas da mesma idade até porque este é para eles, o momento de maior satisfação e para elas, o momento de menor satisfação. As raparigas só aos 14 anos parecem satisfeitas e embora com uma pequena diferença mais satisfeitas do que os rapazes. Aos 11 anos os rapazes investem mais no corpo do que as raparigas mas este investimento tende a diminuir progressivamente. As raparigas que inicialmente

aumentam ligeiramente o investimento no corpo depois estabilizam de modo que a partir dos 13 anos tendem a investi-lo mais do que os rapazes.

Quadro 107

Comparação entre sexos no estrato 1 (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***sexos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Satisfação c/ as mudanças corporais	*13*	***1***	*14*	*20,14*	*0,01*
		2	*18*	*13,67*	
Investimento no corpo	*11*	***1***	*13*	*15,92*	*0,02*
		2	*12*	*9,83*	
Corpo e relação	*11*	***1***	*13*	*16,08*	*0,02*
		2	*12*	*9,67*	
	13	***1***	*14*	*20,25*	*0,03*
		2	*18*	*13,58*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

O corpo como elemento relacional é encarado sempre de forma mais positiva pelos rapazes apesar de aos 12 anos parecer existir algum desconforto. Todavia, entre as raparigas nunca o corpo é geralmente sentido como um factor de valorização sendo as diferenças significativas devidas exclusivamente a momentos em que os rapazes vêem o corpo como um factor mais positivo do que noutras alturas.

Na **percepção da mudança**, a evolução que constatámos para os dois sexos é algo paradoxal. Relativamente à escola, guardadas as diferenças quantitativas, dado que as raparigas referem uma mudança mais acentuada, a evolução de rapazes e raparigas faz-se a um ritmo semelhante. A partir dos 12 anos ambos os sexos começam a constatar um acréscimo de mudanças que aos 13 anos atinge para ambos os sexos o ponto culminante. Na amizade também em ambos os sexos existe um período agudo de

percepção de mudança pelos 13 anos mas enquanto as raparigas vão progressivamente aumentando essa percepção, os rapazes, pelos 12 anos constatam menos mudanças do que aos 11 anos. Provavelmente, os rapazes de 11 anos, darão a sua resposta mais em função de mudanças de contexto que coincidirão com a mudança de escola e/ou de grau de ensino do que de transformações psicológicas. Mas só relativamente às mudanças corporais encontrámos diferenças significativas e apenas aos 11 anos (Quadro 108).

Quadro 108

Comparação entre sexos no estrato 1 (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***sexos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Mudanças corporais	*11*	***1***	*13*	*17,88*	*0,002*
		2	*13*	*9,12*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

É que os rapazes constatam inicialmente mais mudanças do que em idades posteriores enquanto as raparigas tendem a aumentar progressivamente a sua percepção de mudança até aos 13 anos, momento mais agudo da percepção de mudança no sexo feminino. Daqui resulta que aos 11-12 anos são os rapazes que consideram mais do que as raparigas ter mudado, enquanto aos 13-14 anos são as raparigas que consideram, mais do que os rapazes, ter mudado. Parece portanto que os rapazes respondem inicialmente mais de acordo com o desejo até porque durante este período são as raparigas que sofrem maiores mudanças na estrutura corporal.

X.4.1.1 - Conclusão

No estrato 1 as raparigas começam a dar sinais de desinteresse pela escolaridade mais precocemente do que os rapazes o que leva a supor uma entrada mais precoce no processo da pré-adolescência.

No que respeita à posição dos jovens relativamente às figuras parentais são também os rapazes que mantêm uma ligação mais intensa e marcada por uma maior dependência face a ambos os pais o que parece indiciar uma maior dificuldade de autonomização no sexo masculino. Todavia, relativamente às identificações, inicialmente aos 11-12 anos os rapazes identificam-se mais com a mãe do que com o pai o que aos 13-14 anos se inverte. O mesmo não acontece com as raparigas que sempre se identificam mais com a mãe do que com o pai. Por esta razão será provavelmente mais consistente a identidade de género das raparigas do que a dos rapazes.

Por outro lado as raparigas parecem servir-se mais do que os rapazes das suas relações fora do contexto familiar para desenvolver este processo. Sendo o pico de sociabilidade mais tardio no sexo feminino, são contudo as raparigas que pelos 13 anos revelam apoiar-se mais nos amigos para resolver problemas pessoais, que mais se preocupam com a aparência que surge como factor de integração entre coetários e de atracção do sexo masculino que nesta altura lhes interessa sobremaneira. Os 13 anos são portanto, para as raparigas um momento de passagem do mundo familiar para o mundo extra-familiar o que não surge com a mesma evidência no sexo masculino. Portanto só para elas podemos dizer que os coetários servem de suporte para a autonomização face aos pais.

Talvez as raparigas necessitem mais do que os rapazes de um tal suporte uma vez que as mudanças corporais não parecem para elas constituir um factor de valorização ao contrário do que constatámos entre os rapazes.

Mas as raparigas parecem mais atentas a si próprias e ao processo de mudança do que os rapazes. São elas que apresentam médias mais elevadas no que respeita à percepção de mudança face à escola e à atitude perante a amizade independentemente de para ambos os sexos o momento de mais aguda percepção de mudança ser para ambos o dos 13 anos. A excepção é a constatação da mudança corporal que nos rapazes é mais elevada aos 11-12 anos e nas raparigas é mais elevada no período posterior.

X.4.2 - Estrato 2

No estrato 2 há diferenças significativas entre sexos em todas as áreas do desenvolvimento.

No que se refere ao **investimento na escola**, embora as raparigas de um modo geral sempre invistam mais do que os rapazes, só aos 14 anos encontramos diferenças significativas (Quadro 109), sendo que as raparigas suplantam os rapazes em ambas as variáveis.

Quadro 109

Comparação entre sexos no estrato 2 (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***sexos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Estudar	*14*	***1***	*24*	*19,71*	*0,05*
		2	*21*	*26,76*	
Concentração	*14*	***1***	*24*	*18,85*	*0,01*
		2	*21*	*27,74*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Todavia é preciso sublinhar que as raparigas passam aos 12 anos por um momento de grande desinvestimento no estudo recuperando posteriormente o que não acontece com os rapazes que vão desinvestindo progressivamente à medida que sobem em idade. Também na concentração enquanto as raparigas diminuem a capacidade de concentração, os rapazes vão-na aumentando.

Na **posição relativa às figuras parentais** verificamos que embora em ambos os sexos a relação com o pai vá sendo percepcionada como menos boa à medida que estes jovens se desenvolvem, há dois momentos em que as raparigas ultrapassam os rapazes: os 11 e os 13 anos. Todavia, isto deve-se ao facto de a partir dos 12 anos os rapazes estarem em perda e não ao facto de as raparigas intensificarem a relação com o pai. Na verdade as raparigas acabam por mudar mais do que os rapazes visto que aos 14 anos a percepção que têm da relação com o pai é pior do que a dos rapazes.

No apoio no pai, aos 13 anos os rapazes apoiam-se significativamente (Quadro 110) mais do que as raparigas. Mas ao longo de todo este período os rapazes apoiam-se mais no pai do que as raparigas embora em ambos os sexos exista a tendência a prescindir cada vez mais desse apoio.

Quadro 110

Comparação entre sexos no estrato 2 (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***sexos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Apoio no pai	*12*	***1***	*15*	*18,10*	*0,009*
		2	*13*	*10,35*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Na identificação com o pai embora sem diferenças significativas os rapazes tendem a suplantar as raparigas. Existe apenas uma excepção aos 13 anos, altura em que a identificação com o pai é mais fraca, em que a recusa de identificação é mais intensa nos rapazes.

Na relação com a mãe, apesar de um ponto de partida coincidente, há em ambos os sexos avanços e recuos. Isto implica que aos 12 anos os rapazes consideram a relação muito mais positiva do que as raparigas e aos 13 anos as raparigas consideram a relação mais positiva do que os rapazes. Todavia, no fim deste período são os rapazes que têm uma relação mais positiva com a mãe.

No apoio na mãe aos 11-12 anos são os rapazes que suplantam as raparigas e aos 13-14 anos são as raparigas que suplantam os rapazes. Isto acontece porque entre os rapazes ocorre a tendência a prescindir do apoio materno mas entre as raparigas, essa tendência reforça-se.

Na identificação com a mãe constata-se uma tendência crescente nas raparigas e uma tendência decrescente nos rapazes até aos 13 anos, momento de recusa da identificação. Apesar da recuperação a que assistimos nos rapazes entre os 13 e os 14 anos, nestas idades as raparigas identificam-se significativamente mais (Quadro 111) com a mãe do que os rapazes.

Quadro 111

Comparação entre sexos no estrato 2 (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***sexos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Mãe como modelo	*13*	***1***	*15*	*12,83*	*0,01*
		2	*19*	*21,18*	
	14	***1***	*24*	*19,06*	*0,02*
		2	*21*	*27,50*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Nas **relações extra-familiares** são as raparigas que suplantam os rapazes (Quadro 112) aos 13-14 anos no apoio que solicitam aos amigos e aos 13 anos na preocupação com a aparência. Isto mostra que durante este período as raparigas utilizam os amigos como confidentes e que para elas a aparência é um factor de integração mais importante do que para os rapazes.

Quadro 112

Comparação entre sexos no estrato 2 (Mann-Whitney)

Variáveis	*Idade*	*sexos*	*N*	*Média das ordens*	*p*
Apoio nos amigos	*13*	**1**	*15*	*13,73*	*0,03*
		2	*19*	*20,47*	
	14	**1**	*24*	*19,33*	*0,03*
		2	*21*	*27,19*	
Aparência	*13*	**1**	*15*	*13,90*	*0,04*
		2	*19*	*20,34*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Quadro 113

Comparação entre sexos no estrato 2 (Mann-Whitney)

Variáveis	*Idade*	*sexos*	*N*	*Média das ordens*	*p*
Investimento no corpo	*13*	**1**	*15*	*21,00*	*0,04*
		2	*19*	*14,74*	
Corpo e relação	*14*	**1**	*24*	*27,25*	*0,01*
		2	*21*	*18,14*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Em contrapartida no que se refere ao **corpo** são os rapazes que suplantam as raparigas revelando aos 13 anos um significativamente maior investimento no corpo (Quadro 113) e aos 14 uma muito melhor integração do corpo como elemento relacional.

Na **percepção da mudança** as raparigas revelam uma maior percepção mas esta só é significativa aos 13 anos relativamente às mudanças corporais.

Quadro 114

Comparação entre sexos no estrato 2 (Mann-Whitney)

Variáveis	*Idade*	*sexos*	*N*	*Média das ordens*	*p*
Mudança corporal	*13*	***1***	*15*	*13,90*	*0,03*
		2	*19*	*20,34*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Mas além disso, nas raparigas é aos 13 anos que sempre existe uma mais aguda percepção de mudança, o que no caso dos rapazes, relativamente ao corpo só acontece pelos 14 anos.

X. 4.2.1 - Conclusão

No estrato 2 ambos os sexos perdem muito o interesse pela escola mas as raparigas depois dos 12 anos começam a recuperá-lo o que não acontece com os rapazes.

A posição relativa às figuras parentais muda em ambos os sexos mas mais nas raparigas do que nos rapazes. No fim deste período as raparigas estão menos ligadas ao pai e à mãe do que os rapazes. Todavia, no que se refere ao apoio e à identificação com as figuras parentais existe uma diferenciação segundo o sexo. Os rapazes apoiam-se e identificam-se mais com o pai enquanto as raparigas se apoiam e se identificam mais com a mãe. Além disso convém precisar que sempre os rapazes se apoiam mais no pai do que as raparigas e que exceptuando aos 13 anos, altura em que há uma recusa de identificação com o pai, sempre se identificam mais com ele do que as

raparigas, embora a partir dos 12 anos estas variáveis entrem em decréscimo. Contudo, no que se refere à mãe, aos 11-12 anos os rapazes apoiam-se mais na mãe do que as raparigas e até se apoiam mais na mãe do que no pai. Também aos 11 anos se identificam mais com a mãe do que as raparigas e até se identificam mais com a mãe do que com o pai. Isto significa que a diferenciação relativamente às figuras parentais é mais precoce nas raparigas do que nos rapazes assim como o desenvolvimento da identidade de género já que nunca nas raparigas existe um período de identificação predominante com o pai enquanto nos rapazes existe um período de identificação predominante com a mãe.

Além disso, enquanto as raparigas iniciam este processo relativamente às figuras parentais logo a partir dos 11 anos, os rapazes só o iniciam aos 12 anos e no fim deste período mantêm-se mais ligados aos pais do que as raparigas.

Também no que respeita às relações extra-familiares a evolução das raparigas se dá mais cedo e tem uma maior amplitude. As raparigas a partir dos 11 anos, começam a aumentar a sociabilidade com coetários e a apoiar-se neles para a resolução dos problemas pessoais. Os rapazes passam até por um período de diminuição da sociabilidade pelos 12 anos altura em que raros são os que procuram o apoio dos amigos. Além disso as raparigas, no fim deste período mantêm um maior investimento nos amigos e procuram-nos mais do que os rapazes como fonte de suporte. Também são as raparigas que sempre se preocupam mais com a aparência e aos 13-14 anos são elas que mais se interessam pelo namoro.

Mas no que se refere ao corpo, a entrada neste período de desenvolvimento, não parece muito favorável às raparigas quando comparadas com os

rapazes. Os rapazes mostram-se sempre mais satisfeitos do que as raparigas com as mudanças corporais, investem sempre mais no corpo e integram-no melhor como factor relacional. Além disso, nos rapazes, só pelos 12 anos parece existir um momento de maior descontentamento e desconforto enquanto nas raparigas esse período é mais prolongado. No fim deste período, apesar de as raparigas revelarem maior satisfação, investimento e integração do corpo como elemento relacional, mantêm-se abaixo dos rapazes.

Todavia são as raparigas que revelam uma percepção de mudança mais elevada o que se evidencia mais acentuadamente nas mudanças corporais. Na verdade, de acordo com os nossos dados, as raparigas mudam mais do que os rapazes mas isso não significa necessariamente uma maior satisfação nomeadamente no que se refere ao corpo. Provavelmente, com um maior volume de mudanças, também se verifica uma maior dificuldade de acomodação a elas.

X.4. 3 - Estrato 3

Neste estrato, não há diferenças significativas entre sexos no que se refere ao **investimento escolar**. Embora as raparigas sempre invistam um pouco mais que os rapazes, ambos os sexos vão investindo menos à medida que progridem em idade.

Quanto à **posição relativa às figuras parentais** apenas existem duas variáveis com diferenças significativas – a relação com o pai e a identificação com a mãe – em apenas dois momentos (Quadro 115 e 116).

Quadro 115

Comparação entre sexos no estrato 3 (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***sexos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Relação com o pai	*11*	***1***	*16*	*19,47*	*0,05*
		2	*17*	*14,68*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Na relação com o pai são sempre os rapazes que suplantam as raparigas mas a diferença é significativa apenas aos 11 anos, momento em que os rapazes têm com o pai uma relação sentida como mais positiva e as raparigas a vêem como menos boa. Em ambos os sexos esta relação sofre uma perda de qualidade mas nas raparigas há oscilações o que não acontece com os rapazes.

Também são os rapazes que sempre, mais do que as raparigas, têm no pai uma fonte de suporte mas não há diferenças significativas nesta variável.

Na identificação com o pai, verifica-se que as raparigas não o tomam muito como modelo exceptuando aos 14 anos com uma tendência um pouco mais elevada a identificarem-se com ele ultrapassando os rapazes. Todavia, no sexo masculino, há avanços e recuos: aos 11 e aos 13 anos existe uma tendência mais elevada a tomarem o pai como modelo, aos 12 e aos 14 anos existe uma tendência mais baixa a tomarem-no como modelo.

Na relação com a mãe, sem diferenças significativas, aos 11 e aos 14 anos são os rapazes que sentem a relação como mais positiva, aos 12 e 13 anos são as raparigas que a sentem como mais positiva. Neste estrato, rapazes e

raparigas têm uma relação muito boa com a mãe mas os rapazes começam a afastar-se dela logo depois dos 11 anos até aos 13 anos, enquanto as raparigas só começam a distanciar-se dela a partir dos 12 anos e entre os 13 e os 14 o grande decréscimo faz com que as raparigas tenham com a mãe uma pior relação do que os rapazes.

São sempre as raparigas que mais tendem a procurar o apoio da mãe para a resolução dos seus problemas mas nesta variável não há diferenças significativas. Isto indepentemente de neste período, a tendência a procurar o seu apoio diminuir. Todavia, enquanto nas raparigas isso acontece até aos 12 anos, com uma estabilização subsequente, nos rapazes acontece até aos 13 anos com uma estabilização subsequente.

Na identificação com a mãe são sempre as raparigas que apresentam médias mais elevadas do que os rapazes embora só aos 14 anos as diferenças tenham valor de significância porque nessa altura as raparigas tendem a identificar-se mais com a mãe e os rapazes tendem a identificar-se menos com ela.

Quadro 116

Comparação entre sexos no estrato 3 (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***sexos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Mãe como modelo	*14*	***1***	*17*	*12,76*	*0,04*
		2	*13*	*19,08*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Nas **relações extra-familiares** existem diferenças significativas em duas variáveis – o apoio nos amigos e a aparência – num período curto.

Mas há outras diferenças não significativas. Neste estrato a sociabilidade com pares não varia muito nas raparigas. Há até um período de ligeira

diminuição da sociabilidade aos 12-13 anos. Nos rapazes, pelo contrário, há um grande aumento da sociabilidade aos 12 anos, seguindo-se depois uma perda que faz com que aos 14 anos os rapazes sejam menos sociáveis que as raparigas.

Todavia são sempre as raparigas que mais procuram o apoio dos amigos com diferenças significativas (Quadro 117) aos 12 e 13 anos. Depois dos 13 anos, as raparigas estabilizam mas os rapazes, embora não as ultrapassem continuam a aumentar a procura de apoio nos amigos. Isto significa que apesar de nas raparigas deste estrato, existir uma diminuição de sociabilidade os amigos proporcionam-lhes um suporte que os rapazes não procuram nos amigos.

Quadro 117

Comparação entre sexos no estrato 3 (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***sexos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Apoio nos amigos	*12*	***1***	*19*	*15,92*	*0,02*
		2	*20*	*23,88*	
	13	***1***	*25*	*21,64*	*0,003*
		2	*30*	*33,30*	
Aparência	*13*	***1***	*25*	*22,08*	*0,007*
		2	*30*	*32,93*	

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Na aparência são sempre as raparigas que apresentam médias mais altas mas aos 13 anos, elas passam por um momento de preocupação acrescida com a aparência que torna a diferença em relação aos rapazes significativa.

No namoro, salvo aos 12 anos são sempre os rapazes que mostram maior interesse. Não há diferenças significativas entre sexos e ambos aumentam o interesse mas enquanto as raparigas o fazem de forma progressiva, os

rapazes só a partir dos 12 anos revelam um incremento do interesse pelo namoro.

No que se refere ao **corpo**, as diferenças significativas (Quadro 118) na satisfação com as mudanças corporais e no investimento no corpo mostram que para os rapazes a evolução pubertária representa um ganho enquanto para as raparigas é sentida como uma perda.

A satisfação com as mudanças corporais que apresenta a mesma evolução inicial para ambos os sexos aos 14 anos torna-se significativamente mais elevada nos rapazes que aumentam a satisfação enquanto as raparigas a diminuem.

Também são os rapazes que sempre investem mais no corpo mas aos 12 e aos 14 anos os rapazes estão em momentos de satisfação acrescida enquanto as raparigas estão em momentos de menor satisfação.

Quadro 118

Comparação entre sexos no estrato 3 (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***sexos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Satisfação c/ as mudanças corporais	*14*	*1* *2*	*17* *13*	*20,35* *9,15*	*0,0001*
Investimento no corpo	*12*	*1* *2*	*18* *20*	*24,17* *15,30*	*0,005*
	14	*1* *2*	*17* *13*	*19,65* *10,08*	*0,001*

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Também é no sexo masculino que o corpo é percebido como um elemento mais positivo na relação com os outros embora não haja diferenças significativas entre sexos. Na verdade em ambos os sexos há uma

diminuição do prazer que o corpo proporciona na relação com os outros mas nas raparigas isso é mais acentuado do que nos rapazes que só aos 12 anos mostram algum constrangimento aproximando-se das raparigas.

Na **percepção da mudança** as raparigas tendem a ultrapassar os rapazes mas apenas no que se refere à amizade e ao corpo. Todavia, aos 14 anos as médias dos dois sexos igualam-se. É que as raparigas aumentam a percepção de mudança relativamente à amizade apenas até aos 13 anos, diminuindo-a depois, enquanto os rapazes aumentam a percepção por dois surtos de desenvolvimento entre os 11 e os 12 anos e entre os 13 e os 14 anos. Daqui resulta a diferença significativa entre os sexos aos 13 anos (Quadro 119).

Quadro 119

Comparação entre sexos no estrato 3 (Mann-Whitney)

Variáveis	***Idade***	***sexos***	***N***	***Média das ordens***	***p***
Mudança relativa à escola	*11*	*1* *2*	*15* *17*	*13,30* *19,32*	*0,04*
Mudança relativa à amizade	*13*	*1* *2*	*25* *29*	*21,98* *32,26*	*0,01*
Mudança corporal	*13*	*1* *2*	*25* *30*	*23,58* *31,68*	*0,05*

Nota : Para simplificação só figuram os valores significativos.

Quanto à percepção das mudanças corporais verifica-se uma maior precocidade nas raparigas mas os rapazes aumentam mais e progressivamente a percepção de mudança até alcançarem as raparigas aos 14 anos. Só existe portanto uma diferença significativa entre os sexos aos 13 anos.

Relativamente à escola a percepção de mudança é também mais precoce nas raparigas mas mais acentuada nos rapazes a partir dos 12 anos. Há no entanto apenas uma diferença significativa aos 11 anos, altura em que as raparigas têm uma maior percepção de mudança relativamente à escola.

X. 4. 3.1 - Conclusão

Rapazes e raparigas do estrato 3 tendem a investir cada vez menos a aprendizagem escolar durante todo este período, sem diferenças significativas apesar de as médias das raparigas serem ligeiramente mais elevadas do que as dos rapazes. A perda de concentração começa mais cedo nas raparigas, logo a partir dos 11 anos mas àparte este pormenor o ritmo de perda é muito semelhante nos dois sexos.

Relativamente às figuras parentais de um modo geral pode dizer-se que no fim deste período as raparigas adquiriram um maior distanciamento do que os rapazes. Mas há outras importantes diferenças entre sexos. Os rapazes têm durante todo este período uma melhor relação com o pai e apoiam-se mais nele do que as raparigas. As raparigas apoiam-se mais na mãe do que no pai mas só têm uma melhor relação com ela do que os rapazes aos 12-13 anos, altura em que se aproximam dela enquanto os rapazes se afastam. Contudo, como anteriormente referimos, aos 14 anos são os rapazes que têm uma melhor relação com a mãe. Em ambas as variáveis e em ambos os sexos a tendência geral é para que se dê uma perda mas é de sublinhar que aos 14 anos, as raparigas como os rapazes, aumentam a tendência a procurar o apoio paterno. É claro que as raparigas sempre se identificam mais com a mãe do que os rapazes e que até aumentam a identificação entre os 13 e os 14 anos o que aliás também acontece relativamente ao pai.

Mas nos rapazes a identificação com o pai é caracterizada por avanços e recuos marcados que definem dois períodos de forte identificação com o pai em que as raparigas são ultrapassadas e dois períodos de recusa da identificação em que as raparigas acabam, por força destas oscilações por ultrapassar os rapazes. Assim, aos 11 e 13 anos os rapazes identificam-se mais fortemente com o pai e aos 12 e 14 anos tendem a recusar a identificação. Isto mostra que o posicionamento relativamente ao pai é muito difícil nos rapazes deste estrato.

Em todo o caso ao longo deste período é claro que salvo aos 12 anos altura em que há uma equiparação entre as figuras parentais os rapazes tendem a identificar-se sempre mais com o pai e as raparigas tendem a identificar-se sempre mais com a mãe.

Há portanto uma clara diferenciação de sexos quanto às identificações predominantes durante todo este período que se fazem de acordo com o sexo dos jovens.

As relações extra-familiares das raparigas sofrem uma evolução muito diferente das dos rapazes. Estes passam por um momento de extrema sociabilidade aos 12 anos mas posteriormente tendem a restringi-la. As raparigas passam por um período de menor sociabilidade aos 12-13 anos mas depois tendem a aumentá-la. Todavia, enquanto as raparigas aumentam a procura de apoio nos amigos, os rapazes, que aos 11-12 anos pouco se apoiam nos amigos, apesar de um aumento posterior nunca chegam a atingir as médias que encontramos no sexo feminino. São portanto as raparigas que estabelecem relações de entre-ajuda para resolver problemas íntimos característicos desta fase. Ao longo de todo este período são as raparigas que mais se preocupam com a aparência, particularmente

aos 13 anos, o que faz pensar que é entre as raparigas que a aparência mais constitui um factor de integração no grupo.

Todavia, são os rapazes que mais se interessam pelas relações amorosas suplantando as raparigas em todas as idades se exceptuarmos os 12 anos.

No que respeita ao corpo o ganho dos rapazes é sempre mais elevado do que o das raparigas. Na verdade até aos 13 anos a satisfação de uns e outros relativamente às mudanças corporais é equivalente mas depois disso, enquanto a satisfação dos rapazes aumenta a das raparigas diminui. Também o investimento dos rapazes no corpo é superior ao das raparigas que de resto, entre os 13 e os 14 anos o diminuem ainda mais. O corpo como factor de relação é também menos integrado pelas raparigas do que pelos rapazes.

O corpo parece portanto ser o maior problema para as raparigas neste período quando comparadas com os rapazes.

Na percepção de mudança exceptuando na atitude face à escola são as raparigas que sempre apresentam médias mais elevadas. Todavia, aos 14 anos a percepção de mudança de uns e outros é equivalente. Isto significa que as raparigas começam a dar-se conta das mudanças relativas à amizade ou ao corpo mais cedo do que os rapazes mas a evolução destes é mais rápida. A atitude relativamente à escola é a excepção em que os rapazes a partir dos 12 anos percepcionam mais mudanças do que as raparigas.

X.5 - Estilos de Desenvolvimento da Identidade

X.5.1 - Introdução

No presente capítulo abordaremos os estilos de desenvolvimento da identidade definidos fundamentalmente de acordo com o procedimento dos sujeitos na abordagem a um problema que culminará ou não numa tomada de decisão ou numa opção de investimento. Assim, na definição dos diferentes estilos considerámos apenas aquelas variáveis que implicando uma decisão e uma definição pessoal, respeitam também ao contexto sócio-cultural na medida em que se constituem como organizadores individuais e meios de posicionamento num meio social mais amplo com os seus valores e problemáticas. Além disso estas questões são aquelas das quais se pode dizer que cada indivíduo pode fazer uma exploração e tomar uma decisão consciente.

Destas variáveis fazem parte: a escolha de uma profissão que implica uma inserção por via da participação produtiva na comunidade assim como a definição relativa a uma série de questões actuais que têm atravessado a nossa sociedade e constituído objecto de debate. São elas a questão da exploração do espaço e dos outros planetas, a questão do ambiente e da protecção à natureza, o problema da pobreza e da fome no mundo, o desemprego, o aborto e a questão da droga e da toxicodependência.

X.5.2 - Considerações Gerais

Os nossos dados mostram que raros são os jovens que podem ser incluídos num só estilo de desenvolvimento (apenas 25 que perfazem 6% da amostra total) da identidade. Há apenas dois que, em todas as variáveis, podem ser incluídos no estilo difusão (um rapaz de 11 anos e um rapaz de 14 anos ambos do estrato 1), um no estilo forclusão (um rapaz de 12 anos do estrato 2), três no estilo moratória (dois rapazes de 11 anos, um do estrato 1 e outro do estrato 2 e uma rapariga de 11 anos do estrato 1), e dezanove no estilo evolutivo (4,5% da amostra total).Entre estes predominam os rapazes sobre as raparigas, os jovens do estrato 2 sobre os dos outros estratos e no caso particular das raparigas só encontramos jovens de 13 e 14 anos dos estratos 1 e 2(Quadro 1, anexo 7).

É natural que aos 14 anos existam mais jovens que se incluam no estilo evolutivo puro dado que sendo mais velhos terão tido mais probabilidades de se questionar acerca dos problemas postos pelo meio envolvente. Além disso, de acordo com estes dados pode supor-se que o estrato 2 propiciará condições para que os jovens tendam a desenvolver-se de uma maneira mais autónoma. Todavia, dado o pequeno número de casos teremos de ver se existem outros indicadores que o confirmem.

A maioria dos jovens, divide-se por vários estilos de desenvolvimento da identidade o que mostra que a tomada de posição ou sequer a preocupação com as diversas questões não surge num único tempo. De resto se tomarmos as variáveis consideradas de acordo com o número de jovens que se situam face a elas no estilo evolutivo obtemos a seguinte ordenação:

1° - A questão do ambiente e a conservação da natureza (236 no estilo evolutivo)

2° - A questão da pobreza e da fome no mundo (220 no estilo evolutivo)

3° - O problema da droga e da toxicodependência (213 evolutivos)

4° - A questão do aborto (200 evolutivos)

5° - A exploração do espaço e dos outros planetas (181 evolutivos)

6° - O desemprego em Portugal (141 evolutivos)

7° - A profissão quando for adulto (115 evolutivos)

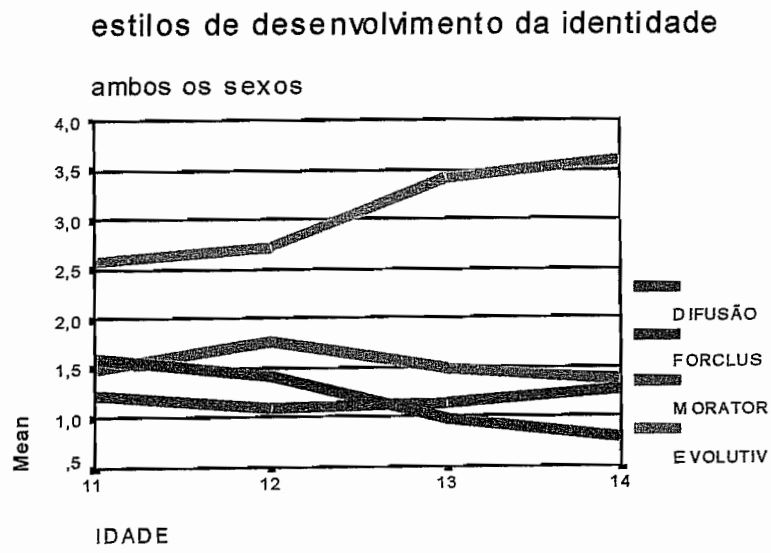
Isto mostra por um lado que estas questões não têm igual importância para os jovens desta fase de desenvolvimento e por outro que a exploração das diferentes questões e as opções dela decorrentes se vai fazendo ao longo do tempo o que implica que a maioria dos jovens não possa inserir-se num único estilo tal como prevíramos. Assim, passaremos a analisar o desenvolvimento dos estilos da identidade ao longo deste período.

X.5.3 - Linha Desenvolvimental de Cada Estilo

O estilo difusão (gráf. 281) que apresenta o seu nível mais baixo aos 12 anos volta a subir atingindo aos 14 anos a um nível superior ao dos 11 anos. Contudo não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários o que nos leva a concluir que este estilo mantém uma certa estabilidade ao longo deste período.

O estilo forclusão tende a decrescer de modo consistente ao longo de todo este período como seria de esperar dado o desejo de autonomia face às figuras parentais. Neste caso encontrámos diferenças significativas que dão conta de uma diminuição do estilo forclusão logo a partir dos 12 anos que posteriormente se vai sempre acentuando (Quadro 2 em anexo 7).

Gráfico 281



O estilo moratória tende a aumentar aos 12 anos para depois decrescer até aos 14 anos. Dados os níveis de significância entre grupos etários, todos eles com referência aos 12 anos (Quadro 2 em anexo 7) podemos dizer que os 12 anos tendem a ser o período do incremento da moratória.

O estilo evolutivo tende a aumentar sempre mas particularmente entre os 12 e os 13 anos (Quadro 2 em anexo 7), razão pela qual podemos dizer que

após a moratória dos 12 anos, aos 13 começa um período de assunção de decisões.

X.5.4 - Peso Relativo de Cada Estilo

Observa-se ainda ao longo do desenvolvimento uma grande diferença entre estilos no que respeita à sua predominância (gráf. 281).

Existem diferenças significativas entre o estilo evolutivo e qualquer dos outros estilos em todas as idades (Quadro 3 em anexo 7) mostrando que é este o estilo dominante. Contudo, entre os outros estilos as diferenças significativas, quando existem, não são tão acentuadas.

Entre o moratória e o difusão só existem diferenças significativas aos 12 e 13 anos, entre o moratória e o forclusão só há diferenças significativas aos 13 e 14 anos e entre o forclusão e o difusão já só se observam aos 14 anos. Além disso os níveis de significância vão-se tornando menores. Isto significa que há uma grande diferença entre o estilo evolutivo e todos os outros em todos os níveis etários, sendo este em todas as idades o estilo dominante. Mas além disso, aos 12 e 13 anos se exceptuarmos o estilo evolutivo, é o moratória que domina sobre a difusão o que já não acontece aos 14 anos, altura em que o estilo difusão aumentou a sua representatividade.

A diferença significativa entre os estilos moratória e forclusão, presente aos 13 e 14 anos mostra como nestas idades existe uma procura autónoma em detrimento da anterior submissão às concepções parentais. Contudo esta diferença significativa não se deve a um aumento do estilo moratória nos grupos dos 13 e 14 anos mas sim a uma diminuição do estilo forclusão. Por

último a diferença significativa entre forclusão e difusão que se observa aos 14 anos e se deve a uma diminuição do forclusão e um aumento do difusão, mostra como a diminuição do forclusão pode não implicar a inscrição num estilo de identidade mais autónomo e evoluído. Dito de outro modo, a rejeição de uma identidade por identificação adesiva às figuras parentais pode implicar em alguns jovens a entrada num período sem a definição de um sentido ou a busca dele.

X.5.5 - Conclusão

A primeira conclusão óbvia é a de que o estilo evolutivo se apresenta como dominante ao longo da pré-adolescência e tende a aumentar a sua importância ao longo do desenvolvimento.

A par do aumento deste estilo e quase em simetria, observa-se um movimento descendente do estilo forclusão. A simetria manifesta-se na observância de diferenças significativas exactamente entre os mesmos grupos de idade para ambos os estilos. Todavia, quer o sentido, quer o ritmo do movimento diferem. Podemos portanto inferir àcerca da existência de uma relação parcial entre o aumento do estilo evolutivo e a diminuição do estilo forclusão ou, dito de outro modo: há alterações psicológicas em que estão implicadas duas atitudes opostas, a de busca autónoma de tomada de decisão e a de abandono de uma inscrição no universo conceptual parental. No entanto dada a diferença de ritmo, não podemos dizer que o abandono deste universo conceptual acarrete necessáriamente a entrada no estilo evolutivo.

Atentando ao que se passa relativamente aos outros estilos vemos que o moratória se mostra particularmente representativo aos 12 anos que assim se apresentam como o período mais agudo da exploração. Além disso, observam-se também entre o estilo moratória e o difusão, movimentos contrastados, conquanto de diferentes ritmos. Assim, na altura em que mais elevado se apresenta o estilo moratória mais baixo se mostra o estilo difusão e inversamente. Naturalmente que isto se relaciona com uma oposição de conteúdo entre estes dois estilos já que o moratória representa a procura de uma definição e o difusão representa o desinteresse pela definição. Por outro lado isto significa também a possibilidade de, passado um período de moratória, existir um retrocesso a um novo período de difusão o que aliás constatamos com a subida deste estilo aos 14 anos.

Podemos ainda concluir que os 12 anos constituem um período particular em que se reunem várias circunstâncias psicológicas: o aumento do estilo moratória e evolutivo e a diminuição dos estilos difusão e forclusão. Há portanto um incremento dos estilos que têm subjacente uma crise (evolutivo e moratória), definida no sentido Eriksoniano do termo, enquanto ponto de viragem que pode potencializar a definição de uma identidade, em detrimento dos estilos de ausência de crise (difusão e forclusão).

Aos 13 e 14 anos parecem reunir-se novas condições. Por um lado observa-se a diminuição dos estilos moratória e forclusão e por outro o aumento quer do estilo evolutivo, quer do difusão o que se acentua aos 14 anos. Isto, que pode parecer paradoxal, pode explicar-se pelo desembocar da tentativa de autodefinição que se verificou aos 12 anos desenvolvendo-se em dois sentidos distintos: o da definição segundo o estilo evolutivo ou o retrocesso no sentido da difusão.

Todavia, levanta-se uma dúvida respeitante ao estilo difusão que se prende com o facto de não termos encontrado diferenças significativas entre os diferentes grupos etários com referência a este estilo. Comparativamente com o que se passa relativamente a qualquer outro, o estilo difusão parece relativamente estável o que nos leva a pôr a hipótese de que este não é possivelmente um estilo característico de qualquer fase de desenvolvimento mas mais uma atitude básica característica de uma minoria de sujeitos. Por esta razão outros autores consideraram o difusão um fenómeno patológico. Todavia, sem podermos contradizer esta asserção, não poderemos, dado o carácter limitado do nosso estudo que nem é longitudinal nem abrange toda a adolescência, corroborar esta ideia.

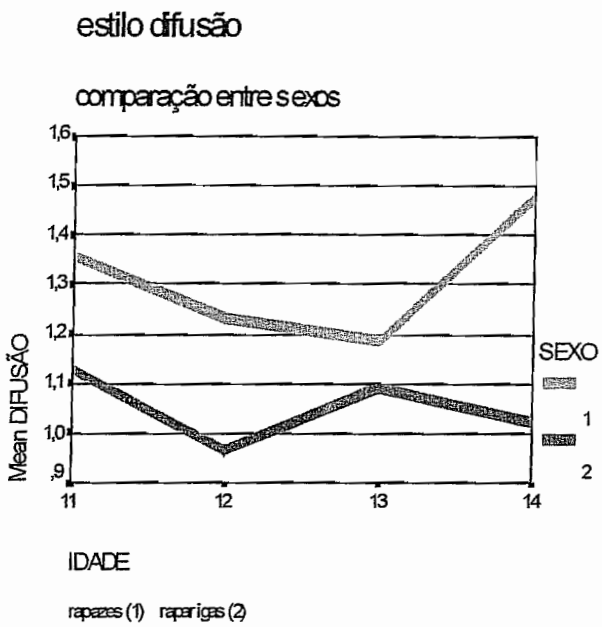
X.6 - Diferenças Entre os Sexos

Posto o que até agora referimos, devemos sublinhar que toda esta apreciação foi feita a partir de dados globais sem distinção de sexo ou estrato. Ora, para começar, há algumas diferenças importantes entre rapazes e raparigas que exporemos de seguida.

X.6.1 - Diferenças Entre Sexos Relativas a Cada Estilo

Em primeiro lugar evidencia-se nos rapazes uma maior tendência para o estilo difusão do que nas raparigas (Graf. 282) independentemente da idade considerada mas sem que se manifestem diferenças significativas.

Gráfico 282



Por outro lado, a curva desenvolvimental deste estilo diferencia também os dois sexos. Nos rapazes o pico inferior situa-se aos 13 anos e o pico superior aos 14 anos, enquanto nas raparigas o pico inferior se situa aos 12 anos e o superior aos 13 anos. Dito de outro modo o período de menor difusão é nos rapazes o dos 13 anos e nas raparigas o dos 12 anos, enquanto o período de maior difusão é nos rapazes o dos 14 anos e nas raparigas o dos 13 anos. No entanto não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários em nenhum dos sexos.

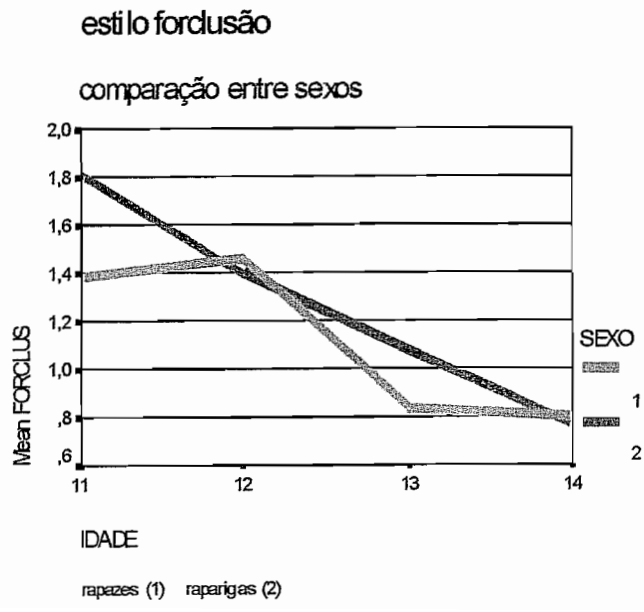
Face aos nossos dados não nos é possível dizer se estamos em presença de dois tipos de evolução diferenciados ou se estaremos apenas em presença de dois ritmos diferenciados de desenvolvimento. A ser verdadeira a segunda hipótese veríamos mais tarde os rapazes entrarem num período de

diminuição do estilo difusão e então teríamos de concluir que as raparigas têm no que respeita a este estilo um desenvolvimento mais precoce.

Também no estilo forclusão encontramos diferenças (graf. 283) entre os dois sexos mas nenhuma diferença significativa.

As raparigas começam com uma média mais elevada no estilo forclusão mas têm um decréscimo progressivo e contínuo atingindo aos 14 anos um nível um pouco inferior ao dos rapazes. Nos rapazes, observa-se um incremento do forclusão aos 12 anos, seguido de um decréscimo aos 13 e de uma estabilização posterior. Nas raparigas existem diferenças significativas entre os 11 e os 13 anos, os 11 e os 14 anos e os 12 e os 14 anos (Quadro 6 em anexo 7). Nos rapazes existem diferenças significativas entre os 12 e os 13 anos (Quadro 7 em anexo 7).

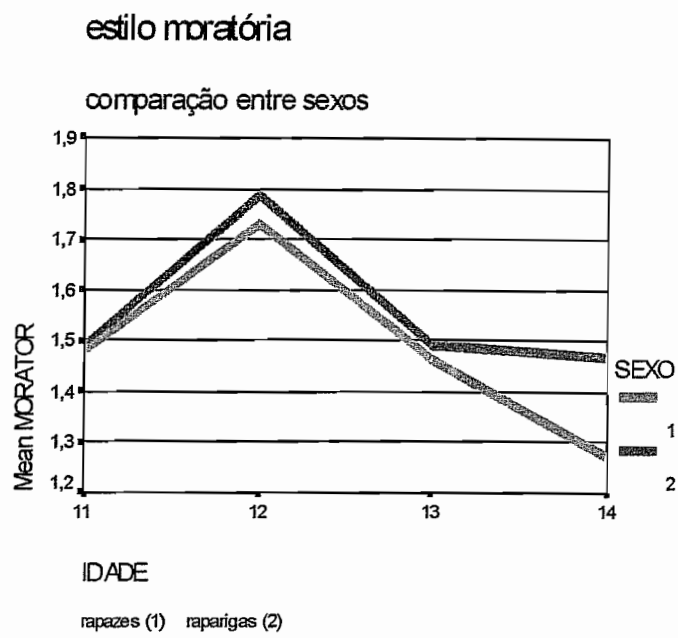
Gráfico 283



Isto leva a supor, nos rapazes, uma necessidade de intensificação da ligação às figuras parentais pelos 12 anos que implica um aumento da tendência para a inclusão no seu universo conceptual e uma necessidade mais constante de afastamento e autonomização relativamente às figuras parentais nas raparigas que de resto é referida por outros autores (Blos, 1961) mas contradiz as conclusões de outros (como Marcia) que consideram nas raparigas o estilo forclusão mais frequente do que nos rapazes e mais adaptativo. A apoiar a tese de Blos quanto ao desenvolvimento masculino na pré-adolescência está este aumento do estilo forclusão aos 12 anos e o seu súbito abaixamento dos 12 aos 13 anos.

No estilo moratória (gráf. 284) as diferenças são menos acentuadas. Todavia, mais uma vez as raparigas ultrapassam os rapazes em todas as idades embora, uma vez mais, sublinhamos, sem diferenças significativas.
Os 12 anos são em ambos os sexos, o período de maior incremento do moratória. A curva desenvolvimental mantém-se muito semelhante até aos 13 anos mas aos 14 anos enquanto os rapazes diminuem a média de moratória, as raparigas mantêm este estilo quase ao mesmo nível dos 13 anos.
Assim, embora sem diferenças significativas, o estilo moratória não só se manifesta mais intensamente nas raparigas como também tende a manter-se por um período mais alargado. Além disso, as diferenças significativas entre os 11 e os 12 anos nas raparigas, assim como a estabilização da sua média entre os 13 e os 14 anos, mostram que no sexo feminino este estilo é mais marcado e mais prolongado do que nos rapazes.

Gráfico 284

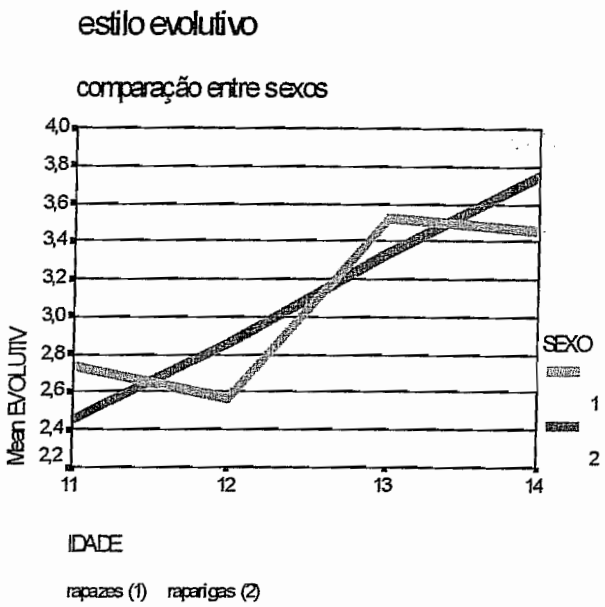


No estilo evolutivo (graf. 285) as diferenças referem-se ao traçado da curva desenvolvimental mas também ao resultado final.

Nos rapazes há oscilações com um abaixamento aos 12 anos, uma subida aos 13 e um novo abaixamento aos 14 anos manifestando-se diferenças significativas entre os 11 e os 13 anos, os 11 e os 14 anos, os 12 e os 13 e os 12 e os 14 anos (Quadro 7 em anexo 7).

Nas raparigas observa-se um movimento constantemente crescente com diferenças significativas entre os 11 e os 14 anos e entre os 12 e os 14 anos (Quadro 6 em anexo). Assim, resulta que aos 11 anos há menos raparigas do que rapazes no estilo evolutivo, aos 12 há mais raparigas do que rapazes, aos 13 voltam a existir mais rapazes e aos 14 as raparigas voltam a suplantar os rapazes.

Gráfico 285



Apresenta-se portanto um desenvolvimento sinuoso para os rapazes e constante para as raparigas. Mais uma vez não encontrámos diferenças significativas entre sexos em qualquer das idades consideradas mas o resultado final parece mais favorável para as raparigas que no fim deste período de desenvolvimento, parecem ter-se definido melhor.

X.6.2 - Peso Relativo de Cada Estilo nas Raparigas

Mas vale a pena atentarmos àquilo que se passa em cada sexo separadamente no que respeita ao peso relativo de cada estilo ao longo deste período. Nas raparigas verificam-se diferenças significativas (Quadro 4 em anexo 7) em todas as idades, exceptuando os 11 anos, entre o estilo evolutivo e todos os outros.

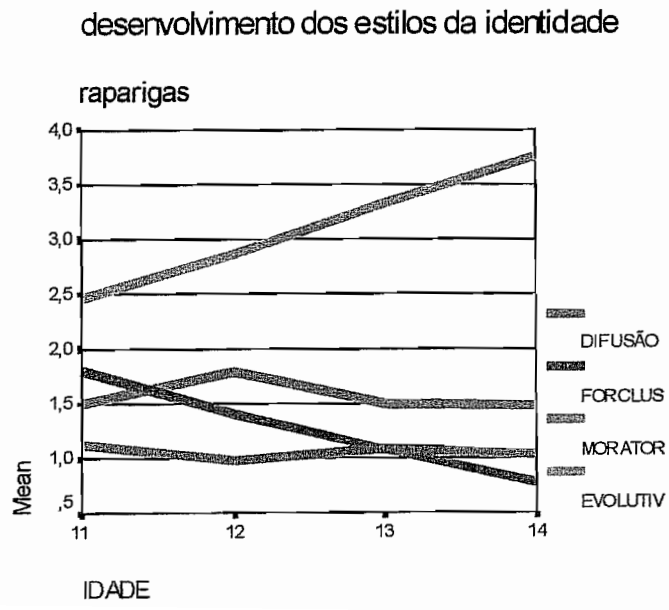
O estilo evolutivo suplanta em todas as idades todos os outros estilos, apresentando-se assim como o estilo de desenvolvimento dominante (graf.

286). O estilo moratória apresenta diferenças significativas em relação ao estilo difusão mas apenas aos 12 e aos 13 anos e em relação ao estilo forclusão apenas aos 13 e aos 14 anos.

Entre o estilo forclusão e o difusão não encontrámos contudo diferenças significativas em qualquer das idades consideradas.

Assim, podemos dizer que nas raparigas, para além de o estilo evolutivo ser dominante em todas as idades, vai sofrendo um aumento progressivo com a subida da idade. O estilo moratória, predomina sobre os outros dois (forclusão e difusão) aos 12 e 13 anos que deste modo podem considerar-se idades caracterizadas por uma actividade de exploração importante. O estilo forclusão sofre um decréscimo progressivo a acompanhar a subida da idade indiciando uma cada vez maior autonomia face ao universo conceptual parental. O estilo difusão, minoritário em todas as idades, não pode considerar-se característico de qualquer grupo etário.

Gráfico 286

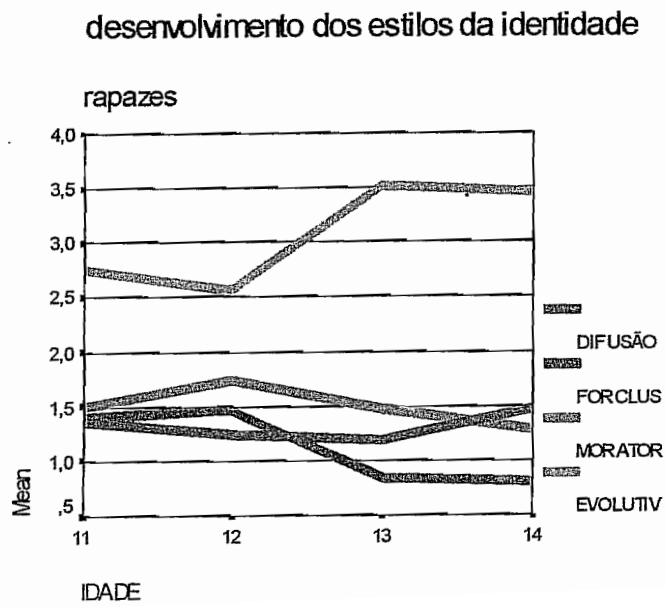


Assim, sendo as variações menores, mais uma vez levantamos a hipótese de este ser um estilo raro que não corresponde a nenhuma etapa desenvolvimental, dentro deste período. Sublinhemos ainda que se destaca nas raparigas a evolução em espelho dos dois estilos evolutivo e forclusão indiciando como fundamental neste processo de desenvolvimento, a diferenciação relativamente às figuras parentais.

X.6.3 - Peso Relativo de Cada Estilo nos Rapazes

Nos rapazes as características desta evolução não são as mesmas e portanto também a posição relativa dos estilos de desenvolvimento da identidade apresenta algumas diferenças (gráf. 287)relativamente ao que observámos para as raparigas.

Gráfico 287



Contudo, também nos rapazes há em todas as idades, excepto os 12 anos, diferenças significativas entre o estilo evolutivo e todos os outros estilos (Quadro 5 em anexo 7). Evidencia-se portanto uma predominância deste estilo sobre todos os outros ao longo do desenvolvimento.

As outras diferenças significativas mostram como o estilo moratória se diferencia do forclusão mas apenas aos 13 e 14 anos, o que se deve fundamentalmente a um decréscimo do estilo forclusão e não ao aumento do moratória que aliás decresce. Aos 14 anos há uma diferença significativa entre forclusão e difusão por nesta idade o estilo difusão suplantar o forclusão.

Assim, conclui-se que nos rapazes, embora o estilo evolutivo predomine em todas as idades, aos 12 anos não há diferença significativa entre o evolutivo e o moratória porque este último sofre um incremento tornando-se o segundo estilo mais importante. É aos 12 anos que o moratória e portanto a exploração, se torna mais intensa mas é também nesta altura que se verifica um pequeno decréscimo do estilo evolutivo. É também nesta altura que sobe ligeiramente o forclusão. Este último estilo, diferencia-se do moratória mas apenas aos 13 e 14 anos, altura em que os rapazes mais parecem tender a diferenciar-se das opções parentais.

Além disso, aos 14 anos há uma diferença significativa entre forclusão e difusão por subida do difusão o que torna este estilo o segundo mais importante.

Observa-se ainda uma evolução em espelho entre os estilos evolutivo e forclusão, os quais sofrem um surto, crescente o primeiro e decrescente o segundo, dos 12 para os 13 anos.

Em suma, nos rapazes, para além da constatação óbvia de que o estilo evolutivo predomina em todas as idades, ainda que aos 12 sem diferença significativa em relação ao moratória, temos aos 11 anos uma grande proximidade de todos os outros estilos, aos 12 anos uma diferenciação clara entre moratória e os outros estilos que coloca este estilo como característico deste período etário. A mesma diferenciação existe aos 13 anos, não porque o moratória se mantenha elevado mas antes porque o difusão se mantém e o forclusão diminui. Aos 14, para além da predominância do estilo evolutivo, assistimos ao aparecimento do estilo difusão no segundo lugar.

X.6.4 - Conclusão

Há alguns pontos de contacto quanto à posição relativa dos estilos de desenvolvimento da identidade em rapazes e raparigas. Entre eles, o fundamental e mais evidente é a predominância, em ambos os sexos, ao longo deste período, do estilo evolutivo. Outra semelhança reside no facto de, no computo global, resultar para ambos os sexos, um incremento do estilo evolutivo no fim deste período. Há também, em ambos os sexos uma diminuição do estilo forclusão o que está em consonância com a lógica da autonomia desenvolvimental. Em ambos os sexos se verifica também que o ponto mais alto do estilo moratória são os 12 anos que assim se configuram como o período da exploração por excelência.

Mas há também algumas diferenças entre as quais se evidencia um contraste relativo ao estilo difusão. Enquanto nas raparigas este estilo se mantém relativamente baixo e estável, nos rapazes observa-se um incremento dos 13 para os 14 anos, tornando-se nesta idade o estilo difusão

o segundo em importância o que nunca acontece nas raparigas durante este período. No sexo feminino, a partir dos 12 anos, o estilo moratória apresenta-se como o segundo mais importante, ainda que o período de maior incremento seja exactamente o dos 12 anos.

Outro elemento importante respeita ao traçado da curva desenvolvimental dos estilos evolutivo e forclusão. Contudo aqui devemos referir semelhanças e diferenças. Por um lado, observa-se para ambos os sexos um desenvolvimento em espelho em que ao aumento do estilo evolutivo corresponde a diminuição do estilo forclusão. Esta constatação conduz-nos à conclusão de que existirá uma relação inversa entre ambos os estilos na medida em que um aumento das opções e das tomadas de decisão características do estilo evolutivo, estará necessáriamente relacionado com uma maior autonomização face às concepções parentais e logo com uma diminuição do forclusão. Por outro lado as curvas desenvolvimentais destes dois estilos diferenciam rapazes de raparigas. Nas raparigas observa-se um traçado indiciando uma progressão constante enquanto nos rapazes se observam descontinuidades marcadas com mudanças de direcção. Assim, nos rapazes, aos 12 anos parece dar-se um retrocesso na evolução anteriormente encetada na medida em que diminui o estilo evolutivo e aumenta o forclusão sugerindo a existência dum período de dificuldades no desenvolvimento da definição identitária em que pelo menos um grupo de rapazes volta a definir a sua identidade por inclusão no universo parental. Todavia, a fase entre os 12 e os 13 anos, parece marcada por um surto desenvolvimental com um grande aumento do estilo evolutivo e uma diminuição do forclusão. Apesar deste surto, devido a uma estabilização subsequente, chegados ao fim da pré-adolescência, a média do estilo

evolutivo nos rapazes é inferior à das raparigas. Assim, o desenvolvimento dos rapazes parece mais difícil e titubeante do que o das raparigas.

Uma última diferença entre rapazes e raparigas diz respeito ao desenvolvimento dos estilos difusão e moratória. Nas raparigas o traçado desenvolvimental destes dois estilos apresenta-se num movimento especular de tal modo que quando o estilo difusão diminui, o moratória aumenta e reciprocamente sugerindo uma oposição de base entre duas atitudes, a de desinvestimento e a de exploração com vista a uma definição identitária. Tal não acontece nos rapazes. De resto, nas raparigas, com excepção dos 11 anos, o estilo moratória impõe-se e mantém-se como segundo estilo denotando um período mais longo de exploração enquanto nos rapazes, após o incremento dos 12 anos, o estilo moratória, entra num movimento decrescente e é suplantado aos 14 anos pelo estilo difusão que sofre um incremento.

X.7 - Estratos Sociais e Desenvolvimento dos Estilos da Identidade

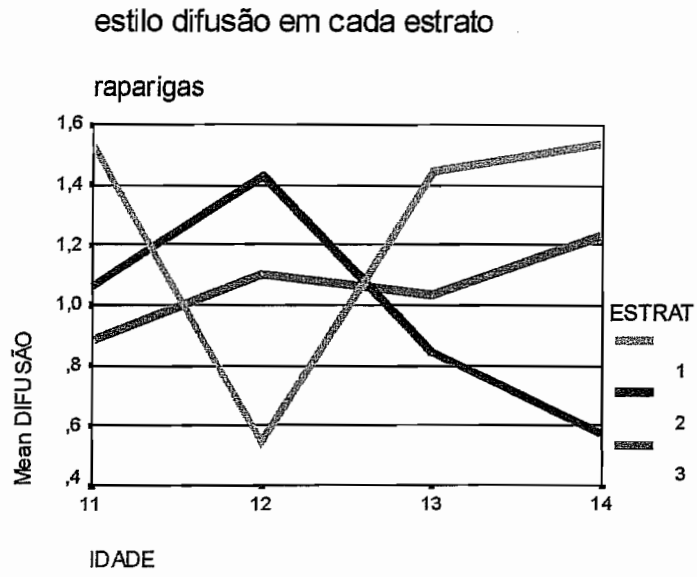
X.7.1 - Raparigas

X.7.1.1-Linha Desenvolvimental de Cada Estilo por Estrato

Nas raparigas, quando tomadas conjuntamente não há diferenças significativas entre as médias de cada um dos estilos dos diferentes estratos. No entanto observa-se uma maior tendência para o difusão e o

forclusão no estrato 1, uma maior tendência para o evolutivo no estrato 2 e uma maior tendência para o moratória no estrato 3. Para além disso, a curva desenvolvimental varia também segundo o estrato.

Gráfico 289



O estilo difusão (gráf. 289) começa por ser mais elevado aos 11 anos para o estrato 1, mas atinge aos 12 anos o seu pico mais baixo para depois voltar a subir até aos 14, altura em que o estrato 1 volta a suplantar em difusão os outros dois estratos.

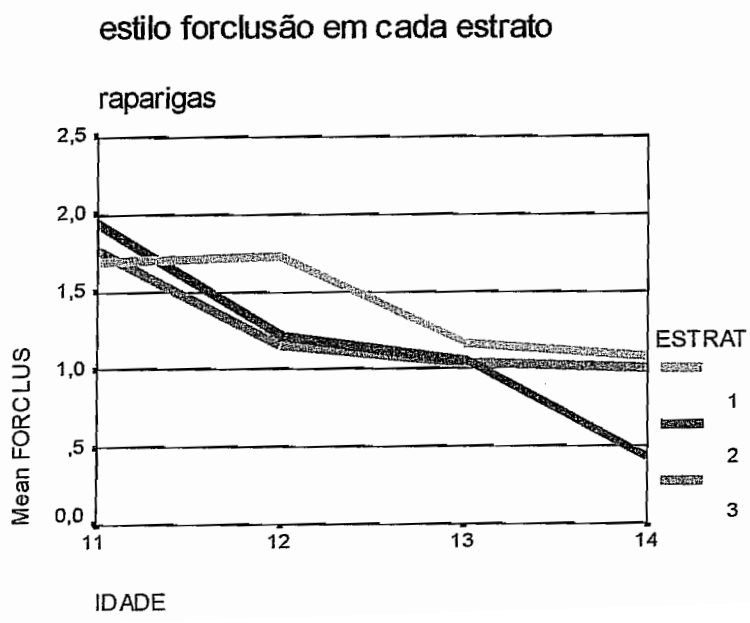
No estrato 2 o estilo difusão atinge o seu pico mais alto aos 12 anos mas depois entra num movimento decrescente que atinge o pico inferior aos 14 anos.

Deste modo a média de difusão dos 14 anos é no estrato 3, mais baixa do que a do estrato 1 mas mais alta do que o do estrato 2. Todavia só é significativa a diferença entre o estrato 1 e o estrato 2 (Quadro 6, anexo 7).

Entretanto, ao longo do desenvolvimento verifica-se também que existem diferenças significativas entre as médias do estilo difusão do estrato 1 entre os 11 e os 12 anos e entre os 12 e os 13 anos (Quadro 10 em anexo 7) e no estrato 2 entre os 12 e os 14 anos (Quadro 11 em anexo 7). Não existem diferenças significativas entre as médias das diferentes idades no estrato 3. Isto significa que as mudanças no que se refere ao estilo difusão são muito maiores nos estratos 1 e 2, embora no estrato 2 as mudanças verificadas resultem numa diminuição final das médias do estilo difusão ao contrário do que acontece com os outros dois estratos.

No estilo forclusão (gráf. 290), embora só com uma diferença significativa, mais uma vez entre o estrato 1 e o 2, agora aos 14 anos, observa-se que inicialmente o nível mais alto se refere ao estrato 2 e o mais baixo ao estrato 1.

Gráfico 290



Além disso enquanto os níveis do estrato 2 e 3 começam de imediato a descer, os do estrato 1 só entram em movimento decrescente a partir dos 12 anos. Mais precisamente, no estrato 1, embora inicialmente o estilo forclusão, apresente uma média inferior à dos outros estratos, mantém-se estável até aos 12 anos, entra num movimento decrescente até aos 13 anos e depois estabiliza, sem que se observem diferenças significativas entre as médias dos diferentes grupos etários. No estrato 2, o nível inicial do estilo forclusão é o mais elevado de todos os estratos mas entra imediatamente num movimento decrescente que entre os 12 e os 13 anos abranda o seu ritmo para o retomar entre os 13 e os 14 anos.

Observam-se diferenças significativas entre os 11 e os 14, entre os 12 e os 14 e entre os 13 e os 14 anos. No estrato 2 verifica-se portanto um grande decréscimo do estilo forclusão ao longo deste período. No estrato 3, com um nível inicial mais baixo do que o do estrato 2, observa-se um imediato movimento decrescente até aos 12 anos que depois abranda e entre os 13 e os 14 anos estabiliza. Todavia, não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários no estrato 3.

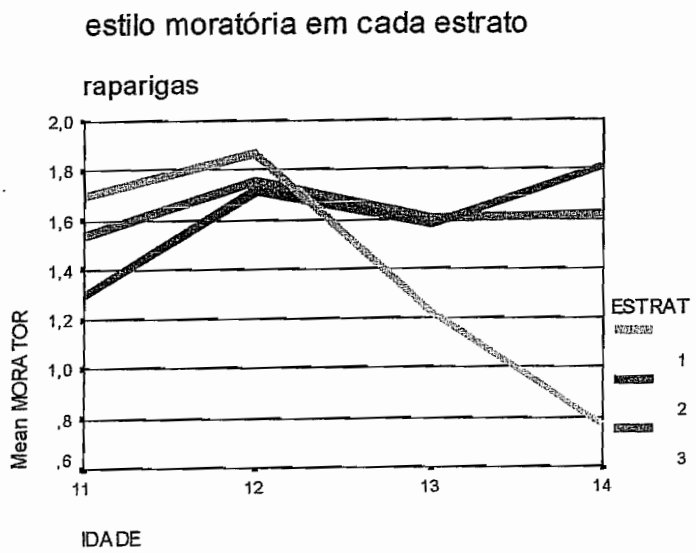
Daqui resulta que aos 14 anos, por ordem decrescente quanto ao estilo forclusão temos o estrato 1, o estrato 3 e só depois o estrato 2. No fim deste período de desenvolvimento foram as raparigas do estrato 2 que mais mudanças sofreram e que menos se encontram no estilo forclusão e foram as raparigas do estrato 3 que menos mudanças sofreram.

Assim, apesar de só existir uma diferença significativa entre o estrato 1 e o estrato 2 aos 14 anos, outras diferenças têm de ser consideradas. De acordo com o que acima referimos, os estratos 1 e 3 apresentam-se bastante estáveis e com médias finais bastante aproximadas no estilo forclusão. As

grandes mudanças operam-se no estrato 2 que com uma média de forclusão inicial mais elevada do que a dos outros estratos, mostra um movimento de autonomização face ao universo parental mais extremo e significativo. No estrato 3 e mais ainda no estrato 1 o movimento de autonomização revela-se menos eficaz.

No estilo moratória (gráf. 291), aos 11 anos o estrato 1 apresenta o nível mais elevado, seguindo-se o estrato 3 e finalmente o estrato 2. Os três estratos sobem o nível do estilo moratória aos 12 anos com a mesma ordenação. Só a partir daqui começam a diferenciar-se. O estrato 1 desce subsequentemente até aos 14 anos, o mesmo acontecendo com o estrato 3 até aos 13 anos. No entanto, o estrato 2 depois de um decréscimo aos 13 anos volta a subir aos 14.

Gráfico 291



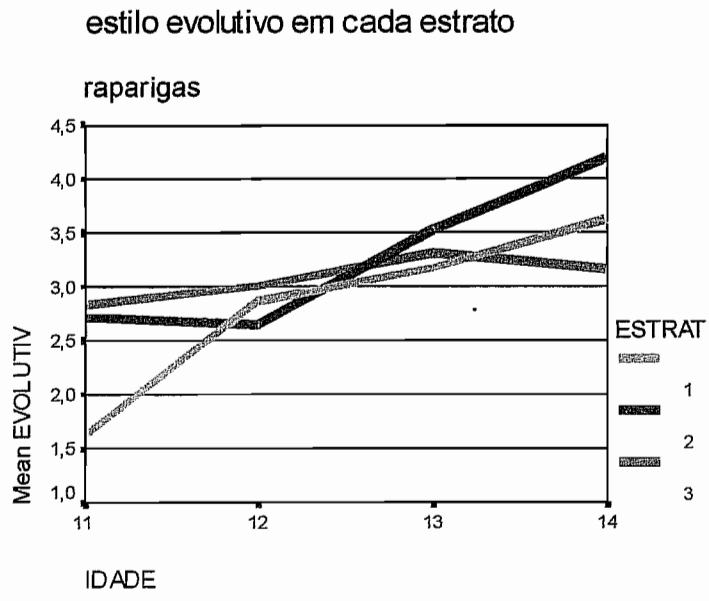
Isto significa que só no estrato 1 o estilo moratória tende a circunscrever-se aos 12 anos, no estrato 3 tende a diminuir e no estrato 2 tende a manter-se

(e até a subir) durante um período mais longo. Quanto a este estilo só encontrámos diferenças significativas entre os 12 e os 14 anos no estrato 1 (Quadro 10, anexo 7) comprovando que após o incremento dos 12 anos, a tendência é para a extinção do estilo moratória neste estrato.

Nos outros estratos o estilo moratória tende a manter-se por mais tempo e até a subir no estrato 2. Contudo não observámos diferenças significativas entre grupos etários quer no estrato 3 quer no estrato 2.

No estilo evolutivo (gráf. 292) não encontrámos quaisquer diferenças significativas. Todavia, o ponto de partida é desde logo diferente para os três estratos que podem ser ordenados por ordem decrescente do seguinte modo: estrato 3, estrato 2 e finalmente estrato 1.

Gráfico 292



Sublinhemos no entanto que estrato 2 e 3 estão muito próximos enquanto o estrato 1 apresenta uma média claramente inferior. Aos 12 anos, o estrato

2 manteve-se ao mesmo nível mas o estrato 3 e principalmente o 1, já iniciaram um movimento crescente. Contudo, subsequentemente é o estrato 2 que apresenta o maior acréscimo de tal modo que a ordenação final por ordem decrescente, aos 14 anos, é a seguinte: estrato 2, estrato 1 e estrato 3.

Aliás, mais uma vez enquanto no estrato 3 não se verificam diferenças significativas entre grupos etários, no estrato 1 existem diferenças significativas entre os 11 e os 12anos, entre os 11 e os 13 e entre os 11 e os 14 anos (Quadro 10, anexo 7) e no estrato 2 existem diferenças significativas entre os 11 e os 14 e entre os 12 e os 14 anos (Quadro 11, anexo 7).

Sendo o estrato 2 aquele que inicia o desenvolvimento mais tardiamente é também o estrato que apresenta um maior desenvolvimento dentro deste período.

X.7.1.2 - Peso Relativo de Cada Estilo por Estrato

Posto o que acabámos de referir temos ainda de atentar à posição relativa dos diferentes estilos em cada estrato no sentido de verificarmos predominâncias que caracterizem cada estrato e cada grupo etário.

No estrato 1 (graf. 293), inicialmente quase não há diferenças entre os vários estilos uma vez que a distribuição se apresenta muito repartida. Mas logo aos 12 anos se destacam o estilo evolutivo que aumenta consideravelmente e o difusão que desce. Todavia, entre os 11 e os 12 anos o estilo forclusão não se altera. Assim, resulta aos 12 anos, que entre os

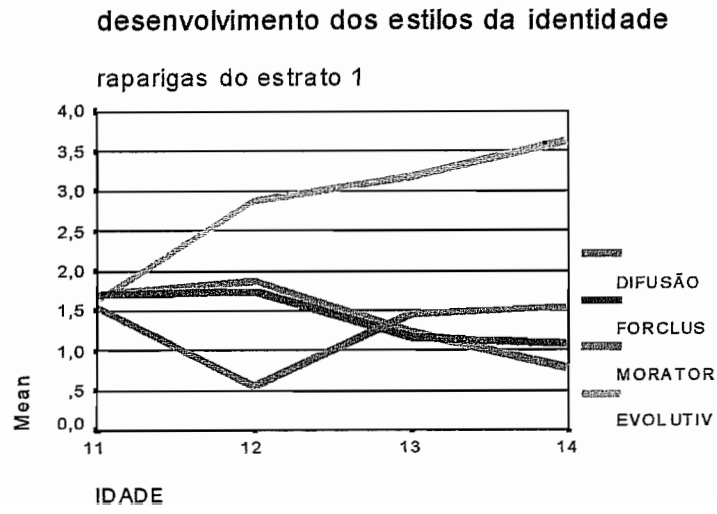
estilos evolutivo e difusão e os estilos forclusão e difusão, existem diferenças significativas (Quadro 7, anexo 7).

Aos 13 anos há diferenças significativas entre o estilo evolutivo e todos os outros devido a uma subida do evolutivo. Há ainda uma diferença significativa entre o estilo moratória e o difusão devido a uma diminuição do primeiro e um aumento do segundo.

Aos 14 anos verificam-se diferenças significativas entre o estilo evolutivo e os estilos forclusão e moratória e ainda entre o estilo moratória e o difusão. Isto deve-se ao facto de o estilo evolutivo ter subido, o forclusão e o moratória terem descido mas o difusão ter-se mantido.

Assim, o que se revela como mais característico neste estrato, para além da supremacia do estilo evolutivo logo a partir dos 12 anos, é o facto de o forclusão e principalmente o moratória se subalternizarem, dando lugar ao difusão como segundo estilo aos 13 e aos 14 anos.

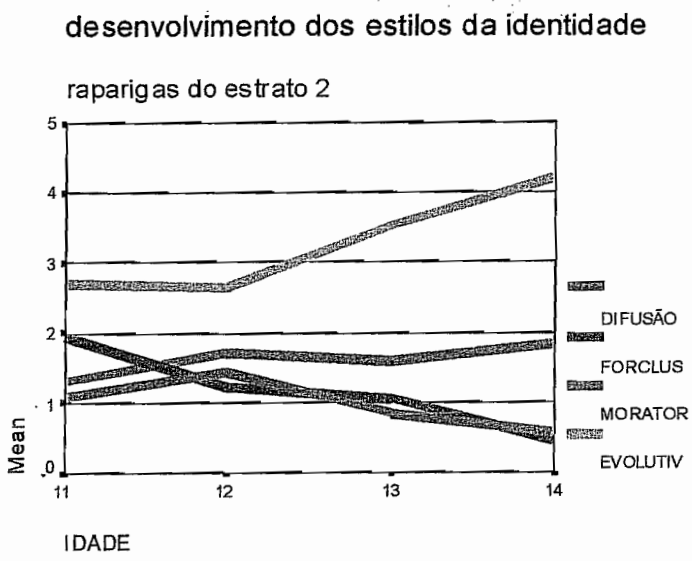
Gráfico 293



Além disso, os 12 anos parecem constituir para as raparigas do estrato 1 o período da grande viragem. Por um lado manifesta-se uma clara oposição entre o estilo evolutivo e o difusão e por outro, apartir dos 12 anos dão-se muitas alterações que subsequentemente não diferenciam os 13 dos 14 anos.

No estrato 2 (graf. 294) evidencia-se também a predominância do estilo evolutivo ao longo de toda esta fase. Contudo, o seu posicionamento relativamente aos outros estilos é neste estrato bastante diferente do do estrato 1.

Gráfico 294



As diferenças significativas começam a manifestar-se logo a partir dos 11 anos embora só entre o estilo evolutivo e os estilos difusão e moratória (Quadro 8, anexo 7). De resto, aos 11 anos para além do estilo evolutivo

salienta-se o forclusão em segundo lugar testemunhando de uma ainda grande dependência face às figuras parentais. Aos 12 anos embora o estilo evolutivo ocupe a primeira posição, na verdade existe uma grande proximidade entre todos os estilos não havendo diferenças significativas entre os diferentes estilos. Aos 13 anos observa-se uma clara mudança. O estilo evolutivo predomina com diferenças significativas relativamente a todos os outros que se encontram muito próximos. O estilo moratória surge no segundo lugar mas para além de não apresentar diferenças significativas na comparação com outros estilos (exceptuando o evolutivo), manteve-se sem alterações relativamente aos 12 anos. Aos 14 anos continua a manter-se a supremacia do estilo evolutivo que em relação ao difusão e ao forclusão mantém níveis de significância, tendo mesmo aumentado o nível de significância em relação a este último.

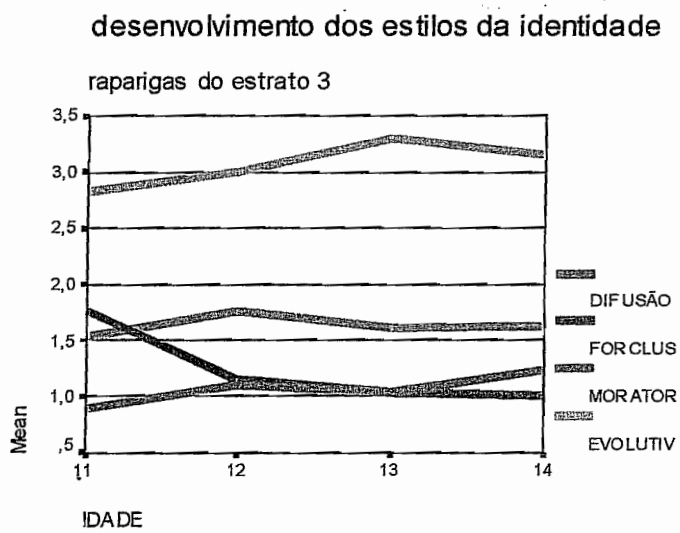
Acresce contudo que o estilo moratória surge mais incrementado com diferenças significativas relativamente aos estilos forclusão e difusão, marcadamente subalternizados. Assim, os 14 anos caracterizam-se por duas posições: a assunção de decisões ou opções definidas ou a exploração com vista a uma provável definição de opções.

Tendo em conta o exposto, sublinhamos mais uma vez como no estrato 2, durante este período de desenvolvimento, nas raparigas a evolução é tendente a realizar explorações conducentes à definição de opções próprias e consequentemente à organização de uma identidade.

No estrato 3 (graf. 295) o estilo evolutivo é sempre dominante mas nem sempre com diferenças significativas relativamente aos outros estilos. Aos 11 anos o estilo evolutivo apresenta uma diferença significativa (Quadro 9

anexo 7) apenas em relação ao estilo difusão que tem um nível muito baixo. Os estilos moratória e forclusão têm níveis bastante próximos entre si mas o forclusão ocupa o segundo lugar a seguir ao evolutivo. Aos 12 anos verificam-se diferenças significativas entre o estilo evolutivo que sofreu um aumento, e todos os outros. Contudo, sem diferenças significativas relativamente ao difusão ou ao forclusão o estilo moratória ocupa aos 12 anos a segunda posição. Assim, apesar de o difusão ter subido ligeiramente e o forclusão ter diminuído o que fundamentalmente caracteriza os 12 anos é a presença do estilo evolutivo ou a busca de um posicionamento pessoal.

Gráfico 295



Aos 13 anos o estilo evolutivo, que sofreu um novo aumento, apresenta diferenças significativas em relação a todos os outros, reforçando o destaque que já tinha. Há também diferenças significativas entre o moratória, o segundo estilo, e o forclusão. No entanto é preciso sublinhar

que esta diferença não se deve a um aumento do estilo moratória que pelo contrário diminuiu mas sim a uma diminuição mais acentuada do estilo forclusão. A par do aumento do estilo evolutivo aos 13 anos, verifica-se nas raparigas do estrato 3, sobretudo uma diminuição do estilo forclusão. Aos 14 anos, curiosamente, apesar de o estilo evolutivo dominar sobre todos os outros não encontrámos diferenças significativas nas raparigas deste estrato. Isto deve-se principalmente a um abaixamento do estilo evolutivo. Além disso é importante referir que os estilos moratória e forclusão se mantêm aos níveis dos 13 anos mas houve um aumento do estilo difusão. Neste particular aspecto, as raparigas do estrato 3 aproximam-se das do estrato 1.

X.7.1.3 - Conclusão

Tendo em conta o que acabámos de verificar, é no estrato 2 que encontramos com maior predominância os estilos que implicam a existência de uma busca pessoal ou de uma exploração com tomada de decisão autónoma. De facto, embora sem diferenças significativas relativamente aos outros estratos, é nas raparigas do estrato 2 que, no fim deste período de desenvolvimento, encontramos as médias mais elevadas nos estilos evolutivo e moratória e as médias mais baixas nos estilos forclusão e difusão. Pode portanto dizer-se que ao longo deste período as raparigas do estrato 2 se orientam para uma maior autonomia e uma maior definição identitária. É também neste estrato que se observa um traçado que coloca

simétricamente por um lado os estilos evolutivo e forclusão e os estilos moratória e difusão o que não acontece nos outros estratos.

O estrato 3 caracteriza-se por uma estabilidade comprovada pela ausência de diferenças significativas entre grupos etários ao longo do desenvolvimento, testemunhando da diminuta amplitude das alterações. Salientamos contudo o facto de à partida, existir uma diferença significativa entre o estilo difusão que tem uma média muito baixa e o estilo evolutivo cuja média é bastante elevada, conquanto seja muito próxima da do estrato 2. Outro fenómeno importante no estrato 3 é o aumento da média do estilo difusão verificada aos 14 anos o que também não se observa no estrato 2. Não podemos saber se este movimento se prolonga para além dos 14 anos mas dentro deste período, neste estrato e nas raparigas, os estilos predominantes são como no estrato 2 o evolutivo e o moratória, estilos que tendem à exploração e definição da identidade.

O estrato 1, no qual se observam muitas diferenças significativas entre grupos etários e pareceria portanto produzir uma grande evolução, mostra resultados finais algo paradoxais. Por um lado, não só o estilo evolutivo se apresenta como dominante a partir dos 12 anos e as suas médias sobem a valores mais altos do que os do estrato 3 como também sobem as médias do estilo difusão que assim passa a partir dos 13 anos a constituir-se como o segundo estilo. Além disso neste estrato, as raparigas têm um período de moratória elevado aos 12 anos que depois desce progressivamente. Assim, a exploração tende a ser muito mais circunscrita do que nos outros estratos e talvez em razão disso apenas existam neste período de desenvolvimento duas possíveis saídas: a mais favorável da definição de uma identidade

autónoma, e a menos favorável, em oposição à primeira, da indefinição identitária com a entrada no estilo difusão.

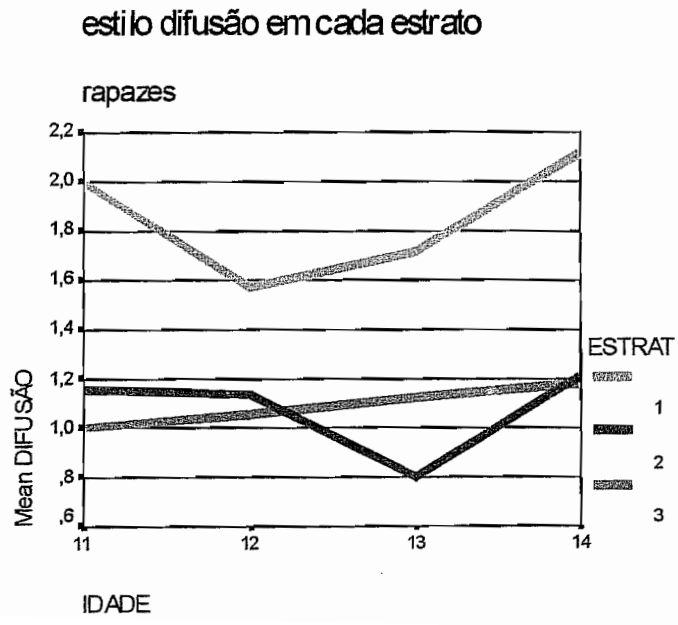
X.7.2 - Rapazes

X.7.2.1 - Linha Desenvolvimental de Cada Estilo por Estrato

Nos rapazes também se observam diferenças nos estilos de desenvolvimento segundo o estrato de pertença embora na sua maioria não sejam significativas.

No estilo difusão existe uma diferença entre os estratos 2 e 3 e o estrato 1 que se traduz por níveis mais elevados neste estilo no estrato 1 em qualquer dos grupos etários considerados (Graf. 296). No entanto não há nenhuma diferença significativa em qualquer das idades entre os diferentes estratos.

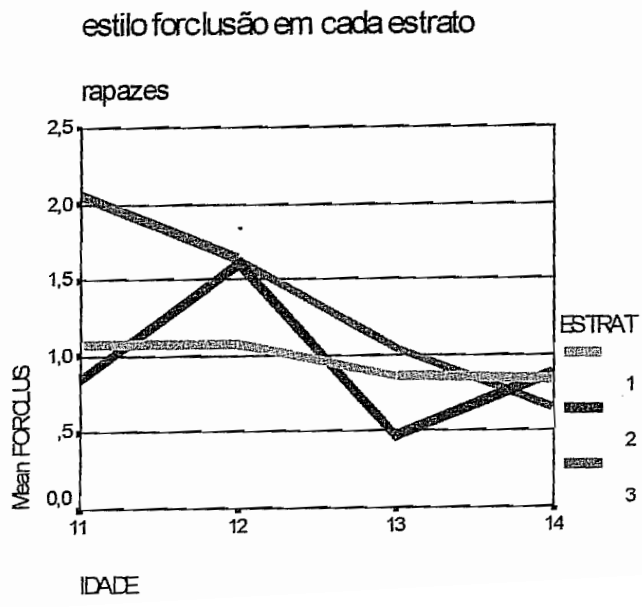
Gráfico 296



Mesmo assim sublinhamos o pico inferior que no estrato 1 se observa aos 12 anos e no estrato 2 se observa aos 13 anos contrastando com uma evolução progressiva e crescente, embora diminuta, no estrato 3. Além disso observa-se em todos os estratos uma tendência para a subida do estilo difusão ao longo deste período de desenvolvimento, com mais incidência no estrato 1. Todavia também não existem diferenças significativas entre os diversos grupos etários em qualquer dos estratos e portanto só podemos observar os movimentos descritos como tendenciais.

No estilo forclusão (gráf. 297) existe uma única diferença significativa aos 11 anos entre os estratos 2 e 3 (Quadro 12 em anexo 7). O que difere bastante é o traçado da curva de desenvolvimento respeitante a este estilo para cada um dos estratos.

Gráfico 297



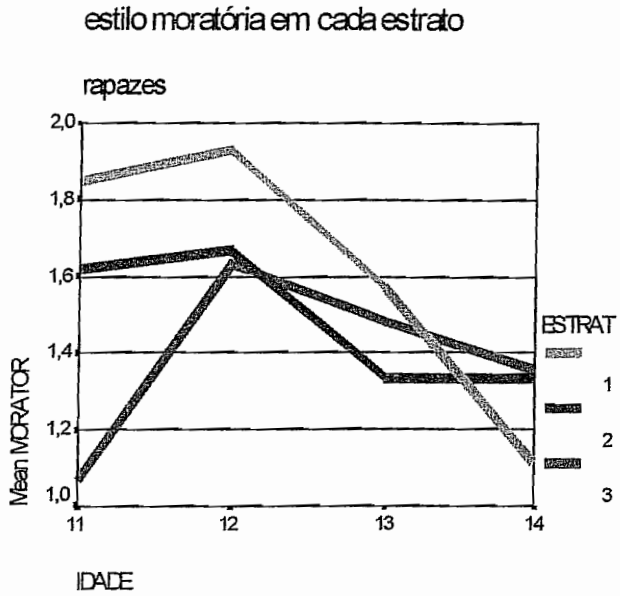
O desenvolvimento tende a ser progressivo e decrescente nos estratos 1 e 3, embora mais acentuadamente neste último. No estrato 2 deparamo-nos com uma subida do estilo forclusão entre os 11 e os 12 anos, um pico inferior aos 13 anos e um novo aumento aos 14. A tendência geral de todos os estratos parece ser decrescente, todavia não podemos saber, com os dados da nossa amostra qual será o próximo movimento ou onde se deterá o crescendo que se verifica no estrato 2 dos 13 para os 14 anos. O que constatamos é um movimento de avanços e recuos no estrato 2 que irá porventura de par com as oscilações da relação com as figuras parentais.

É ainda importante observar como no estrato 1 as variações ao longo do tempo são diminutas. Apenas existem diferenças significativas no estrato 2 (Quadro 16 em anexo 4) entre os 12 e os 13 anos e no estrato 3 (Quadro 17 em anexo 4) entre os 11 e os 13 e entre os 11 e os 14 anos. Assim, só nestes dois estratos há diferenças consideráveis. Todavia, embora as alterações no estrato 2 sejam grandes, as mudanças de direcção, fazem com que no fim deste período a média do estilo forclusão seja a mesma do início, ou seja: no computo geral, neste estrato não houve evolução. Em contrapartida, no estrato 3, conquanto não haja sobressaltos, no fim deste período constata-se a ocorrência de uma mudança significativa.

No estilo moratória (graf. 298) não há nenhuma diferença significativa entre estratos em qualquer das idades. Vemos que o pico do estilo moratória se verifica aos 12 anos para qualquer dos estratos embora seja mais elevado no estrato 1. Todavia existe uma diferença relativa às médias deste estilo em cada um dos estratos aos 11 anos que coloca os estratos ordenados por ordem decrescente do seguinte modo: estrato 1, estrato 2 e estrato 3.

Também difere o modo como se desenvolve a curva do moratória depois do pico superior dos 12 anos. No estrato 3 e no estrato 1 observa-se um movimento sempre decrescente até aos 14 anos, sendo que o decréscimo no estrato 1 é superior ao do estrato 3.

Gráfico 298

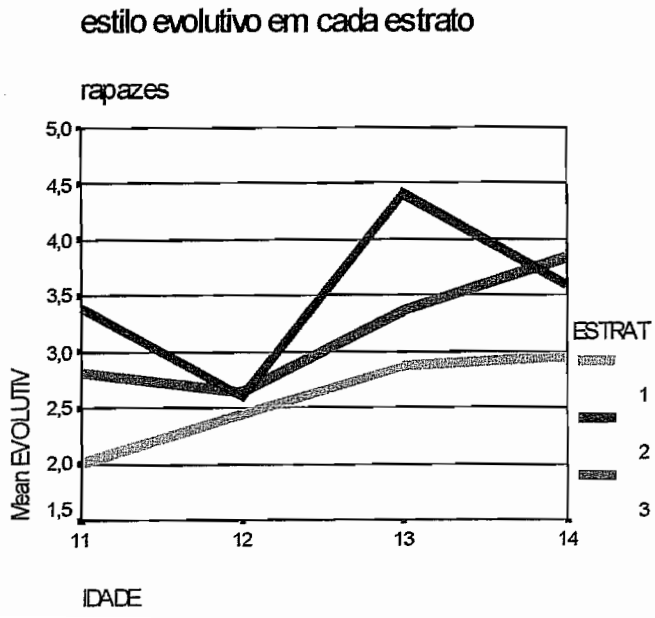


No estrato 2 obseva-se um movimento descendente até aos 13 anos seguido de uma estabilização. Em resultado do que acabámos de dizer, aos 14 anos a ordenação dos estratos por ordem decrescente passa a ser a seguinte: estrato 3 e estrsto 2 quase coincidentes e estrato um com um nível inferior. Contudo sublinhemos que não existindo diferenças significativas entre grupos etários em qualquer dos estratos, relativamente ao estilo moratória, apenas podemos tomar estes movimentos como tendenciais.

Relativamente ao estilo evolutivo (graf. 299) também não encontrámos diferenças significativas nem entre estratos em qualquer dos grupos etários mas existe uma diferença significativa entre os 12 e os 13 anos no estrato 2 (Quadro 16 em anexo).

Torna-se desde logo evidente que ao longo de todo este período de desenvolvimento os rapazes do estrato 1 apresentam médias mais baixas no estilo evolutivo, ao longo de todo este período, do que os rapazes dos estratos 2 e 3. Além disso, no estrato 1 este estilo a partir dos 13 anos tende a abrandar o seu crescimento. No estrato 3, após um período de quase estabilização até aos 12 anos, o estilo evolutivo entra num movimento crescente até aos 14 anos.

Gráfico 299



No estrato 2, o desenvolvimento deste estilo surge como mais complexo. Começa com níveis elevados quando comparado com os outros estratos mas sofre um decréscimo aos 12 anos. Aos 13 atinge um pico que coloca o estrato 2 no primeiro plano mas aos 14 anos volta a decrescer de tal modo que os rapazes deste estrato passam a estar no segundo lugar a seguir aos do estrato 3.

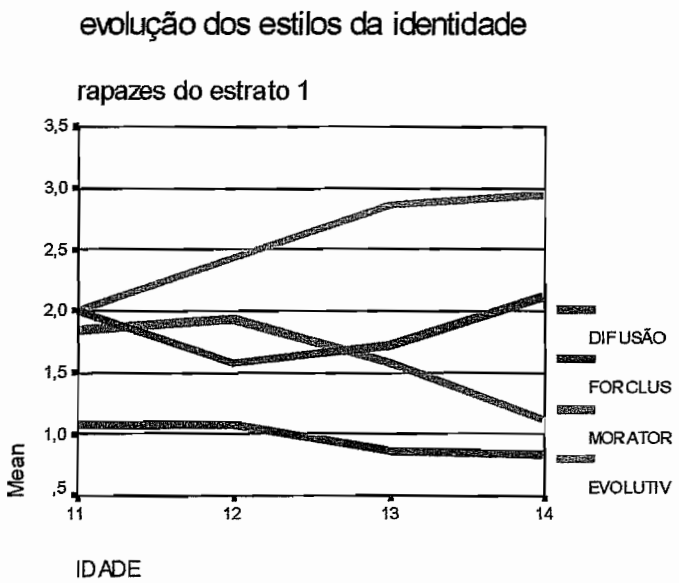
Assim, a ordenação por ordem decrescente dos níveis do estilo evolutivo passa a ser a seguinte: estrato 3, estrato2 e finalmente estrato 1. Logo, embora sem diferenças significativas é o estrato 3 que mais evolui e o estrato 1 o que menos evolui. É portanto o estrato 3 que mais evolui e o estrato 1 o que menos evolui. Quanto ao estrato 2, a diferença significativa entre os 12 e os 13 anos devida a uma grande ascenção deste estilo, é posteriormente contrariada por um movimento descendente.

Face ao que acabámos de constatar podemos concluir que o estrato 1 é aquele que apresenta níveis mais elevados no estilo difusão e níveis mais baixos no estilo evolutivo mas também os níveis mais altos no moratória conquanto tendencialmente circunscrito aos 12 anos. O estrato 2 é aquele em que o desenvolvimento parece mais complexo com alterações no percurso ao longo de toda esta fase de desenvolvimento. O estrato 3 apresenta um percurso relativamente mais coerente quando comparado com o estrato 2 mas além disso, começando com um nível elevado no estilo forclusão, tende a baixar progressivamente o nível neste estilo e tende a subir de modo aparentemente mais consistente do que os outros estratos o estilo evolutivo.

X.7.2.2 - Peso Relativo de Cada Estilo por Estrato

Nos rapazes do estrato 1 não há inicialmente diferenças significativas entre quaisquer estilos (graf. 300). Aos 11 anos verifica-se uma distribuição relativamente próxima entre os estilos difusão, moratória e evolutivo, estando o forclusão secundarizado. Aos 12 anos, embora tenha subido o evolutivo e o moratória e tenha descido o difusão não encontramos ainda diferenças significativas.

Gráfico 300



Mas aos 13 anos, predominando o estilo evolutivo sobre todos os outros, existe uma diferença significativa ente o estilo evolutivo e o forclusão. Isto deve-se a um movimento ascendente do primeiro e descendente do segundo. Além disso observa-se ainda uma tendência para um decréscimo do estilo moratória e um acréscimo do estilo difusão que parece contraditório com o movimento dos restantes estilos. É que tendo em conta a posição relativa

dos diferentes estilos parece que aos 13 anos os rapazes do estrato 1, fizeram alguma exploração prévia , abandonaram o mundo conceptual das figuras parentais e estão num período de tomada de decisões e opções. Todavia, o estilo difusão entra em movimento ascendente tornando-se o segundo estilo.

Aos 14 anos, as tendências que se desenhavam anteriormente acentuam-se o que faz com que os estilos de desenvolvimento da identidade possam ser ordenados por ordem decrescente do seguinte modo: evolutivo, difusão, moratória e forclusão. O estilo difusão, tendo continuado a evolução que já anunciava aos 13 anos, tornou-se o segundo estilo mas importante deste grupo etário.

Ao longo deste período, o estilo forclusão sofre uma variação menor do que qualquer outro. Além disso, dado o que acima referimos, configuram-se dois resultados possíveis para os rapazes do estrato 1: a definição identitária característica do estilo evolutivo para uma maioria ou a indefinição caracteristica do estilo difusão para uma minoria. Todavia, sublinhemos a ausência de diferenças significativas entre grupos etários em qualquer dos estilos como anteriormente verificámos. Dado este facto não nos parece ter-se dado uma evolução consistente durante este período nos rapazes do estrato 1.

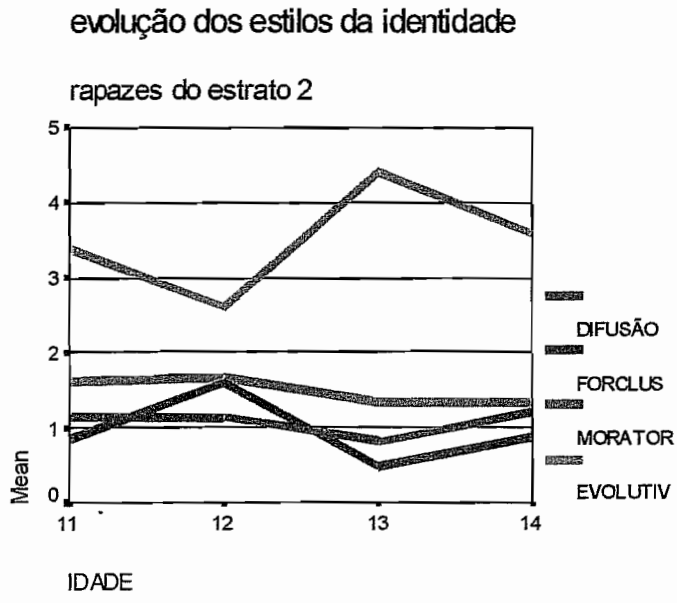
O estrato 2 é como tivémos oportunidade de verificar para cada um dos estilos em particular, aquele cujo desenvolvimento surge como menos linear (graf. 301).

Logo aos 11 anos constatamos a existência de diferenças significativas entre o estilo evolutivo que ocupa o primeiro plano e os estilos difusão e

forclusão. O estilo moratória encontra-se em segundo plano sem apresentar diferenças significativas nem relativamente ao estilo evolutivo, nem relativamente aos outros dois que lhe estão muito próximos.

Aos 12 anos, todavia, não encontrámos qualquer diferença significativa. O movimento simétrico dos estilos evolutivo e forclusão, o primeiro descendente e o segundo ascendente fazem desaparecer as anteriores diferenças significativas. Dir-se-iam os 12 anos um período de recuo e de tendência a uma maior aproximação ao universo conceptual das figuras parentais, quando comparado com a idade anterior.

Gráfico 301



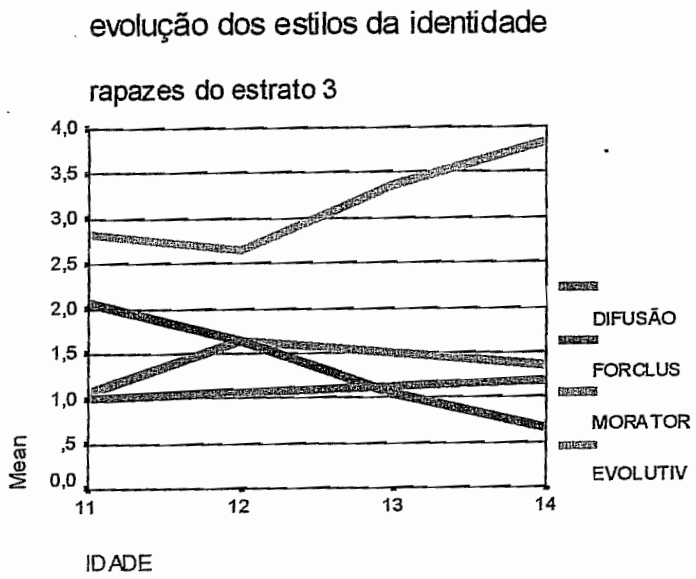
Contudo, os 13 anos parecem caracterizar-se exactamente pelo oposto. O estilo evolutivo, dominante, apresenta diferenças significativas em relação a todos os outros que se encontram muito próximos entre si. Para além disso sublinhemos que também aos 13 anos se observa uma relação simétrica

entre o estilo forclusão que desceu e o estilo evolutivo que subiu. Aos 14 anos, embora se mantenham diferenças significativas entre o estilo evolutivo e todos os outros sublinhemos uma tendência para a diminuição do estilo evolutivo e uma subida do difusão e do forclusão.

Existe portanto nos rapazes deste estrato, um movimento simétrico de aproximação e afastamento envolvendo os estilos evolutivo e forclusão que não se observa em nenhum outro estrato e que indicia a grande importância da relação com as figuras significativas.

No estrato 3, a posição relativa dos vários estilos (graf. 302) mostra uma predominância do estilo evolutivo ao longo de todo este período sobre qualquer dos outros três, mas nem sempre com diferenças significativas (Quadro 12 em anexo 7).

Gráfico 302



Quer a representação gráfica quer as diferenças significativas encontradas mostram que aos 11 anos (entre o estilo evolutivo e os estilos difusão e moratória e entre o estilo forclusão e o difusão) , dois estilos se destacam: o evolutivo que predomina e o forclusão como secundário. Os outros ocupam uma terceira posição quase indiferenciada, embora se manifeste significativa apenas a diferença entre forclusão e difusão.

Aos 12 anos embora só exista uma diferença significativa entre estilo evolutivo e difusão constatamos uma subida do estilo moratória e uma descida do forclusão. Isto faz surgir os estilos forclusão e moratória ambos como estilos secundários o que faz supôr esta idade como sendo uma encruzilhada entre a procura de uma identidade através da moratória ou através da adopção das opções parentais. Seriam então os 12 anos o período de mais provável tendência para a crise definida de acordo com Erikson. Aos 13 anos este período parece ultrapassado na medida em que há diferenças significativas entre o estilo evolutivo, num claro primeiro plano, e todos os outros. Aos 14 anos para além de o estilo evolutivo se tornar ainda mais dominante, diferindo significativamente de todos os outros, observa-se uma clara diminuição do estilo forclusão que vindo na continuidade do que já acontecia anteriormente só agora adquire significância relativamente ao estilo moratória. Deu-se portanto uma grande diminuição no que respeita ao estilo forclusão que aliás mostra, como acima referimos, diferenças significativas entre os grupos etários dos 11 e 13 anos e dos 11 e 14 anos. O estilo moratória embora tenha também diminuido, mantém-se em segundo plano. Um facto que devemos sublinhar: o aumento do estilo difusão que neste caso é progressivo mas também ligeiro.

Assim, os rapazes do estrato 3, têm ao longo de todo este período, o evolutivo como estilo dominante. Além disso, o forclusão, segundo estilo aos 11 anos, perde a sua importância e dos 13 anos em diante o moratória constitui-se como o segundo estilo. Contudo, sublinhemos que o único estilo em que encontrámos diferenças significativas entre grupos etários foi o forclusão. Quanto a todos os outros, as diferenças que referimos só podem ser tomadas como tendências.

X.7.2.3 - Conclusão

Há como vimos, algumas diferenças entre os rapazes de cada estrato. Apesar da tendência geral para a subida das médias do estilo difusão, é no estrato 1 que este estilo surge com maior destaque. Os outros dois estratos, independentemente do traçado desenvolvimental diferir, apresentam médias relativamente próximas. No estilo forclusão, é o estrato 3 que domina no início deste período de desenvolvimento mas ao longo do tempo é também neste estrato que se observa um maior decréscimo deste estilo. Dito de outro modo: inicialmente os rapazes do estrato 3 manifestam uma maior dependência face ao universo conceptual parental mas a sua autonomização mostra-se mais eficaz. O estilo moratória apresenta médias mais elevadas no estrato 1 do que em qualquer dos outros mas é também neste estrato que se verifica um maior decréscimo e que este estilo tende a circunscrever-se aos 12 anos. No estilo evolutivo, apesar dum grande incremento aos 13 anos no estrato 2, é no estrato 3 que observamos uma maior evolução. De entre todos, é o estrato 2 que apresenta um

desenvolvimento mais acidentado com avanços e recuos. Todavia a única diferença significativa entre os diferentes estilos é no estilo forclusão aos 11 anos entre os estratos 2 e 3. Isto mostra como a variável estrato influencia pouco o desenvolvimento da identidade no sexo masculino. Mas além disso também não se manifestam grandes diferenças entre grupos etários dentro dum mesmo estrato. No estrato 1 não há ao longo de todo este período diferenças significativas entre grupos etários relativamente a qualquer dos estilos da identidade. No estrato 2 existem diferenças entre grupos de idade para o estilo forclusão e para o estilo evolutivo. No estrato 3 existem diferenças significativas apenas no estilo forclusão. Isto daria provávelmente a ideia de que no estrato 2 teria havido um maior desenvolvimento. Contudo, tal não se verifica porque enquanto no estrato 3 o desenvolvimento surge como mais consistente e mais eficaz, no estrato 2 é mais acidentado e feito de avanços logo compensados por recuos. Assim o resultado final é mais favorável para os rapazes do estrato 3.

No entanto, sublinhemos que não só há muito poucas diferenças significativas entre estratos como também são poucas as diferenças entre grupos etários dentro de cada estrato. Assim, o desenvolvimento dos rapazes em geral, neste período, é diminuto e pouco consistente.

Destaquemos entretanto que nos rapazes o estilo evolutivo domina. Todavia, enquanto no estrato 2 o estilo moratória se mantém como segundo estilo ao longo de todo este período e no estrato 3 ele passa a figurar como segundo estilo a partir dos 13 anos, no estrato 1 a partir dos 13 anos é o difusão que figura como segundo estilo. Assim, no estrato 1 verifica-se uma maior tendência para a difusão do que nos outros estratos. Outra característica do estrato 1 é a ausência de diferenças significativas entre grupos etários

testemunhando de um relativo imobilismo e ainda o baixo nível do estilo forclusão que de resto é quase constante ao longo deste período.

O estrato 2 para além do acidentado do desenvolvimento apresenta como característica uma simetria entre o estilo evolutivo e o forclusão que sugere uma dependência entre o estilo evolutivo e os movimentos de autonomização.

No estrato 3, a característica mais marcada é a média inicialmente elevada do estilo forclusão que evidencia um decréscimo constante ao longo de todo este período marcado por diferenças significativas. O grande desenvolvimento do estrato 3 neste período parece portanto referir-se à autonomização face ao universo conceptual parental.

Vimos como são raros os pré-adolescentes que estão a desenvolver-se num único estilo. A situação mais comum é a de uma entrada progressiva no estilo evolutivo com a tomada de posição relativa a várias questões ao longo do desenvolvimento como de resto já correspondia à nossa hipótese inicial.

De um modo geral vimos também que o desenvolvimento nesta fase se caracteriza por um aumento do estilo evolutivo, uma diminuição do estilo forclusão, uma passagem pelo estilo moratória marcada aos 12 anos e curiosamente por um ligeiro aumento do estilo difusão, o que à primeira vista surge como paradoxal. Assim, existe uma tendência geral para o estabelecimento de uma identidade autónoma todavia a saída do estilo difusão não implica por si só a entrada no estilo evolutivo ou sequer a entrada no estilo moratória. Podem alguns jovens, sair do estilo forclusão mas enveredar pelo estilo difusão pelo que supomos que a necessidade de autonomia não implica necessáriamente a construção de uma identidade

talvez porque os recursos para esse efeito sejam ainda escassos neste período de desenvolvimento.

Dado que o estilo evolutivo domina ao longo de todo este período podemos supôr a existência de um grupo considerável de jovens que se desenvolve segundo este estilo. Isto indicia que pelo menos para uma parte considerável dos jovens este desenvolvimento é feito de forma paulatina, sem crises evidentes mas faz também que os estilos de desenvolvimento da identidade não caracterizam necessáriamente idades específicas e poderão mais adequadamente ser considerados atitudes básicas com as quais os jovens abordam as questões que se lhes vão colocando ao longo do desenvolvimento.

Contudo, como constatámos, há diferenças quanto ao modo como rapazes e raparigas resolvem a problemática identitária embora sem diferenças significativas. Existe nos rapazes uma maior tendência para o estilo difusão e forclusão do que nas raparigas. Nestas verifica-se uma maior tendência para o estilo evolutivo e o estilo moratória não só apresenta uma média mais elevada aos 12 anos como também se mantém durante um período mais longo. Além disso, as raparigas, iniciando embora esta fase com um nível de forclusão mais elevado do que os rapazes, tendem a um decréscimo neste estilo que no fim deste período se apresenta com níveis inferiores aos dos rapazes. Também no estilo evolutivo o desenvolvimento das raparigas é mais consistente e eficaz do que o dos rapazes. Isto significa um desenvolvimento mais favorável para as raparigas do que para os rapazes durante este período de desenvolvimento.

Constatámos um desenvolvimento em simetria dos estilos evolutivo e forclusão que faz supôr uma interdependência entre estes dois estilos. De

facto, para que um indivíduo constitua uma identidade própria é necessário que se torne autónomo e portanto que abandone o estilo forclusão mas vimos já que esse abandono não é suficiente. Nas raparigas mas não nos rapazes, constatámos também um desenvolvimento em simetria dos estilos moratória e difusão que advém de uma oposição fundamental entre uma busca de opções no estilo moratória e um desinteresse por essa busca e definição. Todavia esta simetria não se observa nos rapazes dada a sua maior tendência para a difusão e a maior circunscrição do período de moratória.

Todavia as maiores diferenças surgem quando fazemos intervir a variável estrato. Na verdade, diferenças signficativas entre rapazes e raparigas só as encontramos no estrato 2. Neste estrato é claro que as raparigas apresentam um nível inicial de forclusão significativamente mais elevado do que os rapazes e que estes apresentam níveis mais elevados de difusão e forclusão no fim deste período de desenvolvimento. Mas constatamos mais diferenças quando atentamos ao desenvolvimento de cada estrato dentro de cada sexo.

No estrato 1 nos rapazes não existem diferenças significativas entre grupos etários o que mostra que durante este período eles não sofrem grande desenvolvimento ao contrário do que acontece com as raparigas que não só apresentam diferenças significativas como também, chegadas ao fim deste período de desenvolvimento, mostram um nível mais elevado no estilo evolutivo. Também os rapazes mostram níveis inferiores aos das raparigas no estilo forclusão e níveis mais elevados que elas no estilo difusão. Mas numa coisa se assemelham: ambos têm no estilo difusão o seu estilo secundário a partir dos 13 anos.

No estrato 2 quer raparigas quer rapazes têm o evolutivo como primeiro estilo de desenvolvimento e o moratória como segundo estilo mas nas raparigas o desenvolvimento do estilo evolutivo atinge valores mais elevados do que nos rapazes e o estilo moratória sobe enquanto nos rapazes desce. Além disso no sexo feminino o estilo forclusão desce mais do que nos rapazes e o difusão também desce enquanto nos rapazes sobe. É portanto maior o desenvolvimento do sexo feminino durante este período.

No estrato 3 mais uma vez se verifica que o estilo evolutivo é predominante quer nos rapazes quer nas raparigas e o estilo moratória constitui-se como segundo estilo em ambos. Mas nas raparigas isto acontece logo a partir dos 12 anos enquanto nos rapazes isto acontece só a partir dos 13 anos. Em ambos os sexos o estilo difusão sobe. Contudo, nas raparigas não encontrámos diferenças significativas entre grupos etários enquanto nos rapazes existem diferenças significativas relativamente ao estilo forclusão que mostra um decréscimo signficativo. Além disso, embora sem diferenças significativas, neste estrato, as médias do estilo evolutivo são mais elevadas nos rapazes do que nas raparigas. Isto significa que no estrato 3 são os rapazes que têm um desenvolvimento mais favorável.

Quando comparamos as raparigas entre si e os rapazes entre si verificamos que no sexo feminino é o estrato 2 que mostra um maior desenvolvimento enquanto nos rapazes é o estrato 3 que mostra maior desenvolvimento. Curiosamente são as raparigas do estrato 3 e os rapazes do estrato 1 que menos se desenvolvem. Mas comparando estes dois estratos verificamos que são as raparigas do estrato 2 que mais se desenvolvem visto que elas apresentam mais diferenças significativas do que os rapazes do estrato 3. Se por outro lado compararmos os dois estratos que apresentam um menor

desenvolvimento, as raparigas do estrato 3 e os rapazes do estrato 1, embora em nenhum dos dois existam diferenças significativas entre grupos etários, são novamente as raparigas que apresentam um melhor desenvolvimento.

Acresce que como de um modo geral, existem maiores diferenças entre as raparigas dos diferentes estratos do que entre os rapazes dos diferentes estratos temos de concluir que a variável estrato tem uma maior influência sobre o sexo feminino do que sobre o sexo masculino.

Põem-se portanto várias questões para algumas das quais teremos respostas. Uma diz respeito às características ambientais que imprimem um diferente desenvolvimento aos grupos quer femininos quer masculinos dos diferentes estratos. Outra é a diferenciação entre características ambientais que imprimem aos dois sexos num mesmo estrato características desenvolvimentais diferentes. Isto porque possívelmente, dado que rapazes e raparigas se desenvolvem diferentemente dentro de um mesmo estrato será talvez devido a exigências diferentes que são feitas a rapazes e raparigas. A outra diz respeito às condições que aparentemente são mais favoráveis ao desenvolvimento das raparigas do estrato 2 e às condições que serão mais favoráveis aos rapazes do estrato 3. Outra questão ainda prende-se com o facto de neste período de desenvolvimento as raparigas evoluirem mais do que os rapazes. Poderemos encontrar algumas razões ambientais mas não podemos esquecer que as raparigas tendem também, neste período, a desenvolver-se fisicamente mais do que os rapazes o que certamente implicará outras alterações psicológicas e estatutárias.

D - DISCUSSÃO

Apesar de este estudo ter como eixo organizador a diferenciação de contextos ambientais e sua diversa influência no desenvolvimento das ligações às figuras significativas e no desenvolvimento identitário pudemos dar conta de algumas características gerais importantes, muitas das quais haviam já sido referidas por outros autores.

Verificámos que há características que sendo gerais, podem ser imputadas ao processo desenvolvimental da pré-adolescência. Há outras características que sendo invariantes dentro de um ou outro sexo podem ser imputadas ao sexo de pertença. Há ainda características, inerentes ao estrato de pertença, que podem ser imputadas às diferenças do contexto ambiental que imprimem um cunho particular ao desenvolvimento dos jovens. Para facilidade de compreensão referir-nos-emos agora às primeiras.

XI.1 - Características Imputáveis ao Processo da Pré-Adolescência

É evidente que durante todo este período se dão transformações muito rápidas em todos os aspectos da vida dos jovens quer pessoais quer sociais como é unanimemente reconhecido.

Há um aumento da sociabilidade relativa a coetários que se torna patente no aumento da percentagem de tempo que em certa altura, com variações, se observa em todos os jovens.

Manifesta-se uma tendência geral para a procura de ressituar-se face ao próprio e aos outros. É constatável a remodelação das ligações às figuras relacionais significativas o que compreende não só uma alteração das intensidades das Vinculações mas também uma alteração das características das relações o que vai ao encontro das constatações de outros autores (Blos, 1967; Josselsson, 1980). Verificam-se movimentos oscilatórios de identificação às figuras parentais com períodos de recusa de identificação aos quais se seguem novas identificações sugerindo a procura de uma definição pessoal autónoma. Neste específico aspecto podemos generalizar afirmando que os 13 anos correspondem de um modo geral ao momento de rejeição das identificações e os 14 anos à retoma das identificações. Isto leva-nos a inferir sobre a existência de um ciclo que atingindo o seu ponto culminante pelos 13 anos, dá também início a um novo ciclo. O primeiro caracterizar-se-ia por um movimento de diferenciação relativamente às figuras parentais e o segundo caracterizar-se-ia por novos processos de identificação e construção.

É ainda comum o deslocamento dos investimentos de um para outro aspecto da vida que de momento se tornou mais premente. Exemplo disso é a perda de interesse pela aprendizagem escolar e o aumento do interesse pela socialização com coetários, alargando o mundo social e com isso as possibilidades de novas aprendizagens e principalmente de experimentação de um novo tipo de relações.

Mas as características dos contextos ambientais modelam o desenvolvimento em cada estrato diferenciando também rapazes de raparigas, o que resumiremos seguidamente.

XI.2 - Características do Contexto Ambiental, da Ligação às Figuras Significativas e do Desenvolvimento da Identidade por Estrato e Sexo

Começaremos por salientar, para facilidade de explicitação e compreensão, para cada um dos estratos sociais, as características diferenciadoras do contexto de vida evidenciando sobretudo a exposição aos agentes de socialização, as características que observámos relativamente ao desenvolvimento das ligações às figuras significativas e seguidamente as características do desenvolvimento da identidade. Faremos isto contrastando rapazes e raparigas em cada estrato quanto às características desenvolvimentais que como vimos diferem em vários aspectos importantes.

No **estrato 1** encontrámos algumas características básicas que propiciam todas as outras. São elas a frequência de escolas públicas com baixos períodos de ocupação escolar e a menor existência de espaços privados.
Daqui resultam outras características como um tempo social mais alargado que nos outros estratos, rotinas caracterizadas por uma maior exposição aos diferentes agentes de socialização e um muito menor tempo de solidão.
Todavia, vimos também que são estes jovens os que passam uma maior percentagem do seu tempo social sem adultos e que embora tenham situações de solidão, são na verdade os que passam uma maior percentagem do seu tempo social com coetários que, se muitas vezes são irmãos, muitas outras são apenas companheiros da vizinhança. São portanto os jovens do estrato 1 os que mais tempo passam num meio de socialização horizontal.

Do tempo passado com adultos vimos também que sobressai o tempo passado com a mãe em detrimento do tempo passado com o pai, com ambos os pais ou com toda a família. É mesmo no estrato 1 que os jovens passam menos tempo com toda a família.

Neste contexto ambiental, verificámos que embora a ligação às figuras parentais seja menos intensa que nos outros dois estratos, o que não surpreenderá dado que estes são os jovens que passam menos tempo com os pais, no início deste período de desenvolvimento, só nos **rapazes** deste estrato, a Vinculação ao pai ultrapassa a Vinculação à mãe. Além disso, ao longo deste período as alterações significativas dão-se na ligação ao pai.

A ligação a ambas as figuras parentais torna-se menos intensa: a Vinculação à mãe começa a descer a partir dos 12 anos e a Vinculação ao pai, marcada por um período de avanços e recuos, desce depois dos 13 anos. Todavia, pelos 14 anos a mãe torna-se a figura de primeiro plano destacando-se um aumento significativo da Comunicação com ela que ultrapassa a Comunicação com o pai. Isto dever-se-à provavelmente ao facto de a mãe suplantar o pai na presença junto dos filhos.

Observam-se ainda oscilações quanto à figura de primeiro plano ao longo de todo este período com alternâncias entre o pai e a mãe sugerindo a manifestação do conflito edipiano.

Outro aspecto importante é o que diz respeito à Alienação que se intensifica na ligação ao pai entre os 12 e os 14 anos indiciando um afastamento marcado pelo conflito.

Mas, a Alienação também tem um papel importante na ligação aos amigos tendendo a aumentar significativamente. De resto os amigos apresentam-se

sempre como figuras secundárias pois que não só a ligação aos pais é mais intensa mas também não há remodelações significativas relativamente a eles neste período de desenvolvimento. Há apenas um afastamento progressivo. Podemos portanto dizer que os amigos, apesar da grande exposição aos meios de socialização horizontais característica deste estrato, não desempenham um papel muito importante na autonomização que de resto é muito relativa já que estes jovens conservam uma ligação às figuras parentais que indicia a manutenção dentro desse universo. Isto acontece, sublinhêmo-lo, apesar de se verificar uma remodelação da relação com as figuras parentais que se manifesta pelas diferenças significativas entre idades.

No desenvolvimento da identidade, os rapazes do estrato 1 fazem grandes mudanças de acordo com as diferenças significativas que encontrámos.
Constatámos que as mudanças ocorrem sobretudo entre os 12 e os 13 anos. É a partir dos 13 anos que deixam de se interessar pela aprendizagem escolar, é aos 12 anos que manifestam um aumento da sociabilidade relativa a coetários e tendem a manifestar-se satisfeitos com as mudanças corporais de que se apercebem significativamente. Mas, se exceptuarmos as mudanças corporais, apesar de aos 13 anos terem uma percepção de mudança mais aguda relativamente ao interesse pela escola e à mudança de atitude face à amizade, nestes aspectos, a sua percepção de mudança não é de molde a que possamos dizer que aumentaram a capacidade de auto-observação e a consciência de um labor interno.
Apercebemo-nos de um progressivo movimento de autonomização relativamente às figuras parentais que são ressituadas na relação com o

jovem e concomitantemente de uma alteração dos movimentos de identificação constitutivos da identidade. Constatámos num primeiro período correspondente aos 11-12 anos dois momentos em que há uma relação positiva e marcada pela admiração pelo pai aos 11 anos e uma relação positiva e marcada pela admiração pela mãe aos 12 anos. Num segundo período coincidente com os 13-14 anos demarcámos dois momentos: o primeiro aos 13 anos em que embora a relação seja muito positiva com ambas as figuras parentais existe uma recusa de identificação a ambos; o segundo é marcado pelo distanciamento relacional mas por um acréscimo da identificação.

Podemos portanto inferir que os 11-12 anos se constituem como um período de reposicionamento face aos elementos da estrutura familiar, os 13 anos constituem-se como um período de autonomização face aos objectos parentais e o terceiro período, já mais autónomo, é um período de novas identificações constitutivas. Sublinhemos que os 11-12 anos são o período de identificação mais intensa à mãe do que ao pai e que os 13-14 anos são o período de mais forte identificação ao pai do que à mãe. Todavia não encontrámos diferenças significativas entre as variáveis referentes ao pai e as variáveis referentes à mãe.

Nestes rapazes não parece existir uma grande evolução no que respeita a opções e investimentos. É certo que predomina o estilo evolutivo na abordagem das questões que se lhes vão pondo mas não há mudanças significativas ao longo do tempo. Só depois dos 12 anos se observa uma diminuição da abordagem das questões segundo o estilo forclusão e só nesta idade há um aumento da abordagem das questões segundo o estilo moratória, mais importante que nos outros rapazes e contudo mais

confinado a um momento específico. Este é um estilo que logo cede lugar a um aumento da abordagem em difusão que a partir dos 13 anos surge como o segundo estilo mais importante.

Afiguram-se portanto duas saídas para estes rapazes, no fim do período considerado: a do estilo evolutivo e a do difusão, mais elevada que em qualquer dos outros grupos. Estas duas vias surgem a partir do momento em que os rapazes recusam a identificação com as figuras parentais o que coincide também com o decréscimo da Vinculação aos pais e com o desinvestimento escolar. Mas atentemos em que estes jovens, os que mais expostos estão a agentes de socialização horizontais, são também os que mais probabilidades têm de adoptar o estilo difusão quando confrontados com questões que exigem escolhas.

Sublinhemos todavia que o estilo difusão apresenta geralmente nos rapazes em todo este período médias mais elevadas do que nas raparigas.

Nas **raparigas** a ligação às figuras parentais é sempre inferior à dos rapazes mas é também inferior à dos outros estratos. Ou seja: de entre todos os grupos, são as raparigas do estrato 1 que têm uma ligação menos forte aos pais. Tal não surpreenderá se pensarmos que neste estrato se observa uma influência dos meios de socialização verticais inferior à dos outros estratos.

A ligação ao pai é relativamente distante. Este mantém-se ao longo deste período como uma figura secundária. Inicialmente a mãe é a figura de primeiro plano com uma intensificação da ligação a ela pelos 12 anos. Mas esta situação altera-se: dos 12 anos em diante a ligação à mãe desce progressivamente e a partir dos 13 anos a fraca ligação ao pai começa também a descer. Aos 13 anos, é aos amigos que as raparigas têm uma

ligação mais intensa. Os 13 anos constituem o ponto de viragem destas raparigas que passam do meio familiar para a ligação ao exterior através dos amigos. Estes são portanto essenciais, entre as raparigas deste estrato, para o favorecimento da autonomização. A partir dos 13 anos, estas raparigas têm como referências relacionais a mãe e os amigos mas sobretudo estes. Mas as características da relação com as figuras significativas não se alteram senão em intensidade. Ou seja: as posições relativas dos parceiros relacionais alteram-se mas as relações não atingem uma maior diferenciação.

Em todo o caso verifica-se a coincidência de duas condições: a grande exposição aos meios de socialização horizontais característica deste estrato e a necessidade de autonomização face ao meio familiar, sobretudo à mãe.

Mas nas raparigas do estrato 1 há muito poucas mudanças significativas no que se refere ao desenvolvimento identitário. Constatámos que aos 13 anos há um marcado desinteresse pela aprendizagem escolar que coincide com mudanças importantes noutras áreas desenvolvimentais como sejam as que dizem respeito à sociabilidade no meio extra-familiar. É justamente aos 13 anos que estas raparigas mais se interessam pelos amigos, mais se apoiam neles e mais se interessam pelo namoro, sendo estas diferenças mais amplas que nos rapazes. É também aos 13 anos que têm uma percepção mais aguda das mudanças que em si se operaram.

Relativamente às figuras parentais pudemos constatar aos 12 anos um momento de boa relação com a mãe e desejo de identificação com ela, aos 13 um momento de boa relação com o pai com desejo de identificação contrastando com o afastamento e recusa de identificação com a mãe e aos

14 anos uma relação distante com a mãe mas com aumento do movimento de identificação. Parece portanto que o distanciamento propicia um aumento da identificação. Todavia, é preciso dizer que sempre estas raparigas se identificam mais com a mãe do que com o pai o que mostra uma mais precoce definição da identidade de género do que nos rapazes.

Nestas raparigas como nos rapazes do mesmo estrato só depois dos 12 anos, quando existe um afastamento da mãe, começa a verificar-se um decréscimo da abordagem dos problemas em forclusão. Também acontece ser o estilo evolutivo o dominante a partir dos 12 anos, altura em que os estilos moratória e forclusão figuram em segundo plano. Todavia o estilo moratória depois dos 12 anos perde muita da sua importância. Mas nas raparigas deste estrato, ao longo deste período, não há grandes alterações no modo como abordam as questões que se lhes vão colocando de acordo com as diferenças significativas. Contudo, temos de sublinhar que tal como nos rapazes deste estrato, as raparigas, a partir dos 13 anos têm no difusão o seu segundo estilo. Existem portanto para elas também, duas saídas prováveis: a da abordagem das questões segundo o estilo evolutivo e a não abordagem característica do estilo difusão. Porém, como anteriormente referimos, as raparigas, ainda assim, têm um desenvolvimento mais favorável do que os rapazes porque as médias do estilo evolutivo são mais elevadas do que as deles e as médias do estilo difusão são mais baixas. Característica deste estrato, em ambos os sexos, é a utilização circunscrita do estilo moratória.

No **estrato 2** embora os jovens frequentem escolas públicas, têm um tempo social um pouco menor do que os jovens do estrato 1. Todavia, têm melhores condições de habitação o que permite a uma maior percentagem ter um quarto só seu.

Estes jovens passam mais tempo com adultos do que os jovens do estrato 1 e apresentam relativamente a estes, algumas diferenças fundamentais. Em primeiro lugar, não só passam uma maior percentagem do seu tempo social com a mãe do que com o pai ou com ambos como também se verifica que a diferença entre a presença do pai e a presença da mãe é a mais alargada de todos os estratos. Se em todos os estratos se pode dizer que a influência é sobretudo materna, neste estrato isso é ainda mais acentuado.

Mas além disso, a diferença mais paradigmática reside no facto de estes serem os jovens que passam mais tempo sós. Esta diferença torna-se ainda mais importante quando a ela acresce que estes jovens passam mais tempo sós do que com coetários.

Isto implica que embora estejam mais expostos a agentes de socialização verticais, na verdade destaca-se a figura materna e ainda que os agentes de socialização horizontais têm um lugar muito menor do que no estrato 1. Acrescentemos que apesar de estes jovens terem tempo livre que poderiam ocupar com coetários, nem sempre isso acontece porque muitos optam pela solidão o que provavelmente se prenderá com características da dinâmica familiar.

Nos **rapazes** do estrato 2 a ligação às figuras parentais é mais intensa do que no estrato 1. Há remodelações sobretudo da relação com o pai. Contudo, o pai nunca em altura alguma se sobrepõe à mãe como figura de

Vinculação. Pelo contrário, o pai parece sempre secundar a mãe que é, por conseguinte, uma figura predominante. Ambos perdem em intensidade relacional a partir dos 11 anos mas aos 14 anos estes rapazes têm uma Vinculação à mãe superior à Vinculação ao pai. Responsável por este fenómeno está a superior Comunicação com a mãe e a superior Alienação ao pai. Pode portanto falar-se de uma tendência para uma maior proximidade da mãe e um maior conflito com o pai. Na verdade a Vinculação à mãe não se altera significativamente ao longo deste período mas apenas a Confiança desce. Todavia, na ligação ao pai, além de a Vinculação descer significativamente também a Comunicação desce e a Alienação sobe, ambas significativamente. Isto conduz à conclusão de que a ligação à mãe se mantém com uma intensidade bastante estável apesar de mudar algumas das as suas características.

Os amigos estão sempre num plano secundário não se constatando alterações significativas no que a eles diz respeito. Apenas observámos uma intensificação da ligação a coetários aos 13 anos e uma posterior retirada relacional que na verdade abrange também o pai. Isto significa que nestes rapazes, se dá uma autonomização relativa pois a ligação à mãe se mantém ainda assim, intensa.

Nos rapazes do estrato 2 parece haver poucas mudanças no que se refere ao desenvolvimento identitário dado o pequeno número de diferenças significativas. Como nos rapazes do estrato 1 observa-se um desinteresse pela aprendizagem escolar

que neste estrato começa a dar sinais mais precocemente, logo pelos 11 anos.

Também se observa um pico de sociabilidade relativamente a coetários mas apenas pelos 13 anos e de um modo geral, nesta altura, manifestam uma maior tendência a procurar o apoio dos amigos. Acrescentemos que aos 12 anos a sociabilidade até diminui o que faz supor a existência de um momento de dificuldade relacional.

Também mostram satisfação com as alterações corporais se exceptuarmos os 12 anos e como nos outros grupos mostram uma percepção mais aguda das mudanças que neles ocorrem pelos 13 anos se nos referirmos apenas à escola e à amizade. Todavia, quanto ao corpo é aos 13 anos que estes rapazes menos constatam mudanças e é aos 14 que mais constatam mudanças. Isto faz supor que apesar de os rapazes geralmente mostrarem mais satisfação com as mudanças corporais do que as raparigas, no estrato 2, há um período de maior insatisfação que abrange os 12-13 anos.

A posição relativamente às figuras parentais revela uma autonomização difícil. Mantêm-se muito ligados ao pai e à mãe até aos 12 anos e durante este período procuram o apoio parental identificando-se também com ambos. Só depois dos 12 anos revelam sinais de mudança. Aos 13 anos recusam a identificação com ambos e aos 14 há um reforço da identificação. Mas enquanto nos rapazes do estrato 1 o reforço de identificação coincide com a distância relacional, nos rapazes do estrato 2 isso só acontece relativamente ao pai porque relativamente à mãe, aos 14 anos, a relação torna-se mais estreita.

Todavia, só aos 11 anos estes rapazes se identificam mais com a mãe do que com o pai. Parece portanto existir uma autonomização mais difícil, mas uma identidade de género mais precoce do que nos rapazes do estrato 1.

Na abordagem que estes rapazes fazem às questões que o meio social lhes propicia verificamos que sempre o estilo evolutivo domina sobre todos os outros.

Logo aos 11 anos há diferenças significativas entre a abordagem segundo o estilo evolutivo e os estilos difusão e forclusão, algo que não se observa no estrato 1. Neste estrato, os rapazes só aos 12 anos se apresentam com uma atitude semelhante à dos rapazes de 11 anos do estrato 1. Ou seja: aos 12 anos, os rapazes do estrato 2 não mostram diferenças significativas entre as abordagens de acordo com os diferentes estilos porque nesta altura o estilo evolutivo baixa as suas médias e o estilo forclusão sobe-as. Aos 12 anos estes rapazes voltam a deixar aos pais a decisão acerca da posição a tomar perante as questões que se lhes oferecem numa prova de reforço da dependência. Aos 13 anos a situação altera-se uma vez que o estilo evolutivo não só é dominante mas também se mostra significativamente superior a todos os outros. Esta situação mantém-se aos 14 anos mas nesta idade verifica-se apesar disso uma diminuição do estilo evolutivo e um aumento do difusão - fenómeno que se observa em todos os rapazes – e do forclusão.

Assim, aos 14 anos estes rapazes têm no evolutivo o seu primeiro estilo secundado pelos estilos difusão e moratória. Isto significa que nesta idade, embora exista uma forte tendência para abordar as questões segundo o estilo evolutivo existem também duas vias igualmente importantes: a via do abandono característica do difusão e a via do moratória tendente à procura de um posicionamento pessoal. Independentemente de o estilo moratória atingir as médias mais elevadas em todos os estratos aos 12 anos, os

rapazes do estrato 2 mantêm este estilo durante mais tempo do que os rapazes do estrato 1.

Para além de a procura de um posicionamento pessoal ser relativamente alta durante mais tempo, estes rapazes apresentam diferenças significativas ao longo do tempo quanto às médias dos estilos evolutivo e forclusão mostrando um contraste entre um e outro sugerindo que a grande luta é entre a dependência das figuras parentais e a tomada de posição autónoma.

Sublinhemos ainda que estes jovens, aos 14 anos aumentam as médias dos estilos difusão e forclusão relativamente aos 13 anos e descem as médias do estilo evolutivo. Isto significa que há um recuo relativamente à autonomia que demonstravam aos 13 anos o que dá conta mais uma vez, da difícil autonomização destes jovens.

Acrescentemos no entanto que estes rapazes são o grupo que mais utiliza o estilo evolutivo sobrepondo-se não só aos outros rapazes como também às raparigas do seu estrato que são também um grupo que se desenvolve mais do que qualquer outro segundo o estilo evolutivo.

Podemos então concluir que os 12 anos são um período de confusão, de instabilidade e insatisfação mas também de viragem. O facto de a autonomização ser lenta e porventura mitigada não obsta à procura de um posicionamento próprio e dado o uso alargado do estilo moratória, essa busca é bastante mais representativa do que no estrato 1. Se para além disso tivermos em conta a predominância do estilo evolutivo no fim deste período, temos de concluir que sendo o distanciamento difícil do ponto de vista relacional nem por isso estes jovens deixam de conseguir uma definição de si e do seu posicionamento face ao mundo que até parece mais eficaz do que no estrato 1.

Nas **raparigas** do estrato 2 a ligação aos pais, sendo menos intensa do que a dos rapazes, é no entanto superior à das raparigas do estrato 1. Além disso as raparigas deste estrato não tendem a diminuir a intensidade da Vinculação à mãe ao contrário do que acontece com os outros grupos. A Vinculação ao pai que sobe aos 12 anos tende depois a diminuir progressivamente.

Ao longo deste período de desenvolvimento encontramos marcos importantes: aos 12 anos têm no pai a figura de primeiro plano, aos 13 anos têm na mãe a figura de primeiro plano e aos 14 anos são os amigos os parceiros preferenciais embora só suplantem a mãe na Confiança e na Comunicação e a mãe os suplante na Alienação. Isto sugere uma semelhança entre os rapazes do estrato 1 e as raparigas do estrato 2 uma vez que em ambos existe uma alternância entre pai e mãe. Mas sugere também que os amigos desempenham um papel fulcral na diferenciação relativamente à mãe e na autonomização face ao meio familiar. Este papel será de uma grande importância visto que a intensidade da Vinculação à mãe aumenta e se situa na sua média mais elevada aos 13-14 anos. Só nas raparigas deste estrato se verifica a intensificação da ligação à mãe nestas idades, apesar de a relação mudar as suas características nomeadamente do ponto de vista conflitual.

Todavia as remodelações significativas dão-se relativamente aos amigos iniciando-se logo a partir dos 11 anos. Podemos dizer que enquanto o pai perde importância os amigos a ganham passando aos 14 anos, as raparigas deste estrato, a ter como referências a mãe e os amigos.

Sublinhemos que embora os amigos desempenhem um papel importante para as raparigas do estrato 2 como para as raparigas do estrato 1, no estrato 2 eles só assumem um papel de destaque um ano mais tarde do que no estrato 1. Significa isto que as raparigas do estrato 2, que vimos começar a desenvolver muito precocemente a ligação aos amigos, na verdade têm um desenvolvimento mais lento do que as do estrato 1 para além de que no estrato 2 os amigos não suplantam a intensidade da Vinculação à mãe em nenhum momento. Os amigos são todavia parceiros muito importantes na Comunicação e na Confiança. Isto leva a supor uma forte ligação tanto à mãe como aos amigos, sendo que cada um destes parceiros corresponde a necessidades diferentes e consequentemente, desempenha funções diferentes de acordo com as diferenças significativas entre idades.

Estas raparigas começam a dar sinais de mudança no que se refere ao desenvolvimento da identidade, muito precocemente e no entanto são poucas as mudanças significativas.

A partir dos 11 anos dão mostras de menor interesse pela aprendizagem escolar e aos 12 o desinvestimento atinge a sua máxima intensidade.

Também as relações com o meio extra-familiar começam uma alteração precoce que se manifesta por um pico de sociabilidade relativa a coetários logo aos 12 anos. A partir dos 13 anos a sociabilidade baixa mas a procura do apoio dos amigos intensifica-se assim como o interesse pelo namoro. Isto faz supor relações restritas mas intensas e exclusivas assim como a nova tendência à abordagem de um novo tipo de relações: as relações amorosas.

Relativamente ao corpo as mudanças não são recebidas com agrado mas o momento aparentemente mais difícil coincide com os 12 anos que é também

a altura em que existe uma menor constatação de mudança. Porém esta situação altera-se muito rapidamente porque os 13 anos são o momento de mais aguda constatação de mudança.

Os 12 anos parecem portanto ser um momento de dificuldade maior para estas jovens.

Relativamente às figuras parentais vimos que há uma alternância inicial entre a intensificação da ligação ao pai e a intensificação da ligação à mãe a sugerir o conflito edipiano. Todavia estas jovens identificam-se sempre mais com a mãe do que com o pai, facilitando o estabelecimento da identidade de género.

Apesar disso constatámos que aos 11 anos as jovens se identificam com ambos os pais, embora mais com a mãe e têm com eles uma ligação considerada positiva na qual se apoiam. Aos 12 anos passam pelo momento de mais fraca identificação com a mãe o que se prolonga pelos 13 anos apesar de nesta idade a relação se ter reforçado. A relação com o pai também esmorece e é acompanhada por uma recusa de identificação com ele. Aos 14 anos a relação com o pai tornou-se muito distante mas a identificação com ambas as figuras parentais reforça-se. Todavia a identificação com a mãe intensifica-se muito mais do que a identificação com o pai.

Nas raparigas deste estrato aparentemente a autonomização relativamente à mãe é menos eficaz do que nos outros estratos mas além disso os 12 anos parecem constituir um momento de particular dificuldade pessoal e relacional, durante todo este período de desenvolvimento.

Como em todos os outros grupos encontramos nestas raparigas uma tendência dominante à abordagem das questões que o meio social oferece segundo o estilo evolutivo neste caso com diferenças significativas relativamente aos outros estilos logo aos 11 anos. Contudo, enquanto aos 11 anos o segundo estilo é o forclusão, a partir dos 12 anos o moratória passa a ser o segundo estilo, situação que se mantém e até se intensifica dos 13 para os 14 anos. Além disso, nestas raparigas, parece verificar-se uma evolução em espelho entre os estilos evolutivo e forclusão e os estilos moratória e difusão que não encontrámos em nenhum outro grupo. Isto significa que por um lado estas raparigas tendem a progressivamente a abandonar as concepções parentais e a assumir as suas posições de uma maneira pessoal e por outro lado, podem posicionar-se segundo o estilo difusão mas é bastante mais provável que escolham o estilo moratória com a tendência a avaliar posições possíveis. De resto, neste grupo, as médias do estilo moratória são muito elevadas.

Sublinhemos ainda que só neste estrato existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas. Embora os rapazes se posicionem mais do que elas segundo o estilo evolutivo, são as raparigas que mais se posicionam segundo o estilo moratória o que indica uma maior tendência à exploração de opções.

Assim, a autonomização das raparigas do estrato 2 parece ainda mais difícil do que a dos rapazes do mesmo estrato apesar de elas investirem em relações importantes no meio extra-familiar. Salienta-se todavia que na ligação à mãe e aos amigos existe uma diferenciação de papeis e funções que indicará uma diferenciação relacional que não encontramos noutros grupos. A par disso, a abordagem em moratória, mais alargada do que nos

outros estratos e mais intensa do que nos rapazes do mesmo estrato indica também uma dificuldade de assumir posições pessoais e logo um adiamento relativamente a elas.

No **estrato 3** há uma característica básica que determina todas as outras: sendo as condições de vida muito melhores que nos outros estratos, os jovens gozam da possibilidade de ter espaços privados e também de frequentar escolas privadas com horários lectivos superiores aos dos outros estratos. Isto vai implicar uma muito maior influência de um meio de socialização formal que deixa pouco tempo social e logo pouco tempo para a exposição a agentes de socialização informais.

Só por si, isto já determinaria a predominância dos meios de socialização verticais quanto mais não seja devido ao facto de as situações formais serem enformadas pelas regras de funcionamento dos adultos. Mas, além disso, sendo embora o tempo social muito reduzido, estes jovens passam a maior parte desse tempo expostos a agentes de socialização verticais. Alguns desses agentes de socialização não são familiares mas mesmo assim, estes são os jovens que do pouco tempo social de que dispõem, passam uma maior percentagem com toda a família, os que maior percentagem de tempo passam com o pai e aqueles em que a diferença entre a percentagem de tempo passado com a mãe e passado com o pai é a menor. Além disso são também os jovens do estrato 3 que passam uma menor percentagem do seu tempo social sós ou com pares distinguindo-se assim dos dos outros dois estratos.

Nos **rapazes** deste estrato a evolução da ligação às figuras significativas destaca como marca diferenciadora relativamente aos outros estratos uma mais intensa ligação inicial às figuras parentais e ainda do que as raparigas do mesmo estrato e um desenvolvimento com uma maior remodelação da ligação à mãe do que da ligação ao pai. Relativamente ao pai verifica-se apenas um afastamento progressivo que não chega a ser significativo senão na Alienação. A mãe não perde um lugar de destaque mas a ligação a ela só apresenta diferenças significativas relativamente à ligação ao pai pelos 11 anos. Depois disso ambos são importantes apesar de aos 13 anos se observar o momento de pior ligação à mãe que depois é recuperada. Nestes rapazes, como em todos os outros, a ligação à mãe estreita-se pelos 14 anos.

Além disso, os amigos estão sempre numa posição secundária uma vez que os pais se mantêm como figuras proeminentes. De resto a ligação aos amigos desce até aos 13 anos para subir aos 14 anos. Todavia manifesta-se um aumento da Alienação quer à mãe quer aos amigos o que significa que a autonomização se dá através do conflito.

Nestes rapazes o decréscimo do interesse pela aprendizagem escolar, comum a todos os pré-adolescentes, começa a fazer-se sentir logo pelos 11 anos anunciando a entrada num novo período marcado por outros interesses.

Aos 12 anos atingem um pico de sociabilidade que depois baixa tornando-se mais descriminada pois os amigos aos 14 anos são uma fonte de suporte talvez porque nesta altura há um interesse intensificado pelo namoro e pela aparência o que indicia que estes rapazes investem numa vida amorosa

exterior ao contexto familiar apesar de, como vimos, os pais serem sempre as suas referências.

Todavia, noutros aspectos, o seu desenvolvimento surpreende. Os 12 anos aparentam alguma insatisfação com as mudanças corporais tal como no estrato 2. Mas só aos 13 anos têm uma aguda consciência de mudança relativamente à atitude face à escola o que acontece mais tardiamente relativamente à amizade e às mudanças corporais. Ou seja: exceptuando no que se refere à vida escolar, estes jovens têm uma percepção de mudança mais aguda um ano mais tarde do que os rapazes dos outros estratos.

No posicionamento face às figuras parentais evidencia-se um progressivo afastamento relativamente a ambos mas sobretudo relativamente ao pai. Aos 11 anos embora a relação com ambos seja muito boa e contem com o apoio de ambos mostram identificar-se mais com o pai do que com a mãe o que não acontece nos outros estratos. A identificação com o pai faz-se através de movimentos de aproximação e recuo alternados assim como a identificação com a mãe. Mas exceptuando aos 12 anos, altura em que a identificação com o pai é equivalente à identificação com a mãe, estes rapazes identificam-se sempre mais com o pai, razão pela qual podemos dizer que mais fácil e precocemente estabelecem a identidade de gênero. Só neste grupo de rapazes não encontramos um período de mais intensa identificação à mãe do que ao pai.

Estes rapazes também têm o estilo evolutivo como dominante ao longo de todo este período de desenvolvimento. Aliás as médias neste estilo são superiores às dos rapazes dos outros estratos. Em contrapartida as médias do estilo difusão são as mais baixas de todos os estratos. Além disso, logo

aos 11 anos, manifestam-se diferenças significativas entre o estilo evolutivo e os estilos difusão e moratória que nesta altura têm médias muito baixas. O forclusão está em segundo lugar e tende a diminuir progressivamente. Aos 12 anos, o estilo moratória é tão importante como o forclusão e o difusão quase não tem alteração, o que se mantém ao longo de todo este período. A partir dos 12 anos, não mais o moratória deixa de se manter na segunda posição, o que só acontece nos rapazes deste estrato. Nesta idade observam-se ainda duas possibilidades para além da abordagem segundo o estilo evolutivo: ou a manutenção do estilo forclusão, ou a abordagem em moratória que poderá dar origem a uma abordagem mais evoluída. Dos 13 anos em diante começa a esboçar-se um panorama que aos 14 anos se apresenta claramente: o estilo evolutivo é o mais importante com médias mais elevadas do que as dos outros estratos, o moratória é o segundo estilo mas o difusão apresenta-se no terceiro lugar. Todavia, ao longo deste período apenas o estilo forclusão tem uma mudança significativa que resulta de uma diminuição progressiva. É neste estrato que para o sexo masculino a saída deste período resulta mais favorável já que as médias do estilo evolutivo são as mais elevadas e as do estilo forclusão são as mais baixas. Contudo é de sublinhar que são também estes jovens que mostram as médias mais altas no estilo forclusão aos 11 anos. Podemos assim inferir que embora sejam os que inicialmente mais optam segundo as vias indicadas pelas figuras parentais, no término deste período, são aqueles que mais tendem a desenvolver-se e a optar de forma autónoma. De resto são também estes rapazes que tendem durante mais tempo a abordar as questões segundo o estilo moratória.

Nas **raparigas**, no início deste período, a ligação às figuras parentais é mais intensa do que nos outros estratos mas inferior à dos rapazes do mesmo estrato. É particularmente intensa a ligação à mãe que se mantém a figura de primeiro plano até aos 13 anos. A ligação a ambas as figuras parentais começa a perder intensidade a partir dos 12 anos com diferenças significativas relativamente ao pai e à mãe que mostram que a ligação a ambos se altera não só na sua intensidade mas também nas suas características.

A ligação aos amigos que se vai intensificando atinge a sua intensidade máxima aos 13 anos mas só aos 14 eles suplantam a mãe particularmente na Comunicação. Não há diferenças significativas entre a mãe e os amigos nem nas variáveis que exprimem a ligação aos amigos ao longo do tempo apesar de a tendência que encontramos neste estrato seguir a regra do que encontrámos nas outras raparigas, ou seja: a intensificação da ligação aos amigos que tendem a suplantar a mãe. Exceptua-se a Alienação aos amigos mostrando que a ligação aos amigos não só não está livre de conflito como também este vai aumentando. Todavia, também o conflito com a mãe aumenta. Há ainda dois factos importantes a sublinhar: estas raparigas diferenciam claramente a ligação a cada uma das figuras significativas logo desde o início deste período e remodelam significativamente a ligação a ambas as figuras parentais o que só acontece nas raparigas deste estrato.

Estas raparigas entram num processo de desinvestimento da aprendizagem escolar a partir dos 11 anos e aos 13-14 anos pode dizer-se que estão no período de maior desinteresse.

Todavia, ao contrário do que acontece com as raparigas dos outros estratos passam por um período de diminuição da sociabilidade com coetários aos 12-13 anos apesar de aos 13 procurarem muito o apoio dos amigos e se preocuparem com a aparência. Esta situação que testemunha de um tipo de relação mais exclusiva e mais íntima dá lugar, aos 14 anos a um interesse acrescido pelo namoro. Isto significa que estas raparigas começam a organizar outro tipo de relação com um novo objecto e estarão portanto a entrar numa nova etapa.

Aos 11 anos estas raparigas parecem satisfeitas com o seu corpo mas o à vontade inicial vai diminuindo e aos 14 anos atingem o período de menor satisfação. As alterações corporais não são portanto vividas com agrado.

Tanto assim é que embora relativamente à escola e à amizade atinjam o pico de consciência da mudança pelos 13 anos, relativamente ao corpo isso só acontece pelos 14 anos.

Na posição relativamente às figuras parentais constatámos nestas raparigas uma melhor relação do que em qualquer dos outros estratos. Mas isto implica que apesar das mudanças nunca a relação se torna verdadeiramente distante. Constatámos aos 13 anos uma maior distância relativamente aos pais com menor intensidade das identificações que no caso da mãe atingem o seu valor mais baixo. Mas aos 14 anos sendo a relação relativamente menos intensa a identificação aumentou sobretudo com a mãe. Contudo, é preciso dizer que, mais uma vez, a identificação à mãe ultrapassa sempre a identificação ao pai o que dá conta de uma identidade de género desde cedo estabelecida.

Estas raparigas como todos os outros grupos têm o evolutivo como primeiro estilo ao longo de todo este período. Aos 11 anos este apresenta-se significativamente mais importante do que o estilo difusão que tem médias muito baixas. O segundo estilo é nesta idade o estilo forclusão mas a partir dos 12 anos o moratória passa a ser o segundo estilo em importância. Este estilo revela-se muito importante nas raparigas do estrato 3 mostrando uma tendência mais acentuada do que nos outros grupos para a exploração de opções. Todavia, isto não é muito diferente do que ocorre com as raparigas do estrato 2 que até exploram mais intensamente do que elas. O que realmente as distingue destas é um aumento do estilo difusão aos 14 anos, uma manutenção do estilo forclusão a médias equivalentes às do estrato 1 e a média mais baixa de todas as raparigas no estilo evolutivo. De resto, entre as raparigas deste estrato a escassez de diferenças significativas entre grupos etários mostra que o desenvolvimento não é muito eficaz. É aliás menos eficaz do que o desenvolvimento dos rapazes do mesmo estrato que aos 14 anos apresentam uma média mais alta no estilo evolutivo e médias mais baixas nos estilos forclusão e até difusão. A única excepção é o estilo moratória que, como dissemos, é importante e nas raparigas deste estrato é em todas as idades mais acentuado do que nos rapazes. Podemos portanto considerar que a autonomização no que se refere a tomadas de posição é mais lenta nas raparigas mas que elas utilizam o estilo moratória mais intensamente do que os rapazes.

Com base no que acabámos de referir como características de cada estrato e de cada sexo podemos discutir algumas das nossas constatações.

XI.3 - Evolução das Ligações às Figuras Significativas e Sexo de Pertença

Foi-nos dado verificar a grande diferença entre rapazes e raparigas neste período de desenvolvimento. Independentemente das diferenças desenvolvimentais imputáveis aos estratos de pertença, os rapazes estão mais ligados às figuras parentais do que as raparigas, dadas as médias da Vinculação de uns e de outros aos pais.

Os rapazes, apesar das mudanças que neles se observam, mantêm os pais como figuras de referência enquanto as raparigas, pouco ligadas ao pai, passam a ter como referências a mãe e os amigos, nem sempre por esta ordem. Nomeadamente na Comunicação, verifica-se na generalidade das raparigas, que os amigos suplantam a mãe. De resto este é um dos aspectos em que as diferenças significativas entre rapazes e raparigas mais se manifestam com vantagem para o sexo feminino.

Isto contrasta com o que encontrámos na literatura (Josselsson, 1980) a este propósito quando considera que os amigos na pré-adolescência são objecto de transferência da Vinculação que antes era dirigida aos pais. Na verdade, de acordo com os nossos dados, isto só acontece com as raparigas e como verificámos, mesmo no sexo feminino, não é generalizável a todos os estratos. Mesmo assim, podemos concluir por um desenvolvimento da autonomia face ao universo parental, maior nas raparigas do que nos rapazes.

Outra constatação que diferencia os sexos diz respeito à remodelação das relações com as figuras significativas que nas raparigas se verifica

sobretudo em relação aos amigos e nos rapazes se verifica sobretudo em relação ao pai. É na ligação ao pai que os rapazes mais diferem significativamente das raparigas com vantagem em relação a elas.

Em ambos os sexos existe um distanciamento em relação às figuras parentais. Nos rapazes, de um modo geral, isto começa a observar-se logo a partir dos 11 anos embora não seja muito acentuado. Nas raparigas, o distanciamento é mais tardio e referente a ambos os progenitores mas mais precoce relativamente ao pai do que à mãe. No entanto, as raparigas acabam distanciando-se mais das figuras parentais do que os rapazes. Além disso o distanciamento das raparigas em relação ao pai, que sempre é maior do que o dos rapazes, durante este período acentua-se muito. A este propósito, como anteriormente referimos, Youniss e Smollar (1985) vão ao ponto de caracterizar a relação entre pai e filha como uma "não relação". As nossas constatações orientam-se nesse sentido mas evidentemente que há diferenças entre estratos no que se refere à relação entre as filhas e os seus pais que depois abordaremos.

Decorre desta constatação uma outra de grande importância: a de que só as raparigas parecem expandir-se para além do meio familiar, não apenas no sentido de mais amplas deslocações no espaço ou de maior amplidão de contactos sociais mas principalmente no estabelecimento de novas relações, qualitativamente diferentes com coetários com os quais partilham a intimidade.

Na verdade, findo este período, as raparigas alcançam uma maior diferenciação relacional do que os rapazes já que a remodelação relacional que operam transforma não apenas quantitativamente mas também

qualitativamente, as relações com as diferentes figuras significativas. Nos rapazes é notório que a maior mudança respeita a uma generalizada restrição relacional. Ou seja: os rapazes tendem a fechar-se do ponto de vista relacional ao longo deste período.

Estas verificações reúnem-se às constatações de outras autoras (Josselson, 1980; Archer, 1982; Gilligan, 1982) que em diferentes aspectos, referem um processo desenvolvimental diferenciando os sexos.

A isto liga-se a importância do papel dos coetários que como parceiros relacionais importantes também mudam o seu estatuto e papel relativamente aos jovens.

Em contraste com dados anteriores (Erikson, 1956; Blos, 1962; Josselsson, 1980; Kirchler, Palmonari e Pombeni, 1993; Berzoff, 1998) verificámos que os amigos servem de suporte neste processo desenvolvimental apenas às raparigas. Erwin (1998) refere que os amigos passam cada vez mais a funcionar como referências para a resolução de problemas e Berzoff (1998) atribui aos pares a função de modelos ou espelhos de identidade funcionando como auxiliares na diferenciação da família.

Mas de acordo com os nossos dados, apenas as raparigas passam a comunicar e a confiar mais nos amigos do que na mãe. Ainda que os amigos possam não ultrapassar a mãe em intensidade de Vinculação, há um momento (geralmente aos 13 anos) a partir do qual estes se tornam os depositários da Confiança e os parceiros na Comunicação com um estatuto privilegiado.

Supomos que só as raparigas tendem de uma forma generalizada a contar com os amigos para resolver alguns dos problemas que as preocupam e

nesse sentido só para elas os pares desempenhariam essa função de 'espelhos'. De facto, de um modo geral, as grandes diferenças no desenvolvimento das raparigas incidem sobretudo num aumento de sociabilidade relativa a coetários mas também numa mudança das características dessas relações.

Todavia, autores há, que referem nos rapazes a constituição de grupos servindo de suporte à realização de experimentações (Erikson, 1956; Youniss e Smollar, 1990) que só se observam em grupos.

Estamos em crer que esta discrepância não é uma contradição mas o resultado de diferentes abordagens e de diferentes estratégias desenvolvimentais utilizadas por cada sexo. É que (Dunphy, 1972; Cotterel, 1996; Erwin, 1998), só os rapazes tendem a organizar-se em grupos mais amplos enquanto as raparigas preferem as relações dentro de pequenos grupos de duas ou três amigas que mais facilmente propiciarão as confidências. Isto significa provavelmente que os rapazes tenderão a efectuar experiências reais enquanto as raparigas tenderão a realizá-las de forma simbólica através da partilha de sensibilidades com as amigas. O próprio Erwin (1998) salienta que na escolha de parceiros entre coetários, os rapazes valorizam sobretudo as actividades conjuntas e as interacções enquanto as raparigas valorizam sobretudo as características psicológicas.

Outra diferença importante entre os sexos diz respeito ao conflito. Vários são os autores que desde sempre se referiram ao conflito com as figuras parentais como típico e necessário nesta fase de desenvolvimento (Smetana e Asquith, 1994; Shave e Shave, 1989; Montemayor, 1983; Turiel, 1977) como forma de alcançar a autonomia.

Porém nós só encontrámos provas regulares de que existe intensificação do conflito nos rapazes. Além disso a maior parte dos autores refere-se ao conflito dos rapazes com a mãe que seria sentida como demasiado intrusiva (Youniss e Smollar, 1985; Blos, 1967) mas os nossos dados mostram pelo contrário que o conflito será mais intenso com o pai e cumpre uma função desenvolvimental. Nas raparigas encontrámos também aumento do conflito, aparentemente com a mesma função mas limitado ao estrato 3 e com a mãe.

Tais factos sugerem que o conflito, tendo embora uma função desenvolvimental, só pode ser explicado tendo em conta o sexo de pertença e a evolução das ligações às figuras significativas que por sua vez dependem do ponto de partida dessas ligações e portanto também das características dos contextos ambientais.

XI.4 - Evolução das Ligações às Figuras Significativas e Estrato de Pertença

Existe uma óbvia dificuldade em isolar características desenvolvimentais inerentes a estratos de pertença porque há desde logo diferenças importantes separando os sexos dentro dum mesmo estrato. Além disso, embora possamos assinalar algumas características imputáveis ao estrato de pertença comuns a ambos os sexos, verificámos que há muito mais diferenças entre as raparigas do que entre os rapazes. Dito de outro modo as raparigas pertencentes a diferentes estratos apresentam entre si uma

maior dissemelhança do que os rapazes. Discutiremos adiante este facto que em parte se prende com a influência das variáveis ambientais.

De momento assinalamos que entre os **rapazes**, como anteriormente referimos, as diferenças entre estratos se vão acentuando à medida que se sobe na escala social. Assim, são poucas as diferenças entre estrato 1 e 2 como entre estrato 2 e 3 mas são muitas as diferenças entre estrato 1 e 3.

Entre o estrato 1 e 2 apenas difere significativamente a Alienação aos amigos aos 14 anos, sendo que os rapazes do estrato 1 suplantam os do estrato 2.

Entre o estrato 2 e 3 a diferença, também aos 14 anos, resume-se à Confiança na mãe mais elevada no estrato 3.

Mas entre os estratos 1 e 3, há diferenças significativas em variáveis respeitantes à ligação a todos os parceiros relacionais. A Confiança na mãe, aos 11 e aos 14 anos, é mais elevada no estrato 3. A Vinculação, a Comunicação, a Confiança relativamente ao pai são mais elevadas no estrato 3 e a Alienação é mais elevada no estrato 1. Isto mostra que a ligação ao pai é de melhor qualidade no estrato 3 do que no estrato 1. Mas sublinhemos que esta ligação sobe de intensidade e de qualidade com a subida de estrato conquanto as diferenças significativas só se manifestem entre os extremos.

No que se refere à mãe, assim como na ligação aos amigos só existe uma diferença significativa o que mostra que estas ligações sofrem menos a influência do estrato de pertença do que a ligação ao pai. Por outro lado, o facto de ser significativa a diferença entre os estratos 1 e 2 e 1 e 3 na

Alienação aos amigos mostra que a conflitualidade na relação com os amigos é um traço distintivo do estrato 1 até porque são os jovens deste estrato que mais estão expostos aos meios de socialização horizontais e consequentemente a mais oportunidades de conflito.

Mas estas diferenças que se manifestam particularmente no fim da pré-adolescência, ganham maior significado se as olharmos de uma perspectiva desenvolvimental.

Vimos anteriormente que no início deste período há uma característica que diferencia os rapazes do estrato 1 dos dos outros dois estratos.

É que só no estrato 1 aos 11 anos, o pai é a figura de mais forte Vinculação. Este dado vai ter influência no ulterior desenvolvimento porque é justamente neste estrato que se observam mais movimentos tendentes a ressituar o pai como objecto relacional. Também só no estrato 1 se observa uma oscilação e uma alternância das intensidades da Vinculação ao pai e à mãe configurando a reposição do conflito edipiano.

No estrato 2 observam-se movimentos tendentes a ressituar ambas as figuras parentais e no estrato 3 isso acontece apenas em relação à mãe. Interpretamos este facto de acordo a necessidade de alterar principalmente a relação com a figura que no início deste período tem o papel dominante e portanto de acordo com a necessidade de autonomização característica deste período.

Também de acordo com a necessidade de autonomização e diferenciação verificamos que a Alienação se altera significativamente mas apenas relativamente à figura que sofre uma maior remodelação relacional, o pai nos estratos 1 e 2 e a mãe no estrato 3. Introduzimos portanto uma

especificidade à teoria de autores antes mencionados (Youniss e Smollar, 1985; Blos, 1967) na medida em que se podemos considerar que existe conflito como característica desenvolvimental este não se refere sempre à mesma figura mas àquela relativamente à qual existe uma maior necessidade de autonomização.

Mas além disso, este processo de remodelação relacional mostra que no estrato 1 só a partir dos 12 anos a Vinculação à mãe começa a diminuir e só a partir dos 13 anos a Vinculação ao pai entra num maior movimento decrescente. No estrato 2 a Vinculação quer ao pai quer à mãe começa a diminuir logo a partir dos 11 anos e no estrato 3 a Vinculação ao pai sofre uma perda diminuta e a Vinculação à mãe aumenta dos 13 para os 14 anos.

No fim deste processo é no estrato 1 que a Vinculação a ambos é menor, seguindo-se o estrato 2 e finalmente o estrato 3. Significa isto que o processo é tardio mas rápido no estrato 1 e precoce mas lento no estrato 2 enquanto no estrato 3 parece não poder considerar-se um processo de autonomização tão eficaz. Todavia só no estrato 3 se verifica uma diferenciação entre todas as figuras relacionais que não existe nos outros estratos, razão pela qual estes rapazes parecem mais diferenciados do ponto de vista relacional. Por isso, parece-nos plausível que aquilo que pode ser visto como uma dificuldade de autonomização seja tão só a entrada num novo período que surge muito provavelmente após a autonomização alcançada.

Nas **raparigas** há, como anteriormente dissemos, muito mais diferenças entre estratos do que nos rapazes.

Entre os estratos 1 e 2, predominantemente aos 14 anos, há diferenças em todas as variáveis referentes à ligação à mãe mostrando que no estrato 2 a relação com a mãe é mais positiva. Na ligação ao pai embora com diferenças significativas aos 12 anos apenas na Confiança e na Alienação também são as raparigas do estrato 2 que mostram ter uma relação mais positiva. Na ligação aos amigos também são as raparigas do estrato 2 que suplantam as do estrato 1 embora só haja diferenças significativas aos 14 anos, na Vinculação e na Comunicação.

Entre os estratos 2 e 3 encontramos diferenças sobretudo aos 11 e 12 anos referentes apenas à ligação à mãe e aos amigos. Na ligação à mãe para além de diferir a Vinculação diferem também a Confiança e a Alienação mostrando que esta ligação é mais positiva no estrato 3 do que no 2. Na ligação aos amigos as diferenças na Vinculação e na Alienação indicam uma melhor relação com os amigos nas raparigas do estrato 3 aos 11 12 anos. Mas aos 14 anos, na Confiança, são as raparigas do estrato 2 que ultrapassam as do estrato 3.

Isto permite concluir em primeiro lugar que as diferenças entre os estratos 1 e 2 se vão acentuando à medida que o desenvolvimento progride tal como acontece para os rapazes, em segundo lugar que a ligação ao pai não diferencia os estratos 2 e 3 e em terceiro lugar que a ligação aos amigos embora seja inicialmente mais intensa no estrato 3, aos 14 anos muda de feição uma vez que nesta altura as raparigas do estrato 2 confiam mais nos amigos do que as do estrato 3. Ou seja: as raparigas do estrato 2 transferiram a Confiança que depositavam na mãe, pelo menos em alguns aspectos da sua vida, para coetários o que não acontece no estrato 3. É

portanto no estrato 2 que os amigos desempenham mais claramente o papel de auxiliares no movimento de diferenciação relacional.

Entre os estratos 1 e 3 há diferenças relativas à ligação à mãe, ao pai e aos amigos mas nem sempre na mesma idade. No que se refere à mãe não há diferenças na Vinculação mas esta ligação difere de outro modo: aos 11 anos as raparigas do estrato 3 comunicam mais com a mãe do que as do estrato 1, aos 12 não só comunicam mais com a mãe como têm menos conflitos com ela do que as raparigas do estrato 1 e aos 13 confiam mais na mãe. Ou seja: independentemente da intensidade ou da alteração das características da relação esta é melhor no estrato 3 do que no estrato 1. Mas além disso as características da ligação à mãe modificam-se no estrato 3 o que não se observa no estrato 1 dado que não há diferenças significativas entre grupos etários.

No que respeita ao pai também se verifica que no estrato 3 aos 12 anos a ligação é mais intensa do que no estrato 1. As raparigas do estrato 3 confiam mais no pai e têm menos conflitos com ele do que as do estrato 1.

Quanto à ligação aos amigos, o que difere é fundamentalmente a conflitualidade que aos 12 anos é superior nas raparigas do estrato 1. A ligação aos parceiros relacionais é portanto também de melhor qualidade no estrato 3 do que no estrato 1. Mas além disso, é no início deste período desenvolvimental que se verificam as diferenças entre estes dois estratos e não no fim como acontece entre os estratos 1 e 2. O ponto de partida das raparigas do estrato 3 é desde logo diferente do das raparigas dos outros estratos.

Como antes referimos as diferenças devem-se em parte a uma diversidade de ritmos desenvolvimentais.

As raparigas do estrato 1 a partir dos 12 anos começam a diminuir a Vinculação à mãe e aos 13 anos quando começa a diminuir a Vinculação ao pai que pouco muda, ligam-se mais intensamente aos amigos mas apenas aos 13 anos.

As raparigas do estrato 2, a partir dos 12 anos diminuem a Vinculação ao pai e aumentam a Vinculação à mãe mas é logo a partir dos 11 anos que aumentam progressivamente a ligação aos amigos que sempre sobe.

As raparigas do estrato 3 a partir dos 12 anos, diminuem a ligação a ambos os pais e a partir dos 13 anos também diminuem a ligação aos amigos.

Assim, as raparigas do estrato 2 parecem não fazer o mesmo percurso que as outras raparigas. Em vez de diminuírem a Vinculação à mãe até a aumentam ainda que a Vinculação aos amigos aumente progressivamente. Nos outros dois estratos as raparigas começam a diminuir a Vinculação à mãe a partir dos 12 anos e em ambos os estratos, depois dos 13 anos a Vinculação aos amigos também diminui. Para estes dois estratos parece realizar-se um processo de autonomização relativamente aos pais mas particularmente à mãe que posteriormente se repete relativamente aos amigos o que vai ao encontro da teoria de Josselsson (1981) segundo a qual os movimentos de individuação têm de ser feitos relativamente aos pais e mais tarde relativamente aos amigos. Mas no estrato 2 não parece ter-se dado esse movimento ainda que a relação com os amigos se estreite o que significa que provavelmente para que haja estabelecimento de relações extra-familiares não é necessário que a Vinculação à mãe diminua.

Há portanto algumas características de ritmos desenvolvimentais que diferenciam estratos de pertença quanto às ligações aos parceiros relacionais.

Comparativamente é no estrato 2 que existe um ritmo de desenvolvimento mais lento para ambos os sexos. Independentemente das diferenças entre rapazes e raparigas verifica-se que para ambos a autonomização, a um primeiro olhar, parece menos eficaz do que nos outros estratos. Todavia verificámos também que neste estrato, no sexo feminino, embora a ligação à mãe se mantenha intensa, remodelam-se as relações com todas as figuras significativas que assim se tornam mais diferenciadas cumprindo funções diversas junto das jovens.

No estrato 1 embora a autonomização pareça muito precoce, principalmente no sexo feminino, na verdade a remodelação das relações é muito menor. Dito de outro modo: parece a diminuição da Vinculação às figuras parentais e mesmo no caso das raparigas o aumento da Vinculação a coetários, não implicar a remodelação das características da relação mas apenas uma alteração das intensidades.

No estrato 3 que sempre se caracterizou por uma maior diferenciação relacional do que os outros dois estratos, a autonomização parece mais rápida do que no estrato 2 mas mais lenta do que no estrato 1.

Contudo, torna-se evidente que em termos de diferenciação relacional existe um crescendo a acompanhar a subida de estrato social.

Mencionamos ainda um facto de difícil explicação. Tal como referimos relativamente aos rapazes do estrato 1, também nas raparigas do estrato 2 se verifica uma alternância das intensidades da Vinculação ao pai e à mãe sugerindo a recapitulação do conflito edipiano. Esta característica

desenvolvimental não se observa em nenhum outro estrato, o mesmo acontecendo com os rapazes. Por isso estamos em crer que o contexto ambiental a que estes jovens estão expostos mas também do facto de a interacção entre as características de contexto e o sexo de pertença resultar de forma diversa.

XI.5 - Ligação às Figuras Significativas e Contexto Ambiental

Os nossos dados não nos permitiram encontrar diferenças entre sexos no que aos contextos ambientais diz respeito e não dispusemos de apoio bibliográfico nesta questão pois a maioria dos estudos não faz comparações entre contextos ambientais neste período de desenvolvimento.

Porém evidencia-se uma grande diferença entre os sexos no que respeita à influência dos estratos sociais cujos contextos ambientais caracterizámos.

As raparigas parecem ser muito mais influenciadas pelo estrato de pertença do que os rapazes já que há muito mais diferenças entre raparigas de estratos diferentes do que entre rapazes de estratos diferentes.

A nossa caracterização dos contextos ambientais incidiu sobre as rotinas diárias para chegar aos tempos de exposição a diferentes agentes de socialização. É possível que existam grandes diferenças nas interacções entre os adultos e os jovens dependentemente do seu sexo mas o nosso método não poderia detectá-las.

De um modo geral, quanto mais tempo os jovens passam inseridos num meio de socialização vertical mais intensa é a Vinculação às figuras

parentais no início da pré-adolescência. Existindo um crescendo do tempo de exposição a adultos a acompanhar a subida de estrato existe também um crescendo da Vinculação. Mas isto é verdade para o sexo feminino relativamente a ambas as figuras parentais.

No sexo masculino só é verdade para a mãe. No que se refere à Vinculação ao pai, as diferenças entre estratos são irrelevantes. Tal não surpreende se pensarmos que são as mães quem mais se ocupa dos filhos em todos os estratos e portanto o pai durante a infância terá sido pouco importante na educação dos filhos.

Todavia, esta diferença entre os sexos, não se apoia em diferentes percentagens de exposição à figura paterna para rapazes e raparigas. Não existindo esta diferença na exposição às figuras parentais podemos supor que o tipo de receptividade a esta exposição diferencia os sexos ou que a interacção entre o pai e os filhos depende do seu sexo de pertença. Porém, a operacionalização que fizemos das variáveis ambientais não nos permite saber qual das hipóteses será verdadeira ou até em que medida elas se combinam.

Existe uma tendência geral a diminuir a intensidade da ligação às figuras parentais durante esta fase mas como vimos, quer as ligações no fim deste período quer o processo variam diferenciando estratos e sexos.

Aos 14 anos a Vinculação dos rapazes às figuras parentais está ordenada por estrato de acordo com a percentagem de tempo passado com adultos e com a percentagem de tempo passado com coetários. Ou seja: há um crescendo de Vinculação a acompanhar a subida de estrato tal como há um crescendo da percentagem de tempo passado com adultos e um decréscimo de tempo passado com coetários. Nos rapazes, mas não nas raparigas, as

figuras de Vinculação aparecem ordenadas por ordem decrescente em primeiro lugar a mãe, depois o pai e finalmente os amigos numa posição muito secundarizada. O desenvolvimento dos rapazes não é de molde a que as figuras parentais sejam, durante este período subalternizadas. Logo a ordenação da constelação relacional mantém-se sem alterações.

Nas raparigas para além de o pai ser uma figura sempre secundária independentemente das diferenças existentes entre estratos, no fim deste período, embora a mãe possa estar em primeiro plano, não só nem sempre isso acontece como também os amigos têm um papel fundamental. Ou seja: nas raparigas não se mantém a inicial ordenação das figuras de Vinculação.

Mas para além das intensidades das Vinculações que permitem a ordenação das figuras relacionais, as variáveis de contexto, quando especificamos numa análise mais fina, as percentagens de tempo passado com ambos os pais, só com a mãe, só com o pai, com coetários ou de solidão, produzem efeitos desenvolvimentais diferentes.

A influência é, em todos os estratos, sobretudo materna e portanto é natural que este facto tenha um peso particular no desenvolvimento. Mas esse peso não poderá ser o mesmo para todos os estratos, dado que a presença da mãe varia com o estrato de pertença, a presença do pai ou de ambos os pais não têm sempre o mesmo peso e a isto acresce uma diferente exposição a coetários assim como uma diferente percentagem de tempo de solidão.

No estrato 1 como antes referimos, para além de haver uma grande discrepância entre a presença da mãe e a presença do pai, há principalmente uma grande discrepância entre a presença da mãe e a

presença de ambos os pais. Mas acima de tudo há uma maior percentagem de tempo de exposição a coetários do que nos outros estratos o que significa que em maior parte do que nos outros jovens a socialização é feita por agentes horizontais.

Todavia, no sexo masculino, neste como nos outros estratos, os coetários não se revelam elementos importantes na diferenciação face às figuras parentais.

Há de facto uma diminuição da intensidade da Vinculação às figuras parentais (mais ao pai do que à mãe) mas o processo parece realizar-se unicamente com referência a estas figuras. Há como antes referimos, no estrato 1, uma alternância entre as intensidades da Vinculação ao pai e à mãe sugerindo a reposição do conflito edipiano de acordo com o defendido por Blos (1967) ou Josselsson (1981) e sobretudo oscilações entre o investimento no pai e a retirada do investimento mostrando que estes rapazes procuram ressituar o pai na constelação relacional e relativamente a si próprios. De resto, só neste estrato e no sexo masculino o pai é a figura de primeiro plano aos 11 anos.

Ora dado que a mãe é a figura mais presente e que a presença conjunta de pai e mãe é relativamente baixa, é provável que o pai surja inicialmente a estes jovens como o elemento auxiliar da diferenciação face à mãe o que vai ao encontro da teoria de Blos (1967) sobre a pré-adolescência masculina. O pai, até pela sua parca presença, poderá funcionar como elemento exterior à relação com a mãe e portanto como auxiliar da diferenciação.

Daqui resultam marcos importantes no desenvolvimento destes jovens: aos 11 anos, o pai é a primeira figura de Vinculação; aos 12 anos a mãe torna-

se a primeira figura; aos 13 anos, pai e mãe estão igualados em intensidade de Vinculação; aos 14 anos a mãe volta a ser a primeira figura.

Parece portanto que depois deste processo desenvolvimental, a mãe volta a ocupar o lugar de destaque que tinha para o jovem na infância e que apesar da diminuição da intensidade da Vinculação, os pais continuam a ser as figuras de referência.

Nas raparigas do estrato 1 é nítida a influência dos coetários neste processo de desenvolvimento. Havendo uma fraca ligação ao pai, a diferenciação relativamente à mãe é feita com o auxílio dos coetários. Verifica-se uma alternância entre a mãe e os amigos quanto à intensidade da Vinculação que produz três marcos importantes: aos 12 anos a mãe é a primeira figura; aos 13 anos, os amigos são as primeiras figuras; aos 14 anos mãe e amigos estão igualados.

Embora a partir dos 12 anos a Vinculação à mãe tenda a diminuir, é aos 13 anos que assistimos a um pico de investimento nos amigos que opera a diferenciação face à mãe. Mãe e amigos passam a ser as referências destas raparigas mas é preciso dizer que depois dos 13 anos há também um afastamento dos amigos. Depois de cumprido o papel de diferenciadores relativamente à mãe, a relação com os amigos também tende a perder importância. Isto corrobora teoria de Josselsson (1981) segundo a qual há também necessidade de individuação relativamente aos amigos.

É portanto bem visível nas raparigas do estrato 1 o papel de auxiliares da diferenciação que os amigos desempenham. Mas ocorrendo isto apenas nas raparigas, temos de considerar que o sexo será um factor importante para a escolha do auxiliar da diferenciação. A figura relativamente à qual a

diferenciação é mais difícil e importante será em princípio a mãe já que foi esta a primeira figura durante a infância, é esta quem mais influência exerce sobre as jovens dado o tempo de exposição à figura materna mas é também com esta que as raparigas têm de se identificar. Por isso, nas raparigas será muito mais importante que este processo se dê de uma forma mais rápida tal como postula Blos (1967).

Assim à necessidade de autonomização e diferenciação face à mãe vem juntar-se a característica ambiental do estrato 1; a maior exposição aos meios de socialização horizontais que propiciam uma autonomização rápida.

No estrato 2 o peso da figura materna acentua-se ainda mais dado o facto de a discrepância entre a presença paterna e a presença materna ser a mais alargada de entre todos os estratos. Neste estrato acontece ainda que os jovens têm uma maior percentagem de tempo de solidão e como verificámos, menor exposição aos agentes de socialização horizontais que os jovens do estrato 1. Isto fará com que a influência materna seja mais efectiva.

Tal facto tem como consequência que os rapazes do estrato 2, embora diminuam progressivamente a sua Vinculação às figuras parentais a partir dos 11 anos, mantenham sempre a mãe como figura de primeiro plano. Há remodelação da relação com ambos os pais mas a mãe não só mantém o lugar privilegiado como parece marcar o ritmo do afastamento em relação também ao pai. Para além disso não se observam marcos importantes nesta evolução testemunhando de uma maior dificuldade na diferenciação.

Nas raparigas o processo é mais complexo. Dada a preponderância da figura materna, ao contrário do que acontece nos outros grupos, a Vinculação à mãe até se intensifica pelos 13-14 anos. É possivelmente também por isso que se observa uma alternância entre o pai e a mãe. Sendo a mãe tão presente e dado que a presença do pai é tão escassa a não ser quando estão ambos os pais, é provável que ele possa ser tomado como elemento auxiliar da diferenciação relativamente à mãe numa primeira fase. Portanto, se no início desta fase estas raparigas não distinguem o pai da mãe quanto à intensidade de Vinculação, aos 12 anos o pai passa a primeira figura ainda que fugazmente.

A Vinculação aos amigos vai sempre aumentando mas durante este período não ultrapassa a Vinculação à mãe e portanto eles não parecem ser auxiliares na diferenciação face à mãe. Não esqueçamos que é neste estrato que os jovens passam mais tempo sós do que com coetários e este facto acrescenta-se já à discrepância entre a presença materna e a paterna que torna a mãe preponderante. Todavia, aos 14 anos os amigos atingem a mais elevada intensidade de Vinculação o que acontece um ano mais tarde do que nas raparigas do estrato 1. Isto indicia a grande importância que têm os coetários para as raparigas do estrato 2. Contudo, os tempos de exposição a coetários são menores do que no estrato 1 e portanto eles não desempenharão o papel de catalizadores da autonomização.

Em suma pudemos assinalar três marcos importantes: aos 12 anos o pai é a primeira figura; aos 13 anos a mãe torna-se a primeira figura sem que a Vinculação a ela volte a diminuir; aos 14 anos mãe e amigos tornam-se as referências das raparigas do estrato 2. Assim, nas raparigas do estrato 2, o pai terá um papel de auxiliar da autonomização face à mãe, o que ocorre

bastante mais cedo do que nas outras raparigas e obviamente nos rapazes do mesmo estrato, enquanto os amigos vêm desempenhar mais tarde o papel de auxiliares na diferenciação relacional.

Posto isto podemos dizer que a discrepância entre a presença materna e a presença paterna favorecendo a preponderância da mãe, implica uma diferença no processo desenvolvimental de ambos os sexos mas que parece favorecer as raparigas em detrimento dos rapazes.

O estrato 3 goza de um conjunto de condições ambientais em muitos aspectos, mais favoráveis do que os outros estratos. Há uma menor discrepância entre a presença do pai e a presença da mãe e além disso a percentagem de tempo social passado com ambos os pais é a mais elevada de todos os estratos. Em contrapartida é escasso o tempo passado com coetários e raro o tempo de solidão.

Nestas características do contexto ambiental, a ligação dos jovens às figuras parentais é naturalmente mais intensa do que nos outros estratos.

Nos rapazes, a mãe que é inicialmente a primeira figura, nunca é suplantada por nenhuma outra ao longo de todo este período. Mais uma vez à semelhança do que acontece com os outros rapazes, nunca os amigos, parceiros secundários, parecem desempenhar qualquer papel na diferenciação relativamente às figuras parentais.

Os marcos que assinalámos no desenvolvimento destes rapazes são elucidativos: aos 11 anos a mãe é a primeira figura, aos 12-13 anos os pais estão igualados na intensidade e na perda da Vinculação; aos 14 anos a mãe volta a ser a primeira figura. Verifica-se uma diminuição da Vinculação

aos pais mas aos 14 anos, há um reforço da ligação à mãe que parece tender a ocupar a posição inicial. A diferenciação relativamente à mãe realizar-se-à então até aos 13 anos e portanto estes rapazes realizam um processo de autonomização natural neste período de desenvolvimento mas que não parece ter auxiliares dada a forte Vinculação à mãe e a pouca exposição a outros agentes de socialização que não os familiares.

Nas raparigas do estrato 3 o processo de alteração das ligações, compreendido este como diminuição da Vinculação às figuras parentais, parece iniciar-se a partir dos 12 anos e portanto um pouco mais tarde do que nos rapazes. A mãe é até aos 13 anos, a figura de primeiro plano e aos 11 anos a sua importância evidencia-se através da distinção clara entre a mãe por um lado e o pai e os amigos por outro sugerindo que o pai tem um estatuto de secundaridade equivalente ao dos amigos. Dito de outro modo: o pai parece tão exterior como os amigos. Mas há uma alternância inicial entre pai e amigos que confere aos amigos um papel de auxiliares na autonomização face ao pai. Encontrámos três marcos importantes: aos 12 anos, embora a mãe seja a primeira figura, o pai torna-se mais importante que os amigos porque há um reforço da Vinculação a ele; aos 13 anos os amigos tornam-se mais importantes do que o pai; aos 14 anos os amigos tomam o primeiro lugar.

Contudo, é preciso salientar que entre as raparigas deste estrato a ligação aos amigos pouco varia e que se estes acabam por assumir o papel de primeiras figuras é apenas porque a ligação às figuras parentais diminui. Ou seja: a Vinculação às figuras parentais entra em decréscimo sem que os amigos pareçam constituir-se como relações supletivas. A diferenciação

relativamente às figuras parentais dá-se sem que pareça existir um deslocamento da Vinculação para figuras alheias ao núcleo familiar. Mas nestas raparigas observa-se um fenómeno que só encontrámos nos rapazes e que parece constituir-se como um auxiliar da diferenciação relativamente à mãe. Trata-se de um aumento regular do conflito com a mãe a acompanhar a subida da idade. Sabemos que neste estrato a escassa exposição a meios de socialização horizontais não disponibiliza coetários que possam funcionar como auxiliares no processo de diferenciação que contudo parece realizar-se embora nestas raparigas pareça tardia. Assim, o conflito pode ser o único meio disponível para a realização da diferenciação.

Mencionemos ainda dois fenómenos importantes em cada um dos sexos. Nos rapazes verifica-se que, de acordo com as diferenças significativas entre grupos etários, no estrato 1 a remodelação relacional se faz sobretudo relativamente ao pai, no estrato 2 ela faz-se em relação a ambas as figuras parentais mas sobretudo relativamente ao pai e no estrato 3 faz-se relativamente à mãe. Estas são portanto independentemente das alterações das posições relativas das diferentes figuras, as relações em que existem mudanças não apenas quantitativas mas qualitativas importantes.
Nas raparigas verifica-se que no estrato 1 não há remodelação relacional significativa, no estrato 2 a remodelação relacional faz-se sobretudo em relação aos amigos e no estrato 3 faz-se em relação a ambos os pais.

Sublinhemos uma vez mais que há mais mudanças significativas nas raparigas do que nos rapazes mostrando que as raparigas fazem mais remodelações nas suas relações. Todavia, as raparigas do estrato 1 parecem

ser uma excepção no sexo feminino. Podemos portanto depreender que estas raparigas independentemente da alteração da posição relativa dos parceiros relacionais não realizam nenhum processo de diferenciação relacional. Naturalmente a exposição aos meios de socialização horizontais facilita a aquisição da liberdade mas não exigirá uma diferenciação que implique diferenciação das relações.

Nas raparigas do estrato 2, que estão sobretudo expostas à influência materna que nunca deixa de ser importante, a única maneira de conseguir a diferenciação será através da remodelação da relação com os amigos que dadas as diferenças significativas entre grupos etários é muito grande e adquire um cariz diferente da relação com a mãe.

No estrato 3, sendo a mãe uma figura superlativa e sendo percentualmente mais elevada do que nos outros estratos a presença de ambos os pais, é possível uma diferenciação relacional que envolve ambas as figuras parentais. Os amigos que estão pouco presentes não são objecto de grandes remodelações nem forçam a saída do universo familiar.

Assim, nas raparigas, os amigos desempenham um papel importante mas apenas nos estratos 1 e 2 embora de modo diferente para cada um deles.

Um importante contributo para o modo como este processo se realiza é a presença de ambos os pais e de toda a família. Havendo um aumento percentual da presença de ambos os pais e de toda a família a acompanhar a subida de estrato é natural que a influência destas variáveis se faça sentir de um modo mais evidente nos estratos mais altos que por essa razão têm de realizar uma diferenciação relativamente às figuras parentais sem auxiliares externos. É o que acontece nas raparigas do estrato 3 que realizam todo este processo no âmbito familiar auxiliadas pelo conflito

relativamente à mãe, dado que os coetários passam a ser parceiros preferenciais para a Comunicação.

Mas nos rapazes, a influência destas variáveis não tem igual efeito visto que os rapazes do estrato 3 remodelam sobretudo a relação com a mãe.
Acresce que enquanto aos 11 anos não havia diferenças na Vinculação ao pai, aos 14 anos observa-se a mesma ordenação que existe relativamente à mãe: os rapazes do estrato 1 são os que têm menor Vinculação ao pai e os do estrato 3 são os que têm maior Vinculação ao pai. Isto acontece como antes referimos devido a uma diferenciação que entretanto se vai fazendo entre os rapazes de estratos diferentes. Todavia não encontrámos razões inerentes ao contexto ambiental para esta progressiva diferenciação que não a de uma progressivamente maior percentagem de tempo passado com ambos os pais e com toda a família que possivelmente já existia durante a infância.

XI.6 - Desenvolvimento da Identidade

De acordo com o que acabámos de referir, esperávamos que o movimento tendente à organização identitária acompanhasse o movimento de remodelação e autonomização relativamente às figuras parentais e portanto observasse um ritmo correspondente. Esperaríamos portanto que nos rapazes, este movimento fosse mais lento do que nas raparigas. Todavia este processo nem sempre é claro.

Na verdade, em quase todos os jovens existe na pré-adolescência uma diminuição do interesse pela aprendizagem escolar que assim surge como uma marca distintiva deste período de desenvolvimento. Vimos neste desinvestimento do estudo o indicador da entrada nas grandes transformações da pré-adolescência que exigem modificações noutros aspectos da vida até porque o estudo é também uma imposição parental e uma das exigências da organização identitária é, nesta fase, a diferenciação face aos pais.

Em todos os jovens, rapazes ou raparigas, se verifica uma alteração das relações com as figuras parentais, embora nem sempre abranja pai e mãe. Quase todos alteram também as suas relações com o meio extra-familiar, embora também não sejam abrangidos todos os aspectos. Por último, quase todos alteram a percepção de mudança que todavia também não abrange todos os aspectos considerados.

O mais importante neste processo é contudo a identificação com as figuras parentais que, de um modo geral, passa por um momento de recusa de identificação e por outro momento de reforço de identificação. Como observámos anteriormente é numa altura em que a ligação se torna mais distante que a identificação se intensifica o que é generalizável a quase todos os grupos. Isto sugere a existência de um ciclo que tem a sua crise, normalmente pelos 13 anos, quando o distanciamento em relação aos pais é maior, com a entrada num novo ciclo.

Quanto ao corpo verifica-se que de um modo geral, no sexo masculino, as transformações corporais são sentidas como mais satisfatórias do que no sexo feminino. Na generalidade das raparigas, antes de mais é preciso dizer que as variáveis respeitantes ao corpo não apresentam diferenças

significativas entre grupos etários o que sugere uma impossibilidade de construção de uma nova imagem corporal durante este período.

XI.7 - Desenvolvimento da Identidade e Sexo de Pertença

As diferenças entre rapazes e raparigas no processo de desenvolvimento identitário mostram que as raparigas fazem mudanças em mais aspectos do que os rapazes. Todas as raparigas mudam no que respeita à aprendizagem escolar, à posição relativa aos pais, às relações extra-familiares e à percepção de mudança.

Nos rapazes as mudanças verificadas – para além destas, o corpo – só atingem todos os estratos na relação com as figuras parentais. É portanto, nas raparigas, mais abrangente o processo de mudança.

Isto tem, naturalmente, consequências na comparação entre rapazes e raparigas dum mesmo estrato. No estrato 1 as diferenças entre os sexos reduzem-se a três aspectos: a posição relativa às figuras parentais em que se verifica uma maior dependência inicial dos rapazes; o corpo, acerca do qual os rapazes manifestam mais satisfação do que as raparigas e a percepção de mudança em que também os rapazes manifestam uma maior percepção mas apenas no que se refere ao corpo aos 11 anos, o que depois se altera.

No estrato 3 as diferenças entre os sexos manifestam-se na relação com as figuras parentais tendo os rapazes uma melhor relação com o pai do que as raparigas e tendo as raparigas uma mais forte identificação com a mãe do que os rapazes; nas relações extra-familiares, revelando as raparigas uma

maior tendência para se apoiarem nos amigos e para se preocuparem com a aparência; no corpo, revelando os rapazes uma maior satisfação com as mudanças e um maior investimento no corpo e finalmente na percepção de mudança em que as raparigas manifestam perceber mais mudanças relativamente à escola, à amizade ou ao corpo.

No estrato 2 as diferenças entre os sexos abrangem mais áreas do que em qualquer dos estratos. Referem-se ao investimento na aprendizagem escolar em que as raparigas se sobrepõem aos rapazes, às relações com as figuras parentais em que os rapazes revelam um maior apoio no pai e as raparigas uma maior identificação com a mãe, nas relações extra-familiares em que as raparigas mostram apoiar-se mais nos amigos e preocupar-se mais com a aparência, no corpo, revelando as raparigas um maior investimento e os rapazes um maior à vontade na relação e finalmente na percepção de mudança mostrando as raparigas uma percepção de mudança relativa ao corpo mais elevada do que os rapazes.

Em suma, é no estrato 2 que a diferenciação entre o sexo masculino e o feminino mais se acentua o que mais uma vez remete para a diversa influência que o contexto ambiental tem em cada sexo.

XI.8 - Desenvolvimento da Identidade e Estrato de Pertença

Posto que existem grandes diferenças entre rapazes e raparigas no que se refere ao desenvolvimento dentro do mesmo estrato de pertença, referir-nos-emos primeiro às diferenças existentes no sexo masculino e depois às existentes no sexo feminino.

Verifica-se nos rapazes o início do desinteresse pela **aprendizagem escolar** mais precocemente nos estratos 2 e 3, logo a partir dos 11 anos e mais tardiamente no estrato 1, apenas a partir dos 12 anos. Este período de desinteresse prolonga-se pela pré-adolescência em todos os estratos mas observando-se mais tardiamente no estrato 1 é de supor que estes rapazes entrem também mais tardiamente no processo da pré-adolescência, tanto mais que igual tendência se observa noutros aspectos.

Quanto à **posição relativa às figuras parentais**, nos rapazes diferenciaremos pai e mãe pois que ambos os progenitores parecem desempenhar um papel importante mas diverso.

No que se refere à relação com o **pai**, os rapazes do estrato 1, entram também mais tardiamente que os outros num movimento de afastamento relacional, apenas pelos 13 anos. Sublinhemos ainda que só neste estrato os rapazes realizam movimentos alternados de aproximação e recuo em relação ao pai denotando uma maior dificuldade em situá-lo. Todavia, começando a autonomizar-se mais tarde, observa-se um contraste entre esta dificuldade em situá-lo e o facto de dele prescindir precocemente como figura de apoio. Isto dever-se-à provavelmente ao facto de a efectiva interacção com o pai ser escassa o que não é necessariamente incompatível com uma ligação intensa que terá provavelmente muito de idealização.

Nos estratos 2 e 3 a proximidade ao pai não muda muito mas em ambos os estratos se observa uma manutenção da relação de apoio em média, durante mais tempo do que no estrato 1. Ou seja: nestes dois estratos, os rapazes parecem contar mais efectivamente com o pai como alguém de

quem podem socorrer-se para a resolução de problemas o que implicará uma dependência mais prolongada.

O mais importante neste processo é contudo a **identificação** com as figuras parentais que, no que **ao pai** diz respeito, assemelha os estratos 1 e 2 em vários aspectos. Em primeiro lugar é aos 11-12 anos que essa identificação é mais intensa. É também aos 13 anos que para ambos os estratos se observa uma recusa a identificarem-se com o pai. Além disso é pelos 14 anos que aumenta a identificação ao pai embora mais no estrato 2 do que no estrato 1. Como observámos anteriormente é numa altura em que a ligação se torna mais distante que a identificação se intensifica o que é generalizável a quase todos os grupos.

A excepção a esta regra, no sexo masculino, encontramo-la no estrato 3. Estes rapazes realizam movimentos alternados de diminuição e aumento da identificação à figura paterna que sugerem por um lado um início mais precoce da 'escolha' das identificações mas também um desenvolvimento que pode ser oscilatório para todos os estratos. A ser assim, o estrato 3 iniciaria este percurso mais precocemente e entraria também na média adolescência mais precocemente. No entanto não podemos verificar esta hipótese com os dados de que dispomos.

A **identificação à mãe**, no sexo masculino, segue movimentos equivalentes à identificação ao pai em todos os estratos. Mas o facto de inicialmente existir um tempo de maior identificação à mãe do que ao pai, apenas nos estratos 1 e 2, mostra que a tendência para o estabelecimento da identidade de género não se efectua para todos ao mesmo ritmo. Para ambos os

estratos existe um momento coincidente com os 13 anos em que a identificação com ambas as figuras parentais é muito baixa testemunhando de um desejo de diferenciação servindo o desenvolvimento de uma identidade mas enquanto no estrato 1, os 11-12 anos são o período de maior identificação à mãe do que ao pai, no estrato 2, só aos 11 anos os rapazes se identificam mais à mãe. Depois disso existe a tendência para uma maior identificação ao pai. Mas no estrato 3 em momento nenhum se verifica uma maior identificação à mãe do que ao pai.

Isto sugere a existência de uma progressão a acompanhar a subida de estrato na diferenciação relativamente aos pais e no estabelecimento da progressão tendente à constituição da identidade de género. Sendo assim, os rapazes do estrato 3 são os que apresentam um processo desenvolvimental mais favorável no que se refere quer à diferenciação relativamente às figuras parentais quer à formação da identidade de género.

Há também diferenças entre estratos no que respeita à **saída para o meio extra-familiar**. Nos rapazes, sem diferenças significativas ao longo do tempo, existe um pico de sociabilidade relativa a coetários que nos estratos 1 e 3 coincide com os 12 anos e no estrato 2 se verifica apenas aos 13 anos. Mas há uma diferença importante entre os estratos 1 e 3 manifestando-se pelos 14 anos: só no estrato 3 os rapazes evidenciam uma procura de apoio nos amigos coincidente com o aumento de interesse pelo namoro e pela aparência. Parece portanto, no sexo masculino, o estrato 3 ser aquele em que os amigos têm algum papel de suporte e que nestes rapazes se relaciona com a entrada na vida amorosa. Isto significa uma evolução no

sentido da saída do meio familiar, tendo como motivação o interesse pelas relações amorosas.

Porém, a ser assim, os rapazes não tendem a passar de forma generalizada, por um período de intensificação e aprofundamento das relações com coetários antes de passar às relações amorosas já que isso não se verifica em todos os estratos. Em todos os estratos, independentemente da importância que em cada estrato os rapazes conferem às relações amorosas é aos 14 anos que elas despertam um maior interesse. Todavia, no estrato 1 os coetários nunca têm um papel efectivo de figuras de suporte.

No estrato 2, apesar de o pico de sociabilidade relativa a coetários ser bastante tardio (em média pelos 14 anos), os 13 anos são a altura em que os rapazes mais se apoiam nos amigos para resolver problemas pessoais, sendo que o pico do interesse pelas relações amorosas só acontece um ano depois.

No estrato 3 cujo pico de sociabilidade relativa a coetários é tão precoce como no estrato 1, só aos 14 anos estes rapazes atingem as médias mais elevadas quer no que se refere quer ao apoio nos amigos quer no interesse pelas relações amorosas.

Temos portanto de concluir que no estrato 1 os amigos não se constituem como figuras de suporte, no estrato 2, os amigos constituem-se como figuras de suporte ainda antes de as relações amorosas serem importantes, no estrato 3, o pico de sociabilidade precoce, não parece relacionar-se com nenhum papel de suporte que só se verifica coincidentemente com o acréscimo de interesse pelas relações amorosas. Isto leva a supor que a relação com os coetários se torna importante independentemente do suporte

que estes possam fornecer. Na verdade esta sociabilidade pode ser feita em extensão sem que seja um fenómeno em profundidade.

Por outro lado, os coetários podem desempenhar um papel de suporte mesmo que isso não corresponda a uma sociabilidade em extensão como acontece nos rapazes do estrato 2. Neste caso os coetários tenderão mais a ser os amigos que, antes de qualquer outra motivação, podem funcionar como auxiliares na resolução dos problemas pessoais. Para estes, o pico de sociabilidade relativo a coetários vai no entanto coincidir com o interesse pelas relações amorosas o que significará que a saída para o meio extra-familiar obedece a duas motivações coincidentes: o alargamento do mundo social e a relação amorosa.

No estrato 3, afigura-se que uma sociabilidade em extensão, tão precoce como no estrato 1, mostra um desejo de experimentar relações com novos parceiros que todavia terão apenas o estatuto de companheiros. Só mais tade, pelos 14 anos, os companheiros podem ser os amigos que apoiam quando as relações amorosas se tornam importantes.

Há portanto um desenvolvimento muito diferente para os rapazes de cada um dos estratos. Os únicos pontos em comum são o facto de para todos existir um pico de sociabilidade relativa a coetários que nem sequer coincide em termos etários e um pico de interesse pelas relações amorosas que em todos os grupos coincide com os 14 anos. Provavelmente a coincidência no que respeita às relações amorosas relacionar-se-à com o ciclo pubertário que hoje tenderá a ser bastante uniforme mas o papel dos coetários no desenvolvimento dependerá em grande parte das condições ambientais, nomeadamente, da desigual exposição aos agentes de socialização.

No sexo masculino há uma grande diferença entre o estrato 1 e os outros dois no que se refere ao **corpo**. Os rapazes do estrato 1 aos 12 anos mostram-se muito satisfeitos com as mudanças corporais e têm uma elevada percepção de mudança, investem no corpo e não manifestam perturbação na relação. Mas isto tende a alterar-se porque a satisfação diminui, assim como o investimento. Porém, nos estratos 2 e 3, apesar de no geral, a satisfação ser elevada, os 12 anos constituem-se como um momento de maior mal-estar e de fraca percepção de mudança que depois se altera para melhor. Aliás, é no estrato 2 que a insatisfação com o corpo, embora ligeira quando comparada com a das raparigas, se arrasta durante mais tempo o que se manifesta pelo facto de a percepção de mudança relativamente ao corpo ser, aos 13 anos, a mais baixa deste período. Parece, estes rapazes, tenderem a recusar o desenvolvimento pubertário, facto ao qual não será alheia a mais lenta diferenciação relativamente às figuras parentais.

A única evolução significativa quanto à **percepção da mudança**, no estrato 1, diz respeito ao corpo mostrando que este não só tem uma função importante do ponto de vista do desenvolvimento como também tem um papel fulcral como meio de afirmação. Isto explicaria também o grande desinvestimento progressivo resultante da desilusão com o moroso processo de transformação. Nos estratos 2 e 3, existindo insatisfação pelos 12 anos, num momento em que o desenvolvimento pubertário é ainda incipiente, aos 14 anos, não só há uma maior satisfação como também há uma maior

percepção de mudança. Nestes dois estratos, embora mais tardia, a integração das mudanças parece mais eficaz.

Nos rapazes há uma tendência para que o momento de maior percepção de mudança ocorra pelos 13 anos. Todavia, só há coincidência em todos os estratos no que se refere à atitude perante a aprendizagem escolar que por todos é desinvestida. No que ao corpo diz respeito, os rapazes do estrato 1 mostram uma percepção de mudança muito acentuada aos 11 anos o que sendo irrealista, pode significar um maior desejo de mudança e uma maior vigilância relativamente ao corpo que desempenha um papel mais importante para estes rapazes. Tanto relativamente à escola como à amizade a maior constatação de mudança coincide com os 13 anos.

No estrato 2 os rapazes têm uma percepção mais aguda da mudança pelos 13 anos relativamente à amizade e à escola mas a percepção de mudança relativa ao corpo é mais tardia acontecendo apenas pelos 14 anos.

No estrato 3 só relativamente à escola se observa uma percepção mais aguda aos 13 anos. No que se refere à amizade e ao corpo a percepção só é mais intensa pelos 14 anos.

É portanto no estrato 3 que os rapazes se dão conta mais tardiamente das mudanças que neles ocorrem. Provavelmente estes rapazes têm maior dificuldade que os dos outros estratos em assumir mudanças que farão deles adultos. Todavia, sendo a sua diferenciação relacional mais efectiva do que a dos outros rapazes, isto não seria de esperar.

Quanto à tomada de **opções** relativamente a problemas que o meio social oferece também se verificam diferenças importantes entre estratos no sexo masculino.

É o estrato 1 que mais se desenvolve segundo o estilo difusão ao longo de todo este período e o estrato 3 que no fim deste período mais se posiciona segundo o estilo evolutivo. Há mais probabilidades do que em qualquer outro estrato de que os rapazes do estrato 1, no fim deste período de desenvolvimento, adoptem o estilo difusão e o estilo moratória tem um uso mais intenso apenas durante um período circunscrito aos 12 anos. Quer no estrato 3 quer no 2, o uso do estilo moratória é mais alargado e o evolutivo tem médias bastante mais elevadas do que no estrato 1 mas ainda mais elevadas no estrato 3 do que no estrato 2. Mencionemos ainda que só no estrato 3 se observa uma diminuição significativa do estilo forclusão ao longo do tempo. De resto, no estrato 2, aos 14 anos há uma recuperação da utilização do estilo forclusão indiciando uma nova submissão ao universo parental.

Esta evolução é portanto mais favorável aos rapazes do estrato 3 que mais tendem a definir as suas opções segundo o estilo evolutivo.

Posto o que acabámos de descrever, refiramos que há entre os rapazes do estrato 1 uma grande coincidência de mudanças ocorrendo entre os 12 e os 13 anos conferindo a este específico momento o valor particular de fim de um ciclo. É aos 12 anos que estes rapazes desinvestem a aprendizagem escolar e manifestam o pico de sociabilidade relativa a coetários, é entre os 12 e os 13 anos que muda a relação com o pai tornando-se mais distante, é também nesta altura que os rapazes passam a identificar-se mais com o pai do que com a mãe e que o corpo passa a ser encarado com menos satisfação. Depois disto, é pelos 13 anos que estes rapazes têm uma mais aguda percepção de mudança. Parece portanto iniciar-se a partir dos 13

anos um novo ciclo masuma vez que a entrada na pré-adolescência é mais tardia do que a dos outros rapazes, temos de considerar que este desenvolvimento é particularmente rápido. Talvez a isto esteja ligado o facto de o uso do estilo moratória para assumirem opções seja tão circunscrito. Todavia, e sublinhando embora que há um permanente aumento do estilo evolutivo, a partir dos 12 anos, há também um aumento regular do estilo difusão indiciando que o desenvolvimento rápido não conduz necessariamente a uma procura de definição face às questões propostas pelo meio social.

Em nenhum outro estrato encontramos no sexo masculino a mesma coincidência de alterações e a rapidez de desenvolvimento que se observa no estrato 1.

No estrato 2 o desinvestimento na aprendizagem escolar é mais precoce, assim como a mudança da predominância da identificação ao pai que ocorre entre os 11 e os 12 anos. Mas só encontramos coincidência entre a mudança da relação com o pai que aos 13 anos se torna mais distante e a procura de apoio dos amigos e o momento agudo de percepção de mudança que como antes referimos exclui o corpo.

Também no estrato 3 não encontramos ciclos marcados. De resto a relação com as figuras parentais muda pouco na medida em que a diferenciação relacional sempre foi mais marcada do que a dos outros rapazes. Só encontrámos coincidências entre a percepção de mudança, o interesse pelas relações amorosas e o apoio nos amigos, aos 14 anos.

Nestes dois estratos a precocidade da entrada neste ciclo não significa portanto uma grande rapidez mas em contrapartida vemos um período mais alargado do uso do estilo moratória e no estrato 3 um muito maior

posicionamento do estilo evolutivo. Parece portanto ser este o estrato, no sexo masculino que apesar da lentidão tem um desenvolvimento mais favorável.

Nas **raparigas** observa-se tal como nos rapazes um desinvestimento da **aprendizagem escolar** que não diferencia significativamente estratos de pertença. Todavia as diferenças entre estratos encontramo-las no traçado da curva desenvolvimental. Por um lado há uma grande semelhança entre as raparigas dos estratos 2 e 3 quanto ao início do desinvestimento na aprendizagem escolar que começa a manifestar-se logo pelos 11 anos ao contrário do que acontece no estrato 1 que só inicia o desinvestimento pelos 12 anos. Por outro lado, embora nos estratos 1 e 3 este desinvestimento se prolongue por toda a pré-adolescência, no estrato 2, após um momento de desinvestimento máximo pelos 12 anos, as raparigas fazem uma recuperação do interesse pela aprendizagem escolar. Assim, as raparigas do estrato 2 teriam um desenvolvimento mais rápido do que as dos outros dois estratos.

A maior dificuldade das raparigas, no que se refere à **posição relativa às figuras parentais**, parece ser a da diferenciação face à mãe.

Também no sexo feminino se observa a tendência a recusar a identificação pelos 13 anos e o reforço da identificação pelos 14 anos, quando a relação é mais distante. Mas isto é verdade apenas para as raparigas dos estratos 1 e 3. Para as raparigas do estrato 2 este movimento surge diferente. É aos 12 e não aos 13 anos que elas menos se identificam com a mãe o que pode levar a supor uma mais precoce diferenciação. Todavia, depois dos 12 anos estas

raparigas não só entram em reforço da identificação à mãe como a ligação a ela se intensifica.

Isto significa que no sexo feminino, o estrato 2 constitui excepção e levanta o problema de saber quais os processos presentes no desenvolvimento de uma identidade diferenciada. É que quando nos outros estratos as raparigas realizam um distanciamento que lhes permite a diferenciação e a realização de novas identificações, no estrato 2 realiza-se um estreitamento relacional que todavia não se mostra incompatível com o ressurgimento da identificação.

Mas se atentarmos a que é justamente neste estrato que mais se altera a ligação a coetários, não só quantitativa como qualitativamente, somos conduzidos a pensar que nestas raparigas, mais do que em qualquer outro grupo, se realiza uma grande evolução no sentido de uma mais clara diferenciação relacional. Deste ponto de vista, a estreita ligação à mãe não representaria um óbice mas pelo contrário uma possibilidade de exploração do mundo relacional mais segura que propiciaria uma maior diferenciação entre as relações com os vários parceiros significativos.

Ora, no sexo feminino há uma grande variabilidade no que se refere à saída para o **meio extra-familiar** ainda que, no geral, os amigos constituam figuras importantes neste processo.

No estrato 1, o pico de sociabilidade relativa a coetários coincide com os 13 anos, assim como o do interesse pelo namoro. No estrato 2, o pico de sociabilidade coincide com os 12 anos mas só pelos 13 anos estas raparigas se apoiam nos amigos o que coincide com o interesse pelo namoro. No estrato 3 a sociabilidade é sempre relativamente elevada mas observa-se um

crescendo de procura do apoio dos amigos e de interesse pelo namoro que faz pensar numa progressiva alteração da função dos amigos à medida que o desenvolvimento progride.

Inferimos portanto que no estrato 1 a saída para o meio extra-familiar, abrupta, contém duas motivações coincidentes: a da filiação e a da entrada nas relações amorosas. Sublinhemos que após os 13 anos, estas raparigas diminuem o interesse por ambas as relações numa atitude de restrição semelhante à dos rapazes.

No estrato 2 o surto de sociabilidade dos 12 anos, parece corresponder a uma necessidade de abertura relacional que no entanto só adquire características de intimidade aos 13 anos quando o interesse pelo namoro também ganha corpo. A procura de apoio nos amigos torna-se fulcral quando o interesse pelas relações amorosas intensifica a necessidade de fazer confidências o que vai ao encontro da teoria de Josselson (1981) segundo a qual as confidências sobre a vida amorosa são feitas aos amigos e não à mãe.

No estrato 3, sendo a sociabilidade bastante elevada, sofre uma depressão pelos 12-13 anos mas o interesse pelo namoro tal como o apoio nos amigos vai crescendo até atingir o seu ponto mais alto pelos 14 anos. Por isso é de presumir que os amigos vão mudando progressivamente o seu papel enquanto confidentes, à medida que o desenvolvimento se processa. Mas além disso também faz supor relações mais descriminadas com os amigos.

Expostas estas diferenças surge agora a ideia de uma gradação da discriminação relacional e identitária. Se no estrato 1 não parece haver diferença entre relações de filiação e relações amorosas que irrompem simultaneamente, no estrato 2 há um tempo de investimento na

sociabilidade relativa a coetários, prévio ao interesse pelas relações de intimidade e pelas relações amorosas. No estrato 3, parece existir um desenvolvimento progressivo que permitindo que o papel dos amigos seja variável, acompanhando o processo desenvolvimental, conduz também a que as relações amorosas sejam postergadas. Isto indicia uma mais precoce diferenciação relacional no estrato 3 que aliás já tínhamos verificado a propósito da ligação às figuras parentais.

Quanto ao **corpo**, antes de mais é preciso dizer que nas raparigas não há diferenças significativas entre grupos etários em nenhum dos estratos e por isso mesmo, este parece ser o domínio da identidade mais importante já que a insatisfação das raparigas aumenta com a entrada na pré-adolescência e não tende a resolver-se durante este período.

No estrato 1 as raparigas só aos 14 anos têm uma maior satisfação com as mudanças corporais e esta aumenta de um modo súbito mas são também estas raparigas que parecem investir mais o corpo e as que o sentem como mais constrangedor na relação. Ou seja: estas raparigas preocupam-se com o corpo mas ele não constitui fonte de satisfação.

No estrato 2 a satisfação com as mudanças corporais cresce progressivamente mas o período dos 12-13 anos é de fraco investimento no corpo e a altura de maior à vontade com o corpo na relação é os 11 anos. Os 12 anos parecem ser para estas raparigas o momento mais difícil que de resto também coincide com a menor percepção da mudança. Ou seja: o corpo, só na altura em que não tem um carácter sexuado, não constitui fonte de constrangimento na relação.

Mas é no estrato 3 que se observa a maior perda. Estas raparigas, são as que mostram uma menor satisfação com as mudanças, as que menos investem o corpo, o que é particularmente acentuado aos 14 anos, e são também as que vão diminuindo o à vontade com o corpo na relação. Tudo isto apesar de aumentarem progressivamente a percepção das mudanças corporais.

A maior perda verifica-se, portanto no estrato 3. No estrato 2 após o período de maior dificuldade dos 12-13 anos, há uma tendência para que o corpo seja mais integrado na relação e no estrato 1 parece continuar a dominar o investimento no corpo sem que este seja um factor positivo na relação. Mas mais uma vez sublinhamos que para além de não haver diferenças significativas, o corpo parece ser um factor de mal-estar para as raparigas porque durante todo este período a satisfação das raparigas é menor do que a dos rapazes. É portanto de supor que não há durante este período tempo suficiente para a organização de uma nova imagem corporal.

Nas raparigas, nos estratos 1 e 2 é aos 13 anos que se destaca a mais aguda **percepção da mudança** relativamente à escola, à amizade ou ao corpo, o que torna esta idade um momento particularmente importante do ponto de vista da capacidade de auto-observação. Também no estrato 3 existe a mesma tendência se exceptuarmos a percepção de mudança corporal que só aos 14 anos atinge o seu pico mais elevado.

Todavia, há ainda outra diferença entre os estratos que não será irrelevante. Enquanto no estrato 1 a mais aguda percepção de mudança se refere à escola e a menos aguda à amizade, no estrato 2 a mais aguda refere-se ao

corpo e a menos aguda à escola e no estrato 3 a mais aguda refere-se ao corpo e a menos aguda à amizade.

No estrato 1, o desinvestimento da escolaridade é possivelmente maior porque neste meio a escolaridade é menos valorizada e a amizade, como anteriormente verificámos não sofre grandes mudanças qualitativas.

No estrato 2, o corpo e suas transformações parecem ser muito importantes por constituírem a prova concreta da evolução do estatuto pubertário que inicialmente tem um impacto negativo. Verificámos também que neste estrato as raparigas apenas descem episodicamente o investimento escolar mas na amizade realizam-se grandes mudanças qualitativas que conferem um estatuto muito específico aos amigos.

No estrato 3, é também o corpo que com um pico mais elevado de percepção de mudança parece polarizar todo o processo desenvolvimental mas a escola figura em segundo lugar. Isto não surpreende dado que não só o desinvestimento escolar começa precocemente mas também é mais durável do que no estrato 2. Em contrapartida, quanto à amizade as mudanças não são tão acentuadas como as que ocorrem nas raparigas do estrato 2. De facto, as raparigas do estrato 3 são as que mais precocemente estabelecem uma mais definida discriminação relacional mas nelas não se observa um pico de sociabilidade acentuado como nos outros estratos além de que os amigos não parecem ter um papel fulcral na diferenciação relativamente à mãe.

Quanto ao estilo segundo o qual as raparigas tendem a fazer **opções** relativamente aos problemas propostos pelo meio social, as raparigas do estrato 2 parecem estar em vantagem. Estas são as raparigas que mais

tendem a optar segundo o estilo evolutivo, e entre os 13 e os 14 anos há um aumento de utilização do estilo moratória, o que só se verifica neste grupo. Tendem ainda a utilizar cada vez menos os estilos difusão e forclusão. Podemos portanto dizer que estas raparigas tenderão a sopesar opções possíveis e a assumir posições individuais.

As raparigas do estrato 1 são as que menos se posicionam segundo o estilo evolutivo ao longo de todo este período, são as que tendem a utilizar o estilo moratória intensamente mas apenas no período circunscrito dos 12 anos. Tendem também a manter o estilo forclusão mais tempo do as raparigas dos outros estratos e ainda a utilizar o estilo difusão mais do que as outras raparigas e a aumentar o seu uso dos 12 anos em diante. Assim, estas são as raparigas que aos 14 anos mais probabilidades têm de não definir uma identidade se nos ativermos ao posicionamento face aos problemas colectivamente postos pelo meio social.

As raparigas do estrato 3 também não têm um desenvolvimento muito favorável do ponto de vista dos estilos através dos quais se posicionam face aos problemas colectivos. Parecem até em desvantagem em muitos aspectos. Progridem pouco na utilização do estilo evolutivo tendendo aos 14 anos a posicionar-se em média abaixo das raparigas dos outros dois estratos. Também não diminuem tanto como as raparigas do estrato 2 a utilização do estilo forclusão indiciando uma mais difícil autonomização face às concepções parentais e embora utilizem mais tempo o estilo moratória, aumentam a média do estilo difusão. Terão portanto um desenvolvimento mais lento do que o das outras raparigas embora possa não estar tão comprometido como o das raparigas do estrato 1.

Relacionamos a predominância do estilo através do qual os jovens assumem as suas posições com o momento em que fazem a diferenciação em relação às figuras parentais. Nos rapazes, esta diferenciação é nos estratos 1 e 2 realizada pelos 13 anos. Mas no estrato 3 observa-se pelos 12 anos. São portanto os rapazes do estrato 3 que se diferenciam mais precocemente. São também estes rapazes que mais evoluem quanto ao modo como fazem opções.

Nas raparigas, é nos estratos 1 e 3 que a diferenciação se dá pelos 13 anos e é no estrato 2 que se dá pelos 12 anos. São portanto as raparigas do estrato 2 que se diferenciam mais precocemente. São também estas raparigas que mais tendem a fazer opções de forma mais activa e pessoal.

XI.9 - Desenvolvimento da Identidade e Ligação às Figuras Significativas

Vimos anteriormente que a ligação às figuras significativas assim como o desenvolvimento da identidade variam com o estrato e o sexo de pertença.

Em ambos os sexos o estrato de pertença imprime variações na evolução das ligações às figuras significativas e consequentemente no desenvolvimento da identidade mas nem sempre da forma esperada.

Nos rapazes, como vimos, apesar da diminuição da Vinculação às figuras parentais, nunca durante este período, elas são suplantadas pelos amigos

que não se constituem como auxiliares na diferenciação face ao meio familiar.

As diferenças entre os estratos são muito poucas. Nos estratos 1 e 2 verifica-se – pesem embora as diferenças na intensidade das ligações que se estreitam com a subida de estrato – uma uniformidade quanto ao momento de menor Vinculação às figuras parentais que em ambos coincide com os 14 anos apenas. No estrato 3 a menor Vinculação verifica-se pelos 13 anos.

Mas isto não está em completa consonância com o desenvolvimento da identidade. Nos rapazes, para além dos indicadores da saída para o meio extra-familiar, temos de considerar ainda, não apenas a diminuição da identificação às figuras parentais mas também o momento em que a identificação ao pai tende a ultrapassar a identificação à mãe.

No estrato 1, os rapazes manifestam um maior interesse pela aparência e uma maior satisfação com as mudanças corporais exactamente na mesma idade em que a identificação com as figuras parentais e o interesse pela aprendizagem escolar atingem o seu nível mais baixo; tudo isto pelos 13 anos. Será então este, o momento da procura de diferenciação relativamente às figuras parentais e de saída para o meio extra-familiar. Todavia, como vimos anteriormente, os rapazes parecem não realizar uma saída tão efectiva como as raparigas uma vez que os pais se mantêm como figuras de referência. Além disso, o interesse pelas relações amorosas só atinge o seu ponto mais alto pelos 14 anos. Isto permite-nos constatar que os rapazes deste estrato, tal como as raparigas do mesmo estrato, saem para o meio extra-familiar no momento em que recusam a identificação às figuras parentais e que, tal como nas raparigas, os 13 anos constituem o ponto de viragem. Mas do ponto de vista das opções estes rapazes não fazem uma

grande mudança e o momento de viragem parece ser o dos 12 anos, altura em que o estilo moratória tem a média mais elevada e o estilo difusão tem a média mais baixa. Depois disso, ainda que o estilo evolutivo aumente progressivamente, é neste grupo que o estilo difusão tem um aumento que coloca estes rapazes acima de todos os outros grupos no que respeita à utilização deste estilo.

No estrato 2, há uma maior coincidência entre a diferenciação face às figuras parentais e o começo do desenvolvimento de uma identidade autónoma que coincidem com os 14 anos. Nesta altura estes rapazes preocupam-se como nunca com a aparência, estão satisfeitos com as mudanças corporais e interessam-se pelas relações amorosas. Mas já aos 13 anos procuravam os amigos para falar dos seus problemas e recusavam identificar-se com os pais. Isto significa que começa a existir uma procura de diferenciação relativamente aos pais antes do momento da saída para o meio extra-familiar aos 14 anos. Em todo o caso, também estes rapazes fazem uma utilização pouco demorada do estilo moratória e embora o estilo evolutivo tenha a sua média mais elevada pelos 13 anos e os estilos forclusão e difusão tenham a média mais baixa também pelos 13 anos, estes jovens tendem a aumentar a média dos estilos que não implicam crise, ou seja: dos 13 para os 14 anos estes rapazes aumentam a utilização dos estilos difusão e forclusão. O seu desenvolvimento não é portanto muito eficaz ainda que seja mais favorável do que o dos rapazes do estrato 1. Ou seja: os rapazes do estrato 2 tendem a regredir do ponto de vista da autonomização o que se reflecte na assunção de opções pessoais.

No estrato 3 é pelos 13 anos que os rapazes mostram os níveis mais baixos de Vinculação às figuras parentais. Mas só aos 14 anos apresentam as

médias mais baixas de identificação com as figuras parentais e dão a maior importância à sua aparência, estão mais satisfeitos com as mudanças corporais e fazem confidências sobre os seus problemas aos amigos. Todavia estes são também os rapazes que mostram uma diminuição mais consistente do uso do estilo forclusão e um aumento também mais consistente do estilo evolutivo, para além de usarem o estilo moratória mais tempo do que os rapazes do estrato 1 e de quase não utilizarem o estilo difusão.

Estes são portanto os rapazes que mostram um desenvolvimento mais favorável, aliás o mais favorável de todos os grupos considerados, se nos ativermos aos estilos utilizados para as tomadas de decisão.

Contudo, há uma componente importante do desenvolvimento da identidade que evolui diferentemente. Referimo-nos à identificação predominante com as figuras parentais que como vimos, tende a estabelecer-se primeiro com a mãe e só numa fase mais tardia com o pai. Ora, há uma gradação no estabelecimento da identificação dominante com o pai a acompanhar a subida de estrato mostrando que é no estrato 1 que se estabelece mais tardiamente e no estrato 3 que se estabelece mais precocemente.

Há portanto discrepâncias difíceis de explicar apenas com os dados de que dispomos.

Nas raparigas existem diferenças entre estratos no que se refere à evolução da ligação às figuras significativas que se reflectem no desenvolvimento da identidade mas nem sempre da forma esperada.

No estrato 1 é aos 14 anos que a Vinculação à mãe atinge o seu valor mínimo, o mesmo acontecendo no estrato 3. Mas no estrato 2 é aos 11-12

anos que a Vinculação à mãe é menor. Tomando este ponto como referência podemos dizer que este é o momento em que se realiza o processo de diferenciação relativamente à mãe, mais precoce e certamente qualitativamente diferente no estrato 2, quando o comparamos com os outros dois estratos.

Todavia vimos também a importância que neste processo de desenvolvimento têm os coetários. Ora o momento de Vinculação máxima aos amigos diferencia as raparigas de todos os estratos. No estrato 3 coincide com os 12 anos, no estrato 1 com os 13 anos e no estrato 2 apenas com os 14 anos.

Isto faz supor que não há uma total coincidência entre a diferenciação relativamente à mãe e a intensificação da ligação aos amigos como aliás já havíamos referido. Assim, os amigos não desempenharão sempre a função de auxiliares no desligamento relativamente à mãe. Essa função parece afirmar-se claramente apenas no estrato 1. Nos outros dois estratos não constatamos essa ligação e portanto é de supor que ainda que os amigos não se constituam como auxiliares, a diferenciação se realiza.

Por outro lado, os amigos podem constituir-se como auxiliares na saída do meio familiar e desse ponto de vista podemos verificar que no estrato 3 essa saída é mais precoce que nos outros dois e que no estrato 2 é mais tardia que nos outros dois.

A importância deste facto reside no papel que a abertura ao meio extra-familiar tem no desenvolvimento de uma identidade autónoma.

No estrato 1 encontramos uma coincidência, aos 13 anos, entre o momento em que é mais elevado o apoio nos amigos e mais baixa a identificação com a mãe que por sua vez coincidem com uma baixa da satisfação com as

mudanças corporais, com o máximo desinvestimento da aprendizagem escolar e com o abaixamento do uso do estilo forclusão mas também com um aumento do estilo difusão. Isto faz portanto supor a coincidência de que falámos entre a diferenciação face à mãe e a saída para o meio extra-familiar. São os 13 anos o momento charneira que, nas raparigas do estrato 1, permite a diferenciação e o início da constituição de uma identidade autónoma. Todavia, devemos sublinhar que nestas raparigas a autonomização não constitui garantia da organização identitária uma vez que por um lado, não se observam grandes remodelações relacionais e por outro pode assistir-se ao aumento do uso do estilo difusão. Há portanto, neste estrato uma dificuldade no desenvolvimento que abrange a diferenciação relacional deficientemente atingida e as opções que podem não chegar a definir-se. Ou seja: o facto de estas raparigas se tornarem autónomas, não implica necessariamente o desenvolvimento de uma identidade.

No estrato 2 é aos 12 anos que as raparigas menos se identificam com a mãe mas só aos 13 atingem o ponto mais elevado de procura de apoio nos amigos. Há assim um tempo de espera entre a diferenciação relativamente à mãe que parece bastante precoce, e a saída para o meio extra-familiar. Mas neste grupo o desenvolvimento identitário parece todo ele muito diferente. Por um lado, tendo verificado que aos 13-14 anos a ligação à mãe se estreita, a ligação aos amigos também se intensifica progressivamente sendo coincidente um aumento do investimento na mãe, com a procura de apoio dos amigos. Por outro lado é também evidente que nestas raparigas é muito precocemente, logo desde os 11 anos, que assistimos a uma diminuição do estilo forclusão e a um aumento do estilo moratória que se mantém em

níveis mais elevados do que nos outros grupos. Além disso, a percepção de mudança é intensa aos 13 anos. Podemos portanto concluir que a diferenciação face à mãe parece muito precoce, que existe um tempo de diferenciação e posteriormente um tempo de saída para o meio extra-familiar em que os amigos desempenham papel importante mas também que a manutenção de uma ligação forte à mãe não parecendo constituir-se como um óbice ao desenvolvimento da identidade, pelo contrário favorece a exploração de opções como é visível no mais prolongado e intenso uso do estilo moratória. Acrescentemos que apesar de existir um período de desagrado com as mudanças corporais elas são reconhecidas também precocemente e se verifica mais que em qualquer outro grupo de raparigas, um progressivo aumento da satisfação. Estas parecem portanto ser as raparigas que têm um desenvolvimento mais favorável.

No estrato 3, as raparigas, que parecem realizar a diferenciação relativamente à mãe apenas aos 14 anos, dado que é nesta altura que a Vinculação a ela é mais baixa. Mas têm um momento de intensificação da Vinculação aos amigos pelos 12 anos. Os amigos não se constituem como auxiliares na autonomização que, parecendo bastante tardia, se dá à custa de um aumento da Alienação. Mas é aos 13 anos que estas raparigas menos se identificam com a mãe, procuram o apoio de amigos e têm uma maior percepção de mudança. Parece portanto que existindo uma luta pela autonomização, ela se revela difícil o que se reflecte no modo como são tomadas opções. A partir dos 13 anos, apesar da já anterior diminuição do estilo forclusão, as raparigas do estrato 3 aumentam o estilo difusão, diminuem o estilo evolutivo e tendem a utilizar menos do que as raparigas do estrato 2 o estilo moratória. A difícil diferenciação relativamente à mãe,

produz portanto um débil desenvolvimento identitário. Sublinhemos, de resto, que estas são as únicas raparigas que têm um desenvolvimento da identidade menos eficaz do que o dos rapazes do seu estrato de pertença.

Em suma podemos dizer que enquanto nos rapazes o desenvolvimento da identidade é mais eficaz no estrato 3, nas raparigas ele é mais eficaz no estrato 2.

XI.10 - Desenvolvimento da Identidade e Contexto Ambiental

Cabe agora discutir a relação entre as condições ambientais e o desenvolvimento da identidade.

Tendo em conta a desigual exposição aos meios de socialização verticais e horizontais diferenciando os estratos de pertença dos jovens, era natural que encontrássemos diferentes modos de desenvolvimento da identidade.

Todavia, quando iniciámos esta investigação estávamos longe de supor que eram tão grandes as diferenças no desenvolvimento de cada um dos sexos que, pelo menos com os dados de que dispomos, só podemos imputar a uma diferente influência das variáveis ambientais em rapazes e raparigas. A muito maior diferenciação entre raparigas de estratos diferentes do que entre rapazes de estratos diferentes indicia que o sexo de pertença influi à partida na interacção entre as variáveis de contexto e as características individuais. Mas de modo nenhum podemos excluir a possibilidade de que outras variáveis de contexto, por nós não operacionalizadas, se constituam como determinantes apenas para um dos sexos.

Verificámos por exemplo que no que ao corpo diz respeito, o desenvolvimento dos rapazes parece mais favorável do que o das raparigas que durante todo este período, mantêm uma considerável insatisfação quanto às mudanças corporais. De qualquer modo, é indubitável que o desenvolvimento pubertário das raparigas é mais precoce e comporta neste período mais alterações do que o dos rapazes, o que em parte justificará a mais difícil adaptação das raparigas. Podemos portanto facilmente correr o risco de comparar o incomparável.

Mas se atentarmos ao que acontece com referência à posição relativa às figuras parentais e aos movimentos de identificação, constatamos por um lado que embora a exposição aos agentes de socialização adultos e nomeadamente às figuras parentais, diferencie estratos de pertença, o desenvolvimento diferencia em cada estrato rapazes de raparigas.

Verificámos que a maior exposição aos agentes de socialização horizontais no estrato 1, embora favoreça nas raparigas a autonomização com o auxílio de coetários, não implica uma diferenciação mais precoce nas raparigas mas implica uma diferenciação mais eficaz, apenas na medida em que elas deixam de ter os pais como referências fundamentais. Todavia sublinhemos que começando elas a diminuir a sua identificação com as figuras parentais mais precocemente, é aos 13 anos que em ambos os sexos encontramos o momento de recusa dos modelos parentais. São portanto as raparigas que, comparadas com os rapazes, realizam uma aparente maior diferenciação das figuras parentais e se abrem a relações extra-familiares.

A exposição aos meios de socialização horizontais pareceria assim muito mais importante e efectiva nas raparigas. Mas por outro lado, os rapazes do

estrato 1 parecem sofrer uma mais efectiva influência dos meios de socialização horizontais quando temos em atenção o estilo com o qual enfrentam as soluções com vista a tomadas de decisão. É que são justamente os rapazes do estrato 1 que mais probabilidades têm de utilizar o estilo difusão, o que acontecendo também nas raparigas do mesmo estrato, se verifica em menor escala.

Isto prender-se-à certamente com o modo como cada um dos sexos utiliza estes meios de socialização. Se as raparigas tendem a apoiar-se nos amigos para conversar sobre os seus problemas e portanto se socorrem deles para restabelecer o seu equilíbrio interno, os rapazes raramente se apoiam nos amigos e portanto a influência destes meios de socialização, nos rapazes, não pode resultar num maior auto-conhecimento, mas apenas numa maior participação em experiências colectivamente realizadas. Assim, uma mesma variável ambiental tem diferente influência em rapazes e raparigas.

O mesmo se passa relativamente à identificação com as figuras parentais. Perante a mesma percentagem de tempo de exposição ao pai, à mãe ou a ambos, as raparigas identificam-se sempre mais à figura parental do seu próprio sexo enquanto os rapazes se identificam inicialmente mais à mãe. É aqui evidente que o sexo de pertença, imprime um cunho específico ao modo como se fazem as identificações e consequentemente ao desenvolvimento da identidade de género. Mas além disso constatamos que dos 12 anos em diante, independentemente de a exposição à figura materna continuar a ser mais elevada do que a exposição à figura paterna, os rapazes passam a identificar-se dominantemente com o pai.

Isto conduz-nos reflectir sobre a influência dominante das figuras parentais nos diferentes estratos de pertença que independentemente da constatação

de que nas raparigas é sempre a mãe, quando nos atemos à figura que serve de modelo adulto, diferencia nos rapazes os estratos de pertença. É que tendo observado uma gradação no estabelecimento do modelo do mesmo sexo a acompanhar a subida de estrato, não encontramos um correlativo na exposição à figura paterna. Clarificando, à medida que se sobe na escala social, torna-se mais precoce o movimento tendente a tomar o pai como modelo de identificação adulto dominante. Todavia, como verificámos, isto não coincide com um crescendo da presença do pai que é bastante menor no estrato 2 em que a presença da mãe apenas, ultrapassa a presença do pai mais do que em qualquer dos outros estratos.

Contudo, observa-se um crescendo da presença de ambos os pais e de toda a família a acompanhar a subida de estrato. Concluímos portanto que, a presença conjunta de ambos os pais ou de toda a família, propiciando a exposição a modelos sexuais e relacionais contrastados, exercerá uma influência catalizadora relativamente à organização da identidade de género. Mas evidentemente que isto só será verdadeiro para os rapazes, pois que as raparigas sempre têm na mãe o modelo dominante.

Outra questão que se levanta relativamente à influência dos contextos ambientais diz respeito ao facto de por um lado, as raparigas do estrato 2 se diferenciarem mais precocemente das figuras parentais do que os rapazes do seu estrato e do que as outras raparigas e de os rapazes do estrato 3 se diferenciarem mais precocemente do que os outros rapazes e raparigas. Face a esta constatação torna-se evidente que a predominante influência materna que se observa no estrato 2 é favorável às raparigas e não aos rapazes e ainda que a mais elevada percentagem de tempo de exposição a

modelos adultos contrastados que se verifica no estrato 3 com a presença conjunta de pai e mãe favorece mais os rapazes do que as raparigas.

Isto, como vimos, reflecte-se também no modo como estes dois grupos abordam as questões sociais que se lhes oferecem.

Concluímos portanto que as variáveis de contexto são mais favoráveis a estes dois grupos – raparigas do estrato 2 e rapazes do estrato 3 – que no entanto pertencem a estratos diferentes e portanto estão expostos a variáveis de contexto de diferente distribuição.

Todavia, esta exposição a adultos tem os seus aspectos negativos já que os rapazes do estrato 3 são os que mais tardiamente se apercebem das mudanças que neles ocorrem. Provavelmente a esta grande percentagem de exposição a adultos vem acrescentar-se o facto de estes rapazes raramente estarem sós ou com coetários o que não lhes deixa muita oportunidade nem para a reflexão sobre si próprios nem para as comparações com coetários quanto ao processo de desenvolvimento. De resto os rapazes não tendem, tão amplamente como as raparigas, a ter conversas íntimas com amigos e se o contexto ambiental o não propiciar, isso não será certamente procurado pelos rapazes. Todavia, os rapazes do estrato 3 constituem, neste aspecto uma excepção entre os rapazes por tenderem a apoiar-se nos amigos à medida que o desenvolvimento progride.

Podemos certamente dizer que a exposição a agentes de socialização horizontais favorece uma autonomização mais rápida. Mas isto é verdade apenas para as raparigas uma vez que no sexo feminino a necessidade de diferenciação relativamente à mãe se encontra com uma motivação evidente de socialização fora do meio familiar, na tentativa de formar uma identidade independente. Foi o que constatámos nas raparigas do estrato 1 que se

autonomizam com o suporte dos coetários. Todavia também verificámos que esta autonomização rápida não conduz necessariamente ao desenvolvimento de uma identidade. Na verdade, no estrato 1, as relações com as figuras significativas, particularmente no sexo feminino, não se alteram qualitativamente. Assistimos sim a uma mudança dos parceiros relacionais dominantes que passam a ser os amigos, sem que haja uma verdadeira diferenciação das relações.

Também nos rapazes, ainda que as ligações às figuras parentais se alterem mais do que nas raparigas, verificámos uma tendência maior do que nos outros estratos para a utilização do estilo difusão no fim da pré-adolescência o que significa que estes jovens têm maiores probabilidades do que os dos outros estratos, de não desenvolver uma identidade, como antes referimos. Parece portanto que a socialização horizontal, favorecendo uma autonomização mais rápida, tende a manter os jovens na indefinição identitária.

Relativamente à percepção de mudança que como verificámos tende a ser mais efectiva nas raparigas do que nos rapazes, de um modo geral, os 13 anos constituem um momento privilegiado em que os jovens parecem estar mais atentos a si próprios do que em qualquer outra altura. Poucas diferenças existem entre estratos no que respeita ao momento de mais aguda percepção de mudança mas nos rapazes encontrámos dois factos dignos de nota: no estrato 3, exceptuando a mudança relativa à escola, a percepção mais intensa de mudança é atingida apenas aos 14 anos e no estrato 1 aos 11 anos ocorre a percepção mais intensa de mudança apenas a respeito do corpo.

É provável que os rapazes do estrato 3, pouco expostos a agentes de socialização horizontais, muito expostos a agentes de socialização adultos e gozando de raros momentos de solidão, não tenham tantas oportunidades de comparar o seu desenvolvimento físico com o dos outros nem de exercitar a auto-observação. Por outro lado, os rapazes do estrato 1 que nas outras variáveis atingem a mais aguda percepção de mudança pelos 13 anos, relativamente ao corpo, uma vez que estão bastante mais expostos a agentes de socialização horizontais, facilmente se aperceberão da importância que a compleição física tem na afirmação no seio do grupo e isso implicará uma maior expectativa relativamente ao desenvolvimento corporal que será intensamente escrutinado para depois conduzir à desilusão. Em contrapartida, no estrato 2 assistimos a uma notável coincidência no momento de aguda percepção de mudança quer no que se refere ao corpo, quer à amizade ou ainda à escola. É provável que a exposição a vários agentes de socialização e ainda a possibilidade de terem momentos de solidão lhes permitam, não só a auto-observação mas também a comparação com coetários do que resultará uma percepção mais próxima da realidade.

Nas raparigas observa-se uma grande uniformidade quanto ao momento mais agudo de percepção de mudança que coincide com os 13 anos para todas elas. A única excepção encontramo-la no estrato 3 cujas raparigas têm o momento alto de percepção de mudança apenas relativamente ao corpo aos 14 anos. Dado que a sensibilidade das raparigas aos contextos ambientais é mais acentuada que a dos rapazes, não encontramos razões para tão grande uniformidade. Podemos por a hipótese de que a percepção

de mudança acompanhe o ciclo biológico do desenvolvimento pubertário mas não temos dados que nos permitam tirar conclusões a este respeito e as raparigas do estrato 3 parecem contrariar esta hipótese.

O aspecto em que as raparigas mais se diferenciam é o que diz respeito à percepção de mudança relativamente à escola. É no estrato 1 que as raparigas mais consideram ter mudado no que respeita à escola e no estrato 2 que menos consideram ter mudado. Não surpreende que as raparigas do estrato 1 entendam ter mudado muito, provavelmente porque no seu meio social a importância conferida à formação escolar é diminuta. As raparigas do estrato 2, vimo-lo já, desinvestem a escola por um período muito curto e portanto não surpreende também que tenham uma percepção de mudança pouco acentuada, tanto mais que neste estrato social, as mães têm profissões que exigem formação escolar . Todavia, as raparigas do estrato 3 que têm uma percepção de mudança mais acentuada do que as do estrato 2, pertencem a um meio cultural mais elevado e as suas mães têm na maior parte das vezes formação superior e desempenham funções qualificadas.

Em suma: as diferenças que encontramos entre os diversos estratos e sexos quando relacionadas com as variáveis do contexto ambiental levantam muitas dúvidas que provavelmente se relacionam com a falta do estudo de questões mais do foro simbólico.

XI.11 - A Verificação das Hipóteses

A nossa hipótese inicial de que os jovens predominantemente expostos a meios de socialização horizontais tenderiam a desenvolver-se segundo o

estilo difusão foi apenas parcialmente confirmada. De facto, raros são os jovens que estão predominantemente expostos a meios de socialização horizontais. Mas há grandes diferenças entre a exposição percentual aos diferentes meios de socialização configurando contextos que diferenciam estratos de pertença. Portanto exprimimo-nos mais correctamente se dissermos que verificámos que a maior exposição percentual – quando comparamos os diferentes estratos relativamente às características do contexto ambiental – aos meios de socialização horizontais, favorece o posicionamento segundo o estilo difusão. Mas isto é mais acentuado no sexo masculino do que no sexo feminino. Não encontrámos diferenças entre o contexto de rapazes e raparigas de um mesmo estrato social e portanto apenas podemos concluir que o desenvolvimento resultante da interacção entre um sujeito e o seu contexto diferencia os sexos.

Não se verificou, como supuséramos, que os jovens predominantemente embebidos num meio de socialização vertical tendessem a desenvolver-se em forclusão, o que equivaleria a não desenvolver uma identidade e a manter uma identidade subsidiária da das figuras parentais.

A tendência natural dos jovens é evidentemente, a de se desenvolverem e portanto, de um modo geral, a de abandonar o estilo forclusão ou os estilos menos evoluídos, posicionando-se progressivamente de formas mais complexas como acontece em qualquer processo de desenvolvimento.

Como referimos, não são os jovens mais expostos a meios de socialização verticais que tendem a cristalizar-se em forclusão. São justamente os rapazes do estrato 3 que, estando quase todo o seu tempo social expostos a meios de socialização verticais, mais abdicam do estilo forclusão tornando-

se assim autónomos relativamente às concepções parentais, o que contraria radicalmente a nossa hipótese.

Porém isto não se verifica nas raparigas do estrato 3 nem nos rapazes do estrato 2, também predominantemente expostos a meios de socialização verticais.

As raparigas que mais prescindem do estilo forclusão são as do estrato 2 que estão muito expostas à figura materna mas gozam de momentos de solidão e de contacto com coetários. As outras mantêm médias de posicionamento em forclusão um pouco mais elevadas, quer estejam sobretudo expostas a meios de socialização verticais, como acontece no estrato 3, quer estejam muito expostas a meios de socialização horizontais como acontece no estrato 1.

Quanto aos rapazes do estrato 2, que estão tão expostos à figura materna como as raparigas do seu estrato e têm também tempos de solidão, parece a ausência do pai ser-lhes pouco favorável e fomentar um recuo no fim deste período de desenvolvimento que os coloca novamente na dependência parental.

Podemos portanto concluir que o contexto caracterizado por uma predominante exposição à figura materna, favorecendo a forte ligação à mãe, a exposição a coetários mas também os momentos de solidão de que gozam as raparigas do estrato 2 favorece o desenvolvimento da identidade. Todavia, no sexo masculino, estas condições ambientais tornam-se um óbice.

Em contrapartida o contexto caracterizado por uma predominante exposição a meios de socialização verticais, destacando-se nestes ambos os pais ou

mesmo toda a família, como acontece no estrato 3, favorece o desenvolvimento dos rapazes mas não o das raparigas.

Confirmámos obviamente a hipótese de que a tendência geral vai no sentido do aumento das médias do estilo evolutivo e a diminuição das médias do estilo difusão ao longo deste período. Ou seja: a evolução faz-se no sentido dos estilos menos complexos e com ausência de crise para os mais complexos e com presença de crise.

Mas constatámos também que, sobretudo no sexo masculino, o fim deste período coincide com um aumento das médias do estilo difusão o que faz pensar numa tendência para a reposição da situação inicial com a entrada num movo ciclo. Contudo, não nos é possível, com os dados de que dispomos verificar se a entrada na média adolescência repõe problemáticas que precisam de ser resolvidas seguindo a mesma ordenação de estilos dominantes, tanto mais que esta tendência se verifica, sublinhamos, sobretudo no sexo masculino.

Também confirmámos que o nível de organização identitária difere segundo o sexo de pertença e que de um modo geral as raparigas se desenvolvem mais favoravelmente do que os rapazes que tendem a manter-se dentro do universo parental.

Porém, se isto é quase geral quando nos referimos às relações inter-pessoais, no que respeita ao corpo, constatámos uma grande desvantagem nas raparigas que tendem a manter durante todo este período uma grande insatisfação. Mas evidentemente que também nestes aspectos as

constatações têm de ser sempre referenciadas não apenas ao sexo mas ao estrato de pertença de acordo com as características do contexto.

Sublinhemos uma vez mais que no que se refere às relações inter-pessoais as raparigas do estrato 2 fazem uma grande evolução do ponto de vista da diferenciação das relações com os diversos parceiros. Estas raparigas, chegadas ao fim deste período, são as que parecem mais satisfeitas com o corpo o que conduz à conclusão de que as suas condições de contexto ambiental são para o sexo feminino as mais favoráveis. As raparigas do estrato 1 parecem realizar uma autonomização rápida mas sem evolução das relações inter-pessoais e as raparigas do estrato 3 embora sempre diferenciem os parceiros relacionais uns dos outros, no fim deste período parecem entrar numa atitude de restrição relacional semelhante à que constatámos no sexo masculino.

Por outro lado, nos rapazes, que tendem para a restrição relacional realizam-se mudanças sobretudo no meio familiar e embora, no geral, não façam tantas mudanças como as raparigas, temos de destacar dois grupos por razões diversas. Os jovens do estrato 2 parecem fazer uma evolução tendente para uma autonomização mitigada e os do estrato 3 que parecem ter mudado mais do que os outros rapazes e manter relações diferenciadas com todos os parceiros.

Mais uma vez concluímos que entre todos parecem mais estabilizados os rapazes do estrato 3 e as raparigas do estrato 2.

Confirmámos portanto a nossa hipótese segundo a qual o desenvolvimento identitário varia segundo o estrato social de pertença. Mas, a hipótese de que seriam os estratos mais baixo e mais alto que tenderiam mais cedo a

atingir estilos mais evoluídos foi infirmada. De facto no sexo masculino o estrato 3 atinge mais cedo estilos mais evoluídos mas tal não se verifica no estrato 1 que tende a manter médias elevadas da utilização do estilo difusão. Por outro lado, no sexo feminino é justamente o estrato 2 que tende a atingir mais cedo estilos mais evoluídos.

Sublinhemos que estes dois grupos – rapazes do estrato 3 e raparigas do estrato 2 – são também os que têm um desenvolvimento mais favorável no que se refere à autonomização, à diferenciação relacional e à saída para o meio extra-familiar.

XI.12 - Conclusões

Chegámos a algumas conclusões mas levantámos igualmente inúmeras dúvidas no que respeita quer ao desenvolvimento da identidade quer ao desenvolvimento das relações significativas.

Constatámos ser este período marcado por grandes mudanças mas também por grande desorganização tal como refere Marcia (1983). Os padrões são difíceis de definir mas é possível observar que o principal movimento é o de diferenciação relativamente às figuras parentais e no caso das raparigas o investimento noutros parceiros relacionais exteriores ao meio familiar. A par disto dá-se um progressivamente maior investimento em questões que a sociedade vai proporcionando e que vão sendo abordadas de modo cada vez mais claro, complexo e autónomo relativamente às figuras parentais.

Tornámos claro que o contexto ambiental em que os jovens se desenvolvem tem uma enorme influência no desenvolvimento mas outra coisa não seria

de esperar. Todavia a nossa tentativa de definir operacionalmente as variáveis de contexto, embora tenha tido a virtualidade de fazer sobressair a enorme variabilidade de modos de desenvolvimento, findo este trabalho, revelou-se bastante insuficiente.

A constatação de que os diferentes contextos ambientais exercem diferente influência nos dois sexos, embora importante é de difícil explicação tanto mais que levanta dúvidas quanto às variáveis de contexto operacionalizadas. No entanto isto permitiu-nos chegar à constatação de que as condições de contexto que caracterizam o estrato 2 – grande influência materna, pouca exposição a meios de socialização horizontais e tempos de solidão mais extensos do que nos outros estratos – são mais favoráveis para as raparigas, enquanto as condições de contexto que caracterizam o estrato 3 – predominante exposição a meios de socialização verticais, destacando-se ambos os pais e mesmo toda a família – são mais favoráveis para os rapazes.

Verificámos também que a evolução das ligações às figuras significativas, assim como a da identidade, diferenciam estratos de pertença, caracterizados pelos seus contextos ambientais. Contudo apercebemo-nos também da clara diferença entre os sexos no que se refere ao desenvolvimento das ligações às figuras significativas e ainda ao desenvolvimento da identidade. Não conseguimos contudo articular claramente esta diferença desenvolvimental entre os sexos com uma diferença de contexto ambiental. Existem certamente diferenças no contexto de rapazes e raparigas que conduzam a uma diferenciação de género muito precocemente mas as nossas variáveis de contexto não são suficientemente finas que nos permitam detectar essas diferenças.

De um modo geral podemos dizer que de acordo com a evolução das variáveis referentes à ligação às figuras significativas e também de acordo com as variáveis referentes aos diversos domínios da identidade existe uma tendência para que as raparigas entrem na pré-adolescência pelo menos um ano mais cedo do que os rapazes. Estes, aos 11 anos, parecem ainda manter-se no período de latência. Mas isto levanta a questão de saber se tal diferença se deve a exigências de contexto diferentes segundo o sexo ou se se deve a uma puberdade que sabemos ser mais precoce e profunda nas raparigas do que nos rapazes.

A diferente evolução das ligações significativas permitiu-nos verificar como no sexo feminino se observa a erupção de uma sociabilidade intensa relativamente a coetários que passam a desempenhar um papel tão ou mais importante do que o da mãe o que não constatámos nos rapazes. Isto permitiu-nos concluir que os rapazes se mantêm geralmente muito mais ligados às figuras parentais enquanto as raparigas parecem autonomizar-se de uma forma mais clara. Além disso, nos rapazes, acontece uma progressiva restrição relacional enquanto nas raparigas podemos considerar uma maior abertura e diferenciação relacional. Dito de outro modo: as relações com as figuras significativas tornam-se, nas raparigas, mais específicas desempenhando funções diferenciadas.

No que se refere ao desenvolvimento da identidade apesar da verificação de que neste período existe um marcado desinteresse pela aprendizagem escolar que não diferencia sexos mas surge como uma invariante deste período de desenvolvimento em que as motivações são outras de índole diversa, as diferenças entre os sexos mostram que o trabalho realizado pelas raparigas sobre as relações pessoais é mais intenso do que o dos

rapazes. É clara nos rapazes todavia a manutenção de uma ligação intensa à mãe o que não se verifica, de um modo geral, nas raparigas.

Tornou-se também claro que apenas no sexo masculino existe uma mudança de objecto de identificação adulto, que sendo inicialmente a mãe passa depois a ser o pai, o que mostra como o desenvolvimento da definição da identidade de género diferencia os sexos. Evidenciámos também que existe uma progressão a acompanhar a subida de estrato no que se refere à mudança do objecto de identificação dominante que é mais tardia nos rapazes do estrato 1 do que em qualquer dos outros. Mas não pudemos articular de modo compreensível esta constatação com as condições de contexto que não apresentam igual ordenação.

A assunção de opções relativamente a problemas levantados pelo meio social circundante é como verificámos tendente a fazer desaparecer o estilo forclusão e até difusão e a substituí-los pelos moratória e evolutivo. Mas vimos que para além das diferenças entre sexos há marcadas diferenças entre estratos sociais dado que os seus contextos ambientais são diferentes e que os diferentes sexos não respondem de igual modo às condições de contexto.

Vimos ainda que os contextos ambientais que caracterizámos para cada estrato, não proporcionam igual desenvolvimento a rapazes e raparigas. Para os rapazes, um contexto ambiental caracterizado pela presença de adultos, particularmente de ambos os pais e de toda a família, favorecendo a exposição a diferentes papéis e interacções – tal como acontece no estrato 3 – revela-se favorável. Para as raparigas um contexto em que a exposição à figura materna é dominante e em que existe a possibilidade de momentos de solidão – como acontece no estrato 2 – revela-se favorável. Estes mesmos

contextos revelam-se todavia desfavoráveis às raparigas, no estrato 3 e aos rapazes, no estrato 2.

As parcas conclusões conduzem-nos a levantar múltiplas questões que exigiriam outras tantas investigações. Tornou-se-nos difícil de compreender que a Vinculação à mãe, em ambos os sexos mas particularmente nos rapazes, aumente com a subida de estrato tendo em conta que isso não é correlativo de uma progressivamente mais ampla exposição à figura materna. Parece a ligação à mãe ser determinada também por outras variáveis que não foram por nós controladas. Talvez fosse pertinente questionar o estatuto simbólico da mulher e da mãe dentro da família em cada estrato.

Outra questão que se revelou surpreendente foi a da constatação de que nos rapazes do estrato 1 e nas raparigas do estrato 2 há uma semelhança no que se refere à variação simétrica das intensidades da Vinculação ao pai e à mãe a configurar o conflito edipiano que não encontrámos nos outros grupos. É possível que isto se deva a interacções diferenciadas entre os pais e os filhos dependentemente do seu sexo de pertença. Mas isto não é passível de compreensão apenas com os dados de que dispomos.

Referências

Adams, G. (1992)- Introduction and Overview. In Adams, G.; Gullotta, T; Montemayor, R. (Eds.) *Adolescent Identity Formation*, Newbury Park, California, Sage Publications

Adelson, J.; **Doherman**, M. (1980)- The Psychodynamic Approach to Adolescence. In Adelson, J. (Ed), *Handbook of Adolescent Psychology,* New York , John Wiley & Sons

Archer, S.; **Waterman**, A. (1983)- Identity in Early Adolescence: A Developmental Perspective. *Journal of Early Adolescence,* Vol.3, Nº3: 203-214

Archer, S. (1992)- A feminist's aproach to identity research. In Adams, G.; Gullotta, T.; Montemayor, R. (Eds), *Adolescent Identity Formation* Newbury Park, CA: Sage

Armsden, G.C.; **Greenberg**, M.T. (1987a)- The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual Differences and Their Relationship to Psychological Well-Being in Adolescence. *Journal of Youth and Adolescence,* Vol.16, Nº 5: 427-454

Armsden, G.C.; **Greenberg**, M.T. (1987b)- *Inventory of Parent and Peer Attachment: Mother, Father and Peer Version.* Dept. of Psychology. University of Washington

Armsden, G.C.;**McCauley**, E.;**Greenberg**, M.T.;**Burke**, P.;**Mitchell**, J.(1991)- Parent and Peer Attachment in early adolescence depression. *Journal of Youth and Adolescence*, 18: 683-692

Bairrão, J. (1992)- Psicologia do desenvolvimento e psicologia da educação:

O caso da educação e cuidados pré-escolares. *Inovação*, 5,1:59-80

Beiser, H.R. (1980)- Ages Eleven to Fourteen, In Greenspan,S.I.; Pollock,G.H (Ed.)*The Course of Life: Adolescence*, Madison, Connecticut, International Universities Press

Berkowitz, D.; **Shapiro**, R.; **Zinner**, J.; **Shapiro**, E. (1974)- Family Contributions to Narcissistic Disturbances in Adolescents. *International Review of Psycho-Analysis*, 1: 353-362

Berzoff, J. (1989)- The Role of Attachments in Female Adolescent Development. In *Child and Adolescent Social Work Journal*, Sum., Vol.6(2): 115-125

Berzonsky, M.D.; **Lombardo**, J. (1983)- Pubertal Timing and Identity Crisis: A Preliminary Investigation. *Journal of Early Adolescence,* Vol. 3, N°3: 239-246

Berzonsky, M.D. (1986)- Discovery Versus Construtivist Interpretations of Identity Formation: Consideration of Additional Implications, *Journal of Early Adolescence*, Vol.6, N°2: 111-117

Berzonsky, M.D.; **Neimeyer**, G.J. (1988)- Identity status and personal construct systems. *Journal of Adolescence*, 11: 195-204

Berzonsky, M.D.; **Rice**, K.G.; **Neimeyer**, G.J. (1990)- Identity status and Self-construct systems: process X structure interactions. *Journal of Adolescence*, 13: 251-263

Birraux, A. (1994)- *L'Adolescent Face à son Corps,* Paris, Bayard

Blos, P. (1958)- Organização dos Impulsos da Pré-Adolescência, *Transição Adolescente*, Porto Alegre, 1996, Artes Médicas

Blos, P. (1962)- *On Adolescence: A Psychoanalytic Interpretation*, New York,

Free Press

Blos, P. (1965)- The Initial Stage of Male Adolescence, *The Psychoanalytic Study of the Child*, 20:145

Blos, P. (1967)- The Second Individuation Process of Adolescence, *The Psychoanalitic Study of The Child*, 22: 162

Blos, P. (1968)- Caracter Formation in Adolescence, *The Psychoanalytic Study of the Child,* 23: 245

Blos, P. (1972)- The Function of Ego Ideal in Adolescence, *The Psychoanalytic Study of the Cild,* 27: 93-97

Blos, P. (1976)- The Split Parental Imago in Adolescent Social Relations: An Inquiry Into Group Psychology, *The Psychoanalytic Study of the Child,* 31: 7-33

Blos, P. (1979)- *The Adolescent Passage: Developmental Issues*, New York, International Universities Press.

Blos, P. (1985)- The Role of the Early Father in Male Adolescent Development, In Greenspan,S.I.; Pollock, G.H.(Ed.) *The Course of Life: Adolescence.* Madison, Connecticut , International Universities Press, 1991

Bosma, H.A. (1985)- *Identity Development in Adolescence: Coping With Commitments.* , Groningen, Groningan University Press

Bosma, H.A.(1992)- Identity in Adolescence: Managing Commitments In G. Adams, T. Gullotta, R. Montemayor (Ed.) *Adolescent Identity Formation*, California , Sage Publications

Braconnier, A. & **Marcelli,** D. (2000)- *As mil faces da adolescência*. Lisboa Climepsi Editores

Bronfenbrenner, U. (1986)- Alienation and the Four Worlds of Childhood. In Muss, R.E. (Ed.) *Adolescent behavior and Society:A Book of Readings*, McGraw-Hill, 1990

Bronfenbrenner, U. (1979)- *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design.* Massachussetts, Havard University Press

Bronfenbrenner, U. (1993)- The Ecology of Cognitive Development: Research Models and Fugitive Findings. In Wozniak, R.; Fisher, K. (Ed.) *Development in Context: Acting and Thinking in Specific Environments,* Hillsdale, New Jersey, Lawrence Erlbaum Assotiates

Bronfenbrenner, U. (1995)- The Bioecological Model From a Life Course Perspective: Reflexions of a Participant Observer , In Moen, P.; Elder Jr., G.H.; Luscher, K.(Ed.), *Examining Lives in Context:: Perspectives on the Ecology of Human Development,* Washington D. C., American Psychological Association

Bronfenbrenner, U. (1995)- Developmental Ecology Trough Space and Time: A Future Perspective. In Moen, P.; Elder Jr., G.H.; Luscher, K. (Ed), *Examining Lives in Context: Perspectives on the Ecology of Human Development,* Washington D. C., American Psychological Association

Bukowsky, W., **Newcomb**, A. (1983)- The Association Between Peer Experiences and Identity Formation in Early Adolescence. *Journal of Early Adolescence,* Vol. 3, Nº3: 265-274

Coimbra de Matos, A. (2002)- *Adolescência: O triunfo do pensamento e a descoberta do amor*. Lisboa, Climepsi Editores

Coimbra de Matos, A. (1996)- Percursos da identidade: processos

transformadores. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, (11), 23-33

Coleman, J. (1974)- *Relationships in adolescence*. London, Routledge & Kegan, P.

Coleman, J. (1978)- Current Contraditions in Adolescent Theory. *Journal of Youth and Adolescence,* 7: 1-12

Costa, M.E. (1991)- *Contextos Sociais de Vida e Desenvolvimento da Identidade,* Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica

Coté, J.; **Levine**, C. (1988)- A critical examination of the ego identity status paradigme. *Developmental Review,* 7: 273-352

Cotterell, J. (1996)- *Social Networks and Social Influences in Adolescence.* London, Routledge

Dahl, E.K. (1995)- Daughters and Mothers. *Psychoanalitic Study of the Child,* 50: 187-204

Damon, W. (1983)- *Social and personality development*. New York. Norton

Dishion, T.J.; **Andrews**, D.W.; **Crosby**, L. (1995)- Antisocial Boys and Their Friends in Early Adolescence: Relationship Characteristics, Quality, and Interactional Process. *Child Development,* 66, 139-151

Douvan, E.; **Adelson**, J. (1966)- *The Adolescent Experience*. New York, Wiley

Dunphy, D. (1972)- Peer Group Socialization, In Muss,R.(Ed.) *Adolescent Behavior and Society,* 1990, McGraw-Hill

Duncan, P.D.; **Ritter**, P.L.; **Dornbusch**, S.M.; **Gross**, R.T.; **Carlsmith**, J.M. (1985)- The Effects of Pubertal Timing on Body Image, School Behavior and Deviance. *Journal of Youth and Adolescence.* 14, 227-235

Erikson, E. (1950)- *Enfance* et *Société*, Neuchâtel-Paris, Delachaux et Niestlé, 1995

Erikson, E. (1950)- Grouth and Crises of the Healthy Personality. *Identity the Life Cycle*, London, W.W. Norton & Company, 1980

Erikson, E. (1956)- The Problem of Ego Identity. *Identity and the Life Cycle* London, Ed. W.W. Norton & Company, 1980

Erikson, E. (1968)- *Identity: Youth and Crises,* New York, W.W. Norton

Erwin, P. (1998)- *Friendship in Childood and Adolescence*, London, Routledge

Fonseca, E.M. (2001) – *Adolescentes Amblíopes: as relações com as figuras parentais e pares*. Dissertação de Mestrado.

Flum, H. (1993)- The Evolutive Style of Identity Formation. *Journal of Youth and Adolescence*, Vol.23, N° 4

Freud, A. (1946)- *Le moi et les mécanismes de défense*. Paris. P.U.F., 1975

Freud, A. (1958)- Adolescence In *Psychoanalitic Study of the Child, 13:255*

Freud, S. (1900)- *L'Interprétation des Rêves*, Paris, P.U.F., 1973

Freud, S. (1926)- Conferência à Associação B' Nai B' Rith. Obras Completas

Geada, M. (1990)- Padrões de vinculação afectiva e níveis de desenvolvimento do auto-conhecimento em toxicodependentes e não-toxicodependentes. *Jornal de Psicologia,* 9, 4/5, 14-18.

Gilligan, C. (1982)- New Maps of Development: New Visions of Maturity. In Muss, R.(Ed.) *Adolescent Behavior and Society*, McGraw-Hill, 1990

Graafsma, T.; **Bosma**, H.(1989)- Explorations in Identity (policopiado)

Graafsma, T.; **Bosma**, H.; **Grotevant**, H.; **de Levita**, D. (1994)- Identity and Development: An Interdisciplinary View. *Identity and Development: An Interdisciplinary Aproach,* London, Sage Focus Edition

Greenberg, M.; **Siegel**, J.; **Leitch**, C. (1983)- The Nature and Importance of

Attachment Relationships to Parents and Peers During Adolescence. *Journal of Youth and Adolescence,* Vol.12, N°5: 373-386

Greif, E.; **Ulman**, K. (1982)- The psychological impact of menarche on early adolescent females: A review of the literature. *Child Development*, 53(6), 1413-1430

Grinder, R.E.(1970)- The promise of Critical Literacy for Irrelevant Adolescents. In Muss, R.E.(Ed.) *Adolescent behavior and Society:A Book of Readings*, McGraw-Hill, 1990

Grotevant, H.; **Thorbecke**, W. (1982)- Sex differences in styles of occupacional identity formation on late adolescence. *Developmental Psychology,* 18: 396-405

Grotevant, H. (1983)- The Contribution of the Family to the Facilitation of Identity Formation In Early Adolescence. *Journal of Early Adolescence,* Vol.3, N°3: 225-237

Grotevant, H.; **Cooper**, C. (1986)- Individuation in Family Relationships. *Human Development, 29:82-100*

Grotevant, H. (1987)- Toward a Process Model of Identity Formation. *Journal of Adolescence Research*, Vol.2, N°3: 203-222

Grotevant, H. (1992)- Assigned and Chosen Identity Components: A Process perspective on Their Integration. In Adams,G.; Gullotta,T.; Montemayor, R. (Eds.), *Adolescent Identity Formation*, Newbury Park, California, Sage Publications

Hamachek, D.E. (1988)- Evaluating Self-Concept and Ego Development Within Erikson's Psychosocial Framework: A Formulation. *Journal*

of Counseling and Development, Vol. 66: 354-360

Hamburg, D.A.(1986)- Preparing for Life: The Critical Transition of Adolescence. In Muss, R. E. *Adolescent Behavior and Society: A Book of Readings,* McGraw-Hill, 1990

Harley, M. (1970)- On some problems of technique in the analysis of early adolescence. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 25: 99-121

Hartmann, H. (1939)- Ego psychology and the problem of Adaptation. *Organization and Pathology of Thought.* D. Rapaport, ed. New York. Columbia University Press, 1951.

Jackson, E.; **Dunham**, R.; **Kidwell**,J. (1990)- The Effects of Gender and of Family Cohesion and Adaptability On Identity Status. *Journal of Adolescent Research*, Vol.5(2). 161-174

Jackson, S.; **Rodriguez-Tomé**, H. (1993)- Adolescence: Expanding Social Worlds, In Ed. Sandy e Rodriguez-Tomé *Adolescence and its Social Worlds,* Hove, Hillsdale, Laurence Erlbaum Associates

James, M. (1964)- Interpretation and management in the treatment of preadolescents: The handling of pre-oedipal and oedipal material in child development and psychoanalysis. *International Journal of Psychoanalysis,* 45: 499-511

Josselson, R.; **Greenberger**, E.; **McConochie**, D. (1977a)- Phenomenological aspects of psychosocial maturity in adolescence. Part I: Boys. *Journal of Youth and adolescence.* 6, 25-56.

Josselson, R.; **Greenberger**, E.; **McConochie**, D. (1977b)- Phenomenological aspects of psychosocial maturity in adolescence. Part II: Girls. *Journal of Youth and adolescence.* 6, 145-167.

Josselson, R. (1980)- Ego Development in Adolescence. In Adelson, J. (Ed.),

Handbook of Adolescent Psychology, New York, Wiley & Sons

Josselson, R. (1987)- *Finding Herself: Pathways to Identity Development in Women.* New York, John Wiley

Juhasz, A.(1982)- Early Adolescents and Society : Implications of Eriksonian Theory. *Journal of Early Adolescence,* Vol.2, N°1: 15-24

Kegan, R. (1980)- Making meaning: the constructive-developmental approach to persons and practice. *The Personnel and Guidance Journal*, 58: 373-80

Kestenberg, J.S.(1991)- Eleven, Twelve, Thirteen: Years of Transition from the Barrenness of Childhood to the Fertility of Adolescence. In Greenspan, S.I.& Pollock, G.H. (Ed.), *The Course of Life, Vol. IV, Adolescence*, Connecticut, International Universities Press

Kohlberg, L. (1973)- The Cognitive-Developmental Approach to Moral Education. In Muss,R.(Ed.) *Adolescent Behavior and Society,* McGraw--Hill, 1990

Kohut, H. (1971)- *The Analysis of the Self,* International Universities Press, New York

Kroger, J. (1989)- *Identity in Adolescence: The Balance Between Self and Other.* London, Routledge

Kroger J. (1990)- Ego strturalization in late adolescence as seen through early memories and ego identity status. *Journal of Adolescence,* N° 13: 65-77

La Voie, J. (1994)- Identity in adolescence: Issues of theory, structure and transition. *Journal of Adolescence,* 17: 17-28

Loevinger, J. (1990)- Ego Development in Adolescence. In Muss,R.(Ed.) *Adolescent Behavior and Society,* McGraw-Hill, 1990

Mahler, M. (1967)- On Human Symbiosis and the Vicissitudes of Individuation. *Journal of the American Psychoanalitic Association, 16:740*

Mahler, M.; **Pine**, F.; **Bergman**, A. (1975)- *The Psycological Birth of the Human Infant.* New York, Basic Books

Malpique, C. (2003)- *O fantástico mundo de Alice. Estudos sobre a puberdade feminina.* Lisboa, Climepsi Editores

Malpique, C. (2003)- Risco psiquiátrico na puberdade adiantada. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, Vol. 5, nº 2, Jul./Dez.

Marcia, J. (1964)- *Determination and construct validity of ego identity status.* Doctoral dissertation, Ohio State University

Marcia, J. (1966)- Development and Validation of Ego Identity Status. *Journal of personality and Social Psychology*, 3, 551-558

Marcia, J. (1983)- Some Directions for the Investigation of Ego Development in Early Adolescence. In *Journal of Early Adolescence*, Vol.3, Nº3: 215-223

Matteson, D. (1977)- Exploration and commitment: Sex differences and Methodological problems in the use of identity status categories. *Journal of Youth and Adolescence*, 6: 353-374

Matteson, D. (1985 b)- Sex differences in identity formation: A challenge to the theory. In Marcia, J.; Waterman, A. & Matteson, D. (Ed.s) *Ego Identity Handbook for psychological research.* Hillsdale, Laurence Earlbaum

Montemayor, R. (1983)- Parents and Adolescents in Conflit, In Muss, R.E. (Ed.) *Adolescent Behavior and Society,* McGraw-Hill, 1990

Muss, R. E. (1990)- The Adolescent's Role in Life and in Society. In Muss,

R.E. (Ed.) *Adolescent Behavior and Society*, McGraw-Hill

Nave, F. (2001) – *Os padrões das relações dos adolescentes com hipoacúsia com a sua família e os seus pares*. Dissertação de Mestrado

Neves, M. (1995)- *Suporte emocional na adolescência. A importância dos pais e dos amigos em momentos de transição escolar.* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Neves, M.; **Soares**, I.; **Silva**, M.C. (1999)- Inventário da Vinculação na Adolescência – I.P.P.A. Simões, Gonçalves, Almeida (Eds.). *Testes e provas Psicológicas em Portugal* (vol. 2). Braga: APPORT/SHO.

O'Brien, S.; **Bierman**, K. (1988)- Conceptions and Percieved Influence of Peer Groups: Interviews With Preadolescents and Adolescents. *Child Development*, 59, 1360-1365

Offer, D.; **Offer**, J.B. (1975)- *From teenage to young manhood.* New York. Basic Books

Offer, D. (1980)- Adolescent Development: A Normative Perspective. In Greenspan, S.I.; Pollock, G.H. (Ed.) *The Course of Life: Adolescence.* Madison, Connecticut, International Universities Press

Palmonari, A.; **Pombeni**, M.L.; **Kirchler**, E. (1990)- Adolescent and their peer groups: A study on significance of peers, social categorization processes and coping with developmental tasks. *Social Behavior*, 5, 116-131

Papini, D.; **Sebby**, R.; **Clark**, S. (1989)- Affective Quality of Family Relations and Adolescent Identity Exploration. In *Adolescence*. Vol.24(94), 457-466

Piaget, J.(1972)- Intellectual Evolution from Adolescence to Adulthood In Muss, R.E. (Ed.)*Adolescent Behavior and Society: A Book of*

Readings, McGraw-Hill, 1990

Pires e Sousa, M.C. (2001) – *Padrões das relações afectivas do adolescente com paralisia cerebral.* Dissertação de Mestrado

Raphael, D.; **Xelowsky**, H.(1977)- Identity status in high school students: Critique and revised paradigme. *Journal of Youth and Adolescence.* 9: 383-389

Ritter, P.L.; **Dornbusch**, S.M.; **Gross**, R.T.; **Carlsmith**, J.M. (1985)- The Effects of Pubertal Timing on Body Image, School Behavior, and Deviance. *Journal of Youth and Adolescence.* 14, 227-235

Schafer, R. (1973)- Concepts of Self and Identity and The Experience of Separation-Individuation in Adolescence, *Psychoanalytic Quarterly*, 42:42

Schave,D.; **Schave**,B.(1989)- *Early Adolescence and the Search for Self: A Developmental Perspective*, New York , Praeger

Schulthreiss, D.; **Blustein**, D. (1994)- Contributions of Family Relationship Factors to the Identity Formation Process. *Journal of Counseling and Development*, Vol.73(2), 159-166

Silbereisen, R.K.; **Kracke**, B. (1993)- Variation in Maturational Timing and Adjustment in Adolescence. *Adolescence and its Social Worlds.* Hove. Lawrence Earlbaum Associates Lda. Publishers

Sklansky, M.A.(1980)- The Pubescent Years: Eleven to Fourteen, In *The Course of Life: Adolescence*; Greenspan, S.I.; Pollock, G.H. (Ed.) Madison, Connecticut,International Universities Press, 1991

Soares, I. (1992)- *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional mãe-filho.* Faculdade de Psicologia e Ciências da

Educação da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento

Sprinthall, N.A. e **Collins,** W.A. (1988)- *Psicologia do Adolescente: Uma Abordagem desenvolvimentista.* Lisboa, 1994, Fundação Calouste Gulbenkian

Streitmatter, J. (1989)- Identity Development and Academic Achievement in Early Adolescence. In *Journal of Early Adolescence*, Vol.9:99-111

Tanner, J. (1971)- Sequence, Tempo and Individual Variation in Growth and Development of Boys and Girls Aged Twelve to Sixteen. In Muss, R.E.(Ed.) *Adolescent Behavior and Society: A Book of Readings*, McGraw-Hill, 1990

Waterman, A. (1982)- Identity Development from Adolescence to Adulthood: An extension of theory and a review of research, *Developmental Psychology,* 1982, 18, p.341-358

Waterman, A. (1985)- Identity in Adolescence: Process and contents, *New Directions for Child Development*, San Francisco, Jossey-Bass

Youniss, J.; **Smollar**, J. (1985)- *Adolescent Relations with Mothers, Fathers and Friends,* Chicago, University of Chicago Press

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO PORTO

RELAÇÕES SOCIAIS, DINÂMICA FAMILIAR E ORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE EM PRÉ-ADOLESCENTES

Tese de Doutoramento

Anexos

Ângela Vila-Real

Dezembro de 2004

ANEXO 1

ENTREVISTA AO ADOLESCENTE

QUESTIONÁRIO D (2º e 3º ciclos)

IDENTIFICAÇÃO

Escola_____ **Ano/T.** _____ **D. T.** _____

Para iniciar a nossa entrevista gostaria que me desses algumas informações sobre ti. Vou então escrever o teu nome, a tua idade e a tua morada.

NOME_____

DATA DE NASCIMENTO_____ **IDADE** _____

MORADA_____

FREGUESIA _____ **TEL.** _____

INTEGRAÇÃO NA COMUNIDADE

1. Há quantos anos vives em Lisboa ? _____

2. Mudaste alguma vez de residência desde que nasceste ?

Sim ☐

Não ☐

SE SIM :

Quantas vezes ? _____

Há quanto tempo ? 1ª mudança _____
2ª mudança _____
3ª mudança _____
Outras _____

3. Há quantos anos vives no teu bairro ? _____

4. O que é que achas desta zona ? Como te sentes a viver aqui ?

1. Não gosto nada ☐
2. Gosto pouco ☐
3. Tanto me faz ☐
4. Gosto ☐
5. Gosto muito ☐

De que é que gostas mais no bairro onde moras ? _____
_____
_____

De que é que gostas menos no bairro onde moras ? _____
_____
_____

COMPOSIÇÃO DO AGREGADO DOMÉSTICO

5. Agora vamos passar às pessoas que vivem em tua casa. Gostaria que me dissesses, de toda a gente que lá vive, o nome, a idade e o grau de parentesco relativamente a ti.

		Casa A *	Casa B *
Elementos	**Nome**	**Idade**	**Idade**
1. Eu			
2. Mãe			
3. Pai			
4.			
5.			
6.			
7.			
8.			
9.			
10.			
11.			
12.			

Nota : De 4 a 12 – irmãos, avós e outros elementos.

* Em que dias da semana/mês estás na casa A ? _____
* Em que dias da semana/mês estás na casa B ? _____

6. Profissão da mãe _____

Profissão do pai _____

Em caso de pais separados :

7. Há quanto tempo os pais estão separados ? _____

Com que frequência estás com o pai/mãe ? _____

8. Há quanto tempo existe padrasto/madrasta ? _____

Profissão do padrasto _____
Profissão da madrasta _____

9. Das pessoas que vivem em tua casa, há alguém com alguma deficiência ou doença grave ?

Não há pessoas com deficiência ☐ Quem? O quê ?

Deficiência motora ☐ _____
Deficiência auditiva ☐ _____
Deficiência visual ☐ _____
Deficiência mental ☐ _____
Outra doença grave ☐ _____ _____
Toxicodependência ☐ _____

CONDIÇÕES DE VIDA

10. Gostaria que me dissesses quantas divisões tem a tua casa? _____
(excluindo casas de banho e cozinha)

11. Tens um quarto só para ti ? Sim ☐
Não ☐

Se não :

a) Com quem partilhas o quarto ? Irmãos ☐ _____
Pais ☐ _____
Avós ☐ _____
Outros ☐ _____

b) Tens uma cama só para ti ? Sim ☐
Não ☐

Se não :

c) Com quem partilhas a cama ? Irmãos ☐ _____
Pais ☐ _____
Avós ☐ _____
Outros ☐ _____

ROTINAS DIÁRIAS

Em relação às diferentes horas do dia, gostaria que me dissesses onde estiveste e com quem estiveste ?

12. Dormiste em tua casa ? Sim ☐
Não ☐ Onde dormiste ? _____

13. A que horas acordaste ? _____

14. Estava algum adulto em casa quando acordaste ? Sim ☐
Não ☐

Se sim :

Quem ? Mãe ☐
Pai ☐
Ambos ☐
Outros _____

15. A que horas saiu a tua mãe ? _____
e o teu pai ? _____

16. Ontem vieste à escola ? Sim ☐
Não ☐ (Passar à **pág. 7**)

Se sim :

17. A que hora saíste de casa para ires para a escola ? _____

18. Vieste sózinho ou acompanhado ? _____ Por quem ? _____

19. Meio de transporte utilizado ? _____

20. Quanto tempo demoraste no caminho ? _____

21. A que horas chegaste à escola ? _____

22. A que horas saíste das aulas da manhã ? _____

23. Ficaste na escola depois das aulas da manhã ou saíste ? _____

24. Saíste da escola sózinho ou acompanhado ? _____ Com quem ? _____

25. Onde estiveste ?
Especificar os locais, os horários e quem esteve presente (adultos, crianças, adolescentes)

Local	**Hora**	**Companhia**	**A fazer o quê**	**Companhia nas deslocações**

26. Onde almoçaste ontem ? _____ Com quem ? _____ A que horas ?___

27. Estava algum adulto presente ? Sim ☐ Quem ? _____
Não ☐

28. Voltaste para a escola de tarde ? Sim ☐ A que horas ? _____
Não ☐ (passar à questão **32**)

29. Vieste sózinho ou acompanhado ? _____ Com quem ? _____

30. A que horas saíste da escola depois das aulas da tarde ? _____

31. Saíste sózinho ou acompanhado ? _____ Com quem ? _____

32. Onde estiveste ?
Especificar os locais, os horários e quem esteve presente (adultos, crianças, adolescentes)

Local	**Hora**	**Companhia**	**A fazer o quê**	**Companhia nas deslocações**

33. Se estivesses sózinho e tivesses algum problema a quem pedias ajuda?

_____

34. Se precisasses sabias como havias de telefonar :

À tua mãe ☐ Outros _____
Ao teu pai ☐
À tua madrasta ☐
Ao teu padrasto ☐

35. Quem é que estava em casa quando chegaste ? _____

36. A que horas chegou a casa a tua mãe ? _____
E o teu pai ? _____

37. A que horas jantaste ? _____ Com quem jantaste ? _____

38. Quem estava em casa quando estavas a jantar ? _____

39. Depois do teu jantar, a tua mãe esteve em casa ? Sim ☐
Não ☐ A que horas chegou ? __

E o teu pai ? Sim ☐
Não ☐ A que horas chegou ? __

40. Onde estiveste depois do jantar ?

Especificar os locais, os horários e quem esteve presente (adultos, crianças, adolescentes)

Local	**Hora**	**Companhia**	**A fazer o quê**	**Companhia nas deslocações**

41. A que horas te deitaste ? _____

42. Alguém te mandou deitar ? Sim ☐ Quem ? _____

Não ☐

Se não foi à escola :

17. Onde passaste o dia ?

De manhã

Local	**Hora**	**Companhia**	**A fazer o quê**	**Companhia nas deslocações**

(Esclarecer se ficou sempre no mesmo local se a resposta se referiu a um só local)

De tarde

Local	**Hora**	**Companhia**	**A fazer o quê**	**Companhia nas deslocações**

(Esclarecer se ficou sempre no mesmo local se a resposta se referiu a um só local)

18. Onde almoçaste ? _____ Com quem ? _____ A que horas ?_____

19. Estava algum adulto presente ? Sim ☐ Quem ? _____

Não ☐

20. Se estivesses sózinho e tivesses algum problema a quem pedias ajuda?

_____

21. Se precisasses sabias como havias de telefonar :

À tua mãe ☐ Outros _____

Ao teu pai ☐

À tua madrasta ☐

Ao teu padrasto ☐

22. A que horas chegou a casa, depois do trabalho, a tua mãe ? _____

E o teu pai ? _____

23. A que horas jantaste ? _____ Com quem ? _____

24. Quem é que estava em casa quando estavas a jantar ? _____

25. Depois do teu jantar, a tua mãe esteve em casa ? Sim ☐
Não ☐ A que horas chegou ? __

E o teu pai ? Sim ☐
Não ☐ A que horas chegou ? __

26. Se nenhum dos dois esteve em casa, com quem ficaste ? _____

27. O que é que fizeste depois de jantar até ir para a cama ? _____

_____

28. A que horas foste para a cama ? _____

29. Alguém te deitou ? Sim ☐ Quem ? _____
Não ☐

30. Alguém te mandou deitar ? Sim ☐ Quem ? _____
Não ☐

ANEXO 2

I.P.P.A.

Instruções

Lê com muita atenção as frases que vamos dar-te e pensa até que ponto elas estão de acordo com o que tu sentes.

Em relação a cada frase faz um círculo à volta do número que corresponde <u>àquilo que tu sentes.</u>

Atenção: para cada pergunta apenas podes assinalar um número. Se tiveres alguma dúvida não hesites em perguntar.

A MINHA MÃE

	Nunca ou quase nunca	poucas vezes	às vezes	muitas vezes	sempre
1. A minha mãe respeita os meus sentimentos	1	2	3	4	5
2. Sinto que a minha mãe funciona bem como mãe	1	2	3	4	5
3. Gostava de ter uma mãe diferente	1	2	3	4	5
4. A minha mãe aceita-me tal como sou	1	2	3	4	5
5. Gosto de saber a opinião da minha mãe acerca das coisas que me dizem respeito	1	2	3	4	5
6. Acho que não vale a pena mostrar o que sinto à minha mãe	1	2	3	4	5
7. A minha mãe não percebe bem quando estou preocupado/a com alguma coisa	1	2	3	4	5
8. Falar dos meus problemas com a minha mãe faz-me sentir com vergonha ou palerma	1	2	3	4	5
9. A minha mãe espera demasiado de mim	1	2	3	4	5
10. Aborreço-me depressa quando estou com a minha mãe	1	2	3	4	5
11. muitas vezes estou preocupado/a e a minha mãe não sabe de nada	1	2	3	4	5
12. Quando conversamos a minha mãe presta atenção ao meu ponto de vista	1	2	3	4	5
13. A minha mãe confia na minha maneira de pensar	1	2	3	4	5

	Nunca ou quase nunca	poucas vezes	às vezes	muitas vezes	sempre
14. Como a minha mãe tem lá os problemas dela, eu não a incomodo com os meus	1	2	3	4	5
15. A minha mãe ajuda-me a compreender-me melhor a mim próprio/a	1	2	3	4	5
16. Converso com a minha mãe acerca dos meus problemas e aborrecimentos	1	2	3	4	5
17. Sinto-me zangado/a com a minha mãe	1	2	3	4	5
18. A minha mãe não me dá muita atenção	1	2	3	4	5
19. A minha mãe ajuda-me a falar com ela acerca das minhas dificuldades	1	2	3	4	5
20. A minha mãe compreende-me	1	2	3	4	5
21. Quando estou zangado/a a minha mãe compreende o que estou a sentir	1	2	3	4	5
22. Tenho confiança na minha mãe	1	2	3	4	5
23. A minha mãe não percebe o que me acontece	1	2	3	4	5
24. Quando preciso de desabafar, conto com a minha mãe	1	2	3	4	5
25. Quando a minha mãe sabe que estou preocupado/a com alguma coisa, pergunta-me o que se passa.	1	2	3	4	5

O MEU PAI

	Nunca ou quase nunca	poucas vezes	às vezes	muitas vezes	sempre
1. O meu pai respeita os meus sentimentos	1	2	3	4	5
2. Sinto que o meu pai funciona bem como pai	1	2	3	4	5
3. Gostava de ter um pai diferente	1	2	3	4	5
4. O meu pai aceita-me tal como sou	1	2	3	4	5
5. Gosto de saber a opinião do meu pai acerca das coisas que me dizem respeito	1	2	3	4	5
6. Acho que não vale a pena mostrar o que sinto ao meu pai	1	2	3	4	5
7. O meu pai não percebe bem quando estou preocupado/a com alguma coisa	1	2	3	4	5
8. Falar dos meus problemas com o meu pai faz-me sentir com vergonha ou palerma	1	2	3	4	5
9. O meu pai espera demasiado de mim	1	2	3	4	5
10. Aborreço-me depressa quando estou com o meu pai	1	2	3	4	5
11. Muitas vezes estou preocupado/a e o meu pai não sabe de nada	1	2	3	4	5
12. Quando conversamos o meu pai presta atenção ao meu ponto de vista	1	2	3	4	5
13. O meu pai confia na minha maneira de pensar	1	2	3	4	5

	Nunca ou quase nunca	poucas vezes	às vezes	muitas vezes	sempre
14. Como o meu pai tem lá os problemas dele, eu não o incomodo com os meus	1	2	3	4	5
15. O meu pai ajuda-me a compreender-me melhor a mim próprio/a	1	2	3	4	5
16. Converso com o meu pai acerca dos meus problemas e aborrecimentos	1	2	3	4	5
17. Sinto-me zangado/a com o meu pai	1	2	3	4	5
18. O meu pai não me dá muita atenção	1	2	3	4	5
19. O meu pai ajuda-me a falar com ela acerca das minhas dificuldades	1	2	3	4	5
20. O meu pai compreende-me	1	2	3	4	5
21. Quando estou zangado/a o meu pai compreende o que estou a sentir	1	2	3	4	5
22. Tenho confiança no meu pai	1	2	3	4	5
23. O meu pai não percebe o que me acontece	1	2	3	4	5
24. Quando preciso de desabafar, conto com o meu pai	1	2	3	4	5
25. Quando o meu pai sabe que estou preocupado/a com alguma coisa, pergunta-me o que se passa.	1	2	3	4	5

OS MEUS AMIGOS

	Nunca ou quase nunca	poucas vezes	às vezes	muitas vezes	sempre
1. Gosto de conhecer as opiniões dos meus amigos	1	2	3	4	5
2. Os meus amigos percebem quando estou aborrecido/a	1	2	3	4	5
3. Quando conversamos, os meus amigos tentam perceber o meu ponto de vista	1	2	3	4	5
4. Falar dos meus problemas com os meus amigos faz-me sentir com vergonha ou palerma	1	2	3	4	5
5. Gostava de ter amigos diferentes	1	2	3	4	5
6. Os meus amigos compreendem-me	1	2	3	4	5
7. Os meus amigos encorajam-me a falar das minhas dificuldades	1	2	3	4	5
8. Os meus amigos aceitam-me tal como sou	1	2	3	4	5
9. Sinto necessidade de estar mais com os meus amigos	1	2	3	4	5
10. Os meus amigos não compreendem o que se passa comigo	1	2	3	4	5
11. Quando estou com os meus amigos sinto-me só e à parte deles	1	2	3	4	5
12. Os meus amigos ouvem o que tenho para dizer	1	2	3	4	5
13. Os meus amigos são bons amigos	1	2	3	4	5

	Nunca ou quase nunca	poucas vezes	às vezes	muitas vezes	sempre
14. É fácil conversar com os meus amigos	1	2	3	4	5
15. Quando estou zangado/a com alguma coisa, os meus amigos tentam compreender-me	1	2	3	4	5
16. Os meus amigos ajudam-me a compreender-me melhor a mim próprio/a	1	2	3	4	5
17. Os meus amigos preocupam-se com o meu bem-estar	1	2	3	4	5
18. Sinto-me zangado/a com os meus amigos	1	2	3	4	5
19. Posso contar com os meus amigos quando tenho necessidade de desabafar	1	2	3	4	5
20. Confio nos meus amigos	1	2	3	4	5
21. Os meus amigos respeitam os meus sentimentos	1	2	3	4	5
22. Não demonstro aos meus amigos quando estou aborrecido/a	1	2	3	4	5
23. Os meus amigos irritam-se comigo por causa de "coisinhas" sem importância	1	2	3	4	5
24. Posso contar aos meus amigos os meus problemas e chatices	1	2	3	4	5
25. Quando os meus amigos sabem que estou preocupado/a com alguma coisa perguntam-me o que é que se passa	1	2	3	4	5

ANEXO 3

ANÁLISE FACTORIAL DO IPPA

Análise dos Componentes Principais

Variância Total Explicada

Componentes	Valores de Eigen Iniciais			Extracção dos Pesos		
	Total	% de Variância	% Cumulativa	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	40.207	53.609	53.609	40.207	50.609	53.609
2	14.656	19.541	73.150	14.656	19.541	73.150
3	7.014	9352	82.501	7.014	9352	82.501

Variância Total Explicada Após Rotação Varimax

Componentes	Rotação		
	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	23.12	30.816	30.816
2	19.928	26.571	57.387
3	18.824	25.099	82.486

Matriz de Componentes após Rotação Varimax com Normalização de Kaiser Convergência em 6 iterações

	Componentes		
	1	2	3
P17	.967		
P13	.967		
P15	.967		
P16	.967		
P1	.959		
P6	.940		
P10	.938		
P2	.938		
P5	.938		
P4	.937		
P1	.937		
P12	.937		
P22	.934		
P19	.932		
P8	.932		
P9	.912		
P11	.911		
P3	.910		
P14	.909		
P25	.906		
P23	.903		
P24	.889		
P20	.883		
P18	.864		
P21	.862		
A8		.907	
A20		.907	
A25		.907	
A16		.907	
A15		.907	
A24		.907	
A19		.907	
A1		.874	
A3		.874	

Continuação	Componentes		
	1	2	3
A2		.874	
A22		.854	
A23		.850	
A14		.848	
A17		.829	
A13		.821	
A12		.814	
A4		.806	
A18		.775	
A21		.774	
A11		.765	
A9		.752	
A7		.752	
A5		.732	
A6		.707	
A10		.663	
M25			.915
M15			.915
M1			.915
M2			.876
M14			.876
M11			.838
M4			.830
M6			.830
M19			.830
M20			.827
M16			.817
M17			.810
M12			.810
M7			.774
M8			.773
M13			.773
M18			.772
M21			.764
M24			.755
M9			.722
M22			.722
M3			.678
M10			.670
M23			.664
M5			.647

ANEXO 4

DIFERENÇAS DE MÉDIAS NO IPPA

Quadro 1a

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 1
11 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação ao pai –	9	83,44	14,43	2,37	8	0,05
Vinculação a amigos	9	70,56	13,11			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 1b

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 1
11 anos
Teste de Wilcoxon

Pares de Variáveis	N		Média das ordens	P
Alienação a amigos –	Dif. Negativas	2	3,50	0,01
Alienação à Mãe	Dif. Positivas	10	7,10	
	Empates	0		
Alienação a amigos –	Dif. Negativas	1	1,00	0,007
Alienação ao Pai	Dif. Positivas	9	6,00	
	Empates	0		

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 2a

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 1
12 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	11	81,09	5,84	5,89	10	0,000
Vinculação a amigos	11	60,09	8,60			1
Comunicação c/ pai –	14	80,36	6,76	3,27	13	0,006
Comunicação c/ amigos	14	70,04	16,49			
Alienação à mãe –	11	20,46	10,94	- 3,91	10	0,003
Alienação a amigos	11	37,01	17,37			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 2b

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 1
12 anos
Teste de Wilcoxon

Pares de Variáveis	N		Média das ordens	p
Comunicação c/ amigos –	Dif. Negativas	10	7,50	0,04
Comunicação c/ mãe	Dif. Positivas	3	5,33	
	Empates	0		
Alienação a amigos –	Dif. Negativas	1	1,00	0,004
Alienação à mãe	Dif. Positivas	10	6,50	
	Empates	0		

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 3

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 1
13 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	14	79,14	7,65	4,65	13	0,0001
Vinculação a amigos	14	65,86	12,67			
Vinculação ao pai –	14	78,79	11,52	4,60	13	0,0001
Vinculação a amigos	14	65,86	12,67			
Confiança na mãe –	14	85,71	7,37	3,54	13	0,004
Confiança nos amigos	14	73,04	15,29			
Confiança no pai –	14	86,43	8,92	4,33	13	0,001
Confiança nos amigos	14	73,04	15,29			
Comunicação c/ mãe –	15	74,44	12,03	3,48	14	0,004
Comunicação c/ amigos	15	61,88	19,02			
Comunicação c/ pai –	15	72,07	14,94	2,40	14	0,03
Comunicação c/ amigos	15	61,88	19,02			
Alienação à mãe –	15	26,11	15,79	- 3,28	14	0,005
Alienação a amigos	15	40,71	16,63			
Alienação ao pai –	15	25,00	18,03	- 2,56	14	0,02
Alienação a amigos	15	40,71	16,63			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 4

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 1
14 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	17	73,41	15,66	2,09	13	0,05
Vinculação a amigos	17	62,35	16,78			
Comunicação c/ mãe –	15	69,44	17,91	3,19	14	0,007
Comunicação c/ pai	15	55,00	25,33			
Alienação à mãe –	18	30,56	18,38	- 2,78	14	0,01
Alienação a amigos	18	47,42	16,63			
Alienação ao pai –	15	25,00	18,03	- 2,73	14	0,02
Alienação a amigos	15	40,71	18,14			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 5a

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 2
11 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	11	83,55	9,99	3,19	10	0,01
Vinculação a amigos	11	68,73	17,05			
Vinculação ao pai –	11	82,18	12,52	2,32	10	0,04
Vinculação a amigos	11	69,82	16,67			
Confiança na mãe –	12	88,33	8,68	2,18	11	0,05
Confiança nos amigos	12	75,00	20,56			
Comunicação c/ mãe –	13	81,62	11,60	4,44	12	0,001
Comunicação c/ amigos	13	60,10	21,69			
Comunicação c/ pai –	13	77,99	13,39	3,17	12	0,008
Comunicação c/ amigos	13	60,10	21,69			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 5b

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 2
11 anos
Teste de Wilcoxon

Pares de Variáveis	N		Média das ordens	p
Alienação a amigos – Alienação ao pai	Dif. Negativas	4	3,50	0,05
	Dif. Positivas	8	8,00	
	Empates	0		

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 6

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 2
12 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	12	79,58	12,22	2,82	11	0,01
Vinculação a amigos	12	64,50	13,91			
Vinculação ao pai –	13	77,69	10,35	4,41	12	0,001
Vinculação a amigos	13	63,54	13,16			
Confiança na mãe –	14	86,79	9,63	2,91	13	0,01
Confiança nos amigos	14	70,18	19,18			
Confiança no pai –	14	86,96	8,62	4,06	13	0,001
Confiança nos amigos	14	69,29	19,10			
Alienação à mãe –	14	22,32	17,87	- 3,36	13	0,005
Alienação a amigos	14	39,03	14,52			
Alienação ao pai –	13	26,92	16,01	- 3,15	12	0,008
Alienação a amigos	13	39,56	14,97			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 7a

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 2

13 anos

Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Alienação à mãe –	22	21,97	13,68	- 2,97	21	0,007
Alienação a amigos	22	33,93	15,10			
Alienação ao pai –	22	20,64	15,77	- 2,83	21	0,01
Alienação a amigos	22	33,93	15,10			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 7b

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 2

13 anos

Teste de Wilcoxon

Pares de Variáveis	*N*		Média das ordens	p
Confiança nos amigos – Confiança na mãe	Dif. Negativas	11	8,59	0,008
	Dif. Positivas	3	3,50	
	Empates	0		
Confiança nos amigos – Confiança no pai	Dif. Negativas	11	7,86	0,004
	Dif. Positivas	2	2,25	
	Empates	1		

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 8

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 2
14 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	23	75,17	14,47	2,13	22	0,05
Vinculação ao pai	23	70,78	15,29			
Vinculação à mãe –	26	75,65	14,05	3,62	25	0,001
Vinculação a amigos	26	66,15	15,10			
Confiança na mãe –	25	78,50	14,09	2,70	24	0,01
Confiança nos amigos	25	70,50	18,33			
Confiança no pai –	24	78,54	14,69	2,42	23	0,02
Confiança nos amigos	24	70,10	18,61			
Comunicação c/ mãe –	23	71,74	18,23	2,52	22	0,02
Comunicação c/ pai	23	64,01	18,17			
Comunicação c/ mãe –	26	71,58	17,56	2,16	25	0,04
Comunicação c/ amigos	26	61,78	21,24			
Alienação à mãe –	24	22,92	16,76	- 2,40	23	0,03
Alienação ao pai	24	30,21	17,82			
Alienação à mãe –	25	22,33	16,66	- 5,43	24	0,001
Alienação a amigos	25	35,57	14,45			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 9

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 3
11 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	14	87,21	7,63	2,21	13	0,05
Vinculação ao pai	14	82,71	8,69			
Vinculação à mãe –	14	87,36	7,70	7,30	13	0,0001
Vinculação a amigos	14	69,79	14,20			
Vinculação ao pai –	14	82,71	8,69	3,58	13	0,003
Vinculação a amigos	14	70,21	14,71			
Confiança na mãe –	15	88,67	7,55	4,48	14	0,001
Confiança nos amigos	15	75,33	14,82			
Confiança no pai –	14	88,04	5,39	3,84	13	0,002
Confiança nos amigos	14	74,64	15,12			
Comunicação c/ mãe –	16	85,94	10,47	3,90	15	0,001
Comunicação c/ pai	16	74,83	14,79			
Comunicação c/ mãe –	16	85,94	10,47	5,76	15	0,0001
Comunicação c/ amigos	16	61,33	20,12			
Comunicação c/ pai –	16	74,83	14,79	2,70	15	0,02
Comunicação c/ amigos	16	61,33	20,12			
Alienação à mãe –	15	11,67	11,16	- 4,46	14	0,001
Alienação a amigos	15	28,10	15,20			
Alienação ao pai –	16	15,37	14,57	- 2,53	15	0,02
Alienação a amigos	16	27,01	15,32			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 10a

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 3
12 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	18	79,44	17,16	2,15	17	0,05
Vinculação a amigos	18	69,83	12,02			
Vinculação ao pai –	17	79,41	10,48	2,79	16	0,01
Vinculação a amigos	17	69,29	12,16			
Confiança no pai –	17	85,44	10,28	2,54	16	0,02
Confiança nos amigos	17	74,85	14,43			
Comunicação c/ pai –	19	73,54	13,78	2,22	18	0,04
Comunicação c/ amigos	19	62,83	18,07			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 10b

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 3

12 anos
Teste de Wilcoxon

Pares de Variáveis	N		Média das ordens	p
Confiança nos amigos – Confiança na mãe	Dif. Negativas	10	9,50	0,008
	Dif. Positivas	4	2,50	
	Empates	1		
Comunicação c/ amigos – Comunicação c/ mãe	Dif. Negativas	14	10,86	0,02
	Dif. Positivas	5	7,60	
	Empates	0		
Alienação a amigos – Alienação à mãe	Dif. Negativas	2	5,00	0,008
	Dif. Positivas	12	7,92	
	Empates	1		
Alienação a amigos – Alienação ao pai	Dif. Negativas	2	7,50	0,03
	Dif. Positivas	11	6,91	
	Empates	2		

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 11

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 3

13 anos

Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	26	77,15	13,44	2,76	25	0,01
Vinculação a amigos	26	65,96	15,68			
Vinculação ao pai –	25	77,56	11,01	3,89	24	0,001
Vinculação a amigos	25	66,16	15,83			
Comunicação c/ mãe –	28	72,62	16,40	2,76	27	0,01
Comunicação c/ amigos	28	60,27	17,82			
Comunicação c/ pai –	28	71,83	14,32	3,33	27	0,003
Comunicação c/ amigos	28	60,27	17,82			
Alienação à mãe –	26	23,24	13,39	- 3,54	25	0,002
Alienação a amigos	26	35,30	12,75			
Alienação ao pai –	25	22,83	12,45	- 4,54	24	0,001
Alienação a amigos	25	35,14	12,99			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 12a

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 3
14 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	18	80,44	10,74	3,17	17	0,006
Vinculação a amigos	18	68,39	12,69			
Vinculação ao pai –	18	77,67	14,25	2,96	17	0,009
Vinculação a amigos	18	68,39	12,69			
Confiança na mãe –	18	86,94	9,53	3,69	17	0,002
Confiança nos amigos	18	72,36	15,82			
Comunicação c/ mãe –	18	75,31	14,26	2,31	17	0,03
Comunicação c/ amigos	18	62,15	16,29			
Alienação ao pai –	18	21,30	17,79	- 2,43	17	0,03
Alienação a amigos	18	30,16	15,26			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 12b

Comparação entre variáveis nos rapazes do estrato 3

14 anos
Teste de Wilcoxon

Pares de Variáveis	N		Média das ordens	p
Alienação aos amigos –	Dif. Negativas	6	6,75	0,05
Alienação à mãe	Dif. Positivas	12	10,88	
	Empates	0		

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 13a

Comparação entre idades nos rapazes do estrato 1

Teste t de Student

Variáveis	Idades	N	Médias	σ	F (teste de igualdade de σ^2)	t	gl	P
Vinculação à mãe	12	13	81,23	6,06	8,18	2,15	23	0,04
	14	18	72,50	15,67				
Comunicação c/ mãe	11	12	84,49	9,66	0,54	2,35	25	0,03
	13	15	74,44	12,03				
	11	12	84,49	9,66	2,22	2,41	28	0,02
	14	18	71,45	16,91				
Vinculação ao pai	11	10	83,60	13,62	3,04	2,84	23	0,009
	14	15	63,87	18,88				
	13	15	79,00	11,13	4,93	2,67	22	0,01
	14	15	63,87	18,88				
Comunicação c/ pai	13	15	72,41	14,94	3,82	2,29	28	0,03
	14	15	55,00	25,33				
Confiança no pai	11	12	83,96	13,50	0,71	2,12	26	0,04
	14	16	71,56	16,58				
	13	15	87,33	9,28	4,03	3,31	23	0,003
	14	16	71,56	16,48				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 13b

Comparação entre idades nos rapazes do estrato 1
Teste de Mann-Whitney

Variáveis	Idades	N	Média das Ordens	p
Comunicação com o pai	11	13	17,19	0,04
	12	14	11,04	
Alienação ao pai	12	14	13,00	0,04
	14	19	19,95	

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 14

Comparação entre idades nos rapazes do estrato 2
Teste t de Student

Variáveis	Idades	N	Médias	σ	F (teste de igualdade de σ^2)	t	gl	p
Confiança na mãe	11	12	88,33	8,68	2,39	2,25	36	0,03
	14	26	78,56	13,81				
Comunicação c/ mãe	11	13	81,62	11,59	3,93	1,13	33	0,04
	14	26	71,58	17,56				
Vinculação ao pai	11	12	81,58	12,12	1,09	2,12	33	0,04
	14	23	70,78	15,29				
Comunicação c/ o pai	11	13	77,99	13,39	1,09	2,42	34	0,02
	14	23	64,01	18,17				
Alienação ao pai	11	13	18,59	14,89	0,94	- 2,11	35	0,05
	14	24	30,21	17,82				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 15

Comparação entre idades nos rapazes do estrato 3
Teste t de Student

Variáveis	Idades	N	Médias	σ	F (teste de igualdade de σ^2)	t	gl	p
Vinculação à mãe	11	15	87,53	7,45	1,95	2,84	40	0,007
	13	27	77,00	13,20				
	11	15	87,53	7,45	1,60	2,16	31	0,04
	14	18	80,44	10,74				
Confiança na mãe	11	16	88,75	7,30	4,16	2,87	40	0,006
	13	28	78,75	15,70				
	13	28	78,75	15,70	2,17	- 1,99	44	0,05
	14	18	86,94	9,53				
Comunicação c/ mãe	11	16	85,94	10,47	1,72	2,92	42	0,006
	13	28	72,62	16,40				
	11	16	85,94	10,47	1,89	2,45	32	0,02
	14	18	75,31	14,26				
Alienação à mãe	11	15	11,67	11,16	0,77	- 2,79	40	0,008
	13	27	25,31	19,98				
	11	15	11,67	11,16	1,09	- 2,27	31	0,03
	14	18	22,69	15,80				
Confiança no pai	11	15	88,67	5,74	5,18	2,63	39	0,01
	13	27	82,50	9,43				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 16

Comparação entre estratos (**1** e **2**) nos rapazes
Teste t de Student

Variáveis	Idades	Estratos	N	Médias	σ	F (teste de igualdade de σ^2)	t	gl	p
Alienação a amigos	14	**1**	18	47,42	19,25	1,90	2,31	41	0,03
		2	25	35,57	14,45				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 17

Comparação entre estratos (**2** e **3**) nos rapazes
Teste t de Student

Variáveis	Idades	Estratos	N	Médias	σ	F (teste de igualda de de σ^2)	t	gl	p
Confiança na mãe	14	**2**	26	78,56	13,81	2,29	- 2,32	42	0,03
		3	18	86,94	9,53				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 18a

Comparação entre estratos (1 e 3) nos rapazes
Teste t de Student

Variáveis	Idades	Estratos	N	Médias	σ	F (teste de igualdade de σ^2)	t	gl	p
Confiança na mãe	11	**1**	12	77,92	15,98	2,10	- 2,41	26	0,02
		3	16	88,75	7,30				
	14	**1**	18	75,28	16,54	4,16	- 2,59	27	0,02
		3	18	86,94	9,53				
Vinculação ao pai	14	**1**	15	63,87	18,88	2,35	- 2,39	31	0,02
		3	18	77,67	14,25				
Comunicação c/ pai	14	**1**	15	55,00	25,33	3,28	- 2,13	31	0,04
		3	18	70,53	16,34				
Alienação a amigos	11	**1**	12	44,05	22,50	0,62	2,39	26	0,03
		3	16	27,01	15,32				
	14	**1**	18	47,42	19,25	0,63	2, 98	34	0,005
		3	18	30,16	15,26				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 18b

Comparação entre estratos (1 e 3) nos rapazes

Teste de Mann-Whitney

Variáveis	Idades	Estratos	N	Média das Ordens	p
Confiança no pai	14	1	16	13,50	0,03
		3	18	21,06	
Alienação ao pai	14	1	16	21,53	0,03
		3	18	13,92	

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 19

Comparação entre variáveis na raparigas do estrato 1

11 anos

Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Comunicação c/ mãe	13	71,15	23,01	2,25	12	0,04
–						
Comunicação c/ pai	13	59,40	22,67			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 20

Comparação entre variáveis nas raparigas do estrato 1
12 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N.	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	21	80,19	12,56	2,79	20	0,01
Vinculação a amigos	21	71,38	15,10			
Confiança na mãe –	23	83,70	12,81	2,07	22	0,05
Confiança nos amigos	23	75,22	18,90			
Comunicação c/ mãe –	22	77,02	13,64	2,74	21	0,01
Comunicação c/ pai	22	65,15	21,10			
Alienação à mãe –	23	28,99	22,42	- 2,31	22	0,03
Alienação a amigos	23	38,98	17,69			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 21

Comparação entre variáveis nas raparigas do estrato 1
13 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação ao pai –	16	68,44	13,53	- 2,74	15	0,02
Vinculação a amigos	16	78,81	11,67			
Comunicação c/ mãe –	17	75,00	17,84	3,09	16	0,007
Comunicação c/ pai	17	62,09	18,16			
Comunicação c/ pai –	18	60,34	19,12	- 3,58	17	0,002
Comunicação c/ amigos	18	77,78	17,84			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 22

Comparação entre variáveis nas raparigas do estrato 1
14 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação ao pai –	13	63,23	19,61	- 2,53	12	0,03
Vinculação a amigos	13	71,92	14,06			
Comunicação c/ mãe –	13	69,66	20,99	2,26	12	0,04
Comunicação c/ pai	13	51,28	24,31			
Comunicação c/ pai –	14	53,57	24,88	- 4,22	13	0,001
Comunicação c/ amigos	14	73,88	15,96			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 23a

Comparação entre variáveis nas raparigas do estrato 2
11 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	18	74,72	19,83	2,39	17	0,03
Vinculação a amigos	18	59,61	22,23			
Vinculação ao pai –	18	74,22	19,96	2,30	17	0,04
Vinculação a amigos	18	59,61	22,23			
Confiança no pai –	17	81,47	16,44	2,09	16	0,05
Confiança nos amigos	17	64,85	26,36			
Comunicação c/ mãe –	18	75,00	22,79	2,72	17	0,02
Comunicação c/ amigos	18	57,29	25,95			
Alienação à mãe –	18	28,47	19,82	- 2,22	17	0,04
Alienação a amigos	18	41,47	14,19			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 23b

Comparação entre variáveis nas raparigas do estrato 2
11 anos
teste de Wilcoxon

Pares de Variáveis	N		Média das ordens	p
Confiança no pai –	Dif. Negativas	7	6,64	0,05
Confiança na mãe	Dif. Positivas	3	2,83	
	Empates	3		

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 24

Comparação entre variáveis nas raparigas do estrato 2
12 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Confiança na mãe –	12	78,75	11,56	- 3,93	11	0,002
Confiança no pai	12	86,88	10,23			
Alienação à mãe –	14	23,81	20,38	- 2,76	13	0,02
Alienação a amigos	14	37,25	15,89			
Alienação ao pai –	12	22,22	11,14	- 2,55	11	0,03
Alienação aos amigos	12	36,61	17,04			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 25

Comparação entre variáveis nas raparigas do estrato 2
13 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	23	83,39	10,09	3,57	22	0,002
Vinculação ao pai	23	73,00	12,74			
Vinculação à mãe –	24	82,92	10,14	2,98	23	0,007
Vinculação aos amigos	24	76,00	11,92			
Comunicação c/ mãe –	23	79,83	13,12	4,01	22	0,001
Comunicação c/ pai	23	64,86	15,86			
Comunicação c/ pai –	23	64,86	15,86	- 2,87	22	0,009
Comunicação c/ amigos	23	77,04	14,92			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 26

Comparação entre variáveis nas raparigas do estrato 2
14 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	20	83,35	9,90	5,39	19	0,0001
Vinculação ao pai	20	69,55	16,03			
Vinculação ao pai –	20	69,55	16,03	- 4,06	19	0,001
Vinculação aos amigos	20	83,50	11,02			
Comunicação c/ mãe –	20	82,64	10,89	7,20	19	0,0001
Comunicação c/ pai	20	61,94	17,55			
Comunicação c/ pai –	20	61,94	17,55	- 5,76	19	0,0001
Comunicação c/ amigos	20	85,00	13,89			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 27a

Comparação entre variáveis nas raparigas do estrato 3
11 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	16	85,63	10,30	2,48	15	0,03
Vinculação ao pai	16	77,19	17,86			
Vinculação à mãe –	17	85,18	10,14	3,39	16	0,004
Vinculação aos amigos	17	74,65	14,04			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 27b

Comparação entre variáveis nas raparigas do estrato 3
11 anos
Teste de Wilcoxon

Pares de Variáveis	N		Média das ordens	p
Confiança nos amigos – Confiança na mãe	Dif. Negativas	12	9,38	0,02
	Dif. Positivas	4	5,88	
	Empates	1		
Comunicação c/ pai – Comunicação c/ mãe	Dif. Negativas	11	8,45	0,01
	Dif. Positivas	3	4,00	
	Empates	3		
Comunicação c/ amigos – Comunicação c/ mãe	Dif. Negativas	14	9,54	0,007
	Dif. Positivas	3	6,50	
	Empates	0		

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 28a

Comparação entre variáveis nas raparigas do estrato 3
12 anos
Teste t de Student

Pares de Variáveis	N	Médias	σ	t	gl	p
Vinculação à mãe –	17	89,24	7,58	3,07	16	0,007
Vinculação aos amigos	17	78,35	15,93			

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 28b

Comparação entre variáveis nas raparigas do estrato 3

12 anos

Teste de Wilcoxon

Pares de Variáveis	**N**		**Média das ordens**	**p**
Confiança nos amigos – Confiança na mãe	Dif. Negativas	15	9,20	0,004
	Dif. Positivas	2	7,50	
	Empates	***1***		
Confiança nos amigos – Confiança no pai	Dif. Negativas	13	9,15	0,04
	Dif. Positivas	4	8,50	
	Empates	***1***		
Comunicação c/ pai – Comunicação c/ mãe	Dif. Negativas	13	7,92	0,001
	Dif. Positivas	1	2,00	
	Empates	4		
Alienação ao pai – Alienação à mãe	Dif. Negativas	3	4,17	0,007
	Dif. Positivas	12	8,96	
	Empates	4		
Alienação aos amigos – Alienação à mãe	Dif. Negativas	3	2,50	0,002
	Dif. Positivas	13	9,88	
	Empates	2		

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 29

Comparação entre variáveis nas raparigas do estrato 3
13 anos
Teste de Wilcoxon

Pares de Variáveis	N		Média das ordens	p
Vinculação ao pai – Vinculação à mãe	Dif. Negativas	27	14,74	0,0001
	Dif. Positivas	1	8,00	
	Empates	3		
Confiança no pai – Confiança na mãe	Dif. Negativas	17	14,26	0,03
	Dif. Positivas	8	10,31	
	Empates	7		
Comunicação c/ o pai – Comunicação c/ mãe	Dif. Negativas	30	17,33	0,0001
	Dif. Positivas	2	4,00	
	Empates	2		
Comunicação c/ amigos – Comunicação c/ pai	Dif. Negativas	11	9,59	0,001
	Dif. Positivas	23	21,28	
	Empates	0		
Alienação ao pai – Alienação à mãe	Dif. Negativas	7	8,29	0,003
	Dif. Positivas	19	15,42	
	Empates	7		
Alienação aos amigos – Alienação à mãe	Dif. Negativas	10	13,40	0,02
	Dif. Positivas	22	17,91	
	Empates	1		

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 30a

Comparação entre idades nas raparigas do estrato 2

Teste t de Student

Variáveis	Idades	N	Médias	σ	F (teste de igualdade de σ^2)	t	gl	p
Confiança na mãe	12	13	78,65	11,07	0,02	- 2,23	35	0,03
	13	24	86,88	10,48				
Vinculação a amigos	11	18	59,61	22,23	12,69	- 2,84	24	0,009
	13	24	76,00	11,92				
	11	18	59,61	22,23	10,06	- 3,85	25	0,001
	14	22	82,32	12,68				
	12	13	71,62	14,25	0,52	- 2,31	33	0,03
	14	22	82,32	12,68				
Comunicação c/ amigos	11	18	57,29	25,95	2,56	- 2,24	30	0,03
	12	14	75,67	18,56				
	11	18	57,29	25,95	8,39	- 2,99	25	0,006
	13	24	77,73	14,98				
	11	18	57,29	25,95	6,65	- 3,85	26	0,001
	14	22	84,09	15,58				
Alienação a amigos	11	18	41,47	14,19	0,69	2,27	40	0,03
	13	24	32,29	11,98				
	11	18	41,47	14,19	0,45	3,08	38	0,004
	14	22	26,95	15,38				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 30b

Comparação entre idades nas raparigas do estrato 2

Teste de Mann-Whitney

Variáveis	Idades	N	Média das Ordens	p
Confiança nos amigos	11	18	13,75	0,001
	14	22	26,02	

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 31a

Comparação entre idades nas raparigas do estrato 3

Teste t de Student

Variáveis	Idades	N	Médias	σ	F (teste de igualdade de σ^2)	t	gl	p
Alienação a amigos	11	17	24,16	10,53	0,27	- 2,56	29	0,02
	14	14	34,18	11,27				
	12	19	23,31	13,95	0,27	- 2,39	31	0,02
	14	14	34,18	11,27				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 31b

Comparação entre idades nas raparigas do estrato 3

Teste de Mann-Whitney

Variáveis	Idades	N	Média das Ordens	p
Vinculação à mãe	12	19	19,39	0,04
	14	13	12,27	
Comunicação com Mãe	12	20	20,33	0,05
	14	14	13,46	
Alienação à Mãe	11	17	12,00	0,007
	14	14	20,86	
	12	20	13,65	0,007
	14	14	23,00	
	13	34	21,43	0,02
	14	14	31,96	
Vinculação ao Pai	12	30	35,03	0,007
	13	34	23,07	
Confiança no Pai	12	20	34,15	0,02
	13	34	23,59	

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 32a

Comparação entre estratos nas raparigas
Teste t de Student

Variáveis	Idades	Estratos	N	Médias	σ	F (teste de igualdade de σ^2)	t	gl	p
Vinculação à mãe	14	1	14	72,93	11,94	0,67	- 2,76	34	0,009
		2	22	82,91	9,67				
Comunica-ção c/ mãe	14	1	14	68,45	20,66	7,70	- 2,56	33	0,02
		2	21	82,14	10,85				
Confiança no pai	12	1	23	75,87	17,61	7,06	- 2,52	33	0,02
		2	13	87,50	10,05				
Alienação ao pai	12	1	23	38,41	22,01	7,31	2,38	33	0,02
		2	12	22,22	11,14				
Vinculação a amigos	14	1	15	72,40	13,11	0,03	- 2,31	35	0,03
		2	22	82,32	12,68				
Comunica-ção c/ amigos	14	1	15	73,54	15,44	0,43	- 2,03	35	0,05
		2	22	84,09	15,58				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 32b

Comparação entre estratos (1 e 2) nas raparigas
Teste de Mann-Whitney

Variáveis	Idades	Estratos	N	Média das Ordens	p
Confiança na mãe	13	1	19	17,89	0,05
		2	24	25,25	
Alienação à Mãe	14	1	14	22,11	0,05
		2	21	15,26	

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 33a

Comparação entre estratos (**2** e **3**) nas raparigas
Teste t de Student

Variáveis	Idades	Estratos	N	Médias	σ	F (teste de igualdade de σ^2)	t	gl	p
Vinculação à mãe	12	**2**	13	74,77	16,91	2,26	- 2,62	29	0,01
		3	18	87,56	10,24				
Confiança na mãe	12	**2**	13	74,77	16,91	0,94	- 3,33	29	0,002
		3	18	87,56	10,24				
Alienação à mãe	11	**2**	18	28,47	19,82	2,96	1,99	33	0,05
		3	17	16,67	14,58				
Vinculação a amigos	11	**2**	18	59,61	22,23	5,89	- 2,41	28	0,02
		3	17	74,65	14,04				
Alienação a amigos	11	**2**	18	41,47	14,19	2,39	4,08	33	0,000 1
		3	17	24,16	10,53				
	12	**2**	14	37,25	15,89	0,29	2,67	31	0,01
		3	19	23,31	13,95				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 33b

Comparação entre estratos (**2** e **3**) nas raparigas
Teste de Mann-Whitney

Variáveis	Idades	Estratos	N	Média das Ordens	p
Confiança nos Amigos	14	**2**	22	21,23	0,05
		3	14	14,21	

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 34a

Comparação entre estratos (**1** e **3**) nas raparigas
Teste t de Student

Variáveis	Idades	Estratos	N	Médias	σ	F (teste de igualdade de σ^2)	t	gl	p
Comunica-ção c/ mãe	12	**1**	24	78,24	13,70	0,96	- 2,03	40	0,05
		3	18	86,57	12,36				
Alienação ao pai	12	**1**	23	38,41	22,01	2,84	2,46	41	0,02
		3	20	23,96	15,35				
Alienação a amigos	12	**1**	24	39,73	17,70	1,25	3,31	41	0,002
		3	19	23,31	13,95				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 34b

Comparação entre estratos (**1** e **3**) nas raparigas
Teste de Mann-Whitney

Variáveis	Idades	Estratos	N	Média das Ordens	p
Confiança na mãe	13	**1**	19	20,16	0,03
		3	32	29,47	
Comunicação c/ mãe	11	**1**	13	11,73	0,04
		3	17	18,38	
Alienação à mãe	12	**1**	24	25,98	0,02
		3	19	16,97	
Vinculação ao pai	12	**1**	23	17,11	0,02
		3	18	25,97	
Confiança no pai	12	**1**	23	17,57	0,04
		3	18	25,39	

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 35a

Comparação entre sexos no estrato 1
Teste t de Student

Variáveis	Idades	Sexos	N	Médias	σ	F (teste de igualdade de σ^2)	t	gl	p
Vinculação ao pai	11	M	10	83,60	13,62	5,52	2,12	17	0,05
		F	11	67,27	21,22				
	13	M	15	79,00	11,13	0,54	2,37	29	0,03
		F	16	68,44	13,53				
Confiança no pai	13	M	15	87,33	9,28	2,83	2,86	29	0,008
		F	16	75,31	13,60				
Vinculação a amigos	13	M	14	65,86	12,67	0,37	- 2,67	29	0,01
		F	17	77,77	12,10				
Comunica-ção c/ amigos	13	M	15	61,88	19,02	0,09	- 2,48	31	0,02
		F	18	77,78	17,84				
Alienação a amigos	14	M	18	47,42	19,25	0,74	2,29	31	0,03
		F	15	32,38	18,28				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 35b

Comparação entre sexos no estrato 1
Teste de Mann-Whitney

Variáveis	Idades	Sexos	N	Média das Ordens	p
Comunicação c/ pai	11	M	13	17,46	0,007
		F	13	9,54	

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 36a

Comparação entre sexos no estrato 2
Teste t de Student

Variáveis	Idades	Sexos	N	Médias	σ	F (teste de igualdade de σ^2)	t	gl	p
Vinculação à mãe	14	M	26	75,65	14,05	5,09	- 2,11	44	0,04
		F	22	82,91	9,67				
Confiança na mãe	12	M	14	86,79	9,63	0,0001	2,04	25	0,05
		F	13	78,65	11,07				
Comunica-ção c/ mãe	14	M	26	71,58	17,56	7,03	- 2,53	42	0,02
		F	21	82,14	10,85				
Alienação ao pai	13	M	22	20,64	15,77	0,183	- 2,20	44	0,03
		F	24	30,56	14,83				
Vinculação a amigos	14	M	26	66,15	15,10	0,74	- 3,97	46	0,0001
		F	22	82,32	12,68				
Comunica-ção c/ amigos	14	M	26	61,78	21,24	2,18	- 4,08	46	0,0001
		F	22	84,09	15,58				
Alienação a amigos	14	M	25	35,57	14,45	0,95	1,98	45	0,05
		F	22	26,95	15,38				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 36b

Comparação entre sexos no estrato 2

Teste de Mann-Whitney

Variáveis	Idades	Sexos	N	Média das Ordens	p
Confiança nos amigos	14	M	25	17,86	0,001
		F	22	30,98	
Alienação aos amigos	14	M	12	11,58	0,05
		F	18	18,11	

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 37a

Comparação entre sexos no estrato 3

Teste t de Student

Variáveis	Idades	Sexos	N	Médias	σ	F (teste de igualdade de σ^2)	t	gl	p
Comunica-ção c/ amigos	12	M	19	62,83	18,07	0,01	- 2,62	37	0,01
		F	20	78,28	18,79				
Vinculação a amigos	13	M	27	66,33	15,50	1,55	- 3,38	59	0,001
		F	34	78,27	12,08				
Alienação a amigos	13	M	28	35,20	12,28	0,36	2,34	60	0,02
		F	34	27,63	12,99				

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

Quadro 37b

Comparação entre sexos no estrato 3

Teste de Mann-Whitney

Variáveis	Idades	Sexos	N	Média das Ordens	p
Confiança nos amigos	13	**M**	28	25,64	0,02
		F	34	36,32	
Alienação aos amigos	12	**M**	19	23,82	0,02
		F	19	15,18	

Nota : Para simplificação só figuram no quadro os valores significativos.

ANEXO 5

Q.I.P.A.

As perguntas que vão ser-te feitas são sobre ti próprio/a por isso é muito importante que respondas sinceramente até porque não há respostas certas ou erradas. Este questionário é confidencial: as tuas respostas não vão ser conhecidas por mais ninguém.

Para responder às perguntas basta assinalares com uma cruz sobre o quadrado situado à frente da resposta que consideras traduzir o que tu sentes.

Só deves assinalar um único quadrado para cada pergunta. Não te esqueças de responder a todas as perguntas.

Obrigada pela tua colaboração.

1. *Estudar, para mim é*

uma grande chatice ☐ gosto pouco ☐ gosto bastante ☐ gosto muito ☐

2. *Quando tenho trabalhos de casa para fazer, distraio-me com outras coisas*

sempre ☐ muitas vezes ☐ raramente me distraio ☐ nunca me distraio ☐

3. *A relação com o meu pai*

não é nada boa ☐ é pouco boa ☐ é boa ☐ é muito boa ☐

4. *Falo com o meu pai dos meus problemas pessoais*

nunca ☐ pouco ☐ bastante ☐ muito mesmo ☐

5. *Quando for adulto/a gostava de ser como o meu pai*

nada ☐ um pouco ☐ bastante ☐ gostava muito de ser como ele ☐

6. *A relação com a minha mãe*

Não é nada boa ☐ é pouco boa ☐ é boa ☐ é muito boa ☐

7. *Falo com a minha mãe dos meus problemas pessoais*

Nunca ☐ pouco ☐ bastante ☐ muito ☐

8. *Quando for adulto/a gostava de ser como a minha mãe*

nada	um pouco	bastante	gostava muito de ser como ela
☐	☐	☐	☐

9. *Amigos na escola*

Não tenho	tenho poucos	não sei se tenho	só alguns	todos são meus amigos
☐	☐	☐	☐	☐

10. *Falo com os meus amigos dos meus problemas pessoais*

Nunca	pouco	bastante	muito
☐	☐	☐	☐

11. *A minha aparência física*

Não me ralo com isso ☐

raramente penso nisso ☐

interessa-me bastante ☐

interessa-me mesmo muito ☐

12. *Namorar*

Não penso nesse assunto ☐

interessa-me pouco ☐

interessa-me bastante ☐

interessa-me mesmo muito ☐

13. *As mudanças do meu corpo, de há três anos para cá*

Não houve ☐

houve mas não gosto delas ☐

estou-me nas tintas ☐

gosto delas ☐

14. *Quando me vejo ao espelho*

Não gosto nada do que vejo ☐

gosto pouco ☐

gosto de me ver ☐

gosto mesmo muito ☐

15. *Quando as pessoas olham para mim*

Fico muito nervoso/a ☐

não gosto muito ☐

não dou por que olhem ☐

gosto que olhem ☐

16. *A importância que a escola tem para mim, de há três anos para cá*

Penso o mesmo ☐

não sei se mudei de opinião ☐

nalgumas coisas mudei ☐

mudei muito o que penso ☐

17. *Sobre a amizade, de há três anos para cá*

Penso o mesmo ☐

não sei se mudei de opinião ☐

nalgumas coisas penso diferente ☐

mudei muito o que penso ☐

18. *O meu corpo, de há três anos para cá*

Está igual ☐

mudou nalgumas coisas ☐

está bastante diferente ☐

está mesmo muito diferente☐

19. Sobre a *exploração do espaço e dos outros planetas*

Não tenho opinião ☐

Tenho as mesmas ideias que os meus pais ☐

Ainda não tenho ideias claras ☐

Informei-me e tenho as minhas ideias ☐

20. *Sobre a qualidade do ambiente e a conservação da natureza*

Não tenho opinião ☐

Tenho as mesmas ideias que os meus pais ☐

Ainda não tenho ideias claras ☐

Informei-me e tenho as minhas ideias ☐

21. *Sobre a pobreza e a fome no mundo*

Não tenho opinião ☐

Tenho as mesmas ideias que os meus pais ☐

Ainda não tenho ideias claras ☐

Informei-me e tenho as minhas ideias ☐

22. *Sobre o campeonato de futebol da 1ª divisão*

Não tenho opinião ☐

Tenho as mesmas ideias que os meus pais ☐

Ainda não tenho ideias claras ☐

Informei-me e tenho as minhas ideias ☐

23. *Sobre o desemprego em Portugal*

Não tenho opinião ☐

Tenho as mesmas ideias que os meus pais ☐

Ainda não tenho ideias claras ☐

Informei-me e tenho as minhas ideias ☐

24. *Sobre a questão do aborto*

Não tenho opinião ☐

Tenho as mesmas ideias que os meus pais ☐

Ainda não tenho ideias claras ☐

Informei-me e tenho as minhas ideias ☐

25. *Sobre o problema da droga e da toxicodependência*

Não tenho opinião ☐

Tenho as mesmas ideias que os meus pais ☐

Ainda não tenho ideias claras ☐

Informei-me e tenho as minhas ideias ☐

ANEXO 6

Análise factorial do QIPA

Análise dos Componentes Principais

Variância Total Explicada

Componentes	Valores de Eigen Iniciais			Extracção dos Pesos		
	Total	% de Variância	% Cumulativa	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	3.364	18.69	18.691	3.364	18.69	18.691
2	1.840	10.225	28.916	1.840	10.225	28.916
3	1.453	8.071	36.987	1.453	8.071	36.987
4	1.265	7.071	44.013	1.265	7.071	44.013
5	1.165	6.473	50.486	1.165	6.473	50.486

Variância Total Explicada Após Rotação Varimax

Componentes	Rotação		
	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	2.805	15.584	15.584
2	1.696	9.422	25.006
3	1.548	8.599	33.605
4	1.548	8.598	42.203
5	1.491	8.283	50.486

Matriz de Componentes após Rotação Varimax com Normalização de Kaiser
Convergência em 9 iterações

	Componentes				
	1	2	3	4	5
RELPA	.716				
RELMA	.695				
ADPA	.674				
PAPRO	.661				
MAPRO	.650				
ADMA	.535				
AMIPRB		.659			
NAMP		.603			
APAREN		.602			
AMIESC		.500			
AMI3			.718		
ESC3			.703		
COR3			.460		
ESP				.769	
OLHS				.638	
CORMUD				.504	
ESTUD					.789
TRABCON					.628

ANEXO 7

ESTILOS DE DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE

Quadro 1
Distribuição do estilo Evolutivo puro

Sexo feminino									
Estratos	11 anos		12 anos		13 anos		14 anos		Totais	
1					1	50,0%	1	20,0%	2	28,6%
2					1	50,0%	4	80,0%	5	71,4%
3										
Totais					2	28,6%	5	71,4%	7	100,0%
Sexo masculino										
Estratos	11 anos		12 anos		13 anos		14 anos		Totais	
1	1	33,3%	2	66,7%					3	25,0%
2	1	33,3%	1	33,3%	1	50,0%	3	75,0%	6	50,0%
3	1	33,3%			1	50,0%	1	25,0%	3	25,0%
Totais	3	25,0%	3	25,0%	2	16,7%	4	33,3%	12	100,0%

Quadro 2

Comparação entre estilos da identidade por idade

Teste de Mann-Whitney

	idades	*N*	*Média das ordens*	*U*	*p*
Forclusão	*11*	*89*	*117,35*	*4329,50*	*0,01*
	13	*121*	*96,78*		
	12	*104*	*121,66*	*5391,50*	*0,05*
	13	*121*	*105,56*		
	11	*89*	*111,59*	*3507,50*	*0,001*
	14	*106*	*86,59*		
	12	*104*	*116,28*	*4390,50*	*0,006*
	14	*106*	*94,92*		
Moratória	*11*	*89*	*85,45*	*3600,00*	*0,006*
	12	*104*	*106,88*		
	12	*104*	*122,00*	*5356,00*	*0,05*
	13	*121*	*105,26*		
	12	*104*	*116,01*	*4418,50*	*0,01*
	14	*106*	*95,18*		
Evolutivo	*11*	*89*	*89,88*	*3994,00*	*0,001*
	13	*121*	*116,99*		
	11	*89*	*82,65*	*3351,00*	*0,0001*
	14	*106*	*110,89*		
	12	*104*	*99,75*	*4914,50*	*0,004*
	13	*121*	*124,38*		
	12	*104*	*92,08*	*4116,50*	*0,001*
	14	*106*	*118,67*		

Quadro 3

Diferenças significativas entre estilos de identidade em cada idade

Teste de Wilcoxon

Estilos	*idades*	*N*		*Média das Ordens*	*p*
Evolutivo - Difusão	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*19*	*31,89*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*55*	*39,44*	
		Empates	*15*		
	12 anos	*Dif. Negativas*	*25*	*39,58*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*72*	*52,27*	
		Empates	*7*		
	13 anos	*Dif. Negativas.*	*17*	*39,79*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*92*	*57,81*	
		Empates	*12*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*19*	*41,11*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*80*	*52,11*	
		Empates	*7*		
Evolutivo - Forclusão	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*26*	*32,73*	*0,006*
		Dif. Positivas	*47*	*39,36*	
		Empates	*16*		
	12 anos	*Dif. Negativas*	*34*	*32,40*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*57*	*54,11*	
		Empates	*13*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*18*	*39,83*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*94*	*59,69*	
		Empates	*9*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*9*	*29,83*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*84*	*48,84*	
		Empates	*13*		
Evolutivo - Moratória	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*25*	*35,00*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*55*	*43,00*	
		Empates	*9*		
	12 anos	*Dif. Negativas*	*30*	*30,83*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*51*	*46,98*	
		Empates	*23*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*18*	*36,78*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*88*	*56,92*	
		Empates	*15*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*14*	*28,86*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*78*	*49,67*	
		Empates	*14*		
Moratória - Difusão	*12 anos*	*Dif. Negativas*	*24*	*41,02*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*59*	*42,40*	
		Empates	*21*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*40*	*46,86*	*0,03*
		Dif. Positivas	*59*	*52,13*	
		Empates	*22*		
Moratória - Forclusão	*13 anos*	*Dif. Negativas*	*32*	*51,19*	*0,005*
		Dif. Positivas	*66*	*48,68*	
		Empates	*23*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*28*	*32,25*	*0,002*
		Dif. Positivas	*49*	*42,86*	
		Empates	*29*		
Forclusão - Difusão	*14 anos*	*Dif. Negativas*	*46*	*33,51*	*0,01*
		Dif. Positivas	*21*	*35,07*	
		Empates	*39*		

Quadro 4

Comparação entre estilos de identidade em cada idade nas raparigas

Teste de Wilcoxon (raparigas)

Estilos	***idades***	***N***		***Média das Ordens***	***p***
Evolutivo - Difusão	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*11*	*14,68*	*0,001*
		Dif. Positivas	*29*	*22,71*	
		Empates	*7*		
	12 anos	*Dif. Negativas*	*11*	*20,82*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*42*	*28,62*	
		Empates	*3*		
	13 anos	*Dif. Negativas.*	*12*	*15,88*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*49*	*34,70*	
		Empates	*6*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*7*	*19,79*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*38*	*23,59*	
		Empates	*2*		
Evolutivo - Forclusão	*12 anos*	*Dif. Negativas*	*15*	*17,27*	*0,001*
		Dif. Positivas	*32*	*27,16*	
		Empates	*9*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*11*	*22,64*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*51*	*33,41*	
		Empates	*5*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*7*	*12,64*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*36*	*23,82*	
		Empates	*4*		
Evolutivo - Moratória	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*16*	*16,19*	*0,02*
		Dif. Positivas	*26*	*24,77*	
		Empates	*5*		
	12 anos	*Dif. Negativas*	*11*	*16,27*	*0,002*
		Dif. Positivas	*29*	*22,10*	
		Empates	*16*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*10*	*18,05*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*48*	*31,89*	
		Empates	*9*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*5*	*16,70*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*33*	*19,92*	
		Empates	*9*		
Moratória - Difusão	*12 anos*	*Dif. Negativas*	*12*	*21,17*	*0,001*
		Dif. Positivas	*35*	*24,97*	
		Empates	*9*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*22*	*23,59*	*0,05*
		Dif. Positivas	*32*	*30,19*	
		Empates	*13*		
Moratória - Forclusão	*13 anos*	*Dif. Negativas*	*17*	*28,29*	*0,03*
		Dif. Positivas	*36*	*26,39*	
		Empates	*14*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*10*	*17,45*	*0,03*
		Dif. Positivas	*24*	*17,52*	
		Empates	*13*		

Quadro 5

Comparação entre estilos de identidade em cada idade nos rapazes

Teste de Wilcoxon

Estilos	***idades***	***N***		***Média das Ordens***	***p***
Evolutivo - Difusão	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*8*	*17,81*	*0,008*
		Dif.Positivas	*26*	*17,40*	
		Empates	*8*		
	12 anos	*Dif. Negativas*	*14*	*18,86*	*0,007*
		Dif. Positivas	*30*	*24,20*	
		Empates	*4*		
	13 anos	*Dif. Negativas.*	*5*	*29,50*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*43*	*23,92*	
		Empates	*6*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*12*	*22,17*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*42*	*29,02*	
		Empates	*5*		
Evolutivo - Forclusão	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*13*	*12,77*	*0,008*
		Dif.Positivas	*23*	*21,74*	
		Empates	*6*		
	12 anos	*Dif. Negativas*	*19*	*16,05*	*0,03*
		Dif. Positivas	*25*	*27,40*	
		Empates	*4*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*7*	*17,86*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*43*	*26,74*	
		Empates	*4*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*2*	*19,25*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*48*	*25,76*	
		Empates	*9*		
Evolutivo - Moratória	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*9*	*20,89*	*0,008*
		Dif. Positivas	*29*	*19,07*	
		Empates	*4*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*8*	*19,13*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*40*	*25,58*	
		Empate	*6*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*9*	*12,83*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*45*	*30,43*	
		Empates	*5*		
Moratória - Forclusão	*13 anos*	*Dif. Negativas*	*15*	*23,23*	*0,05*
		Dif. Positivas	*30*	*22,88*	
		Empates	*9*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*18*	*16,72*	*0,03*
		Dif. Positivas	*25*	*25,80*	
		Empates	*16*		
Forclusão - Difusão	*14 anos*	*Dif. Negativas*	*28*	*22,00*	*0,01*
		Dif. Positivas	*13*	*18,85*	
		Empates	*18*		

Quadro 6

Comparação entre idades quanto aos estilos da identidade nas raparigas

Teste de Mann-Whitney

Estilos	*idades*	*N*	*Média das ordens*	*U*	*p*
Forclusão	*11*	*47*	*64,38*	*1251,00*	*0,05*
	13	*67*	*52,67*		
	11	*47*	*55,72*	*718,00*	*0,001*
	14	*47*	*39,28*		
	12	*56*	*58,25*	*966,00*	*0,01*
	14	*47*	*44,55*		
	13	*67*	*62,25*	*1256,00*	*0,04*
	14	*47*	*50,72*		
Moratória	*11*	*47*	*44,68*	*972,00*	*0,02*
	12	*56*	*58,14*		
Evolutivo	*11*	*47*	*39,39*	*723,50*	*0,004*
	14	*47*	*55,61*		
	12	*56*	*46,30*	*997,00*	*0,03*
	14	*47*	*58,79*		

Quadro 7

Comparação entre idades quanto aos estilos da identidade nos rapazes

Teste de Mann-Whitney

Estilos	*idades*	*N*	*Média das ordens*	*U*	*p*
Forclusão	*12*	*48*	*57,34*	*1015,50*	*0,04*
	13	*54*	*46,31*		
Evolutivo	*11*	*42*	*42,06*	*863,50*	*0,04*
	13	*54*	*53,51*		
	11	*42*	*43,94*	*942,50*	*0,04*
	14	*59*	*56,03*		
	12	*48*	*43,53*	*913,50*	*0,01*
	13	*54*	*58,58*		
	12	*48*	*45,26*	*996,50*	*0,008*
	14	*59*	*61,11*		

Quadro 8

Comparação entre estilos de identidade por estrato

Teste de Mann-Whitney

Estilos	*idades*	*estratos*	*N*	*Média das ordens*	*U*	*p*
Difusão	*12*	*1* *2*	*22* *14*	*15,34* *23,46*	*84,50*	*0,02*
Forclusão	*14*	*1* *2*	*13* *21*	*20,81* *15,45*	*93,50*	*0,05*
Moratória	*14*	*1* *2*	*13* *21*	*13,12* *20,21*	*79,50*	*0,04*

Quadro 9

Comparação entre estilos de identidade por idade nas raparigas do estrato 1

Teste de Wilcoxon

Estilos	*idades*	*N*		*Média das Ordens*	*p*
Evolutivo - Difusão	*12 anos*	*Dif. Negativas* *Dif. Positivas* *Empate*	*1* *19* *2*	*12,50* *10,39*	*0,001*
	13 anos	*Dif. Negativas.* *Dif. Positivas* *Empate*	*5* *12* *1*	*6,70* *9,96*	*0,04*
Evolutivo - Forclusão	*13 anos*	*Dif. Negativas* *Dif. Positivas* *Empate*	*5* *13* *0*	*5,30* *11,12*	*0,01*
	14 anos	*Dif. Negativas* *Dif. Positivas* *Empate*	*2* *10* *1*	*5,25* *6,75*	*0,03*
Evolutivo - Moratória	*13 anos*	*Dif. Negativas* *Dif. Positivas* *Empate*	*1* *13* *4*	*2,00* *7,92*	*0,001*
	14 anos	*Dif. Negativas* *Dif. Positivas* *Empate*	*0* *11* *2*	*0,00* *6,00*	*0,003*
Moratória – Difusão	*12 anos*	*Dif. Negativas* *Dif. Positivas* *Empate*	*3* *17* *2*	*6,00* *11,29*	*0,001*
Forclusão – Difusão	*12 anos*	*Dif. Negativas* *Dif. Positivas* *Empate*	*6* *12* *4*	*6,50* *11,00*	*0,04*

Quadro 10

Comparação entre estilos de identidade por idade nas raparigas do estrato 2

Teste de Wilcoxon

Estilos	*idades*	*N*		*Média das Ordens*	*p*
Evolutivo - Difusão	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*2*	*2,50*	*0,007*
		Dif. Positivas	*10*	*7,30*	
		Empate	*5*		
	13 anos	*Dif. Negativas.*	*1*	*2,00*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*16*	*9,44*	
		Empate	*2*		
	14 anos	*Dif. Negativas.*	*1*	*10,00*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*19*	*10,53*	
		Empate	*1*		
Evolutivo - Forclusão	*13 anos*	*Dif. Negativas*	*1*	*7,50*	*0,003*
		Dif. Positivas	*14*	*8,04*	
		Empate	*4*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*1*	*15,00*	*0,001*
		Dif. Positivas	*19*	*10,26*	
		Empate	*1*		
Evolutivo - Moratória	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*4*	*8,13*	*0,04*
		Dif. Positivas	*13*	*9,27*	
		Empate	*0*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*3*	*5,00*	*0,006*
		Dif. Positivas	*13*	*9,31*	
		Empate	*3*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*3*	*7,83*	*0,007*
		Dif. Positivas	*15*	*9,83*	
		Empate	*3*		
Moratória – Difusão	*14 anos*	*Dif. Negativas*	*2*	*5,75*	*0,005*
		Dif. Positivas	*13*	*8,35*	
		Empate	*6*		
Moratória - Forclusão	*14 anos*	*Dif. Negativas*	*2*	*10,25*	*0,01*
		Dif. Positivas	*14*	*8,25*	
		Empate	*5*		

Quadro 11

Comparação entre estilos de identidade por idade nas raparigas do estrato 3

Teste de Wilcoxon

Estilos	*idades*	*N*		*Média das Ordens*	*p*
Evolutivo - Difusão	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*4*	*4,50*	*0,009*
		Dif. Positivas	*12*	*9,83*	
		Empate	*1*		
	12 anos	*Dif. Negativas.*	*6*	*7,08*	*0,02*
		Dif. Positivas	*14*	*11,96*	
		Empate	*0*		
	13 anos	*Dif. Negativas.*	*6*	*5,33*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*21*	*16,48*	
		Empate	*3*		
Evolutivo - Forclusão	*12 anos*	*Dif. Negativas.*	*5*	*6,00*	*0,03*
		Dif. Positivas	*12*	*10,25*	
		Empate	*3*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*5*	*14,00*	*0,001*
		Dif. Positivas	*24*	*15,21*	
		Empate	*1*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*4*	*2,63*	*0,04*
		Dif. Positivas	*7*	*7,93*	
		Empate	*2*		
Evolutivo - Moratória	*12 anos*	*Dif. Negativas*	*3*	*8,33*	*0,05*
		Dif. Positivas	*12*	*7,92*	
		Empate	*5*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*6*	*10,33*	*0,01*
		Dif. Positivas	*22*	*15,64*	
		Empate	*2*		
Moratória - Forclusão	*13 anos*	*Dif. Negativas*	*6*	*13,83*	*0,03*
		Dif. Positivas	*19*	*12,74*	
		Empate	*5*		

Quadro 12

Comparação entre idades nas raparigas do estrato 1

Teste de Mann-Whitney

Estilos	*idades*	*N*	*Média das ordens*	*U*	*p*
Difusão	*11*	*13*	*22,85*	*80,00*	*0,02*
	12	*22*	*15,14*		
	12	*22*	*17,45*	*131,00*	*0,05*
	13	*18*	*24,22*		
Moratória	*12*	*22*	*21,50*	*66,00*	*0,006*
	14	*13*	*12,08*		
Evolutivo	*11*	*13*	*13,46*	*84,00*	*0,04*
	12	*22*	*20,68*		
	11	*13*	*12,00*	*65,00*	*0,03*
	13	*18*	*18,89*		
	11	*13*	*10,08*	*40,00*	*0,02*
	14	*13*	*16,92*		

Quadro 13

Comparação entre idades nas raparigas do estrato 2

Teste de Mann-Whitney

Estilos	*idades*	*N*	*Média das ordens*	*U*	*p*
Difusão	*12* *14*	*14* *21*	*22,86* *14,76*	*79,00*	*0,01*
Forclusão	*11* *14*	*17* *21*	*26,03* *14,21*	*67,50*	*0,0001*
	12 *14*	*14* *21*	*21,75* *15,50*	*94,50*	*0,03*
	13 *14*	*19* *21*	*24,39* *16,98*	*125,50*	*0,02*
Evolutivo	*11* *14*	*17* *21*	*14,79* *23,31*	*98,50*	*0,02*
	12 *14*	*14* *21*	*13,32* *21,12*	*81,50*	*0,03*

Quadro 14

Comparação entre estilos de identidade por estrato nos rapazes

Teste de Mann-Whitney

	idades	*estratos*	*N*	*Média das ordens*	*U*	*p*
Forclusão	*11*	*2* *3*	*13* *16*	*11,23* *18,06*	*55,00*	*0,02*

Quadro 15

Comparação entre estilos de identidade por idade nos rapazes do estrato 1

Teste de Wilcoxon

Estilos	*idades*	*N*		*Média das Ordens*	*p*
Evolutivo - Forclusão	*13 anos*	*Dif. Negativas* *Dif. Positivas* *Empate*	*2* *10* *2*	*5,25* *6,75*	*0,03*
	14 anos	*Dif. Negativas* *Dif. Positivas* *Empate*	*2* *13* *3*	*6,00* *8,31*	*0,006*
Evolutivo - Moratória	*14 anos*	*Dif. Negativas* *Dif. Positivas* *Empate*	*2* *14* *2*	*3,00* *9,29*	*0,001*
Forclusão - Difusão	*14 anos*	*Dif. Negativas* *Dif. Positivas* *Empate*	*12* *4* *2*	*8,92* *7,25*	*0,04*

Quadro 16

Comparação entre estilos de identidade por idade nos rapazes do estrato 2

Teste de Wilcoxon

Estilos	*idades*	*N*		*Média das Ordens*	*p*
Evolutivo - Difusão	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*2*	*4,50*	*0,03*
		Dif. Positivas	*9*	*6,33*	
		Empate	*2*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*0*	*0,00*	*0,001*
		Dif. Positivas	*14*	*7,50*	
		Empate	*1*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*3*	*7,83*	*0,001*
		Dif. Positivas	*19*	*12,08*	
		Empate	*2*		
Evolutivo - Forclusão	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*2*	*4,00*	*0,03*
		Dif. Positivas	*9*	*6,44*	
		Empate	*1*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*1*	*2,00*	*0,001*
		Dif. Positivas	*14*	*8,43*	
		Empate	*0*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*0*	*0,00*	*0,0001*
		Dif. Positivas	*21*	*11,00*	
		Empate	*3*		
Evolutivo - Moratória	*13 anos*	*Dif. Negativas*	*1*	*11,50*	*0,006*
		Dif. Positivas	*14*	*7,75*	
		Empate	*0*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*2*	*3,00*	*0,001*
		Dif. Positivas	*14*	*9,29*	
		Empate	*2*		
Forclusão - Difusão	*14 anos*	*Dif. Negativas*	*5*	*6,10*	*0,001*
		Dif. Positivas	*18*	*13,64*	
		Empate	*1*		

Quadro 17

Comparação entre estilos de identidade por idade nos rapazes do estrato 3

Teste de Wilcoxon

Estilos	*idades*	*N*		*Média das Ordens*	*p*
Evolutivo - Difusão	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*4*	*6,50*	*0,02*
		Dif. Positivas	*13*	*9,77*	
		Empate	*2*		
	12 anos	*Dif. Negativas*	*4*	*6,50*	*0,02*
		Dif. Positivas	*13*	*9,77*	
		Empate	*2*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*2*	*16,75*	*0,002*
		Dif. Positivas	*20*	*10,98*	
		Empate	*3*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*3*	*5,00*	*0,006*
		Dif. Positivas	*13*	*9,31*	
		Empate	*1*		
Evolutivo - Forclusão	*13 anos*	*Dif. Negativas*	*4*	*10,38*	*0,003*
		Dif. Positivas	*19*	*12,34*	
		Empate	*2*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*0*	*0,00*	*0,001*
		Dif. Positivas	*14*	*7,50*	
		Empate	*3*		
Evolutivo - Moratória	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*3*	*5,17*	*0,01*
		Dif. Positivas	*12*	*8,71*	
		Empate	*1*		
	13 anos	*Dif. Negativas*	*5*	*5,80*	*0,003*
		Dif. Positivas	*16*	*12,63*	
		Empate	*4*		
	14 anos	*Dif. Negativas*	*2*	*4,00*	*0,003*
		Dif. Positivas	*13*	*8,62*	
		Empate	*2*		
Moratória - Forclusão	*14 anos*	*Dif. Negativas*	*4*	*2,50*	*0,04*
		Dif. Positivas	*7*	*8,00*	
		Empate	*6*		
Forclusão - Difusão	*11 anos*	*Dif. Negativas*	*3*	*4,67*	*0,05*
		Dif. Positivas	*9*	*7,11*	
		Empate	*4*		

Quadro 18

Comparação entre idades nos rapazes do estrato 2

Teste de Mann-Whitney

Estilos	***idades***	***N***	***Média das ordens***	***U***	***p***
Forclusão	*12* *13*	*15* *15*	*18,63* *12,37*	*65,50*	*0,03*
Evolutivo	*12* *13*	*15* *15*	*11,53* *19,47*	*53,00*	*0,01*

Quadro 19

Comparação entre idades nos rapazes do estrato 3

Teste de Mann-Whitney

Estilos	***idades***	***N***	***Média das ordens***	***U***	***p***
Forclusão	*11* *13*	*16* *25*	*25,69* *18,00*	*125,00*	*0,04*
	11 *14*	*16* *17*	*21,31* *12,94*	*67,00*	*0,01*

ANEXO 8

Índice de Quadros

Quadro 1 – Distribuição sexo-etária ..... p. 159

Quadro 2 – Distribuição sexo-etária por estrato ..... p. 160

Quadro 3 – Distribuição da companhia ao acordar por estrato ..... p. 162

Quadro 4 – Distribuição dos sujeitos que estão sós
por idade e estrato ..... p. 164

Quadro 5 – Companhia dos pais ao acordar ..... p. 165

Quadro 6 – Distribuição da companhia no percurso para
a escola por estrato ..... p. 168

Quadro 7 – Distribuição da companhia no percurso para
a escola por idades e sexos ..... p. 170

Quadro 8 – Companhia ao almoço por estrato ..... p. 173

Quadro 9 – Distribuição da companhia à saída da escola por estrato .. p. 176

Quadro 10 – Distribuição da companhia à saída da escola
por idades e sexos ..... p. 178

Quadro 11 – Comparação das médias de tempos de percurso
para casa por estrato ..... p. 182

Quadro 12 – Comparação das médias de tempos de percurso
para casa nas raparigas ..... p. 182

Quadro 13 – Comparação das médias de tempos de percurso para
casa por estrato em raparigas e rapazes de 13 e 14 anos ..... p. 183

Quadro 14 – Companhia à chegada a casa por estrato ..... p. 185

Quadro 15 – Companhia à chegada a casa por idades e sexos ..... p. 189

Quadro 16 – Tempo de espera pela mãe por estrato ..... p. 190

Quadro 17 – Tempo de espera pelo pai por estrato ..... p. 192

Quadro 18 – Diferenças entre a hora de chegada do pai e a
hora de chegada da mãe a casa por estrato ..... p. 193

Quadro 19 – Companhia ao jantar por estrato ..... p. 195

Quadro 20 – Companhia à noite por estrato ..... p. 197

Quadro 21 – Hora de deitar por idades em cada estrato ..... p. 199

Quadro 22 – Comparação das médias da hora de deitar entre os estratos 1 e 3 nas raparigas de 12 anos ..... p. 201

Quadro 23 – Comparação entre as médias da hora de deitar dos rapazes de 12 e 14 anos do estrato 2 ..... p. 202

Quadro 24 – Comparação entre as médias da hora de deitar dos rapazes de 11 e 14 anos do estrato 3 ..... p. 203

Quadro 25 – Comparação entre as médias da hora de deitar nas raparigas do estrato 1 ..... p. 204

Quadro 26 – Comparação entre as médias da hora de deitar nas raparigas do estrato 2 ..... p. 205

Quadro 27 – Comparação entre as médias da hora de deitar nas raparigas do estrato 3 ..... p. 206

Quadro 28 – Comparação entre as médias das horas de sono por estrato ..... p. 207

Quadro 29 – Comparação entre as médias das horas de tempo escolar por estrato ..... p. 209

Quadro 30 – Comparação das médias de tempo passado com adultos por estrato ..... p. 211

Quadro 31 – Comparação das médias de tempo passado sem adultos por estrato (em horas) ..... p. 212

Quadro 32 – Comparação das médias de tempo passado sem adultos por estrato (em valor percentual) ..... p. 213

Quadro 33 – Comparação das médias de tempo de solidão por estrato (em horas) ..... p. 214

Quadro 34 – Comparação das médias de tempo de solidão
por estrato (em valor percentual) ..... p. 215
Quadro 35 – Comparação das médias de tempo passado
com pares por estrato (em horas) ..... p. 216
Quadro 36 – Comparação das médias de tempo passado
com pares por estrato (em valor percentual) ..... p. 216
Quadro 37 – Médias de tempo passado com pares em
rapazes e raparigas ..... p. 218
Quadro 38 – Comparação das médias de tempo passado com
pares por idade nas raparigas (em horas) ..... p. 220
Quadro 39 – Comparação das médias de tempo passado com
pares por idade nas raparigas (em valor percentual) ..... p. 220
Quadro 40 – Médias do tempo passado com os pais por
estrato (em horas e em valor percentual) ..... p. 222
Quadro 41 – Distribuição dos intervalos de tempo passado
com ambos os pais por estrato ..... p. 224
Quadro 42 – Comparação das médias de tempo passado
com A. N. A. por estrato (em horas) ..... p. 225
Quadro 43 – Comparação das médias de tempo passado
com A. N. A. por estrato (em valor percentual) ..... p. 226
Quadro 44 – Médias de tempo passado com adultos aparentados
por estrato (em horas e em valor percentual) ..... p. 227
Quadro 45 – Médias de tempo passado com toda a família em
rapazes e raparigas (em horas e em valor percentual) ..... p. 229
Quadro 46 – Distribuição por estratos, idades e sexos ..... p. 241
Quadro 47 – Médias e desvios padrão dos rapazes por
idade no estrato 1 ..... p. 243

Quadro 48 – Médias e desvios padrão dos rapazes por
idade no estrato 2 ..... p. 253
Quadro 49 – Médias e desvios padrão dos rapazes por
idade no estrato 3 ..... p. 261
Quadro 50 – Médias e desvios padrão das raparigas por
idade no estrato 1 ..... p. 290
Quadro 51 – Médias e desvios padrão dos raparigas por
idade no estrato 2 ..... p. 301
Quadro 52 – Médias e desvios padrão dos raparigas por
idade no estrato 3 ..... p. 312
Quadro 53 – Distribuição da amostra ..... p. 371
Quadro 54 – Estudo – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 1 ..... p. 372
Quadro 55 – Concentração – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 1 ..... p. 373
Quadro 56 – Relação com o pai – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 1 ..... p. 374
Quadro 57 – Apoio no pai – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 1 ..... p. 376
Quadro 58 – Relação com a mãe – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 1 ..... p. 377
Quadro 59 – Apoio na mãe – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 1 ..... p. 378
Quadro 60 – Mãe como modelo – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 1 ..... p. 380
Quadro 61 – Aparência – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 1 ..... p. 383

Quadro 62 – Investimento no corpo – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 1 ..... p. 386
Quadro 63 – Percepção da mudança corporal – Comparação
entre médias por idade nos rapazes do estrato 1 ..... p. 389
Quadro 64 – Estudo – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 2 ..... p. 393
Quadro 65 – Concentração – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 2 ..... p. 394
Quadro 66 – Apoio no pai – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 2 ..... p. 396
Quadro 67 – Pai como modelo – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 2 ..... p. 398
Quadro 68 – Apoio na mãe – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 2 ..... p. 399
Quadro 69 – Mãe como modelo – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 2 ..... p. 401
Quadro 70 – Relação com a mãe – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 3 ..... p. 418
Quadro 71 – Apoio nos amigos – Comparação entre médias
por idade nos rapazes do estrato 3 ..... p. 421
Quadro 72 – Namoro – Comparação entre médias por idade
nos rapazes do estrato 3 ..... p. 423
Quadro 73 – Satisfação com as mudanças corporais –Comparação
entre médias por idade nos rapazes do estrato 3 ..... p. 425
Quadro 74 – Percepção da mudança relativa à escola – Comparação
entre médias por idade nos rapazes do estrato 3 ..... p. 428
Quadro 75 – Percepção das mudanças corporais – Comparação

entre médias por idade nos rapazes do estrato 3 ..... p. 430

Quadro 76 – Comparação entre estratos nos rapazes – variáveis

Estudar e Concentração ..... p. 433

Quadro 77 - Comparação entre estratos nos rapazes – variável

Pai como modelo ..... p. 435

Quadro 78 – Comparação entre estratos nos rapazes – variáveis

Relação com a mãe e Mãe como modelo ..... p. 438

Quadro 79 – Comparação entre variáveis nos rapazes – Relação

com a mãe/Relação com o pai, Apoio na mãe/Apoio

no pai, Mãe como modelo/Pai como modelo ..... p. 441

Quadro 80 – Comparação entre estratos nos rapazes – variável

Namoro ..... p. 442

Quadro 81 – Comparação entre estratos nos rapazes – variáveis

Mudanças corporais e Investimento no corpo ..... p. 443

Quadro 82 – Comparação entre estratos nos rapazes – variável

Percepção das mudanças corporais ..... p. 445

Quadro 83 – Estudo – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 1 ..... p. 447

Quadro 84 – Apoio na mãe – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 1 ..... p. 452

Quadro 85 – Namoro – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 1 ..... p. 457

Quadro 86 – Percepção da mudança corporal – Comparação

entre médias por idade nas raparigas do estrato 1 ..... p. 463

Quadro 87 – Estudo – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 2 ..... p. 465

Quadro 88 – Relação com o pai – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 2 ..... p. 467

Quadro 89 – Apoio nos amigos – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 2 ..... p. 473

Quadro 90 – Namoro – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 2 ..... p. 476

Quadro 91 – Percepção das mudanças corporais – Comparação

entre médias por idade nas raparigas do estrato 2 ..... p. 482

Quadro 92 – Concentração – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 3 ..... p. 486

Quadro 93 – Relação com a mãe – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 3 ..... p. 490

Quadro 94 – Apoio na mãe – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 3 ..... p. 491

Quadro 95 – Apoio nos amigos – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 3 ..... p. 494

Quadro 96 – Aparência – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 3 ..... p. 495

Quadro 97 – Namoro – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 3 ..... p. 496

Quadro 98 – Satisfação com as mudanças corporais –Comparação

entre médias por idade nas raparigas do estrato 3 ..... p. 497

Quadro 99 – Investimento no corpo – Comparação entre médias

por idade nas raparigas do estrato 3 ..... p. 499

Quadro 100 – Percepção de mudança relativa à amizade – Comparação entre médias por idade nas raparigas do estrato 2 ..... p. 502

Quadro 101 – Comparação entre estratos nas raparigas – variável Apoio na mãe ..... p. 508

Quadro 102 – Comparação entre variáveis nas raparigas – Relação com a mãe/Relação com o pai, Apoio na mãe/Apoio no pai, Mãe como modelo/Pai como modelo ..... p. 511

Quadro 103 – Comparação entre estratos nas raparigas – Variáveis Apoio nos amigos e Aparência ..... p. 514

Quadro 104 – Comparação entre estratos nas raparigas – Variáveis Satisfação com as mudanças corporais e Investimento no corpo ..... p. 516

Quadro 105 – Comparação entre estratos nas raparigas – variáveis Percepção da mudança relativa à escola e da Mudança corporal ..... p. 517

Quadro 106 – Comparação entre sexos no estrato 1 – variáveis Apoio no pai e Apoio na mãe ..... p. 519

Quadro 107 – Comparação entre sexos no estrato 1 – variáveis Satisfação com as mudanças corporais, Investimento no corpo e Corpo e relação ..... p. 521

Quadro 108 – Comparação entre sexos no estrato 1 – variável Percepção das mudanças corporais ..... p. 522

Quadro 109 – Comparação entre sexos no estrato 2 – variáveis Estudar e Concentração ..... p. 524

Quadro 110 – Comparação entre sexos no estrato 2 – variável

Apoio no pai .... p. 525

Quadro 111 – Comparação entre sexos no estrato 2 – variável

Mãe como modelo ..... p. 526

Quadro 112 – Comparação entre sexos no estrato 2 – variável

Apoio nos amigos ..... p. 527

Quadro 113 – Comparação entre sexos no estrato 2 – variáveis

Investimento no corpo e Corpo e relação ..... p. 527

Quadro 114 – Comparação entre sexos no estrato 2 – variável

Percepção das mudanças corporais ..... p. 528

Quadro 115 – Comparação entre sexos no estrato 3 – variável

Relação com o pai ..... p. 531

Quadro 116 – Comparação entre sexos no estrato 3 – variável

Mãe como modelo ..... p. 532

Quadro 117 – Comparação entre sexos no estrato 3 – variáveis

Apoio nos amigos e Aparência ..... p. 533

Quadro 118 – Comparação entre sexos no estrato 3 – variáveis

Satisfação com as mudanças corporais e

Investimento no corpo ..... p. 534

Quadro 119 – Comparação entre sexos no estrato 3 – variáveis

Percepção de mudança relativa à escola, à

amizade e à mudança corporal ..... p. 535

ANEXO 9

ÍNDICE DE GRÀFICOS

Gráficos páginas

1 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 11 anos..... 244

2 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 11 anos..... 244

3– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 11 anos..... 244

4 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 11 anos..... 244

5 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 12 anos..... 246

6 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 12 anos..... 246

7– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 12 anos..... 246

8 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 12 anos 246

9 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 13 anos..... 248

10 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 13 anos..... 248

11– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 13 anos..... 248

12– Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 13 anos 248

13 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 14 anos..... 250

14 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 14 anos.....250

15 – Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 14 anos..... 250

16 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, rapazes de 14 anos 250

17 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 11 anos..... 254

18 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 11 anos.....254

19 – Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 11 anos..... 254

20 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 11 anos 254

21 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 12 anos..... 256

22 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 12 anos.....256

23– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 12 anos..... 256

24 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 12 anos 256

25 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 13 anos..... 257

26 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 13 anos..... 257

27– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 13 anos..... 257

28– Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 13 anos 257

29 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 14 anos..... 259

30 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 14 anos.....259

31 – Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 14 anos..... 259

32 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, rapazes de 14 anos 259

33– Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 11 anos..... 262

34 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 11 anos.....262

35 – Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 11 anos..... 262

36 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 11 anos 262

37 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 12 anos..... 265

38 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 12 anos.....265

39– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 12 anos..... 265

40 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 12 anos 265

41 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 13 anos..... 267

42 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 13 anos..... 267

43– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 13 anos..... 267

44– Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 13 anos 267

45 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 14 anos..... 268

46 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 14 anos.....268

47 – Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 14 anos..... 268

48 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, rapazes de 14 anos 268

49 – Evolução da Vinculação – rapazes do estrato 1..... 271

50 – Evolução da Confiança – rapazes do estrato 1..... 271

51 – Evolução da Comunicação – rapazes do estrato 1..... 271

52 – Evolução da Alienação – rapazes do estrato 1 271

53 – Evolução da Vinculação – rapazes do estrato 2..... 276

54 – Evolução da Confiança – rapazes do estrato 2..... 276

55 – Evolução da Comunicação – rapazes do estrato 2..... 276

56 – Evolução da Alienação – rapazes do estrato 2 276

57 – Evolução da Vinculação – rapazes do estrato 3..... 280

58 – Evolução da Confiança – rapazes do estrato 3..... 280

59 – Evolução da Comunicação – rapazes do estrato 3..... 280

60 – Evolução da Alienação – rapazes do estrato 3 280

61 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 11 anos..... 291

62 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 11 anos..... 291

63– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 11 anos..... 291

64 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 11 anos..... 291

65 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 12 anos..... 294

66 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 12 anos..... 294

67– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 12 anos..... 294

68 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 12 anos 294

69 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 13 anos..... 297

70 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 13 anos..... 297

71– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 13 anos..... 297

72– Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 13 anos 297

73 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 14 anos..... 299

74 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 14 anos..... 299

75 – Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 14 anos..... 299

76 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 1, raparigas de 14 anos..... 299

77 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 11 anos..... 303

78 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 11 anos.....303

79 – Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 11 anos..... 303

80 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 11 anos 303

81 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 12 anos..... 305

82 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 12 anos..... 305

83– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 12 anos..... 305

84 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 12 anos 305

85 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 13 anos..... 307

86 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 13 anos..... 307

87– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 13 anos..... 307

88– Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 13 anos 307

89 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 14 anos..... 309

90 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 14 anos..... 309

91 – Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 14 anos..... 309

92 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 2, raparigas de 14 anos 309

93 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 11 anos..... 314

94 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 11 anos..... 314

95 – Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 11 anos..... 314

96 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 11 anos 314

97 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 12 anos..... 315

98 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 12 anos..... 315

99– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 12 anos..... 315

100 – Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 12 anos 315

101 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 13 anos..... 318

102 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 13 anos..... 318

103– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 13 anos..... 318

104– Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 13 anos 318

105 – Vinculação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 14 anos..... 320

106 – Confiança na mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 14 anos..... 320

107– Comunicação com mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 14 anos..... 320

108– Alienação à mãe, pai e amigos – Estrato 3, raparigas de 14 anos 320

109 – Evolução da Vinculação – raparigas do estrato 1..... 322

110 – Evolução da Confiança – raparigas do estrato 1..... 322

111 – Evolução da Comunicação – raparigas do estrato 1..... 322

112 – Evolução da Alienação – raparigas do estrato 1 322

113 – Evolução da Vinculação – raparigas do estrato 2..... 325

114 – Evolução da Confiança – raparigas do estrato 2..... 325

115 – Evolução da Comunicação – raparigas do estrato 2..... 325

116 – Evolução da Alienação – raparigas do estrato 2 325

117 – Evolução da Vinculação – raparigas do estrato 3..... 328

118 – Evolução da Confiança – raparigas do estrato 3..... 328

119 – Evolução da Comunicação – raparigas do estrato 3..... 328

120 – Evolução da Alienação – raparigas do estrato 3 328

121 – Vinculação à mãe por estrato – raparigas..... 340

122 – Confiança na mãe por estrato – raparigas 340

123 – Comunicação com a mãe por estrato – raparigas 340

124 – Alienação à mãe por estrato – raparigas 340

125 – Vinculação ao pai por estrato – raparigas..... 341

126 – Confiança no pai por estrato – raparigas 341

127 – Comunicação com o pai por estrato – raparigas 341

128 – Alienação ao pai por estrato – raparigas 341

129 – Vinculação aos amigos por estrato – raparigas..... 342

130 – Confiança nos amigos por estrato – raparigas 342

131 – Comunicação com os amigos por estrato – raparigas 342

132 – Alienação aos amigos por estrato – raparigas 342

133 – Vinculação à mãe – rapazes e raparigas do estrato 1 346

134 – Confiança na mãe – rapazes e raparigas do estrato 1 346

135 – Comunicação com a mãe – rapazes e raparigas do estrato 1 346

136 – Alienação à mãe – rapazes e raparigas do estrato 1 346

137 – Vinculação ao pai – rapazes e raparigas do estrato 1 347

138 – Confiança no pai – rapazes e raparigas do estrato 1 347

139 – Comunicação com o pai – rapazes e raparigas do estrato 1 347

140 – Alienação ao pai – rapazes e raparigas do estrato 1 347

141 – Vinculação aos amigos – rapazes e raparigas do estrato 1 341

142 – Confiança nos amigos – rapazes e raparigas do estrato 1 341

143 – Comunicação com os amigos – rapazes e raparigas do estrato 1 341

144 – Alienação aos amigos – rapazes e raparigas do estrato 1 341

145 – Vinculação à mãe – rapazes e raparigas do estrato 2 351

146 – Confiança na mãe – rapazes e raparigas do estrato 2 351

147 – Comunicação com a mãe – rapazes e raparigas do estrato 2 351

148 – Alienação à mãe – rapazes e raparigas do estrato 2 351

149 – Vinculação ao pai – rapazes e raparigas do estrato 2 352

150 – Confiança no pai – rapazes e raparigas do estrato 2 352

151 – Comunicação com o pai – rapazes e raparigas do estrato 2 352

152 – Alienação ao pai – rapazes e raparigas do estrato 2 352

153 – Vinculação aos amigos – rapazes e raparigas do estrato 2 353

154 – Confiança nos amigos – rapazes e raparigas do estrato 2 353

155 – Comunicação com os amigos – rapazes e raparigas do estrato 2 353

156 – Alienação aos amigos – rapazes e raparigas do estrato 2 353

157 – Vinculação à mãe – rapazes e raparigas do estrato 3 357

158 – Confiança na mãe – rapazes e raparigas do estrato 3 357

159 – Comunicação com a mãe – rapazes e raparigas do estrato 3 357

160 – Alienação à mãe – rapazes e raparigas do estrato 3 357

161 – Vinculação ao pai – rapazes e raparigas do estrato 3 358

162 – Confiança no pai – rapazes e raparigas do estrato 3 358

163 – Comunicação com o pai – rapazes e raparigas do estrato 3 358

164 – Alienação ao pai – rapazes e raparigas do estrato 3 358

165 – Vinculação aos amigos – rapazes e raparigas do estrato 3 360

166 – Confiança nos amigos – rapazes e raparigas do estrato 3 360

167 – Comunicação com os amigos – rapazes e raparigas do estrato 3 360

168 – Alienação aos amigos – rapazes e raparigas do estrato 3 360

169 – Rapazes do estrato 1 – Estudar 372

170 – Rapazes do estrato 1 – Concentração 373

171 – Rapazes do estrato 1 – Relação com o pai 374

172 – Rapazes do estrato 1 – Apoio no pai 375

173 – Rapazes do estrato 1 – Pai como modelo 376

174 – Rapazes do estrato 1 – Relação com a mãe 377

175 – Rapazes do estrato 1 – Apoio na mãe 378

176 – Rapazes do estrato 1 – Mãe como modelo 379

177 – Rapazes do estrato 1 – Amigos na escola 381

178 – Rapazes do estrato 1 – Apoio nos amigos 382

179 – Rapazes do estrato 1 – Aparência 382

180 – Rapazes do estrato 1 – Namoro 383

181 – Rapazes do estrato 1 – Satisfação com as mudanças corporais..... 384

182 – Rapazes do estrato 1 – Investimento no corpo 385

183 – Rapazes do estrato 1 – Corpo na relação 386

184 – Rapazes do estrato 1 – Percepção de mudança relativa à escola 387

185 – Rapazes do estrato 1 – Percepção de mudança relativa à amizade 388

186 – Rapazes do estrato 1 – Percepção de mudança relativa ao corpo 389

187 – Rapazes do estrato 2 – Estudar 393

188 – Rapazes do estrato 2 – Concentração 394

189 – Rapazes do estrato 2 – Relação com o pai 395

190 – Rapazes do estrato 2 – Apoio no pai 396

191 – Rapazes do estrato 2 – Pai como modelo 397

192 – Rapazes do estrato 2 – Relação com a mãe 398

193 – Rapazes do estrato 2 – Apoio na mãe 399

194 – Rapazes do estrato 2 – Mãe como modelo 400

195 – Rapazes do estrato 2 – Amigos na escola 402

196 – Rapazes do estrato 2 – Apoio nos amigos 403

197 – Rapazes do estrato 2 – Aparência 404

198 – Rapazes do estrato 2 – Namoro 405

199 – Rapazes do estrato 2 – Satisfação com as mudanças corporais..... 406

200 – Rapazes do estrato 2 – Investimento no corpo 407

201 – Rapazes do estrato 2 – Corpo na relação 408

202 – Rapazes do estrato 2 – Percepção de mudança relativa à escola 408

203 – Rapazes do estrato 2 – Percepção de mudança relativa à amizade 409

204 – Rapazes do estrato 2 – Percepção da mudança corporal 410

205 – Rapazes do estrato 3 – Estudar 413

206 – Rapazes do estrato 3 – Concentração 414

207 – Rapazes do estrato 3 – Relação com o pai 415

208 – Rapazes do estrato 3 – Apoio no pai 416

209 – Rapazes do estrato 3 – Pai como modelo 416

210 – Rapazes do estrato 3 – Relação com a mãe 417

211 – Rapazes do estrato 3 – Apoio na mãe 419

212 – Rapazes do estrato 3 – Mãe como modelo 419

213 – Rapazes do estrato 3 – Amigos na escola 420

214 – Rapazes do estrato 3 – Apoio nos amigos 421

215 – Rapazes do estrato 3 – Aparência 422

216 – Rapazes do estrato 3 – Namoro 423

217 – Rapazes do estrato 3 – Satisfação com as mudanças corporais..... 424

218 – Rapazes do estrato 3 – Investimento no corpo 426

219 – Rapazes do estrato 3 – Corpo e relação 427

220 – Rapazes do estrato 3 – Percepção de mudança relativa à escola 428

221 – Rapazes do estrato 3 – Percepção de mudança relativa à amizade 429

222 – Rapazes do estrato 3 – Percepção das mudanças corporais 430

223 – Evolução por estrato nos rapazes – Pai como modelo 435

224 – Evolução por estrato nos rapazes – Relação com a mãe 437

225 – Evolução por estrato nos rapazes – Mãe como modelo 438

226 – Raparigas do estrato 1 – Estudar 446

227 – Raparigas do estrato 1 – Concentração 447

228 – Raparigas do estrato 1 – Relação com o pai 448

229 – Raparigas do estrato 1 – Apoio no pai 449

230 – Raparigas do estrato 1 – Pai como modelo 450

231 – Raparigas do estrato 1 – Relação com a mãe 451

232 – Raparigas do estrato 1 – Apoio na mãe 452

233 – Raparigas do estrato 1 – Mãe como modelo 453

234 – Raparigas do estrato 1 – Amigos na escola 454

235 – Raparigas do estrato 1 – Apoio nos amigos 455

236 – Raparigas do estrato 1 – Aparência 456

237 – Raparigas do estrato 1 – Namoro 457

238 – Raparigas do estrato 1 – Satisfação com as mudanças corporais..... 458

239 – Raparigas do estrato 1 – Investimento no corpo 459

240 – Raparigas do estrato 1 – Corpo e relação 460

241 – Raparigas do estrato 1 – Percepção de mudança relativa à escola 461

242 – Raparigas do estrato 1 – Percepção de mudança relativa à amizade 462

243 – Raparigas do estrato 1 – Percepção das mudanças corporais 463

244 – Raparigas do estrato 2 – Estudar 465

245 – Raparigas do estrato 2 – Concentração 466

246 – Raparigas do estrato 2 – Relação com o pai 467

247 – Raparigas do estrato 2 – Apoio no pai 468

248 – Raparigas do estrato 2 – Pai como modelo 469

249 – Raparigas do estrato 2 – Relação com a mãe 469

250 – Raparigas do estrato 2 – Apoio na mãe 470

251 – Raparigas do estrato 2 – Mãe como modelo 471

252 – Raparigas do estrato 2 – Amigos na escola 472

253 – Raparigas do estrato 2 – Apoio nos amigos 473

254 – Raparigas do estrato 2 – Aparência 474

255 – Raparigas do estrato 2 – Namoro 447

256 – Raparigas do estrato 2 – Satisfação com as mudanças corporais..... 448

257 – Raparigas do estrato 2 – Investimento no corpo 449

258 – Raparigas do estrato 2 – Corpo e relação 450

259 – Raparigas do estrato 2 – Percepção de mudança relativa à escola 451

260 – Raparigas do estrato 2 – Percepção de mudança relativa à amizade 452

261 – Raparigas do estrato 2 – Percepção das mudanças corporais 453

262 – Raparigas do estrato 3 – Estudar 436

263 – Raparigas do estrato 3 – Concentração 437

264 – Raparigas do estrato 3 – Relação com o pai 438

265 – Raparigas do estrato 3 – Apoio no pai 439

266 – Raparigas do estrato 3 – Pai como modelo 440

267 – Raparigas do estrato 3 – Relação com a mãe 441

268 – Raparigas do estrato 3 – Apoio na mãe 442

269 – Raparigas do estrato 3 – Mãe como modelo 443

270 – Raparigas do estrato 3 – Amigos na escola 444

271 – Raparigas do estrato 3 – Apoio nos amigos 445

272 – Raparigas do estrato 3 – Aparência 446

273 – Raparigas do estrato 3 – Namoro 447

274 – Raparigas do estrato 3 – Satisfação com as mudanças corporais..... 448

275 – Raparigas do estrato 3 – Investimento no corpo 449

276 – Raparigas do estrato 3 – Corpo e relação 450

277 – Raparigas do estrato 3 – Percepção de mudança relativa à escola 451

278 – Raparigas do estrato 3 – Percepção de mudança relativa à amizade 452

279 – Raparigas do estrato 3 – Percepção das mudanças corporais 453

280 – Evolução por estrato nas raparigas – Relação com a mãe 504

281 – Estilos de desenvolvimento da identidade – ambos os sexos 538

282 – Estilo difusão – comparação entre sexos 543

283 – Estilo forclusão – comparação entre sexos 544

284 – Estilo moratória – comparação entre sexos 546

285 – Estilo evolutivo – comparação entre sexos 547

286 – Desenvolvimento dos estilos da identidade – raparigas 548

287 – Desenvolvimento dos estilos da identidade – rapazes 549

289 – Estilo difusão em cada estrato – raparigas 554

290 – Estilo forclusão em cada estrato – raparigas 555

291 – Estilo moratória em cada estrato – raparigas 557

292 – Estilo evolutivo em cada estrato – raparigas 558

293 – Desenvolvimento dos estilos da identidade – raparigas do estrato 1 560

294 – Desenvolvimento dos estilos da identidade – raparigas do estrato 2 561

295 – Desenvolvimento dos estilos da identidade – raparigas do estrato 3 563

296 – Estilo difusão em cada estrato – rapazes 566

297 – Estilo forclusão em cada estrato – rapazes 567

298 – Estilo moratória em cada estrato – rapazes 569

299 – Estilo evolutivo em cada estrato – rapazes 570

300 – Evolução dos estilos da identidade – rapazes do estrato 1 572

301 – Evolução dos estilos da identidade – rapazes do estrato 2 574

302 – Evolução dos estilos da identidade – rapazes do estrato 3 575